DIÁLOGOS FRANÇA-BRASIL
CIRCULAÇÕES, REPRESENTAÇÕES, IMAGINÁRIOS

Organizadores
José Luís Jobim
Maria Elizabeth Chaves de Mello
Eden Viana Martin
Nejma Kermele

edições makunaima

edições makunaima

Coordenador
José Luís Jobim

Diagramação
Casa Doze Projetos e Edições

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

D536 Diálogos França-Brasil : circulações, representações, imaginários [recurso eletrônico] / orgs. José Luís Jobim ... [et al.]. — Rio de Janeiro : Makunaima, 2019.
Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-65130-27-1

1. Brasil - Relações exteriores - França. 2. França - Relações exteriores - Brasil. 3. Cooperação intelectual. 4. Relações internacionais. I. Jobim, José Luís. II. Mello, Maria Elizabeth Chaves de. III. Martin, Eden Viana. IV. Kermele, Nejma. V. Título.

CDD 327.17

DIÁLOGOS FRANÇA-BRASIL

CIRCULAÇÕES, REPRESENTAÇÕES, IMAGINÁRIOS

ORGANIZADORES

José Luís Jobim

Maria Elizabeth Chaves de Mello

Eden Viana Martin

Nejma Kermele

Rio de Janeiro

2019

edições makunaima

Conselho Consultivo

Alcir Pécora (Universidade de Campinas, Brasil)
Alckmar Luiz dos Santos (NUPILL, Universidade Federal de Santa Catarina. Brasil)
Amelia Sanz Cabrerizo (Universidade Complutense de Madrid, Espanha)
Benjamin Abdala Jr. (Universidade de São Paulo, Brasil)
Bethania Mariani (Universidade Federal Fluminense, Brasil)
Cristián Montes (Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, Chile)
Eduardo Coutinho (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)
Guillermo Mariaca (Universidad Mayor de San Andrés, Bolívia)
Horst Nitschack (Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, Chile)
Ítalo Moriconi (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
João Cezar de Castro Rocha (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
Jorge Fornet (Centro de Investigaciones Literárias – Casa de las Américas, Cuba)
Lívia Reis (Universidade Federal Fluminense, Brasil)
Luiz Gonzaga Marchezan (Universidade Estadual Paulista, Brasil)
Luisa Campuzano (Universidad de La Habana, Cuba)
Luiz Fernando Valente (Brown University, EUA)
Marcelo Villena Alvarado (Universidad Mayor de San Andrés, Bolívia)
Márcia Abreu (Universidade de Campinas, Brasil)
Maria da Glória Bordini (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)
Maria Elizabeth Chaves de Mello (Universidade Federal Fluminense, Brasil)
Marisa Lajolo (Universidade de Campinas/Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil)
Marli de Oliveira Fantini Scarpelli (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)
Pablo Rocca (Universidad de la Republica, Uruguai)
Regina Zilberman (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)
Roberto Acízelo de Souza (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
Roberto Fernández Retamar (Casa de las Américas, Cuba)
Salete de Almeida Cara (Universidade de São Paulo, Brasil)
Sandra Guardini Vasconcelos (Universidade de São Paulo, Brasil)
Silvano Peloso (Universidade de Roma La Sapienza, Itália)
Sonia Neto Salomão (Universidade de Roma La Sapienza, Itália)

Sumário

ESPAÇOS, LIMITES, IDEIAS E IMAGINÁRIOS

Um brasileiro, homem das letras, em Paris: Frederico José de Santa Anna Nery (1848-1901) 9
Sébastien Rozeaux

Henri Coudreau e a questão do Contestado franco-brasileiro - a exploração de 1883-1884 35
Jean-Yves Puyo

Henri Coudreau e a natureza amazonense 62
Daniel Armas Núñez

O *Brasil* de Émile Levasseur (1889) - Em defesa de um recém-chegado na economia-mundo? 81
Pascal Clerc, Larissa Alves de Lira

Louis-Léger Vauthier – a memória de um engenheiro francês no Brasil 103
Emanuele Carvalheira de Maupeou

Relações culturais internacionais e ciências sociais: o *outro mundo*, fermento heurístico 124
Antoine Huerta

Crise do contexto, crise nas relações? 145
Etienne Sauthier

O trajeto antropológico 'do aqui e do algures' nas representações franco-brasileiras 170
Abel Kouvouama

América Latina, entre o local e o global 189
Livia Reis

Línguas de imigração na história político-linguística do Brasil 201
Mônica Maria Guimarães Savedra

Ideias teóricas em circulação entre a França e o Brasil: a análise do discurso de M. Pêcheux e E. Orlandi 219
Bethania Mariani, Silmara Dela Silva

VIAGENS, REPRESENTAÇÕES E CIRCULAÇÃO DE TEXTOS

Viagem à Terra do Brasil de Jean de Léry lida pelo abade Prévost e por Claude Lévi-Strauss 239
David Diop

O Brasil no olhar dos viajantes franceses no século XIX 255
Maria Elizabeth Chaves de Mello

O papel da mulher na sociedade escravagista brasileira do século XIX através da visão de viajantes franceses 270
Andrea Reis da Costa

Do relato de viagem à imprensa especializada: a vulgarização da Amazônia na França no século XIX 290
Nataly Jollant

As primeiras edições brasileiras de *Voyages Extraordinaires* de Jules Verne 308
Maria-Pilar Tresaco

A mulher e *A jangada* 335
Ana María Claver Giménez

Francis de Castelnau e Stefan Zweig – Entre o inferno e o paraíso: o olhar estrangeiro sobre o Brasil dos séculos XIX e XX 357
Carlos Eduardo do Prado

Alguns aspetos da receção de Machado de Assis em França 406
Caroline Fischer

Um leitor habitual das 'belas crônicas de Mazade': Machado de Assis e a aclimatação da crônica no Brasil 428
Mariana da Silva Lima

A participação dos livreiros franceses na construção do mercado editorial brasileiro 449
Sofia Mendes Geraldes

CRUZAMENTOS, MODERNIDADES E ESPAÇOS CONTEMPORÂNEOS

Crônica do exílio 470
Godofredo de Oliveira Neto

Francesismo ou nacionalismo? Dilemas do modernismo brasileiro, nas cartas dos anos 20 477
José Luís Jobim

Crise ética e distopia: correspondência entre as literaturas brasileira e francesa contemporâneas 502
Ângela Maria Dias

Reconfigurando identidades na produção literária da América Latina 527
Eduardo F. Coutinho

Paisagens em movimento na poesia contemporânea - caminhos franco-português-brasileiros 540
Ida Alves

Onde no mundo: o jogo do aqui e do alhures na poesia de Lu Menezes 559
Paula Glenadel

Macumba no Sertão: que aventuras brasileiras na banda desenhada europeia? 579
Julie Gallego & **Eden Viana Martin**

Carlos Magno e a representação do Reino Francês na obra do escritor brasileiro Ariano Suassuna, *Romance d'a Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* 648
Arnaldo Vianna

O Brasil revelador e o exílio ambíguo em *L'Herbe à brûler* (C. Detrez) e *La Salamandre* (J.-Ch. Rufin) 673
José Domingues de Almeida

SOBRE OS AUTORES 687

Um brasileiro, homem das letras, em Paris: Frederico José de Santa Anna Nery (1848-1901)

Sébastien Rozeaux[1]
Universidade de Toulouse Jean Jaurès,
laboratório FRAMESPA

Frederico José de Santa Anna Nery é um brasileiro atípico, cuja obra e trajetória começam a ser redescobertas, quase um século após sua morte. Pierre Rivas já acreditava ver em Santa Anna Nery uma interseção, um intermediário, entre o Brasil e a França, em seus trabalhos sobre as relações franco-brasileiras.[2] Santa Anna Nery foi objeto de estudos mais aprofundados, apesar de não serem numerosos.[3] Certamente, esses trabalhos anunciam, no Brasil, a redescoberta de uma obra abundante, tão rica, que pode parecer complexa, quando se tenta traçar uma trajetória coerente. Este artigo pretende contribuir para um melhor conhecimento da obra e da pessoa de Santa Anna Nery, personagem obrigatória das relações franco-brasileiras, da segunda metade do século 19.

Sua obra é impressionante em muitos aspectos e, dificilmente, encontramos uma apresentação completa dela, como Blake,[4] seu

[1] Texto traduzido do francês por Mônica Fiuza Bento de Faria.
[2] Pierre Rivas, *Encontro entre literaturas: França - Brasil – Portugal*, São Paulo, Editora Hucitec, 1995.
[3] Citamos, principalmente, uma recente tese de geografia: João Paulo Jeannine Andrade Carneiro, *O último propagandista do Império: o "barão" de Santa-Anna Nery (1848-1901) e a divulgação do Brasil na Europa*, Université de São Paulo, 2013.
[4] Augusto Vitorino Alves do Sacramento Blake, *Dicionário bibliográphico brazileiro,* Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1970, Vol. 3: 158-160.

biógrafo A. de Faria[5] e, mais recentemente, João Carneiro[6] tentaram fazer. Sua obra é a de um polígrafo, e os substantivos que o qualificam chamam atenção pela diversidade: escritor, publicista, jornalista; é apresentado como brasileiro, mas também como parisiense, economista, missionário, diplomata tardio, diretor de publicação, conferencista, colecionador, bibliófilo, etc. O elo entre essas várias facetas de uma mesma carreira é o fato de ser propagandista da causa brasileira, na França Republicana, época em que Santa Anna Nery instala-se em Paris, após o término de seus estudos em direito e teologia, na faculdade de Roma, obtendo o título de Doutor em Direito, em 1870. Nasceu na metade do século, em uma família rica do Pará, estado setentrional do Brasil, onde passou sua infância e o início da adolescência, antes de partir para Paris, para continuar os estudos. Sendo o pai militar, seu percurso foi atípico no Brasil: seus irmãos tiveram carreiras brilhantes, no exército e na política brasileira, porém Santa Anna Nery deixou-se seduzir pela literatura e, em seguida, pelos encantos de Paris que, ao longo da vida, raramente abandonou, a não ser para breves visitas ao Brasil.

Na França da Terceira República, Santa Anna Nery é um defensor ferrenho dos interesses do Brasil, cujos méritos do regime imperial constitucional enaltece, junto às elites letradas, comerciais e cosmopolitas da capital. Em Paris, soube tecer uma importante rede social, que fez dele o melhor "diplomata" de seu país, mesmo que tenha exercido tal função apenas durante alguns anos, os últimos de sua vida. Assim, a seu respeito, Affonso Celso Júnior disse, em um número especial do jornal *Gazeta da Tarde*, em 1882, por ocasião de sua visita ao Brasil, após vinte anos de ausência:

> O Brasil tem na Europa, ministros plenipotenciários, diplomatas, cônsules, vice-cônsules, adidos – um mundo diplomático, nume-

[5] Biographie en introduction à l'ouvrage posthume de Santa Anna Nery, *Saint Antoine de Lisbonne,* "*Auto*" *Mystère*, Livourne, typ. Raphael Giusti, 1905.

[6] João Paulo Jeannine Andrade Carneiro, *op. cit.*: 218-23.

> roso e inútil. Entretanto, seu único e verdadeiro representante é Santa Anna Nery que, provando seu talento, foi o embaixador do nosso progresso, cônsul honorário do nosso espírito.[7]

No entanto, foi no velho continente que Santa Anna Nery forjou uma reputação de propagandista sem igual, cujas convicções políticas, convívio na sociedade, ambição e diplomacia puderam alimentar tensões, explicando assim, sua marginalização relativa nos anos 1890, após a Proclamação da República.[8] Esse monarquista católico era um amigo íntimo da família imperial, que pouco frequentou no Rio de Janeiro, mais vezes, por ocasião das visitas do imperador na Europa, chegando até a acolhê-lo em Lisboa, após seu banimento, em 1889.

Como vemos, o personagem é complexo: vulgarizador dos conhecimentos sobre o Brasil, "chauvin" [9] assumido, conservador na política, mas partidário de uma rápida modernização da economia do Brasil e da abolição, defensor do centralismo imperial, porém defendendo os interesses da Amazônia, amigo íntimo do imperador e ardente militante do reconhecimento do direito autoral, ao qual Dom Pedro se opunha. Essa liberdade de espírito deve-se também à independência, que pode gozar essa gente que vive, muito provavelmente, da renda da família e que obtém, atendendo a suas expectativas, os

[7] *Gazeta da Tarde*, 18 août 1882: 1.

[8] Aqui, não estará diretamente ligado à reputação de Santa Anna Nery no Brasil, pois sua reputação deve-se muito às crônicas bimestrais anônimas, que escreveu de Paris, para o *Jornal do Commercio* (de 1874 até 1887), principal jornal conservador do Rio de Janeiro. Ver: Sébastien Rozeaux, "Être correspondant de la presse brésilienne en Europe: anatomie sociale et circulations d'un nouvel acteur du paysage médiatique dans l'espace atlantique (1875-1900)", dans *Médias 19* [En ligne], Transferts médiatiques et globalisation, Publications, Guillaume Pinson et Marie-Ève Thérenty (dir.), Les journalistes: identités et modernités, mis à jour le 11/04/2017, URL: http://www.medias19.org/index.php?id=23162.

[9] N.T. Nicolas Chauvin foi um soldado e patriota francês. Seu nome é o epônimo do chauvinismo, originalmente um termo para o fervor nacionalista excessivo.

meios necessários na hora de lançar jornais, financiar publicações, exposições, catálogos. Essa gente também tinha os mesmos meios para a propaganda política e cultural a favor do Brasil, no momento em que a política cultural do império, no estrangeiro, era menos determinada pela grandeza de suas ambições, do que pela magreza dos meios públicos destinados a ela. Santa Anna Nery fazia parte dessa elite imperial, que só concebia a salvação da pátria através da mediação do estrangeiro, pela fecundação trazida por suas ideias, força de trabalho e capitais.

1 A trajetória de uma ambição: a obra prolixa de um propagandista do Brasil na Europa

Em 1905, A. de Faria resume, brilhantemente, a capacidade de Santa Anna Nery, de mobilizar suas redes sociais para a defesa dos interesses do Brasil: "ele consegue formar um núcleo importante em volta do qual brilha sua ação, participação e atividade".[10] Desde sua chegada a Paris, em 1875, Santa Anna Nery soube mostrar-se suficientemente diplomático, para ser conhecido e apreciado pelo pequeno círculo brasileiro parisiense, sempre preocupado em aumentar, progressivamente, o seu círculo social, a ponto de se tornar um personagem da sociedade francesa e ser citado, regularmente, nas colunas do jornal *Le Figaro*. Sua esposa, a Baronesa de Santa Anna Nery, "*tient salon*",[11] em Paris.

Sua diplomacia estava a serviço da causa do Brasil, tanto que se torna um interlocutor obrigatório, para todas as pessoas e negócios relativos a esse país. Além disso, sua ação é louvada e recompensada por inúmeras honrarias, cuja lista enfeita várias capas das obras que publica, como em *Le Pays des Amazones*: "oficial da Legião de Honra, oficial da Academia, Membro do Instituto de História e

[10] Santa Anna Nery, *Saint Antoine de Lisbonne*, *op. cit*.: XXIX.

[11] N.T. a expressão "*tenir salon*" significa reunir em sua casa pessoas do meio artístico e literário. Conversar em sociedade.

Geografia do Brasil (IHGB), membro correspondente da Academia de Ciências de Lisboa e da Academia Real de Geografia de Londres".

Sua disponibilidade, capacidade de trabalho e grande erudição, a respeito dos negócios do Brasil, explicam a razão do Comitê franco-brasileiro, encarregado da exposição do Brasil de 1889, em Paris, confiar-lhe as rédeas da obra que acompanhará e perenizará o trabalho de propaganda, realizado nessa ocasião. Em seis meses, Santa Anna Nery reúne, sob sua direção, 16 autores para esse projeto ambicioso – escrever um retrato do Brasil monarquista –:

> Foi ele que reuniu, em alguns meses, apesar da distância que nos separa do Brasil, este grupo de escritores fora de série, que nos permitiu publicar um livro absolutamente novo sobre o Brasil atual. Foi ele que compôs algumas das monografias deste livro, que reviu todos os artigos, acrescentando, às vezes, notas preciosas.[12]

Além da escolha dessa prestigiosa equipe, redigiu sete dos vinte e cinco capítulos da obra de setecentas páginas, e participou, paralelamente, da organização dessa exposição, cuja abertura foi, com grande pompa, na presença do Presidente da República francesa. Por isso, recebeu a condecoração da Ordem Nacional da Legião de Honra, "pelos serviços prestados à França e ao Brasil". Esse trabalho de propaganda mobilizou meios múltiplos e complementares, a fim de tornar o Brasil mais conhecido na França. Seu biógrafo, A. de Faria, frisa a multiplicidade de seus talentos:

> Ele publicava livros, brochuras, cujo caráter especial chamou atenção dos mais calorosos partidários, nas sociedades científicas e na imprensa; seus livros, apostilas, conferências, e todos os outros meios de propaganda que podia utilizar, visavam sempre uma propaganda maior e, mais necessária, a favor do Brasil.[13]

---

[12] Santa Anna Nery (dir.), *Le Brésil en 1889*, Paris, Charles Delagrave: VII-VIII.

[13] Santa Anna Nery, *Saint Antoine de Lisbonne*, *op. cit.*: XXIX.

Quando o governo da província da Amazônia confia-lhe a missão de promover seus interesses, na Europa, a fim de buscar capitais e migrantes, ainda raros, Santa Anna Nery mobiliza sua rede e usa vários caminhos para atingir esse objetivo:

> Nos jornais, revistas periódicas, brochuras, publicações de todo tipo, pela pena e pela palavra, procuramos divulgar, da nossa melhor maneira, noções exatas sobre essa região brasileira, cujos produtos exibimos, sem nenhuma ajuda oficial nas Exposições de Anvers, de Beauvais, de Bourges, de Paris e no Museu Comercial de Paris.[14]

A importância das publicações é o reflexo de uma longa carreira de publicista, que ele assume bem jovem, assim que chega à França, quase adolescente.[15] Uma vez diplomado, em Paris, Santa Anna Nery colabora para inúmeros jornais franceses, tais como, *Le Siècle*, L'*Evénement*, *Le Journal*, *La Nouvelle revue internationale*, *L'Économiste français*, etc., para os quais escreve crônicas sobre a atualidade do Brasil. Célebre cronista e correspondente, em Paris, do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, amplia sua atividade de jornalista na imprensa parisiense. A partir de 1881, participa da criação do jornal *Le Brésil*, cujo slogan é "nada por mim; por minha pátria tudo". Trata-se de uma revista com a missão de defender os interesses do Brasil e torná-lo conhecido. Abolicionista e a favor do regime imperial constitucional, Santa Anna Nery imprime sua marca, sendo o primeiro redator-chefe de uma revista, cuja publicação surge após a fundação de uma sociedade anônima, da qual a quase totalidade dos 14 acionistas é brasileira, entre os quais está o próprio Santa Anna Nery: "há vários anos, alguns patriotas sonhavam com a criação de uma organização publicitária, destinada a tornar

[14] Santa Anna Nery, *Le Pays des Amazones*, Paris, Guillaumin et Cie: 409-10.

[15] Entre seus primeiros feitos de luta figura a defesa do Brasil na imprensa francesa, durante a guerra do Paraguai, quando vários jornais criticavam vivamente a atitude do Brasil nesse conflito.

conhecida, na Europa, a verdadeira situação política e econômica da América Latina em geral, e em particular, a do Brasil".[16]

Se, rapidamente, Santa Anna Nery deixa a direção desse periódico, participa da fundação de outra revista semanal, *L'Amérique*, em 1889. Diretor de redação, acredita que deve frisar que o jornal consagrará o essencial de sua atenção aos "negócios do Brasil e de sua antiga metrópole, Portugal".[17] Quando Santa Anna Nery assume a direção dessa revista, goza da reputação de grande publicista e diretor de imprensa, pois ocupara a direção editorial da célebre *Revue du monde latin* de 1886 a 1888.

De modo complementar, Santa Anna Nery é também o autor de uma obra importante, escrita, basicamente em língua francesa, para um público francês ou francófono. Ele escreveu belos livros sobre o Brasil, ricamente ilustrados, densos, de início endereçados às elites letradas e burguesas do comércio internacional, aos apaixonados pelo exotismo do mundo latino-americano, como *Le Pays des Amazones* (1884). É uma obra encomendada,[18] que dedica à Assembleia Legislativa da província, que lhe confiara "a missão de tornar conhecidos, na Europa, seus admiráveis recursos".[19]

Essa obra de vulgarização do conhecimento sobre a região amazônica conhece algum sucesso, pois foi reeditada em 1899, em Paris, ampliada pela publicação de duas edições em inglês e italiano. Essa reedição é ocasião para uma profunda revisão e atualização dos dados sobre a Amazônia, com a preocupação de vulgarizar os conhecimentos com mais precisão e atualidade. Além disso, essa

---

[16] "Paris, le 7 septembre 1881", dans *Le Brésil*, 1881, n°1: 1.

[17] "Notre programme", dans *L'Amérique*, 1889, n°1: 1.

[18] Nota-se que esse livro aparece, primeiramente, em capítulos, como novela, na *Revue sud-américaine* (1882-1890), uma revista bimestral dedicada, essencialmente, aos negócios da Argentina, com os quais Santa Anna Nery colabora após ter deixado a equipe de redação da revista *Le Brésil*.

[19] Santa Anna Nery, *Le Pays des Amazones*, *op. cit*.: VII.

proposta permite mostrar os progressos feitos na região que depois se tornou um Estado da República Federal do Brasil: "Hoje, o Estado do Amazonas é um adulto emancipado, que gerencia seus negócios sem tutela e que soube empregar sua fortuna utilmente" (...).[20]

É uma exigência, para o vulgarizador de conhecimentos sobre o Brasil, preocupar-se em atualizar seus conhecimentos e torná-los acessíveis ao "grande público", expressão que utiliza várias vezes, nos prefácios e introduções de seus escritos. É assim que justifica a reedição de sua obra *Le pays du café* (1882), em 1891, com um novo título, mas os primeiros capítulos já vistos, em *Le Brésil*, em 1881-1882. *Aux Etats-Unis du Brésil, Voyages de M. T. Durand* é uma obra ilustrada, muito original, cujo projeto reflete a dupla exigência de promoção do Brasil na França e a vulgarização dos conhecimentos para um público maior:

> Para ter alguma chance de chegar até as massas, e semear esses conhecimentos junto à juventude (os homens de amanhã), tento hoje unir à realidade, palavras fantasiosas de uma viagem pitoresca: tentei incrustar informações rigorosamente exatas em um relato humorístico; esforcei-me em dar a toda essa narrativa um encantamento que facilitasse a leitura e fosse até divertida.[21]

Esse relato de viagem apoia-se de fato em "uma lista das principais obras, nacionais e estrangeiras" apresentada em anexo, que é uma rica bibliografia, atualizada de 37 referências, que mostra a recepção da produção livresca e periódica do Brasil em Paris. É uma bibliografia brasileira, que conta com algumas obras francesas de Ferdinand Denis, Auguste de Saint-Hilaire, mas também, com seis referências às publicações de Santa Anna Nery. Aí, ele entra em cena como um dos, ou mesmo, o maior dos brasilianistas con-

[20] *Ibid*.: XV.

[21] Santa Anna Nery, *Aux États-Unis du Brésil. Voyages de M. T. Durand*, Paris, Ch. Delagrave, 1891: VII.

temporâneos. Quanto à troca do título, isso permite harmonizar com a mudança de regime, que aconteceu no Brasil em 1889. O retrato desse Brasil é apresentado em vinte e cinco capítulos, que são também portas de entrada para as múltiplas riquezas da jovem República federal,[22] mostrando as vantagens de um Estado moderno, liberado do estigma da escravidão, aberto e acolhedor para todos esses migrantes europeus, preocupados em encontrar melhores condições de vida no Novo Mundo.

2 Os objetivos da propaganda

Se Santa Anna Nery soube achar inúmeros meios mediáticos, institucionais e informais para sua obra foi, primeiramente, porque ela responde a uma constatação edificante, para quem quer promover os interesses do Brasil na França, considerando a profunda ignorância a respeito do império na França, fato bastante lamentável, sendo um importante parceiro comercial do Brasil. Além disso, um país de referência, no plano intelectual.

Em outros trabalhos, interessei-me pelos escritores missionários que, na França ou em outros países da Europa, dedicaram-se a promover a imagem do Brasil no Segundo Reinado. Esse Estado jovem, cujo nome ainda veiculava representações pouco amenas, aos olhos das jovens gerações de homens de letras, preocupados em relembrar as relações de filiação entre o Brasil e as grandes civilizações ocidentais.[23] A partir dos anos 1870, Santa Anna Nery

[22] Citamos, como exemplo, os títulos dos seguintes capítulos: Rio de Janeiro, "un poète Brésilien" (Gonçalves Dias), Minas Gerais, "le pays du café", "la canne à sucre", "les carrières d'Amérique", "le thé de Paraná", "Rio Grande do Sul", "São Paulo", "l'élément servile", "la nouvelle république", "les étrangers au Brésil", etc.

[23] Sébastien Rozeaux, "Les écrivains brésiliens en Europe occidentale (c.1830-c.1880), missionnaires du projet de civilisation de l'Empire du Brésil", in N. Fourtané et M. Giraud (dir.), *Emprunts et transferts culturels: du monde luso-hispanophone vers l'Europe*, Nancy, P. universitaires de Nancy, 2012: 231-62.

aparece como o principal interlocutor da promoção para uma imagem, definitivamente, moderna e progressista do Brasil em Paris. As instituições imperiais brasileiras preocupavam-se em oferecer melhores condições aos investidores e migrantes, ao mesmo tempo que tentavam resolver, pouco a pouco, o problema da escravidão. Essa é, bem resumidamente, a mensagem que Santa Anna Nery divulga em suas publicações, suscetíveis de modificar profundamente as representações do Brasil na França.

Esse é, igualmente, o objetivo da Sociedade Internacional de Estudos Brasileiros (SIEB), fundada em Paris, em 1886, da qual Santa Anna Nery é um dos cofundadores. Dirigida por Émile Levasseur (1828-1911), membro do Instituto e amigo de Santa Anna Nery, a sociedade visa promover a imagem de um Brasil moderno, através de jantares, da constituição de uma biblioteca, e da oferta de um curso de português para comerciantes com negócios com o Brasil. Durante uma viagem ao Brasil, em 1887, Santa Anna Nery tenta obter uma subvenção para manter essa sociedade, mas sua participação na exposição universal de 1889 atropela o projeto, e parece explicar o desaparecimento prematuro da sociedade privada.[24] Sabe-se que outro próximo de Santa Anna Nery, o eminente brasilianista Ferdinand Denis, foi o vice-presidente dessa sociedade, em 1887.[25] Entre os raros vestígios deixados pela SIEB, na imprensa, figura o anúncio de uma sessão extraordinária no Grande Hotel, presidida pelo imperador Dom Pedro II, na qual Santa Anna Nery leu "um estudo muito interessante sobre o comércio entre os dois países e sobre a organização da Sociedade dos estudos brasileiros".[26] O evento, inaugurado com um discurso de Levasseur, terminou com um outro, feito em português, pelo Conde de Barral, então diretor da *Revue du monde latin*, e vice-presidente do comitê executivo da sociedade.

[24] Voir: *Revue du monde latin*, tome 13, 1887: 908-15.

[25] Archives de la Bibliothèque Sainte-Geneviève, Ms 4321 (37).

[26] *L'univers*, 22 octobre 1887, n°7247, s. p.

Tais iniciativas, mesmo que efêmeras ou pontuais, têm em comum o fato de dar ao Brasil uma outra imagem. Por exemplo, na obra coletiva, intitulada *Les capitales du monde* (1896), pede-se a Santa Anna Nery que escreva um artigo sobre a cidade do Rio de Janeiro. Ele a descreve como uma cidade comercial, dinâmica, cosmopolita e francófila:

> O brasileiro instruído lê e fala francês, segue os modos franceses, quer saber tudo o que acontece na França, aplaude em seus teatros as peças francesas traduzidas para o português, devora os romances franceses em seus jornais, conhece a política francesa até em seus pormenores. No Rio, nos sentimos mais próximos de Paris do que se morássemos na Bretanha.[27]

É verdade que no Rio de Janeiro da *Belle-Époque*, a França continua sendo o país de referência, quando a jovem República escolhe o quatorze de julho como data para sua festa nacional. Pela evocação da modernidade, da rede de transportes ou das lojas chiques da Rua do Ouvidor, o Rio de Janeiro, "a mais bela cidade da América do Sul",[28] deseja mostrar uma aparência moderna, civilizada, uma cidade que é também "o primeiro entreposto de cafés do mundo inteiro".[29] Trata-se, assim, de lutar contra os clichês da Europa, que fazem mal à imagem da capital brasileira: "Apesar de tudo, ainda há pessoas que acreditam haver no Rio a febre amarela em todas as enseadas da baía, ou imaginam que as cobras venenosas emboscam qualquer passante nas ruas".[30]

Entre as razões de uma representação pouco amena do Brasil, no século 19, há a escravidão, essa "instituição europeia" que os brasileiros querem suprimir. Santa Anna Nery, em seus escritos,

---

[27] "Rio de Janeiro", dans *Les Capitales du monde*, Paris, Hachette et Cie, 1896: 476.

[28] *Ibid*.: 482.

[29] *Ibid*.: 479.

[30] *Ibid*.: 480.

defendeu, incessantemente, as teses abolicionistas, não por um arroubo de fraternidade em relação aos escravos, mas com a preocupação de mostrar uma imagem moderna e civilizada do Brasil. Inclusive, depois de 1888, ele pode afirmar que finalmente, o Brasil "entrou definitivamente na civilização".[31] Em *Le Brésil*, *L'Amérique* ou *La Revue du monde latin*, o repúdio à escravidão é frequente sob sua pena, e o publicista não esquece de frisar os esforços realizados nesse sentido após 1850, para o fim do tráfico negreiro. Especialmente, para aqueles que, na França, apontavam para a lentidão do processo abolicionista. Compreende-se porquê Santa Anna Nery está na linha de frente, quando organiza, em dez de julho, uma festa para comemorar a *Lei Áurea*, "o banquete, o mais extraordinário que a colônia brasileira realiza em Paris: o banquete comemorativo da abolição da escravidão no Brasil, em 1888, nos salões do Grande Hotel Continental".[32] Esse banquete é oferecido pelo comitê franco-brasileiro, encarregado da organização da próxima exposição do Brasil em Paris, para celebrar a abolição da escravidão, para cento e vinte convidados, sob a presidência de Victor Schoelcher.[33]

Santa Anna Nery não pôde desfrutar por muito tempo dessa vitória, pois ela é seguida, alguns meses mais tarde, da queda do império, cuja defesa, na imprensa parisiense e europeia, Santa Anna Nery era um dos principais *chantres*. Seu patriotismo é, antes de tudo, o de um monarquista que se sente muito bem nesse regime imperial constitucional, que elogia seus méritos em suas publicações, até 1889. No primeiro número da revista *Le Brésil*, em 1881, enaltece as virtudes do "governo livre" que se preocupa em modernizar esse imenso país, desenvolver seu comércio e promover um "ensino primário obrigatório".[34] Algumas semanas mais tarde, no momento

[31] Santa Anna Nery (dir.), *Le Brésil en 1889*, *op. cit*.: XV.
[32] *Revista do IHGB*, 1901, t. 64, 2ᵉ partie: 386.
[33] *Le Figaro*, 10 juillet 1888: 1.
[34] *Le Brésil*, 7 septembre 1881, n°1: 1.

do aniversário do Imperador, aparece um número especial, cuja "tiragem excepcional" permitirá divulgar, vigorosamente, o retrato do Imperador, assim como sua biografia, com ares de hagiografia escrita por Santa Anna Nery. Esse número inclui, igualmente, um longo artigo, intitulado "A constituição brasileira", no qual ele evoca as qualidades do regime político brasileiro:

> Se celebramos o aniversário de nossa Constituição com amor, é porque ela nos deu quase sessenta anos de prosperidade; proporcionou-nos, com muitas lutas, a felicidade inestimável de não alimentar partidos que desejam sua destruição; permitiu-nos crescer sem tormentas e nos oferece, hoje, muita esperança da qual fala o poeta e com a qual vivem as nações.[35]

Na revista *L'Amérique*, em 1889, encontramos essa mesma posição assumida, esse *parti-pris*, em relação ao império, cujos fundamentos são bem destacados. Desse modo, em uma análise de um ensaio político de Alfredo d'Escragnolle Taunay, *Cartas políticas* (1889), Santa Anna Nery afirma que "essas cartas formam um discurso eloquente em favor da monarquia do Brasil".[36] Após 1889, vemos que continua criticando a Proclamação da República que, segundo ele, olhando de Paris, foi precipitada, para um país profundamente ligado à Constituição imperial e à pessoa do Imperador.

A essa questão de natureza política está intimamente ligado o objetivo principal da propaganda, cujo interlocutor, na França, é Santa Anna Nery, isto é, a necessidade de povoar e desenvolver o Brasil em geral e, particularmente, a Amazônia. O impulso agrícola, industrial e comercial do país depende do aumento da imigração no Brasil, caso se acredite na teoria defendida por Santa Anna Nery que retoma, assim, as ideias propagadas pelos defensores de uma política de colonização sistemática do imenso território e reservas

[35] Santa Anna Nery, "La constitution brésilienne", dans *Le Brésil*, n°14, 1882: 2.
[36] Santa Anna Nery, "Nos livres", dans *L'Amérique*, 1889, n°24: 3.

rurais do país. Se a propaganda em prol de uma imigração europeia teve dificuldades em se estruturar e se institucionalizar, além das declarações de boa vontade dos atores políticos e dos homens das letras, Santa Anna Nery não poupou esforços para favorecer um crescimento rápido desses movimentos migratórios europeus em direção ao Brasil, em uma época em que a maioria dos migrantes olhava para os Estados Unidos. Ele foi também membro fundador, em 1885, da *Sociedade Paraense de Imigração*, como foi membro do comitê franco-brasileiro para a emigração universal de Paris. Inclusive, um crítico francês sublinha, em 1885, o objetivo claramente exposto por Santa Anna Nery em *Le Pays des Amazones*, "tornar seu país conhecido e amado. As suas riquezas e recursos ele descreve, com o intuito de provocar um movimento de emigração".[37] Na introdução à obra, diz querer "suscitar, em todos seus leitores, o desejo de que estes levem sua atividade ao *país da Amazônia*".[38] Na *Revue du monde latin*, onde aparecem trechos inéditos dessa obra, Santa Anna Nery conclui a série de artigos sobre a Amazônia com essa afirmação: "A Amazônia é a região do mundo mais notável a ser colonizada".[39]

Também encontramos, na introdução da obra *Le Brésil*, em 1889, esse círculo vicioso que une crescimento econômico e imigração:

> O Brasil veio a Paris, não para se impor diante do velho continente, mas para que a velha Europa constate que ele não é indigno, pelos progressos realizados, de entrar mais profundamente no concerto econômico dos grandes estados. O Brasil veio a Paris, não para receber uma leve satisfação de recompensas elogiosas, mas para atar, solidamente, os laços que o ligam à Europa, para abrir novas aberturas para suas matérias-primas e, sobretudo, para dar confiança a todos que estarão prontos a escolhê-lo como nova pátria, trabalhando ou frutificando seu capital.[40]

[37] *L'année littéraire 1885*, Paris, Nouvelle librairie parisienne, 1886: 64.

[38] Santa Anna Nery, *Le Pays des Amazones*, *op. cit.*: XXXVI.

[39] Santa Anna Nery, "L'Amazonie", dans *Revue du monde latin*, 1884, tome 3: 291.

[40] Santa Anna Nery (dir.), *Le Brésil en 1889*, *op. cit* : X-XI.

Assim, não é de se surpreender que Santa Anna Nery acrescente, nessa obra coletiva, um *Guia do Emigrante* (1889), vendido a dois francos, destinado exatamente àqueles que, na Europa, fossem atraídos para o Brasil. O segundo capítulo do livro, intitulado "Porque é preciso ir ao Brasil", enumera suas vantagens: a imensidão desse país, a variedade de seu clima, a baixa densidade demográfica, sua grande necessidade de mão de obra, o aspecto embrionário de sua indústria de enorme potencial, sem omitir sua agricultura já próspera e pronta para crescer ainda mais. Longas considerações são feitas pelo autor, para ressaltar também a liberdade que o imigrado pode usufruir nesse país, onde "os preconceitos de raça, cor ou religião não existem".[41]

Seduzido pelo Brasil, o rico negociante ou o pobre migrante é um imperativo, que também encontramos nas análises críticas que Santa Anna Nery publica, regularmente, na imprensa. Como atesta igualmente esse prefácio,[42] que assina para *La France équinoxiale* (1887), de Henri A. Coudreau:

> As páginas que ele consagra à região das pradarias, sua monografia da Amazônia, são verdadeiros documentos, para uso dos proletários desencantados da Europa, dos negociantes e industriais expostos a uma crise que a África central é impotente a conjurar.[43]

À defesa dos interesses "positivos" do Brasil junta-se uma vontade de ilustração: não se trata de promover apenas os interesses econômicos, mas dourar o brasão do jovem império, cujas representações na França não atendem, como já vimos, às expectativas de Santa Anna Nery nem às dos brasileiros de Paris. Eis porque a empreitada de propaganda reveste-se de uma dimensão mais simbólica, a fim de exaltar a riqueza cultural do Brasil.

---

[41] Santa Anna Nery, *Guide de l'émigrant au Brésil*, Paris, Ch. Delagrave, 1889: 20.
[42] Prefácio reproduzido também em: *Revue du monde latin*, tome 10, 1886: 456-61.
[43] Henri A. Coudreau, *La France équinoxiale. Études sur les Guyanes et l'Amazonie*, Paris, Challamel Ainé, 1887: XIII.

Em uma época, onde o arroubo das *Letras Pátrias* é um negócio nacional de primeira importância,[44] os brasileiros, homens de letras, preocupam-se em promover esse patrimônio na Europa – uma internacionalização que vale, também, como triunfo dessa jovem literatura nacional. Assim, Santa Anna Nery trabalha para tornar mais conhecida a obra dos pioneiros das *Letras Pátrias*, como o poeta Gonçalves Dias, ao qual dedica um curto texto, em francês, publicado em 1875, *Un poète du* XIXe *siècle: Gonçalves Dias*, e do qual é um tradutor improvisado, com o objetivo de tornar conhecidas do público francês algumas das composições mais célebres do poeta. Em uma obra posterior, *Aux États-Unis du Brésil*, encontramos essa preocupação de exaltar a literatura brasileira: o capitulo três põe em cena um viajante francês, no Rio de Janeiro, convidado a assistir a uma "conferência sobre Gonçalves Dias, na sala da Glória".[45] O assunto da conferência – fictícia – é reproduzido em seguida, ocasião para evocar o elo entre independência do Brasil e criação de uma "literatura nacional", que sofre, por ser desconhecida no estrangeiro: "Na França, sobretudo, ignora-se essa jovem literatura sul-americana, tão rica e variada".[46] Nesse capítulo, ele evoca também Gonçalves de Magalhães, considerado ainda, por alguns, como o pai das *Letras Pátrias*; um autor que homenageia em *Le Brésil*, quando a tradução para o italiano, de sua epopeia, *A Confederação dos Tamoios*,[47] é publicada.

Sabemos, também, que Santa Anna Nery fez várias conferências sobre literatura brasileira, sobretudo a convite da Associação

---

[44] Voir: Sébastien Rozeaux, *La genèse d'un "grand monument national": littérature et milieu littéraire au Brésil à l'époque impériale (1822 – c.1880)*, thèse d'histoire contemporaine sous la direction de Jean-François Chanet et Olivier Compagnon, Université Lille III, 2012, 2 vol.

[45] Santa Anna Nery, *Aux États-Unis du Brésil*, *op. cit*.: 36.

[46] *Ibid*.: 38.

[47] *Le Brésil*, 1882, n°15: 2-3.

Internacional dos Professores da França, em 1879.[48] Uma delas é dedicada à obra de Camões, na ocasião em que se celebrava o tricentenário de sua morte. Com *Camões et son siècle* (1879), Santa Anna Nery afirma-se também como o principal promotor dessas comemorações, em Paris, com o apoio da Associação Literária Internacional (ALI), associação fundada com a chancela de Victor Hugo, e da qual Santa Anna Nery é um membro fundador, com o objetivo de defender a propriedade literária universal:[49]

> A celebração do tricentenário de Camões em Paris é, em grande parte, a obra de seus esforços pessoais. A comemoração organizada em honra de Camões foi tão solene e brilhante que, ao pedido de Santa Anna Nery, a Associação Literária Internacional e a Aliança Latina ofereceram-lhe apoio, não menor e menos importante que aquele das colônias portuguesas e brasileiras de Paris.[50]

Constatamos, também, seu ativismo e militância em favor de Lisboa, para sediar o congresso da ALI, em 1880. Em seguida, recebe o título de Comendador da Ordem do Cristo de Portugal. Além das letras, Santa Anna Nery agiu, igualmente, a favor da promoção de outras práticas culturais, começando pelas Artes. Ele publica também um pequeno opúsculo, no momento da apresentação de um quadro de Victor Meirelles, no salão de Paris de 1883, como lemos em *Le Brésil*:

> Agradecemos também ao Senhor Santa Anna Nery, por sua interessante brochura, sobre o quadro de nosso compatriota Victor Meirelles, Combate naval de Riachuelo.[51] Todos que verão esta

[48] *Le Brésil*, 1882, n°18: 2.

[49] Ver também: Sébastien Rozeaux, "La mobilisation transatlantique des hommes de lettres en faveur de la reconnaissance du droit d'auteur au Brésil, 1851-1898", dans *Le Mouvement Social*, vol. 258, no. 1, 2017: 49-66

[50] Santa Anna Nery, *Saint Antoine de Lisbonne*, *op. cit.*: XXIX.

[51] Santa Anna Nery, *Combat naval de Riachuelo: tableau militaire de Victor Meirelles*, Paris, C. Marpon et E. Flammarion, 1883.

> bela tela na Exposição, e são muitos, lerão com prazer essas páginas, que descrevem com detalhes os progressos das belas-artes no Brasil, o episódio da guerra do Paraguai, enfim, o artista e sua obra, dos quais o Brasil tem o justo direito de se orgulhar.[52]

O Le Figaro mostra-nos, inclusive, que: "M. de SAN ofereceu ontem, na residência de Brébant, em seu nome e no de seus compatriotas, um grande jantar para homenagear o pintor brasileiro Victor Meirelles de Lima. A imprensa parisiense foi representada pelo famoso Ferdinand Denis, conservador da Biblioteca Sainte-Geneviève, Treille du *Paris*, Simonin de *La France*, Crouzet de *L'Opinion*, Chérié du *Moniteur des arts*, Bonfanti e pelo nosso colaborador Florian Pharaon".[53] Mais uma vez, sua diplomacia e seu talento de propagandista serviram à promoção das artes e letras do Brasil, com a participação ativa de alguns publicistas parisienses e amigos.

Finalmente, vamos mostrar, rapidamente, uma última faceta dessa propaganda em prol da cultura brasileira, com a obra sobre o folclore, que ele publica em 1889 – ano bem fasto para sua produção.[54] Mais uma vez, Santa Anna Nery deseja ser o "passador" de conhecimentos sobre o folclore em pleno progresso no Brasil, sob o impulso de Couto de Magalhães ou Sílvio Romero. Ele apoia-se nos trabalhos desses dois autores e em sua experiência "in loco" na Amazônia, que visitou inúmeras vezes, durante os anos 1880. Esse livro é a continuação de uma primeira conferência sobre a poesia popular do Brasil, ministrada em Paris, em 1885; e reflete, também, sua presença ativa, na jovem Sociedade das Tradições Populares, da qual foi membro fundador. Nesse caso, trata-se de mostrar "uma nova face desse belo país, o Brasil, do qual me constituí propagandista voluntário na Europa".[55] Primeiramente, trata-se de um trabalho

[52] *Le Brésil*, 1883, n°41: 4.
[53] *Le Figaro*, 20 mai 1883: 1.
[54] Santa Anna Nery, *Folk-Lore Brésilien*, Paris, Perrin et Cie, 1889.
[55] *Ibid*.: XI.

de compilação e tradução de Santa Anna Nery. Ele publica contos, lendas, fábulas e histórias, oriundas da cultura oral dos índios da Amazônia, assim como das tradições dos "Portugueses" e descendentes de escravos africanos.

Para melhor exaltar a cultura brasileira em sua diversidade, Santa Anna Nery serve-se de uma estratégia retórica, muito comum na França da terceira República, aquela da exaltação das raízes latinas do Brasil. Se o pan-latinismo prospera na França, por razões geopolíticas próprias a esse país, no momento seguinte à derrota de 1870, Santa Anna Nery faz parte daqueles que veem as virtudes de tal ideia para o Brasil, em particular, e para a "América Latina" em geral. Diante do aumento de poder dos Estados Unidos, Santa Anna Nery é um daqueles que apostam em uma aliança mais estreita com a Europa, para garantir a prosperidade da América Latina e sua independência, diante das ameaças que pesam, cada vez mais, no que diz respeito ao pan-americanismo anglo-saxão. Então, no primeiro número de *L'Amérique*, reproduz uma carta que lhe é endereçada pelo antigo Presidente do Conselho, Jules Simon, na qual Simon exalta "a união das nações latinas dos dois mundos".[56]

Evidentemente, é no interior da redação da revista mensal, *Revue du monde latin*, como primeiro colaborador, que Santa Anna Nery afirma, de maneira ainda mais categórica, suas convicções pan-latinistas, que se revestem de um monarquismo conservador e católico. Ele foi Presidente do Conselho de Administração (em 1884), antes de se tornar o redator chefe da revista, entre 1885 e 1888.[57] No editorial que assina, quando assume sua função, ele evoca a exigência de "coesão do espirito latino"[58] diante do inimigo alemão e anglo-saxão: "a luta, pela supremacia ou pela existência, deve ser engajada

[56] *Le Brésil*, 1881, n°1: 2.

[57] Marie-José Ferreira dos Santos, "*La Revue du monde latin* et le Brésil", 1883-1896, dans *Cahiers du Brésil contemporain*, 1994, n°23-24: 77-92.

[58] *Revue du monde latin*, tome 7, 1885: 407.

entre o germanismo e o latinismo". No artigo intitulado *A América latina e os Estados Unidos da América do Norte*,[59] explica que resistir às tentações imperialistas norte-americanas, pela promoção do comércio entre a América Latina e a Europa, é responsabilidade dos povos latinos.[60] Tais convicções explicam também a amizade que o liga a Frédéric Mistral,[61] assim como o apoio que oferece à Sociedade União Latina[62] fundada em Paris, no fim dos anos 1890.

3 A carreira de Santa Anna Nery na França ou os limites da ação diplomática informal do Brasil no século 19.

No discurso fúnebre em sua homenagem, na ocasião do aniversário do IHGB em 1901, Santa Anna Nery é descrito como "um prolongamento do Consulado Brasileiro",[63] ou melhor, da delegação do Brasil em Paris. Se somente tardiamente, em 1894, integrou o corpo diplomático brasileiro, teve durante os anos 1870 um papel importante, no seio da pequena comunidade brasileira de Paris, a ponto de tornar-se uma referência obrigatória e um exímio conhecedor da sociedade e círculos sociais – uma grande vantagem, em relação aos membros do corpo diplomático, que eram substituídos e transferidos, regularmente. O status perene de sua pessoa pública e sua diplomacia notável convieram, assim, perfeitamente à defesa dos interesses brasileiros, que não tinham ainda meios para uma política estrangeira e diplomacia ambiciosas.

Desse modo, organiza-se a presença do Brasil na exposição universal de Paris, em 1889. Essa participação não era uma unanimidade, pois foi até julgada, por alguns, dispendiosa

[59] N.T. tradução livre

[60] *Revue du monde latin*, tome 10, 1886: 300-17.

[61] *Le Figaro*, 7 janvier 1895: 2.

[62] Santa Anna Nery, *Saint Antoine de Lisbonne*, *op. cit*.: 33.

[63] *Revista do IHGB*, 1901, t. 64, 2ª parte: 385.

e pouco proveitosa.[64] Diante dessa falta de voluntariado político, coube a alguns "Franceses com negócios com o Brasil" e um punhado de Brasileiros de Paris, entre eles, Santa Anna Nery, que visitou o Brasil para fazer uma "propaganda pessoal, assumindo os riscos e perigos",[65] em 1887. Deve-se a ele a criação do Comitê Franco-brasileiro, em 14 de março de 1888; uma iniciativa privada endossada, em seguida, no Rio de Janeiro pelo Presidente do Conselho e pelo Imperador, quando esta estava em tratamento, em Cannes. Na verdade, o comitê acaba obtendo uma subvenção de, aproximadamente, 800.000 francos, para organizar essa exposição. Esta cobre 2500 m² do Campo de Março, apresenta as riquezas de quatorze das vinte províncias do Império; uma exposição inaugurada com grande pompa, na presença dos maiores representantes do governo francês e de dois mil convidados.

Por várias vezes, Santa Anna Nery, como mencionam seus biógrafos, com suas iniciativas pessoais, pôde representar o Brasil nas exposições industriais, em Beauvais, Anvers, Bruxelas ou Bourges: "Ele expunha produtos por conta própria, lá onde faltava intervenção oficial, escrevia também notas sobre os produtos do Brasil e publicava estatísticas. Compondo desse modo, uma propaganda ativa e inteligente, com uma publicidade de boa qualidade e sem nenhum artifício".[66] Além de usar seus fundos privados, João Carneiro evoca, em sua tese, documentos que parecem atestar a existência de financiamentos públicos indiretos, dos quais Santa Anna Nery pôde se beneficiar várias vezes, em Paris, via delegação do Brasil. Graças, também, à proteção de certas personalidades, bem posicionadas no governo, tais como o Imperador e o Conde d'Eu.

[64] Ver, por exemplo, *Le Brésil*, 1886, n°108: 1.
[65] *L'Amérique*, 1889, n°1: 2.
[66] Santa Anna Nery, *Saint Antoine de Lisbonne*, *op. cit.*: XXX.

Inclusive, em 1894, quando Alcindo Guanabara deixa seu cargo de representante especial do governo brasileiro na Europa, para retornar ao Rio de Janeiro, Santa Anna Nery o substitui, nomeado representante especial do governo do Marechal Floriano Peixoto, em Paris.[67] A escolha desse monarquista católico, para dirigir a diplomacia na Europa, prova a confiança depositada nele e mostra que Santa Anna Nery ainda usufrui de boas relações, no governo do Brasil. É preciso dizer que Santa Anna Nery foi, igualmente, um grande propagandista[68] de sua obra e ação pública. Os diversos textos e reedições que deixou atestam sua satisfação, em relação a sua carreira. No prefácio de *Brésil en 1889*, ele evoca o contraste entre as representações contemporâneas do Brasil e aquelas de 1867, na ocasião da exposição universal anterior, em Paris:

> O grande público ignorava quase inteiramente o Brasil, ou, até, considerava pouco importante conhecer esse império tão grande, que se equivalia à Europa continental. (...) Conhecia-se apenas o brasileiro de opereta, a febre amarela e as cobras venenosas. Quanto a sua história e aos maravilhosos recursos que possui, pouco se preocupavam.[69]

Acredita-se que, em 1889, as coisas evoluíram positivamente, e sua ação parece ser uma das explicações:

> O Brasil conquistou a atenção. Muito se falou dele nos jornais e em obras de todo tipo. Até criou uma sociedade de estudos. Graças a toda essa publicidade e a esses brasileiros que atravessam o mar todos os anos para vir à Europa, sabemos que somos o que valemos e queremos.[70]

Sem levantar aqui a questão da eficiência real de sua ação de propagandista, será difícil avaliar, em poucas linhas, o caráter

---

67 *L'univers*, 11 février 1894, s. p.

68 N.T. hoje diríamos "lobista".

69 Santa Anna Nery (dir.), *Le Brésil en 1889*, *op. cit.*: XII.

70 *Ibidem*.

precário dessas ações diplomáticas, às quais o nome de Santa Anna Nery está associado, pois nem todas as iniciativas que promoveu foram coroadas de sucesso. De fato, vários projetos foram abortados ou nem saíram do papel, por falta de apoio público ou pelo relativo isolamento do homem público, sobretudo, nos anos 1890. Por exemplo, ele explica, em 1900, que para melhor promover na Europa a Amazônia, seria preciso uma "exposição permanente de nossos produtos e nossas indústrias" em Paris e um "Museu da Amazônia", que promoveria "conferências e leituras frequentes, (...), reuniões periódicas, para as quais a imprensa e a sociedade culta seriam convidadas, além de cursos gratuitos de língua portuguesa"[71] – um projeto que não aconteceria.

Em 1900, ele publica um relatório – "Rapport sur un projet de représentation de l'Amérique latine à l'Exposition universelle de 1900",[72] sem nenhuma continuação. Sabemos, também, através de uma correspondência oficial, que se lançou na redação de uma história sobre o reinado de Dom Pedro II, que nunca foi publicada.[73] Devemos, também, lembrar o caráter, muitas vezes efêmero, dessas associações privadas, que trazem o nome do Brasil na França como, por exemplo, a SIEB.

Em parte, esses projetos abortados mostram um isolamento crescente, mesmo que relativo, de um ator das relações franco-brasileiras, que tem dificuldade em manter intacta a capacidade de ação e influência, quando o Brasil torna-se uma República federal e laica. Seus textos traduzem a dificuldade e, até mesmo, a incompreensão, diante dessa nova ordem política, resultante, bem provavelmente, da vida que leva em Paris, tão distante da realidade da vida cotidiana na capital brasileira: "Na Europa, acreditamos que esse monarca era tão profundamente preso a seu trono, quanto a sua cadeira de

[71] Santa Anna Nery, *Le Pays des Amazones*, *op. cit.*: 411.
[72] Santa Anna Nery, *Saint Antoine de Lisbonne*, *op. cit.*: 33.
[73] *Le Figaro*, 6 août 1888: 1.

membro associado estrangeiro da Academia das Ciências de Paris".[74] Do mesmo modo, ele se surpreende, pela conversão imediata de todos os interesses e todas as elites ao novo regime. Bem raros são aqueles que, como ele, mantiveram-se fiéis ao Imperador, a ponto de irem acolhê-lo em Lisboa. Desencantado, continua acreditando, em 1891, que "a maioria dos brasileiros não desejava a República, ao menos nesse momento".[75] Se Santa Anna Nery elogia o modelo federal adotado, ou a lei de naturalização dos estrangeiros, reprova, logo de início, o banimento da família imperial pelo novo regime. E quando se instala no Rio de Janeiro, em 1896, colhe tantas inimizades, que chega a ser acusado de estar ligado ao assassinato do Marechal Bittencourt, fato que o deixa na prisão durante quatro meses e meio, na Ilha de Fernando de Noronha. Após ser liberado, segue para a Amazônia e em seguida, por falta de outras oportunidades, retorna à Paris.

Após sua morte em 1901, aos 51 anos, as homenagens da imprensa brasileira podem parecer bem modestas, considerando sua importante obra e ativismo frenéticos, ao longo de sua carreira.[76] No Brasil, foi primeiramente conhecido por seus talentos de cronista no *Jornal do Commercio* ou, ainda, pela efêmera redação de um almanaque, que conhece certo sucesso, em 1882-83.[77] A maioria de suas obras e ações não era visível no Brasil, pois, eram escritas em francês, para um público europeu. Algumas são ainda inéditas em português, inclusive só foram publicadas, recentemente. Pior ainda é a situação de suas obras de vulgarização e de tradutor, que desagradaram alguns de seus compatriotas, como Sílvio Romero, que o

[74] Santa Anna Nery, *Aux États-Unis du Brésil*, *op. cit*.: 259.

[75] *Ibid*.: 268.

[76] Algumas linhas da novela que homenageia sua memória, no *Jornal do Commercio*.

[77] *Almanach pariziense, album litterario e artistico*, Paris, J. Batard, Morineau et Cie, 1882.

acusa de ter plagiado seus trabalhos, para alimentar sua obra sobre o folclore. Tal incompreensão permite-nos, talvez, aprender mais, também, sobre os limites ou dificuldades inerentes a sua missão de "passador", de intermediário entre dois mundos. No Brasil, muitos podiam duvidar dos méritos e talento desse monarquista sociável, de excelente família, que pretendia ser brasileiro e amazonense, mas, na verdade, passou quase toda sua vida em Paris.

Conclusão

Alguns elementos permitem compreender melhor as razões do esquecimento desse homem, no Brasil republicano do século 19. Ninguém duvida que fosse, no entanto, interessante conhecer a recepção contemporânea ou póstuma de sua obra no Brasil – dimensão aqui deixada de lado, para avaliar melhor a importância de sua ação, a partir de Paris. Parece que o anúncio de sua morte brutal, em 1901, suscitou mais repercussões na imprensa europeia que na brasileira – uma hipótese que seria preciso ser analisada mais sistematicamente.

Além da enorme capacidade de ação desse propagandista polígrafo, chama atenção a precariedade, o caráter muitas vezes efêmero, dos projetos lançados por Santa Anna Nery, entre os anos 1870 e 1890. Primeiramente, isso resulta do caráter ainda balbuciante, da diplomacia e da política cultural internacional, que se institucionaliza, realmente, somente no século seguinte, com o impulso do Ministro das Relações Internacionais, o Barão de Rio Branco. Trata-se, no início, de comitês *ad hoc,* montados para um evento isolado, e não de projetos de longo prazo, com exceção talvez da SIEB. Isso mostra, igualmente, os ciúmes e inimizades que Santa Anna Nery suscitou em alguns de seus compatriotas, na França e alhures. Sabemos que deixa, precipitadamente, a redação da revista *Le Brésil*, mas a revista sobrevive muito bem e durante muitos anos, após sua partida. Ao contrário, a revista *L'Amérique*, cuja principal

pena foi a sua, não sobrevive além de alguns números, apesar das grandes ambições do projeto editorial – um destino parecido com o do *Almanach pariziense*, no Rio de Janeiro, inclusive. Enfim, sua obra e carreira, marcadas pelo selo da sociedade, do sociável, tiveram grande dificuldade para deixar um rastro perene, além do prestígio e elegância que as caracterizavam, no momento. Nisso, ele foi um homem de seu tempo, junto a outros que defenderam os interesses do Brasil: mobilizou seus recursos pessoais, seu importante capital social e cultural, acumulado ao longo dos anos passados em Paris e na Europa.

Henri Coudreau e a questão do contestado franco-brasileiro – a exploração de 1883-1884

Jean-Yves Puyo[1]

Traduzido por Joanna Gomes

Explorador francês nascido em Sonnac (Charente-Maritime, França) em maio de 1859, Henri Anatole Coudreau tornou-se célebre por ter multiplicado, durante o último quartel do século XIX, as expedições na vasta bacia hidrográfica da "ilha das Guianas", para retomar a célebre expressão do geógrafo Emmanuel Lézy, autor de uma tese notável sobre estes lugares extraordinários.[2] Se nos seus traços gerais estes episódios são bastante conhecidos, nomeadamente através dos múltiplos relatos que deles fez no meio de uma produção escrita abundante, o papel que desempenhou no episódio diplomático dito do Contestado franco-brasileiro ainda é fonte de interrogações. Desde há mais de três séculos que os Espanhóis, Portugueses e depois os Brasileiros e Franceses competiam pela apropriação dos confins amazónicos entre o Amazonas e o Oiapoque, o rio que atualmente constitui a fronteira entre o Brasil e a Guiana francesa. Neste final do século XIX, estes vastos espaços principalmente florestais, mal definidos, formavam um entre-dois ainda negligenciado pelas estruturas estatais e povoado por marginais apátridas (antigos escravos brasileiros em fuga, evadidos das prisões de trabalhos forçados francesas), garimpeiros e Ameríndios. Coudreau, quando percorreu em 1883 este vasto espaço conhecido, catalizou uma crise diplomática então latente entre as duas potências

1 Geógrafo, professor universitário (laboratório PASSAGES, UMR n° 5319, av. du doyen Poplawski, 64.000 Pau, France)

2 Emmanuel Lézy, *Guyane, Guyanes - une géographie* "*sauvage*" *de l'Orénoque à l'Amazone*, Paris, col. Mappemonde, Belin, 2000: 347.

concorrentes, que desde os anos 1840 tinham oficialmente chegado a um acordo para "neutralizar" a zona.

Esta investigação, que se baseia mais especificamente no cruzamento de várias fontes arquivísticas (arquivos da Legação de França no Rio de Janeiro – centro dos Arquivos diplomáticos de Nantes / arquivos departamentais da Guiana Francesa – Caiena), pretende completar os trabalhos científicos recentes, à tais como os de Sébastien Benoit, Stéphane Granger ou ainda Federico Ferretti. As opiniões a respeito do explorador francês diferem consoante as partes implicadas (as fações francesas e brasileiras), o que não é surpreendente; mais curiosas são as diferenças dentro do campo francês. Deste modo, enquanto os Brasileiros durante muito tempo o submeteram à vindicta popular, como sendo um espião comprado por estrangeiros, em paralelo as autoridades consulares francesas em funções no Brasil acusavam-no de jogar um jogo duplo.

Propomo-nos revisitar um episódio geopolítico que ainda é pouco conhecido, a saber, as transações territoriais relativas ao Contestado franco-brasileiro durante o período que precedeu a arbitragem final, emitida em 1900 pelo Conselho federal suíço. Não tendo a pretensão de ser exaustivo, este trabalho parece-nos trazer uma nova luz sobre um território singular, que na época inspirou vários utopistas e aventureiros.

A génese de um velho problema territorial, que se tornou "inextricável" ao longo das décadas: as primeiras finalidades miras coloniais francesas (século XVI) no Tratado de Utrecht (1713).

A primeira tentativa de instalação de companhias comerciais francesas no espaço guianense, no Oiapoque e no lugar da cidade atual de Caiena remonta ao ano de 1604, tendo-se concluído com um rápido fracasso. Mais tarde, de 1624 a 1664, o Rei de França concede às três companhias de comércio o direito de exploração

agrícola e comercial destes mesmos espaços. Os mapas franceses da época (de Val de Beville, 1654, ou ainda de Lefèbvre de la Barre, 1665) apresentavam este espaço guianense como uma ilha enorme, rodeada por rios sumptuosos e salpicada de altas montanhas. De acordo com o grande geógrafo francês Vidal de la Blache, "[...] este isolamento parecia ser a explicação natural das causas que dali tinham afastado os Espanhóis".[3] No entanto, este direito de exploração foi teórico durante muito tempo, as experiências francesas de valorização do território limitavam-se à cidade de Caiena e às suas imediações. E de facto, foi preciso esperar que a expedição francesa do conde de Estrée obtivesse, em dezembro de 1676, por meio das armas, a evacuação definitiva dos vizinhos holandeses (fortemente implantados no atual Suriname) de Rémire, de Caiena e dos rios Aproak e Oiapoque, para que a presença de França nesse espaço guianense deixasse de ser posta em causa "[...] se nos abstrairmos dos parêntesis que constituem os oito anos da ocupação portuguesa [de janeiro de 1809 a novembro de 1817]".[4]

Faltava, todavia, definir as fronteiras desta colónia francesa, nomeadamente a fronteira sul, o que não era tarefa fácil. Todo o imbróglio que preocupou as diplomacias francesa, portuguesa e depois brasileira durante quase dois séculos, procedia do Tratado de Utrecht (11 de abril de 1713) que punha fim à guerra da Sucessão Espanhola. No seu artigo VIII, este texto cedia a Portugal a propriedade "[...] das terras chamadas do Cabo do Norte e situadas entre o rio Amazonas e o de Japoque ou Vincente Pinzón".[5] Do

[3] Paul Vidal de la Blache, *La rivière Vincent Pinzon - étude sur la cartographie de la Guyane*, Paris, Félix Alcan éditeur, 1902: 115.

[4] Serge Mam Lam Fouck, *Histoire générale de la Guyane française*, Cayenne, Ibis Rouge, coll. Espaces guyanais, 2002: 220 (23).

[5] Du Mont J., *Corps diplomatique du droit des gens contenant un recueil des traités d'alliance, de paix, de trêve, de neutralité, etc.*, Amsterdam, Chez P. Brunel *& Alii*, 1731: 556 (354).

mesmo modo, França reconhecia a partir de então a possessão portuguesa das duas margens do Amazonas (artigo X).[6] Por fim, para evitar novas dissensões entre os respetivos sujeitos, os Franceses comprometiam-se a não ultrapassar o rio Vincente Pinzón "[...] para negociar e comprar escravos nas terras do Cabo do Norte" (artigo XII).

No entanto, o Tratado colocava dois grandes problemas: em primeiro lugar, não indicava, "geograficamente falando", a localização do dito rio Japoque (ou Yapoc ou ainda Vincente Pinzón), pois o texto não indica a latitude nem a longitude. Para os Franceses, não se podia tratar de Oiapoque, situado a 50 léguas a norte do Amazonas, ou seja, entre os 4 e 5 graus na latitude norte, posição portuguesa considerada por eles "ridícula à força de ser interessada".[7] Com efeito, para a parte francesa, o rio acima mencionado desaguava na baía de Vicente Pinzón, situada entre 1 e 2 graus na latitude norte.

Além da inabilidade, denunciada por alguns, do negociador francês, o marquês de Uxelles,[8] a dificuldade desta localização geográfica resultava do desconhecimento desta costa, compreendida entre a foz do Amazonas e as imediações de Caiena. Tal como Vidal de la Blache mostrou, tendo realizado uma dissertação sobre a questão da determinação do rio Vicente Pinzón, os mapas provenientes de

[6] "Sua Majestade T. C. reconhece pelo presente Tratado que as duas margens do Rio Amazonas, tanto a Meridional como a Setentrional, pertençam de toda propriedade, domínio e soberania a Sua Majestade Portuguesa." *Ibid*.

[7] Edouard Maurel, "De nos droits sur le territoire contesté franco-brésilien", *Bulletin de la Société de Géographie de Toulouse*, n° 6, 1897: 540-559 (544).

[8] "[...] diz-se, segundo o testemunho dos autores portugueses, que se os representantes da sua nação em Utrecht estavam perfeitamente instruídos sobre o assunto, não se passava o mesmo com representante de França, o marquês de Uxelles, um general diplomata, representado pelas memórias do seu tempo como sendo um diplomata tão inábil quanto era um capitão lamentável". Louis Boussenard, *Les chasseurs de caoutchouc*, Paris, éditions Tallandier, reedição de 1937: 431 (162).

países e de épocas diferentes apresentam diferenças muito percetíveis tanto no desenho do traço da costa quanto na denominação dos lugares, o que constituía um grande motivo de confusões. Além disso, o autor destacava também a grande instabilidade física daquelas paragens, a massa fenomenal de aluviões procedentes do delta do Amazonas, transportados para o norte pelas correntes marinhas, provocavam grandes aterros ao longo da costa,[9] entulhando a boca dos rios e alterando assim o traçado da costa. Notemos que para o grande geodésico e naturalista francês La Condamine, que percorreu estes lugares em fevereiro de 1744, a dúvida não era permitida: o rio Vicente Pinzón correspondia a um braço então cheio do Araguari.[10]

Este mesmo tratado apresentava outra lacuna, tão importante quanto a dúvida acerca da verdadeira natureza do rio Japoque: cedia aos Portugueses a margem esquerda do Amazonas, mas não mencionava a distância até onde poderiam estender a sua soberania a partir do rio. Para a parte francesa, tratava-se, na margem esquerda, de uma faixa de 15 léguas de profundidade em direção a oeste, até ao Rio Negro: "Excetuando a concessão da navegação do Amazonas, este tratado não derrogou a definição dos nossos antigos limites que outrora se estendiam até ao Rio Negro e deste modo, as terras do interior deveriam continuar a pertencer a França até ao último rio".[11]

[9] "Os deslocamentos dos canais fluviais por causa de obstrução, com a consequente formação de lagos inferiores ou pântanos, são factos que não têm nada de raro nas regiões deltaicas de climas tropicais". Paul Vidal de la Blache, *La rivière Vincent Pinzon*, *op. cit.*: 104.

[10] "Algumas léguas a oeste do banco dos Sete-Dias, e à mesma altura, encontrei outra boca do Arawi, hoje fechada pelas areias. Esta boca e o canal profundo que aí vai dar, vindo do lado do norte, entre o continente do cabo do Norte e as ilhas que cobrem o cabo, são o rio e a Baía Vicente Pinzón". Charles-Marie de La Condamine, *Voyage sur l'Amazone*, Paris, réédition la Découverte poche, 2004: 168 (126).

[11] Baron de Damor, *Mémoire sur la contestation relative aux limites de la Guyane française*, relatório de 68 páginas manuscritas, datado de 20 de setembro de 1826, dirigido ao conde de Gabriac, carregado de novas discussões com os Brasileiros a propósito do Contestado; Legação de França no Rio de Janeiro - série A, artigo

Na verdade, esta posição equivalia a controlar a navegação num dos dois maiores afluentes do Amazonas e portanto numa parte vasta da bacia hidrográfica amazónica, acima da cidade de Manaus, fundada em 1669 pelos Portugueses.

A ascensão das reividincações portugueses e depois brasileiras

A continuação da história foi apenas uma sucessão de tratados, tanto à escala local entre os governadores de Caiena e do Pará (acordos de 1784 e 1792), como à escala nacional, em que o poder se foi alternando entre as partes. Para resumir, em vinte anos houve cinco tentativas importantes para resolver o diferendo, mas foram mais uma vez todas infrutuosas. Deste modo, o tratado dito de "Calmène" de 11 de agosto de 1797 constituiu uma pequena vitória do lado francês, que obteve um traçado de fronteiras sobre o rio Carsevenne (ou Carsewene, Calçoène, Carsévène), ou seja, bem mais a norte que o Araguari. Não ratificado pelos Portugueses por razões que desconhecemos, foi em seguida considerado nulo pelo Diretório.[12]

Quatro anos mais tarde, sob a ameaça de uma invasão dos exércitos francês e espanhol, agora aliados, Portugal aceitava voltar a um traçado de fronteiras ao nível do Araguari (Tratado de Badajoz, 6 de junho de 1801). Desta vez, foi a parte francesa que não ratificou, suscitando novas negociações. Estas conduziram ao tratado de Madrid, a 29 de setembro de 1801, bem mais vantajoso... para os Franceses: este texto fixava a separação entre as duas potências no rio Carapanatuba, que desagua no Amazonas por cima do forte de Macapá. Depois, da fonte deste mesmo rio, a delimitação fronteiriça ia de pleno norte até uma cadeia de montanhas ainda desconhecida

102, Arquivos diplomáticos de Nantes.

[12] "Todavia, daqui retiramos uma observação importante, é que os Portugueses nem sempre defenderam que o rio de Oiapoque era o rio Pinzón do tratado de Utrecht, pois em 1795 eles consideraram este último como sendo o mesmo que Carsevenne". *Ibid.*: 17.

(!), seguindo "[...] as inflexões dessa cadeia até ao ponto em que se encontra mais próxima do rio Branco".[13] Mas na verdade, esta demarcação era muito menos vantajosa que a faixa de 15 léguas, pois retira vastas extensões de terra à autoridade francesa. Mas para a diplomacia francesa, este traçado permite assentar a fronteira em "bases naturais", ou seja, um rio e uma cadeia (suposta) de montanhas. Contudo, esta vitória foi de pouca dura, o tratado de Amiens assinado a 6 de junho de 1802, retorna ao rio Araguari, ou seja o rio Vincente Pinzón para La Condamine, prolongado em linha reta pelo oeste até ao Rio Branco. Mas a invasão de Portugal pelas tropas francesas, iniciada em novembro de 1807, desencadeou represálias um ano mais tarde, que consistiram na ocupação da atual Guiana francesa pelas tropas portuguesas;[14] a resolução definitiva deste problema territorial via-se mais uma vez adiada.

No seguimento destes acontecimentos, o artigo 107 do tratado de Viena (8 de junho de 1815) estipulava que os Portugueses deviam restituir a colónia francesa até Oiapoque, limite que Portugal havia sempre considerado como o que tratado de Utrecht fixara. Mas a ameaça francesa de envio de uma expedição militar encarregada de reconquistar a colónia pelas armas conduz à saída do ocupante português; a convenção de 28 de agosto de 1817, assinada pelos dois protagonistas, retomava os termos do congresso de Viena, mencionando que os limites deviam, a partir de então, ser fixados "em conformidade com o sentido do artigo 8 do tratado de Utrecht". Este mesmo texto previa que se recorresse à arbitragem de Inglaterra no caso dos comissários das duas partes, encarregados de decidir sobre

[13] *Ibid.*: 18.

[14] "[...] a frota anglo-portuguesa apresentou-se na foz do Mahury. Estávamos em dezembro de 1808. O conflito não foi longo. Mal combatemos [...] Victor Hugues propôs uma capitulação. Concedêmo-la, generosa, a 12 de janeiro de 1809". Thésée Françoise, "Un mémoire inédit de Victor Hugues sur le Guyane", *Revue française d'histoire d'outre-mer*, t. 57, n° 209, 1970: 469-502 (474).

a questão, falharem, solução que França obviamente não desejava.

De facto, as coisas ficaram por aqui, com a evacuação das tropas portuguesas da colónia guianense, seguida de uma longa trégua diplomática, sendo que os diplomatas brasileiros substituem os seus homólogos a partir de 1822, data da independência do Brasil. É certo que, de tempos a tempos, estão manifestas nos arquivos algumas "subidas de temperatura". Assim, em 1828, depois do sequestro de navios franceses na Plata por Brasileiros, o governo francês planeia enviar uma esquadra às ordens do Contra-almirante Roussin para "resolver" a questão. O representante de França no Brasil opõe-se utilizando os seguintes argumentos, que não são desprovidos de perspicácia: segundo ele, o objetivo a atingir não era o de recuperar alguns lugares desérticos ("infelizmente, não é certamente território o que falta à nossa colónia"), mas era a obtenção de uma navegação livre no Amazonas,

> [...] o mais belo rio do mundo, que num curso de 1.400 léguas, atravessa o continente americano quase do Oceano Pacífico ao Atlântico e que, explorado pela indústria e a atividade francesa, traria ao seu comércio imensas perspetivas e vantagens incalculáveis. É a finalidade à qual devemos aspirar e talvez seja um sucesso desta magnitude que nos está reservado num futuro pouco distante.[15]

Se França se obstinasse contra o Brasil do imperador D. Pedro I, arriscar-se-ia a voltar aos termos de negociação previstos no tratado de Viena, com uma conclusão impossível de prever. Além disso, seria sem dúvida necessário recorrer à arbitragem de Inglaterra, [o que]

> despertaria imediatamente a rivalidade invejosa que esta alimenta contra França, nomeadamente no que respeita o seu comércio na América, e ela não hesitaria em servir-se da sua influência junto da corte do Rio de Janeiro para impedir qualquer nego-

[15] Carta do barão de Gabiac, representante de França no Rio ao ministro dos Negócios estrangeiros, o conde de la Peronnay, 24 de novembro de 1828; legação de França no Rio de Janeiro - série A, artigo 102, Arquivos diplomáticos de Nantes.

> ciação cujo objetivo fosse aproximar os nossos estabelecimentos do rio Amazonas.[16]

Mais valia então deixar a questão "numa indefinição e incerteza" para não comprometer o futuro...

E de facto, as coisas ficaram por aí, até à instabilidade política no Estado vizinho do Pará se repercutir nos territórios contestados; em 1836, este proclamava unilateralmente a sua independência, episódio seguido de perturbações graves na cidade de Belém. França aproveitava então este momento de vulnerabilidade do estado centralizador do Rio de Janeiro para relançar as discussões com o Regente, ao mesmo tempo que preparava secretamente o estabelecimento de postos militares entre o Oiapoque e o Araguari: um primeiro na margem direita do Oiapoque – um segundo na ilha de Maraca (ou do Cabo do Norte – que nunca foi realizado) – e por fim um terceiro, nas margens do lago Mapa. Oficialmente, França procurava proteger-se de uma invasão de antigos rebeldes afastados de Belém pelas tropas imperiais. Mas na verdade, como fez notar o próprio ministro francês dos Negócios estrangeiros ao seu representante junto da corte brasileira, "tratava-se na realidade de uma tomada de posse desse território, dentro dos limites fixados pelo tratado de Utrecht",[17] a saber, o rio Vicente Pinzón. O objetivo era claramente arranjar para França

> [...] melhores oportunidades para obter territórios para além dos definidos no tratado de Utrecht [...] Ocupemos realmente e com todas as aparências de firmeza os territórios sobre os quais os nossos direitos de propriedade são incontestáveis, evitemos sobretudo fazer caso desta ocupação [...] Depois, quando o momento chegar, poderemos negociar com base no estado de

[16] *Ibid.*

[17] Carta do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Paris, 19 de outubro de 1836; legação de França no Rio de Janeiro - série A, artigo 102, Arquivos diplomáticos de Nantes.

> possessão com tanta segurança que os espíritos deverão estar preparados para ver-nos conservar sem retorno o território ocupado ou colonizado por nós.[18]

Todavia, este momento de fraqueza da diplomacia brasileira durou apenas um curto período: após ter domado os rebeldes de Belém e reintegrado o Pará no seu território federal, o Brasil requeria desde 1839 a aplicação das diretivas do Tratado de Viena para resolver o diferendo, ou seja, o recurso à arbitragem inglesa... Notemos que a imprensa britânica manifestava já o seu desagrado relativamente a esta suposta usurpação francesa do território brasileiro, sendo a época marcada por uma fase de confronto direto entre as duas potências europeias na América latina. Nesta altura, França envia navios de guerra para a Plata, encarregados de defender os interesses dos seus cidadãos numa zona em plena instabilidade política (guerra civil no Uruguai e ditadura militar na Argentina). Esta pressão francesa conclui-se em outubro de 1840 com a ocupação militar de Buenos Aires e a "chamada à razão" do ditador Rosas, então aliado dos Ingleses. Neste contexto de concorrência geopolítica, França não podia senão temer a intrusão do "inimigo histórico" nesta arbitragem. E ao passo que França praticava uma vasta política das canhoneiras em toda a América latina, o governo francês batia em retirada perante esta simples ameaça. Em alguns meses, entre fevereiro e julho de 1840, os Brasileiros obtinham o abandono dos dois fortins construídos havia pouco, entre os quais o posto mais meridional de Mapa, assim descrito na época:

> Tinha sido estabelecido numa ilha admirável no lago do mesmo nome que tem 20 léguas de perímetro; para aí chegar, é preciso percorrer o rio Mapa em frente da ilha Maraca, o espaço de 12 milhas. Nada de mais belo e admirável que este país. 100 homens da infantaria formavam a guarnição militar da ilha, abatemos imediatamente árvores enormes e no espaço de alguns dias, com

[18] *Ibid.*

> os recursos do local, estebelecemos um posto muito bonito e bom. Toda a guarnição foi alojada num grande carbeto que foi feito sem demora. A chuva não podia aí penetrar, o ar renovava-se constantemente, o que constitui uma grande causa de salubridade e o sol podia entrar pelas aberturas que podíamos fechar.[19]

Mais surpreendente ainda, quando os dois Estados tinham acordado em neutralizar a zona contestada, em julho de 1841, na expetativa de uma resolução final (com a constituição de uma comissão bipartida encarregada de determinar a natureza geográfica do Japoque), os Brasileiros estabeleciam um posto militar, batizado Pedro II, na margem esquerda do Araguari e portanto, na zona reivindicada por França. Ora, esta última parece só ter descoberto a sua existência em 1846,[20] e esperou ainda 4 anos para protestar oficialmente, tanto contra esta criação como contra a ocupação recente do fortim de Mapa pelas tropas brasileiras.[21] "O casamento de um filho de Louis-Philippe com uma princesa brasileira, provavelmente não foi inócuo nesta fraqueza da parte de França".[22]

A resolução do diferendo franco-brasileiro: antes de tudo, um desafio geográfico

As discussões entre as duas partes prosseguiram em Paris ainda mais intensamente entre 1855 e 1856; apesar das discussões renhidas, os dois plenipotenciários, o visconde de Uruguai para o Brasil, e o barão His de Butenval para o lado francês, não conse-

[19] Comandante Masson, relatório dirigido ao Ministro da Marinha e das Colónias, não datado mas é verossímil que tenha sido escrito entre 1842 e 1846; Legação de França no Rio de Janeiro - série A, artigo 102, Arquivos diplomáticos de Nantes.

[20] Pariset, governador da Guiana, por uma carta de 22 de agosto de 1846 ao ministro da Marinha e das Colónias, assinala que os Brasileiros estabeleceram vários postos na margem direita do Araguari, "para impedir a evasão dos escravos do seu território para o da Guiana francesa"; *ibid.*

[21] Carta de 4 de fevereiro de 1850 do ministro dos Negócios estrangeiros ao seu representante no Brasil; *ibid.*

[22] Edouard Maurel, "De nos droits sur le territoire contesté franco-brésilien", *op. cit.*: 546.

guiram chegar a acordo. No entanto, durante esses dois anos as pretensões dos dois campos haviam constantemente evoluído: assim, o clã brasileiro abandonava o tracejado fronteiriço em Oiapoque transferindo-o, por "saltos sucessivos", de Cassipoure a Carsevenne. Em paralelo, os Franceses, partindo da sua posição firme representada pelo Araguari, consentiam em aceitar o primeiro rio navegável mais a norte se o braço norte do Araguari se revelasse não navegável, quer fosse o Manaye (também chamada de Caraporis ou Tartarougal), situado a 1 grau 45 na latitude norte. Ora, o plenipotenciário brasileiro assinalava que o último limite autorizado pelo seu governo eram os 2 graus 35, ou seja o rio Carsevenne. E mais uma vez, esta longa sessão de discussão terminava com um novo fracasso.[23]

No entanto, destas longas discussões emergia a seguinte constatação: a geografia destes confins guianenses era então muito pouco conhecida, nomeadamente o desenho do curso superior dos rios do Contestado: "[...] este mapa [do Contestado] nunca foi feito, e é precisamente essa a dificuldade da história. Os diplomatas dissertaram doutamente sobre as dificuldades geográficas, sem ter em frente dos olhos nenhum mapa do conjunto minimamente credível".[24] Com efeito: se os Franceses, desde há quase um século e meio, batalhavam por uma fronteira baseada no curso do Araguari, prolongada por uma reta que partia da fonte desse mesmo rio em pleno oeste até ao rio Branco, ignoravam que na realidade o curso desse rio avançava rapidamente a pique para pleno norte; assim,

[23] Carta do ministro dos Negócios estrangeiros, datada de 23 de novembro de 1856, ao representante no Rio (St Georges); Legação de França no Rio de Janeiro - série A, artigo 102, Arquivos diplomáticos de Nantes.

[24] Henri Coudreau, "Le territoire contesté entre la France et le Brésil", *Bulletin de la Société de Géographie de Lilles*, t. V, 1886: 42-71 (68). (tradução nossa)

o facto é que a sua fonte se situa a cerca de 200 quilómetros do Oiapoque, o que reduz consideravelmente a superfície do território reivindicado.[25]

É justamente para tentar colmatar estas lacunas geográficas que em fevereiro de 1883, o subsecretariado francês para as Colónias enviava um tal de Henri Coudreau em expedição. Filho de proprietários agricultores da região de Charente, aspirava desde novo a integrar a prestigiosa Escola Naval ao passo que os seus pais queriam fazer dele um notário.[26] Admitido na École normale spéciale de Cluny, obteve uma licenciatura em história e geografia que lhe abria as portas para uma carreira de professor no ensino secundário. Segundo Max Mouchet, autor de uma biografia consagrada ao nosso homem, Coudreau nunca considerou o professorado como uma finalidade mas como um "meio": "A finalidade almejada, são as missões científicas" fá-lo dizer.[27] Estas últimas vão, todavia, de início, ser-lhe vedadas; após ter tentado incorporar a missão Flatters, em vão – e aliás, felizmente para ele...[28]...–, começava em 1879 a sua carreira de professor numa escola profissional em Reims, antes de ser transferido, pouco tempo depois, para Clermont-Ferrand. Em 1881, tendo solicitado um posto nas colónias, obteve o colégio de Caiena, a capital da Guiana francesa. Alguns anos antes, fora na exploração desse mesmo território que o francês Jules Crevaux (1847-82)

[25] Sébastien Benoit, *Henri Anatole Coudreau (1859-1899) - dernier explorateur français en Amazonie*, Paris, col. Recherches et Documents - Amériques Latines, l'Harmattan, 2000: 152 (100).

[26] Segundo Gustave Regelsperger, "Nécrologie d'Henri Coudreau", extraído do Bulletin de la Société de géographie de Rochefort, ano de 1900: 9 (1).

[27] Max Mouchet, *L'explorateur Coudreau ou la philosophie des voyages*, Melun, imprimerie Tschumi-Taupin 1973: 175 (21).

[28] Com o nome do tenente-coronel que a comandava, esta missão de exploração dos confins do Saara argelino, destinada a estudar o traçado de um caminho de ferro transariano ligando o Mediterrâneo ao rio Níger, foi aniquilada a 4 de dezembro de 1880 por um forte partido de Tuaregues.

adquirira uma celebridade internacional tão rápida quanto curta, tendo morrido tragicamente assassinado por índios Tobas durante uma exploração da bacia hidrográfica do rio Pilcomayo (um afluente do rio Paraguai na região de Gran Chaco).

O nosso aventureiro-explorador de Charente andava à roda neste jogo geopolítico complexo, à maneira de cão doido com um jogo da malha.

A "rocambolesca" campanha de exploração de 1883-1884

As fontes diplomáticas francesas descrevem-nos uma capital guianense um pouco exaltada com a contestação territorial que dura há mais de um século e não tem sequer um início de resolução. A situação política com o vizinho tinha de facto ficado mais tensa no início do ano de 1882, depois da inspeção e do embargo de vários barcos franceses que navegavam as imediações de Mapa, por um navio da alfândega brasileira.[29] O governador Charles Alexandre Lacouture, no posto desde 1880, chamado para a metrópole em dezembro de 1882, foi substituído por um governador "de combate", Henri Isidore Chessé (1839-1912). Este antigo oficial da infantaria da marinha, transferido para a administração colonial com 35 anos, conheceu uma celebridade efémera no seu país por ter obtido pacificamente em 1879 a passagem de um vasto domínio da Oceania para a autoridade francesa.[30] Após uma desgraça que durou 18 meses, o ministro do Interior e dos Cultos (e futuro presidente) Armand Fallières nomeava-o para dirigir a colónia guianense para, podemos supô-lo, voltar a dinamizar um território deserdado, se nos fiarmos

[29] Carta do ministério dos Negócios estrangeiros de 21 de março de 1882; Legação de França no Rio de Janeiro - série A, artigo 103, Arquivos diplomáticos de Nantes.

[30] Este território era constituído por não menos de cento e onze ilhas, a saber o aquipélago do Tahiti, as ilhas de Sotavento, o arquipélago de Gambier, etc.

no retrato que dele faz Chessé alguns meses depois de ter entrado em funções:

> De facto, aqui hoje a vida é cara, desagradável, penosa; — todas as condições materiais da existência são um verdadeiro sofrimento a todos os instantes: — o antigo comércio vegeta ou permanece estagnado; — exceto para algumas sociedades que possuem recursos poderosos, a indústria aurífera encontra-se num período de descida; — da agricultura nem falo — não existe! — A população, — o que dizer? — Que mal conta com 25.000 almas, num território que, — considerando apenas o que é diretamente governado e administrado por nós hoje, — tem 9.500.000 hectares, ou seja, é do tamanho de dezanove departamentos franceses![31]

O novo governador foi encarregado pelo Sr. De Mahy, ministro da Marinha e das Colónias em ínterim, de informar um Coudreau que imaginamos impaciente, sobre a continuação da obra de exploração dos confins de Guiana, iniciada por Jules Crevaux. As instruções dadas numa carta de 20 de fevereiro de 1883[32] ao futuro explorador eram bastante claras: tratava-se de percorrer os espaços do Contestado franco-brasileiro compreendido entre o Oiapoque e o Amazonas, a fim de se debruçar sobre "[...] as produções do território contestado, as suas vias fluviais, as suas populações, as operações comerciais que

[31] Isidore Chessé, *Discours prononcé à l'ouverture de la session ordinaire du Conseil Général du 19 novembre 1883*, Cayenne, Imprimerie du gouvernement, 1883: 22 (11).

[32] O mandato do Sr. de Mahy acabou no dia a seguir ao envio destas mesmas instruções; também Jules Ferry, o novo chefe do governo, só tomou conhecimento da missão atribuída a Coudreau bem mais tarde... "Com Jules Ferry, a 21 de fevereiro de 1883, França voltava a ter um poder forte e um governo estável [...] mas é apenas no mês de setembro de 1883 que será novamente criado um subsecretariado de Estado para as Colónias". François Berge, "Le Sous-secrétariat et les Sous-secrétaires d'État aux Colonies: histoire de l'émancipation de l'administration coloniale", *Revue française d'histoire d'outre-mer*, t. 47, n° 168-169, 1960: 301-76 (317).

aí se efetuam, numa palavra, de procurar saber qual é a sua extensão, o seu valor".[33] Além disso, Coudreau estava encarregado "de estudar discretamente a linha de demarcação entre o Brasil e a República francesa que poderá ser proposta, 'se for o caso'".[34] Na verdade, no que toca a discrição, foi exatamente ao contrário...

Em primeiro lugar, a imprensa local, ou seja, o jornal *Le Réveil de Guyane*, que aliás tinha uma relação muito má com o governador, tornou-se rapidamente o eco da partida da expedição Coudreau. O cônsul do Brasil em funções em Caiena informou imediatamente o seu governo, e na expetativa de um protesto oficial, transmitiu de forma bastante oficial a sua surpresa e indignação a Chessé. Este último cometeu então o erro de transmitir ao ministro da Marinha e das Colónias a resposta que tinha dado aos protestos brasileiros: o governador defendia a ideia de retomar o mais rápido possível a questão da delimitação das fronteiras franco-brasileiras. Este não era de todo o ponto de vista do seu ministro, que o repreendeu secamente: "O nosso país está demasiado comprometido no exterior para que possamos pensar em empenhar-nos novamente na resolução de um problema cuja solução pode desde há tanto tempo ser adiada sem grandes inconvenientes".[35] Enfim, ele recomendava-lhe uma grande reserva e sobretudo, de nada empreender. Conselho vão: algumas semanas mais tarde, encontramos uma nova repreensão do ministério, que o censurava por ter atribuído um caráter político

[33] Nota do ministro da Marinha e das Colónias ao Presidente do Conselho. Cópia do ministério dos Negócios estrangeiros, transmitida ao representante de França no Rio de Janeiro, Paris, 5 de maio de 1884; série A, artigo 103, Arquivos diplomáticos de Nantes.

[34] Carta do subsecretário de Estado para as Colónias ao governador Chessé, Paris, 20 de abril de 1884; Despachos ministeriais, 1º semestre 1884, 1 M 111, aquivos departamentais da Guiana.

[35] Carta do subsecretário de Estado das Colónias para o governador Chessé, Paris, 5 de julho de 1883; Despachos ministeriais, 2º semestre de 1884, 1 M 111, arquivos departamentais da Guiana.

à missão Coudreau. Lembrava-lhe que se tratava de uma missão científica que não deveria suscitar nenhuma reclamação da parte do governo brasileiro.[36] Por fim, alguns dias mais tarde, numa nova carta, o ministro lembra ao seu governador que a questão territorial seria resolvida entre Paris e o Rio de Janeiro, e não em Caiena...[37]

O facto é que os protestos brasileiros não tardaram; a partir do fim do mês de dezembro de 1883, o seu agente diplomático em Paris, o barão de Itajuba, manifestava-se junto de Jules Ferry, então presidente do Conselho, contra a presença "de um engenheiro francês acompanhado de agrimensor"[38] em Amapá. Um mês mais tarde, o mesmo barão dirigia-lhe uma novamente uma longa missiva de protesto. Nessa carta descrevia longamente o trajeto seguido por Coudreau assim como os seus supostos estratagemas:

> Ele chamou a atenção, não apenas por causa das atividades a que se dedicou durante a sua viagem mas também pelas informações que dava sobre a sua missão [...] pelas suas maquinações no território de Amapa declarando aos habitantes desta região que fariam bem em aderir à causa francesa [...] e assegurando que Oiapoque

[36] Carta do subsecretário de Estado nas Colónias para o governador Chessé, 28 de agosto de 1883; Despachos ministeriais, 2º semestre de 1884, 1 M 111, arquivos departamentais da Guiana.

[37] "No meu despacho de 28 de agosto, fazia-lhe notar que a Guiana era suficientemente vasta, fora do território contestado, para prover um grande campo para a nossa atividade; que se tratava antes de mais de trazer o trabalho para este país infeliz cuja produção decresce dia após dia, no qual os ateliers estão desertos, que nem sequer produz os bens alimentares mais indispensáveis à sua população. Nestas condições, seria razoável engrandecer um território cujas riquezas não podem ser exploradas por falta de braços para o êxito de um projeto prematuro?"

Carta do subsecretário de Estado para as Colónias ao governador Chessé, 31 de agosto de 1883; Despachos ministeriais, 2º semestre de 1884, 1 M 111, arquivos departamentais da Guiana.

[38] Carta do barão de Itajuba, agente diplomático do Brasil em Paris ao ministro dos Negócios estrangeiros, 24 de dezembro de 1883; série A, artigo103, Arquivos diplomáticos de Nantes.

e Conani pertenciam a partir desse momento à Guiana francesa.[39]

Com efeito, em segundo lugar, por causa da sua conduta Coudreau tinha-se feito notar de modo bastante desfavorável. Para já, em vez de ser discreto a propósito da sua exploração, fez com que ela fosse publicitada o máximo possível dirigindo em março de 1884 ao *Bulletin de la Société de Géographie* de Paris um primeiro relatório oficialmente não escrito por ele próprio, mas redigido "[...] com base numa carta bastante desajeitada que um naturalista muito empenhado na sua missão enviou",[40] facto que lhe valeu uma forte reprimenda do seu financiador, o subsecretário de Estado para as colónias. Assim, durante todo este ano, a comunidade geográfica francesa, mas também belga[41] poderia seguir as peregrinações do nosso homem na vasta bacia amazónica. Por exemplo, em março de 1884, a Sociedade de geografia de Marselha informava os seus aderentes da missão confiada a Coudreau "[que] acompanhado de MM. Joseph Roche e C. Dumont, foi enviado pelo Sr. Chessé, governador da Guiana, para a região do Amazonas, para estudar esse maravilhoso país".[42]

[39] Nota do barão de Itajuba, agente diplomático do Brasil em Paris ao ministro dos Negócios estrangeiros, 24 de janeiro de 1884, *ibid.*

[40] *Ibid.*

[41] "Missão francesa ao Amazonas. O *Diário de Grão-Pará* anuncia que uma missão enviada ao Amazonas pelo ministro da marinha de França chegou ao Pará. Esta missão é constituída por MM. H. Coudreau, J. Roche e C. Dumont. A sua finalidade é completar e corrigir, tanto quanto possível, os estudos anteriores sobre o Amazonas, estudar as condições sociológicas e económicas do país, assim como da raça indígena, na sua evolução histórica, verificar as suas aptidões para a vida civilizada, tirar as medidas cranianas a membros da família índia, em conformidade com os mais recentes métodos antropológicos". *Bulletin de la Société Royale Belge de Géographie*, fevereiro-março 1884: 260.

[42] "Sabemos que La Condamine, Humboldt, Bompland, Castelnau, d'Orbigny, Martins. Agassiz, Crevaux, Wiener, etc., já visitaram esta região das florestas virgens". *Bulletin de la société de géographie de Marseille*, t. 2, 1884: 82.

Alguns meses depois, tinha-se mais informação sobre o desenvolvimento da missão, com exploradores que planeavam ficar dois anos na vasta bacia do Amazonas, circulando a partir da sua base em Manaus em direção dos rios Negro, Branco, Purus, Madeira e "[...] em geral o alto Amazonas. Durante o segundo ano percorreram os afluentes conhecidos sob o nome de Trombetas, Jacarapy, Xingu, Tapajós, e Tocantins".[43] Discrição, diziam eles... Isto era demais para o ministro da Marinha e das Colónias, que exigia ao governador da Guiana que este chamasse Coudreau de volta à colónia guianense. Em resposta, Chessé enviava as seguintes linhas ao ministro: "Lamento aliás que o Sr. Coudreau não tenha melhor realizado a sua missão, pois ele teria certamente podido prestar serviços importantes ao departamento".[44] Repare-se que a espressão destas desculpas não impediu a destituição do seu autor no final do ano de 1884...

Em terceiro lugar, tal como salienta o excerto acima, o explorador havia ultrapassado "largamente" os objetivos iniciais da sua missão tendo ido, de sua própria iniciativa, até ao Amazonas. Em seguida, por ocasião de uma passagem em Belém, ter-se-ia comportado de forma grosseira diante das autoridades do Pará: o barão de Itajuba declara que Coudreau teria recusado apresentar-se a quem quer que fosse a não ser o Presidente do Pará, o visconde de Maracaju ("impressão deplorável", etc.). Acaba por encontrar-se com ele, assegurando-lhe que a sua missão era exclusivamente científica e semelhante à do seu ilustre predecessor, Jules Crevaux... Embaraço e grande irritação de Jules Ferry que se empenhou desde logo em desmascarar o caso; por um lado, assegurava ao representante do Brasil que a presença na zona contestada do explorador francês "[...] sem funções administrativas, [não implicava] a nenhum nível

[43] *Bulletin de la société de géographie de Marseille*, t. 2, 1884: 195.

[44] Carta de Chessé sem data. Nela indica que envia junto o relatório de Coudreau, não presente nos arquivos; série A, arti103, Arquivos diplomáticos de Nantes.

uma tomada de posse do país".[45] Mas também aproveitava a ocasião para relançar a negociação, insistindo na posição moderada de França desde 1856: esta tinha fechado os olhos a respeito do posto militar Dom Pedro II a norte do Araguari e do estabelecimento mais recente da colónia brasileira de Apurema, a sul do rio Manaye (base francesa de discussão de 1856). Ora, os Brasileiros tinham voltado às suas pretensões de antes desta data, ou seja, o Oiapoque. Jules Ferry estipulava que estava fora de questão, senão França retomaria as suas, ou seja, o Araguari: "Esta solução seria mais desfavorável para o Brasil que para França, pois esta absteve-se até aqui de erguer a sua bandeira a sul do Oiapoque. Parece então preferível fazer do espaço compreendido entre o Carsevenne e o Manaye uma zona neutralizada e proibida aos funcionários dos dois países".[46] Sobre este pressuposto, pedia uma resposta brasileira, cuja existência ignoramos. Em paralelo, Jules Ferry pedia explicações ao seu colega encarregado da Marinha e das Colónias, que em retorno lhe transmitia uma nota explicativa sobre os objetivos da missão Coudreau. O ministro concluía assinalando "[que] estas instruções sensatas [não tinham] sido seguidas pelo Sr. Coudreau, cujo objetivo parece ter sido fazer da sua missão uma missão política!"[47]

Por fim, no âmbito financeiro, a missão Coudreau virou uma catástrofe, os 20.000 francos concedidos inicialmente pelo subsecretário de Estado para as Colónias revelaram-se insuficientes. No entanto, Chessé socorreu o explorador, levantando de outras rubricas orçamentais as somas necessárias; mas isto foi descoberto...[48] Apa-

[45] Resposta de Jules Ferry ao representante diplomático do Brasil, Paris, 1 de fevereiro de 1884, *ibid.*

[46] *Ibid.*

[47] *Ibid.*

[48] "Peço-lhe desde já que me forneça com urgência explicações categóricas sobre as imputações irregulares apontadas acima e convido-o a parar imediatamente todas as missões coloniais empreendidas atualmente". Carta do subsecretário de Estado para as Colónias ao governador Chessé, Paris, 10 de janeiro de 1884; Despa-

nhado em flagrante, enviava em março de 1884 um pedido oficial de outorga de 15.000 francos suplementares, destinada a apoiar o nosso explorador, bloqueado desde dezembro de 1883 no Estado do Pará, por falta de recursos. Com a ajuda deste novo financiamento, Coudreau propunha continuar, durante os seis meses seguintes, o estudo do montante da bacia hidrográfica do Amazonas, em direção do Rio Branco, e depois procurar uma fronteira natural entre o Amazonas e a Serra de Tumucumaque "[...] desviando-se o mínimo possível da linha equatorial".[49] O secretário de Estado recusou, argumentando que ainda que a primeira a parte da proposta fosse interessante do ponto de vista do conhecimento científico, permanecia no entanto "de uma utilidade das mais contestáveis para a colónia": "Acrescentarei que a inconsequência com a qual o Sr. Coudreau agiu até agora não me permite confiar-lhe a segunda missão que ele solicita sobre o território contestado".[50]

Os financiamentos oficiais estavam-lhe doravante bloqueados, mas Coudreau prosseguiu as suas explorações, tendo pedido emprestado uma soma importante a um compatriota estabelecido no Pará, um tal de Barrau. Aliás, mais tarde, este encontrou bastante dificuldade em reaver o dinheiro, pois as autoridades francesas indeferiram o seu pedido.

Para concluir: Coudreau, da paixão à frustração

De facto, a constatação final desta primeira expedição revela-se mitigada. Do ponto de vista científico, a expedição parece ter sido um êxito inegável; garantiu ao seu autor uma celebridade nacional e internacional imediata, da qual soube tirar proveito não só dando

chos ministeriais, 1º semestre 1884, 1 M 111, arquivos departamentais da Guiana.

[49] Carta do subsecretário de Estado para as Colónias ao governador Chessé, Paris, 20 de abril de 1884; Despachos ministeriais, 1º semestre 1884, 1 M 111, arquivos departamentais Guiana.

[50] *bid.*

várias conferências no seio de sociedades de eruditos, mas também pelas suas obras que, em boa verdade, eram frequentemente obras de auto-promoção. Mas de um ponto de vista "relacional", o fiasco aparece-nos retumbante e o homem saiu amargurado desta experiência. Aos nossos olhos, as razões são múltiplas: tratava-se de um explorador muito jovem (24 anos), impetuoso, de caráter "íntegro", encorajado até ao limite pelas autoridades locais de Caiena (Chessé e os oficiais da guarnição local). E como escreve de maneira bastante bonita Sébastien Benoit, com o final desta primeira expedição "[...] o explorador tinha parado de ser exclusivamente um científico para se transformar num aventureiro".[51]

É certo que em seguida, uma segunda missão lhe é confiada, mas em direção dos confins guianenses situados no sentido contrário ao do Contestado. Em 1887, a administração da colónia e o ministério da Instrução pública subvencionavam até 6.000 francos uma nova expedição com objetivos geográficos e etnográficos; como indicava então o ministério dos Negócios estrangeiros ao representante de França no Rio de Janeiro, a missão Coudreau dizia respeito à bacia do Alto Oiapoque, os montes Tumucumaque e a bacia do médio Maroni. Para evitar problemas com o Brasil, "[...] a região dos territórios contestados ficará absolutamente fora do itinerário deste explorador; instruções formais foram-lhe dadas a este respeito".[52] No caso de uma nova desobediência – "[...] que estou convencido de que não acontecerá" –, o governador da colónia guianense ficava encarregado de tomar todas medidas necessárias à repatriação do explorador para a Metrópole.[53]

[51] Sébastien Benoit, *Henri Anatole Coudreau*, *op. cit.*: 113.

[52] Ministério dos Negócios estrangeiros ao conde Amelot de Chaillou, 16 de maio de 1887, carta classificada "confidencial"; série A, artigo 103, Arquivos diplomáticos de Nantes.

[53] Carta do subsecretário de Estado para as Colónias ao governador, Paris, 6 de maio de 1887; Despachos ministeriais, 1º semestre de 1884, 1 M 111,

Esta nova exploração, menos espetacular, terminou todavia com um sucesso "teórico", tendo feito, em 18 meses de terreno nos montes Tumucumaque onde prosseguiu com as atividades de Jules Crevaux, o levantamento de perto de 4.000 quilómetros de itinerários dos quais 2.600 em rio e 1.400 em montanha: "Ele determinou a altitude de 150 cumes, realizou 2.000 medidas meteorológicas, para não falar das observações de ordem etnológica, linguística e económica sobre os índios do sul da Guiana".[54] Desta expedição, estabelece um mapa muito detalhado da Guiana, em seis folhas a uma escala de 1/100.000, e isto sem recorrer a nenhum sistema de triangulação, o que podia na altura parecer uma proeza. De facto, foi preciso esperar pelos trabalhos do engenheiro-geógrafo Jean Hurault, levados a cabo a seguir à Segunda Guerra mundial, para nos apercebermos que as contribuições cartográficas de Coudreau eram completamente fantasiosas. O olhar de Hurault sobre os trabalhos do explorador é pior que cruel, sendo este último, entre outras coisas, acusado de: "[...] encher o Sul da Guiana com cadeias e maciços imaginários. Podemos dizer que ele deu corpo à lenda [dos montes Tumucumaque]. Estes mapas, que são o resultado de desenhos de itinerários orientados pela bússola, realizados sem método e sem controlo, são dos piores que jamais foram feitos na Guiana".[55]

arquivos departamentais da Guiana.

[54] Numa Broc, *Dictionnaire des explorateurs et grands voyageurs français du XIXe siècle - Amérique*, Paris, éditions du CTHS: 362 (92).

[55] "O seu mapa do Tumucumaque, publicado no *Bulletin de la Société de Géographie de Paris* (1893, 1° trimestre) mostrava aos seus contemporâneos a configuração detalhada da famosa cadeia, da qual mais ninguém poris em causa a existência até ao momento em que o sobrevoo aéreo do extremo Sul mostrou que a região era tão pouco acidentada quanto o resto da Guiana". Etc. Jean Hurault, "Une chaîne de montagnes imaginaire: les Tumuc-Humac", *Revue française d'histoire d'outre-mer*, t. 60, n° 219, 1973: 242-50 (244).

A juventude e uma saúde rapidamente posta à prova pelo clima equatorial não explicam tudo.[56] Coudreau aparece-nos como um personagem bastante compósito; e podemos pensar que o seu caráter íntegro é a causa das desilusões que marcaram rapidamente a sua carreira de explorador. O homem tinha, com efeito, uma ideia muito elevada da sua pessoa, como evidencia, por exemplo, o relato que fez da grave crise diplomática desencadeada por causa da sua conduta inábil durante a expedição do Contestado:

> Em 1883 e 1884, eu revelava todos estes factos de alto nível. Isto provocou uma troca de missivas entre o Sr. Jules Ferry e o Sr. Barão de Itajuba, representante diplomático do Brasil [...] Isto causou um pequeno contratempo às duas potências, sem nenhum resultado, como se pode imaginar. Era preciso que alguém pagasse as despesas e a punição. Foi o desgraçado de repórter. E o incidente foi logo enterrado, com as frases habituais.[57]

Após esta primeira expedição, à desconfiança das autoridades francesas a respeito do personagem veio juntar-se um reconhecimento científico "fraquinho". Se o explorador, durante a vida, foi bastante reconhecido pela grande comunidade das sociedades locais de geografia entusiasmadas com as explorações exóticas e as conquistas coloniais, Coudreau não deixou nenhum rasto no seio da geografia oficial francesa. Esta, representada pelos universitários agrupados em torno dos ensinamentos de Paul Vidal de Blache, podia ver nele a encarnação de tudo aquilo sobre o qual desejava fazer tábula rasa, ou seja, uma disciplina erudita baseada nas sociedades locais de geografia, da qual denunciava constantemente a mediocridade científica. Do mesmo modo, alguns dos propósitos desenvolvidos

[56] "Ele tem 28 e parece ter quarenta". F-J de Santa-Anna Nery, prefácio da obra de Henri Coudreau, *La France Equinoxiale, t. 1: études sur les Guyanes et l'Amazonie*, Paris, Challamel ainé, 1886: 436 (XII).

[57] Henri Anatole Coudreau, *Les Français en Amazonie*, Paris, Librairie Picard-Bernheim, 1887: 229 (145).

nos escritos de Coudreau podem surpreender; neles encontramos uma glorificação antiquada, à moda do século XVIII, dos Índios bons e a rejeição de todas as outras comunidades, à exceção dos Brancos, e isto com uma argumentação de um racismo que, mesmo contextualizado na época, é chocante.[58] Por fim, é preciso observar que o célebre geógrafo francês Elisée Reclus não foi propriamente mais caridoso com o nosso personagem: no longo capítulo da sua *Nouvelle Géographie universelle* [Nova geografia universal] dedicada às Guianas, o explorador é apenas mencionado duas vezes, sem grande desenvolvimento.

Finalmente, assinalemos que Henri Coudreau deixa uma obra "científica" respeitável mas que foi rapidamente esquecida, contrariamente à do seu grande rival póstumo, Jules Crevaux.[59] No entanto, como se pode ficar insensível à sua definição da ciência geográfica, dada em 1886 e muito moderna para a época – "Pela ciência social ela atinge as elevações mais majestuosas da filosofia; pela ciência do bem-estar, quer dizer, da utilização das coisas e das forças, ela desce até à economia doméstica e às bisbilhotices das eleições municipais da aldeia"[60] – ?

[58] "Je crois aux nègres. Ils ont leur utilité, comme les Australiens, les Tasmaniens, les Samyèdes, les Eskimaux, les Veddas. En se croisant avec les blancs, il donnent parfois, et même souvent, des hommes d'une superficie remarquable et même des hommes d'une valeur réelle. Admettez que nous traiterons les nègres en pupilles et les mulâtres en auxiliaires, et nous sommes d'accord. Bien. Mais au point de vue de ce qui nous occupe maintenant, l'Amérique chaude, pensez-vous que le nègre vaille l'Indien? Moi, je ne le crois pas". Henri Anatole Coudreau, *Les Français en Amazonie*, *op. cit.*: 173.

[59] En parallèle, les travaux de son épouse Octavie, qui poursuivit pour les Brésiliens jusqu'en 1908 l'œuvre de son mari, méritent pleinement d'être redécouverts. Cf. Federico Ferretti, "Imperial ambivalences. Histories of lady travellers and the French explorer Octavie Renard-Coudreau (1867–1938)", *Geografiska Annaler: Series B, Human Geography*, 2017; en ligne, http://dx.doi.org/10.1080/04353684.2017.1353887

[60] Henri Anatole Coudreau, *La France Équinoxiale*, t. 1, *op. cit.*: 431.

REFERÊNCIAS

Benoit Sébastien, *Henri Anatole Coudreau (1859-1899) - dernier explorateur français en Amazonie*, Paris, col. Recherches et Documents - Amériques Latines, l'Harmattan, 2000: 152.

Broc Numa, *Dictionnaire des explorateurs et grands voyageurs français du XIXe siècle - Amérique*, Paris, éditions du CTHS, 1999: 362.

Cardoso Galant Francinete, "Le Contesté franco-brésilien: la construction des territorialités dans l'Amazonie orientale", dans *Lieux, Milieux et territoires*, n° spécial de la revue *Hégoa*, n° 24, 2004: 121-126.

Coudreau Henri Anatole, "Le territoire contesté entre la France et le Brésil", *Bulletin de la Société de Géographie de Lilles*, t. V, 1886: 42-71.

Coudreau Henri Anatole, *La France Equinoxiale, t. 1: études sur les Guyanes et l'Amazonie*, Paris, Challamel ainé, 1886: 436.

Coudreau Henri Anatole, *Les Français en Amazonie*, Paris, Librairie Picard-Bernheim, 1887, 229.

Ferretti Federico, "Le fonds Reclus-Perron et le contesté franco-brésilien de 1900", *Terra Brasilis (Nova Série),* 2 | 2013, en ligne, http://terrabrasilis.revues.org/766

Ferretti Federico, "A new map of the Franco-Brazilian border dispute (1900)", *Imago Mundi, the International Journal for the History of Cartography*, 67 (2), 2015: 229–42.

Ferretti Federico, "Tropicality, the unruly Atlantic and social utopias: the French explorer Henri Coudreau (1859-1899)", *Singapore Journal of Tropical Geography*, Wiley, 2017, 8: 332-49.

Ferretti Federico, "Imperial ambivalences. Histories of lady travellers and the French explorer Octavie Renard-Coudreau (1867–1938)", *Geografiska Annaler: Series B, Human Geography*, 2017; en ligne, http://dx.doi.org/10.1080/04353684.2017.1353887

Granger Stéphane, "Le Contesté franco-brésilien: enjeux et conséquences d'un conflit oublié entre la France et le Brésil", *Outre-mers*, t. 98, n° 372-3, 2011: 157-77.

Hurault Jean, "Une chaîne de montagnes imaginaire: les Tumuc-Humac", *Revue française d'histoire d'outre-mer*, t. 60, n° 219, 1973: 242-50.

Lézy Emmanuel, *Guyane, Guyanes - une géographie "sauvage" de l'Orénoque à l'Amazone*, Paris, col. Mappemonde, Belin, 2000: 347.

Maurel Edouard, “Historique de la Guyane - ses limites”, *Bulletin de la Société de Géographie de Toulouse*, n° 10-12, 1888: 335-81.

Maurel Edouard, “De nos droits sur le territoire contesté franco-brésilien”, *Bulletin de la Société de Géographie de Toulouse*, n° 6, 1897: 540-59.

Mercier Guy, “La géographie de Paul Vidal de la Blache face au litige guyanais: la science à l’épreuve de la justice”, *Annales de Géographie*, n°667, mai-juin 2009: 294-317.

Mouchet Max, *L’explorateur Coudreau ou la philosophie des voyages*, Melun, imprimerie Tschumi-Taupin 1973: 175.

Puyo Jean-Yves, “Du Contesté franco-brésilien à la République de Counani : histoire édifiante et curieuse d’une cryptarchie éphémère”, dans *Ils ont fait les Amériques… Mobilités, territoires et imaginaires*, L. Dornel Laurent, M. Guicharnaud-Tollis, M. Parsons, J-Y. Puyo (dir.), Bordeaux, Presses universitaires de Bordeaux, 2012: 412 (279-91).

Reclus Elisée, “Les Guyanes”, dans la *Nouvelle Géographie universelle – t. XIX Amérique du Sud*, Paris, Hachette, 1894: 821 (1-90).

Regelsperger Gustave, “Nécrologie d’Henri Coudreau”, extrait du *Bulletin de la Société de géographie de Rochefort*, année 1900: 9.

Romani Carlo, “Algumas geografias sobre a fronteira franco brasileira”, *Ateliê Geográfico, revista electronica*, n° 3, mai 2008: 43-64.

Thésée Françoise, “Un mémoire inédit de Victor Hugues sur le Guyane”, *Revue française d’histoire d’outre-mer*, t. 57, n° 209, 1970: 469-502.

Vaultier Jean Bernard, *Sur les traces d’un explorateur au XIXe siècle en Amazonie - Henri Coudreau (1859-1899), de la Guyane au Brésil*, La Rochelle, éditions Astrobale, 1995: 67.

Vidal de la Blache Paul, *La rivière Vincent Pinzon - étude sur la cartographie de la Guyane*, Paris, Félix Alcan éditeur, 1902: 115.

Henri Coudreau e a natureza amazonense

Daniel Armas Núñez[1]
Universidad de La Laguna

A concepção de viagem sofre uma mudança exponencial na Europa a partir do século XVIII e sua nova vontade de romper com a ignorância e o dogmatismo pela razão. A apreensão de conhecimentos pertencentes a todas as áreas tornar-se-á, à época, um verdadeiro instrumento, indispensável para se atingir o progresso e a felicidade dos povos. Esses princípios ideológicos marcarão profundamente a maneira de se perceber e compreender o mundo e provocarão o interesse enciclopedista e científico que, definido por sua ambição de analisar a realidade, encorajará um novo modelo de viagem. Durante o século XVIII, produzir-se-á uma grande onda de deslocamentos dirigidos para todas as direções do globo, visando ao desvendamento de todos os enigmas. Essas campanhas científicas serão, frequentemente, concebidas como projetos a serviço de sociedades e governos que imporão, a seus viajantes, tarefas concretas. Os destinos dessas expedições serão analisados sob diversas perspectivas e segundo diferentes áreas de conhecimento, o que fará com que a Amazônia seja percebida como uma fonte inesgotável de material de estudo, mas também de exploração.

A viagem nessa região, durante o século XIX, realizar-se-á sob a influência notável dos métodos e dos princípios de Alexander von Humboldt e o conceito interiorizado de *História Natural*, mas não será o único elemento pertinente na definição e divulgação da *Hiléia*. No que concerne ao contexto político europeu, o século XIX

[1] Traduzido do francês por Maria Ruth Machado Fellows e Stela Maria Sardinha Chagas de Moraes.

coincide com uma época de grande desenvolvimento econômico, técnico, científico e cultural que, associada à ideia de progresso e de hegemonia racial, favorecerá a expansão colonial. Essa ambição colonizadora despertará o interesse das academias e das sociedades, assim como o dos colecionadores e dos aventureiros. A Amazônia tornar-se-á, então, um dos destinos mais cobiçados e inspiradores para os europeus, que aumentarão o número de visitas depois do fim das guerras napoleônicas. As experiências dos franceses Alcide d'Orbigny, entre 1826 e 1833, e Francis Castelnau, entre 1843 e 1847, são exemplos significativos do magnetismo amazonense. Essas viagens, seus métodos e seus alvos serão definidos pela herança e pelos testemunhos de tipo científico; entretanto, o olhar do novo expedicionário afastar-se-á, pouco a pouco, daquele do naturalista puro, do expert, à medida que o século XIX avança. Essa mudança na concepção dos seres vivos e do ser humano em particular ocorre em um contexto social moldado pela Revolução Industrial e seu desejo de desenvolvimento técnico e econômico. A modernização das nações imporá um novo objetivo para as expedições. Essas ideias, amplamente propagadas, tanto na França quanto no Brasil, repercutirão diretamente sobre o nascimento, ao longo das últimas décadas do século XIX, de uma figura que substituirá a do naturalista, uma figura marcada pela ideia de progresso baseada na dominação humana do território e o desenvolvimento industrial: o explorador. Henri Coudreau corresponde a essa descrição.

Henri Anatole Coudreau nasce em Sonnac, Charente Inférieure, em 1859. Desde pequeno, ele demonstra um grande interesse pela navegação e o ofício de marinheiro. Assim, apesar dos imperativos familiares, ele acabará aceitando o posto de professor de História no liceu de Caiena em 1881. A Guiana Francesa representará um enorme desafio para o jovem Coudreau que, com 21 anos, entra em contato, pela primeira vez, com as regiões equatoriais, e começa a praticar a exploração. Em 1883, o subsecretário das Colônias lhe

confia sua primeira missão oficial: a inspeção de uma vasta faixa de território brasileiro, do Amapá até o rio Uaupés, compreendendo o famoso Contestado franco-brasileiro. O sucesso dessa missão e a riqueza das informações fornecidas impulsionam a carreira expedicionária de Coudreau, cujos serviços serão solicitados diversas vezes por instituições e setores relacionados ao governo francês, até 1895. Durante esse longo período, Coudreau percorrerá a Amazônia guianense, extraindo preciosas informações para a administração das Colônias. A partir de 1895, e até 1899, data de sua morte, o explorador realizará numerosas missões encomendadas pelo governo do estado do Pará: sete itinerários no interior amazonense do Brasil em menos de quatro anos, que serão perpetuados por sua esposa, Octavie Coudreau. Essas viagens ambicionarão a exploração dos rios Tapajós, Xingú, Tocantins, Araguaia, Itaboca, Itacaiúnas, Nhamundá, Trombetas e a zona compreendida entre o Tocantins e o Xingú.

Com quase vinte anos como explorador, Henri Coudreau cobrirá grandes extensões, de forma a testemunhar a enorme variedade que a natureza amazonense apresenta. Seus relatos fornecem descrições que variam em função do tipo de paisagem, das condições climáticas, das espécies encontradas..., descrições que certificam a existência de uma Amazônia múltipla. Ao longo de suas viagens, Coudreau verifica que essa imensa região abriga uma diversidade insólita, mas também um combate de forças, um complicado jogo de contradições que resulta em imagens tão paradisíacas quanto infernais. Esses saltos na percepção da natureza são essencialmente determinados pelas mudanças no território. Apesar de a *Hiléia* ser identificada, pela maioria dos viajantes, como uma floresta impenetrável, as experiências do expedicionário francês mostram que esta compreende, igualmente, outros tipos de paisagem. Um dos primeiros contextos descritos por Coudreau será o espaço fluvial, pois este constituirá o caminho dos exploradores. Em seus escritos, ele fornece toda informação possível concernente às características dos

rios que ele localiza e suas condições de navegação, mas ele descreve também os esforços realizados pela tripulação para ultrapassar os obstáculos. Dentre estes, encontram-se os saltos, as corredeiras, os rochedos, mas também a vegetação. Coudreau expressa igualmente a dificuldade para avançar, quando as correntes de água são invadidas por ela, seja no interior ou no exterior. Os arbustos que parecem levitar acima da superfície, assim como as pilhas de sedimentos, conseguem entravar a navegação, tornando os remos imprestáveis e obrigando a tripulação a fazer uso de outros meios para continuar, tais como o gancho e a forquilha.

Entretanto, esses supostos obstáculos podem agir também como fonte de inspiração para a pena do viajante francês que vê, neles, componentes de um domínio selvagem, mas admirável:

> As quedas brilham ao sol poente como uma neve alpestre em um céu claro de dezembro. Às vezes, através do sussurro das inumeráveis corredeiras e [d]o sempre estrondoso trovão com o qual o barulho das quedas vem se fundir em uma selvagem harmonia, acreditaríamos escutar vozes [...] ilusão que nasce espontaneamente da sinistra beleza dessa solidão. (Coudreau, 1900: 54)

O expedicionário se mostra particularmente seduzido pela hidrografia da *Hiléia*, devido a sua carga poética, mas sobretudo a sua condição de trilha para o desconhecido; "A confluência do Rio Cachorro aparece. Eu o considero muito bonito, como, aliás, parece-me esplêndida a entrada de cada rio. Estou sempre alegre, contente e cheio de ardor quando vou em direção ao desconhecido!". (Coudreau, 1900: 47) Apesar do entusiasmo suscitado pelo encontro com todos os rios em geral, um se destaca particularmente: o Amazonas; um gigante que merecerá, da parte de Coudreau, a mesma admiração expressa por antecessores e experts: "A majestade do espetáculo está no próprio rio, esse gigantesco Amazonas, *ondulante mediterrâneo, orgulho de nosso planeta*, como é chamado, nobremente, pelo meu amigo Elisée Reclus". (Coudreau, 1899b: 6-7)

As correntes de água dão lugar, por sua vez, a outras paisagens percorridas pelo expedicionário de Sonnac: as terras inundadas. Da mesma maneira que a rede fluvial, esses pântanos são descritos devido aos sérios problemas que provocam à navegação, mas, visto que se trata de lugares cobertos de água e de vegetação misturados, eles apresentam também dificuldades no momento de acampar. Mesmo se esses terrenos inundados constituem espaços de uma enorme biodiversidade, não é a exuberância que chama a atenção de Coudreau, cujos testemunhos são, de hábito, voltados para a exposição detalhada das condições de acesso e de salubridade desse contexto natural. As circunstâncias derivadas da estagnação das águas e a presença abundante de vegetação e de sedimentos contribuirão para definir uma ilustração lúgubre e repulsiva dos pântanos:

> O pântano, sinistro, parece se encher de agitação de larvas, as águas equatoriais, aquecidas, liberam miasmas mornos e parecem estar gerando algumas novas amostras da ordem dos vermes ou dos micróbios.
>
> Procuramos, para dormir, um canto de floresta que não esteja inundado, mas não encontramos nada e é preciso dormir na embarcação. (Coudreau, 1897b: 63-4).

Dessa forma, o autor demonstra que o relato se encontra adaptado a um critério sólido que dá prioridade à reportagem prática, diante de qualquer outro tipo de descrição. Com essas informações, Coudreau não procura exclusivamente expor uma imagem precisa dos territórios amazonenses, mas também evidenciar as vantagens que estes apresentam em relação a uma possível ocupação humana. Nesse sentido, os pântanos são identificados como lugares perigosos, antropofágicos; como o grande inimigo a evitar ou a abater.

Do lado oposto das terras inundadas, o expedicionário de Charente situa as savanas, consideradas o meio amazonense mais rentável para o ser humano. Coudreau será, notadamente, atraído por elas, e irá relatá-las da mesma maneira de muitos precursores e

sucessores, sob o termo "campo". Esse cenário produzirá um grande contraste em relação ao resto das paisagens compreendidas na Amazônia, pois existem diferenças no que concerne ao relevo, ao clima, à flora e à fauna; características que serão observadas e representadas pelo explorador francês sob o prisma da funcionalidade. O encontro com as pradarias supõe, quase sempre, uma grande descoberta; e, ao indicá-la, Coudreau não somente funda sua teoria, mas abre novas opções de adaptação ao contexto amazonense. Por isso, será indispensável transmitir as qualidades e as riquezas dessas savanas que ele consegue percorrer, como realçado quando da visita aos Campos do Cururú, durante a viagem ao Tapajós:

> Esses campos do Cururú-Cadeiry parecem constituir um distrito geográfico bem especial. O ar é vivo, o vento violento e as brisas frescas ou ácidas se fazem sentir, parece, com alguma rudeza. É a zona "muito sã", ou ao menos assim considerada. Pouca umidade: os campos são elevados, os cursos d'água são apenas grandes riachos, faltam pântanos, e conta-se somente um lago, e ainda lago de água viva, nunca seco, o lago "das Tartarugas" [...] Esses campos apresentam ainda uma outra particularidade curiosa: a avestruz da América do Sul, o "nandu", chamado no Brasil "ema", vivendo em estado nativo nos campos do Cururú. (Coudreau, 1897a: 49)

Os campos são apresentados, quase exclusivamente, como áreas de produção que preenchem as condições exigidas para serem habitadas e serão, dessa forma, interpretadas não somente pelo europeu, mas também pelo nativo. O interesse para conservar a limpeza das savanas em um panorama envolto em uma grande riqueza vegetal e animal promoverá o uso de uma tecnologia devastadora: a queimada; uma tendência da qual os viajantes e os nativos são partidários. Longe de ser interpretado como uma cena abominável ou trágica, como um inimigo incontestável da exuberância amazonense, o incêndio acaba sendo concebido como uma fonte de inspiração literária:

> *Incêndio da savana* – À noite, na estrada, ou em qualquer maloca onde haviam me deixado pendurar minha rede, eu me abismava, horas inteiras, na contemplação do incêndio do campo. Ah! É um belo espetáculo esse da pradaria em fogo, à noite.
>
> [...] Deixa-se cair um palito de fósforo aceso no campo e, se há vento, é por toda a noite. Eu me dava frequentemente esse prazer. (Coudreau, 1886b: 49-50)

Dessa maneira, Henri Coudreau coloca em evidência não somente sua inclinação pelos campos como territórios inúteis, mas também sua admiração pelo seu caráter combustível; mesmo se, mais tarde, durante seu itinerário no Rio Araguary, ele expressa sua indignação diante de uma cena similar: "O campo do Equador, sob o fogo de setembro, imenso, ardente, silencioso, sem um sopro, me parece lamentável". (Coudreau, 1887: 67) Sem dúvida, as savanas respondem ao protocolo amazonense de espaço habitável e produtivo e, por isso, elas serão propostas, insistentemente, como locais ideais para implantação da imigração europeia.

Mesmo se as savanas e as pradarias fazem parte dos quadros que dão uma certa heterogeneidade à Amazônia, esta se encontra seguramente dominada por uma paisagem em particular: a floresta. Este ecossistema compreende uma extensão e uma riqueza tão importantes, que terminará por definir a própria natureza amazonense. A maioria dos percursos do expedicionário será inscrita no quadro dessa selva, cuja presença constante repercutirá com força na apreensão da *Hiléia*. Esse estado onipresente provocará uma impressão de monotonia em Coudreau, que acabará confessando em seus testemunhos ter mais interesse por outros ambientes. A floresta virgem é concebida, frequentemente, como um lugar entediante e abafado, que não oferece nenhuma possibilidade de escapar:

> Pois é uma coisa bem entediante a caminhada no Grande-Bosque, mesmo quando temos o hábito.

> São uma prisão, essas extensões cobertas de uma espessa floresta virgem, essa trilha obscura e indecisa da qual o olho se cansa de seguir o rastro. [...] Quase nos perdemos, pois de todos os lados temos a espessa massa de folhagem, insondável. [...] A prisão se fecha a cada passo dado, sem uma única abertura para o céu, durante longos dias, de rio em rio. [...] Mas das longas caminhadas na floresta virgem, que meus inimigos sejam preservados! (Coudreau, 1893: 98-99)

Entretanto, Coudreau reconhece, na selva, uma complexidade singular:

> eu não sei que horror sagrado, que dolorosa embriaguez, que sombria e triste quietude que apavoram, a princípio, mas que logo se aprecia. É como a paz profunda do filósofo prisioneiro a quem um livro bem triste mas sublime faria esquecer a masmorra. (Coudreau, 1893: 99)

A experiência prolongada no interior da floresta amazonense servirá para consolidar o olhar ambíguo e plural de que o explorador dará prova em seus escritos. Essa paisagem exuberante, mas confusa, variável, mas repetitiva, promoverá todo tipo de descrições marcadas profundamente pela subjetividade do autor. Dessa forma, e dependendo das condições e dos objetivos, os escritos mostrarão diferentes lados de um mesmo panorama.

A onipresença da floresta pode provocar impressões de monotonia, mas, ao mesmo tempo, permite aos viajantes um contato mais extenso com a paisagem e, consequentemente, uma melhor apreensão. A enorme experiência de Coudreau nessas terras mostrar-se-á nos escritos que não se limitam a fazer uma representação superficial, mas que oferecem detalhes que conseguem colocar o leitor no lugar do explorador. Segundo a perspectiva visual, a Amazônia silvestre é apenas uma estrutura de acesso impossível. Qualquer caminho que tenta atravessá-la parece estar ultrapassado pela desordem e por seu aspecto onírico:

> A trilha é bastante larga e boa; a folhagem é bastante alta tornando possível andar sem olhar, constantemente, onde colocar os pés, sem parar a todo instante por conta de galhos ou trepadeiras que obstruem o caminho. Da terra úmida, preta e macia, do silêncio sobrecarregado da energia da floresta virgem, desses perfumes de estufa quente, desse calor morno que amolece os nervos, dos mistérios dessas folhagens tenebrosas vestindo a nudez dos grandes troncos de árvore de corpo branco ou marrom, ele escapa como um sonho ou como uma necessidade de sonho, melancólico e voluptuoso. (Coudreau, 1893: 142)

Entretanto, a aparência amazonense varia também em função do momento do dia. As nuances provocadas pelo volume de luz e pela maneira pela qual esta se apresenta na cena florestal resultarão em uma série de descrições que, em vez de ilustrar o espaço de maneira sincrônica e estática, o reproduzirão em função da diversidade de luz, como Monet pinta a Catedral de Rouen. Além disso, a densidade da floresta provoca efeitos desiguais da luz tentando atingir o pé das árvores. Dessa forma, mesmo no momento mais luminoso do dia, sob os cumes das árvores a intensidade solar é reduzida a tons fracos:

> Meio-dia, e, entretanto, o dia está coberto como se os raios do sol passassem através de nuvens de cinzas. Uma luz pardacenta se arrasta sobre o verde intenso das florestas, o verde mais doce das gramíneas das margens dos rios, e os buracos esbranquiçados de alguns cacaueiros cujo tom mais pálido se destaca com certa nitidez no seio da espessa floresta virgem. (Coudreau, 1899b: 27-8)

A aparição da luz em cena tem, talvez, um efeito positivo na representação amazonense: em contrapartida, sua ausência tem repercussões ambíguas. Quando é a sombra que cobre o campo visual, a *Hiléia* adquire nuances diversas, em função da posição do autor, que podem suscitar descrições amáveis, mas, sobretudo, sinistras. A maioria das percepções noturnas introduzirão no viajante uma intensa sensação de vulnerabilidade e acentuarão o caráter fabulo-

so e lúgubre da natureza. Dessa forma, a escuridão inspirará uma escrita marcada pelo medo:

> Às vezes, o céu se cobre. Perdido nas camadas da vegetação virgem, o viajante não vê mais do que veria em plena noite. A escuridão e o terror descem, mais espessos e mais sombrios, dos batentes do teto de folhas à agitação sinistra da podridão de baixo. [...] O silêncio, a noite, a expectativa de algum grande acontecimento são de uma encenação terrível como uma recepção maçônica na Idade Média. [...] Depois, barulhos surdos, que congelam o coração, são ouvidos. [...] São as grandes trepadeiras que se movem e parecem fugir, chorando de uma maneira quase humana, com toques misteriosos. São, nos arbustos, pulos de animais apavorados, gritos lúgubres. [...] A floresta enche-se novamente de lampejos crepusculares, e o viajante, perdido, acredita assistir a um conto de Hoffmann em ação. (Coudreau, 1886a: 409-410)

Essa nova Amazônia afasta-se da visão paradisíaca, para se aproximar dos mundos grotescos, próprios da literatura de ficção, que são descritos com a mesma sensibilidade. Além disso, quando a percepção visual se encontra comprometida, são reforçados os outros sentidos que ocupam igualmente uma posição importante na descrição da natureza. Os sons, por exemplo, não são interpretados da mesma maneira durante a noite. A dificuldade para identificá-los resultará, frequentemente, em distrações mentais que abrem a porta para possíveis seres fantásticos: "À noite, ouvem-se gritos estranhos, que os índios não conhecem. Que pássaro, que fera, que réptil, que monstro se anuncia dessa forma?" (Coudreau, 1893: 444) Diante da infinidade de sons, o visitante se mostra abatido; no entanto, os retratos dos lugares marcados pelo eco persistente da floresta virgem são comparáveis àqueles caracterizados pela ausência total de barulho. O silêncio colaborará com a construção de entornos insólitos que despertarão em Coudreau a sensação de que a selva está engajada na preparação de uma obra majestosa.

> Na viscosidade fria da manhã, na hora em que a opulenta flora da solidão amazonense parece se recolher na elaboração misteriosa de seus tesouros e de seus venenos, [...] um arrepio vem das vastas florestas silenciosas como se sentíssemos que uma grande obra, ainda hoje abaixo das forças e da presciência humanas, elabora-se nesses desertos. (Coudreau, 1899b: 175)

Nas representações sensoriais que ocorrem nos escritos do explorador, a descrição do odor constitui um dos fatores principais que intervêm na compreensão da Amazônia e de seu enigmático jogo de opostos. Expressando suas impressões olfativas, Coudreau realça a dualidade dominante. De um lado, a natureza produz perfumes agradáveis, como aqueles provenientes de certas flores: "nós partimos, ao sabor do vento, respirando o odor requintado dos araçás em flor". (Coudreau, 1897c: 99); mas, de outro, agride o olfato de seus visitantes com aromas nauseabundos, geralmente provenientes do meio das águas estagnadas, estreitamente ligadas à morte e à putrefação: "Frequentes odores de carniça misturam-se aos dos pântanos; cadáveres de lontras, jacarés que matamos na subida boiam aqui e ali, inchados e podres, cobertos de moscas zumbindo". (Coudreau, 1893: 489-90)

Idênticas circunstâncias de ambivalência serão expressas na transcrição do tato. Os múltiplos percursos e o longo lapso de tempo dedicado acabarão por submeter Coudreau a uma grande variedade de condições climáticas que confirmarão a realidade extrema das paisagens amazonenses. Dessa forma, o explorador revela que, apesar da preponderância do calor nessas latitudes equatoriais, ele será vítima também de episódios surpreendentes de frio. Essas alterações permitirão que o clima de certas regiões amazonenses seja acusado de traidor e que o viajante realize estudos visando à localização dos entornos mais bem tratados pelo termômetro e, consequentemente, os mais propícios para a ocupação humana. A fim de mostrar uma imagem atraente da *Hiléia*, Coudreau faz referência ao clima nesses termos:

> *Clima*. – O clima amazonense é quente, mas não tórrido, um pouco úmido, mas não debilitante. O calor é bem suportável, pois a média de temperatura não ultrapassa os 28º. Esse calor, mesmo sendo muito elevado, não é absolutamente um obstáculo a um brilhante desenvolvimento econômico e social. O calor excessivo do meio do dia impede, certamente, que a força do corpo do homem e dos animais se desenvolva completamente, mas esse mesmo calor produz, com extrema abundância, as coisas necessárias à vida. Além disso, a inércia e o silêncio do meio-dia são facilmente compensados pela atividade realizada nas horas frescas do dia. (Coudreau, 1886a: 317)

Essa visão tolerante e tolerável da natureza opõe-se a uma outra também relativa à perspectiva sensorial. Apesar da marca de um clima benevolente, o toque amazonense pode também se traduzir em mal-estar e dor. São numerosas as referências à tortura ocasionada pelos parasitas e bichos nocivos ao longo dos diferentes itinerários, uma das principais dificuldades enfrentadas pelos expedicionários. A presença habitual desses seres indesejáveis fará parte das bases desse outro olhar que concebe o entorno natural como um território ameaçador. Mesmo se os registros das diversas excursões através da Amazônia conseguem expressar sensações positivas, as impressões mais abundantes designam uma demonização do espaço. De acordo com a perspectiva sensível, esse panorama se revela, sem dúvida, desprezível: "Eis-nos aqui, enfim, saídos da floresta, dessa horrível floresta virgem sem ar, nem luz nem horizonte, quente, suja e fétida. É a esperança depois de um longo e doloroso tédio". (Coudreau, 1886b: 112) A natureza da floresta amazonense é assim interpretada como a reunião das piores condições segundo a percepção humana. Aprecia-se, então, uma evolução na representação da *Hiléia* que parece sofrer uma mutação, de obstáculo a hostilidade. Os avatares da viagem acabarão por sugestionar o próprio explorador que identificará na natureza todo tipo de emaranhado, mas também numerosos

perigos. A Amazônia perde, dessa forma, essa aura paradisíaca, para se tornar um espaço traidor e maldito:

> As florestas virgens, os espaços úmidos, revelam muitos miasmas mórbidos; a flora, exuberante e selvagem, contra a qual o homem ainda não lutou, revela venenos no meio de suas riquezas. Essa atmosfera quente intertropical, de tons radiantes e variados, é infelizmente o veículo da morte traidora que, fluida, invisível, inesperada, paira, silenciosa, acima da cabeça do homem ainda mais ameaçado, quanto mais ele ignora ou nega o perigo. (Coudreau, 1899b: 190-191)

Mesmo que ele transmita, às vezes, a imagem de um universo majestoso, apesar de mortal, Coudreau mostra sua intenção de escapar de qualquer conjectura supersticiosa, analisando o meio natural de maneira metódica e adotando uma firme posição antropocêntrica. Dessa maneira, o explorador define as ameaças indicadas como simples obstáculos evitáveis e o ser humano como um prodígio insondável situado no cume dos reinos naturais. Essa atitude diante da natureza é expressa ao longo de sua obra testemunhal, particularmente nos textos relativos ao encontro com diferentes espécies vegetais e animais. A fauna divide o singular caráter contraditório da Amazônia, de maneira que ela possa igualmente apresentar dois lados diferenciados: um lado admirável e um outro devastador. Coudreau evidencia seu interesse e sua satisfação por animais insólitos como, por exemplo, o boto ou golfinho rosa:

> Botos brincam em bandos na superfície das ondas azuladas [...] Os botos, que parecem emocionar a tempestade que se prepara no céu, saem da água, pela metade, parecem olhar vagamente para cima soprando ruidosamente, depois mergulham para reaparecerem mais longe. (Coudreau, 1897b: 73)

O explorador francês dá provas de seu espírito naturalista quando ele acrescenta descrições mais ou menos minuciosas das espécies que lhe chamam mais atenção ou que despertam mais sua

simpatia, tais como as capivaras ou os apreciados jacamins: "alegremos nossos espíritos estudando os bichos. Desfruto, aqui, da sociedade de uma pequena capivara (aliás cabiai) domesticada e charmosa. [...] Entretanto, meus verdadeiros amores são os jacamins". No entanto, são as espécies potencialmente mortíferas que ocupam as posições mais importantes nesse relato. Dentre elas, distinguem-se as piranhas e os jacarés, assim como as cobras, tais como a "jararaca, uma das cobras mais venenosas do Amazonas" (Coudreau, 1899a: 41), ou a anaconda, "esse monstro que eu pensava ser imaginário" (Coudreau, 1893: 347); mas, sobretudo, o imponente jaguar, cuja presença quase espectral inspira terror nos visitantes da *Hiléia*: "Somos obrigados a acender um segundo fogo, pois vemos olhos de tigres que rondam em torno de nós". (Coudreau, 1893: 344) O expedicionário experimentará, então, a sensação de estar constantemente rodeado de animais perigosos, de maneira que, para defender sua posição privilegiada, ele utilizará as armas de fogo. A continuação das grandes ameaças dos animais, tais como o poraquê ou gimnotídeo, ocorrerá frequentemente ao longo das viagens e será expressa como uma vitória sobre a natureza selvagem. No entanto, a maioria das matanças perpetradas contra a fauna não responde ao desejo de se proteger, mas de se alimentar.

A descrição da pesca e da caça é uma das mais abundantes da obra de Coudreau. O modo de vida adotado durante essas viagens levará o explorador a interpretar o aparecimento de animais como uma possibilidade de saciar a fome e, consequentemente, qualquer espécie poderá acabar no interior de seu estômago. Coudreau, dando provas de sua falta de escrúpulos, explicará em detalhes a maneira como se matam e cozinham as caças, tão curiosas quanto os macacos-aranha, um tipo de primata: "Matamos o casal apaixonado. Ainda um outro casal morto em flagrante delito, e teremos quatro cuatás a serem defumados, em torno de sessenta kilos de carne". (Coudreau, 1893: 462-3) Esses troféus de caça revelam-se,

porém, completamente insólitos para os europeus, pois eles conseguem causar importantes desequilíbrios digestivos: "Antas, cervos, porcos! Delícias de nossos canoeiros! Mas, o que importa a nós dois, a nossos pobres estômagos europeus, agora tão depauperados, toda essa pesada e indigesta carne!" (Coudreau, 1897c: 98). Entretanto, a necessidade de encontrar o que comer vai se impor sobre qualquer aversão, provocando verdadeiros massacres e devastações, como as cometidas contra a população de tartarugas. Coudreau conta como eles conseguem fazer a coleta "quase trezentos ovos de tartaruga" (Coudreau, 1898: 98) e descreve até os lugares que já estão desertos: "Fala-se de quantidades consideráveis de tartarugas que eram, antigamente, a riqueza dessas praias. Essas tartarugas foram destruídas". (Coudreau, 1899a: 71) A descrição da fauna chega, assim, a ser empregada como uma estratégia publicitária, como um componente a mais na longa lista de virtudes e riquezas amazonenses.

De Rio Branco a Campos, é o paraíso do caçador e do pescador. Pacas, cotias, veados, antas, mutuns, cujubins, araras são muito comuns. Numerosos bandos de pecaris atravessam as florestas. [...] Dentre os peixes, é preciso citar como os mais interessantes da fauna de Rio Branco, o pirarucu, o peixe-boi, o piraíba, a piranha, os gimnotídeos, os botos, o surubi, o jandiá, o tucunaré. (Coudreau, 1886b: 15)

Da mesma maneira, as representações concernentes à vegetação se adaptarão a esse modelo orientado para a propaganda. Além disso, apesar de Coudreau oferecer uma descrição isenta de pretensões utilitaristas, seu interesse estará focalizado na exposição do valor da flora como fonte de ganhos. O reino vegetal, como o animal, revela-se um tesouro imediatamente lucrativo, seja como alimento – "A floresta começa a apresentar as mais ricas essências. São, frequentemente, novos frutos selvagens, aqueles das altas terras da Guiana. Eis o bacupari, chamado *ouapouli* pelos índios rucuianos e mamantão pelos negros Bonis". (Coudreau, 1899a: 19) –, seja como droga: "Lá, pelo menos, encontram-se também árvores estranhas,

como o famoso mururé 'que cura a lepra' [...] todas essas gomas, todos esses sucos, venenos ou remédios que tornam tão rica essa flora amazonense, até mais rica, mais variada do que a da Índia".

É preciso não esquecer que aqui é a terra de todos os timbós, de todas as trepadeiras e de todos os arbustos que embriagam ou matam cerce o peixe. A terra de centenas de produtos que curam ou matam. A Amazônia é a grande Farmácia Central do gênero humano, mas a imensa oficina oferece tanta variedade e riqueza na multiplicidade de seus produtos, que não é de espantar que, até agora, ela tenha sido tão pouco estudada, visto que está ainda muito longe de ser explorada completamente. (Coudreau, 1899b: 167).

Henri Coudreau procura abrir, dessa maneira, um caminho não somente para o estudo científico, mas também para um possível comércio lucrativo. Consequentemente, seus testemunhos farão sobressair a riqueza desses produtos tão preciosos, tanto em nível individual e local, como em nível global. A flora amazonense, compreendendo alguns dos frutos mais apreciados pelo mercado internacional, apresenta-se como um potencial motor econômico: "nas florestas da costa, baunilhão, baunilha, copaíba, castanheiro, jaborandi, batatões abundam, reservas para tempos futuros mais ou menos distantes, esperança certeira do *maior Pará* de tempos vindouros". (Coudreau, 1897c: 41). No entanto, o produto mais cobiçado será, talvez, a borracha. O expedicionário francês faz referência às características físicas, aos procedimentos, às épocas de extração, de fabricação e de comércio, mas, essencialmente, registra dados úteis em relação à abundância, à qualidade e à localização das diferentes árvores de látex.

Henri Coudreau destaca seu interesse em divulgar as riquezas exploráveis da natureza amazonense, que serão até inventariadas e classificadas em função de sua utilidade: "O grande bosque dá em abundância, ao pesquisador que percorre seus espaços, produtos alimentares, oleaginosos, medicinais, resinosos, aromáticos, tintoriais

e têxteis". (Coudreau, 1886a: 71) Essa perspectiva, que responde à sua ambição de transformar essa região equatorial em zona habitável e produtiva, revela-se, evidentemente, oposta a esse outro olhar que compreende a natureza como uma fonte de inspiração literária ou de conhecimento. O explorador de Sonnac formula, assim, um certo equilíbrio entre duas abordagens aparentemente antagônicas. Dessa maneira, os textos de Coudreau expõem um retrato completo e multidisciplinar que traduz, de forma precisa, o espírito do século XIX e a complexidade da Amazônia, caracterizada pela ambiguidade e pelas contradições; um discurso cuja voz oscila entre o oficial e o pessoal, entre o subalterno e o poeta.

REFERÊNCIAS

Benoit, Sébastien (2000). *Henri Anatole Coudreau (1859-1899): Dernier explorateur français en Amazonie*. Paris: L'Harmattan.

Coudreau, Henri Anatole (1886a). *La France Équinoxiale: Études sur les Guyanes et l'Amazonie* (Tome premier). Paris: Challamel Ainé, Éditeur.

Coudreau, Henri Anatole (1886b). *Voyage au Rio Branco: Aux Montagnes de la Lune. Au Haut Trombetta*. Rouen: Imprimerie de Espérance Cagniard.

Coudreau, Henri Anatole (1887). *La France Équinoxiale: Voyage à travers les Guyanes et l'Amazonie* (Tome second). Paris: Challamel Ainé, Éditeur.

Coudreau, Henri Anatole (1892). Dix ans de Guyane (missions du Ministère de l'Instruction publique). *Bulletin de la Société de Géographie*, *XII*, 447–80.

Coudreau, Henri Anatole (1893). *Chez nos Indiens: Quatre années dans la Guyane Française (1887-1891)*. Paris: Librairie Hachette et Cie.

Coudreau, Henri Anatole (1897a). *Voyage au Tapajoz: 28 juillet 1895-7 janvier 1896*. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur.

Coudreau, Henri Anatole (1897b). *Voyage au Tocantins-Araguaya: 31 décembre 1896-23 mai 1897*. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur.

Coudreau, Henri Anatole (1897c). *Voyage au Xingú: 30 mai 1896-26 octobre 1896*. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur.

Coudreau, Henri Anatole (1898). *Voyage à Itaboca et Itacayuna: 1er juillet 1897-11 octobre 1897*. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur.

Coudreau, Henri Anatole (1899a). *Voyage au Yamundá: 21 janvier 1899-27 juin 1899*. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur.

Coudreau, Henri Anatole (1899b). *Voyage entre Tocantins et Xingú: 3 avril 1898-3 novembre 1898*. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur.

Coudreau, Octavie (1900). *Voyage au Trombetas (d'après des notes de carnet d'Henri Coudreau): 7 août 1899-25 novembre 1899*. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur.

Cristóvão, Fernando (Ed.). (2002). *Condicionantes culturais da literatura de viagens: Estudos e bibliografias*. Coimbra: Almedina; Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa.

Funes, Eurípides Antônio et Gonçalves, Adelaide (2012). La recreación de la Amazonía a través de los viajeros. *Pasos*, (6), 17–48.

Hamy, Ernest T. (1901). Nécrologie: Henri Coudreau. *Journal de la Société des Américanistes*, *3*(2), 186–8.

Le Huenen, Roland (1987). Le récit de voyage: l'entrée en littérature. Études littéraires, *20*(1), 45–61.

Lefébure, Antoine (Ed.). (2005). *L'Amazonie disparue: Indiens et explorateurs. 1825-1930*. Paris: La Découverte.

Léry, Jean de (1994). *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil*. Paris: Le Livre de Poche.

Lévi-Strauss, Claude (2009). *Tristes Tropiques*. Paris: Plon.

Oliver Frade, José Manuel (2007). Exploraciones francesas en Canarias: viaje, ciencia, literatura. *Canarias, territorio de investigaciones científicas*, 88–114.

Oliver Frade, José Manuel, Curell, Clara, Uriarte, Cristina G. et Pico, Berta (Eds.). (2007). *Escrituras y reescrituras del viaje: Miradas plurales a través del tiempo y de las culturas*. Bern: Peter Lang.

Péret, Benjamin (1992). Œuvres complètes (Vol. 6). Paris: Librairie José Corti.

Rangel, Alberto (1920). *Inferno Verde: Scenas e Scenarios do Amazonas*. Tours: Typographia E. Arrault Cia.

Santos Pérez, José Manuel et Petit, Pere (Eds.). (2006). *La Amazonía brasileña en perspectiva histórica*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.

Soublin, Jean (2000). *Histoire de l'Amazonie*. Paris: Éditions Payot & Rivages.

Tettamanzi, Régis (2004). *Les écrivains français et le Brésil: La construction d'un imaginaire de La Jangada à Tristes Tropiques*. Paris: L'Harmattan.

Uztarroz, Ricardo (2008). *Amazonie mangeuse d'hommes: Incroyables aventures dans l'Enfer vert*. Paris: Arthaud.

Verne, Jules (2005). *La Jangada: Huit cents lieues sur l'Amazone*: Groupe Privat/Le Rocher.

Vieitez Cerdeño, Soledad (1992). *El Amazonas: perspectiva etnohistórica*. Madrid: Akal.

Yakono, Xavier (1993). *Histoire de la Colonisation française. Que sais-je?: Vol. 452*: Presses Universitaires de France.

O *Brasil* de Émile Levasseur (1889) - Em defesa de um recém-chegado na economia-mundo?

Larissa Alves de Lira e Pascal Clerc

O pavilhão do Brasil, aos pés da *Torre de 300 metros*[1] construída pela empresa do engenheiro Gustave Eiffel, correu o risco de não ser erguido. Na verdade, o governo brasileiro, por razões orçamentárias, havia de início renunciado a participar da Exposição Universal de 1889. Mas alguns estudiosos e políticos souberam facilmente convencer o Imperador Pedro II e seus colaboradores que a não participação seria um erro de cálculo. No final do século XIX, um pavilhão numa exposição universal seria um forte sinal de inserção no sistema capitalista e na civilização ocidental. Apresentar o Brasil em Paris permitiria mostrar a modernização do país, o desenvolvimento da rede ferroviária, novos conhecimentos relativos aos recursos... a fim de atrair imigrantes e capitais. É nessas circunstâncias que Frederico José de Santa-Anna Néry se empenha na defesa desses interesses múltiplos. Em março de 1887, este escritor e jornalista brasileiro, estabelecido em Paris, retorna ao seu país natal e não poupa esforços para persuadir cidades e províncias a participar da exposição. Um ano mais tarde, a fim de organizar a participação do país na Exposição, foi criado o «Sindicato da Exposição Brasileira na Exposição Universal», organizado em torno de algumas personalidades de destaque tanto no Brasil quanto na França: estudiosos, políticos e homens de negócios com interesses dos dois lados do Atlântico.

[1] É assim que é chamada, na época, a Torre Eiffel.

Mas exibir plantas, produtos agrícolas ou objetos de arte indígena não bastava. Para convencer as potências ocidentais a integrar o Brasil com mais força nas redes da economia mundial, era necessário o apoio da ciência e de conhecimentos exatos sobre o território brasileiro, sua história e seus habitantes. É nessa perspectiva que o Sindicato financia a publicação de uma obra de síntese intitulada *Le Brésil* (O Brasil), cuja direção é confiada ao acadêmico francês Émile Levasseur.

Essa obra nos dá a oportunidade de analisar as relações intelectuais entre a França e o Brasil no final do século XIX do duplo ponto de vista de uma pesquisadora brasileira e de um pesquisador francês. Além da análise das circulações de saberes entre os dois países, nos debruçaremos, por um lado, sobre o tipo de saberes geográficos produzidos na França por ocasião da publicação do livro *Le Brésil (O Brasil)* e sobre as finalidades destes saberes e, por outro lado, sobre a construção intelectual do Brasil entre território a ser colonizado e Estado moderno em formação.

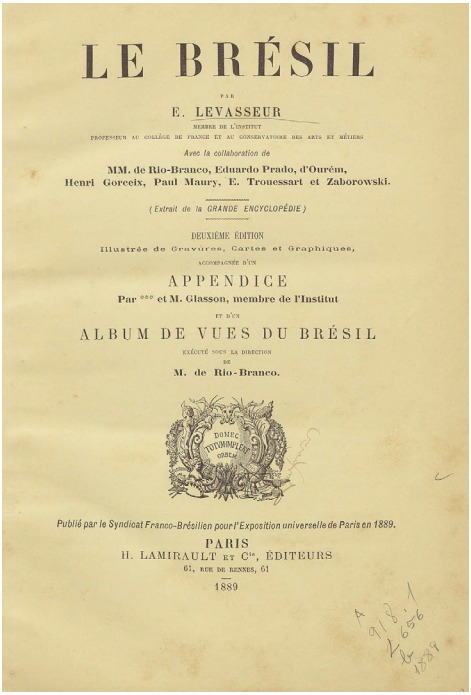
Um livro entre Império e República

Porém, Levasseur não começa do nada para levar a cabo esse projeto. Ele se baseia abundantemente nas notícias relativas ao Brasil redigidas naquele mesmo ano de 1889 para a *Grande encyclopédie. Inventaire raisonné des sciences, des lettres et des arts*[2] (*Grande Enciclopédia. Inventário fundamentado das ciências, das letras e das artes)*. Levasseur faz parte da equipe que dirige a redação dessa síntese, cujo objetivo é o balanço do estado atual dos conhecimentos. Para *Le Brésil*, ele retoma e reorganiza as notícias com títulos e subtítulos, desenvolve seus próprios textos, bem como textos de alguns colaboradores da enciclopédia, acrescentando algumas contribuições originais.

[2] A *Grande Encyclopédie* em 31 volumes foi publicada entre 1886 e 1902.

A primeira edição da obra *Le Brésil* esgotou antes mesmo do término da Exposição, previsto para 31 de outubro de 1889. Logo após, uma segunda edição foi programada para o final daquele ano. Mas não se contava com os acontecimentos políticos brasileiros: no dia 15 de novembro, proclamou-se a República e o Imperador Pedro II teve que deixar o poder. Como a ambição dessa obra era apresentar o país de maneira atualizada – « o Brasil tal como ele é », escreve Levasseur em seu posfácio – a publicação foi adiada para que nela fosse inserido um texto curto narrando as mais recentes peripécias. Finalmente, a obra ficou pronta em janeiro de 1890.

Essa segunda edição, mais rica e mais completa, foi também a mais divulgada. (ilustração 1). É a que analisaremos aqui. A obra em si contém umas cem páginas e três partes de tamanho mais ou menos igual: « Geografia física », « Geografia política » e « Geografia econômica » que, como veremos mais adiante, correspondem ao modelo de organização do pensamento geográfico desenvolvido por Levasseur. A edição vem acompanhada de alguns textos anexos e, principalmente, de um « Álbum de imagens do Brasil », realizado sob a direção do Barão do Rio Branco, o principal colaborador de Levasseur nessa iniciativa. Tal como o texto principal, o álbum de imagens visa apresentar o Brasil atual e, mais particularmente, suas grandes cidades e suas atividades econômicas.


LE BRÉSIL

PAR

E. LEVASSEUR

MEMBRE DE L'INSTITUT

PROFESSEUR AU COLLÈGE DE FRANCE ET AU CONSERVATOIRE DES ARTS ET MÉTIERS

Avec la collaboration de

MM. de Rio-Branco, Eduardo Prado, d'Ourém,
Henri Gorceix, Paul Maury, E. Trouessart et Zaborowski.

(Extrait de la GRANDE ENCYCLOPÉDIE)

DEUXIÈME ÉDITION

Illustrée de Gravures, Cartes et Graphiques,

ACCOMPAGNÉE D'UN

APPENDICE

Par *** et M. Glasson, membre de l'Institut

ET D'UN

ALBUM DE VUES DU BRÉSIL

EXÉCUTÉ SOUS LA DIRECTION

DE

M. de Rio-Branco.

DONEC TOTUM IMPLEAT ORBEM

Publié par le Syndicat Franco-Brésilien pour l'Exposition universelle de Paris en 1889.

PARIS

H. LAMIRAULT ET Cie, ÉDITEURS

61, RUE DE RENNES, 61

1889

Figura 1: Capa da segunda edição do livro *Le Brésil*, publicado em janeiro de 1890.

Dois cientistas polígrafos

«A segunda edição de *Le Brésil* foi revista e corrigida pelo Sr. E. LEVASSEUR e pelo Sr. BARÃO DO RIO BRANCO». Estas palavras que abrem o prefácio da segunda edição falam claramente da dupla direção: além da direção oficial de Levasseur, a dupla direção da obra, contando com a participação do Barão de Rio Branco.

A vida intelectual de Émile Levasseur (1828-1911) revela uma época durante a qual as subdivisões disciplinares estavam em processo de estabilização. Seria ele historiador, economista ou geógrafo? Ou ainda demógrafo, agrônomo, estatístico? Provavelmente, tudo isso ao mesmo tempo. Sua curiosidade e sua concepção utilitária dos saberes o levam a procurar respostas a suas perguntas em diversas áreas do conhecimento (Clerc, 2007).

Sua concepção da geografia o aproxima dos economistas liberais. Levasseur não concebe os conhecimentos geográficos como um fim, mas como um meio. *In fine*, o objetivo é sempre o mesmo: conhecer o mundo torna possível agir sobre ele, explorar suas riquezas, traçar vias de circulação terrestres e marítimas, transformar as produções primárias, permite começar. Toda a carreira de Levasseur foi guiada por essa preocupação, seja durante a redação de programas escolares, seja na direção da obra *Le Brésil* ou ainda na sua participação em reflexões relativas à construção do canal do Panamá. Para tanto, ele se baseia amplamente numa área da geografia para cuja definição ele contribuiu: a área da geografia econômica, isto é, o estudo das « relações do homem com a natureza na agricultura, nas minas e na indústria, no comércio (...) » (Levasseur, 1872, p. 49). Tal perspectiva remete a uma concepção do planeta e de sua valorização, que se inspira nos temas dos socialistas utópicos. Assim, ele dá continuidade ao pensamento do publicitário Jules Duval (1813-1870), para quem a terra deve ser explorada, trabalhada e colonizada pelo conjunto dos seus habitantes e em proveito dos mesmos (Clerc, 2015). Em seu relatório que trata da construção do Canal do Panamá, Levasseur demonstra seu entusiasmo e prevê o «grande benefício para a humanidade de uma tal obra (...) as sementes de riquezas espalhadas por grande parte do globo terrestre através da união dos dois oceanos e a colheita abundante que surgirá em seguida, em proveito do gênero humano» (Levasseur, 1879). Seu interesse, ou melhor, sua fascinação pelas grandes planícies argentinas ou pelos recursos da Amazônia provêm dessa visão de mundo.

Junto a Levasseur, José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco, desempenha, portanto, um papel essencial na elaboração da obra *Le Brésil*, redigindo ou participando da redação de inúmeros capítulos[3]; ele é o autor dos planos de cidades, dos mapas

[3] Levasseur e Rio Branco redigiram ou coredigiram 24 dos 31 capítulos da obra.

e dos diagramas da obra; dirigiu a execução do « Álbum de imagens do Brasil » publicado junto com a segunda edição; enfim, como Levasseur destaca nos prefácios das duas edições, o barão realizou um trabalho considerável de busca de informações e de releitura das provas. Para ele, *Le Brésil* representava mais que uma colaboração, era quase uma obra pessoal (Damante, 1964).

O Barão do Rio Branco (1845-1912), tal como Levasseur, é um cientista polígrafo: ele estuda direito na faculdade de São Paulo, mais tarde assume a cadeira de corografia e de história do Brasil no colégio Pedro II e, por algumas de suas atividades, podemos também considerá-lo geógrafo. Mas, fundamentalmente, o que prevalece é a sua ação de diplomata. Ele se interessa pelas questões diplomáticas por ocasião da guerra entre Brasil e Paraguai.[4] Entre 1876 e 1893, ele representa o Brasil em Liverpool e aproveita esse período para acumular uma grande documentação, principalmente mapas históricos, que servirão nos debates sobre os traçados das fronteiras (Cardoso, 2016). De fato, desde 1876, ele negocia com sucesso as fronteiras do Brasil com outros governos da América Latina. Graças às suas ações, o território brasileiro ganha 900 000 km². Segundo Antonio Carlos Robert de Moraes, « Pode-se analisar o legado do barão do Rio Branco, numa ótica da geografia política, como um importante definidor das fronteiras estatais na América do Sul, logo como um construtor prático de territórios. Mas pode-se também analisá-lo, do ponto de vista da história da ciência, como um refinado geógrafo, um interprete da formação territorial do Brasil» (Moraes, 2015) Assim, ainda segundo este autor, *Le Brésil* é a grande obra de Rio Branco no que se refere às geografias política e econômica.

Colaboradores brasileiros e franceses

Outros sete autores participaram da elaboração da obra; eles

[4] Seu pai representava o Brasil em Montevidéu durante a guerra e acompanhou as negociações de paz (Damante, 1964).

escreveram ou coescreveram, cada um, entre um a três capítulos. São estudiosos reconhecidos por suas competências em áreas que não eram familiares nem para Levasseur nem para Rio Branco. O catálogo da biblioteca de Levasseur[5] é um instrumento precioso que revela uma cultura muito vasta, mas mostra também áreas que lhe eram menos familiares. Assim, as ciências naturais, na obra, são deixadas para outros: para Paul Maury, doutor em ciências e membro do Museu de História Natural, que trata do capítulo dedicado à flora brasileira; para Édouard Trouessart, professor de zoologia do Museu, que se encarrega da fauna; para Henri Gorceix, diretor da Escola das Minas do Brasil em Ouro Preto, a geologia. O capítulo sobre antropologia é codirigido por Rio Branco e Sigismond Zaborowski-Moindron. Dois estudiosos brasileiros também são convocados. Eduardo Prado, publicitário, homem de letras e advogado, se dedica às questões artísticas com o capítulo sobre a música; José Carlos de Almeida Arêas, visconde de Ourem, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, trata de tudo que diz respeito às questões administrativas e financeiras. Para que a relação fique bem completa, acrescentemos ainda o nome de Ernest Glasson, um dos codiretores da *Grande Encyclopédie*, membro do Instituto, que participou da segunda edição da obra com um texto sobre « As instituições primitivas do Brasil ».

Circulações científicas

No prefácio da primeira edição da obra *Le Brésil*, Levasseur agradece as diversas pessoas que deram sua contribuição para o livro. Para nós, esse prefácio constitui uma oportunidade de esclarecer certo número de circulações científicas entre o Brasil e a França e, de modo mais abrangente, entre o Novo Mundo e o Antigo. Não é

[5] Cento e três relatórios estão conservados. Na nossa estimativa, o número de obras catalogadas por Levasseur é de cerca de 10 000 (Archives de l'Institut de France, Ms 6033).

possível fazer um inventário completo dessas circulações no âmbito desse texto, devido à ausência de um trabalho de arquivo referente ao conjunto de atores dessas circulações. Todavia, em torno de alguns deles, pode-se destacar algumas características desses movimentos de homens e informações.

Comecemos pelo deslocamento dos homens. A Europa, a França e Paris, em particular, são os principais destinos dos estudiosos brasileiros. É, provavelmente, em Paris, em 1873, que Levasseur encontra Ramiz Galvao, o futuro tradutor (junto com Rio Branco) do volume sobre o Brasil da *Géographie Universelle* (*Geografia Universal)* de Élisée Reclus (Ferretti, 2014). É também em Paris que Levasseur frequenta Rio Branco; este último, cônsul geral em Liverpool, faz frequentes viagens a Paris, onde reside sua família (Cardoso, 2016). Os outros colaboradores do livro *Le Brésil*, o visconde de Ourem e Eduardo Prado, conhecem bem a Europa e a França, onde passam longas temporadas. Fora do contexto estrito da obra, mencionemos ainda Santa-Anna Néry, escritor e jornalista brasileiro residindo em Paris, que tem um papel essencial na participação do Brasil na Exposição Universal de 1889. Lugar de edição, lugar de conservação de obras, fortaleza intelectual, a capital francesa se assemelha a um « centro de cálculo », elo no cerne de uma rede, segundo a proposta de Bruno Latour (Latour, 2005). Tanto a bibliografia de *Le Brésil* quanto a biblioteca de Levasseur mostram o papel central do personagem nessa geografia da informação, mas também a força do centro de cálculo parisiense, onde estão reunidas obras provenientes do mundo inteiro[6].

Apesar de seu conhecimento do Brasil, Levasseur nunca viveu no país, como, provavelmente, também é o caso de Trouessart,

[6] A bibliografia de *Le Brésil* contém 385 referências publicadas principalmente em Paris e no Rio de Janeiro. Essa constatação não deve ocultar a diversidade dos locais de edição dessas referências: Berlim, Londres, Porto Alegre, Ouro Preto, Moscou, Stuttgart, Viena, Copenhague, Boston, Madrid, Lille…

Maury, Zaborowski e Glasson. Os conhecimentos de Levasseur e de seus colaboradores franceses sobre o Brasil são, antes de tudo, livrescos[7]. Devido a suas longas permanências no Brasil, o mineralogista Henri Gorceix constitui um caso à parte. Desde 1874, ele dirige a Escola das Minas de Ouro Preto; mais tarde, após ter deixado suas funções em virtude da transição republicana, ele realiza, ainda, frequentes idas e vindas entre seu país de nascença e seu país de adoção, participando, sobretudo, do desenvolvimento do ensino agrícola brasileiro.

Durante seus deslocamentos e por meio de correspondências, esses intelectuais trocam informações, mas também mapas e obras. A correspondência identificada entre Levasseur e Rio Branco se estende por três décadas, do início dos anos 1880 até 1909: trinta e duas cartas de Levasseur endereçadas a Rio Branco estão conservadas no Rio de Janeiro[8] e dez cartas e telegramas de Rio Branco para Levasseur podem ser consultadas em Paris[9]. O essencial de suas trocas se refere a pedidos de informações. Rio Branco recorre a Levasseur quando procura dados históricos e cartográficos, mas também astronômicos (para determinar as latitudes e as longitudes), sobre as questões de fronteiras, na perspectiva de renegociar o traçado das fronteiras brasileiras; Levasseur faz o mesmo quando ele precisa de informações sobre o Brasil para seus mapas murais e seus diversos escritos. Várias vezes, suas cartas comprovam trocas de documentação e mostram dificuldades que existiam naquela época para fazer com que mapas ou obras frágeis ou de grandes dimensões atravessassem o Atlântico. Essas dificuldades aumentam a importância dessa geografia da informação que circula entre os

7 Mais da metade dessas referências foram publicadas por editores brasileiros.

8 Arquivos do Itamaraty, Rio de Janeiro (Correspondência privada Rio Branco / Levasseur, caixa 827, relatório 3).

9 Archives de l'Institut de France, Paris (Correspondência de Levasseur, caixas Ms 6031 / Ms 6032).

estudiosos em movimento, mais ainda do que pela documentação. Elas conferem também um papel mais relevante aos locais onde se encontram as bibliotecas, as livrarias e os editores. A capital francesa está certamente no centro dessas circulações, mas o lugar dos editores brasileiros é importante e mostra uma relação de força intelectual menos desequilibrada do que parece.

Essas circulações científicas se inserem também no contexto de uma iniciativa para promover o Brasil na Europa e na França. Voltemos primeiramente à Exposição Universal de 1889. O « Sindicato da Exposição Brasileira » desempenha um papel central: ele financia *Le Brésil*, congrega estudiosos brasileiros e franceses, participa da organização da exposição, tudo isso com o intuito de valorizar os recursos do país e a possibilidade de sua integração numa economia-mundo. A partir de 1885, Santa-Anna Néry compartilha esse tipo de preocupação em *Le Pays des Amazones (O país das Amazonas),* pleiteando a valorização da Amazônia e mobilizando uma retórica próxima daquela dos utopistas socialistas: « colonizar o país mais belo, o mais rico, o mais fértil do mundo, o *El-Dorado* lendário, as terras virgens que esperam pela semente da civilização. » (Santa-Anna Néry, 1885, p. XVI) É Levasseur que prefacia[10] essa obra. O prefácio é elogioso e destaca a importância desse texto tanto no que diz respeito ao conhecimento geográfico da Amazônia quanto ao desenvolvimento do Brasil e sua inserção na economia mundial. Ele conclui seu texto cumprimentando Santa-Anna Néry por ter escrito esse livro em francês, para um público francês.

Se o formato desse texto o permitisse, seria necessário ainda mencionar, de modo detalhado, os vínculos entre Élisée Reclus e o Barão do Rio Branco[11]. Reclus escreve sobre o Brasil desde 1860 e traz, primeiramente, um olhar muito crítico em razão da guerra

[10] Mais precisamente, Santa-Anna Néry faz da carta que lhe é enviada por Levasseur um prefácio (« carta-prefácio »).

[11] Agradecemos Federico Ferretti pelas informações fornecidas.

do Paraguai (1864-1870), que ele vê como um conflito imperialista. A modernização do Brasil e a abolição da escravatura mudam radicalmente seu olhar. Ele visita o país em 1893 e cria vínculos estreitos com Rio Branco. Eles trocam informações segundo a mesma lógica de uma geografia da informação, como a desenvolvida entre Levasseur e Rio Branco, e contribuem para a difusão de saberes geográficos para suas publicações.

Esses diversos vínculos interpessoais, entre Levasseur e Rio Branco, entre Rio Branco e Reclus, entre Levasseur e Santa-Anna Néry, tecem uma rede, sem dúvida bastante frágil, mas muito ativa nas duas últimas décadas do século XIX. Em torno das perspectivas de valorização do Brasil, os atores dessa rede mobilizam saberes geográficos, físicos, econômicos e, sobretudo, políticos, que dizem respeito a uma ciência da ação.

Uma formalização do saber geográfico

A obra *Le Brésil* é dividida em três partes: « Geografia física » (25 páginas), « Geografia política » (35 páginas) e « Geografia econômica » (16 páginas). Nessa obra, é retomado um modelo de exposição do saber geográfico formalizado por Levasseur em 1872 em *L'étude et l'enseignement de la géographie* (*O estudo e o ensino da geografia*). Esse modelo é codificado por uma sucessão determinista: primeiro, a geografia física, « o teatro » (Levasseur, 1872, p. 33) e, em seguida, as geografias políticas e econômicas para « introduzir os atores em cena » (Levasseur, 1872, p. 33). É principalmente com a geografia econômica que Levasseur inova e concentra seus trabalhos sobre as questões de recursos e de valorização.

Em primeiro lugar, a geografia física. Levasseur e seus colaboradores colocam o capítulo dedicado às fronteiras (capitulo II) na parte da « Geografia física ». Segundo eles, as fronteiras estão relacionadas à natureza, a uma forma de determinismo, mesmo se as características biológicas e físicas do espaço brasileiro são ainda

em parte desconhecidas: « (...) na realidade, não se conhece com exatidão a extensão deste império, cujo território não foi cadastrado e cujas fronteiras de terra estão, em vários pontos, indeterminadas. » (p. 1). A despeito disso, Levasseur sabe o suficiente para não duvidar do potencial do quinto maior país do mundo e da abundância dos seus recursos. Como vimos, o Barão do Rio Branco é um personagem-chave e dá uma dimensão estratégica à obra, colocando o conhecimento geográfico a serviço da diplomacia e de uma política de fixação das fronteiras a partir de uma visão expansionista. Para tanto, ele reúne, com Levasseur, numerosas informações relativas particularmente a viagens científicas. Assim, para negociar e traçar as fronteiras, é preciso conhecer seu território.

A geografia física determina também as possibilidades de ocupação do território pelos povos de « raça branca ». Eis aí uma questão fundamental para os geógrafos colonialistas franceses. « Pode-se distinguir no Brasil várias regiões climáticas que correspondem ao relevo do solo: região da bacia do Amazonas e da Guiana, região do Grande Maciço, região costeira na zona tropical, região da zona temperada, que se subdivide em zona costeira e zona dos planaltos, região do Paraguai » (p. 13). Deste ponto de vista, a divisão do país em bacias mais ou menos inseridas nessas zonas climáticas assume uma grande uma importância. A bacia do Prata é, segundo Levasseur, mais fácil de colonizar do que a bacia do Amazonas, onde a exuberância da floresta torna difícil a colonização.

Um capítulo importante sobre antropologia, redigido por Rio Branco e Zaborowski, está colocado no final dessa parte. Se a zona temperada é a zona mais favorável para a colonização pela « raça branca », a zona tropical deve ser o lugar, retirado, dos indígenas. Rio Branco tem sobre indígenas um olhar muito positivo. Aos seus olhos – e a apresentação de fotografias de objetos de arte pretende, nesse ponto, ser edificante – eles constituem uma verdadeira civilização. Essa postura em relação aos indígenas está também associada

à perspectiva de valorização. Para Rio Branco, os indígenas provam que o Brasil não é um deserto verde e que seu território pode permitir o desenvolvimento de civilizações.

Vêm em seguida os capítulos de geografia política redigidos, em grande parte, por Rio Branco. O objetivo dessa parte é de mostrar que o Brasil é um estado moderno, capaz de produzir ele próprio um processo de colonização interna e de assimilação das outras « raças ». Para isso, a forma estatal imperial é essencial. Os autores retomam as palavras do jornalista francês, embora republicano, Charles Ribeyrolles, para quem o Império foi « uma obra útil: era preciso constituir a unidade do país e não deixá-lo cair em separatismos federalistas ou marítimos. Se queremos ser um povo, é preciso que sejamos antes uma pátria. » (p.34)

Os autores do *Le Brésil* se apropriam também da opinião muito negativa do explorador e naturalista francês Saint-Hilaire sobre a questão do federalismo: « Os brasileiros, ao contrário, não poderiam estabelecer em seu território o sistema federal, sem começar por romper os fracos laços que ainda os uniam. Impacientes por qualquer superioridade, vários dos chefes altivos desses patriarcados aristocráticos pelos quais o Brasil está coberto, reivindicam sem dúvida o federalismo com todas as suas forças; mas que os brasileiros se cuidem contra uma decepção que os conduziria à anarquia e aos vexames de uma profusão de pequenos tiranos mil vezes mais insuportáveis que um único déspota » (p.33).

Levasseur e Rio Branco consideram o Império como uma força progressista. Mesmo exercendo sua tutela sobre os povos menos « civilizados », ele os leva em consideração num projeto coletivo e territorial, o que lhes parece melhor que uma « profusão de pequenos tiranos », no caso, os *coronéis*[12].

[12] Os *coronéis* são chefes locais oriundos da oligarquia e que exercem um poder muito autoritário à margem da legalidade política.

Rio Branco aborda a história do ponto de vista das explorações e da colonização. Ele o faz de uma maneira muito metafórica, que permite quase imaginar o mapa dos movimentos militares: « Nos séculos XVII e XVIII, os paulistas, que foram os pioneiros do Brasil, no centro e no sul do Império, avançaram bem longe no interior das terras em busca de ouro e para caçar índios, que eles reduziam à escravidão para abastecer as plantações da costa. Fundaram, assim, os primeiros estabelecimentos de Minas Gerais, de Goiás, de Mato Grosso, de Santa Catarina e da parte setentrional do Rio Grande do Sul. Expulsaram os jesuítas espanhóis estabelecidos a leste do Paraná, recuando, assim, os limites do Brasil.» (p.29)

A terceira parte do livro trata de geografia econômica. O relato mostra, ao mesmo tempo, as vantagens e as fraquezas. Ele se desenvolve em três tempos: uma análise dos obstáculos a serem superados pela valorização, um inventário do potencial possível das regiões inexploradas e uma apresentação do mercado interno. Levasseur e Rio Branco apresentam diversas lacunas, em meios de comunicação, em força de trabalho e em capitais, mas insistem na existência de recursos sem dúvida consideráveis: « (...) a terra, à exceção da região costeira, ainda é pouco cultivada, porque falta a população civilizada; uma grande parte dos territórios do interior está mesmo, por assim dizer, inexplorada. » (p.63) As vantagens de todo tipo são numerosas: o café, o algodão, as indústrias, as estradas de ferro. Além do mais, por sua população, o Brasil representa um grande mercado, mesmo se: « A indústria manufatureira é ainda pouco desenvolvida, apesar dos progressos alcançados nos últimos quarenta anos e os esforços feitos pelo governo para encorajá-la.» (p.68).

Os autores, sem mascarar as fraquezas e formas de atraso, apresentam, sem complexo, o Brasil como um país capaz de participar da economia-mundo e de colaborar com as potências: « A maior parte das indústrias existem e os produtos de uma usina ou manufatura puderam ser comparados sem desvantagem nas expo-

sições universais com produtos da Europa; mas as fábricas estão longe de prover o suficiente para o consumo do país, que traz muitos produtos manufaturados do exterior. » (p.68).

Qual valorização do Brasil ?

A totalidade da obra está a serviço da valorização do país. Nessa perspectiva, três fatores essenciais de modernização do território brasileiro são destacados: as estradas de ferro, a imigração e os capitais. Para representar a associação necessária desses fatores, Rio Branco propõe um gráfico original (ilustração 2).

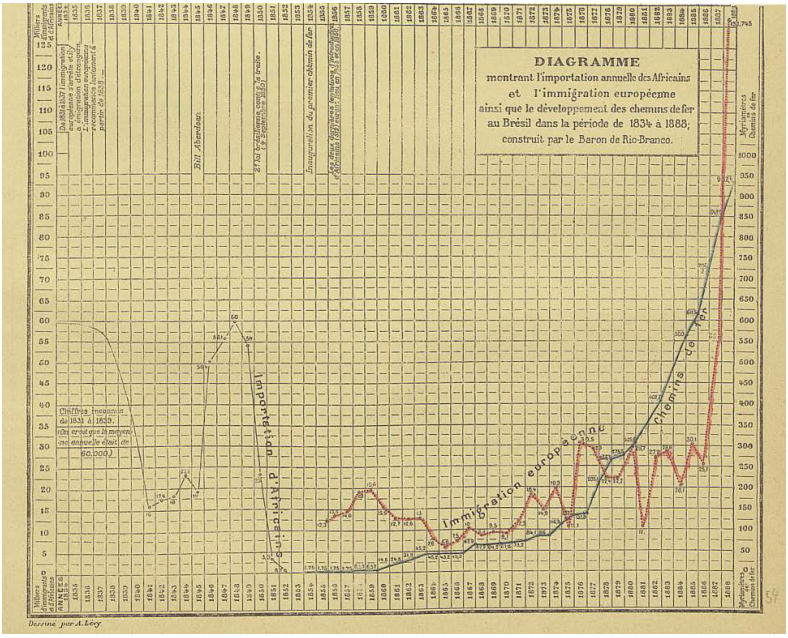


Figura 2: Diagrama colocando em relação a imigração europeia, a chegada de escravos e o desenvolvimento de caminhos de ferro (*Le Brésil*, 1889)

Essa tríade remete também a um modelo de colonização do Brasil que, na época do Império, tendia a desenvolver a agricultura dividindo a propriedade entre colonos potenciais. Levasseur e Rio Branco retomam um discurso muito significativo de Pedro II,

no qual ele defende a divisão e o registro das propriedades. Essa proposta contradiz os interesses da oligarquia latifundiária: « O governo ajudou, com os meios que lhe foram concedidos, esse movimento de transformação econômica e social: é assim que ele fez todos os esforços para estender a rede de nossas estradas de ferro, seja autorizando o prolongamento das estradas de ferro pertencentes ao Estado, seja concedendo garantias de benefícios às estradas de ferro que podem ser construídas por companhias privadas com condições vantajosas. (...) Para fortalecer a imigração e aumentar o trabalho agrícola, é importante que sua sabedoria leve em consideração o projeto de lei que regulariza a propriedade territorial e que facilite a aquisição e o cultivo das terras desocupadas. Ao examinar esses projetos, verão se não é útil conceder ao governo o direito de expropriar, em prol da utilidade pública, os terrenos situados na beira das estradas de ferro, que não estariam sendo exploradas por seus proprietários e que poderiam servir para o estabelecimento de núcleos de colonização » (p. 37). Assim, Levasseur, Rio Branco e seus colaboradores defendem o Império contra uma oligarquia liberal e republicana que corre o risco, segundo eles, de reforçar as desigualdades.

É com esses propósitos de valorização e no contexto político, econômico e social vigente que a obra dirigida por Levasseur constrói uma nova representação do Brasil como um país rico de promessas. Segundo Hélio Damante (1964), um pouco antes do lançamento da obra *Le Brésil*, havia na Europa muitos preconceitos contra o país, em particular depois da guerra do Paraguai. Os europeus, impregnados de ideias liberais, viam o Brasil apenas como um Império escravagista e poderoso que massacrara a população de uma pequena república. O Brasil era visto, segundo Damante, como um país conservador e reacionário.

Para Heloisa Barbuy (1996), o Brasil seria um país bem específico, reunindo as potencialidades da África e a proximidade

com culturas da Europa. Do ponto de vista de Levasseur e dos responsáveis pela Exposição Colonial de 1889, o Brasil não pode ser colonizado da mesma forma que um território da África[13] mas com os próprios brasileiros, numa perspectiva de aproximação com a Europa e de integração na economia-mundo que se configura. É, pois, como um aliado tendo seu próprio projeto e sua própria economia que o Brasil é percebido. Essa relação, mais equilibrada do que parece, faz parte também de um tipo de relações científicas, entre Levasseur e Rio Branco principalmente, baseada na colaboração e nas trocas.

Para Levasseur, o conhecimento do Brasil é essencial para sua valorização. É o que o instiga em diversos trabalhos que ele publica ou dirige. Para os brasileiros, a participação na Exposição Universal é um meio de apresentar potencialidades e de acelerar a integração no mundo das potências. Santa-Anna Néry está consciente desses desafios e escreve: « O Brasil veio a Paris, não para causar boa impressão, mas para que a velha Europa constatasse que, pelos projetos realizados, ele não é indigno de entrar com mais força ainda no concerto econômico dos grandes Estados. O Brasil veio a Paris não para procurar a vã satisfação de recompensas honoríficas, mas para estreitar os laços que o unem à Europa, para abrir novos mercados para suas matérias primas e, sobretudo, para ganhar a confiança de todos aqueles que estariam prontos para escolhê-lo como sua nova pátria, para trazer seu trabalho ao Brasil ou nele fazer frutificar seus capitais. » (Santa-Anna Nery 1889, p. X, citado por Barbuy, 1996)

Uma geografia para a ação

A obra dirigida por Levasseur pode ser lida de um duplo ponto de vista prático: para o Estado brasileiro, conhecer melhor o país representa um desafio estratégico para o desenvolvimento de suas relações exteriores; para os países europeus, significa que

[13] Ver Levasseur, 1865.

podem cogitar em encontrar no Brasil uma solução possível à falta de recursos naturais próprios. Em todo caso, o que é valorizado é a sua utilidade tanto para uns quanto para outros. *Le Brésil* pode ser lido como uma mensagem aos europeus: a falta de recursos na Europa pode ser compensada no Brasil, em termos de metais, de madeira, de matérias primas minerais, de terras agrícolas... Mas isso só será possível com a valorização do território: « o movimento ainda não é considerável, porque falta gente nas regiões para explorar as riquezas naturais e para comprar os produtos estrangeiros » (p. 69). Portanto, as representações dos europeus devem mudar. Esse é um dos objetivos da obra a fim de que o Estado brasileiro seja considerado um Estado forte e um possível aliado.

Le Brésil não derroga, por conseguinte, a visão da geografia desenvolvida por Levasseur: a de um saber útil para agir no mundo (Clerc, 2007). Citemos as palavras enunciadas por ele desde 1872 que dizem muito precisamente que sentido pode ter o conhecimento geográfico: « A Terra é o domínio do homem, é preciso que o homem conheça seu domínio para usufruir dele e para valorizá-lo. A geografia tem por objeto lhe ensinar isso. » (Levasseur, 1872, p. 56) Todos esses escritos, todos esses trabalhos vão nesse sentido: desenvolver o conhecimento das regiões para colocá-lo a serviço da valorização das mesmas.

Tal concepção da geografia repercute num debate que acontece na França nesse mesmo período do final do século sobre as finalidades deste saber (Soubeyran, 1989 e 1994): uma ciência guiada somente por um projeto de conhecimento e de compreensão do mundo? Saberes úteis, aplicáveis para agir no mundo? O debate toma forma dentro do contexto de institucionalização da disciplina com o desenvolvimento da geografia universitária na França (Robic, 2006, p. 20). Porém, Levasseur está distante dessa evolução institucional e se mantém firme a favor de um saber útil. Ele beira os 60 anos e sua carreira está feita quando a ciência geográfica se institucionaliza

liza com cargos e possibilidades de carreira, uma revista científica *(les Annales de Géographie*), laboratórios... Como mostram sua correspondência e suas colaborações, ele se mantém à margem do movimento iniciado por Paul Vidal de la Blache. Assim, é totalmente fora da geografia acadêmica que está sendo estruturada nas duas últimas décadas do século XIX que Levasseur desenvolve suas atividades. A nova geração dos primeiros geógrafos universitários possui outra concepção da disciplina, mais científica e sem dúvida menos implicada nos negócios do mundo. A especialização progressiva dos saberes reforça os limites entre as áreas do conhecimento, enquanto que os trabalhos de Levasseur, guiados pela ação, vão além das estruturas disciplinares. Com sua morte em 1911, o novo chefe da geografia francesa, Vidal de la Blache, redige a necrologia do « cientista » para os *Annales de la géographie*. Apesar do estilo convencional deste tipo de texto e ao mesmo tempo em que coloca o personagem à altura de sua notoriedade, Vidal de la Blache destaca várias vezes que ele não era geógrafo: certamente um « mestre da estatística », um especialista em história econômica, o reformador da geografia escolar, mas não um geógrafo; uma referência, mas um homem de um outro tempo (Vidal de la Blache, 1911).

Tanto através das circulações científicas quanto da forma do discurso construído na obra dirigida por Levasseur e Rio Branco, o Brasil aparece como um país intermediário, mais próximo das potências ocidentais do que de regiões a serem exploradas e colonizadas. Seria certamente exagerado colocar no mesmo plano, do ponto de vista das elites econômicas e intelectuais francesas, o Brasil e os Estados Unidos ou a Alemanha, por exemplo. A relação permanece desequilibrada e alguns julgamentos condescendentes perduram, principalmente aqueles que atribuem às migrações europeias os avanços do país. Mas o Brasil não é a África, nem o essencial da Ásia. É uma potência em formação. A organização estatal está estruturada e a passagem sem violência do Império à República fornece

uma ilustração disso; o país tem uma autonomia e os recursos das regiões já são valorizados pelas populações locais; existe uma elite intelectual com a qual, como mostram as circulações científicas, é possível desenvolver relações de trocas equilibradas.

A obra *Le Brésil* mostra claramente que os saberes, os estudiosos e os objetos (livros, mapas, imagens) circulam, em ritmos diferentes, de um lado ao outro do Atlântico e nos dois sentidos. A personalidade e as funções de Rio Branco, assim como as de Levasseur, estão no cerne dessas trocas que traçam uma verdadeira geografia da informação. Esta é reforçada pelas dificuldades de circulação dos objetos, obriga os geógrafos a cooperar na troca de informações. Para Rio Branco, sobretudo, *Le Brésil* tem uma dimensão estratégica, já que no contexto da elaboração dessa obra, ele tem acesso à produção livresca sobre o Brasil do « centro de cálculo » parisiense, da qual a biblioteca de Levasseur representa seguramente um lugar de excelência.

A monografia *Le Brésil* escapa a um gênero. A obra, baseada concomitantemente no exotismo e na dominação, fará parte, posteriormente, da elaboração da noção de terceiro mundo e, depois, do acirramento de um limite Norte-Sul. Pode-se considerá-la como um modelo potencial que define um tipo de país semiperiférico – fascinante para os cientistas liberais como Levasseur – que dispõe ao mesmo tempo de recursos propícios à colonização e, em parte, de meios de colocar em prática essa colonização.

FONTES :

Archives de l'Institut de France, Paris (Correspondance de Levasseur : MS 6031 et MS 6032, Catalogue de la bibliothèque de Levasseur : MS 6033)

Archives du Collège de France, Paris (Dossier Levasseur : 14 CDF 26D et 16 CDF 257)

Archives du Musée Impérial, Petrópolis (Correspondance Dom Pedro II / Levasseur : M 175 doc. 7991 et M 202 doc. 9169)

Archives de l'Itamaraty, Rio de Janeiro (Correspondance privée Rio Branco/Levasseur : boîte 827 dossier 3)

BIBLIOGRAFIA

Heloisa Barbuy, « O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal », *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol. 4, n°1, 1996.

Luciene Pereira Carris Cardoso, *Intelectuais, militares, instituições na configuração das fronteiras brasileiras (1883-1903)*, São Paulo : Alameda, 2016.

Pascal Clerc, « Émile Levasseur, un libéral en géographie », *L'espace Géographique*, 2007, n°1, p. 79-92.

Pascal Clerc, « Une pensée de la mondialité au XIXe siècle : Jules Duval et les utopies socialistes », *Terra Brasilis*, 2015, n°5, 20 p.

Helio Damante, « Prefácio desta edição », em Barão do Rio Branco, *História do Brasil*, São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1964.

Federico Ferretti, « Pierre Deffontaines et les missions universitaires françaises au Brésil : enjeux politiques et pédagogiques d'une société savante outremer (1934-1938) », *Cybergeo*, 2014, document 703.

Federico Ferretti, Geronimo Barrera de la Torre, Anthony Ince et Francisco Toro (dir.), *Geographies of Anarchism. Early Critical Geographers and Present-Day Scientific Challenges*, Routledge, 2017.

Bruno Latour, *La science en action. Introduction à la sociologie des sciences*, la Découverte, 2005.

Émile Levasseur, *Les Découvertes récentes de l'Afrique. Soirées littéraires et scientifiques de la Sorbonne.* Paris : Guillaumin, 1865, 20 p.

Émile Levasseur, *L'Étude et l'enseignement de la géographie*, Paris : Delagrave, 1872, 126 p.

Émile Levasseur, (Au nom de la 1ère commission), *Rapport sur le commerce et le tonnage relatif au canal interocéanique*. Paris, Martinet, 1879.

Émile Levasseur, *L'abolition de l'esclavage au Brésil (communication*

faite à l'académie des sciences morales et politiques séance du 9 juin 1888), Picard, 1888, 17 p.

Émile Levasseur (Avec la collaboration de MM. de Rio Branco, Eduardo Prado, D›Ourém, Henri Gorceix, Paul Maury, E. Trouessart et Zaborowski), *Le Brésil*, Paris: Lamirault, 1889.

Émile Levasseur, « Lettre-préface », dans Baron de Santa-Anna Néry, *Au pays des Amazones*, Paris : Guillaumin, 1889.

Émile Levasseur, « Le Brésil contemporain », *Revue Économique Internationale*, 1907, 34 p.

Émile Levasseur, « Préface » dans Paul Walle, *Au Brésil. De l'Uruguay au Rio São Franscisco*, Paris : Guilmoto, 1910.

Antonio Carlos Robert de Moraes, « O Barão do Rio Branco e a geografia », *Terra Brasilis (nova série)*, n°5, 2015.

Marie-Claire Robic (coord.), *Couvrir le monde. Un grand XXe siècle de géographie française*, Paris: Ministère des Affaires Étrangères, 2006, 215 p.

Baron de Santa-Anna Néry, *Le pays des Amazones : l'El-Dorado, les terres à caoutchouc*, Paris : Guillaumin, 1899.

Olivier Soubeyran, « La géographie coloniale. Un élément structurant dans la naissance de l'École française de géographie » dans Michel Bruneau et Daniel Dory (dir.), *Enjeux de la tropicalité. Histoire et épistémologie de la géographie*, Paris : Masson, 1989, p. 82-90.

Olivier Soubeyran, « La géographie coloniale au risque de la modernité », dans Michel Bruneau et Daniel Dory (dir.), *Géographie des colonisations. XVe-XXe siècle*, Paris : L'Harmattan, 1994, p. 193-213.

Manoel Fernandes Sousa Neto, *Planos para o Império. Os planos de viação do segundo reinado (1869-1889),* São Paulo : Alameda, 2012.

Paul Vidal de la Blache, « Chronique géographique. Nécrologie. Émile Levasseur », *Annales de géographie*, 1911, p. 457-458.

Louis-Léger Vauthier – a memória de um engenheiro francês no brasil

Emanuele Carvalheira de Maupeou

Louis-Léger Vauthier foi um engenheiro francês que participou ativamente da vida social e política do seu país natal ao longo do século XIX, mas que se tornou um personagem conhecido graças a uma estadia de seis anos no Nordeste do Brasil, quando este ainda era um jovem engenheiro. Morando na cidade do Recife entre 1840 e 1846, Vauthier foi contratado pelo governo local para dirigir a repartição de obras públicas de Pernambuco e foi um dos grandes responsáveis pelas reformas de modernização e de urbanização da região, sendo a construção do teatro Santa Isabel, a obra que lhe proporcionou maior visibilidade. Numa sociedade rural e escravista que conhecia então um elã de urbanização, Vauthier não apenas construiu edifícios e estradas, mas também introduziu uma racionalidade técnica na maneira de construir, participou da vida social, cultural e política das elites locais, difundiu ideias fourieristas, participou de projetos urbanísticos financiados por grandes traficantes de escravos e se envolveu nas disputas de poder regional.

Além dos anos passados no Brasil, a trajetória de Vauthier na França é também extremamente rica, tanto no que se refere a sua carreira de engenheiro, quanto a sua trajetória política e intelectual. Representante da elite técnica francesa e formado pela Escola Politécnica e pela Escola de Pontes e Calçadas de Paris, Vauthier teve uma importante carreira de engenheiro tanto no setor público quanto no privado e trabalhou principalmente com questões relacionadas ao

transporte fluvial e ferroviário, destacando-se por obras relacionadas à navegação do rio Sena e à construção do metrô de Paris.

Vauthier era também militante fourierista ativo e próximo dos principais dirigentes da Escola Societária de Paris. Graças a esta militância política, em 1849, ele foi eleito deputado pelo departamento do Cher, mas no mesmo ano foi preso por participar da manifestação do dia 13 de junho e condenado pela Alta Corte de Versailles. Depois de vários anos de prisão e de exílio, Vauthier retornou à França, participou da defesa de Paris após à queda de Napoleão III e terminou sua carreira política como vereador da capital por mais de quinze anos durante a Terceira República.

Levando em conta a riqueza da trajetória de Vauthier na França e no Brasil, o objetivo deste artigo é analisar a memória deste personagem nos dois países em questão e destacar como ela foi construída e evoluiu a partir de meados do século XX em apenas uma das margens do Atlântico. O interesse suscitado pelo francês no Brasil não se deu de maneira automática após sua passagem pelo país, pois até 1940, o engenheiro falecido em 1901, era um personagem totalmente esquecido. A partir desse momento as evoluções memoriais na França e no Brasil passam a seguir caminhos opostos, culminando em um desequilíbrio memorial flagrante entre os dois países.

De fato, a reabilitação e a valorização de Vauthier só ocorreram a partir da descoberta de seu diário na década de 1930 e principalmente depois da publicação do livro de Gilberto Freyre, *Um Engenheiro Francês no Brasil*,[1] em 1940. A partir deste momento, o francês torna-se objeto de inúmeros estudos e, rapidamente, estabelece-se um diálogo entre a produção acadêmica e um discurso destinado a um público mais amplo, a ponto de Vauthier tornar-se um personagem da história de Pernambuco.

[1] Gilberto Freyre, *Um engenheiro Francês no Brasil,* 2 Vol. 2ª adição, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1960.

Compreender como se deu este processo de construção da memória iniciado no Brasil a partir de 1940 e compará-lo ao esquecimento francês, nos permite tratar de questões relacionadas não apenas à identidade e a memória local de Pernambuco, mas também à representação da França no Brasil e do Brasil na França, questionando os jogos de memória e os movimentos de ida e vinda existentes entre os dois lados do Atlântico.

O esquecimento

Durante os anos em que viveu em Recife, o nome de Vauthier aparecia com regularidade nos jornais locais, mas depois da sua partida, em 1846, o engenheiro foi pouco a pouco caindo no esquecimento no Brasil. Ele ainda guardou contatos com alguns membros da elite local e, de longe, participou de dois importantes projetos urbanísticos da cidade – a reconstrução do Santa Isabel após o incêndio de 1869 e a edificação do mercado São José, em 1872. Todavia, com o passar dos anos, ele parecia ter o mesmo destino que os outros engenheiros franceses que trabalharam em Pernambuco no século XIX e no início do XX: ser apenas um nome associado a construção de um edifício público importante, mas não existir enquanto personagem histórico.

Neste mesmo período, depois de voltar para França, Vauthier passa a ter uma certa notoriedade em seu país natal, graças sobretudo a sua atividade política. Enquanto autêntico representante da geração *quarante-huitard*, a carreira de Vauthier é exemplar: politicamente radicalizado em 1848, ele sofreu as consequências da repressão de Louis Napoléon Bonaparte, mantendo-se ativo na luta pela instalação da república no Segundo Império, antes de voltar à cena política sob a Terceira República, sem, contudo, recuperar um papel de destaque. Certamente limitada e secundária, essa notoriedade se manifestou em contextos políticos específicos e é perceptível nos livros publicados nessas ocasiões.

Os dicionários biográficos de contemporâneos, publicações em voga no final do século XIX, dão uma ideia desta visibilidade, pois o nome de Vauthier aparece nas principais publicações deste estilo. Entre 1876 e 1893, pelo menos sete dicionários biográficos contêm verbetes sobre Vauthier. Concisos, mas claros e precisos, os verbetes retraçam as diferentes fases da vida do engenheiro: a formação, os anos no Brasil, a atividade política durante a Segunda República, os anos de prisão e exílio, a Comuna de Paris e a atividade de conselheiro municipal de Paris.[2]

Enfim, o falecimento de Vauthier em 1901, é o momento das últimas homenagens, todas na França. No Brasil, a imprensa não faz nenhuma menção à sua morte. Já no seu país natal, são publicadas algumas notas em jornais de grande circulação e reportagens maiores nos periódicos com sensibilidade política próxima do falecido. Se levarmos em conta apenas os cotidianos, *Le Radical* é sem dúvida o jornal que deu maior destaque à Vauthier no momento de sua morte, tratando da questão em quatro números diferentes, dedicando inclusive duas manchetes ao engenheiro.[3] Mas as homenagens a Vauthier limitaram-se a discursos e artigos, pois no momento do seu falecimento, nenhuma rua ou monumento francês recebeu seu nome, nem em Bergerac, sua cidade natal, nem no departamento de Cher que o enviou à Assembleia Nacional em 1849, nem em Paris, cidade onde trabalhou muito como vereador e engenheiro.

Assim, em geral, as homenagens concedidas à Vauthier foram discretas e se assemelham às recebidas por muitos homens da sua

[2] Ver, por exemplo, os dicionários Larousse e Vapereau. Este último inclue Vauthier em seis edições, publicadas entre 1858 e 1893. Pierre Larousse, *Grand dictionnaire universel du XIXe siècle,* Paris, Administration du grand Dictionnaire, 1866-77, Tome 15: 815. Gustave Vapereau, *Dictionnaire universel des contemporains: contenant toutes les personnes notables de la France et des pays étranger*s, Paris, Hachette, 1880: 1800.

[3] *Le Radical*, 6, 7, 8 e 9 de outubro de 1901.

geração que morreram na mesma época que ele.[4] Ou seja, depois das últimas homenagens, Vauthier cai rapidamente no esquecimento e permanece totalmente desconhecido dos dois lados do Atlântico por quase quarenta anos.

A invenção de Vauthier

Depois deste longo período de total esquecimento, em 1940 e graças a dois eventos marcantes, Vauthier é reabilitado e passa a ser valorizado em Pernambuco. Primeiro, a descoberta por acaso, em Paris, do seu diário no início dos anos 1930, pelo escritor paulista Paulo Prado. A descoberta deste diário, espontâneo e rico em descrições da sociedade brasileira, atirou o interesse em um período onde relatos de viajantes estrangeiros eram publicados, e se inseriam em um projeto maior do governo Vargas, de construção e a difusão de uma identidade nacional.

O diário de Vauthier se inscrevia perfeitamente neste contexto e, publicado em 1940, veio acompanhado da obra de Gilberto Freyre que analisar o papel de seu autor durante os seis anos em que viveu no Brasil. É exatamente a publicação de *Um Engenheiro Francês no Brasil* o segundo evento marcante no processo de valorização da memória de Vauthier em Pernambuco. Como veremos, é Gilberto Freyre que constrói o personagem Vauthier em Pernambuco e as flutuações em torno da memória do francês na região permanecem até hoje atreladas ao papel tutelar do grande sociólogo.

[4] O apagamento de personagens desta geração está relacionado com a reputação negativa da Revolução de 1848 na França. A geração de 1848 seria uma geração sacrificada, tanto no que se refere à memória nacional da luta pela instalação da república, quanto ao interesse suscitado nos meios acadêmicos. Nos anos 1970, Maurice Agulhon já denunciava que 1848 era uma "revolução depreciada" e publicações recentes ainda falam de uma "revolução esquecida". Maurice Agulhon, *Les quarante-huitards*. Paris, Gallimard, 1975. Maurizio Gribaudi, Michele Riot-Sarcey, *1848, La révolution oubliée,* Paris, La Découverte, 2008.

O Vauthier apresentado por Gilberto Freyre aparece como um benfeitor para a cidade de Recife, homem inteligente, que soube introduzir racionalidade e progresso em Pernambuco, respeitando a história e a "harmonia natural" da região. Ao longo dos anos 1940 e 1950, esta imagem positiva de Vauthier se desenvolve e se amplia em Pernambuco. Primeiramente, no que se refere o discurso acadêmico, a maioria das fontes do período Vauthier são publicadas e outros intelectuais locais, seguindo os passos de Freyre, passam a destacar o papel do engenheiro no Brasil.[5] Sem contar que é durante as décadas de 1940 e 1950 que a imagem de Vauthier extrapola pela primeira vez o discurso acadêmico e se exprime em uma memória pernambucana mais ampla.

De fato, esse período pode ser considerado como o primeiro em que se manifesta uma efervescência memorial em torno de Vauthier, e a celebração do centenário do Teatro Santa Isabel em 1950 funciona como o catalisador desta memória. As comemorações são marcadas pelo tombamento do edifício projetado por Vauthier, reconhecido como patrimônio histórico nacional em 1949, pela publicação de numerosos artigos na imprensa e por uma rica programação cultural. Nestes vários eventos comemorativos, o engenheiro francês é aclamado como notável idealizador desta joia da arquitetura neoclássica nacional. O número especial da revista *Contraponto* de dezembro de 1950, inteiramente dedicado ao centenário do teatro, dá uma ideia do quanto Vauthier é celebrado nesta ocasião. A publicação ricamente ilustrada intercala artigos de artistas, intelectuais e políticos e dedica cinco artigos a Vauthier. A revista também reproduz várias passagens do seu diário e das plantas

[5] Louis-Léger Vauthier, "Casas de residência no Brasil", *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n.7: 1943; *Revista do Arquivo Público*, Recife, ano 3, n. 5: 1948; Amaro Quintas, *O Progresso: Revista Social Litteraria e Scientífica*: *1846-48*, Antonio Pedro de Figueiredo, Recife, Imprensa Oficial de Pernambuco, 1950.

do teatro por ele assinadas e publica as primeiras obras artísticas em homenagem ao francês. Seu retrato, desenhado pelo artista local Manuel Bandeira, é reproduzido e seu nome é evocado em um dos poemas que exaltam o teatro:

> Não pode ser esquecido,
> Lembrado, sim, deve ser
> O nome sempre querido
> Desse notável Vauthier[6]

Seguindo a linha de Gilberto Freyre, a imagem positiva de Vauthier apresentada na revista Contraponto vai além, iniciando assim um processo de heroização do personagem em Pernambuco. Na revista, o engenheiro francês é apresentado como alguém que amava o Recife e como um homem inteligente, habilidoso e determinado a realizar seu trabalho apesar das muitas dificuldades. O próprio Gilberto Freyre, que participa da publicação, destaca "seus esforços de defesa da paisagem e de desenvolvimento dos valores regionais", antes de afirmar:

> Também o mal que diz do nosso país numa ou noutra página íntima do diário, pode generosamente ser esquecido pelo brasileiro de hoje, não só diante do bem que Vauthier fez ao Brasil nos seus seis anos de trabalho e de estudo em Pernambuco, como diante das dificuldades levantadas contra ele.[7]

O processo de heroização é perceptível em outras passagens da publicação:

> Homem de rara energia, cioso de sua nacionalidade, observador arguto e temperamento de renovador, Vauthier ganhou, no

[6] "Cântico ao Teatro Santa Isabel", *Revista Contraponto*, Edição especial do Centenário do Teatro Santa Isabel, Recife, ano 5, n. 12: 1950. O desenho foi feito a partir de uma fotografia obtida com a família de Vauthier em Paris.

[7] "Louis-Léger Vauthier", *Revista Contraponto, Ib*.

> Recife, muitos inimigos, podendo dizer-se que sua retirada para a França, deixando em meio tantas de suas obras, incluindo o Teatro Santa Isabel, que era a sua preocupação maior, resultava, antes de tudo, do clima de constrangimento que lhe criaram os despeitados e os rotineiros animados por um odioso nativismo.
>
> Os seus relatórios denunciam um homem de ação vigilante e um técnico profundamente identificado com os misteres de sua profissão. Era, assim natural, a hostilidade que aqui e ali despertava, contasse, embora, com a admiração de muitos dos seus contemporâneos, durante sua permanência em nosso Estado.[8]

O teatro torna-se "a velha casa de Vauthier", símbolo maior de sua obstinação:

> Neste dia de hoje, abrindo "Diário Íntimo do Engenheiro Vauthier", podemos ver com que idealismo, honestidade e clarividência executou o técnico francês contratado pelo barão da Boa Vista o trabalho de que foi encarregado. Foi uma árdua tarefa um tanto ouriçada de asperezas e desencanto, mas a que nunca faltou a centelha de uma tenacidade indomável, que fez da construção do teatro não apenas e simplesmente o cumprimento de um contrato entre Vauthier e o governo da Província, mas um ideal a realizar.[9]

As comemorações ainda são marcadas pela instalação no teatro Santa Isabel, em 1952, de dois grandes quadros realizados pelo artista Murillo La Greca: um de Vauthier e outro do Barão da Boa Vista, presidente da província de Pernambuco que o contratou em 1840. A partir desta data, o Santa Isabel, um dos principais cartões postais da cidade do Recife, torna-se o primeiro lugar da memória[10] de Vauthier no Brasil.

---

[8] "A campanha contra Vauthier", *Revista Contraponto, Ib*.

[9] "O nume tutelar do Teatro Santa Isabel", *Revista Contraponto, Ib*.

10 Pierre Nora (dir.), *Les lieux de mémoire,* Paris, Gallimard (Quarto), 1997, 3 tomes.

Nesta mesma ocasião, uma placa com o nome do engenheiro francês é instalada na frente do teatro. Percebe-se aqui a forte influência de Freyre e sua boa relação com os meios políticos locais, visto que dois anos antes o sociólogo havia evocado que "(...) o Teatro Santa Isabel, a que o seu nome ficou para sempre ligado, embora a lápide comemorativa (...) viesse um dia a ser virada pelo avesso, para se glorificarem, em vez dos esforços do arquiteto construtor (...), simples serviços de conservação ou reparos do edifício (...)".[11]

Se em Pernambuco, a exaltação da memória de Vauthier conheceu seu apogeu durante as comemorações do centenário do teatro, esta perdura toda a década de 1950 e sempre sob impulsão de Gilberto Freyre que entre 1955 e 1958, dá um curso intitulado "transculturação dos valores franceses no Brasil" na Universidade Federal de Pernambuco. Além disso, em 1960, Freyre publica a segunda edição de *Um engenheiro francês no Brasil*, em dois tomos, reunindo numa só obra os escritos de Vauthier e a análise do sociólogo. O sociólogo enriquece a obra com vários artigos e com uma longa introdução destinada principalmente a incorporar a exaltação da memória de Vauthier à sua análise, estabelecendo, assim, um diálogo entre o debate acadêmico e a memória local.

Nesta nova introdução, o sociólogo prioriza a singularidade do que ele chama de "tempo dos franceses"[12] e de "missão Vauthier" em Recife, para ele a então "metrópole intelectual do Império",[13] superior ao Rio de Janeiro em vários aspectos. Freyre busca valorizar o período Vauthier comparando-o a dois outros momentos importantes da presença europeia no Brasil: o período de ocupação holandesa no Nordeste entre 1630 e 1654 e a Missão Artística francesa no Rio

[11] "Louis-Léger Vauthier", *Revista Contraponto, op. cit.*

[12] Referência ao título do livro de José Antônio Gonsalves de Mello, *Tempo dos Flamengos: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil.* São Paulo, José Olympio, 1947.

[13] Gilberto Freyre, *op. cit.*: 60.

de Janeiro em 1816. A primeira comparação serve para valorizar dois momentos distintos da presença europeia em Pernambuco; já a segunda é usada para destacar o Nordeste frente à hegemonia do Sudeste. Para o autor, existe uma

> constante recifense no sentido ao mesmo tempo da objetividade e da ciência no trato dos problemas sociais e regionais, vinda, talvez – repita-se – da ocupação holandesa ou nórdica desta parte do Brasil; e reforçada pela presença na capital de Pernambuco de uma missão francesa que em vez de missão apenas de artistas (como a que atuou no Rio de Janeiro) foi principalmente de cientistas: não só de técnicos como de homens empenhados pela sua formação científica (e Vauthier também pelo seu socialismo de caráter científico), em resolver no Brasil problemas de engenharia considerando o meio social, as condições regionais, as perspectivas sociais brasileiras.[14]

Ou seja, com esta nova introdução, Gilberto Freyre incorpora Vauthier, enquanto personagem histórico, ao seu projeto Regionalista de valorização e de reivindicação dos valores culturais do Nordeste.[15] Neste projeto, Vauthier e seu grupo de agentes, ao mesmo tempo técnicos e culturais, aparecem como vetores de um progresso que soube respeitar a "unidade original" da cidade luso-brasileira.[16] Ou seja, Recife aparece como uma cidade que soube assimilar o impacto da modernização coordenada por Vauthier sem perder suas tradições. Deste modo, o sociólogo atualiza seu discurso regionalista adaptando-o ao discurso oficial que defende

[14] *Ib.*: 71.

[15] Num momento em que a cultura do Sudeste se impõe como sinônimo de cultura nacional, Freyre se investe na defesa do seu projeto regionalista. Vale lembrar que é nos anos 1950 que o sociólogo publica seu Manisfesto Regionalista, de 1926. Lucia Lippi Oliveira, "Gilberto Freyre e a valorização da província", dans *Sociedade e Estado*, Brasília, vol. 26, nº. 1, Jan./Apr. 2011: 117-149.

[16] Raimundo Arrais, *O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*, São Paulo, Humanitas e FFLCH/USP, 2004.

o "progresso" e envia um recado as elites do Sudeste, afirmando o quanto o Nordeste – região considerada atrasada no imaginário nacional - foi pioneira e manteve, ao longo da sua história, ligações diretas com os centros de irradiação da cultura e da modernidade que vinham da Europa, como demonstram os exemplos do "tempo dos flamengos" e o "tempo dos franceses".

Todavia, além disso, é também possível enxergar na valorização da cultura francesa promovida por Freyre, uma estratégia do sociólogo que buscava, neste período, o reconhecimento internacional, principalmente na França. O período em que ele mais celebra a monumentalidade da influência cultural francesa no Brasil em conferências e artigos de jornal – décadas de 1940 e 1950 –, coincide com aquele em que a obra de Gilberto Freyre foi reconhecida no meio universitário francês. Vale destacar que o sociólogo gostava de repetir que a França foi a nação que lhe concedeu a maior consagração internacional.[17]

De fato, a obra de Freyre recebeu uma recepção calorosa no meio intelectual francês. Traduzido por Roger Bastide e com introdução de Lucien Febvre, *Casa Grande e Senzala* foi publicado em francês em 1952. Roland Barthes, Fernand Braudel, Georges Balandier e Jean Pouillon são alguns dos grandes intelectuais franceses que escreveram artigos sobre o sociólogo e sua obra. Entretanto, se no seu conjunto a obra de Freyre foi bem recebida na França, seu estudo sobre Vauthier não chamou nenhuma atenção no meio intelectual francês. Nem mesmo as referências à Vauthier feitas por importantes intelectuais franceses – como o prefácio de *Um Engenheiro Francês no Brasil* escrito pelo o sociólogo Paul Arbousse-Bastide ou a menção feita por Roger Bastide que evocou a importância de Vauthier no catálogo da Exposição franco-brasileira de Paris organizada pelos

[17] Antonio Dimas, Jacques Leenhardt e Sandra Jatahy Pesavento (org.), *Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção, Porto Alegre, UFRGS; São Paulo, USP, 2006.*

Arquivos Nacionais franceses em 1955[18] – despertou o interesse pelo personagem na França.

Na verdade, o que interessava aos franceses na obra de Gilberto Freyre era sobretudo a questão racial e suas possíveis relações com o contexto político francês do momento, particularmente com o problema do colonialismo.[19] Assim, o livro sobre um engenheiro francês que trabalhou no Brasil havia mais de cem anos, não atraiu nenhum interesse e a obra nunca foi traduzida em francês. Ou seja, os silêncios em relação à Vauthier perduraram na França, apesar do crescente interesse no Brasil.

Nos anos 1960, a imagem de Vauthier e sua heroização em Pernambuco enquanto um dos mais importantes benfeitores da cidade do Recife parece solidamente construído no imaginário local. Inclusive, se a palavra herói não é utilizada na produção intelectual de Freyre, ela aparece em outras publicações do autor, como por exemplo do seu *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, onde o sociólogo destaca o aspecto positivo das "influências estrangeiras" na capital pernambucana:

> De Maurício de Nassau – nórdico com alguma coisa de príncipe da Renascença e que amou o Recife com olhos de artista europeu seduzido pelos trópicos – é pena que não exista na capital de Pernambuco estátua ou busto: é homenagem que não seria exagero algum da parte da cidade (hoje metrópole de uma região inteira amada toda ela pelo esclarecido fidalgo) para com um dos homens que mais concorreram para a sua urbanização. Um herói recifense. (...)
>
> Um busto deveria existir também de Vauthier: outra figura heroica do passado recifense, definindo-se herói como homem extraordinário pelas suas virtudes e audácias de realizador. Do

[18] Roger Bastide, "Échanges culturels entre la France et le Brésil", dans *France Brésil - Exposition Archives nationales*, Paris, l'Union, 1955.
[19] Antonio Dimas, *et al.*, *op. cit.*

> francês Vauthier se pode dizer que, em bronze, representaria todo um grupo de engenheiros franceses e ingleses que concorreram para o desenvolvimento técnico, estético e intelectual da cidade.[20]

Promovendo seus dois heróis estrangeiros, Gilberto Freyre reforça a imagem de Recife como cidade cosmopolita e seu discurso, mais uma vez, ecoa nas ações promovidas pelos governos locais. Em 1974, uma estátua de Vauthier é instalada na praça da República, uma das mais importantes de Recife, em frente ao teatro Santa Isabel e ao palácio do governo do estado. A obra foi realizada pelo escultor Abelardo da Hora e a frase gravada ao pé da estátua resume bem que aspectos da memória de Vauthier se consolidaram em Recife e não deixa dúvida sobre o papel tutelar de Gilberto Freyre: "Louis--Léger Vauthier amou o Recife, cidade a que serviu devotadamente de 1841 a 1846 com a sua ciência, com a sua inteligência e com o seu humanismo. O Recife lhe é grato. Gilberto Freyre. 7-10-1974. Administração Augusto Lucena".

É interessante notar que durante a fase mais repressiva da ditadura militar, a construção da estátua de uma figura considerada pela historiografia local como socialista não parece ser um problema para uma administração que representava o regime localmente. De fato, este aspecto da trajetória de Vauthier é em grande parte esquecido face à consolidação da imagem do benfeitor de Recife, associado a uma memória de elite. Sem contar que a instalação da estátua de Vauthier é mais um exemplo da habilidade de Gilberto Freyre que soube promover o personagem, respeitando a conjuntura política do momento e as expectativas dos meios cultivados de Recife. Enfim, um último aspecto a destacar é que o busto de Nassau foi também instalado na praça da República, mas apenas em 2004, em um outro momento de exaltação da memória, desta vez em torno do "Brasil holandês".

[20] Gilberto Freyre, *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1968: 72.

Mas, voltando aos lugares da memória de Vauthier em Pernambuco, além do teatro, o francês ainda é homenageado na rua Engenheiro Luiz Vauthier, no bairro da Encruzilhada, em Recife. Uma rua calma, em um bairro residencial, parece ser a única em todo Brasil a homenagear o fourierista, confirmando o quanto a memória de Vauthier restringe-se à Pernambuco.

Por outro lado, no meio acadêmico, o interesse por Vauthier desaparece durante a ditadura militar. Não apenas um Francês de origem burguesa torna-se um tema *démodé*, como a influência de Gilberto Freyre cai consideravelmente nos centros universitários do país, mesmo sendo cada vez mais celebrado internacionalmente. Nem mesmo a dimensão socialista de Vauthier interessa os pesquisadores. Esta nova conjuntura está relacionada tanto ao contexto político do país quanto ao quadro teórico predominante no ambiente acadêmico das ciências humanas e sociais do país, com a hegemonia do marxismo. Além disso, o posicionamento polêmico de Gilberto Freyre com relação à ditadura militar contribuiu ainda mais para o distanciamento dos intelectuais brasileiros da sua obra.

Assim, é somente no contexto de redemocratização nos anos 1980 e principalmente nos anos 1990, que o nome de Vauthier reaparece no discurso universitário brasileiro e não apenas em Pernambuco. Pesquisadores de várias áreas, sobretudo das áreas de literatura, história, arquitetura e urbanismo, passam a se interessar por Vauthier com o intuito de analisar fenômenos diversos, tais como os hábitos culturais da elite, as transformações urbanas e o patrimônio da cidade do Recife, a introdução do socialismo no Brasil, o quadro político e as contradições da modernidade em Pernambuco.[21] Se em

[21] Não cabe aqui enumerar o grande número de trabalhos que analisam o período Vauthier. Para uma análise desta produção, ver Emanuele de Maupeou, *Louis-Léger Vauthier: un ingénieur fouriériste entre France et Brésil. Histoire et mémoire*. Thèse en histoire, Université Toulouse Jean Jaurès, 2015.

boa parte desta produção acadêmica predomina a visão construída por Gilberto Freyre que destaca o papel positivo da intervenção do francês em Pernambuco, é nesse contexto que surgem as primeiras interpretações que criticam sua atuação no Brasil.[22]

Neste mesmo período, a exaltação da memória de Vauthier em Pernambuco diminui. Sem se alimentar de novos eventos comemorativos por anos, no fim do século XX, sua imagem torna-se mais vaga e menos celebrada. Entretanto, é neste período que aparece o primeiro fragmento de memória em torno de Vauthier na França. Em 1999, o engenheiro ganha seu primeiro lugar da memória em Bergerac, quando a rua Alexis Carrel é rebatizada como rua Louis--Léger Vauthier. A comissão municipal justificou a adoção do novo nome por se tratar de um conterrâneo do "século XIX, politécnico, engenheiro de Pontes e Calçadas, Saint-simonista, que trabalhou na Dordogna e no Brasil: construção de monumentos em Recife".[23] Apesar de ser originário de Bergerac, Vauthier deixou a cidade jovem e só trabalhou na região no início da carreira, sob as ordens do seu pai. Num verdadeiro jogo da memória entre o Brasil e a França, são os monumentos construídos por Vauthier em Recife que motivaram a cidade de Bergerac a homenagear o filho da terra, ilustre do outro lado do Atlântico e esquecido na sua terra natal.

A reinvenção de Vauthier

A memória de Vauthier nunca conseguiu ultrapassar as fronteiras de Pernambuco e as referências ao francês na imprensa nacional são praticamente inexistentes, contrastando inclusive com

[22] Izabel Marson, *O Império do progresso: a Revolução Praieira em Pernambuco*, São Paulo, Brasiliense, 1987.

[23] Délibération du Conseil Municipal de Bergerac, n° D19990057, jeudi 4 mars 1999.

a dos seus dois "concorrentes de memória", o "tempo dos flamengos" e a "Missão Artística de 1816".[24]

Já em Pernambuco, depois de um período de relativo esquecimento, ela volta a ser valorizada, em meados dos anos 2000. O ano da França no Brasil, em 2005, é a ocasião propícia para esta revalorização. Desde 2004, os jornais locais destacam os esforços para incluir assuntos "franco-pernambucanos" na programação nacional, destacando que a embaixada foi alertada que "não se pode esquecer Gilberto Freyre, não apenas pelo livro sobre Vauthier, mas para o francesismo da sociedade brasileira".[25]

Entretanto, os esforços para incluir assuntos pernambucanos não dão resultado e a imprensa local não deixa de criticar uma programação muito centrada no Sudeste. Em reação a esta ausência, os jornais locais encarregam-se de destacar a "influência francesa" em Pernambuco. Neste contexto, o Diário de Pernambuco publica, em outubro de 2005, um caderno especial intitulado "Vauthier - A história que a França desconhece e o Brasil esqueceu", organizado por Vandeck Santiago. Segundo o jornalista:

> É fato que os episódios históricos ocorridos nos estados economicamente mais desenvolvidos têm maior repercussão na história. Verdade ainda mais contundente nesses dias de globalização, quando a personagens do mundo periférico o máximo que se reserva são algumas linhas num canto de página. Choramingar, porém, não muda nada. Se querem preservar sua história, as comunidades regionais devem é encontrar meios de publicá-la. Como o faz agora o Diário de Pernambuco, com este caderno especial.[26]

---

[24] Uma busca por palavras chave no acervo digital da Revista Veja (1968 a 2014), encontra-se apenas uma referência ao nome de Vauthier, 167 para a palavra "Nassau", 94 para "1816" e 152 para a palavra "Debret". Acervo digital da revista *Veja* http://veja.abril.com.br/acervodigital/ (consultado em agosto de 2015).

[25] Jornal do Comércio, 10 de dezembro de 2004.

[26] Diário de Pernambuco, 13 de outubro de 2005.

O objetivo da publicação é recuperar uma história apagada pelo tempo visto que o legado de Vauthier

> estende-se pelas áreas da construção civil, da administração pública, da urbanização, da ecologia e da divulgação pioneira do socialismo pré-marxista no Brasil - legado reconhecido por estudiosos de arquitetura e de história e por nomes como o de Gilberto Freyre e Roger Bastide. (...) Nos seis anos que permaneceu em Pernambuco, Vauthier esteve à frente dos mais ousados projetos urbanos aqui realizados. Nenhum outro episódio histórico, na relação Brasil-França século XIX, teve tanta documentação, gerou tantos estudos e afetou tanto o cotidiano das pessoas quanto a temporada do engenheiro francês em Pernambuco.[27]

Apesar de citar obras com visões distintas sobre a atuação do francês no Brasil, a visão construída por Gilberto Freyre predomina na publicação, com a utilização de expressões como "missão Vauthier", "ciclo Vauthier" e "tempo dos franceses". Além disso, a reportagem dá espaço para sua vida privada ao considerar que "a temporada em PE do engenheiro francês Vauthier é, em vários sentidos, novelesca. Teve disputa política, conflitos administrativos, violência, debates sobre o socialismo, inovações técnicas e, *oui*, sexo".[28] A vida sexual de Vauthier no Brasil dá matéria para todo um artigo e o jornalista afirma, mas sem citar fontes, que quando o engenheiro deixou o Brasil, "retornaram todos para a França em 1846 – do grupo faria parte um filho que Vauthier tivera com uma pernambucana"![29]

Esta exaltação de Vauthier rendeu furtos e motivou a publicação de uma nova edição do seu diário, assim como a organização de uma "semana Vauthier" em Recife, evento oficial do novo ano da França no Brasil em 2009, que incluía na sua programação um

[27] *Ib.*
[28] *Ib.*
[29] *Ib.*

colóquio,[30] uma exposição,[31] um "concerto de amizade", organizado pelo Consulado da França em Recife e um banquete, que contou com a presença do governador do estado e de descendentes de Vauthier.

O colóquio internacional Pontes e Ideias, inteiramente dedicado a Vauthier, foi organizado graças a uma parceria entre instituições francesas e brasileiras e reuniu pesquisadores de várias áreas, vindos dos dois países, ocorrendo na Fundação Joaquim Nabuco, fundada por Freyre em 1949. Não cabe aqui analisar a posição dos diferentes pesquisadores que participaram do evento,[32] mas destacar que pela primeira vez o itinerário francês de Vauthier é incorporado ao debate, mesmo se o período brasileiro é privilegiado. Além disso, percebe-se que não há mais um consenso sobre o papel de Vauthier no Brasil. De fato, se parte dos participantes exalta a intervenção do francês e se inscreve numa perspectiva freyriana, alguns pesquisadores são bastante críticos ao engenheiro.

Em mais um exemplo do diálogo estabelecido entre o discurso acadêmico e aquele destinado ao público em geral, a "semana Vauthier" foi destaque na imprensa local,[33] que também buscou divulgar elementos da trajetória francesa de Vauthier. Todavia, percebe-se

[30] Tanto a reedição do diário de Vauthier, quanto a organização do colóquio foram coordenadas por Claudia Poncioni, pesquisadora brasileira, professora da Universidade Sorbonne Nouvelle Paris 3. O diálogo estabelecido entre a pesquisadora e a imprensa local, é confirmado por ambas as partes. Ver "A história redescobre Vauthier", *Diário de Pernambuco*, 10 de agosto de 2008. Ver também Claudia Poncioni, *Ponts et idées, Louis-Léger Vauthier un ingénieur fouriériste au Brésil,* Paris, Michel Houdiard, 2009.

[31] Rita de Cassia B. de Araújo et al. (dir.), *Vauthier: um engenheiro de arte, ciência e idéias,* Olinda, CECI, 2009.

[32] Para tanto, ver os anais do colóquio, Claudia Poncioni et Virginia Pontual (dir.), *Un ingénieur du progrès: Louis-Léger Vauthier entre la France et le Brésil*, Michel Houdiard, 2010.

[33] Ver os artigos publicados pelo Diário de Pernambuco e pelo Jornal do Comércio durante a semana do 18 ao 23 de outubro de 2009.

que apenas os pesquisadores que atualizam o discurso de Freyre encontram espaço de expressão nos jornais da região, principalmente aqueles que não são originários de Pernambuco, pois estes não poderiam ser criticados por excesso de regionalismo. Percebe-se aqui o quanto a imprensa local aparece como um importante vetor da memória regional, elemento também promovido pelo poder local, que apoiou a "semana Vautier" e as publicações em torno do evento.

Mas esse novo momento de exaltação da memória de Vauthier não se limita ao colóquio. Em 2010, o Diário de Pernambuco publica um novo caderno especial inteiramente dedicado ao francês. A reportagem especial segue o mesmo modelo da de 2005, mas tem como objetivo principal incorporar a trajetória francesa de Vauthier ao discurso construído por Freyre. O próprio jornal afirma que seu objetivo é concluir "jornalisticamente a história que Gilberto Freyre deixou incompleta".[34] Assim, a exaltação de Vauthier é feita com a preocupação de relacionar os dois itinerários do personagem – o francês e o brasileiro – a partir de imagens intercaladas de Paris e de Recife e de paralelos entre sua vida dos dois lados do Atlântico. Enfim, a publicação considera que após a "descoberta" de Vauthier por Freyre, vive-se um período de "redescoberta", ciclo que se completa com a própria reportagem.[35]

Durante todo o ano e nos anos seguintes, o nome de Vauthier continua a aparecer nos jornais pernambucanos com certa frequência, e além de reportagem mais clássicas, ele é muitas vezes citado na coluna social, o que confirma o interesse das elites locais pelo francês. Enfim, em 2012, Vauthier torna-se também um personagem de ficção. Ele aparece no romance *Iluminata*[36], da escritora Luzilá

[34] Diário de Pernambuco, 2 de janeiro de 2010, "Diário lança especial feito em Paris".
[35] *Ib*., ver os artigos "Como ele foi descoberto", "E agora, a redescoberta".
[36] Luzilá Gonçalves Ferreira, *Iluminata*, Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2012.

Gonçalves Ferreira, que conta a história de uma mulher cultivada da elite pernambucana do século XIX que dialoga com personagens que realmente viveram em Recife nesta época, como Vauthier.

Este segundo momento de exaltação da memória de Vauthier é bastante recente e é difícil prever até que ponto ele permanecerá no discurso identitário local, mas pode-se afirmar que a memória de Vauthier voltou a povoar o imaginário pernambucano. Além disso, a memória de Maurício de Nassau, consolida-se como modelo, visto que o holandês, depois de um processo de afirmação da sua memória, tornou-se talvez o personagem histórico de maior destaque em Pernambuco.[37] Dificilmente Vauthier alcançará sua celebridade; entretanto, o processo de valorização dos dois personagens é similar e tem o mesmo objetivo.

Neste mesmo período, o nome de Vauthier começa a aparecer com um pouco mais de frequência na França, tanto no discurso acadêmico, quanto em enciclopédias e páginas da internet. Se o seu nome sempre apareceu de maneira esporádica na produção acadêmica puramente franco-francesa, se tratava de referências fragmentadas que não levavam em conta o conjunto da sua trajetória. Ou seja, é o interesse suscitado no Brasil que permitiu uma maior divulgação da trajetória francesa do personagem como um todo.

Como num jogo de espelho, entre história e memória, e entre França e Brasil, o personagem Vauthier se constrói. Se por um lado, na França, a rua atribuída a Vauthier em Bergerac é um exemplo que este diálogo existe, ele é bastante limitado. Por outro lado, no Brasil existe uma verdadeira instrumentalização do personagem em Pernambuco que ultrapassa o próprio Vauthier. Neste processo, o papel tutelar de Gilberto Freyre permanece central. Através de per-

[37] Denis Bernardes, "Nassau, Nassaus, notas brutas sobre os usos da história", dans Jomar Muniz e Gilda Maria Muniz (org.), *Relendo o Recife de Nassau*, Recife, Bagaço, 2003.

sonagens como a do francês, busca-se forjar uma imagem de Recife enquanto cidade cosmopolita e centro de produção de modernidade, inserindo-a assim no discurso nacional. Neste projeto, as referências à Europa e particularmente à França servem a legitimar esta imagem e se manifesta sobretudo numa memória de elite.

Enfim, concluímos com dois questionamentos sobre a memória de Vauthier em Pernambuco. Por um lado, poderíamos vê-la como uma "memória obrigada", no sentido dado por Paul Ricœur[38] de "dever da memória" de uma região muitas vezes negligenciada nacionalmente? Nesse sentido, a noção de dívida e a necessidade de reconhecer os valores e a história do Nordeste em todo o país aparece como legítima. Por outro lado, enquanto memória de elite, a cultura francesa e o uso de personagens como Vauthier não serviriam a legitimar o poder da tradicional elite regional? Assim, diante da perda de influência no quadro nacional, o discurso regionalista serve às antigas elites de Pernambuco, que, numa tradição histórica ligada à concentração de riqueza e poder, mantêm os símbolos que representam sua supremacia enquanto reivindicam mais espaço no contexto nacional.

[38] Paul Ricœur, *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, Paris, Seuil, 2000.

Relações culturais internacionais e ciências sociais: o *Outro mundo*, fermento heurístico[1]

Antoine Huerta[2]

Fernand Braudel confiou várias vezes a Giuliana Gemelli que "ele havia se tornado inteligente no Brasil".[3] Acrescentava que o Brasil lhe oferecia, a cada dia, um espetáculo tão grande de história e gentileza social, que ele passou a entender a vida de uma outra maneira.[4] Outros, cuja importância nas ciências sociais não é menor, viveram um fenômeno semelhante: Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide, Pierre Monbeig, "não teriam aprendido em outro lugar (a não ser no Brasil) a comprovar o que haviam adquirido na França; não teriam descoberto que era tão fácil ensinar no estrangeiro e no mundo, ensinar aos outros e aprender para si próprio".[5] Para todos, o parêntese brasileiro iniciado com a missão universitária de São Paulo, em 1934, teve ricas consequências: o diálogo com esse outro lado do mundo astral permitiu grandes renovações epistemológicas.[6] A importância dos deslocamentos, de um ponto de vista científico, oferece um bom exemplo de contraponto à ciência enraizada em um só campo disciplinar, uma só escola. Embora esse ponto tenha sido bem demonstrado, no caso de figuras maiores evocadas an-

[1] Traduzido do francês por Maria Elizabeth Chaves de Mello.

[2] Université de La Rochelle, Centre de Recherches en Histoire Internationale et Atlantique (CRHIA).

[3] Cf. Gemelli, 1995, 61.

[4] In Paris, ArthaudFlammarion, 1986: 203. Cf. Correa Lima, Luís, 2005, <http://www.braudel.org.br/pesquisas/pdf/anpuh-2005.pdf>.

[5] Reboullet: 119-28, in KokEscalle & Melka (org), Amsterdam, Atlanta, Rodopi, 2001.

6 Lefèvre, 1993, n°38: 24-33.

teriormente, propomo-nos a estudar essa questão a partir de um pesquisador de menor fama.[7]

De volta de sua segunda missão brasileira, onde foi nomeado para a Universidade do Distrito Federal (Rio de Janeiro), em 1936, o geógrafo francês Pierre Deffontaines publica um texto destinado à juventude, no qual evoca toda a importância de outros mundos geográficos. Evocava seu gosto pelo desconhecido, nesses termos: "essa grande curiosidade inicial, que existe tão maravilhosamente na infância [...], essa curiosidade pelo 'outro lado do mundo', pelas 'outras coisas'[...], essa alegria de conhecer, que é uma das características do jovem, em geral, ao sair da escola, seis anos depois, tudo isso é atenuado, até mesmo recalcado, e, às vezes, perdido para sempre".[8] Essa curta passagem não é anódina, talvez ela seja o reflexo de concepções mais profundas dessa noção de *outro lado do mundo*.

Pretende-se tratar aqui, da maneira pela qual Deffontaines, geógrafo que participou da criação da geografia universitária em São Paulo e no Rio de Janeiro, trabalhando em várias pesquisas no e sobre o Brasil, precisou inventar uma nova língua, para escrever seus espaços e territórios, graças a uma abordagem geográfica que colocava as sociedades no centro de seu estudo, misturando habilmente a antropologia com a história. Criou um imaginário específico, levando muito em conta os pontos de vista dos homens sobre seu país: tanto os imaginários dos cientistas, quanto os dos homens comuns eram solicitados, no processo de criação científica. Essa circulação cultural e inúmeras trocas formam um outro exemplo do

[7] A respeito dos deslocamentos conceituais, conferir o artigo de Paulo Cesar da Costa Gomes e Laurent Vidal, "Déplacement des savants, déplacement des savoirs. Le glissement des concepts sur le sol meuble du Brésil. Les exemples de Roger Bastide et Pierre Monbeig", *Bastidiana*, 2001, nº3536: 175-82.

[8] Cf. Desjardins, Paris, 1940: 89-99.

"deslizamento dos conceitos sobre o solo móvel do Brasil".[9]

Surgiram circulações ideais, das escolhas metodológicas assumidas por Deffontaines, bem como das relações dialógicas, epistemologicamente fecundas, nas quais representações geográficas inovadoras puderam nascer e se desenvolver. Evidentemente, uma geografia mestiça[10] distinta, na paisagem da escola francesa da época clássica, no seio da qual o aqui e o lá eram dois componentes fundamentais da episteme de Deffontaines, no cruzamento entre a geografia, a linguística, a literatura e a história. Os imaginários geográficos aqui descritos formavam um diálogo constante, para cuja análise as circulações relacionadas ao pensamento de Deffontaines inscreviam-se, no parâmetro de relações internacionais ricas: sua geografia, daqui e de lá, permitiu uma renovação original da disciplina.

O outro lado do mundo é uma noção que permite distinguir as etapas da carreira do geógrafo, considerada aqui, ao longo de seus objetos de estudo e itinerário científico e espiritual. Trabalhar do outro lado do mundo, especialmente no Brasil, era, antes de tudo, uma possibilidade de ele continuar sua carreira, que sofria dificuldades na França. Era também a possibilidade de explorar pistas de pesquisa que lhe eram caras, sobre aqueles novos campos: o deslocamento, como prática e objeto de estudo da geografia, segundo Deffontaines, que ele aplicou, imediatamente, em seus cursos brasileiros. Enfim, esse período foi a oportunidade de criar um outro lado do mundo sonhado, quase mítico, descrito por uma geografia mestiça, em que o sobrenatural e o espiritual ocupavam um lugar central.

[9] Op. cit.

[10] Aqui, um pouco comparável à evocada por Emmanuel Lézy "'La Saison et la ligne' ou Moby-Dick, une leçon de géographie métisse", *Cycnos*, vol.17 n°2, 2008, URL: http://revel.unice.fr/cycnos/index.html?id=1645.

1 Catolicismo e bergsonismo: fechaduras francesas, chaves brasileiras

Um primeiro nível de leitura do *outro mundo* mostra, simplesmente, o desejo profissional de trabalhar em um outro lugar, de descobrir novas perspectivas científicas. Com efeito, o posicionamento acadêmico de Deffontaines não lhe permitia fazer carreira na França. Foi o caso, por exemplo, da escolha de um professor para a universidade de Poitiers. Houve unanimidade, a princípio, contra Deffontaines, já que o grande Emmanuel de Martonne, da Sorbonne, contestou suas qualidades de professor e geógrafo.[11] Em seguida, ele foi acusado de não servir à universidade pública desde 1924, de integrar o ensino católico em 1925, e, ao contrário dos outros candidatos, de não ter lutado na guerra,[12] tendo sido deixado de lado o fato de que sofria de malformação congênita na mão esquerda. No entanto, o caso pareceu de importância suficiente para que os historiadores, por sua vez, se mobilizassem para *afastar o perigo Deffontaines*.[13] O historiador Lucien Febvre escreveu a Marc Bloch: "Encontrei Demangeon, mas em condições muito estranhas. Pediram-me (isso fica entre nós) para intervir com De Monzie, que foi enfeitiçado (ou que 'foi catequizado', mais precisamente) por Deffontaines, que ele queria nomear para Poitiers".[14] Febvre lutou corajosamente, com o apoio dos geógrafos de Paris, com quem ele cultivava uma certa intimidade, para impedi-lo.

11 Nicolas Ginsburger: 15 in "Théodore Lefebvre, un bon géographe pour Poitiers?", *Norois*, 230, 2014: 7-19. (AN, lettre de De Martonne à Cavalier, 3 juillet 1933).

12 Ibidem.

13 *Ibid*.

14 Trata-se aqui de Anatole de Monzie (1876-1974), então ministro da Educação Nacional. Lembremos que o engajamento dos professores era, então, o único feito do ministério, o que explica as longas pressões para eleger tal ou tal candidato.

Deffontaines, que dedicou sua tese a São Francisco de Assis, *o que não foi nada apreciado por uma banca habituada a outros códigos de conveniência!*,[15] tinha então dificuldade de se manter em uma escola violentamente laica. Portanto, não é nada difícil de entender o ostracismo a que ele foi relegado. Por ser católico, foi marginalizado a vida toda; e isso foi, segundo um outro geógrafo, Pierre Marthelot, a sua sorte.[16] Permitiu-lhe trabalhar em lugares em que podia desenvolver seu pensamento, como o Brasil, especialmente. Mas a religião não foi o único fator de exclusão. Sua relação com o geógrafo Jean Brunhes contribuiu igualmente para isso, de tal maneira, que esse foi a seu favor, no exílio brasileiro. Numa carta à sua filha, Mariel Jean-Brunhes Delamarre, ele mostra, no entanto, que o desapontamento persistiu, sem por isso diminuir sua combatividade: "rejeitaram-me no quadro francês [escrevia ele], um pouco porque eu era da escola de Brunhes e ao contrário, pelo fato de eu ser dessa escola, usaram-me à vontade no estrangeiro..." Assim, prosseguia ele, "espero que esse horizonte estrangeiro, ao qual tanto devo [...] me valorizará mais na França".[17] Examinemos isso de perto.

Jean Brunhes lutou para que a filosofia fosse parte integrante da sua obra, especialmente no que diz respeito à influência de Bergson:

> faço um esforço curiosamente paralelo ao bergsonismo. [Sua espiritualidade] fez correr muito papel e tinta, principalmente depois do ensaio sobre "A energia espiritual".[18]
>
> Bergson e eu partimos, ambos, de uma reação contra o positi-

[15] Cf. Marthelot, 1980, n°14: 43-46.

[16] *Idem*: 43.

[17] Carta de Deffontaines a Mariel Jean-Brunhes-Delamarre, de 27 de outubro de 1947, reproduzida no *Livre de nos jours*, vol. 5, de 19 março de 1946 a 21 dezembro de 1947: 122. Trata-se de um diário pessoal escrito a quatro mãos por ele e sua esposa, desde o noivado (1928), até a morte do geógrafo (1978).

[18] Cf. Bergson, Henri. *L'énergie spirituelle*. Essais et conférences (1919).

> vismo radical. Ele, dez anos antes de mim, e, com certeza, com uma outra força, que admiro.[19]
>
> Estou e permaneço na ordem dos fatos terrestres, elevando-me menos alto. É pelos estudos localizados e precisos que a geografia deve demonstrar seu método e fim.[20]

A influência de Bergson sobre os pensadores de seu tempo é prodigiosa e tem uma força imensa. Dominique Combe, evocando a "glória" de Bergson, afirmou que nada, além da filosofia, atinge um tão grande poder de impregnação.[21]

Isso era especialmente verdadeiro em relação à América Latina e ao Brasil. Em seu artigo *Bergson, Maritain* y América Latina, Olivier Compagnon propõe uma reflexão sobre a recepção cruzada desses dois filósofos no continente sul americano, avaliando o impacto das relações intelectuais muito especiais que os dois pensadores mantiveram, no que se refere à difusão do bergsonismo na orientação das elites intelectuais desses países.[22] A influência de Bergson foi imensa, segundo ele.

Mais do que isso, segundo Alain Guy, Bergson esteve na origem do despertar espiritual nessas regiões, fato que, pouco antes da Primeira Guerra Mundial, constituiu um verdadeiro "boom" no contexto intelectual da época.[23] A espiritualidade de Bergson estava, portanto, de vento em popa, quando Deffontaines, o garimpeiro geógrafo, chegou ao Brasil pela primeira vez. Olivier Compagnon

---

[19] Esse ponto nos leva a relativizar a afirmação de Olivier Orain, que dizia que *Jean Brunhes foi o único positivista digno desse nome*. Cf. Orain, Olivier. La géographie comme science. Quand 'faire école cède le pas au pluralisme. In ROBIC, *Marie-Claire (org.)*, 2006: 81-115.

[20] Cf. Lefevre, Frédéric, 1926, nº211, 30 outubro.

[21] Combe, Dominique, *Études*, t. 401, nº4: 34354.

[22] Cf. Compagnon, Olivier in Gonzalez, Horacio y Vernmeren, Patrice, Buenos Aires, Colihue, 2008: 139-50.

[23] Ibid.

recordava que, na época da divulgação do bergsonismo, sua construção inseria-se, principalmente, na oposição ao positivismo e ao materialismo.[24] Aliás, Alain Guy observava que no "Brasil, [pelo fato de estar] sempre atento às ideias francesas, Bergson fez também escola muito rápido, assim que o positivismo se esgotou, depois de dominar o país durante meio século".[25] Essa espiritualização de uma disciplina científica adquiriu uma dimensão especial no Brasil, onde o geógrafo conseguiu desenvolver as pistas abertas por Jean Brunhes, principalmente o deslocamento – nomadismo – como objeto de estudo e a excursão como método.

2. Mais do que apenas a geografia: Deffontaines e o movimento para a interdisciplinaridade

Em 1948, Deffontaines apresentou a seguinte questão: "será que as ciências progridem principalmente nas margens?"[26] Ele acabava de lançar, com André Leroi-Gourhan, uma revista, ao mesmo tempo inovadora e pouco valorizada pelos pesquisadores: a *Revue de géographie humaine et d'ethnologie*.[27] Esse amor pela pluridisciplinaridade encontra-se na geografia que ele havia implantado no Brasil, alguns anos antes. O exemplo do nomadismo, enquanto objeto de estudo e prática heurística, é um exemplo do que pensar em outro lugar podia querer significar. Ele poderia também, ilus-

[24] Sobre o antipositivismo de Bergson, cf. especialmente o texto de Alain Guy, Le bergsonisme en Amérique latine, *Caravelle*, n°1, 1963: 121-39.
[25] Idem: 123.
[26] Cf. Deffontaines, Pierre. Défense et illustration de la géographie humaine, avec 8 photographies. *Revue de géographie humaine et d'ethnologie*, 1948, n°1: 5-13.
[27] Cf. a questão de Bernadette Lizet e Martin de La Soudière, na entrevista com Isaac Chiva, Pour la multidisciplinarité, *Ethnologie française*, 2004, vol. 34, n°4: 671-7. A maior prova do desinteresse que ela despertou seria sua ausência do artigo de Denis Fabre, Revues d'ethnologie et ethnologie dans les revues, Garae. Ethnopôle: <http://www.garae.fr/spip.php?article150>

trar a maneira pela qual Nicole Lapierre apresenta vários casos de estudos, em que se navega d*a biografia ao movimento das ideias, da condição existencial de exilado, imigrado ou refugiado social à dissidência e à criatividade intelectual*.[28]

Deffontaines *pensava em um outro lugar,* além da sua disciplina, em uma marginalidade progressiva, ilustrando, assim, uma forma dessa *marginalidade criativa*,[29] como a conceitualizaram os analistas políticos Mattei Dogan e Robert Pahre, que nunca deixaram de lembrar que a maior parte das inovações importantes em ciências sociais atravessam as diferentes disciplinas.[30] Deplorando a pouca informação, esses autores gostariam de ter um acesso maior aos percursos individuais de cientistas híbridos.[31] Alguns processos de hibridação poderiam, no entanto, ser esclarecidos com o auxílio de biografias, o que propomos fazer aqui. Apoiemo-nos na proposta apresentada por esses autores: "A migração de uma disciplina para outra, às vezes, acontece ao mesmo tempo que a simples migração, principalmente através do Atlântico".[32] Por que a migração estimularia a hibridação?

Deffontaines interessou-se de perto pelos nômades e algumas de suas publicações foram exclusivamente ligadas a esse modo de vida (cf. quadro I). Esse interesse já estava presente em 1926, quando ele ensinava história e geografia, no Leste da França; exportou-o em seus primeiros trabalhos sobre a Europa oriental, antes de se concentrar sobre os nômades brasileiros, no início de seus estudos sobre o país.

---

[28] Lapierre, Nicole, Gallimard, 2006: 26.
[29] Dogan, Mattei; Paris, PUF, 1991.
[30] *Idem*: 31
[31] *Idem*: 221.
[32] *Idem*: 233.

Quadro I
Artigos de Deffontaines sobre a questão nômade[33]

Datas	Títulos
1926	Les petits nomades en France. *Recueil de travaux géographiques offerts à M. Svambera*, Prague.
1927	Petits métiers et petits nomades de Slovaquie. *Revue de géographie alpine*, 1927, vol. 15, n°4: 567-76.
1927	Petits métiers et petits nomades de Slovaquie. *Revue de géographie alpine*, 15, 4: 567-76.
1932	Un nomade de Dieu: Odoric de Pordenone. *Nouvelle revue des Jeunes*. 1932: 627-31.
1934	Petits nomades du Jura: les rouliers du Grandvaux, *Annales de géographie*, 1934, vol. 43, n°244: 421-7.
1935	Les Mascatis ou petits colporteurs du Brésil, *Journal de la Société des Américanistes*, 1935, vol. 27, n°1: 247-50.
1936	Un genre de vie de petits nomades du Brésil: Les Mascatis, In *Mélanges de géographie offerts par ses collègues et amis de l'étranger à M. Václav Svambera a l'occasion de son soixante-dixième anniversaire*, Prague, [s. n.], 1936: 48-51.
1936	Os mascates ou pequenos negociantes ambulantes do Brasil, *Geografia*, vol. 2, n°4-5: 26-9.
1947	Os mascates ou marcadores ambulantes do Brasil, *Boletim Geográfico (Rio de Janeiro)*, n°55: 814-816.
1955	Les rouliers du Grandvaux. *Barbizier Almanach populaire comtois*, Besançon, Imprimerie de l'Est: 303-9.

Fonte: estabelecido por Antoine Huerta a partir de pesquisas pessoais e de Claire Delfosse, "Biographie et bibliographie de Pierre Deffontaines (1894-1978)", Cybergeo: European Journal of Geography, Epistémologie, Histoire de la Géographie, Didactique, documento 127: <http://cybergeo.revues.org/1796>

Desde os seus primeiros tempos no Brasil, Deffontaines interessou-se pelas populações nômades e, no último número da revista *Geografia*, que contribuiu para fundar, em 1935, ele publicou um texto, expondo suas ambições quanto à excursão, métodos

[33] Optamos por não traduzir esses títulos (N.T.)

e expectativas científicos. O texto representava seu pensamento. Com efeito, o programa assim resumido tinha origem, mais uma vez, em seu "breviário" de vulgarização, o *Petit guide du voyageur actif*, em que definia, de maneira bem simples, o que é viajar, passear e estudar geografia. Deffontaines recomendava cuidadosamente, nessa obra, que se distinguisse "a espantosa variedade de paisagens e, principalmente, a minuciosa complexidade do mecanismo das vidas humanas".[34] Os preceitos explicitados no seu *vade mecum* geográfico tiveram valor programático no conjunto da sua obra. Os métodos propostos por ele, nos anos 1930, foram os que ele praticou e conservou depois. Podemos ler, portanto, nesse manual, a metodologia que deveria ser, de alguma maneira, a dos geógrafos que ele pretendia formar, no cruzamento da etnologia com a história.

Três pontos se destacavam do estudo do espaço às realidades da geografia humana: o homem em confronto com a região, as tradições e o trabalho. O primeiro ponto, o homem e a região, compreendia a habitação, as diferentes funções da casa. Isso englobava os vários problemas suscitados pela casa e, principalmente, a maneira como eram resolvidos (por exemplo, as paredes o telhado, etc).[35] O segundo aspecto relacionava-se com o *habitat* e o lugar que ocupava, o mundo espiritual na casa; em seguida, o povoamento e suas modalidades, a circulação, os personagens e tipos do país, a propriedade, alimentação e, finalmente, o crédito.[36] Sobre o primeiro tema, três de seus artigos são representativos:

> Recherche sur les types de peuplement dans l'Est de São Paulo, *Bulletin de l'Association des géographes français*, 1935, avril.
>
> Les types de peuplement ruraux au Brésil, *Bulletin de l'Association des géographes français*, 1935: 66-71.

[34] Pierre Deffontaines, Petit guide du voyageur actif. Comment connaître et comprendre un coin de pays?, Paris, Édition sociale française, 1941.
[35] *Idem*: 13-17.
[36] *Idem*: 19-23.

> "Du *patrimonio* au *condominio*: contribution à la géographie urbaine du Brésil", *Les Cahiers d'Outre-Mer*, 1951, vol. 14, nº 53: 98-101.

O segundo ponto central dessa geografia humana interessava-se pelo homem e suas tradições, folclore, e, finalmente, o terceiro e último ponto, relativo aos aspectos humanos, referia-se ao do trabalho, sendo que a agricultura cobria todas as atividades referentes ao exterior.[37] Os pequenos nômades atraíram completamente as atenções do pesquisador: quatro artigos no Brasil foram dedicados a eles (veja o quadro I). Em relação aos aspectos metodológicos relacionados com a excursão, Deffontaines dava uma grande importância aos contatos prolongados entre o geógrafo e os lugares e paisagens que constituíam seu objeto de estudo. Por isso, ele teve muito contato com as populações encontradas. Essa metodologia foi a que ele aplicou no Brasil, nos anos trinta, e praticou e ensinou durante suas estadias no país.

Lembremos que, à guisa de posfácio da obra, para o viajante ativo, Deffontaines apresentou métodos sobre o primeiro contato com o lugar, a organização das excursões e um fórum final, para apresentar as descobertas e, enfim, o estado de espírito do viajante. Um estado de espírito e das últimas filiações, que nos permite afirmar que aquele era o seu estado, que ele sempre conservou.[38] Por isso, valorizou a importância da conversação, a necessidade de anotar os nomes locais, de tomar notas, de se habituar a fazer desenhos e croquis, de ter ideia da evolução no tempo e, principalmente, de nunca esquecer que "o mais belo dos turismos é o da fraternidade". Tratava-se também, de "saber observar as paisagens espirituais, infinitamente mais variadas do que as naturais: imaginar que tanto as virtudes quanto os vícios têm cores". Enfim, "o estudo de

37 *Idem*: 31-3.
38 *Idem*: 35-45.

um país deveria ensinar o esforço dos seus homens".[39] As últimas linhas sintetizavam os objetivos: "Meditação, orgulho e humildade da obra humana na terra e apego ao país para servi-lo melhor, mais concreta e utilmente".[40] É com esse estado de espírito que se deve ler a história da geografia, segundo Deffontaines.

A versão em português desse fascículo (*Pequeno guia do viajante ativo*), publicada no oitavo número da *Geografia*, significou muito aos olhos de Deffontaines, que procurava aplicar seus métodos de prospecção científica.[41] Então, ele pesquisou e se engajou, constantemente, na exploração, nomadismo e interdisciplinaridade, tornando-se, ao mesmo tempo, meio e objeto dessa pesquisa geográfica. Segundo Deffontaines, no ofício de geógrafo situava-se, de maneira mais impressionante ainda, a necessidade de centrar o trabalho em torno desse *outro lado*.

Enfim, pelo fato de o *outro mundo* não ser, necessariamente, aqui, no nosso solo racional, na nossa geografia natural, com nuances de disciplina vizinha, o caráter essencialmente espiritual de sua obra revela-se na leitura de seus itinerários: itinerários de vida, à guisa de testamento, para uma geografia espiritual e sobrenatural.

3 Pensar o outro mundo, as bases de uma geografia sobrenatural no Brasil

Em fevereiro de 1976, dois anos antes da sua morte, Deffontaines publicou um "itinerário", no sentido próprio do termo: prece do viajante no início da viagem, que encontra o seu lugar no final do breviário. Nessa prece, Deffontaines nos confiava: "só conhecemos a face natural [da terra], ao passo que nos falta conhecer a face sobrenatural, certamente mais espantosa do que a que aspira-

39 *Idem*: 43-5.

40 *Idem*: 45.

41 Traduction du Petit guide du voyageur actif: "Pequeno guia do viajante ativo", *Geografia*, 1936, vol. II, n°4: 9-14.

mos". Naquele momento, diante da perspectiva da morte próxima, na sua última viagem, afirmava ele, conduzi-lo-ia até a magnífica geografia natural, que ele espera e com a qual sonhava. Sempre em movimento, Deffontaines era um nômade, mas, nesse sentido, era o seu espírito que perambulava pelos lugares imaginários, e o outro lado estava além, no lugar em que permanecem os crentes após a morte. Teria alguma geografia trabalhado para levar a esse *outro lado* sobrenatural?

A introdução da religião e do espiritual nas ciências sociais é uma das marcas de Deffontaines. Uma de suas primeiras publicações referente à religião chegou muito tarde em sua carreira, em 1934, dois anos após a sua defesa de tese. Seu primeiro artigo sobre o tema apareceu nas *Chroniques sociales de France*;[42] no mesmo ano, quando ele escreveu sobre essa mesma temática em uma revista católica brasileira de renome, no intuito de recatolizar o país,[43] seu texto era apresentado como a introdução inédita de um livro por vir. Embora o silêncio prudente, concedido ao fato religioso por uma grande parte da comunidade geográfica francesa fosse bem realçado, Deffontaines, em novembro de 1933, já estava muito interessado na marca dos fatores espirituais do homem sobre o meio ambiente. Pode-se ler sobre esse tema a nota seguinte, na pena de sua esposa: "início dos cursos de Pierre sobre a marca geográfica das religiões, assunto muito novo e rico em descobertas muito interessantes; ele pensa fazer, mais tarde, um livro para a sua coleção de geografia humana".[44] E, com efeito, o livro saiu vários anos após a expressão desse desejo.

[42] Cf. Deffontaines, Pierre. "Introduction à une géographie des religions", 1934: 178-183.

[43] _____. "A paisagem religiosa da terra [Prefacio de um livro inédito]", *A Ordem*, 1934, vol. 57: 339-43. Sobre essa revista, cf. Moreira Cândido, Cândido Moreira Rodrigues, A Ordem - uma revista de intelectuais católicos 1934-1945, Belo Horizonte, Autêntica/FAPESP, 2005.

[44] *Livre de nos jours*, novembre 1933, vol. 1.

O geógrafo católico nunca se desmobilizou, sempre se esforçava para mostrar seu trabalho. Em 1956, quando estava no Brasil, ele lançou uma série de conferências sobre esse tema: *almoçar na faculdade*[45] *onde é professor, desde 1938. Ele vai fazer uma série de cinco conferências sobre Geografia e religiões. Pierre convoca uma reunião de professores, para preparar excursões. 5 de setembro de 1956: conferência na Faculdade Santa Úrsula: Géographie et religions*. Ele defende, ali, o que seria seu maior livro, no qual é explicado o que deve ser o fim último de sua geografia humana, estudada do ponto de vista da marca das religiões na terra:

> Essa geografia mostrará que o esforço que a humanidade persegue não é apenas orientado para a exploração dessa Terra que ela possui, para tirar proveito; outras preocupações surgiram, tão importantes que se inserem na geografia; essa humanidade prova que está em busca de uma via espiritual, que guie seu pensamento e o livre arbítrio; uma das vias principais que atraíram os homens não conduz a um ponto determinado da Terra, ela leva mais ou menos explicitamente para o além, para o sobrenatural; é a "via da salvação", como dizem algumas religiões; o taoísmo é a religião do tao, que significa, propriamente, caminho ou direção; o budista segue "a nobre oitava trilha", o cristão ouve a palavra de Cristo, que proclama "Eu sou o caminho".[46]

São esses os *caminhos* que Deffontaines se propôs a estudar, em uma geografia da salvação. Na introdução e conclusão do livro, ele mencionava Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955) e seu conceito de noosfera.[47] O jesuíta, por muito tempo considerado suspeito pela Igreja, estava, naquele momento, muito em evidência na América

[45] A *Universidade Santa Úrsula* foi fundada por Alceu Amoroso Lima, em 1937.
[46] Cf. Paris, Gallimard, 1948: 9.
[47] *Idem*: 7.

do Sul.[48] Essa noosfera significava, literalmente, Camada pensante (humana) da Terra, constituindo um novo reino, um todo específico e orgânico.[49]

Indo mais longe do que retomá-lo de maneira superficial, Deffontaines inspirou-se nisso e mais de trinta anos depois, [...] referindo-se nitidamente ao *Fenômeno humano,* como intitulava sua introdução à Geografia humana, no volume da Pléiade *Géographie générale*: O fenômeno humano e suas consequências.[50] Aqui é interessante observar que a mestiçagem de Deffontaines ocorria em suas fontes, ambos os pensadores, Bergson et Teilhard de Chardin, sistemas de pensamento que Deffontaines agregava a um curioso ecletismo. Essa disposição de espírito muito aberta a várias influências foi bem favorável, em um contexto de relações culturais, mas, ainda dessa vez, muito menos em uma perspectiva universitária, estritamente francesa.

E, embora tenha sido Jean Brunhes quem iniciou (*espiritualizou a geografia*),[51] Deffontaines continuou a pesquisa nessa direção. A insistência em análises sobre geografia e religiões, sobre o que representa a noosfera, formava os dois lados da mesma moeda. Considerações tão afastadas das práticas clássicas da geografia francesa só encontravam leitores favoráveis com muita dificuldade, e contribuíam para que marginalizassem, mais ainda, uma disciplina universitária tão cobiçada. E isso era apenas a parte visível do iceberg. Uma leitura mais atenta dos seus textos permite-nos perceber uma geografia quase crítica, para empregar uma metáfora do obscurantismo, que representava uma saída do contexto científico

[48] Cf. Compagnon, Olivier, Lille, Presses universitaires du Septentrion, 2003: 342.

[49] Cf. Cuénot, Claude. Paris, Éditions du Seuil, 1968.

[50] Cf. Delean, Frédéric. *Cahiers de géographie du Québec*, vol. 56, n°159, 2012: 551.

[51] Cf. Delamarre, Jean-Brunhes Delamarre, Paris, Bloud and Gay, 1939, n°1: 48.

clássico. Essa parte profunda de sua geografia era acompanhada, às vezes, de considerações que chegavam quase ao esoterismo, ou, pelo menos, ao misticismo, principalmente quando ele apresentou uma escatologia, no centro da qual o homem estava na Terra para controlá-la.

Deffontaines, um ponto cego do diálogo França-Brasil. O outro lado, um fator esquecido?

Apesar desses sucessos, constatamos que Deffontaines é ainda um nó cego da pesquisa. Quando observamos a trajetória desse astro menor da galáxia dos geógrafos franceses, sua presença não está sempre em evidência, sua luminosidade não é das mais vivas. Considerando o lugar que ele ocupa na escola francesa, assim como o papel que representou nas relações científicas internacionais, sua função é, frequentemente, diminuída, às vezes, até mesmo oculta. Em um capítulo intitulado *Géographes et diplomates*, Denis Rolland desenvolve uma análise, no intuito de traçar um quadro fiel dos residentes e viajantes franceses na América Latina.[52] Ele alerta para o fato de que os geógrafos são, como os diplomatas, "vetores essenciais e duradouros na transmissão funcional de conhecimentos científicos sobre um país ou um conjunto de países: [...] eles parecem, a priori, transmitir visões globais dos países estudados".[53] No entanto, Deffontaines está ausente do capítulo sobre *a modernidade geográfica* da mesma obra.[54] E esta última interessa-nos, especialmente, porque faz menção explicita à *La Géographie universelle Larousse* (1960), organizada pelo próprio Deffontaines, em um trecho sobre a modernidadae geográfica. Denis Rolland esquece o geógrafo: o *tour de force* não é anódino. Como abordar esse aspecto da diplomacia cultural francesa, sem evocá-la? Como apresentar essa geografia do

[52] Cf. Rolland, Denis, L'Amérique latine et la France. Acteurs et réseaux d'une relation culturelle, Rennes, PUR, 2011: 281.
[53] *Idem*: 261.
[54] *Idem*: 274-6.

Brasil sem mencioná-lo? *A fortiori*, como utilizar, em uma demonstração, uma de suas publicações, sem nomeá-lo? Esse ator e seu papel só são compreensíveis considerando-se essa ausência. Uma carreira nômade afastou-o das cátedras universitárias francesas, fazendo dele um "fora da lei" universitário, buscando sempre outros lugares mais longínquos, talvez um geógrafo "fora do lugar".[55]

Só para dar um exemplo, na síntese elaborada por François Chaubet e Laurent Martin sobre a *Histoire des relations culturelles dans le monde contemporain*, Deffontaines não consta do índice.[56] Esquecimento imperdoável, se considerarmos o contexto das *missões universitárias francesas e a criação da universidade de São Paulo* (*1934 – fim dos anos 1930*).[57] Por sua ausência, a *presença* de Deffontaines brilha mais intensamente ainda nessa história, indelevelmente ligada à história da geografia francesa e americana do século XIX, a história das relações culturais da França no mundo Atlântico.

Embora esse questionamento gire, de certa maneira, em torno do caso Deffontaines, nenhuma referência é feita a ele. Esse ator da pesquisa fica completamente oculto aqui, colocando-nos diante de um vazio. Para descrever isso, existe um modelo astronômico. Entre 1843 e 1846, o britânico John Couch Adams e o francês Français Urbain Jean Joseph Le Verrier *calculavam* a posição de Netuno. É o primeiro e único planeta de nosso sistema solar que foi descoberto e *depois* observado.[58] Ainda hoje, os exoplanetas são, muitas vezes,

---

[55] Clerc, Pascal & Robic, Marie-Claire. Paris, L'Harmattan, 2015.

[56] Paris, Armand Colin, 2011.

[57] No entanto, Deffontaines é citado pelo nome de Desfontaines [*sic*]: 46.

[58] James Lequeux, "Découverte de Neptune", *Encyclopædia Universalis*: <http://www.universalis-edu.com/encyclopedie/decouverte-de-neptune/>

objetos invisíveis. Se me for permitido, citarei brevemente uma leitura científica sobre essa questão: "Nenhum desses objetos foi observado diretamente: eles são detectados de maneira indireta, pelos efeitos gravitacionais que induzem na estrela".[59] São sinais, traços, pistas: são essas raízes de um paradigma do índice, tão caras a Carlo Ginzburg,[60] que permitem determinar com certeza sua posição.

A ausência de qualquer menção à carreira de Deffontaines, em algumas obras, parece-nos característica: a recepção de sua obra deve ser lida como filigrana. Mais próximo de nossa problemática, especialmente, citemos Pascal Ory: "Com essa consciência do papel mediador dos atores (agentes e instituições *especializadas*) do domínio da cultura, o historiador é convidado a lançar a questão da recepção, que permanece sempre o ponto cego da pesquisa".[61] Nesse ponto, Deffontaines e suas obras são comparáveis a esses exoplanetas evocados acima e, com certeza, um ponto apenas entrevisto da pesquisa.

REFERÊNCIAS

Bergson Henri, *L'énergie spirituelle. Essais et conférences (1919)*, Paris: PUF, 1967.

Centre de rencontres de Châteauvallon, *Une leçon d'histoire de Fernand Braudel, Châteauvallon, octobre 1985*, Paris: Arthaud-Flammarion, 1986.

Chaubet, François; Martin, Laurent, *Histoire des relations culturelles dans le monde contemporain*, Paris: Armand Colin, 2011.

[59] James Lequeux, "Découverte des planètes extrasolaires", *Encyclopædia Universalis*: <http://www.universalis-edu.com/encyclopedie/decouverte-des-planetes-extrasolaires/>

[60] Cf. Ginzburg, Carlo. 1980, n°6, novembre: 3-44.

[61] Ory, Pascal. *Encyclopaedia Universalis*: <https://www.universalis.fr/encyclopedie/histoire-domaines-et-champs-histoire-culturelle/>

Chiva Isac. Pour la multidisciplinarité, *Ethnologie française*, vol. 34, no. 4, 2004: 6717.

Clerc Pascal, Robic Marie-Claire, *Des géographes hors-les-murs?: itinéraires dans un monde en mouvement, 1900-1940*. Paris: L'Harmattan, 2015.

Combe Dominique. La "gloire" de Bergson. Études, t. 401, n°4: 343-54.

Compagnon Olivier. Bergson, Maritain y América Latina, in Horacio Gonzalez y Patrice Vermeren (org.). ¿Inactualidad del bergsononismo? Buenos Aires: Colihue, 2008.

---------- *Jacques Maritain et l'Amérique du Sud. Le modèle malgré lui*. Lille: Presses universitaires du Septentrion, 2003.

Correa Lima, Luís. O Brasil transforma Braudel, 2005, *Instituto Fernand Braudel*. <http://www.braudel.org.br/pesquisas/pdf/anpuh-2005.pdf>.

Cuenot Claude. *Nouveau lexique Teilhard de Chardin*. Paris: Éditions du Seuil, 1968.

Deffontaines, Pierre. A paisagem religiosa da terra [Prefacio de um livro inedito]. *A Ordem*, 1934, vol. 57.

---------- "Défense et illustration de la géographie humaine, avec 8 photographies", *Revue de géographie humaine et d'ethnologie*, 1948, n°1: 5-13.

---------- . Introduction à une géographie des religions, *Chronique sociale de France*, mars 1934: 178-183.

----------. Les loisirs éducateurs dans les groupements de jeunesse, in Guérin Desjardins, Jacques [et al.]. *L'adolescence ouvrière (Conférences de Service Social 1939)*. Paris: Édition Sociale Française, 1940.

---------- Pequeno guia do viajante ativo. *Geografia*, 1936, vol. II, n° 4: 9-14.

---------- *Petit guide du voyageur actif. Comment connaître et comprendre un coin de pays?*, Paris: Édition sociale française, 1941.

---------- *Géographie et religions*. Paris: Gallimard, 1948.

Dejean, Frédéric. Pierre Deffontaines, géographe de la «noosphère». Une lecture de Géographie et religions. *Cahiers de géographie du Québec*. vol. 56, n°159, 2012: 543-56.

Dogan, Mattei & Pahre, Robert. *L'innovation dans les sciences sociales: la marginalité créatrice*, Paris: PUF, 1991.

Fabre, Denis. Revues d'ethnologie et ethnologie dans les revues. *GARAE*.

Ethnopôle: <http://www.garae.fr/spip.php?article150>

Gemelli, Giuliana, *Fernand Braudel*, Paris, Odile Jacob, 1995.

Ginsburger, Nicolas. Théodore Lefebvre, un bon géographe pour Poitiers? *Norois*, 230, 2014.

Ginzburg, Carlo. Signes, traces, pistes. Racines d'un paradigme de l'indice. *Le Débat. Histoire. Politique. Société*, 1980, n° 6, novembre: 3-44.

Gomes, Paulo Cesar da Costa & Vidal, Laurent. Déplacement des savants, déplacement des savoirs. Le glissement des concepts sur le sol meuble du Brésil. Les exemples de Roger Bastide et Pierre Monbeig. *Bastidiana*, 2001, n° 35-6: 175-82.

Guy, Alain. Le bergsonisme en Amérique latine. *Caravelle*, n° 1, 1963: 121-139.

Jean-Brunhes Delamarre, Mariel, ean Brunhes, L'histoire d'une pensée, in Deffontaines, Pierre & Jean-Brunhes Delamarre, Mariel. *Problèmes de géographie humaine*. Paris: Bloud and Gay, 1939, n°1: 23-48.

Lapierre Nicole. *Pensons ailleurs*, Paris: Gallimard, 2006.

Lefevre, Frédéric. Une heure avec M. Jean Brunhes. *Les nouvelles littéraires*, 1926, n° 211, 30 octobre.

Lefevre, Jean-Paul. Les missions universitaires françaises au Brésil dans les années 1930, *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, 1993, n° 38, avril-juin: 24-33.

Lequeux, James. Découverte de Neptune. *Encyclopædia Universalis* : < http://www.universalis-edu.com/encyclopedie/decouverte-de-neptune/>

---------- "Découverte des planètes extrasolaires", *Encyclopædia Universalis*: <http://www.universalis-edu.com/encyclopedie/decouverte-des-planetes-extrasolaires/>

Emmanuel, Lézy, "La Saison et la ligne" ou Moby-Dick, une leçon de géographie métisse, *Cycnos*, vol. 17 n° 2, em 15 juillet 2008, URL: http://revel.unice.fr/cycnos/index.html?id=1645.

Marthelot, Pierre, Pierre Deffontaines, "Un géographe de l'humain", *Amitiés Robert Garric*, 1980, n°14: 43-6.

Moreira Rodrigues, Cândido, *A Ordem - uma revista de intelectuais católicos 1934-1945*, Belo Horizonte, Autêntica / FAPESP, 2005.

Orain, Olivier. La géographie comme science. Quand 'faire école' cède le pas au pluralisme.

Robic, Marie-Claire (org.), *Couvrir le monde. Un grand XXe siècle de géographie française*. Paris: Ministère des Affaires étrangères: ADPF, 2006: 81-115.

Ory, Pascal. Histoire culturelle, *Encyclopaedia Universalis*: <https://www.universalis.fr/encyclopedie/histoire-domaines-et-champs-histoire--culturelle/>

Reboullet, André. Jean Marx (1884-1972) entre-deux-guerres. Kok Escalle, Marie-Christine & Melka, Francine Melka (org.). *Changements politiques et statut des langues: histoire et épistémologie 1780-1945*. Amsterdam: Atlanta, Rodopi, 2001.

Rolland Denis. *L'Amérique latine et la France. Acteurs et réseaux d'une relation culturelle*. Rennes: PUR, 2011.

Venon, Fabien. *Géographie et religion en France et au Québec*. Paris: L'Harmattan, 2011.

Crise do contexto, crise nas relações?

Etienne Sauthier
Paris 3 Sorbonne Nouvelle, CREDA

Após a ocupação da França pela Alemanha, em 1940, como no bloco atlântico pela frota britânica, constata-se que o livro francês não mais circula nas Américas. Se o Brasil não é o único país da América que deixou de receber volumes vindos da França desde a ocupação, um autor em particular torna este fato bem perceptível: Laurence Hallewell, nos seus trabalhos, nos dá conta desta interrupção radical ao indicar uma drástica baixa das importações de publicações francesas no Brasil em 1940, e uma redução a zero a partir de 1942.[1] A observação um pouco mais rigorosa desta circulação do livro francês que chega ao Brasil tende, porém, a nos mostrar que, se a interrupção constitui uma ruptura, esta não foi menor em sua dinâmica de baixa da travessia de impressos franceses já a partir de 1914. Este movimento geral de estiagem é marcado por períodos que tendem a nos mostrar que, de certa maneira, pelo menos as crises circunstanciais nas quais se operam uma circulação podem nos levar a especular estas relações. Se nos referimos à única abordagem de Laurence Hallewell, somos forçados a constatar que as duas Guerras Mundiais, que representam de maneira previsível um momento de ruptura, mas isto não significa que deixemos de lado o momento de grande crise econômica que aparece em 1929 e

1 Hallewell Laurence, *História do livro no Brasil, rev. e comp.*, São Paulo, EDUSP, 2005: 408-9. (Ver anexo)

que também corresponde a um momento de importante e brusca diminuição deste fluxo.

Não se poderia, entretanto, reduzir a veiculação cultural entre a França e o Brasil somente à travessia do livro de um lado a outro do Atlântico, da mesma maneira que não se poderia vê-la como a única relação direta. É necessário, nesta questão, observar que as rupturas do laço tendem a ocultar outras relações alternativas que nasceram e proliferara através do exílio de atores culturais, da tradução, de importação vindas de outros espaços ou ainda da produção cultural alternativa local. É possível assim perguntar-se em que medida as crises contextuais sobre as quais se inscrevem as trocas culturais no século XX provocam uma crise de relações com estas últimas; se esta crise equivale a uma interrupção pura e simples da relação ou se há necessidade, sobretudo e até mesmo, de uma redefinição dos fatos e de uma mudança maior de suas modalidades. Poderemos tentar responder a esta pergunta cercando-nos de três momentos. Num primeiro tempo, trata-se de examinar diversos momentos de interrupção da relação direta e da circulação, diversas crises advindas do contexto histórico. Em um segundo tempo, expomos a questão do contorno desta interrupção através da criação de modos de circulação alternativos. E finalmente, observamos o restabelecimento da relação através de um questionamento sobre as mudanças a mais longo prazo que provocam estas crises de relação no momento de diversas crises circunstanciais, que é o que resta no momento em que a circulação é capaz de ser retomada normalmente.

Para terminar, esta observação da propagação ou da não propagação cultural não poderia ser percebida em um sentido determinado. Com efeito, um dos momentos capitais representados pelo período é também aquele de uma nova reciprocidade da circulação cultural, do Leste ao Oeste e também do Oeste ao Leste.

Estas trocas são, elas mesmas, complexas pela emergência de um novo ator de produção, de exportação, de importação, mas também da triangulação cultural: o espaço norte-americano.[2]

Uma ligação que se rompe, seja em seu aspecto pontual e/ou a mais longo termo

Primeiramente, é necessário observar o período que engloba as duas Guerras Mundiais e uma crise econômica mundial maior que constitui a primeira metade do século XX, o fato que estes períodos de crise específica (1914-18, 1939-45 e os anos 1930 no seu conjunto) constituem momentos que pesam quase mecanicamente sobre a ligação entre o Brasil e a França. A Primeira Guerra Mundial constitui assim, desde seu começo, uma ruptura maior na ligação integrada que entrelaçavam as elites sociais e culturais latino-americanas com a França.[3] Com efeito, além de congelar em parte a produção cultural francesa[4] e de tornar sua exportação quase inexistente, a Grande Guerra interrompe um período no qual, segundo Joaquim Nabuco, havia a cada instante um número de elites culturais e sociais em Paris capaz de criar seguidas vezes uma Academia Brasileira de Letras na cidade, e ali encontrar sem

[2] Sobre as noções de transferência cultural e de espaço de triangulação cultural, ver: Espagne Michel, *Les transferts culturels franco-allemands*, Paris, PUF, 1999. // Sobre a América Latina na Segunda Guerra mundial, ver, Compagnon Olivier, "En marge de la guerre? Les Amériques latines", dans Aglan Alya & Frank Robert (dir.), *1937-1947. La guerre-monde*, Paris, Gallimard, Collection "Folio", vol.1, 2015: 565-598.

[3] Sobre a relação das sociedades latino-americanas com a França, ver: François-Xavier Guerra, "La lumière et ses reflets: Paris et la politique latino-américaine", in Kaspi André, Mares Antoine (Coord.), *Le Paris des étrangers depuis un siècle*, Paris, Imprimerie nationale, 1989: 171–181.

[4] Pascal Fouché, "L'édition littéraire, 1914-1950", in Martin Henri-Jean, Chartier Roger, Vivet Jean-Pierre, *Histoire de l'édition française, Tomo IV: Le livre concurrencé 1900-1950*, Paris, Promodis, 1986: 189- 241.

nenhuma dificuldade seus quarenta membros.[5] De maneira física, a declaração de guerra equivale assim a um adeus dos brasileiros que se encontravam em Paris. Alceu Amoroso Lima relembra suas despedidas pungentes da cidade luz em *Companheiros de Viagem*:[6]

> Nós estávamos ainda juntos em Agosto de 1914, nos primeiros passos deste novo mundo que recebia os despojos de nossa juventude. Nós tínhamos lido juntos os primeiros avisos de mobilização. Juntos, nós ouvimos os clamores da multidão, nos bulevares, diante da redação de *A Manhã*, quando se anunciou a declaração de guerra da Inglaterra à Alemanha e a neutralidade da Itália, juntos nós fomos colocar flores na estátua de Strasburgo, juntos nós dissemos adeus aos *bouquinistes* / vendedores de livros usados do Sena (...) juntos nós trememos ao ler o trágico Communiqué de la Somme aux Vosges (em francês no texto), anúncio de invasão e do êxodo. Em setembro, cada um retomou o caminho de volta(...).[7]

Após esta partida pelo "caminho de volta" em setembro de 1914, uma certa presença brasileira perdura na França, esta, porém, é bem reduzida e colorida pelas necessidades do combate. A cultura de guerra que Stéphane Audoin-Rouzeau evoca para a totalidade da sociedade francesa parece assim aplicar-se à relação franco-brasileira. Neste caso, é possível trazer alguns exemplos desta presença brasileira de guerra em Paris. Filho do Barão do Rio Branco, ex-ministro brasileiro das Relações Exteriores, Paulo do Rio Branco tinha feito seus estudos de medicina em Paris e estava perfeitamente adaptado à sociedade francesa. Em 1912, tinha se tornado interno nos hospitais da capital francesa e, em 1914, engaja-se como voluntário no meio do exército francês, onde combate até 1917. Quando o Brasil entra

[5] Citado em Lyra Tavares A. de, *Brasil França: Ao longo de 5 séculos*, Rio de Janeiro, Biblioteca do exército - editora, 1979: 247.

[6] Lima Alceu Amoroso, *Companheiros de viagem*, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1971 (Texto de 15.01.1956): 101-104.

7 Salvo menção em contrário, as traduções são pessoais.

em guerra, ele foi encarregado por seu país de dirigir o hospital militar brasileiro, confiado à armada brasileira,[8] situado na rua de Vaugirard, em Paris. Da mesma maneira, Graça Aranha empreende, durante o conflito, inúmeras idas e vindas entre o Brasil e a França, representando em Paris a família Prado formada por importantes empresários e proprietários de terras de São Paulo que fornecem, durante a guerra, carne em conserva para o exército francês.[9] Esta presença permanece, mas somos forçados a constatar que é minoritária e dirigida apenas a objetivos de guerra. A circulação cultural, representada pelo volume de importações de impressos da França para o Brasil, parece reduzir-se tendendo mesmo a desaparecer.

Se temos menos elementos a acrescentar sobre a crise de 1929 em particular, podemos, em compensação, constatar neste momento um elemento essencial relacionado à circulação do livro: a desvalorização radical do real, a moeda brasileira (já contada por causa da inflação em milhares de *réis*) o que faz com que o preço do livro que vem da França tenha um aumento exponencial no começo dos anos 1930,[10] atingindo o nível de 800%. Os livreiros do Brasil, na incerteza do preço e do tempo de estocagem do livro vindo da França, não podem mais importá-los e, a partir de então a quantidade de livros franceses conhece um momento de diminuição brusca e vertiginosa possível de ser constatada através do quadro de Laurence Hallewell. Constata-se, aliás, quando se observa as proporções importadas em preço e em volume que esta queda drástica é essencialmente devida a um aumento de preço dos volumes importados. A partir daí, a quantidade e o preço dos livros não diminuem tão rapidamente quanto o volume em peso desta importação.

[8] Lyra Tavares A. de, *op. cit.*

[9] Astro Azevedo Maria Helena, *Um senhor modernista, biografia de Graça Aranha*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2002: 206-9.

[10] Hallewell Laurence, *Op. cit.*: 397-8.

A Segunda Guerra Mundial promove, enfim, uma interrupção momentânea da circulação do livro francês para o Brasil. As importações terminam assim a serem reduzidas a zero na demonstração estabelecida por Laurence Hallewell referente à circulação de impressos da França para o Brasil a partir de 1942. A circulação material do livro é um bom índice da maneira pela qual a conjuntura interfere na circulação cultural. Esse livro desaparecido representa certa falha na sociedade brasileira e, rapidamente, livreiros procuram compensar esse desaparecimento de forma a tirar vantagem para si tentando comprar com urgência, junto a particulares, a maior quantidade possível de livros em língua francesa usados,[11] para então especular seus custos e revendê-los a preços proibitivos. Apesar de não se verificar a medida exata do valor de "*A la Recherche du temps Perdu*" em 16 volumes, a coleção foi vendida por 2.500 cruzeiros em 1943,[12] quando o salário mínimo fixado naquela ocasião se eleva no Rio de Janeiro a 380 cruzeiros mensais.

Figura 1. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 01.09.1942:

[11] *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 01.09.1942: 7.

[12] *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12.12.1943: 29.

LIVROS FRANCESES DE OCASIÃO

	Cr$
MARCEL PROUST, A l'ombre des jeunes filles en fleures. 3 vols broch. novos	150,00
J. de la FONTAINE, Fables mises en vers. — Collection "Maitres du livre" — ill. par M. de Becque. expl. s. papier de Rives N.º 799. 2 vols. br. novos	250,00
ANDRÉ GIDE, Perséphone, expl. s. alfa Biblio enc. novo	90,00
ABEL HERMANT, Supplément au Banquet de Platon. ill. par R Drouart. s. papier vergé — Rives N.º 517, enc. novo	150,00
JEAN GIONO, Naissance del'Odysée. expl. s. papier arches. hors commerce N.º XLIV enc. novo	130,00
MARCEL PROUST, A la recherche du temps perdu. col. completa 16 vols. broch	2.500,00

"CENTRO DAS EDIÇÕES FRANCESAS LTDA."
Rua da Quitanda, 68, 2.º andar| Telefone 43-1876
Rio de Janeiro.

(B 8746)

Figura 2. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 12.12.1943: 29.

Esta especulação não encontra menor público e somos forçados a constatar, neste momento em que um livro vindo da França em linha direta desapareceu do Brasil, que existe um público para os livros usados, qualquer que seja o seu preço, tal como observa a imprensa carioca em 1945, um comércio em expansão:

> [...] Com a elevação dos preços surgiu uma nova doença. As pessoas atingidas por esse mal procuravam como loucos tal ou tal autor. Proust foi um deles. Seus livros eram comprados sem levar em conta o preço que custasse. Jamais se havia visto autor mais disputado. Esses vendedores que faziam o comércio de livros usados através de anúncios colocavam meio mundo em movimento, e então, Proust chegava aqui vindo de São Paulo ou deixava o Rio para voltar a São Paulo. As demandas eram insistentes porque todos queriam, ao mesmo tempo, adquirir À *la Recherche du Temps Perdu* [...].[13]

[13] *Gazeta de Noticias* (Suplemento), Rio de Janeiro, 19.08.1945: 1.

Vemos desta forma que estes momentos de crise contextual dificultam a circulação cultural da França para o Brasil, particularmente, quando se trata do comércio de livros. Em todo caso, aí se mostra o indício de uma crise nas relações em momentos isolados de crise circunstancial. É, entretanto, recomendável que nos perguntemos se não há também aqui uma estiagem que, em sua maior parte, ultrapassa o momento das crises contextuais e se constitui em um desinteresse mais durável e generalizado. Com efeito, somos forçados a constatar que o quadro montado por Laurence Hallewell do momento que a circulação do livro entre a França e o Brasil conhece sobressaltos e afastamentos, estes se inscrevem em um contexto de diminuição da presença do livro francês no Brasil ao longo do período. É necessário, talvez, enxergar através deste fato uma Europa que não preenche mais seu papel de modelo de civilização e é percebida, depois da Segunda Guerra Mundial, dentro de uma dinâmica de autodestruição.[14] Esta percepção das coisas é visível no processo em decadência ou no saudosismo de Graça Aranha[15] ou, mais tarde, Ruy Coelho[16] a Marcel Proust. A bela imagem do campanário de São Marcos, em Veneza, que não será reerguida em caso de queda, mas está presente na Revista Klaxon,[17] também é uma belíssima ilustração desta percepção. Este "Adeus à Europa", no sentido compreendido por Olivier Compagnon é talvez uma das causas desta diminuição da circulação do livro francês que chega ao Brasil a meio e a longo termo. Poderemos, contudo, nos questionar se não devemos ver nestes momentos de crise dentro de um contexto, um equivalente a uma crise da relação a mais longo termo do que

[14] Compagnon Olivier, *L'adieu à l'Europe. L'Amérique latine et la Grande Guerre*, Paris, Fayard, col. L'épreuve de l'histoire, 2013.

[15] Graça Aranha José Pereira da, *Espirito Moderno*, São Paulo, Editora Monteiro Lobato, 1925: 99-100.

[16] "Marcel Proust e a nossa época", *Clima*, São Paulo, n°1, maio 1941: 20-65.

[17] *Revista Klaxon*, ano I, n° I, São Paulo, maio 1922: 2.

o final definitivo de um relacionamento; e se necessariamente esta crise equivale a uma perda de valor.

Uma relação da reconstrução e da virada

Enquanto múltiplas crises contextuais produzem uma crise de relações perceptíveis com clareza na circulação do livro entre o Brasil e a França, seria, entretanto, empobrecer a visão de um sinal de enfraquecimento generalizado da cultura francesa e mais frequentemente europeia no Brasil. Na verdade, em vários aspectos, a situação é mais complexa e cada um desses momentos corresponde, antes de tudo, a novos laços culturais que passaram a ser entretecidos. Assim, quando a Primeira Guerra Mundial representa, em 1914, a partida dos brasileiros que deixam Paris, como pudemos ver com Alceu Amoroso Lima, parece que esta ruptura também corresponde a um retorno ao Brasil de elites que trazem para nosso país certa vanguarda da França. O historiador brasileiro Nicolau Sevcenco assinala que Paulo Prado e Olívia Guedes Penteado, ambos membros da alta sociedade paulista, em seu retorno colocam à disposição dos interessados obras de arte, revistas e livros reunidos durante sua estada na Europa (esculturas de Brancusi, ilustrações e gravuras de Derain, Dunoyer de Segonzac, Galanis, pinturas de Matisse, Modigliani, Lhote, Gris, Léger, Braque, Picasso, etc.)[18] que vieram a formar o gosto do público de São Paulo com base em uma modernidade artística europeia que, até este momento, permanecia ausente. Este interesse pelas vanguardas européias pode ser visto como uma das origens da Semana da Arte Moderna de 1922, financiada pelos mesmos membros da alta sociedade paulista e muito fortemente inspirada nas exposições de arte da Saison dEté de Deauville.[19]

[18] Sevcenko Nicolau, *Orfeu extático na metrópole*, São Paulo, Companhia das letras, 1992: 234.
[19] *Ibid*: 268.

Da mesma forma, na curva dos anos 1930, no momento em que o preço do livro francês aumenta de maneira exponencial e quando parece que as proporções da importação de livros pelo Brasil conhecem uma importante redução, uma alternativa vê a possibilidade de se desenvolver. Realmente, o aumento dos preços da edição francesa importada que estava até ali entre os mais vendidos e os menos caros em matéria de livros no Brasil[20] coincide com o desenvolvimento de editoras nas capitais brasileiras. Se alguns editores já haviam ligado suas antenas ao Rio de Janeiro no século XIX, nos anos 1920, começamos a ouvir os sussurros sobre a edição brasileira nas mãos dos próprios brasileiros.[21] O livro produzido no país que custava mais caro que o livro importado aproveita plenamente deste aumento de preço do livro francês tornando-o, ao mesmo tempo, acessível e vantajoso. Enquanto isso, certas empresas brasileiras, como a *Livraria do Globo* tinha dado início a uma política de tradução capaz de difundir a literatura na língua francesa a um público bem maior. Mesmo que não seja ainda a idade do ouro que a edição brasileira de tradução virá a conhecer depois da Segunda Guerra Mundial, e é necessário dizer que aí se trata em grande parte de paraliteratura,[22] somos forçados a constatar que estas casas são um novo meio de divulgar a cultura francesa e que, neste aspecto, como na chegada das vanguardas culturais a São Paulo, parece que as crises contextuais são elementos aceleradores. Outro elemento desta circulação cultural alternativa em relação direta a este percurso França-Brasil se dá através do estabelecimento de duas missões universitárias francesas nas jovens universidades brasileiras: uma, a mais conhecida, na Universidade de São Paulo e a outra no Rio de Janeiro. Dentro deste quadro, a França faz uma de suas mais importantes doações de livros à Biblioteca da Universidade de São

[20] Laurence Hallewell, *Op. cit.*: 200-3.
[21] Amorim Sonia de, *Em busca de um tempo perdido*, São Paulo, EDUSP, 2000.
[22] *Ibid*: 66.

Paulo.[23] Aí temos uma mostra de que, se efetivamente existe uma ruptura na circulação cultural induzida pelos períodos de crise, seja através das duas guerras mundiais, seja causada pela crise econômica de 1930, estaríamos reduzindo a questão se levássemos em conta apenas estas razões citadas, deixando de ver os canais alternativos de circulação cultural que se estabelecem como degraus nesta crise das relações diretas.

Em uma ilustração ainda mais evidente, no momento da Segunda Guerra Mundial, constata-se, com efeito, que a interrupção da circulação direta do livro a partir de 1941-42 não pode ser chamada de interrupção direta das circulações culturais da França para o Brasil, mas que elas apenas são feitas através de diferentes modalidades. Com efeito, vários modos alternativos desta circulação vêm responder a esta interrupção compensando-a de uma outra maneira. Podemos citar primeiramente o exílio, cujos motivos são variáveis, mas, em todos os casos ele vem a ser um vetor de circulação cultural. Um dos primeiros exemplos possíveis desta circulação pelo exílio é a presença de companhias de artistas europeus no Brasil durante a Guerra. Vejamos o caso da trupe do Teatro do Atelier, dirigida por Louis Jouvet que, estando em São Paulo no momento em que se desencadeou a guerra, decidiu ficar na cidade e ali se engajou não apenas para animar a vida cultural paulista durante a guerra, mas também para tornar conhecido um teatro contemporâneo francês até então ignorado, onde nasceu um autor como Jean Giraudoux.[24] Não foi diferente no Rio de Janeiro, onde nasceu no Cassino da Urca a orquestra de Ray Ventura que tinha entre os seus musicistas Henri Salvador. Na realidade, no seio da trupe encontrava-se um bom número de músicos judeus. Ventura os tinha escolhido para participar de *tournées* americanas a fim de poupá-los das persegui-

[23] *O Estado de São Paulo, São Paulo,* 08.09.1938: 7 / *Idem,* 16.09.1938: 6.
[24] Pontes Heloisa, *Destinos Mistos*, São Paulo, Companhia das letras, 1998: 105-106.

ções e mantê-los à distância durante o conflito. O caso pode parecer acessório, mas não deixa de ser um dos vetores que apontará para uma circulação da cultura musical do pós-guerra do Brasil em direção à França depois da guerra.[25] Finalmente, faz-se necessário assinalar o exílio intelectual que traz ao Brasil o casal Zweig, Georges Bernanos, que aqui se instalaram durante um tempo considerável e que são responsáveis por contribuições culturais europeias da maior importância para o nosso país. Nesse sentido, podemos ainda citar Paulo Ronai, Otto Maria Carpeaux e Villém Flusser.[26] Um lado particular e apaixonante desses exílios culturais e literários franceses no Brasil durante o segundo conflito mundial contorna muito bem a problemática da circulação interrompida do livro: trata-se do exílio dos livros e dos editores vindos do outro lado do Atlântico e da parte desta comunidade que encontra seu refúgio no Brasil.

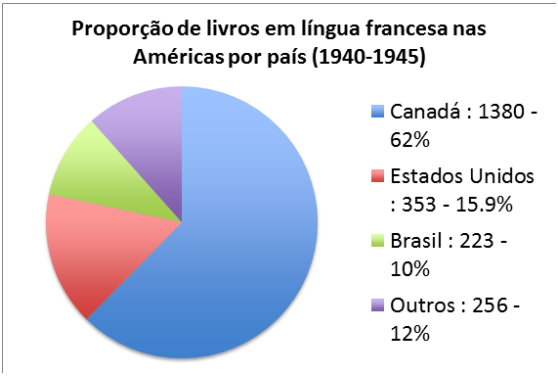
Um modo especial de medirmos este fenômeno da edição no exílio reside na publicação, no Rio de Janeiro, em 1944 e 1945,[27] de dois volumes de uma bibliografia dos livros publicados em língua francesa nas Américas entre 1940 e 1945, produzidos na capital brasileira por um membro da missão universitária francesa do Rio de Janeiro, o professor de História Antiga Antoine Bom. O universitário francês, financiado pelos meios da diplomacia cultural ligados à França Livre apresenta em seus dois volumes, de cerca de cinquenta páginas, todo um conjunto de publicações de guerra

[25] Flechet Anaïs, "*Si tu vas à Rio…*"*: La musique populaire brésilienne en France au XXe siècle*, Paris, Armand Colin, 2013.

[26] Mauricio Parada, Cultura y história en exílio: las obras de Otto Maria Carpeaux e Villém Flusser? In: II Jornadas de Trabajo sobre Exilios Políticos del Cono Sur en el siglo XX. Agendas, problemas y perspectivas conceptuales, 2014, Montevideu. II Jornadas de Trabajo sobre Exilios Políticos del Cono Sur en el siglo XX. Agendas, problemas y perspectivas conceptuales. Montevideu: FAHCE/Unidesidad La Republica, 2014. v. 1: 1-12.

[27] Bon Antoine, *Livres français parus en Amérique de 1940 à 1944*, Rio de Janeiro, Institut franco-brésilien de haute culture, 1944-45, vol I-II.

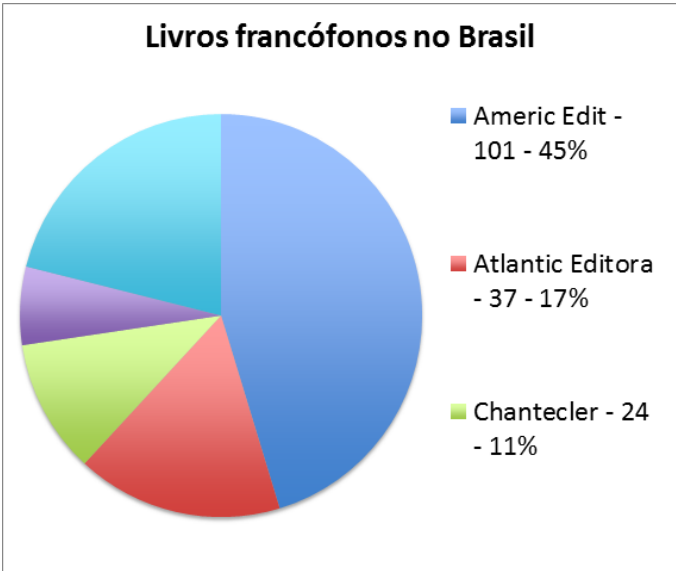
em língua francesa, realizados tanto no Brasil, como também na Argentina, no Canadá, nos Estados Unidos, no Chile, em Guadalupe e na Martinica. Estas publicações atingem todos os campos da edição, desde o ensino da língua e da gramática do grego antigo até trabalhos referentes à cozinha, à publicação de clássicos literários retomados pelos editores do continente americano ou de literatura contemporânea, mesmo aqueles publicados na Europa durante a guerra e retomados na América (Les yeux d'Elsa, de Louis Aragon, aparece, neste caso, como um bom exemplo).[28] A existência desses dois catálogos de alcance continental abre a possibilidade de que se adote uma abordagem quantitativa ao mesmo tempo em que o Brasil tenha sua representação no mercado do livro em exílio. Se o país está longe de competir com o volume de publicações canadenses, ele ocupa, nada mais nada menos, que o terceiro lugar em termos de produção de livros em língua francesa com 223 livros publicados, o que pode ser avaliado como 10% da produção de livros em língua francesa nas Américas durante a Segunda Guerra Mundial.



Esta produção é a realização de editoras presentes nos países, sejam ou não resultado do exílio dos franceses em 1940. No caso do Brasil, as três principais editoras que publicam em francês são a *Americ. Edit.*, de Max Fischer, a *Atlantica Editora* de Charles

[28] Bon Antoine, *Op,cit.*, vol. 1, Rio de Janeiro, 1944: 8.

Ofaire e a *Collection Chantecler*, esquecida pela *Livraria Victor* do Rio de Janeiro.



O mais produtivo desses editores é um antigo diretor de coleção da Casa Flammarion que vivia no Rio de Janeiro desde 1941,[29] ano em que deixou a França: Max Fischer (1880-1957). De 1913 a 1940, ele havia dirigido a editora parisiense antes de tomar a decisão de sair de Paris por ocasião da ocupação. Ainda que ele não mencione em sua biografia, na edição brasileira de seu livro publicado em 1935, *Présence du Passé*,[30] é bem possível que sua ascendência judia tenha justificado sua partida para o Brasil. Tão logo chegou ao Rio, Fischer criou sua editora a fim de dar sequência a seu trabalho de editor em língua francesa. Dos longos anos vividos na Casa Flammarion ele traz à Capital brasileira seu catálogo (Collette, Jules Romain, Marcel Prévost, Léon Daudet, Courteline, Paul Morand, André Maurois, Paul Valery, André Gide, etc.). Rapidamente,

[29] *Correio da Manhã*, 01.02.1942, suplemento: 1.

[30] Fischer Max, *Présence du passé*, Rio de Janeiro, Americ. Edit., 1943.

ele encontra suporte importante na cidade, tais como o diplomata Pedro Leão Veloso, que em 1942 torna-se Secretário do Ministério Brasileiro de Relações Exteriores e lhe abre suas redes de recursos, os empresários Louis de la Saigne e Raymundo de Castro Maya que o ajudam a financiar sua editora.[31] Max Fischer se dedica ao programa de publicar e republicar autores em língua francesa, tanto clássicos como contemporâneos e a trazer ao público traduções do francês ou do inglês para o português.[32] Envolve-se ainda com produção de uma coleção brasileira que inclui o nome de Joaquim Nabuco e é dirigido por Álvaro Lins. Não muito tempo depois, seus contatos apresentam a Max Fischer o presidente Getúlio Vargas[33] e, quando, em 1943, o editor parte para o Canadá a fim de fazer na América do Norte a promoção do livro em língua francesa publicado no Brasil, ele o faz com a ajuda do governo brasileiro.[34]

A casa se mantém durante todo o tempo em que a guerra permanece e mesmo depois do conflito. Ainda restam vestígios desta editora na imprensa cariosa até pelo menos 1947. Ela apresenta diversas facetas e cumpre muito bem o seu papel de conservatório da cultura francesa em tempos de guerra no Brasil, o que ilustra acertadamente a frase do autor ao responder a uma entrevista: "O livro que se havia fechado na Europa ia se reabrir na América",[35] como também uma verdadeira função de divulgação da literatura brasileira. Max Fischer é acolhido nos meios católicos do Rio de Janeiro e tem importantes suportes políticos, o que faz do editor, durante a guerra uma obra de propaganda em favor de Getúlio Vargas: *Getúlio Vargas, um retrato sem retoque*, de Paul Frischauer, que viria a ser

[31] *Correio da Manhã*, 01.02.1942, suplemento: 1.
[32] *Idem*
[33] *Jornal do Brasil*, 27.02.1942: 6.
[34] Ubiratan Machado, "A literatura francesa no Brasil durante a II Guerra mundial" in, Revista Brasileira, fase VII, abril-maio-junho 2005, ano XI, n. 43: 256.
[35] *Correio da Manhã*, 01.02.1942, suplemento: 1.

publicado em diversas línguas.[36] De maneira fortemente engajada em favor da França Livre, Max Fischer assiste durante seus anos no Rio de Janeiro a uma missa em homenagem ao aniversário de Charles de Gaulle,[37] testemunha na rádio as perseguições de intelectuais em Paris pela Gestapo[38] e empreende projetos de leis editoriais para o Brasil, mas também para o pós-guerra na França, em aliança com a França Livre.[39]

O editor Charles Ofaire deixou, sem dúvida, menos vestígios na imprensa carioca. Este suíço de origem chegara ao Rio de Janeiro em 11 de Setembro de 1941 pelo Transatlântico *Uruguay* e é então apontado como diretor da Editora belga *Desclée de Brouwer&Cie*.[40] Ele se aproxima rapidamente de Georges Bernanos, que vive então exilado no Brasil e se torna seu editor por meio da *Atlantic Editora*, instalada no Rio de Janeiro. Bernanos publica durante anos a *Lettre aux Anglais* do escritor francês, engajando-se aí ao partido pela França Livre, uma edição de seu *Journal d'un Curé de Campagne*, assim como sua tradução em português e *Monsieur Ouine*. Charles Ofaire expressa seu engajamento em favor da França Livre publicando, tanto em francês como em português, a biografia de Charles de Gaulle, de Philippe Barres.[41] Após a guerra, ele deixa o Rio de Janeiro em resposta a um apelo de Charles de Gaulle que conta com ele na expectativa de lhe confiar, assim como a Georges Bernanos, importantes responsabilidades.[42] Este último publica, pela *Atlantic Editora*, *Jeanne d'Arc* de Jules Michelet, e outras obras em favor

[36] Ubiratan Machado, *op. cit.,* Revista Brasileira, fase VII, abril-maio-junho 2005, ano XI, n. 43: 256.
[37] *Correio da Manhã*, 25.11.1943: 11.
[38] *Correio da Manhã*, 14.04.1944: 9.
[39] *Correio da Manhã*, 23.01.1945: 4.
[40] *Jornal do Brasil*, 11.09.1941: 11

[41] *Diário Carioca*, 04.10.1942: 17.
[42] *Jornal do Brasil*, 17.06.1945: 8.

dos aliados, como *L'Honneur des Poètes, poemas da resistência francesa*, e lança a coleção "Les Cahiers de la Victoire", consagrada às obras da resistência. A casa publica também autores brasileiros em língua francesa: Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompeia, Graciliano Ramos, Raquel de Queirós e José Lins do Rego. No que diz respeito à tradução portuguesa, Charles Ofaire publica tanto os romances de Georges Bernanos quanto obras de propaganda aliada.

Finalmente, temos ainda a *Collection Chantecler* que não passa de uma empresa puramente comercial. *A Livraria Victor*, livraria grande e elegante do bairro da Cinelândia, no centro da capital, atende uma importante clientela internacional e permanece aberta até tarde da noite neste bairro cheio de vida, como mostram os anúncios publicitários da casa. Esta livraria é especializada, sobretudo durante a guerra, na divulgação de revistas internacionais e, particularmente, norte-americanas.

Figura 3: Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 01.12.1940: 36.

Em 1943, como prova de que existe mercado, a livraria decide lançar sua coleção de livros em língua francesa a preços baixos, respondendo a uma demanda de substituição ao livro francês importado da França antes da Guerra.[43] A casa passa a publicar

[43] *Diário Carioca*, 01.11.1942: 15.

clássicos (Voltaire, Baudelaire, Alphonse Daudet, Anatole France, Oscar Wilde), contemporâneos (Paul Geraldy, Lawrence, André Malraux), livros de atualidade ou ainda romances policiais, como a coleção "Police Secours" formada de obras traduzidas do inglês ou do alemão para o francês. A livraria se mantém no tempo da guerra e desaba quando a guerra termina por motivo de uma contabilidade mal feita. É, no entanto, sua ambição de disseminação que ela mostra seu maior interesse. Desde o primeiro artigo consagrado ao editor, o empreendimento da Livraria Victor se apresenta com sua visão de espalhar-se sobre todo o continente ao assinalar que as primeiras publicações deveriam sair do Rio de Janeiro simultaneamente às de Montreal, New York, Montevideo, Buenos Aires e Santiago.[44] Não foi casualmente que a editora, habituada a importar impressos de toda a América, viesse agora a se servir das mesmas redes para difundir suas próprias publicações em escala continental e, no entanto, é dentro desta dimensão continental que será imprescindível buscar algo de maior particularidade neste mundo editorial francófono do Rio durante a Segunda Guerra Mundial.

É interessante observar que estes três editores têm em comum esta vocação continental. Assim é que, na entrevista dada em fevereiro de 1942 ao Correio da Manhã,[45] Max Fischer assume esta ambição. Do mesmo modo, as quartas capas das publicações da casa fazem menção de expressões do tipo: "Made in Brazil" e "Americ Edit., en vente dans toute l'Amérique". Pode-se igualmente notar no panegírico de Getúlio Vargas que o editor planejava publicá-lo em quatro línguas, um desejo continental que, sem dúvida, justifica o interesse do poder brasileiro representado pela *Americ Edit*.[46]

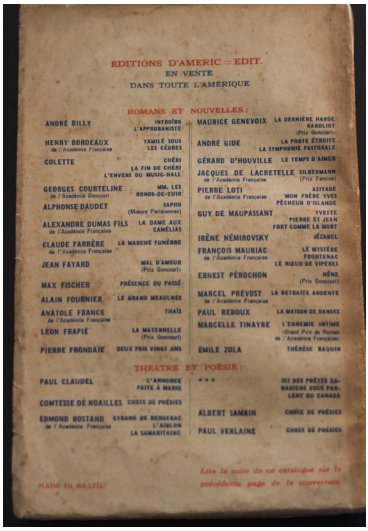
---

[44] *Ibid.*

[45] *Correio da Manhã*, 01.02.1942, suplemento: 1.

[46] Ubiratan Machado, "A literatura francesa no Brasil durante a II Guerra mundial" in, Revista Brasileira, fase VII, abril-maio-junho 2005, ano XI, n. 43: 256.

Finalmente, a viagem de Max Fischer à América do Norte em 1943 nasce dessa mesma ambição.[47]



Nada diferente aconteceu com Charles Ofaire. Em uma de suas entrevistas, ele afirma que sua editora exporta tanto para o Canadá como para os Estados Unidos, Argentina e até mesmo para a Inglaterra. Bem longe de ser apenas uma empresa carioca, *Atlantic Edit.* tem como destino de suas publicações o mundo livre de então.[48] E o fato se repete com as publicações simultâneas da *Collection Chantecler* que têm origem na mesma lógica. Torna-se claro, então, que o mercado da edição em língua francesa no Rio de Janeiro se vê muito rapidamente como destinado ao mundo francófono das Américas e, a partir daí, como continental e transnacional. Por outro lado, há elementos que mostram que edições em língua francesa chegam também ao Rio, provenientes de toda a América. O historiador Ubiratan Machado assim se refere a *Librairie Suisse* do Rio de Janeiro dizendo que era especialista em venda de livros importados, mas

[47] Jornal do Brasil, 22.06.1943: 6.
[48] *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 04.10.1942: 17.

que a partir da Segunda Guerra Mundial se especializa em obras vindas da América, em francês e também em inglês.[49]

Desde então, se o caso do livro cuja difusão partia da França provoca uma crise da relação atrelada à crise contextual que representa a Segunda Guerra Mundial, somos forçados a constatar que mesmo neste caso, é possível assistir bem mais a uma reconfiguração do que ao total desaparecimento: a circulação cultural em língua francesa passa por outros espaços e têm outros polos de difusão através de novos atores. E se a interrupção não é total, é necessário observar que este momento de ruptura abre uma nova perspectiva para o Brasil. Não podemos ficar alheios ao sucesso radical que o retorno do livro francês trouxe ao Rio, mas também não podemos ignorar que a relação cultural da França com o Brasil deixou de ser exclusiva.

Uma abertura para novos caminhos

De fato, mais que qualquer outra coisa, a baixa de troca literária a longo termo, que pudemos observar nas relações culturais entre a França e o Brasil, nada mais é que uma passagem de uma situação de relação de fusão e de exclusividade a um novo tipo de relacionamento. No início do século XX, Joaquim Nabuco registra o fato de que uma elite brasileira presente de maneira constante em Paris torna a capital francesa um centro de latinidade e um crisol de tudo o que se faz de melhor em termo social e cultural na América Latina.[50] A Primeira Guerra Mundial havia fortemente colocado em suspeita o ideal europeu e deixado entrever aos latino-americanos a decadência desta sociedade que eles haviam idealizado para vê-la se autodestruir. A observação do quadro de Laurence Hallewell, sobretudo em suas últimas colunas nos mostram, entretanto, que não é

[49] Machado Ubiratan, *História das livrarias cariocas*, São Paulo, Edusp, 2012: 250-1.

[50] François-Xavier Guerra, *Op.cit.*

propriamente a relação com a França e sim a abertura ao alternativo que está em jogo (outras línguas, culturas, literaturas, etc.). Visto desse modo, explica-se a drástica baixa da parte de impressos importados pelo Brasil que foram devolvidos à França. Este fenômeno de abertura em relação ao outro foi largamente acentuado durante a Segunda Guerra Mundial através da política de boa vizinhança com as Américas de Franklin Roosevelt.[51] Este empreendimento continental norte-americano se faz pelos meandros de inúmeras operações: da viagem de Léopold Stokovski ao Rio de Janeiro e de sua descoberta do samba brasileiro[52] agora em fase de exportação, à carreira fulgurante de Carmen Miranda nos Estados Unidos, que era na época a artista mais bem paga de Hollywood,[53] ou ainda ao desenho animado produzido por Walt Disney em 1942 que colocou em cena a fraternidade panamericana e que traz à cena um papagaio *carioca* chamado Zé, amante da Cachaça, fumante e dançarino de samba.[54] Símbolo de um relacionamento com outra cultura e com outra região distante do território francês da época e que representa esta relação cultural que tem início com o vizinho norte-americano. Menos de uma semana depois da primeira projeção deste desenho animado, o Brasil oficialmente declara a guerra às forças do Eixo.

Todavia, após a Segunda Guerra Mundial, o livro francês[55] faz seu retorno triunfal ao Rio de Janeiro, dando lugar, simultaneamente, a dois salões do livro francês na capital brasileira, como se o Brasil tivesse necessidade, em sua relação com a França, de recuperar o *Tempo Perdido*. Com esse mesmo entusiasmo, os anos imediatos ao

---

[51] Hess Carol A., *Representing the good Neighbor: Mucic, difference and the Pan American dream*, Oxford, Oxford University Press, 2013.
[52] *Ibid*: 114.
[53] Castro Ruy, *Carmen – Uma biografia*, São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
[54] Hess Carol A., *op. cit.*, 2013: 111-112
[55] "Livros franceses", *Letras e artes*, 12/01/1947: 5.

término da guerra serão os anos dourados da tradução, notadamente sob as capas da *Livraria do Globo*, quer se tratasse de traduções dos grandes clássicos literários franceses, do empreendimento titânico da tradução sob uma única edição da *Comédie Humaine* de Balzac, dirigida por Paulo Ronai, um exilado bem instalado no Brasil, ou ainda da tradução brasileira de À *la Recherche du Temps Perdu*, entre 1948 e 1956.[56] Não devemos, contudo, ter menos consciência de que a França não é mais o único interlocutor cultural e literário do Brasil. Um artigo publicado em 1946 no suplemento literário do jornal carioca *A Manhã* lembra esta realidade sob título: "A popularidade do livro francês vai continuar":

> Falou-se de maneira errônea e precipitada da decadência do livro francês entre nós. Parece que há um erro em tudo isso. De fato, até pouco tempo antes da guerra, nós estávamos inteiramente absorvidos pela literatura francesa, a ponto de ignorar, da maneira mais lamentável, as outras literaturas, em particular, a norte-americana. Durante a guerra, a ausência do livro francês e a larga introdução do livro em inglês fez com que começássemos a nos interessar fortemente por estes também. Mas, acima de tudo, nós não esquecemos o livro francês. Hoje, quando as edições francesas começam a reaparecer em nossas livrarias, estamos certos de que a elas não faltará público. Isto não significa dizer que abandonaremos o livro em inglês. Continuaremos a fazer sua leitura com o mesmo interesse sem deixarmos de lado o livro em francês. O que não acontecerá mais é termos apenas uma opção, ou seja, o que deixa de existir é a exclusividade. De agora em diante, o livro francês estará no mesmo nível do inglês e do espanhol, mas sempre despertando nosso mais vivo interesse.[57]

[56] Etienne Sauthier, "Une Madeleine tropicale: la première traduction brésilienne de *À la recherche du temps perdu*", *Caravelle*, 105 | 2015, 137-52.

[57] *Letras e Artes* (Suplemento literário de *A Manhã*), Rio de Janeiro, 22.09.1946: 3.

Conclusão: Escolher é renunciar

Como o texto nos mostrou, se as crises interligadas ao contexto social que cobrem o Século XX trazem um peso excessivo à relação entre a Europa e, em particular, entre a França e o Brasil. Seria, no entanto, limitar nesta crise, como alguns o fazem, uma interrupção pura e simples ou qualquer crise do modelo francês. De fato, se as duas guerras e a crise dos anos 30 tende a interromper ou, ao menos, reduzir as circulações diretas, torna-se interessante constatar que elas não só favoreceram outros tipos de circulação como também desenvolveram novos canais de veiculação. A partir de então, seja através de uma tradução ou através de uma publicação interna no continente americano, livros e textos circulam alternativamente em direção ao Brasil. Da mesma forma, os anos de guerra são animados no Brasil por trupes francesas que aqui ficaram e por importações culturais norte-americanas, mesmo quando estas difundem uma cultura francesa na língua francesa. A partir daí, é possível enxergar acima de tudo uma mudança do modo de relacionamento bem mais do que uma crise de relacionamento provocada pelas crises contextuais da primeira metade do século XX na relação entre a França e o Brasil ainda que se um movimento de abertura do Brasil a outras culturas como a que vinha da França se desenvolva durante todo o século XX. Mesmo se certo mundo cultural brasileiro constata que certas produções europeias não passam de uma sobrevivência de museu que nos leva a nos sentirmos culpados por amá-las, somos forçados a constatar, sobretudo diante da observação dos sucessos de livraria das traduções dos anos de ouro da *Livraria do Globo*, que esta abertura a culturas estrangeiras no Brasil e na França funciona sobre lógicas bem mais cumulativas que substitutivas diante do que nós recebemos da França.

Importações anuais do Brasil de material impresso na França				
Ano	**Volume**	**Valor**	**Porcentagem do total de importação global de livros (todos os países incluídos)**	
	Kg	**US$**	**Peso**	**Valor**
livros, jornais, periódicos, mapas				
1910	457 732	404 856	52,4	53,7
1911	586 945	533 676	47,9	58,0
1912	493 275	462 507	46,2	51,5
1913	684 008	558 060	33,5	43,7
1914	393 256	347 270	42,8	44,7
1915	268 221	236 026	36,2	46,1
1916	297 685	271 709	43,4	48,2
1917	296 485	276 341	45,2	47,6
1918	218 612	294 309	41,4	44,6
1919	243 094	306 552	38,9	42,6
1920	324 901	251 533	36,2	34,5
1921	244 152	219 070	36,0	38,2
1922	179 401	214 956	28,7	36,0
1923	41 037	194 628	40,0	39,1
1924	317 339	197 628	47,2	43,9
1925	335 801	202 032	44,8	36,7
1926	364 406	202 354	39,9	30,0
1927	331 297	221 372	42,5	32,8
1928	314 833	255 986	31,6	33,6

1929	283 442	216 719	33,3	26,6
1930	210 348	147 099	31,3	29,6
1931	183 639	129 899	37,0	33,3
1932	97 779	91 042	19,8	33,9
1933	73 084	91 542	19,2	30,3
1934	50 538	63 701	12,6	18,6
1935	38 246	70 903	9,5	25,0
1936	18 674	28 297	5,9	13,0
Livros (Classe alfandegária 6705)				
1937	31 246	47 131	7,9	11,6
1938	51 144	67 306	10,4	12,4
1939	36 123	44 323	8,6	9,2
1940	6 466	7 545	1,5	1,8
1941	847	1 454	0,2	0,3
1942	0	0	0,0	0,0
1943	0	0	0,0	0,0
1944	0	0	0,0	0,0
1945	0	0	0,0	0,0
1946	48 441	95 383	5,9	5,2
1947	86 127	217 838	8,5	9,4
1948	52 505	112 026	6,3	7,9
1949	82 260	151 502	9,1	11,1
1950	162 957	282 290	17,5	21,2
1951	214 468	460 718	15,0	16,7
1952	167 468	427 641	12,5	16,7

O trajeto antropológico "do aqui e do algures" nas representações franco-brasileiras[1]

Abel Kouvouama
(Universidade de Pau et des Pays de l'Adour – equipa ITEM)

Introdução

O presente artigo dá a conhecer as minhas reflexões e interrogações antropológicas e filosóficas sobre as representações do "algures" a partir dos diálogos entre França e Brasil. Este é o segundo momento, lembremo-lo, de uma partilha de experiências e de conhecimentos que vem, para mim, no seguimento de um primeiro encontro que teve lugar em 2006, em Pau, e que deu lugar a um livro coletivo do qual fui um dos editores. Este momento prolongar-se-**á com** uma reflexão sobre o fenómeno messiânico nos estudos franco-brasileiros através de um desvio das minhas pesquisas realizadas no Congo-Brazzaville sobre os messianismos. O título escolhido, "O Trajeto antropológico 'do aqui e do algures' nas representações franco-brasileiras" procura elucidar essa dupla significação conceptual e metafórica. Com efeito, o uso da noção de "trajeto antropológico" diz respeito, simultaneamente, à metáfora como figura discursiva e à abordagem antropológica. Por um lado, esta abordagem apreende a antropologia, tanto na sua dimensão crítica quanto na sua dimensão profissional aplicada, através da análise do vivido e das crenças dos indivíduos no mundo social, nas pequenas e nas grandes unidades sociais; por outro lado, permite à antropologia realizar esse fecundo empreendimento de *conversão*

[1] Texto traduzido por Joanna Gomes.

do olhar antropológico sobre o mundo urbano *algures*, *longínquo*, ao mesmo tempo idêntico e diferente do mundo urbano *aqui*, *próximo*. Por fim, este empreendimento leva-a, então, a rever as suas grelhas de leitura em função dos terrenos e dos objetos de estudo; e isto como resultado mesmo da pluralidade dos objetos estudados, impondo um pluralismo das posturas antropológicas.

Deste modo, o que na nossa reflexão é da ordem da metáfora é o que se dá a compreender como representação da distância percorrida de um ponto a outro. Esta implica a mobilidade, o deslocamento físico, corpóreo, real, imaginado, virtual. E do ponto de vista da abordagem antropológica, o recurso à noção de "trajeto antropológico" segue caminhos traçados por muitos outros escritores, artistas, historiadores e antropólogos franceses e brasileiros; entre estes últimos, nomearia Lévi-Strauss, Fernand Braudel, Georges Balandier, Roger Bastide, Maria Isaura Pereira de Queiroz e Maurice Godelier. A título de exemplo, o antropólogo Maurice Godelier utilizava a palavra "trajeto" numa das suas obras: *Horizons, trajets marxistes en anthropologie* [*Horizontes da antropologia*].[2] Quanto à noção de "o aqui e o algures" do título, à qual convém juntar o presente-ausente que se situa entre os dois, isto é, o "agora", o exercício de clarificação arriscado que empreendo deixa desenhar-se este enunciado: "o aqui, o agora e o algures" oferecem à análise antropológica das representações franco-brasileiras a trilogia dos emaranhados das temporalidades sociais identificáveis através de movimentos de pensamento, de crenças, de práticas e da mobilidade dos franceses e dos brasileiros, de uma parte e de outra dos diferentes mundos sociais. É também por esta razão que a noção "o aqui e o algures" pretende circunscrever uma outra expressão cara à antropologia, a de "próximo e longínquo". Vários espaços (sociais, culturais, artísticos, políticos, económicos e religiosos) de partilha,

[2] M. Godelier, *Horizons, trajets marxistes en anthropologie*, Paris, Maspero, 1977.

de encontro e de representações, permitem que as experiências de vida entre França e Brasil se toquem, nomeadamente, desde a época moderna. Na verdade, quer se trate de viagens de missionários, de aventureiros, de militares ou das mobilidades de artistas-músicos, intelectuais ou desportistas, a "biblioteca franco-brasileira" dos saberes e dos imaginários está repleta de ricos tesouros de experiências humanas. A recente apresentação ostentativa de Neymar na televisão – o futebolista brasileiro mais caro do mundo profissional contratado pelo clube Paris Saint-Germain – galvanizou literalmente os espíritos e fez reviver outras paixões desportivas, em particular, as da final do Campeonato do Mundo de 1998 entre França e Brasil.

É por esta razão que estes variados espaços de apropriação – pelos atores, os agentes sociais de França e do Brasil para lhes darem sentido através das suas práticas e das suas representações – me conduzem a advogar a ideia de que "o aqui e o algures", enquanto categoria de análise e enquanto categoria prática, são figuras do discurso reveladoras de "núcleos de experiência" de indivíduos (artistas, escritores, intelectuais em sentido lato) impelidas pela mobilidade e pela procura do "sentido dos outros", segundo a bela fórmula do antropólogo Marc Augé.

1. O aqui e o algures como trajeto do encontro, da partilha de saberes e de imaginários entre França e Brasil

Apoiando-me no trabalho de partilha dos saberes realizado por Roger Bastide, mostrarei de que modo o seu olhar antropológico e sociológico sobre o Brasil, na obra *Les Amériques noires* [*As Américas negras*], apareceu como um sinal manifesto de um vasto empreendimento de renovação do discurso sobre o outro, demarcando-se claramente dos discursos depreciativos sobre esse outro e trazendo um olhar novo e instrutivo sobre o algures, sobre o Novo Mundo, frequentemente objeto de fantasmas e de preconceitos

de toda a espécie. O seu constante desejo intelectual e humano foi o de se confrontar com a alteridade específica, de discernir as racionalidades contextualizadas na sua dinâmica endógena. Os sociólogos Jean Duvignaud e Georges Balandier são testemunhas privilegiadas desse encontro. Com efeito, o primeiro escreve sobre Bastide:

> Quando descobre a vigorosa vida do Nordeste, [Bastide] confronta-se com um dos lugares do mundo onde o encontro de civilizações foi inscrito nos meios, nos atos, nos gestos, nos costumes à mesa, nos sonhos e nos pensamentos. Aqui, encontram-se o Brasil colonial (português e holandês), o Brasil africano dos escravos negros libertados mas ainda pobres, os elementos da vida industrial (...). Professor na Sorbonne, Bastide conserva uma forte atração pela África e pelo Brasil. Iniciado ao culto africano, ele não transforma os homens que frequentou e amou em fichas científicas. Os negros e os brasileiros não são, para ele, um instrumento de "carreirismo universitário". Estes homens existem, são seus contemporâneos. Ele dá-lhes voluntariamente a palavra. É a fala deles, que prolonga.[3]

Georges Balandier, em "Une sociologie de la rencontre" – título do seu prefácio à obra *Les Religions africaines au Brésil. Contribution à une sociologie des interprétations de civilisation* [*As Religiões africanas no Brasil. Contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações*], de Roger Bastide – escreveu: "Há vinte anos desaparecia Roger Bastide. Ele tinha adquirido maior reconhecimento no Brasil – onde viveu de 1938 a 1951 – do que no seu próprio país. A separação, o acesso demorado às posições académicas parisienses, o desfasamento em relação aos confrontos ideológicos dos anos cinquenta foram, para ele, um entrave".[4] Mais tarde, em 2013, em *Du social par temps incertain*, Balandier reafirmava que:

[3] J. Duvignaud, "Pour Roger Bastide", Cahiers internationaux de sociologie, vol. LVII, 1974: 292-3.

[4] G. Balandier, "Une sociologie de la rencontre" in R. Bastide, *Les Religions africaines au Brésil*, 2ª edição, Paris, PUF, 1995.

> (...) o trajeto de vida de Bastide poderia ser visto como previsível: da filosofia às ciências humanas, do liceu à universidades, da Sorbonne à École des hautes études en sciences sociales, na qual apoiara a candidatura de Devereux num momento crucial. Esse trajeto não o é. O professor que se torna observador das culturas de província francesas e defensor dos regionalismos sonha com outros horizontes. O universitário começa a sua carreira por uma longa estadia no Brasil, na Universidade de São Paulo, e de lá traz "as imagens do Nordeste místico" bem como a sua tese sobre as religiões afro-brasileiras. O calvinista das Cevenas adere a uma delas e vai a África para encontrar as suas formas originais. O que o apaixona é o encontro das civilizações e dos grupos sociais e as diferenças que opõem os modos de relação do indivíduo com as situações que põem à prova a sua adaptação, a sua construção identitária, as suas defesas através do imaginário. Com a mística, o sagrado, o transe, a loucura por objetos de investigação e domínios de aplicação da sua antropologia, Bastide experienciou a "sedução dos abismos". Mas procurou sempre a "racionalidade do irracional".[5]

Entre as muitas publicações de Roger Bastide que saíram entre 1955 e 1959, cinco textos constituem uma referência incontornável para a sociologia e a antropologia atuais: "La Causalité externe et la causalité interne dans l'explication sociologique", "Immigration et métamorphose d'un dieu", "Le Messianisme et la faim", "Le Messianisme raté", "Sociologie et psychologie" e "Introduction à l'étude de quelques complexes afro-brésiliens". Podemos também nomear dois livros que têm origem nas suas duas teses: *Le Candomblé de Bahia* [*O Candomblé da Bahia*] e *Les Religions africaines au Brésil*. E citarei, ainda, *Le Prochain et le Lointain*, *Le Rêve, la Transe et la Folie* [*O Sonho, o Transe, a Loucura*], *Estudos afro-brasileiros* e *Le Sacré sauvage* [*O Sagrado selvagem e outros ensaios*]. A 2 de janeiro de 1974, paralisado dos membros, Bastide é hospitalizado

[5] G. Balandier, *Du social par temps incertain*, Paris, PUF, 2013: 175.

no La Salpetrière; transferido para uma clínica em Maison-Laffite, morre a 10 de Abril de 1974. Uma cerimónia fúnebre com uma orquestra brasileira precede o seu enterro, segundo uma tradição protestante, em Anduze a 16 de abril de 1974. Do homem e da obra, muitas apreciações diferentes seriam feitas, retenhamos a de Louis-Vincent Thomas e d'Arbousse-Bastide, para os quais Bastide é "o único universitário que nunca dizia mal de um dos seus colegas"; quanto a Claude Lévi-Strauss, este declara: "sempre tive uma grande estima pela sua pessoa e pelo que escreveu". Bastide deixou, assim, uma obra monumental de 1355 títulos, entres estes cerca de trinta livros e 473 títulos sobre o Brasil. E direi que Bastide foi e continua a ser esse defensor, esse esclarecedor de consciências e esse passador de civilizações heterogéneas em torno das mais variadas temáticas, como a dos messianismos.

2. O messianismo como campo privilegiado de observação sociológica e antropológica nos estudos franco-brasileiros

Nesta experiência de partilha dos saberes antropológicos sobre o fenómeno messiânico, evocarei aqui as análises de Roger Bastide tal como as de Maria Isaura Pereira Queiroz, socióloga brasileira que produziu um importante número de trabalhos sobre os messianismos afro-brasileiros. Com efeito, a autora afirma: "As doutrinas religiosas que profetizam o advento na terra de uma era de felicidade e de perfeição são chamadas messiânicas, se a instalação desse mundo perfeito depender da chegada de um "filho de Deus", de um mensageiro divino, de um herói mítico, de um "messias", mas precisa que "os movimento só são messiânicos se forem dirigidos por um chefe sagrado, um enviado do além"[6] e estabelece uma distinção entre a crença messiânica e o grupo messiânico, explicitando que a

[6] M. I. Pereira de Queiroz, "Mythes et mouvements messianiques", *Diogène*, n.o 90, 1975: 90-1.

primeira pode existir sem o segundo, mas que o grupo messiânico precisa sempre da crença messiânica para se desencadear.

Do seu lado, estudando entre outros o messianismo no Brasil, Roger Bastide apontava a existência de duas interpretações do messianismo: por um lado, aquela que o justifica como a "**única força de resistência possível sob o regime agrícola**" e que constitui a primeira tomada de consciência dos grupos explorados contra os seus exploradores; por outro lado, aquela que condena o messianismo pelo facto de este desviar os grupos explorados do terreno da luta material para o terreno dos mitos religiosos, retardando a aparição da luta de classes, que ficaria afundada nos pântanos teológicos. De seguida, adota uma abordagem mais prudente, que situa os messianismos no tempo e na história, deles apreendendo os elementos positivos e negativos. Assim, globalmente, o messianismo é, em primeiro lugar, uma "resposta racional [mesmo se nos parece aparentemente longe da nossa própria razão] a uma perturbação de ordem sociológica e como que um ajustamento a uma situação de mudança"[7]. Depois, nota diferenças no interior dos messianismos entre: o *messianismo urbano*, que é uma resposta à industrialização, à formação do proletariado ou à proletarização de certos setores das classes médias; o *messianismo "folk"* que é mais uma resposta violenta a uma mudança imposta de fora com o objetivo de manter o *statu quo*, como é o caso da reação da civilização do sertão brasileiro contra a civilização do litoral; e o *messianismo colonial* que, mesmo que não apresente todo um conjunto de factos gerais que o definam e o caracterizem em relação aos outros, apresenta-se não obstante como uma resposta a uma situação de contacto, resposta essa que varia em relação à natureza do contacto colonial.[8] Outros estudos sobre o fenómeno político-religioso foram realizados nas Américas,

[7] R. Bastide, "Messianisme et développement économique et social", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. XXXI, 1961: 12.
[8] *Ibid*: 7-8.

particularmente no Brasil por investigadores não só brasileiros, mas também franceses e africanos.

Assim, o colóquio organizado em junho de 1985 pela Unesco, no qual participei, sobre "as sobrevivências das religiões africanas tradicionais nas Caraíbas e na América Latina", destacou as variadas manifestações das religiosidades de origem africana e ameríndia na sociedade brasileira, nomeadamente, na Bahia, Rio de Janeiro, São Luís, Espírito Santo, Rio Grande do Sul. As investigações realizadas em São Luís evidenciaram a experiência marcante da Casa das Minas, que tinha sido fundada pela rainha Agontimè, mãe do rei Ghèzo d'Abomey, na África do oeste, condenada à deportação para o Brasil no início do século XIX. A comunidade religiosa da Casa das Minas continua ainda, no Brasil, essa tradição familiar real de Zoumandou.

A respeito das religiões e dos messianismos em África, muitos trabalhos tentaram estabelecer uma "cartografia" distinguindo os núcleos principais. Há o núcleo da **África Austral, do qual alguns estudos assinalam a existência desde o início do século XIX, principalmente na África do Sul. Bengt Sundkler, que nos anos 40 estudou o messianismo bantu na região sul-africana, recenseou cerca de duas** mil Igrejas independentes e propôs uma classificação em dois tipos principais, conforme os seus processos históricos de formação. O elemento descriminante, para Sundkler, é o modo de separação, institucional ou doutrinário, consensual ou conflitual, a partir de uma origem missionária e reconstituído com fontes escritas do início do século. Na terminologia de Sundkler, o tipo "etíope" designa as Igrejas bantu que, por razões nacionalistas, se separaram das Igrejas missionárias dos brancos, revindicando a sua independência e a sua vontade de fundar uma igreja africana, conservando, simultaneamente, uma organização eclesiástica e uma interpretação da Bíblia idênticas às das missões protestantes. As Igrejas independentes "sionistas" designam-se a si mesmas sob o nome de "Zion", "Apostolic", "Pentecostal"; historica-

mente referem-se **à Igreja** americana "Christian Catholic Apostolic Church in Zion", em Zion City (Illinois, USA), e ideologicamente à montanha de Zion em Jerusalém e às antigas culturas bantu. Sundkler sublinha o carácter sincrético das práticas de cura dos doentes, da glossolalia, dos ritos de purificação e da observância de interditos. Apesar destas especificidades, as suas características comuns são a afirmação da sua independência em relação **às Igrejas** protestantes de origem, a presença de um profeta negro e a rejeição do domínio racial branco. Os trabalhos de Sundkler constituem ainda hoje uma incontornável base de reflexão sobre o núcleo da África Central, no qual as Igrejas independentes provenientes de muitos movimentos proféticos se manifestaram desde o século XVII, nomeadamente no Baixo Congo. Há, de seguida, o núcleo da África Ocidental no qual estes movimentos se desenvolveram, principalmente, no Benim, na Nigéria, no Gana, na Costa do Marfim, na Serra Leoa e na Libéria. Temos, depois, o núcleo da África Oriental, com o desenvolvimento de Igrejas independentes, particularmente no Quénia, e, por fim, o núcleo da África do Oceano Índico, sobre o qual existem muitos trabalhos realizados, nomeadamente sobre Madagáscar.[9]

Pela minha parte, inscrevendo-me, designadamente, na esteira dos trabalhos de Georges Balandier e de Roger Bastide, desde os anos 80, tenho procurado apreender a realidade social e histórica que rodeia o estudo dos messianismos africanos, especialmente congoleses, nos meus trabalhos. O campo de observação sociológico e antropológico é o das sociedades historicamente dominadas, cujo processo de desenvolvimento interno foi interrompido pelo contacto com a "situação colonial"; daí resultam contradições específicas a essa

[9] B. Sundkler, *Bantu Prophets dans South Africa,* 2ª edição, Londres, Butterworth Press, 1961; R. Hackett, "African New Religious Movements", Review Essay, *African Studies Review*, n.º 29, 1986: 141-6; J.-C. Barbier e E. Dorier-Apprill, "Les Forces religieuses en Afrique noire: un état des lieux", *Annales de géographie*, n.º 588, 1996: 200-10.

reação messiânica das sociedades dominadas. Por outro lado, através da dominação da sociedade colonial sobre a sociedade colonizada, pôde nascer uma ideologia nacionalitária, cujo processo de formação foi tanto mais rápido quanto o estado colonial mais rigoroso excluía qualquer independência política. Esta ideologia nacionalitária apoiou-se, de seguida, nas aspirações políticas dos oprimidos contidas nas reivindicações religiosas de salvação, e cujos efeitos fizeram nascer vastos movimentos sociais de contestação política. Enquanto fenómeno social político-religioso, o messianismo constitui uma resposta global dos dominados à situação de exploração/alienação. Deste modo, nas sociedades da África Central, os messianismos apresentaram-se todos, desde o início, como uma resposta global à situação de dominação colonial e/ou de discriminação racial, recorrendo a muitos mitos: mitos do "povo eleito", da salvação através do fim do mundo, mitos do advento da Idade de Ouro ou da cidade celeste, mitos da espera do "salvador"; tudo num contexto cristianizado, no qual a Bíblia constituía o principal documento de referência e de agitação.

Do século XVI ao XVIII, já nesta situação histórica de rudes lutas pelo poder político e religioso no seio do reino do Congo, jovens profetas vieram inaugurar uma nova prática cultural da religião no campo político. Assim, o profetismo que aí aparece sob a iniciativa, sucessivamente, de Francisco Kassola e de duas mulheres profetas, Mafuta Fumaria e Kimpa Vita, é o primeiro sinal religioso manifesto desse encontro violento entre a sociedade colonial e a sociedade colonizada. Se o cristianismo ocidental já tinha feito a sua aparição no reino do Congo no século XV, o padre Pêro Tavares, um jovem jesuíta, é para lá enviado em 1629 para continuar o trabalho de evangelização das populações. Não conhecendo o país, menos ainda a língua, conseguiu pregar em 1629 e 1632, com a ajuda de catequistas autóctones rapidamente formados no colégio de Luanda, sabendo falar tanto o kikongo quanto o português. Com exceção dos primeiros autóctones da corte real, a maioria das pessoas convertidas ao cris-

tianismo pertenciam a famílias de escravos. Esta conversão massiva era ainda mais rápida porque era feita em kikongo, com os textos religiosos elaborados pelo padre de Couto em 1624. A "simplificação" das orações, dos cantos e do catecismo, a conversão progressiva de homens livres do reino, bem como as tomadas de posição às vezes contraditórias do padre Pêro Tavares a favor do seu rebanho, face às violências exercidas pelos governadores e plantadores portugueses, farão crescer a sua influência sobre a população. Ao mesmo tempo, esta vai favorecer a emergência, entre as populações convertidas, de uma corrente "nacionalitária", exigindo uma africanização mais forte da mensagem cristã, incorporando divindades tutelares locais e figuras ancestrais. E é, logicamente, entre os antigos catequistas formados pelo padre Pêro Tavares que surgiu um primeiro profeta autóctone, dispondo de um forte carisma pessoal de cura, de nome Francisco Kassola. É em 1632 que este funda uma Igreja independente, depois de se ter proclamado "filho de Deus". Ele percorre várias regiões do reino, difunde uma nova religião que reativa – usando o mesmo dispositivo religioso cristão – os simbolismo ancestrais da crença, da oração e da cura, caracterizados pela intervenção dos deuses tal como pela sua proximidade no tratamento das questões terrestres dos homens.

> Assim que Kassola chegava a uma aldeia, sublinha o padre Pêro Tavares, construíam-lhe quatro cubatas, uma para dormir, outra onde outorgava o bom tempo, outra onde outorgava a chuva e uma quarta onde realizava curas. Pregava contra a abstinência nos tempos prescritos pelos missionários e dedicava-se a práticas mágicas: nas casas onde não havia mantimentos, fazia aparecer, logo no dia após a sua visita, cabaças de vinho e de frutas de toda a espécie.[10]

Estas novas vias de sentido recebem tanto mais eco no seio de um reino em crise política, dominado por rivalidades de poder, que se duplicam, no seu projeto religioso, numa visão política de

[10] Citado por A. Custódio Gonçalves, *Le Lignage contre l'État: dynamique politique Kongo du XVIème au XVIIIème siècle*, Lisboa/Évora, Instituto de Investigação Científica Tropical/ Universidade de Évora, 1985: 115.

libertação do reino da dominação portuguesa.

Mais tarde, no século XVIII, uma mulher profeta chamada Mafuta Fumaria invocaria, também ela, a figura do Cristo para restabelecer a unidade no seio do reino, ordenando ao rei, que se tinha retirado no Monte Kimpangu, de voltar para a capital Mbanza Kongo. A relação estabelecida na época pelos missionários Laurent de Lucques e Bernardo da Gallo parece muito explícita:

Uma mulher de idade, chamada Apolonia ou Mafuta Fumaria, recebia uma mensagem da Madona, que lhe comunicava a indignação do Cristo em relação ao estado das coisas no Congo (...). Ela mandava recitar três "Avé Maria" e invocar três vezes a misericórdia divina ao cair da noite (...). Proclamava que Deus iria castigar as gentes do Congo se não reconhecessem a capital (...). Anunciava, assim, ter encontrado a cabeça de Cristo – uma pedra transportada pelo rio Mbridge, completamente deformada pelas facadas da maldade dos homens e pelas enxadadas das mulheres que trabalhavam nos dias de festa – muito indignado contra as gentes que viviam no monte de Kimpangu, e ter recebido uma aparição da Virgem que vaticinava catástrofes que iriam acontecer no Congo se o rei não se pusesse a caminho de São Salvador: o monte Kimpangu iria arder e desmoronar-se se não descessem brevemente.[11]

Mafuta Fumaria pregava também a destruição dos "fétiches" e fazia curas no reino:

> Muitas pessoas vinham ter com ela, e mesmo a rainha tinha fé nas suas profecias quando Mafuta proclamava que o monte Kibangu seria destruído pelo fogo se os congoleses persistissem na sua recusa a ouvir a mensagem do Cristo. Os missionários tentavam detê-la, mas o rei e a rainha, que acreditavam muito nas suas profecias, continuaram a protegê-la da Inquisição. Desiludido pelo que acreditava ser uma atitude equívoca do rei e da rainha,

[11] *Ibid.*

> o padre Bernardo da Gallo retaliou fechando as portas da igreja aos fiéis.[12]

Esta ação profética de Mafuta Fumaria, para monopolizar as estruturas simbólicas cristãs, visava transformar os sítios de reconstrução de ordem religiosa e de unidade política do reino do Congo, num contexto histórico de articulação da instância religiosa e da instância política. Kimpa Vita, uma jovem aristocrata de vinte e dois anos, retoma e amplifica a ação profética de Mafuta, que se tornou sua aliada, e instala novamente a ação profética feminina no campo das lutas políticas do qual tinha sido expulsa pela ordem colonial. Através da sua ação profética, na sua dupla carga do político pelo religioso, Kimpa Vita tornou-se, assim, o símbolo de uma resistência coletiva. Esta visava não apenas a libertação do reino do Congo da dominação portuguesa, mas também a afirmação e a procura de uma nova identidade cultural política. Detida, ela morreria queimada na fogueira. E esta experiência messiânica reapareceria dois séculos depois, no século XX, com o kimbanguismo e o matsouanismo.

O facto de certos messianismos terem, como o matsouanismo, resistido à usura do tempo para afirmar continuamente a sua contemporaneidade, acompanhando ou provocando mudanças sociais e políticas, exige uma atenção muito particular, a este fenómeno que perdura neste início do século XXI no Congo contemporâneo. É por esta razão que o seu estudo no contexto atual de pluralismo religioso e político permite evidenciar a sua pertinência sociológica e histórica enquanto ferramenta de análise de toda a sociedade. A questão inicial que conduz a presente reflexão[13] formula-se em termos simples: porque é que o matsouanismo – movimento religioso e

[12] M. Sinda, *Le Messianisme congolais et ses incidences politiques*, Paris, Payot, 1972: 40.

[13] Reflexão feita de forma aprofundada na tese de "doctorat d'État" intitulada *Mythes du salut et temporalité en Afrique centrale: le matsouanisme à Brazzaville, entre modernisation et démocratisation*, Paris 5, Sorbonne, dezembro de 2000.

político, nascido no contexto colonial em outubro de 1945 no Congo-Brazzaville – perdurou, mesmo apesar da morte do seu líder André Grenard Matsoua três anos antes, quando ele era antes de mais um líder sindical e político, no período pós-colonial das independências (1960), sob o partido único (de 1963 a 1991) e no momento da democratização e das violências políticas e guerreiras de 1991 até hoje? Noutros termos, porque é que, mais de cinquenta anos depois, o matsouanismo continua a existir num contexto político, social e económico que já não é o mesmo e que continua, para além disso, a investir-se na produção religiosa de uma identidade política? Isto significa que esta análise do matsouanismo não pertence só à história, inscreve-se também na compreensão do presente e do quotidiano. Tendo o matsouanismo como campo privilegiado de observação, pretendo evidenciar este duplo movimento de revolta política e de espera messiânica religiosa e, depois, colocar como hipótese que ele é o lugar de produção de um discurso hierocrático, isto é, especializado na distribuição de bens de salvação e no inculcar contínuo de uma memória viva no paradigma da legitimação/invalidação.

Com efeito, quando observamos os anos 90 na África Central, poder-se-ia, com a aceleração das mutações políticas, ter chegado a um fenómeno de secularização. Bem pelo contrário, assiste-se a uma multiplicação das igrejas e dos movimentos religiosos ao lado dos messianismos e das Igrejas católicas "históricas". Disto testemunha o seu desenvolvimento particularmente intenso nestes últimos anos no Congo, designadamente em Brazzaville, lugar privilegiado da investigação. Convém agora destacar as tendências dominantes, que são:

– as Igrejas do Despertar [**Églises de Réveil**]: Igrejas autónomas que pertencem ao movimento evangélico ou pentecostalista, que são, sobretudo, Igrejas muito jovens, a maioria tem menos de dez anos, e inscrevem-se na linha da crença pentecostalista;

– os organismos interconfessionais de evangelização sob o

controlo do *Conselho Ecuménico das Igrejas* (CEI) [*Conseil Oecuménique des Églises* (COE)];

– os movimentos transconfessionais, como a *Comunidade Internacional de Mulheres Mensageiras de Cristo* (CIMMC) [*Communauté Internationale des Femmes Messagères du Christ* (CIFMC)];

– os movimentos espiritualistas e filosóficos tal como seitas transnacionais (por exemplo, o Reverendo Moon e a sua Igreja da Unificação).

Mas, mais do que as novas igrejas e movimentos espiritualistas que ocupam o espaço religioso em Brazzaville, também há, como referido, as Igrejas "históricas", institucionais, que, nascidas de um empreendimento missionário ocidental, adquiriram, no início do século XX, uma relativa autonomia aquando da independência do Congo:

– as Igrejas católica, protestante, da Salvação e islâmica (minoritária), que são instituições antigas e muito estruturadas;

– as Igrejas proféticas e messiânicas que pertencem ao espaço do Congo-Zaire (ngounzismo, kimbanguismo e matsouanismo), que estão ligadas à atividade ou à figura de um profeta-fundador Negro, ao qual os adeptos reconhecem uma capacidade especial para entrar em contacto com Deus e revelar a sua palavra, a investidura divina manifestando-se, em particular, pela realização de feitos extraordinários e milagres de cura;

– as Igrejas neo-tradicionais, como a *Bulamananga*, que reivindica com força o ancoramento identitário etno-regional.

Convém ainda assim sublinhar este tendência para a autonomização dos matsouanistas que se inscreve no seu projeto político desde 1945: Matsoua sendo o "messias" que já veio, mas ainda esperado, é, aos olhos deles, o verdadeiro detentor do poder político usurpado por todos os "aduladores Negros" que se sucederam até hoje no cimo do Estado congolês. Nessa espera messiânica, os matsouanistas perseguem a greve escatológica que se traduz pela

recusa de pagar os impostos desde a época colonial (com o imposto chamado dos "três francos"), a recusa de se tratarem nos hospitais e dispensários públicos, de possuírem um cartão do cidadão nacional e de se deixarem recensear pelo Estado. Os que são empregados de escritório, alunos e estudantes pertencem à nova geração de filhos de matsouanistas, mais preocupados em assegurar o seu futuro material em meio urbano do que em imitar os seus pais.

Deste modo, a reapropriação seletiva de elementos simbólicos cristãos e autóctones e a construção de uma nova representação da ordem política participam realmente na afirmação de uma dupla identidade urbana e religiosa. O matsouanismo adaptou-se tanto às diferentes mutações políticas desde os anos 60 quanto à concorrência com novas religiões no contexto do pluralismo político e religioso. Esta continuidade messiânica opera-se na concatenação das vias simbólicas cristãs ocidentais com as extraídas do registo cultural autóctone. E testemunha também de uma "rotinização do carisma", segundo a expressão de Max Weber, que acontece em torno de duas ordens de legitimação. A primeira reside na dissimulação da verdade sobre a morte de Matsoua, em 1942, aos seus seguidores. A "ocultação" do corpo e da sepultura de Matsoua pelo poder colonial será determinante para a construção social e ideológica, pelos líderes religiosos e sindicais, da crença no desaparecimento "misterioso" deste. Fundando a sua esperança messiânica no regresso "esperado" de Matsoua, os líderes matsouanistas dispuseram pacientemente os meios psicológicos e sociais necessários à rotinização do carisma. A segunda, a procura de um novo líder com carisma, far-se-á não apenas através do modo individual distintivo da "qualificação" espiritual do profeta de substituição, mas também através da posse, pelo líder matsouanista pretendente à sucessão, de um ato escrito do poder colonial, e depois pós-colonial, atestando a sua passagem forçada pela prisão por causa da indocilidade messiânica: "A nós que estivemos na prisão passaram-nos documentos (...). Este documento,

apresentamo-lo em vez do cartão do cidadão, e neste documento estão escritas a data e o lugar da detenção (...). Eu estive na prisão em Fort-Rousset, e para provar que sou matsouanista, tenho de ter este documento".[14] Esta produção religiosa da modernidade através da escrita do poder colonial e pós-colonial contribui, então, para a institucionalização da experiência messiânica matsouanista.

Desde logo, a legitimidade do novo líder carismático no seio do matsouanismo estará ligada a estes sinais distintivos que são a posse da prova da prisão efetuada como sinal do sacrifício e do sofrimento de Matsoua, a posse de um poder de discernimento das coisas, a designação pela comunidade dos fiéis e pelos outros matsouanistas resistentes políticos da capacidade de dirigir do eleito. Içando o certificado de prisão, o líder matsouanista confere assim à administração colonial um poder estruturante de legitimação da sua posição privilegiada na luta pelo "governo central" do matsouanismo. Neste sentido, a produção religiosa da identidade matsouanista elaborou-se a partir de três dispositivos estratégicos precisos: o primeiro consiste em recontextualizar a lógica da esperança através da releitura permanente dos acontecimentos religiosos e políticos passados, a reativação das estruturas de credibilidade e de crença, como a referência constante à figura intemporal do "messias" Matsoua e a evocação enfática da sua grandeza e do seu poder. O segundo dispositivo através do qual os matsouanistas proclamam continuamente a sua dupla identidade social e religiosa é a reapropriação da organização litúrgica cristã ocidental e a construção de uma nova representação de ordem política a partir de leituras locais da mensagem cristã. É nesse empreendimento de significação do mundo que o mito messiânico matsouanista da espera do regresso "iminente" do seu "messias" permite a valorização da identidade narrativa da história sagrada dos líderes matsouanistas – o terceiro

[14] Entrevista conduzida pelo autor.

dispositivo – que facilita um retorno simbólico ao tempo fundador, momento privilegiado para o advento dessa nova ordem. O poder de revelação das palavras proféticas de Matsoua, o messias "presente--ausente", pelos líderes matsouanistas transforma-se numa palavra mais forte através de uma leitura significativa e repetida do tempo pelo narrador que faz figura de "testemunha" do mártir. Em suma, as preocupações religiosas e políticas dos matsouanistas consistiram não apenas em inventar uma visão autóctone do cristianismo pela incorporação dos referentes simbólicos ocidentais no dispositivo ancestral das crenças, mas também em legitimar socialmente a sua recusa da ordem colonial e, depois, pós-colonial pela valorização da atividade sacral de André Matsoua, considerado por estes últimos como "messias". A influência que exerce o matsouanismo na conduta dos adeptos reside no facto de que a sacralidade messiânica produzida pelos líderes de substituição, na sobreposição da lógica da espera e da lógica da greve escatológica, sustenta a esperança nos primeiros: antes de mais, pelo facto de que o discurso dos líderes sobre a redenção individual e coletiva dos adeptos matsouanistas transforma a crença numa convicção indispensável à sua salvação; de seguida, o caminho da salvação só se torna possível para estes últimos através da exemplaridade da conduta na vida terrestre, que eles têm de adotar à imagem da do seu "messias" Matsoua. E é precisamente, explorando habilmente o tempo forte do mito, isto é, introduzindo jogos de distinção entre o momento da crise e do desespero do presente e o momento de riqueza e de liberdade futuro, que os adeptos realizam a síntese do tempo primordial ou da criação arquetípica e do tempo histórico. Tempo primordial, tempo histórico e tempo de esperança, estas diferentes temporalidade reatualizam o acontecimento messiânico, trabalham na convocação de uma memória coletiva continuamente reinventada para manter a coesão do matsouanismo.

No fim de contas, o matsouanismo, como a maioria dos messianismos africanos de tendência cristã, funciona também no plano da dialética da ordem e da desordem. A regeneração do tempo no matsouanismo só se faz através da regeneração coletiva, cujo mito da criação primordial serve de arquétipo histórico. A relação sintética que o profeta faz entre o "momento mítico" da criação arquetípica (temporalidade primordial) e o "momento atual" (temporalidade histórica) faz com que os indivíduos tomem consciência da sua situação miserável presente. Admitindo que, para os líderes e os adeptos matsouanistas, o "momento mítico" corresponde sempre a um momento de riqueza e de opulência e que o "momento atual" é o da miséria e da opressão do Anticristo, o reino do Anticristo aparece como a condição de realização da Idade de Ouro situada numa temporalidade a vir. São estas as lições a reter sobre as razões da permanência do matsouanismo, cuja figuras inesgotáveis enquanto movimento social, religioso e político o inscrevem numa modernidade urbana, nomeadamente a de Brazzaville.

América latina, entre o local e o global

Livia Reis
Universidade Federal Fluminense/CNPq

Neste ensaio vamos trabalhar com alguns textos que foram produzidos em momentos relevantes do processo de busca da identidade cultural na América Latina, desde as Vanguardas do início do século XX, passando pelo boom literário dos anos 60, chegando à pós-modernidade deste início do século XXI. Que mudanças epistemológicas determinaram que nosso campo de estudos literários se abrisse a uma multiplicidade de questões que se impõem quando deseja pensar a América Latina e sua identidade? Foram muitas mudanças nos paradigmas de análise, por isso, decidimos trazer à luz alguns balizamentos que nortearam nosso debate, sem a preocupação em sermos redutores ou essencialistas, nem de oferecer respostas acabadas às muitas perguntas que envolvem o tema. Neste sentido, este texto procurou traçar algumas linhas que fazem parte do percurso da América Latina dentro do mundo globalizado, sem abrir mão de suas marcas indentitárias locais.

Desde a explosão das vanguardas do início do século, a América Latina vive uma permanente tensão dialética, provocada pela complexa relação entre o local e o global. Ao longo do século, diferentes poéticas trataram de superar a aparente contradição embutida no desejo em ser moderno e universal e, ao mesmo tempo, em reafirmar o local e regional que, de uma maneira ou outra, traduz uma forma de reclamar e afirmar uma identidade que, embora ocidental, fruto do colonialismo europeu, é periférica, resultado de séculos de mestiçagem, o que a faz diferente, específica. No chamado mundo

globalizado, esses reclames identitários, periféricos, continuam a marcar a alteridade do continente.

O debate se estabelece partir da definição de nossa área de estudos. A que espaço cultural nos referimos quando falamos em América Latina? Nosso corpus de observação é a totalidade dos países de língua espanhola, o Brasil e o Caribe. A incorporação do Brasil, tradicionalmente fora do que se costumou chamar de América Latina, e dos países do Caribe, nem todos com línguas derivadas do latim, introduzem a complexidade da sua geografia cultural e ressalta a fragilidade de certos parâmetros, como no caso, a língua, quando utilizados isoladamente, na definição de área de estudo e pesquisa.

Visto sob o estatuto da herança colonial, nossa condição de países ocidentais e periféricos é bastante similar. Por outro lado, quando analisado a partir dos processos de hibridação e mestiçagem, apresenta uma grande diversidade, étnica e cultural.

Se o passado romântico comum, determinou para alguns países, como no caso do Brasil, o início da formação da identidade e consciência nacional, para a maioria dos países hispânicos, apesar de terem vivido seus processos de independência política antes do brasileiro, as questões de identidade cultural começam a ser colocadas no panorama da formação cultural e literária, apenas a partir do modernismo hispânico, isto é, nos últimos anos do século XIX, simbolizado pelo seu nome máximo e ícone do movimento: o poeta Rubem Dario.

A importância que a obra de Dario, na parte hispânica do continente, introduziu nos estudos literários o uso da expressão "inversão do estatuto colonial" na medida em que sua poética, mesmo que claramente influenciada pelo simbolismo francês, já levantava questões da identidade hispano–americana e, sobretudo, da modernidade de uma forma poética nunca vivenciada anteriormente em nosso continente. Dario abre o espaço para que as vanguardas do início do século estejam em sincronia com os movimentos van-

guardistas na Europa e nos Estados Unidos.

As vanguardas na América Latina e o modernismo brasileiro foram movimentos radicais de aproximação dos extremos, em que ao mesmo tempo em que as influências das estéticas importadas da Europa estarão presentes, estas vão dialogar com os questionamentos identitários nacionais e continentais produzindo a dialética do local e do universal, do regional e do cosmopolita, enfim, o local e o global, linhas de força presentes ao longo de nosso processo de modernidade ao longo do século XX, e ainda em pauta no novo milênio.

A partir das reflexões levantadas até agora que, de alguma maneira, pretendo sistematizar, têm início nas atitudes e propostas poéticas que sempre trabalharam na linha tênue que separa e mantém a tensão entre os sentidos do lugar.

Desde os anos 20, a cultura e a literatura da América Latina buscaram, de forma mais ou menos sistemática, trabalhar com o sentido de modernidade a partir de seu próprio lugar periférico. Por um lado, o vigor e a diversidade da própria cultura se encarregaram de fornecer um repertório de formas e representações que refletiram a cara do próprio continente e a maneira como ele se vê representado. Por outro lado, a crítica cultural construiu uma tradição ensaística de reflexões profundamente marcadas pelas questões de identidade que, de uma forma ou outra, sempre refletiram a antiga questão dialética do local e do universal. Em outras palavras, como se deu o impacto da entrada de nossa cultura na modernidade?

Pode parecer antiquado pensar em impacto de modernidade em um momento em que se pensa nos efeitos homogeneizantes da globalização sobre as culturas periféricas, momento em que em que vivemos em plena pós-modernidade, tempos em que estamos submersos em comunidades imaginárias, com os sentidos de nação e nacionalismos constantemente revisados. A reflexão de Ana Pizarro em seu livro *El sur y los trópicos*, de 2004, nos ajuda na tarefa de pensar

> A pluralidade de objetos que exigem a atenção do pesquisador hoje, quando desde o fim dos anos 60 se experimentou uma mudança epistemológica no objeto de estudo, e logo começaram a ganhar evidência os fenômenos relativos às transformações das décadas seguintes, implicam na construção de um campo de estudo cada vez mais complexo. (2004: 91)

Os ecos vanguardistas se fizeram ouvir em focos simultâneos sem vinculação entre si, em quase todos os países do continente e, a partir deles, foram se configurando textualidades que impulsionaram a literatura e o pensamento crítico que nasce e caminha junto a ela. É interessante ressaltar que no momento da explosão das vanguardas, as formas particulares que as novas poéticas adquiriam estiveram, quase sempre, ligadas às características culturais, políticas e ou étnicas de cada país, marcando desta forma o vínculo com o sentido de lugar.

Na Argentina, o vigor da poesia de Borges e de Oliverio Girondo garantiu para este país um lugar de protagonista no coro das vanguardas, levando a limites superlativos a questão do regional e do universal, encarnado na polêmica entre as correntes *Boedo*, adeptos de uma poesia mais voltada para a literatura como instrumento de transformação social e *Florida*, que defendiam posturas mais estetizantes.

No Brasil, a polêmica não foi menor, e conhecemos bem os ritos e os mitos criados pelo modernismo brasileiro, representado principalmente pelas figuras emblemáticas de Mario e Oswald de Andrade. A rica produção estética do Brasil dos anos 20 também se manteve sob a tênue linha entre o profundamente vinculado aos movimentos europeus da época, e uma intensa procura de um sotaque nacional, expresso, sobretudo, nos inúmeros manifestos de Oswald e Mario, principais porta vozes do movimento.

César Vallejo, o principal poeta vanguardista peruano, rejeitou a poesia como artifícios de técnica literária e, à margem de escolas

e imposições estetizantes, desenvolveu uma obra visceralmente voltada para a preocupação com um americanismo autêntico. Na mesma época, José Carlos Mariátegui fundou a revista "Amauta", principal foco da renovação vanguardista, que se propôs a destruir os princípios da arte burguesa que refletiam os valores de um regime social caduco e, em seu lugar, deveria produzir uma arte que pudesse harmonizar as dicotomias entre a revolução estética e a social, e fosse ainda capaz de incorporar a realidade indígena da maioria silenciada do seu país.

Lugar privilegiado de grandes mudanças e inquietações, o México, nos anos posteriores à revolução mexicana, viu surgir o movimento dos pintores muralistas, liderados por Diego Rivera. Estes artistas estavam preocupados em narrar a história mexicana, denunciar a exploração capitalista, além de integrar as vozes das populações indígenas ao discurso estético do país. O estridentismo mexicano foi substancialmente influenciado pela Revolução Russa de 1917 e procurou aliar a criação estética à revolução social.

Nos países do Caribe de fala francesa, notadamente, Haiti e na Martinica, a onda vanguardista significou a inclusão de vozes silenciadas pela situação colonial. Movimentos como o indigenismo, o negrismo e a negritude foram responsáveis pela incorporação do estudo do folclore como reapropriação da cultura popular, valorização da oralidade ancestral dos contadores de histórias, o estudo dos rituais, cantos e danças e reapresentações de origem africana e, principalmente, a tomada de consciência de artistas e escritores do desejo de incorporar a cultura popular, e a valorizar o ser negro e a identidade africana, recusando a negatividade que lhe fora imputada.

O Caribe hispânico não esteve alheio aos ecos vanguardistas. As influências dadaístas e futuristas nos movimentos em diferentes países aprofundaram a contradição expressa pela busca do popular, do autóctone e do nacional. Das transformações da estética derivada da vanguarda cubana surge, em 1948, o manifesto do "real

maravilhoso", de Alejo Carpentier, um dos textos fundadores da procura de definições identitárias, não apenas em Cuba, mas em todo o continente.

O manifesto é, na verdade, o Prólogo do romance *El reino de esse mundo,* publicado em 1935-49. Instigado pela pergunta que encerra o ensaio: "Pero que es la historia de América toda sino una crónica de lo real maravilhoso?" (1972: 15). O texto do Prólogo faz um erudito passeio pela literatura e arte do ocidente e com o estilo sóbrio e escrita barroca, critica ironicamente todas as bases das vanguardas europeia, com ênfase no surrealismo, terminando por determinar que somente a realidade americana pode "suscitar" o maravilhoso. O Prólogo tornou-se um ícone do pensamento sobre identidade na América Latina, que iria lançar as bases da poética de redescobrimento, que viria a desaguar no boom literário dos anos 60-70.

Na mesma Cuba, ainda nos anos 40, o ensaio *Del fenômeno social de la transculturación y su importancia em Cuba*, de Fernando Ortiz, já colocara as bases para a reflexões sobre identidade, ainda que do ponto de vista da sociologia. A partir de ideia de transculturação étnica, como resultado do encontro entre as diferentes raças, ao longo da história de Cuba, Ortiz propõe a substituição do termo aculturação, de uso corrente na antropologia, por transculturação, que, segundo ele, expressaria melhor as diferentes fases no processo de transição de uma cultura à outra.

Contemporâneo a Ortiz, no Brasil, Gilberto Freyre, a partir da observação da estrutura patriarcal escravocrata do nordeste brasileiro, "explica" o Brasil em *Casa Grande e Senzala,* ensaio fundador da teoria da mestiçagem nacional. A obra de Freyre, controvertida, poética e objeto de muitas críticas é, ainda hoje, referência para os estudos da identidade nacional brasileira. É interessante perceber como as reflexões desenhadas pelos dois sociólogos, Ortiz e Freire, dialogam entre si e cada um, à sua maneira, oferece interpretações

semelhantes para o questionamento identitário na América Latina.

As ideias de mobilidade, de processo e de inclusão, presentes no pensamento de Ortiz, décadas depois, encontraram um solo fértil no pensamento de Ángel Rama, que utiliza a reflexão de transculturação étnica do antropólogo cubano para construir um sólido edifício teórico para pensar a narrativa latino-americana. O texto *Los procesos de transculturación en la narrativa latinoamericana* (1974) revolucionou a leitura que se tinha do regionalismo dentro da tradição literária no continente, além de introduzir o estudo de literatura brasileira ao *corpus* da literatura latino-americana, que quase sempre excluía a literatura e a cultura brasileira como objeto de análise.

O estudo de Rama dedica-se a entender e explicar o impacto que a modernidade teve sobre a literatura regionalista latino-americana. Forma de expressão literária hegemônica a partir dos anos 30, a literatura regionalista foi protagonista de fortes transformações, decorrentes da chegada dos novos padrões literários, resultado do racionalismo europeu e norte americano, ou seja, da modernidade. A partir do exame atento deste processo e de suas consequências na literatura, o crítico uruguaio se utiliza do conceito de transculturação cunhado por Ortiz e amplia seu sentido, para dar conta do processo pelo qual essas narrativas passaram, até chegar ao que ele chama de narrativas transculturadas. Estas narrativas são textos vinculados à tradição regionalista, que por terem sofrido os processos transculturadores ao nível da língua, da linguagem e dos significados, fazem com que elas abandonem o caráter exclusivamente regional, comum nas narrativas regionalistas tradicionais e ultrapassem para o patamar universal. Os exemplos estudados por Rama são: Guimarães Rosa, Gabriel García Márquez, Juan Rulfo e, principalmente, José Maria Arguedas.

Na teia de olhares cruzados construída a partir do pensamento sobre identidades no continente, ao longo das últimas décadas do

século XX, outra contribuição exemplar que dialoga com o pensamento de Rama é Antonio Candido, sobretudo, no texto "Literatura e subdesenvolvimento".

No ensaio, publicado pela primeira vez na antologia *América Latina en su literatura*, organizada por César Fernández Moreno, em 1972, o crítico brasileiro parte da noção consciência do atraso e subdesenvolvimento nos escritores e nos romances regionalistas, para chegar ao conceito de super-regionalismo. Para Candido, o regionalismo "foi e ainda é uma força estimulante na literatura" (1972: 350). Trilhando caminhos distintos, oriundos de fundamentação filosófica diferente, Rama e Candido chegam a definições identitárias bastante similares, ambas tendo por base o estudo do regionalismo e suas diferentes fases até chegar à superação do regionalismo pitoresco para o regional universal. Os exemplos de autores encontrados por Candido serão basicamente os mesmos aos quais se refere Rama, o que demonstra a afinidade analítica e teórica que existiu entre os críticos.

Na trilha em que nos propusemos a percorrer, percebemos que alguns autores se tornaram objeto de análise e reflexão teórica obrigatória, quando tratamos de identidades latino-americanas. Entre estes, sobressai a figura paradigmática de José Maria Arguedas. Escritor, antropólogo, transculturado, super-regionalista, heterogêneo, índio, branco, peruano. Arguedas é um caleidoscópio de identidades tanto em sua história de vida, quanto no caráter múltiplo e inovador de sua obra. "Yo no soy um aculturado; yo soy um peruano que orgullosamente como un demonio feliz habla en cristiano, en índio, en español y en quéchua" (Arguedas, cópia mimeo). Este fragmento do discurso de agradecimento do prêmio Inca Gracilaso de la Veja coloca em evidência a natureza deste escritor e explica o porquê de sua obra ser constantemente utilizada para diferentes reflexões sobre identidade latino-americana, provocando sempre novas leituras e entendimentos de seu caráter profundamente heterogêneo.

A partir análise da obra de Arguedas, e da observação da realidade cultural andina, o crítico peruano Antonio Cornejo Polar desenvolveu sua reflexão teórica sobre a "heterogeneidade" na cultura latino-americana. Cornejo Polar utiliza a categoria heterogeneidade para pensar as diferenças que constituem o seu país, o Peru. Nos anos 60, a categoria já era utilizada com o objetivo de se estabelecer parâmetros para pensar as culturas latino-americanas. Sem dúvida, a utilização dada ao termo por Cornejo Polar vem carregada de uma forte ressignificação e dimensão crítica. A heterogeneidade, longe de ser celebrada apenas como complexidade cultural ou mestiçagem, é trabalhada pelo autor como uma das formas que a hegemonia letrada adquiriu em seu processo de homogeneização cultural.

Avançando no nosso objetivo de sistematizar as diferentes noções identitárias que servem de patamar ao estudo das culturas e literaturas latino-americanas, podemos perceber que uma série de novos fatores e condições históricas e sociais abrem o leque para novas leituras, novas definições e tentativas de captar as múltiplas identidades do continente. O próprio vigor cultural do continente, as discussões sobre cânone e corpus, a inclusão de novas textualidades, sobretudo aquelas vinculadas às culturas de massa, ou de vozes subalternas e de regiões de culturas desterritorializadas, como o caso dos latinos, nos Estados Unidos, nos obrigam a buscar novos parâmetros para pensar as identidades, além de nos exigirem constantes re-leituras dos parâmetros ainda vigentes.

A partir das profundas transformações socioculturais dos anos 60-70, da entrada da América Latina no mundo da comunicação digital e das indústrias de bens culturais, novas definições identitárias se confirmam e encontram lugar para suas reivindicações. Nestor Garcia Canclini, ao estudar as estratégias de entrar e sair na modernidade (1989), confirmava o diagnóstico: o que estamos buscando entender como modernidade, hoje é globalização.

Globalização é o que assistimos todos os dias nas telas da TV, que é a mesma TV assistida por milhões de pessoas, em aldeias indígenas na Amazônia ou no alto dos Andes, na pampa gaúcha, no sertão nordestino, nos *llanos*, venezuelanos, nas ilhas do Caribe, nas grandes metrópoles de todo o continente. Se o contato com a cultura que chega através da comunicação de massa é globalizado, será que temos alguma chance de manter nossa cultura, com toda sua heterogeneidade, ou ela cultura será definitivamente tragada pelo rolo compressor da homogeneização?

O aparente resgate de formas culturais tradicionais, como as festas juninas, o bumba meu boi, do nordeste brasileiro ou o boi amazônico, hoje transformadas em grandes festivais que atraem milhões de turistas, são parte da agenda econômica? Encenam um movimento de resgate das culturas populares, ou de homogeneização globalizada?

É possível que nossa identidade se mantenha ligada aos valores tradicionais, ou os fluxos e incorporações gerados pela globalização, tanto na arte culta quanto na popular, fatalmente vão provocar mudanças e gerar novas identidades? O que dizer da velocidade com que o acesso às redes sociais que se espalhou por todo o Brasil, gerando a mudança nos comportamentos culturais e sociais?

Que impacto a globalização vai provocar em nossa cultura e que respostas ela será capaz de fornecer?

As recentes reivindicações indígenas na Bolívia, clamando pela nacionalização do gás natural e elegendo um presidente de origem proletária e autóctone serão reclames identitários, econômicos ou um novo grito das minorias excluídas do processo de modernização e distribuição de renda? E as constantes tensões pelo uso da terra na Amazônia são vistas diariamente pelos meios de comunicação expandindo o conhecimento sobre conflitos antes renegados ao poder local?

As grandes redes de televisão, como a Globo, ao produzir uma programação voltada para o regional, como a minissérie Mad Maria ou Amazônia e, ao mesmo tempo, serem grandes exportadoras de telenovelas e conteúdos nacionais, tornam-se agentes da globalização sem fronteiras ou, na verdade, ajudam no resgate das tradições locais?

Com essas perguntas termino essa intervenção, pensando na nossa pergunta inicial: qual é o lugar da cultura na América Latina? Historicamente, sempre vivemos um duplo movimento de avançar em direção à modernidade, buscando resgatar um elo perdido da tradição. Por outro lado, ao mesmo tempo em que procuramos construir nossa identidade pautada por valores regionais e/ou nacionais, almejamos ser universais. Parece-me que o momento é de reflexão, de inquietação, de busca e de questionamentos.

REFERÊNCIAS

Carpentier, Alejo. Prefácio: *O Reino deste mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

Cornejo-Polar, Antonio. *Escribir en el aire. Ensayo sobre la heterogeneidad socio-cultural en las literaturas andinas*. Lima: Editorial Horizonte, 1994.

Teles, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro;* apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas de 1857 a 1972. Rio de Janeiro: Record, 1987.

Ortiz, Fernando. *Contrapunteo del tabaco y del azúcar*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983.

Rama, Angel. *Transculturación narrativa en América Latina*. México: Siglo XXI, 1982.

Chiampi, Irlemar. *O realismo maravilhoso*. São Paulo: Perspectiva, 1980

Schwartz, Jorge. *Vanguardas latino-americanas;* polêmicas, manifestos e textos críticos. São Paulo: Iluminuras / Edusp / Fapesp, 1995.

Figueiredo, Eurídice. *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana*. Niterói: EdUFF, 1998.

Andrade, Oswald. *Obras completas VI. Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*; manifestos, teses de concursos e ensaios. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

Andrade, Mario. A escrava que não é Isaura. In: *Obra imatura*. São Paulo / Belo Horizonte: Martins / Itatiaia, 1980.

_____. Prefácio interessantíssimo. In: *Poesias completas*. Ed. crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Vila Rica, 1993.

Freyre, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro / Brasília: José Olympio: INL-MEC, 1980.

_____. Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana. México: Ediciones Era, 1966. [1928], 1983.

Pizarro, Ana. (org.) *América latina: Palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp, 1995. Vol. 1, 2 e 3

_____. *El sur y los trópicos*. Cuadernos de América sin nombre, nº 10, Alicante: Universidade de Alicante, 2004.

García Canclini, Nestor. *Culturas híbridas, estratégias para entrar y salir de la modernidad*. México: Grijalbo, 1989.

Candido, Antonio. Literatura y subdesarrollo, IN *América latina en su literatura,* México: Siglo XXI & UNESCO, 1972.

Português brasileiro e línguas de imigração no brasil: dois séculos de história, política e contato linguístico

Mônica Maria Guimarães Savedra

Universidade Federal Fluminense – UFF;
Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq);
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do RJ (FAPERJ)

I - Introdução ao tema

A partir da promulgação da Constituição de 1988, torna-se vigente a primeira ação para o reconhecimento da pluralidade linguística no Brasil, quando, embora a língua portuguesa tenha sido declarada o idioma oficial do Brasil, é garantido aos índios o direito ao uso de suas línguas tanto em contextos escolares quanto fora deles. Entretanto, ainda são ignoradas no documento a presença de outras línguas brasileiras minoritárias, também responsáveis pela formação étnica, cultural e identitária do país.

O reconhecimento e a defesa da pluralidade linguística nacional apenas torna-se uma questão governamental a partir de fortes ações de intervenções acadêmicas, respaldadas por fóruns de instituições de associações nacionais, como a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e a Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), que elaboram documentos, propondo planos emergenciais de ações, bem como por ações de intervenção, propostas por organizações não governamentais, como as desenvolvidas pelo IPOL (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística).

Somente no século XXI, é implantada a primeira política linguística brasileira pública de abrangência nacional para reconhe-

cimento do Brasil como um país multi e plurilíngue: o Inventário Nacional da Diversidade Linguística Brasileira (INDL), instituído pelo Decreto federal nº. 7.387, de 09 de dezembro de 2010, o que caracteriza um momento de afirmação e de promoção da diversidade linguística em nosso país, com políticas de proteção das línguas brasileiras minoritárias e fortalecimento de sua presença em variados âmbitos políticos e sociais.

Viver em região multilíngue e ser plurilíngue é sinônimo de riqueza cultural. Esta afirmação é sustentada pela Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais da UNESCO (20/10/2005), que afirma ser a diversidade linguística um elemento fundamental da diversidade cultural, reafirmando o papel fundamental da educação na proteção e na promoção das expressões culturais. O Relatório do Desenvolvimento Humano, lançado em Bruxelas em 2004 – um exame pioneiro das políticas de identidade em todo o mundo – assume que as liberdades culturais devem ser compreendidas como direitos humanos básicos e como necessidades para o desenvolvimento das sociedades, cada vez mais diversificadas, do século XXI.

O Brasil figura entre os países de maior diversidade linguística do mundo e, ao reconhecer que o Brasil é um país multi e plurilíngue estamos enfatizando sua reconhecida riqueza etnolinguística e cultural, expressa por mais de 250 línguas[1] que coexistem no território nacional: línguas indígenas, línguas oriundas dos contextos da escravidão e da imigração, línguas oriundas dos de diferentes falares

[1] Dados obtidos na página do IPOL: www.ipol.br. Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística, que atua no campo das políticas linguísticas e dos direitos linguísticos desde 1999, tendo, ao longo desses anos, proposto e executado censos e diagnósticos linguísticos no Brasil e demais países do Mercosul e assessorado programas e educação bi- e/ou plurilíngues.

étnicos específicos, como por exemplo os falares ciganos, a recente oficial Língua Brasileira do Sinais (LIBRAS), e ainda as línguas que se estabelecem a partir do contato em regiões de fronteiras geográficas do país, a grande fronteira hispânica e a fronteira francófona.

No que se refere às línguas indígenas, os resultados do último Censo Demográfico, realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontam 274 línguas indígenas faladas por indivíduos, pertencentes a 305 etnias diferentes. Entretanto, essas declarações ultrapassaram as estimativas iniciais feitas pela FUNAI no que diz respeito aos números totais de língua e etnia. Na verdade, há ainda a necessidade de estudos linguísticos e antropológicos mais aprofundados, pois algumas línguas declaradas podem ser variações de uma mesma língua, assim como algumas etnias também se constituem em subgrupos ou segmentos de uma mesma etnia. Deste modo, este resultado pode ser considerado inflacionado, como afirma Rosângela Morello, coordenadora-geral do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL).

Altenhofen (2013), ao tratar das línguas de imigração no país, propõe uma tabela de 58 línguas, divididas em 13 a qual insere mais de 58 línguas, oriundas de diferentes grupos linguísticos de imigração, dentre eles alemão, italiano, eslavo, japonês, chinês, e grupos de imigrantes fronteiriços, além de grupos linguísticos específicos, como judeu, cigano, grupo de línguas crioulas, dentre outros.

O percurso histórico das ações de política e planificação linguística havidas no Brasil até a promulgação da constituição de 1988 já foi apresentado em trabalhos anteriores, com ênfase na hegemonia da língua portuguesa como uma estratégia de ocupação e de unificação adotada politicamente no país. (Savedra, 2008; 2011; Savedra; Höhmann, 2013).

Nesses estudos fica evidenciado que antes mesmo da chegada dos portugueses, o Brasil já era um país multilíngue. Estima-se que

em 1500, 1.175 línguas eram faladas por indígenas de diferentes etnias no território brasileiro. Por mais de dois séculos, a língua mais falada no Brasil era a língua geral, ou Nheengatu, idioma de base tupi usado para comunicação entre indígenas, portugueses e africanos. Já a língua portuguesa era utilizada por uma reduzida parcela da população, ligada à administração colonial. No Brasil Colônia, destacam-se as ações em prol da unificação linguística: a separação cautelosa dos grupos étnicos africanos; a Carta Régia de 1727, determinando o ensino do português aos índios; a instrução dada pelo governador do Grão-Pará para que a língua portuguesa fosse privilegiada na aldeia de Santa Ana; o Alvará e Carta Régia de 1759, expulsando os jesuítas e o Diretório dos Índios do Brasil. O projeto português de colonização teve um efeito fundamental, que foi a produção de uma unidade territorial. E isso passou pela implantação do português como língua oficial e nacional em toda a extensão do território brasileiro. Vale aqui destacar a Reforma Educacional proposta por Marquês de Pombal, que deu origem ao ensino público no Brasil. Processo semelhante ocorreu com as línguas africanas.

Por cerca de três séculos, mais de 4 milhões de africanos, que falavam em torno de 200 línguas diferentes, como iorubá, ewe-fon e quimbundo, foram trazidos escravizados ao Brasil. A desarticulação dos laços sociais e familiares dessas pessoas foi uma estratégia para impedir a comunicação em suas línguas nativas e, com isso, evitar atos de resistência à escravidão. Como consequência, as línguas africanas sobreviveram, ainda que precariamente, apenas nos rituais religiosos de matrizes africanas e em comunidades rurais remanescentes de quilombos como a de Cafundó, localizada em Salto de Pirapora - SP. (Ornelas de Avelar; Álvarez López (eds.), 2015).

Considerando a amplitude do contexto histórico, político e social que envolve as políticas linguísticas e educacionais propostas para os contextos de imigração em nosso país, delimito a discussão a partir da Independência (1822), quando o governo brasileiro in-

centiva, de forma mais acentuada, a imigração, iniciando de forma intensa a discussão de um projeto de nação. Assim, destaco no Brasil Império (1824) duas ações que contribuíram de forma efetiva para a definição da forte tendência em defesa da hegemonia da língua portuguesa no território nacional. São elas: a promulgação da primeira Constituição do Brasil, que não cita as populações indígenas e suas línguas, e o programa de imigração para o sul do país, através do qual milhares de imigrantes chegaram ao país, sem que houvesse um planejamento, por parte do governo, de condições sociais e linguísticas para acolhê-los, deixando-os a sua sorte.

No Brasil República, o tom das ações não se altera, o que pode ser comprovado pela política forçada de assimilação linguístico-cultural da língua portuguesa, posta em prática pela política de nacionalização do Estado de Vargas. Como consequência desta política, citamos ações reducionistas que muito contribuíram para o não reconhecimento do Brasil como um país plurilíngue: a) a proibição do uso da língua dos imigrantes; b) o fechamento de escolas bilíngues; c) a atitude ditatorial que resultou na tortura e prisão de imigrantes que usassem qualquer língua alóctone.

Neste período, as línguas de imigração, faladas por imigrantes europeus e asiáticos que vieram para o Brasil a partir do fim do século XIX, sofreram forte repressão por conta da política nacionalista de Getúlio Vargas durante o Estado Novo (1937-1945). Esse quadro se intensificou durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando o Brasil se posicionou contra os países do Eixo, formado por Alemanha, Itália e Japão. O governo brasileiro proibiu que imigrantes alemães, italianos, japoneses – e até poloneses e ucranianos – falassem suas línguas.

Kreutz, ao tratar do projeto político para a educação de imigrantes no século XIX no Brasil (2007), apresenta um panorama histórico do período das chamadas escolas étnicas dos imigrantes, que correspondiam às escolas elementares de imigrantes, que du-

raram no período de 1820 a 1939, quando este tipo de ensino foi suprimido por meio da legislação nacionalista. Dentre os fatores de destaque apontados pelo autor, está o fato de a tradição escolar ter sido bastante diferenciada entre os diversos grupos de imigrantes. As escolas dos imigrantes eram comunitárias, particulares e/ou pertencentes a uma congregação religiosa. O estado apresentava o seu projeto político para a criação da nação brasileira: como bem explica o autor, "a escola foi chamada a ter um papel central na configuração de uma identidade nacional, sendo ao mesmo tempo um elemento de incentivo à exclusão de processos identitários étnicos". (Kreutz, 2000: 351). Como tipos de processo escolar entre imigrantes no Brasil, ele cita as escolas da imigração alemã, italiana, polonesa e japonesa.

Sem dúvida, a política de homogeneização linguística afetou a variedade linguística do Brasil e provocou a imposição do uso e do ensino da língua portuguesa como única língua oficial no país e, ao desconhecer sua diversidade linguística, a grande maioria da população passa também a desconhecer e a desvalorizar seus vínculos identitários, de memórias, de afetos e de conhecimentos.

Passo então a abordar a questão da etnicidade, da identidade e das políticas linguísticas, a partir das línguas de imigração, delimitando os seguintes contextos para discussão: Ações para reconhecimento de um Brasil plurilíngue até a Constituição Federativa de 1988, o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) de 2010; as ações de preservação e cooficialização das línguas de imigração do século XIX e as ações de acolhimento das línguas de imigração/integração do séculos XX e XXI.

II - O Brasil plurilíngue em contato

No final do século XX, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 reconhece aos índios o direito à língua, à cultura e à educação próprios e, assim, define um importante marco jurídico

em prol dessas comunidades. No entanto, não reconhece o direito às demais línguas brasileiras faladas por imigrantes, negros, surdos e fronteiriços.

A Lei de Diretrizes e Bases-LDB (1996) também dá um passo em prol da defesa das línguas indígenas, propondo a educação bilíngue, reforçada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena (1999) e pelo Plano Nacional de Educação (2001).

A LDB de 1996 também ofece um novo caminho para o ensino de LEs, quando, em seu artigo 26, no § 5º, declara que "na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição".

Tal novidade proposta à época poderia atender a comunidades de fala de imigrantes. Entretanto, o que ocorreu na realidade foi que a língua estrangeira escolhida sempre foi a disponível pela habilitação do docente concursado e lotado em cada escola. Uma outra política para ensino de línguas no Brasil, que poderia trazer subsídios importantes para a integração linguística no país, considerando o grande número de imigrantes oriundos da América Latina, foi a Lei nº 11.161 de 5 de agosto de 2005, que regulava o ensino da língua espanhola no Brasil, tornando-o de oferta obrigatória a partir do Ensino Médio. Entretanto, antes mesmo de conseguir os resultados esperados, a Lei foi mal interpretada e mal implementada, como descrito na tese de doutorado de Nascimento Day (2016) defendida em nosso PPG na UFF.[2]

Tais ações propostas para o ensino de línguas estrangeiras no país, que podem ser classificadas como em prol da diversidade

[2] Cf. DAY, Kelly Nascimento. Políticas linguísticas educativas em conflito no Amapá: impactos e contradições da LDB 9394/96 e da lei 11.161/05. Tese de doutorado defendida em fevereiro de 2016 no PPG de Estudos de Linguagem da UFF.

linguística brasileira, são recentemente eliminadas pelo atual governo Temer, que impõe reformas ao ensino, que atingem fortemente o ensino de línguas. (Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017).[3] A língua inglesa passa então a ser o idioma estrangeiro obrigatório nas salas de aula a partir do 6º ano do ensino fundamental. Na versão anterior (LDB 1996) ficava a possibilidade da escolha pela comunidade escolar, levando em conta as realidades locais específicas, a exemplo dos contatos com outras línguas em regiões de fronteira ou migração, em comunidades com história de migração, em comunidades indígenas, entre outras.

Quanto às ações em prol da diversidade linguística no país, vale ainda ressaltar que no final do século XX, identificamos algumas ações governamentais de promoção da língua portuguesa, mas, excluindo o bastante criticado projeto do então deputado Aldo Rebelo (1999), não tiveram o viés de preconceito anteriormente vivido em nossa história. Marcharam em prol da promoção do idioma, sem o impor hegemonicamente. Foram eles: o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990); a oficialização do português como língua do Mercosul junto com o espanhol (1991); a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (1996); o Programa de Qualificação de Docente e Ensino de Língua Portuguesa no Timor-Leste (2005).

Somente no início do século XXI, a questão das línguas do Brasil torna-se uma questão de política pública. Como ações governamentais, em defesa da pluralidade linguística nacional neste início de século, destaco: a) o reconhecimento da pluralidade linguística nacional, expressa com a primeira cooficialização de três línguas indígenas, regulada pela Lei nº 145 de 11 de dezembro de 2002. Nheengatu, Tukano e Baniwa ganham a condição de idiomas cooficiais

[3] Essa Lei altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e revoga a Lei no 11.161, de 5 de agosto de 2005.

no município de São Gabriel da Cachoeira/AM; b) a inauguração das primeiras escolas públicas bilíngues português-espanhol no sul do país, em março de 2004; c) a criação do livro de registro das línguas, através da Portaria nº. 586, de 11 de dezembro de 2006, publicada em Boletim Administrativo Eletrônico do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN nº. 330 - Edição Extra, de 09/02/2007, quando foi instalado o Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística do Brasil (GTDL) - para dar continuidade aos trabalhos, definindo critérios e procedimentos para o registro das línguas brasileiras. O GTDL estabeleceu categorias histórico-sociológicas para as línguas brasileiras, propondo que cada uma fundamentasse ações necessárias ao inventário: indígenas; imigração; comunidades afro-brasileiras; sinais; crioulas e língua portuguesa e suas variações dialetais. No grupo das línguas indígenas foi ainda proposto que se distinguissem as ações necessárias a duas situações: a das línguas ameaçadas e próximas à extinção e a das línguas de grande população e extensão territorial. Finalmente, o Decreto Federal 7.387 de nove de dezembro de 2010 que institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) e que é responsável atualmente pela descrição das línguas brasileiras, tanto línguas indígenas, como línguas de imigração.

O Inventário e a política de cooficialização de línguas minoritárias vêm permitindo a várias línguas de imigrantes que estas sejam cooficializadas e, por conseguinte, sejam descritas e sejam ensinadas nos municípios onde são reconhecidas como cooficiais.

No site do IPOL (www.ipol.org.br) está descrito o projeto das línguas de imigração FORLIB, que tem como objetivo "unir as línguas brasileiras de imigração e instaurar um diálogo permanente entre estas comunidades linguísticas, além de ser um espaço de pesquisa, de mediação e de articulação política em variadas frentes". O projeto atua com representantes das línguas de imigração e com

instituições parceiras, para delinear ações coletivas e para propor políticas públicas em nível nacional.

O reconhecimento das línguas de imigração do século XIX como patrimônio imaterial é um grande passo para a identificação das línguas do Brasil e o reconhecimento do país como um país multilíngue, de reconhecido povo plurilíngue.

Faz-se aqui necessária uma explicação de como conceituo multilinguismo e plurilinguismo no presente estudo.

Na verdade, o estudo de situações de multi e plurilinguismo tem como primeiro obstáculo a questão terminológica. Ainda que as definições e critérios para classificação de indivíduos como monolíngues e bi/multilíngues não sejam consensuais entre os teóricos, o senso comum tende a considerar como característica desses fenômenos "a competência total em duas línguas" equivalente à do falante nativo, conforme a definição proposta por Bloomfield ([1933] 1984) e já bastante questionada desde a segunda metade do século XX. Para além do empasse concernindo a definição das características que descreveriam o sujeito bi/multilíngue, há também a problemática dos próprios binômios bi/multilinguismo e bi/plurilinguismo, usados frequentemente de maneira indistinta, ainda que alguns autores proponham a diferenciação entre multilinguismo e plurilinguismo. O Quadro Europeu Comum de Referência, influente documento publicado pela União Europeia em 2001 e que estabelece diretrizes para a descrição dos níveis de competência linguística para o aprendizado e ensino de línguas, define como multilinguismo a coexistência ou conhecimento de diferentes línguas em uma dada sociedade, enquanto que o plurilinguismo, por sua vez, seria a competência comunicativa possuída pelo indivíduo em mais de um idioma.

Nos estudos que desenvolvemos atualmente em nosso Laboratório de pesquisa em contato linguístico da UFF (LABPEC), entendemos ser bastante arbitrária a escolha dos termos multi/plurilinguismo como caracterizadores de um fenômeno social e in-

dividual, respectivamente. Assim, optamos por adotar, para fins de maior clareza, os conceitos de plurilinguismo social e plurilinguismo individual, conforme comentados por Wei (2013) e Edwards (2013). Concordando com Mackey (2013), consideramos ainda as variáveis do plurilinguismo meras extensões numéricas daquelas do bilinguismo, razão pela qual não será feita neste estudo a distinção entre essas duas condições, empregando-se o termo plurilinguismo para definir a coexistência, contato e interação de duas ou mais línguas.

Já para caracterizar e melhor entender o plurilinguismo individual, recorremos aos conceitos de bilinguismo e bilingualidade propostos por Savedra (2009), que entende o domínio de duas formas linguísticas como fenômenos dinâmicos que passam por diferentes estágios ao longo da vida dos falantes. A autora define o bilinguismo:

> "como a situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação num determinado espaço social, ou seja, um estado situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas. Bilingualidade representa os diferentes estágios de bilinguismo, pelos quais os indivíduos, portadores da condição de bilíngue, passam na sua trajetória de vida" (Savedra, ibid, grifo da autora).

A condição de bilíngue, hoje atualizada como plurilíngue, deve ser, segundo a autora, analisada conforme o contexto e a idade de aquisição das línguas e pelos seus usos funcionais variados, ou seja, o uso linguístico em diferentes situações interacionais, como o ambiente familiar, social (amigos, vizinhos), escolar e profissional. Savedra lembra ainda que o emprego de uma língua em detrimento de outra em dada situação não é uma condição constante e varia no decorrer da vida do indivíduo, sendo essa escolha condicionada, como o próprio plurilinguismo em si, a fatores sociais e comportamentais como família, grupo social, escolaridade e ocupações profissionais, que podem levar à manutenção ou ao abandono de determinada língua. (Savedra; Perez, 2017)

O quadro atual de imigração para o Brasil demanda ainda uma reflexão sobre outros aspectos para além do reconhecimento do país como plurilíngue individual e social: o novo ciclo de ascensão econômica das últimas décadas fez com que este se tornasse um novo destino para migrantes da América Latina em situações de asilo, refúgio ou requerimento de visto por razões humanitárias, como é o caso dos haitianos.

Massey (1988) apresenta como motivos de emigração a proximidade geográfica, a diferença socioeconômica entre os países e o grau de integração entre o país de destino. (392). No nosso caso, se enquadram no primeiro caso os bolivianos, argentinos e os paraguaios; no segundo, os refugiados e no terceiro, os haitianos.

O Brasil é destino de muitos imigrantes, o que torna necessária a promoção de políticas públicas para integrá-los à nova realidade linguística e cultural. No entanto, a nova onda migratória traz à tona novos desafios para o ensino da língua portuguesa como ferramenta para essa integração, uma vez que os imigrantes de diferentes origens e, portanto, categorizados de maneiras distintas, trazem consigo demandas específicas, tais quais a modalidade de língua a ser aprendida, o contexto imediato de uso e as situações socioculturais às quais estão vinculados.

Grosso (2010) trata do conceito de "língua de acolhimento", ao tratar da condição de imigração por refúgio e coloca o Brasil como centro de sua discussão pelo número de refugiados que o país tem recebido nos últimos anos. A autora trata da questão do ensino do português como língua de acolhimento neste processo de integração.

Nesse viés, Costa; Pereira (2016), refletem sobre as práticas de ensino de PLE, especificamente no contexto de imigrantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, através de um estudo de caso de haitianos na cidade do Rio de Janeiro alocados no setor da construção civil. Nesse trabalho, as autoras debatem a importância de repensar o ensino do léxico e da gramática, considerando as

necessidades imediatas de compreensão e de comunicação efetiva no contexto de trabalho.

O Brasil, desde 1951, regulamentou a acolhida a refugiados, com a criação do Estatuto dos Refugiados e, em 1997, com a sanção da Lei Nº. 9474 que criou o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), que instituiu as condições para que um estrangeiro possa pedir refúgio no país. Segundo este órgão, o número de estrangeiros que chegam ao Brasil e solicitam a condição de refúgio tem subido exponencialmente.

A Agência da ONU para Refugiados (Acnur) lançou uma cartilha de ensino de português especificamente para os refugiados no Brasil. A cartilha recebeu o nome de "Pode entrar: Português do Brasil para refugiadas e refugiados". O material didático foi elaborado em parceria com a Cáritas e o cursinho Popular Mafalda, sob a coordenação de Talita Amaro de Oliveira e foi lançada no fim de novembro de 2015. A cartilha pode ser baixada gratuitamente pela internet.[4]

No próprio material é possível visualizar a evolução do número de solicitações de refúgio no país tendo como Fonte: Acnur/ONU.

Uma cartilha semelhante já havia sido feita pela Pastoral do Migrante, especificamente para os imigrantes haitianos (Ann Pale Potigè).

Com este panorama de imigração do século XXI, vivenciamos a importância do ensino de português como língua estrangeira no Brasil.

Este tipo de ensino vinha sendo destinado, majoritariamente, a um público de trabalhadores de grandes empresas e suas famílias,

[4] O conteúdo da língua portuguesa ensinado na cartilha foi dividido em 12 capítulos e 139 páginas que seguem temas importantes do cotidiano de pessoas que foram forçadas a sair de seus países, para não sofrerem represálias por motivos políticos e religiosos ou por causa da violência.

ou nas universidades a alunos intercambistas e professores visitantes que, via de regra, permanecem de um a dois anos no Brasil (Costa; Pereira, 2016). Há também os cursos voltados aos turistas que chegam ao país para os eventos dos cenários esportivos, como a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Públicos com necessidades específicas de aprendizado nos contextos em que se comunicavam em português.

No âmbito da Sociedade de Português Língua Estrangeira-SIPLE, surge a discussão sobre a importância do ensino de PLE para este novo contexto de imigração que se apresenta na atualidade. E, neste sentido, Amado (2013) chama a atenção para a falta de políticas públicas de ensino do português para esses imigrantes. Em muitos casos, os governos preocupam-se com o atendimento em outras línguas – inglês, francês, espanhol e árabe – nos órgãos públicos, a fim de que a situação de contato emergencial se estabeleça. É o que propõe o secretário de Direitos Humanos da cidade de São Paulo, Rogério Sotili, com a criação do Centro de Integração e da Cidadania do Imigrante, por exemplo.

Embora o Brasil seja um país de imigrantes, está aquém de ter uma política de ensino do português como língua de acolhimento aos imigrantes. O que se pode encontrar, até o momento, são iniciativas *in vivo*, realizadas por profissionais da área de ensino de línguas, em caráter experimental e voluntário, como o desenvolvido pelo Centro de Apoio ao Migrante, sob a coordenação de Jailson Miranda Monte, na Escola Estadual Eduardo Prado, localizada no centro da cidade de São Paulo, onde cerca de 10% dos alunos são imigrantes e cerca de 70% dos alunos brasileiros são filhos de imigrantes bolivianos. A PUC-MG, sob coordenação do professor Duval Fernandes, com os imigrantes haitianos do Brasil e a ação, desenvolvida no LABPEC, pela doutoranda Débora Costa, em parceria com a assistente social Carolina Moreira, de ensino de português para haitianos na construção civil, nos canteiros de obras das olimpíadas 2016, no Rio de Janeiro.

O perfil linguístico dos imigrantes refugiados é diverso. Muitos são reconhecidos como bi-plurilíngues individuais e sociais. A língua materna difere entre inglês, francês, espanhol, árabe, algumas línguas étnicas africanas e algumas línguas crioulas.

Não venho aqui discutir os elementos sociais e econômicos que envolvem toda a situação do refúgio, nem a tensão que o mesmo envolve. Só questiono o aprendizado da língua alvo para inserção no mercado de trabalho e integração social.

III - Considerações Finais

Como podemos observar, em dois séculos, alternam-se as políticas linguísticas e educacionais para as línguas de imigrantes no Brasil.

Vivemos atualmente um momento singular em nosso país.

Por um lado, temos o reconhecimento legal de um Brasil plurilíngue (individual e social), com políticas de legitimação das línguas de imigração trazidas no século XIX, como línguas brasileiras e como patrimônio imaterial do país. Atualmente, quatro línguas de imigração, que já receberam o status de língua em 17 municípios, como segue: **Pomerano** (em Santa Maria de Jetibá, Pancas, Domingos Martins, Laranja da Terra, Vila Pavão e Itarana no Espírito Santo; em Pomerode, em Santa Catarina e em Canguçu no Rio Grande do Sul); **Talian** (Serafina Corrêa, Flores da Cunha, Paraí e Nova Roma do Sul no Rio Grande do Sul e Nova Erechim em Santa Catarina; **Hunsrükisch** (em Antônio Carlos, em Santa Catarina e Santa Maria do Herval, no Rio Grande do Sul) e **Alemão** (em Pomerode, em Santa Catarina). Na maioria destes municípios, estas línguas de imigração são usadas como língua materna.

Por outro lado, vivenciamos a necessidade do aprendizado de PLE como língua alvo para integração no contexto atual multilíngue de imigração em nosso país.

Na verdade, o contexto de (i)migração para o Brasil apresen-

ta significativas mudanças no início do século XXI e, para atender ao novo cenário que se instala no país e também à situação de migração dos dois séculos anteriores, instauram-se políticas linguísticas de reconhecimento e de promoção de línguas de herança, ao lado de políticas linguísticas de promoção da língua portuguesa como língua de acolhimento. Tal situação pode ser observada no *continuum* que proponho a seguir, que descreve a riqueza das línguas brasileiras e do contato linguístico no Brasil do século XXI no tocante às línguas de imigração:

Acredito que o *continuum* aqui proposto vem ilustrar o constante movimento destes dois séculos de história e política de imigração em nosso país.

REFERÊNCIAS

Altenhofen, Cleo V.; Mello, Heliana; Raso, Tommaso. (Org.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

Amado, Rosane de Sá. "O português como língua de acolhimento para

refugiados". Revista da SIPLE. Brasília, Ano 4, n. 2, Out. 2013. [online]. http:// repositorio.esepf.pt/jspui/bitstream/20.500.11796/924/2/SeE_13LinguaPortuguesa.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2016.

Costa, Debora.; Pereira, Telma. *O português como língua de inclusão de imigrantes haitianos no Rio de Janeiro*. In: Sá, Rubens Lacerda de. (Org.). "Português para falantes de outras línguas: interculturalidade, inclusão social e políticas linguísticas". Campinas: Pontes Editores, 2016.

Day, Kelly Nascimento. "Políticas linguísticas educativas em conflito no Amapá: impactos e contradições da LDB 9394/96 e da lei 11.161/05". TESE DE DOUTORADO. Universidade Federal Fluminense, fevereiro de 2016.

Edwards, John. "Bilingualism and multilingualism: some central concepts". In: Bhatia, Tej K.; Ritchie, William C. *The handbook of bilingualism and multilingualism*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013: 5-25.

Grosso, Maria José dos Reis. "Língua de acolhimento, língua de integração". *Revista Horizontes de Linguística Aplicada* vol. 9, n. 2, 2010. Volume temático: Ensino de Português Língua Estrangeira: 61-78.

Kreuz. Lúcio. In: Lopes, Eliane Marta Teixeira / Faria Filho, Luciano Mendes / Veiga, Cynthia Greive / Faria Filho, Luciano Mendes De. *500 Anos de Educação no Brasil*. Autêntica Editora. Belo Horizonte, 2007.

Mackey, William F. "Bilingualism and multilingualism in North America". In: Bhatia, Tej K.; Ritchie, William C. *The handbook of bilingualism and multilingualism*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013: 707-724.

Massey, Douglas S. "International Migration and Economic Development in Comparative Perspective". Population and Development Review 14, 1988:383-414.

Ornelas De Avelar; Álvarez López (eds.). "Dinâmicas afrolatinas: língua(s) e história(s)". Frankfurt am Main: Peter Lang, 2015.

Savedra, Mônica Maria G. "Línguas majoritárias e minoritárias no MERCOSUL: a questão de línguas oficiais, línguas de trabalho e línguas de ensino". In: Hora, D. & Lucena, R.M. *Política linguística na America Latina*. João Pessoa: Idéia Editora, 2008: 115-126.

_____. "Bilinguismo e bilingualidade: uma nova proposta conceitual". In: Savedra, Mônica M.G; Salgado, Ana C.P. (Org.). *Sociolinguística no Brasil:* uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009: 121-140.

Savedra, Mônica Maria G & Höhmann, Beate. (2013). Das plurizentrische Deutsch in Brasilien und die regionale Kooffizialisierung eines ostnieder-

deutschen Dialekts. In Schneider-Wiejowski, Karina / Kellermeier-Rehbein, Birte / Haselhuber, Jakob (ed.) Vielfalt, Variation und Stellung der deutschen Sprache. Berlin: De Gruyter: 411-426.

Savedra, Mônica Maria G.; Perez, Gabriel Mendes Hernandez G. "Plurilinguismo: práticas linguísticas de imigrantes brasileiros no Suriname". *Organon. Revista do Instituto de Letras da UFRGS. Plurilinguismo na Educação e na Sociedade* v. 32, n. 62 (2017).

Wei, Li. "Conceptual and methodological issues in Bilingualism and Multilingualism Research". In: Bhatia, Tej K.; Ritchie, William C. *The handbook of bilingualism and multilingualism*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013: 26-51

Ideias teóricas em circulação entre a França e o Brasil: a análise do discurso de M. Pêcheux e E. Orlandi

Bethania Mariani
(UFF/CNPq/LAS)[1]
Silmara Dela Silva
(UFF/FAPERJ/LAS)[2]

No campo das ciências da linguagem, a expressão "análise do discurso" não possui sentido transparente, nem porta uma evidência em si mesma. Esta expressão irá significar conforme sua inscrição em uma determinada configuração discursiva a qual, em relação a outras, irá materializar distintas maneiras de se conceber ciência, conforme a doutrina epistemológica em jogo. Entendemos, retomando Milner, que: "A palavra 'ciência' não se reveste de nenhuma evidência por si só. Sabemos que cabe à epistemologia especificar para essa palavra seu 'conteúdo'" (Milner, 1989: 12). Assim, a expressão "análise do discurso", bem como as demais palavras e expressões mobilizadas para se nomear campos do saber, ganha

[1] Professora Titular do Departamento de Ciências da Linguagem, Instituto de Letras, da UFF, e pesquisadora do CNPq (bolsa nível 1C). É docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem desde 1998 e uma das coordenadoras do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS), fundado em 2007. É doutora em Linguística pela UNICAMP, com pesquisas na área de Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas. E-mail: bmariani@id.uff.br.

[2] Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Linguagem, Instituto de Letras, da UFF, e Jovem Cientista FAPERJ (2015/2017). Uma das coordenadoras do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS) e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. É jornalista e doutora em Linguística, com pesquisas na área de Análise de Discurso. E-mail: silmaradela@gmail.com.

sentidos em relação à conjuntura em que se inscreve, em relação a sua historicidade.

Neste trabalho, nosso objetivo é revisitar um percurso de constituição da análise do discurso como uma disciplina de interpretação, em seu funcionamento no campo dos estudos da linguagem. Tomamos, assim, como foco a discussão acerca do lugar da teoria do discurso no qual se imbricam o pensamento francês e o pensamento brasileiro, cujo entrelaçamento porta uma memória a ser mencionada, e retomada em vários momentos: a análise do discurso que se desenvolve na França, com os trabalhos do filósofo Michel Pêcheux (entre 1966 e 1982), enquanto atuava como pesquisador no CNRS, à frente de uma equipe multidisciplinar; e os trabalhos de Pêcheux em sua reterritorialização no Brasil, com outros desdobramentos teóricos e analíticos, a partir das pesquisas de Eni Orlandi, que ganham espaço desde o final dos anos setenta, inicialmente na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Católica de Campinas (curso de Tradutores e Intérpretes). Em 1976, na USP, Orlandi ministrou na Pós-Graduação a disciplina com o nome Análise sociolinguística do discurso pedagógico, que atraiu uns 70 alunos. Em 1979, Orlandi se torna professora efetiva do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), passa a ministrar uma disciplina com o nome Análise do Discurso, constituindo a institucionalização e a consolidação de um campo de trabalho e pesquisa em Análise do Discurso a partir as formulações teóricas de Michel Pêcheux. Seus cursos na UNICAMP atraíram numerosos estudantes de mestrado e doutorado que, uma vez formados e atuando em inúmeras instituições de ensino e pesquisa no Brasil, colocaram em circulação as ideias de Pêcheux e seus desdobramentos tal como formulados por Orlandi.

Para realizar tal tarefa, situamo-nos no âmbito da história das ideias linguísticas, campo teórico que toma a expressão "ideias linguísticas" tal como Auroux (1989) a define, ou seja, saberes que

se articulam sobre as línguas. Esses saberes sobre a linguagem e sobre as línguas produzem conhecimento sempre marcado epistemologicamente pela elaboração de modelos, conceitos e teorizações (Fournier, Colombat e Puech, 2010).

No percurso que ora propomos, organizamos nossa reflexão em dois momentos, a saber: iniciamos por uma retomada da circulação das ideias que fundam a escola dos estudos de linguagem sobre análise de discurso, a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux, no cenário francês; passamos à apresentação dos modos como essas saberes, que consolidam uma tomada de posição materialista acerca do funcionamento dos processos de produção de sentidos, passam a circular no Brasil por meio das pesquisas de Eni Orlandi. Por fim, nas considerações finais, sintetizamos o nosso percurso, apontando para a nossa proposta de apresentar um panorama que contempla ainda que brevemente as interlocuções entre França-Brasil e Brasil-França promovidas no campo de produção do conhecimento da análise do discurso, na atualidade. É dessa maneira que nos voltamos aos modos de circulação do saber e de constituição de um lugar teórico, na relação entre Brasil e França.

Na França, a análise do discurso materialista de Michel Pêcheux

A formulação e a circulação da expressão "análise do discurso" se inicia no panorama linguístico americano. "Discourse analysis" foi cunhada por Zellig Harris para designar um método formal para abordagem de textos, em linguística estrutural. Discurso para Harris significava texto e sua metodologia de análise implicava um passo a mais nos estudos linguísticos da época, pois visava a depreensão, a partir de uma abordagem distribucionalista de elementos constituintes, do conjunto de classes de equivalência que estariam na base de qualquer construção textual. Seu artigo, com título "Discourse analysis", foi publicado na revista *Language*, volume 28, em 1952.

Pêcheux, em seu primeiro livro publicado (1969), menciona e retoma o artigo em que Harris expõe suas ideias, tendo em vista seu projeto inicial e original de construção de um processo de análise com base na utilização da informática.

Antes de Pêcheux, porém, em meados de 1960 a expressão "análise do discurso" começa a circular e a encontrar seu lugar no pensamento francês. Em obra dedicada a oferecer um panorama das teorias linguísticas em suas variadas vertentes, Paveau & Sarfati ([2003] 2006: 203), em capítulo dedicado àquelas que denominam "As linguísticas discursivas", sinalizam para a análise do discurso como um campo institucional que, em seus termos, "constitui-se em um contexto marxista, em sua versão althusseriana". E prosseguem: "com efeito, os problemas da ideologia, do poder, das lutas sociais e políticas, com o pano de fundo da 'revolução' de 1968, reúnem o conjunto de atores da análise do discurso no final dos anos 60 e constituem o solo comum de seus trabalhos" (Paveau; Sarfati, 2006 [2003]: 204).

De um ponto de vista linguístico, esses autores situam a perspectiva discursiva de estudos da linguagem em diferentes escolas, ligadas a nomes e instituições francesas, e dentre elas mencionam: J. Dubois, na Universidade de Paris X – Nanterre; M. Tournier, na École Normale Supérieure de Saint-Cloud; M. Pêcheux, no Laboratório de Psicologia Social do CNRS, associado à Universidade de Paris VII; e A. Greimas, na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). A apresentação de Paveau & Sarfati ([2003] 2006) sugere, assim, um amplo interesse para se pensar a linguagem no âmbito dos estudos discursivos, marcado em sua circulação por distintas instituições e grupos de pesquisas franceses.

Ao mesmo tempo, a pluralidade de reflexões propostas nesses grupos, em seus diferentes modos de conceber o discurso e suas análises, aponta para a opacidade da expressão "análise de discurso", como dissemos de início. Fala-se de discurso, mas de que

discurso que se fala? Mais que uma distância temporal que separa as ideias fundadoras de tais grupos de pesquisas, localizados nesse contexto francês da década de 1960, e os estudos do discurso que ganham forma nas práticas de pesquisas atuais, há uma trajetória de circulação desse conhecimento que se constitui historicamente.

Dada a nossa proposta voltada aos modos de circulação do saber e de constituição de um lugar teórico, na relação entre Brasil e França, como já dissemos, interessa-nos a tomada de posição assumida por Michel Pêcheux, que resulta na fundação de uma tradição materialista de estudos do discurso na França e, algumas décadas depois, no Brasil. Ao discorrer acerca da (re)leitura da obra de Pêcheux já no século XXI, Maldidier (2003) atenta para o modo como Pêcheux se volta, simultaneamente, à formulação de uma teoria do discurso e à proposição de uma prática de análise discursiva, constituindo, assim, um "duplo plano do pensamento teórico e do dispositivo da análise de discurso, que é seu instrumento" (Maldidier, 2003: 16). A trajetória bibliográfica de Pêcheux aponta, de fato, para esses variados interesses, que buscam dar conta da reflexão teórica e da proposição de procedimentos de análise enquanto práticas científicas, aspectos que, por sua vez, não poderiam ser dissociados de uma prática política.

As bases da análise do discurso materialista, em seu funcionamento teórico-metodológico, são postas/formuladas por Pêcheux progressivamente, em um processo de textualizações, formulações e revisões. Como afirma Maldidier: "O projeto de Michel Pêcheux nasceu na conjuntura dos anos de 1960, sob o signo da articulação entre a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. Ele, progressivamente, o amadureceu, explicou, retificou" (2003: 16), em um processo que se interrompe na França em 1983, momento em que já encontrava também outras condições de circulação no Brasil.

A proposta de uma análise discursiva é formulada por Pêcheux em 1969, naquele que costumeiramente é considerado seu texto

inaugural: *Análise Automática do Discurso* (AAD-69) (Pêcheux, [1969] 1997). Nesse primeiro trabalho, Pêcheux critica os métodos vigentes de leitura de textos, sobretudo as análises de conteúdo, tendo em vista o modo como eram praticadas pelas ciências sociais; revisita noções caras à proposta atribuída a Saussure no *Curso de Linguística Geral* (1916), tais como língua e instituição, consideradas basilares ao estruturalismo linguístico; e propõe o discurso como um objeto teórico. Entendido por Pêcheux ([1969] 1997: 82) como "efeitos de sentidos" entre "lugares determinados na estrutura de uma formação social", o discurso é tomado por Pêcheux como "o instrumento da prática política" (Henry, 1997: 24), o que significa, conforme Henry (idem, ibidem), "que a prática política tem como função, pelo discurso, transformar as relações sociais reformulando a demanda social".

A força teórica da noção de efeitos de sentidos está na compreensão de que os sentidos não são produtos estáveis, alocados em dicionários ou nas intenções dos interlocutores. Ao contrário, os sentidos se produzem em relações com outros sentidos, com quem toma a palavra, com as condições históricas em que são ditos, repetidos, incompreendidos, transformados, etc. Essa perspectiva teórica possibilita ao analista voltar-se à opacidade do texto, sua incompletude, e leva-o a organizar, em seu gesto de análise, um dispositivo que permita apreender e compreender na materialidade linguageira dos processos de produção de sentidos as repetições e, também, as contradições, as falhas, as equivocações.

Antes mesmo de dar corpo à sua teoria do discurso, o que incluiu a conceituação do discurso como objeto teórico e o início da discriminação de procedimentos automatizados de análise de *corpora*, o filósofo já se ocupava da reflexão acerca das ciências humanas e sociais na França, bem como da ideologia em seu funcionamento que não pode ser apartado das práticas político-científicas. É o que podemos observar, respectivamente, nos textos "Reflexões sobre a

situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social", de 1966, e "Observações para uma teoria geral das ideologias", de 1968, ambos publicados originalmente no periódico *Cahiers pour l'analyse*, sob o pseudônimo de Thomas Herbert. Henry (1997: 25) afirma que Pêcheux teria escolhido "o discurso e a análise do discurso como o lugar preciso onde [seria] possível intervir teoricamente (a teoria do discurso), e praticamente construir um dispositivo experimental (a análise automática do discurso)", em sua proposta de dar a ver o caráter não instrumental da linguagem e a relação entre as práticas científicas e políticas.

Em seus processos de reformulação e aprimoramento do escopo teórico da análise do discurso, ao longo da década de 1970 e no início dos anos de 1980, Pêcheux irá se dedicar a pensar a relação entre ideologia e linguagem na constituição dos sujeitos e dos sentidos, por meio da articulação entre o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso. Na constituição desse quadro epistemológico, o autor aponta ainda para o modo como essas três regiões são, em seus termos, "de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)" (Pêcheux; Fuchs, [1975] 1997), o que resultará, afinal, no abandono dos procedimentos automatizados de análise discursiva propostos inicialmente e na consideração do processo discursivo em seu funcionamento sempre peculiar.

Ao revisitar o percurso empreendido por Pêcheux na construção de sua teoria do discurso, Maldidier (2003: 96) sintetiza sua teorização nos seguintes pontos: "o sujeito não é a fonte do sentido; o sentido se forma na história através do trabalho da memória, a incessante retomada do já-dito; o sentido pode ser cercado, ele escapa sempre". A autora também destaca a relevância de seu pensamento para o cenário francês, ao afirmar que: "Por causa de Michel Pêcheux, o *discurso*, no campo francês, não se confunde com sua evidência empírica; ele representa uma forma de resistência intelectual à tentação pragmática" (Maldidier, 2003: 96, itálico da autora).

A teorização sobre o discurso e a construção de procedimentos metodológicos para depreender seu funcionamento, levando em conta a materialidade da língua e sua inscrição na história, conforme propostas por Pêcheux, encontram seu lugar na França graças a condições socio-históricas específicas. São, assim, as conjunturas intelectual e política da época que favorecem o questionamento a práticas de leitura e a mecanismos de interpretação vigentes, aliados ao desejo de intervenção no político por meio do estudo da linguagem, da história, dos sujeitos e dos sentidos. É de Pêcheux a advertência de que a exposição das bases de uma teoria materialista do discurso tornava necessária a especificação de aspectos "concernentes à teoria das ideologias, à prática da produção dos conhecimentos e à prática política" (Pêcheux, 1996: 143), sem os quais não seria possível sua compreensão. Trata-se, assim, de condições de produção específicas que fazem funcionar um discurso teórico-metodológico da análise de discurso na França e que resulta em sua constituição enquanto campo do saber.

São também condições de produção específicas que fazem com que essa mesma tomada de posição ganhe corpo e passe a traçar novos percursos no Brasil, notadamente a partir do início da década de 1980. Paveau & Sarfati ([2003] 2006), ao mencionarem a atuação de Pêcheux na elaboração de uma teorização sobre o discurso sustentada em bases que articulam a linguística, o materialismo histórico althusseriano e a psicanálise freudo-lacaniana, afirmam, em nota, que: "Os trabalhos de Michel Pêcheux estão na base de uma linha de análise do discurso fortemente assentada no Brasil, principalmente a partir dos trabalhos de Orlandi" (idem: 204).

No Brasil do início da década de 1980, pensar o político na linguagem marca-se como um gesto de resistência à interdição de dizeres, prática corrente em decorrência da conjuntura de ditadura civil-militar que era então vivida no país, desde 1964. Os primeiros trabalhos de Eni Orlandi, professora da Universidade Estadual de

Campinas (UNICAMP), mobilizando os princípios da teoria materialista do discurso proposta por Pêcheux, voltam-se aos discursos religioso e pedagógico, em seu funcionamento autoritário (Orlandi, 1983).[3] Ao longo de quase cinco décadas de circulação no Brasil, a Análise do Discurso fundamentada no arcabouço teórico proposto por Pêcheux e Orlandi se consolidou e ganhou contornos próprios, escrevendo uma outra história e permitindo outras relações de circulação, como tencionamos mostrar a seguir.

No Brasil, uma análise de discurso reterritorializada

O conjunto da obra de Orlandi tem sua fundamentação em Pêcheux, mas é possível pensar que ambos se encontram entrelaçados na sutileza e na singularidade com que ocupam seus lugares teóricos na produção intelectual e na pesquisa universitária.

Assim, vale mencionar que Pêcheux-Herbert (1969), discute as implicações de maio de 68 no projeto político-universitário francês acenando com as possibilidades de uma mudança radical do próprio projeto do fazer científico. Estava para acontecer, do seu ponto de vista, "o fim de uma época para além da qual todo saber estaria por ser reinventado" (Pêcheux, 1988: 173). Para Pêcheux, era necessário um vasto trabalho crítico de redefinição das categorias de base das ciências humanas, o que implicaria um retorno teórico sobre e para as próprias bases. Quando lemos o conjunto de sua obra, podemos dizer que Pêcheux seguiu à risca seu próprio programa sugerido nesse artigo de 1969, e até o fim aceitou a inquietação e a falta de conforto implicados na recusa em seguir as hegemonias teóricas ou práticas teórico-metodológicas que aparecem como evidência em dada conjuntura.

[3] Orlandi relata que esteve com Michel Pêcheux uma única vez, na cidade do Rio de Janeiro, quando o ouviu dizer que a ideologia é um ritual com falhas. Após a conferência de Pêcheux, em conversa com o filósofo, Orlandi conta que expôs sua proposta tipológica (discurso autoritário, polêmico e lúdico) e obteve como resposta um apoio incondicional. (Cf. entrevista, 2016)

As condições históricas constitutivas da obra de Orlandi, por sua vez, estão intrinsecamente vinculadas à resistência teórica e política. Resistência teórica e política diante de uma incompreensão que suas análises suscitavam no meio linguístico mais formalista. Nesse sentido, seu trabalho se vincula ao de Pêcheux nesse gesto de fazer uma retomada sobre os conceitos e sobre o conjunto dos efeitos teóricos desses conceitos no próprio trabalho intelectual.[4] As implicações desse gesto inicial da autora repercutem na maneira como ela conduz suas pesquisas e orientações. Quando se pratica análise do discurso no Brasil, não se trata simplesmente de um uso conceitual, a mera transposição de uma teoria – o que seria uma posição aplicacionista –, mas sim de fazer essa teoria trabalhar e avançar a cada gesto de análise dos fatos de linguagem. Se os fundamentos do pensamento francês se encontram na base de uma tomada de posição nos estudos da linguagem no Brasil, isso não quer dizer que a prática brasileira seja apenas a de retransmissão de uma teoria, de seus textos fundadores e de seus comentadores. Trata-se de uma posição política que supõe o trabalho de leitura como atividade transformadora.

Orlandi sempre afirmou que "ler é saber que o sentido pode ser outro". (Orlandi, 1988a). Desacomodar autores e leituras é um trabalho que se faz lendo esses autores e lutando com a complexidade do pensamento teórico. A transmissão da análise do discurso ocorreu marcada pela enunciação de Orlandi que, ao se ocupar da pesquisa, da formação de estudantes de pós-graduação e da disciplinarização, ampliou e reterritorializou os estudos do discurso.[5] Em suma, a filiação de Eni a Pêcheux deve ser compreendida no movimento teórico-político e, ao mesmo tempo, político-teórico. O político é compreendido discursivamente como o processo ininterrupto de

[4] Cf. Mariani, 2010 e Mariani, 2018.

[5] Para maiores detalhes sobre a disciplinarização da análise do discurso no Brasil, ler Mariani e Medeiros (2013).

divisão de sentidos, uma forma de funcionamento dos processos de produção de sentidos em qualquer discurso. É dessa forma que os trabalhos de Orlandi estão filiados aos de Pêcheux.

No Brasil, a partir do início dos anos 80 do século XX, os estudos discursivos inauguram uma posição teórica que entra em descontinuidade com os estudos linguísticos até então vigentes e produzem um acontecimento teórico na medida em que constituem um ponto de ruptura com a linguística que até então se fazia. Em outras palavras, a proposição do discurso como objeto teórico, como já foi mencionado, provoca um deslocamento e uma virada linguística: para se praticar a análise do discurso é necessário estar nos estudos de linguagem e, ao mesmo tempo, sair desse campo em direção à construção de articulações com o materialismo e com a psicanálise já visadas na proposição inicial do quadro teórico-epistemológico. É uma posição teórica que traz um engajamento político próprio: compreende-se que falar é tomar posição no socio-histórico, é inscrever-se subjetivamente em redes de sentidos com a ilusão de se estar na origem e no controle do dizer. Essa tomada de posição teórica no Brasil não foi simples e não aconteceu sem desafios, tendo em vista um certo antagonismo das tendências linguísticas formalista e empirista relativamente ao que estava sendo proposto.

Desde a década de 70, Orlandi já vem expondo o percurso discursivo em artigos publicados em congressos e periódicos acadêmicos, como congressos do GEL, em 1978, e artigos em revistas da Série Estudos, de Uberaba. Eni Orlandi publica *A linguagem e o seu funcionamento; as formas do discurso* em 1983, livro com 13 capítulos que assinalam como ponto teórico incontornável a análise do funcionamento da linguagem em relação constitutiva com as condições socio-históricas de produção. Com esse livro[6] se estabeleceu

[6] Atualmente o livro já passa de sua 10ª edição e é considerado pela autora como um "livro fundador". Em uma troca de e-mails com as autoras do artigo em tela, Orlandi afirma que o livro foi concebido "como uma síntese

definitivamente no Brasil uma posição teórica que não cessa de se escrever, ampliando fronteiras. No texto de apresentação do livro, a autora assinala o quanto ter como objeto o discurso representa incluir discussões sobre aspectos múltiplos e indeterminados da linguagem no que diz respeito aos processos de produção de sentidos, que ganham espessura própria quando relacionados à historicidade. "A incompletude, a divisão, o político, o inconsciente, a ideologia, as diferenças são uma constante para quem aprende análise de discurso" (Orlandi, 2006: 2).

Fazer análise do discurso é lidar, na linguagem, com o fragmentário, o indistinto e o polissêmico sempre em tensão com as repetições e paráfrases. Nas palavras da autora, "Para alguns, o já-dito é fechamento de mundo. Porque estabelece, delimita, imobiliza. No entanto, também se pode pensar que aquilo que se diz, uma vez dito, vira coisa no mundo: ganha espessura, faz história. E a história traz em si a ambiguidade do que muda e do que permanece" (Orlandi, 1983: 7). Orlandi se propõe a trabalhar com a tensão entre o que muda e o que permanece na historicidade constitutiva que tensiona o mesmo e o diferente nos processos de produção de sentidos. Nesse trabalho da análise discursiva dos processos de produção dos sentidos, e de seus efeitos (entre interlocutores), Pêcheux e Orlandi tocam na materialidade linguageira em que se inscrevem a suspensão das certezas, a crítica das evidências, a desconstrução das verdades, a escuta do silêncio e as políticas de silenciamento. A

do que havia aprendido." (correspondência privada em 13 de novembro de 2017). Orlandi, em entrevista concedida à revista *Fragmentun*, conta que escreveu os artigos entre o final dos anos 70 e início da década de 80, durante o período autoritário da ditadura militar. Em todos os artigos, e sempre pensando na prática pedagógica, Orlandi afirma que procurou respeitar o que era mais relevante para caracterizar teoricamente o discurso: "a relação paráfrase-polissemia, a relação entre locutores, a relação dos locutores com a constituição do referente, objeto do discurso". (Orlandi, 2006: 1)

compreensão teórica desses efeitos de sentidos permite compreensão analítica do funcionamento ideológico na regulação, na constituição e na institucionalização dos sentidos e dos sujeitos. A produção de sentidos está sempre em movimento: um analista do discurso sabe que o sentido sempre pode ser outro, pois está na relação com os tensionamentos e confrontos sociais e históricos, ou seja, entre a injunção ideológica à interpretação de determinada maneira e as resistências a tal injunção.

Sobre essa movimentação dos sentidos no campo das tensões teóricas, diz Orlandi, ao escrever *Uma questão de coragem: a coragem da questão* (1988), nota à edição brasileira da tradução do livro *Les vérités de la Palice* (1975): "Aprendi com ele [Pêcheux] um modo de pensar a linguagem que me permitiu compreender que a reflexão não é nunca fria: lugar de emoção, de debate, de opressão, mas também de resistência" (Orlandi, 1988b: 5).

Nesse movimento de consolidação dos estudos do discurso no Brasil, em 1986, ocorreu a fundação do Grupo de Trabalho de análise do discurso no âmbito da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística.[7] Com a fundação do Grupo de Trabalho, ganha visibilidade o processo histórico de disciplinarização da análise do discurso que já vinha ocorrendo desde o início da década de 80 do século passado: do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, para outros cursos de Letras no Brasil, em um movimento que partiu dos programas de pós-graduação para o ensino de graduação[8] (Mariani, 2015). Como nos diz Orlandi: "Hoje

[7] Em maio de 1987, um ano após sua fundação, o Grupo de Trabalho de Análise do Discurso da ANPOLL realizou o seu primeiro encontro no Rio de Janeiro, contando com um público permanente de cerca de 30 pessoas, conforme relato de Indusrky (1994). Atualmente, o grupo conta com mais de 130 membros filiados, representantes de diferentes instituições de ensino e pesquisa no Brasil.

[8] Dos anos 90 para o momento atual, a circulação teórica e a disciplinarização da análise do discurso garantiram amplo espaço institucional em inú-

o discurso se define em sua própria dimensão, no campo teórico que inaugurou. História feita de relações e debates entre disciplinas em suas relações de força e de sentidos em que não é pequena a força da contradição na sua institucionalização. Disciplina (interpretativa) de entremeio." (Orlandi, 2016: 15).

Pelo menos dois pontos da análise do discurso em seu desenvolvimento no Brasil ainda precisam ser realçados nessa perspectiva que entrelaça os trabalhos de Pêcheux aos de Orlandi, sobretudo quando o foco está na circulação de ideias teóricas. Isso porque tais pontos representam um retorno das ideias discursivas desenvolvidas no Brasil para solo francês: a reflexão sobre o silêncio e as formas de silenciamento, e o desenvolvimento de um conjunto de saberes sobre a língua e suas políticas no Brasil, no âmbito da história das ideias linguísticas.

O primeiro ponto diz respeito à análise dos sentidos de silêncio, o que leva a autora a formular a noção de silêncio fundador e a de silenciamento, em 1992. "O silêncio está nas palavras", nos diz Orlandi, não é um complemento da linguagem. Sua materialidade simbólica se apresenta como "respiração (o fôlego) da significação" (Orlandi, 1992: 13). O silêncio é fundador porque necessário, e porque nele se encontra a garantia da movimentação dos sentidos. "Sempre se diz a partir do silêncio" (Orlandi, idem: 23).

Se a noção de silêncio aponta para o horizonte dos sentidos, a reflexão sobre o silenciamento, ou política do silêncio, por sua vez, permite avançar teórica e analiticamente sobre o não-dito em

meras universidades brasileiras, o que tem propiciado a formação de um grande contingente de alunos de pós-graduação, na organização continuada de congressos específicos da área, como o SEAD, o SEDISC e o GTDIS. Na maioria das instituições universitárias, os especialistas em análise do discurso se organizam em laboratórios, como o LABEURB (UNICAMP), o laboratório CORPUS (UFSM), o LAS (UFF), o Pohemas (UNICAMP) e o Labedis (Museu Nacional/UFRJ), por exemplo, implementando projetos coletivos de pesquisa.

relação aos modos exercidos pelo poder sobre o que pode e deve ser dito ou interditado. As instâncias de poder, em seu trabalho sobre o simbólico, organizam uma política para os sentidos, formas de controle com suas interdições e censuras. Por outro lado, como já foi dito, a política dos sentidos está nos fundamentos dos processos sempre divididos da produção de sentidos. "O processo de resistência é justamente isso: estabelecer um outro lugar de discurso onde se possa (re)significar o que ficou 'fora' do discurso." (Orlandi, 1998: 17). Assim sendo, por mais que as instâncias de poder queiram organizar formas de controle para o dizer, gestos de resistência se inscrevem no dizível, nos mecanismos linguageiros que (se) significam (pela) resistência.

Essa reflexão de Orlandi é formulada no livro *Formas do silêncio*, que recebeu em 1992 o prêmio Jabuti, um dos prêmios mais prestigiosos atribuídos a publicações brasileiras. A obra foi traduzida para o francês e, ao entrar em circulação na França, foi coreografada por George Appaix, da Companhia de dança La Liseuse.

Todo esse processo de reflexão teórica tem em sua base um deslocamento, ou melhor, de uma re-definição da noção de ideologia. Essa re-definição parte de um ponto teórico incontornável: a formulação de Pêcheux-Orlandi assinalando que a materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua. Para Orlandi, levando de forma consequente a proposta de Pêcheux, ideologia não é o lugar da falta, mas do excesso; não é um conteúdo a ser encontrado, mas corresponde a práticas que se inscrevem na materialidade da linguagem.

Tal formulação, por sua vez, nos leva ao segundo ponto importante da análise do discurso no Brasil, que foi o conjunto de pesquisas produzido por uma grande equipe de pesquisadores sobre a história das ideias linguísticas, os saberes linguísticos e sobre a política das línguas no Brasil, a partir de 1992. Tal projeto, inicialmente

vinculado ao de Sylvan Aurox com convênio CAPES-COFECUB (1994), ganhou contornos próprios ao incorporar o olhar discursivo na análise da constituição da língua nacional do Brasil. Orlandi, em vários livros publicados, mostra como que a língua falada no Brasil historicamente foi se constituindo ao mesmo tempo em que se organizava um saber sobre essa mesma língua e se formulavam políticas para ela. Um marco relevante dos resultados desse projeto foi o número 130 da revista *Langages*, totalmente dedicado à língua do Brasil e apenas com autores brasileiros.

Nos dias de hoje, a análise do discurso representa um campo disciplinar específico no Brasil, ou seja, encontra-se disciplinarizada, sendo transmitida em instituições universitárias e reconhecida por órgãos de fomento que destinam recursos para pesquisadores da área. Os avanços teóricos de Orlandi sobre discurso urbano e sobre discurso eletrônico continuam produzido efeitos sobre reflexões francesas, como as de Marie-Anne Paveau, na universidade de Paris XIII. Também a produção teórico-analítica em história das ideias linguísticas encontra lugar de diálogo pesquisadores franceses, como Jean-Marie Fournier e Christian Puech, na universidade Paris III Sorbonne-Nouvelle.

Para concluir: uma relação França-Brasil e Brasil-França

Em nossa trajetória neste texto, apresentamos uma breve retomada da circulação das ideias que fundam a análise de discurso, a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux, na França, na década de 1960, e nos voltamos aos modos como tais ideias ganham circulação no Brasil, a partir do final de década de 1970, com as pesquisas de Eni Orlandi, consolidando, assim, uma tomada de posição materialista acerca do funcionamento dos processos de produção de sentidos em outras condições de produção. À guisa de conclusão, ressaltamos o nosso olhar dirigido às relações de interlocução teó-

rica entre França-Brasil e Brasil-França, promovidas no campo de saber da análise do discurso, de modo a fecharmos nosso percurso em torno das condições de circulação dessas ideias que constituem um campo teórico.

Quando nos voltamos à história de consolidação da análise do discurso enquanto campo de saber na França e a sua entrada no Brasil, alguns anos depois, parece evidente a interlocução França-Brasil que dela decorre. Ora, trata-se de um pensamento teórico francês que aparentemente migra para o Brasil, o que pressupõe necessariamente a retomada de noções fundadoras desenvolvidas no cenário francês. Menos evidente, no entanto, parece ser a interlocução Brasil-França, que se desenvolveu nos últimos anos, em decorrência da produção de saber decorrente da prática da análise do discurso no Brasil, o que buscamos igualmente aqui mostrar.

Como foi assinalado anteriormente, a presença da análise do discurso no Brasil constituiu um acontecimento teórico e resultou em uma descontinuidade nos estudos linguísticos que então se produziam. A proposta de Pêcheux de se teorizar os efeitos de sentidos como decorrência da inscrição da língua na história coloca em cena, como afirma Orlandi (2005: 77), o confronto do simbólico com o político, pela noção de materialidade discursiva. Nesse cenário, como nos lembra Ferreira (2005: 21), a análise do discurso no Brasil "se alterou com a diversidade do leque de materiais que são objeto de interesse dos analistas de discurso brasileiros". A autora prossegue, mencionando alguns deles: "Do campo do verbal ao não-verbal, passando pelos temas sociais (imigração, movimento sem terra, greves) e por diferentes tipos de discurso (religioso, jurídico, científico, cotidiano). Como consequência desses diferentes gestos de análises, necessários ao tratamento analítico de *corpora* variados, ganha corpo a construção do próprio dispositivo teórico da análise de discurso no Brasil, conforme apontamos, ao mencionarmos as reflexões sobre as formas do silêncio e de silenciamento, propostas por Orlandi (1992).

É justamente por decorrência das contribuições teóricas para se pensar o discurso, de um modo geral, e o discurso sobre a língua, em particular, que a interlocução França-Brasil, que se origina do legado de Michel Pêcheux, encontra ressonância e se transforma também em uma interlocução Brasil-França, como apontamos. Em 1994, a edição francesa do livro *Les formes du silence dans le mouvement du sens*, pela Éditions des Cendres, foi emblemática na apresentação da maneira como as ideias linguísticas circulam e são transmitidas. Francine Mazière, no "avant propôs", reconhece isso e afirma: "Ce livre paraîtra très familier à certains endroits et fort étrange à d'autres, et il n'est pas evident que nos habitudes de pensée nous en ouvrent facilement les portes. Il est une sorte de défi venu d'un pays qui a su s'approprier et transformer nos manières de penser et de dire" (Maziére, 1994: 8).

Como nos lembra Gadet (2005: 51), "A extensão disciplinar de um campo está longe de ser idêntica em todas as tradições". No que concerne à análise do discurso em sua história de circulação na França e no Brasil, essa extensão disciplinar se faz de retomadas e de ressignificações em diferentes conjunturas socio-históricas. Pois, como bem afirma Orlandi (2005), ao tratar da análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: "A ciência da língua que assim se considera não está apartada do território em que se produz. Tampouco a análise de discurso".

REFERÊNCIAS

Colombat, B.; Fournier, J.M; Puech, C. *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Klincksieck, 2010.

Ferreira, M.C.L. "Introdução. O quadro atual da análise de discurso no

Brasil. Um breve preâmbulo". In: Indursky, F.; Ferreira, M.C.L. (Orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso:* uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005: 13-22.

Gadet, F. "As mudanças discursivas no francês atual: pontos de vista da análise de discurso e da sociolinguística". In: Indursky, F.; Ferreira, M.C.L. (Orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso:* uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005: 51-74.

Herbert, T. [1968]. "Observações para uma teoria geral das ideologias". *Rua*, nº 1, março de 1995: 63-89.

Hebert, T. [1966]. "Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social". In: *Análise de discurso:* Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni P. Orlandi. 2 ed. Campinas: Pontes Editores, 2011: 21-54.

Henry, P. "Os fundamentos teóricos da 'Análise automática do discurso' de Michel Pêcheux (1969)". In: Gadet, F.; Hak, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*; uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997: 13-38.

Indursky, F. "GT de Análise do Discurso: sete anos de atividades". *Revista da Anpoll,* v. 1, nº 1, 1994: 37-42.

Maldidier, D. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas-SP: Pontes, 2003.

Mariani, B. "Ao discurso que nos uniu! para Eni Orlandi". *Traços de linguagem*. Revista de Estudos Linguísticos, v. 2, nº 1: 36-49, 2018.

Mariani, B. "Textos e conceitos fundadores de Michel Pêcheux: uma retomada em Althusser e Lacan". *Alfa*. Revista de Linguística, v. 54, nº 1: 113-127, 2010.

Mariani, B.; Medeiros, V.G. "Disciplinarização dos Estudos em Análise de Discurso". *Gragoatá* (UFF), v. 34: 15-26, 2013.

Maziére, Avant propôs. *Les formes du silence, dans le mouvement du sens*. Paris: éditions des Cendres, 1994.

Milner, J.C. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

Orlandi, E. "Nota introdutória à tradução brasileira". In: Conein, B.; Courtine, J.-J; Gadet, F.; Marandin, J.-M. e Pêcheux, M. (Orgs.) *Materialidades discursivas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2016: 9-16.

_____. Entrevista. Revista *Teias*. Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez 2006: 1-7.

_____. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: Indursky, F.; Ferreira, M.C.L. (Orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso:* uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005: 75-88.

_____. *As formas do silêncio:* no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

_____. *Discurso e leitura*. Campinas & SP: Editora da UNICAMP & Cortez Editora, 1988a.

_____. Nota à edição brasileira. Uma questão de coragem: a coragem da questão. In: Pêcheux, M. *Semântica e discurso;* uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 1988b.

_____. *A leitura e os leitores*. Campinas, SP: Pontes: 1998.

_____. *A linguagem e seu funcionamento*. As formas do discurso. Campinas, SP: Pontes, 1983.

Paveau, M.A; G.E. Sarfati. (Orgs.). [2003]. *As grandes teorias da linguística:* da gramática comparada à pragmática. São Carlos: Claraluz, 2006: 191-214.

Pêcheux, M.; Fuchs, C. [1975]. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: Gadet, F..; Hak, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*; uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997: 163-252.

Pêcheux, M. [1975]. *Semântica e discurso;* uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 1988.

_____. [1969]. Análise automática do discurso (AAD-69). In: Gadet, F..; Hak, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*; uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997: 61-161.

_____. "O mecanismo do (des)conhecimento ideológico". In: Zizek, S. (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996: 143-152.

Viagem à terra do Brasil de Jean de Léry lida pelo abade Prévost e por Claude Lévi-Strauss[1]

David Diop
(Université de Pau et des Pays de l'Adour)

Apoiando-se em Roland Barthes, Yves Citton no seu livro *Lire, interpréter, actualiser*, desenvolve uma teoria da leitura atualizadora assumida como um novo modelo de interpretação literária. De acordo com ele, "a interpretação literária consiste não apenas em 'responder ao que foi escrito fora de qualquer resposta', mas também em redobrar a resposta que o próprio texto fornece (parcialmente) desde logo, através de uma asserção suplementar que lhe acrescenta uma nova camada de sentido".[2] Por outras palavras, trata-se de fazer "do ato de interpretação não tanto um gesto de escuta quanto um gesto de asserção".[3] Gostaria de mostrar o modo como o abade Prévost atualiza o relato da viagem de Jean de Léry compilando-o no 14º volume da sua *Histoire générale des voyages* publicada em 1757. Ao passo que Jean de Léry, ministro do culto protestante, vê nos Índios Tupinambás do Brasil que frequentou durante nove meses homens excluídos da Revelação por causa da prática do canibalismo, Prévost, homem do século das Luzes, encara-os como "povos que podemos nomear como estando no puro estado de natureza".[4]

[1] Ensaio traduzido por Joanna Gomes.

[2] Yves Citton, *Lire, interpréter, actualiser. Pourquoi les études littéraires?* Paris, Éditions Amsterdam, 2017 (Première éd. 2007): 94.

[3] *Ibidem*: 91.

[4] Antoine François Prévost, *Histoire générale des voyages ou nouvelle collection de toutes les relations de voyages par mer et par terre qui ont*

Em ambas as interpretações, os Índios do Brasil encontram-se presos nas malhas de duas ideologias diferentes, a primeira religiosa e a segunda filosófica, que tanto uma como outra, revelam uma vontade real de interpretar a alteridade radical dos homens do Novo Mundo. A observação de Jean de Léry sobre o canibalismo está profundamente ligada ao contexto das guerras de religião que assolaram França no século XVI. A leitura que o abade Prévost faz do olhar de Jean de Léry sobre os Índios do Brasil é, pelo seu lado, filha de um racionalismo crítico que exige que os situemos numa história profana da humanidade. Finalmente, evocarei uma terceira leitura atualizadora, que acrescenta uma nova camada de sentido ao relato do encontro de Jean de Léry com os "canibais" do Brasil. Refiro-me à leitura do etnólogo Claude Lévi-Strauss nos capítulos 9, 30, 32 e 34 de *Tristes Trópicos*.

Jean de Léry fica siderado com o seu encontro com os Índios. Mas não é este encontro que motiva a escrita do seu relato de viagem. É a cólera que o franciscano André Thévet lhe inspira, pelas mentiras que escreveu na sua obra *Singularités de la France antarctique* e na *Cosmographie universelle,* em parte consagrada ao Brasil e publicada em 1575. Segundo André Thevet, a razão pela qual França perdeu o Brasil em proveito dos Portugueses foram os Protestantes franceses. De facto, foi por ordem de João Calvino, o grande instigador da Reforma, ele próprio solicitado por um personagem importante do Reino de França chamado Villegagnon, que Jean de Léry partiu para o Brasil, de 7 de março de 1557 a 4 de janeiro de 1558, com um grupo de huguenotes constituído por

été publiées jusqu'à présent dans les différentes langues pour former un système complet d'histoire et de géographie moderne qui représentera l'état actuel de toutes les nations, enrichi de cartes géographiques et de figures… Paris, Didot, (1746-59), tome 14, Livre VI, chapitre 9, § II, "Établissement des Français au Brésil. Voyage de Jean de Léry", 1757: 194. (tradução nossa)

artesãos franceses, mas também por ministros do culto protestante vindos de Genebra. No entanto, Villegagnon, que alguns meses antes da chegada de Jean de Léry, tinha tratado de instalar todas as suas pessoas num forte situado na baía do Rio de Janeiro, vai, logo depois da chegada de Léry e dos seus companheiros, renegar a sua fé protestante e reconverter-se ao catolicismo. É este reviramento, esta "revolta", como lhe chama Léry, que segundo ele, constitui a causa principal da tomada do forte pelos Portugueses e da perda daquilo a que chamavam a França Antártica, núcleo territorial do futuro Brasil. Assim, tendo-se, entretanto, tornado ministro do culto reformado, Léry explica, no prefácio panfletário da sua *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil,* publicado em 1578, ou seja, 20 anos depois da sua viagem, que foi a leitura das alegações de André Thévet, acusando os protestantes franceses da perda do território brasileiro que o motivou a escrever o seu relato. Ao longo das cinco reedições do relato da sua viagem ao Brasil, Léry ataca as mentiras de André Thévet, que por seu lado o chama de "mestre remendão de sapatos"[5] ou "grande animal e personagem ignorante"[6] (301). De facto, originário da Borgonha, Jean de Léry é sapateiro, é um "mecânico", como se dizia no século XVI, o que não o impedirá, uma vez ministro do culto reformado, de escrever de forma notável um relato de viagem que é apreciado pelos seus contemporâneos.

[5] André Thévet, *Histoire d'André Thevet Angoumoisin, Cosmographe du Roy, de deux voyages par lui faits aux Indes Australes et Occidentales* (*circa* 1587-1588), Paris, Bibliothèque nationale, Ms. Fr. 15452-15453, f. 60, r°. Citado por Frank Lestringant na sua edição de *L'histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* de Jean de Léry, Paris, Le Livre de Poche, 2015 (1ère publication 1994), Chap. X, note 2: 257-8.

[6] André Thévet, *Les vrais portraits et vies des hommes illustres Grecs, Latins et Païens, recueillis de leurs tableaux, livres, médailles antiques et modernes*, Paris, veuve Jacques Kerver et Guillaume Chaudière, I, I, ch. 19, f. 36 v° – 37 r°. Citado por Frank Lestringant na sua edição de *L'histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* de Jean de Léry, *op.cit.*, Chap. XII, note 1: 301.

A edição de 1578 é constituída por 22 capítulos, que como vimos, mantendo uma polémica constante com André Thévet, são notáveis tanto do ponto de vista narrativo quanto descritivo. Dividido em três grandes partes, a viagem de ida (capítulos 1 a 6), a estadia e a descrição do Brasil (capítulos 7 a 20) e a viagem de volta nos capítulos 21 e 22, o relato de Jean de Léry é simultaneamente rocambolesco e rigoroso. Na ida, Jean de Léry e os seus companheiros de viagem reunidos em três barcos, sofrem tempestades terríveis que por várias vezes quase submergem as cerca de trezentas pessoas que participam na expedição. Mas, a viagem de retorno é mais penosa e espetacular. Estando o porão carregado de pau-brasil, madeira que serve para a tintura, o barco que leva com água por todos os lados deixa atrás de si uma esteira que "corria pelos canais vermelha como sangue de boi".[7] Jean de Léry e os seus companheiros de viagem são obrigados a acionar duas bombas de água durante mais de doze horas por dia para se manter à tona. Devido à incompetência do comandante, perdem-se. Pensando ter avistado a costa de Espanha, encontram-se apenas nos Açores. É então que sobrevém a fome. Muitos marinheiros perecem de "hidrofobia da fome".[8] Vêem-se reduzidos a varrer o paiol para recuperar algumas migalhas de pão. Recolhem uma mistura de farinha e de excrementos de ratos com os quais confecionam uma "papa preta e amarga como fuligem".[9] Depois comem, cozidos, "até os couros das coberturas dos baús".[10] Pouco depois, andam à caça dos ratos e ratazanas que comem sem tirar as vísceras. "Um rato, escreve Léry, era coisa mais valiosa do que um boi em terra".[11] O preço subiu "a

[7] Jean de Léry, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, Frank Lestringant éd., *op. cit*., Cap. XXI: 509. Tradução brasileira de Sérgio Millet, *Viagem à Terra do Brasil,* São Paulo, Livraria Martins, 1941, cap. XXI: 228.

[8] *Ibidem*, Capítulo XXII: 237.

[9] *Ibid*.: 237.

[10] *Ibid*.: 239.

[11] *Idem*.

quatro escudos".[12] Léry arrepende-se de ter comido um belo papagaio que tinha escondido com as suas coisas, apenas cinco dias antes de avistar a costa da Bretanha, onde ele e os seus amigos acabam por desembarcar, exaustos. A informação que devemos guardar desta fome é a afirmação do capitão do navio, que confessa, segundo Léry, que começava a pensar em matar um deles para comer.[13] A relação entre este relato de viagem de volta à Europa e a descrição do Brasil encontra-se nesta confissão de tentação de canibalismo, que Jean de Léry pôde realmente observar em França, durante o cerco de Sancerre, cidade protestante cercada pelos Católicos, cerco sobre o qual publicou um relato em 1573 e que evoca igualmente na sua *Viagem à Terra do Brasil*.[14]

Ainda que a sua descrição do Brasil, que ocupa os capítulos 7 a 20, se interesse por uma fauna e uma flora exuberantes e inauditas para um francês do século XVI como Jean de Léry, são os costumes, a religião, os usos, os vestuários de penas multicolores e a prática do canibalismo nos Índios Tupinambás da baía do Rio de Janeiro que o fascinam.[15] No capítulo 17, o relato da primeira estadia de Jean de Léry numa aldeia índia que pratica o ritual canibal é muito interessante. Enquanto viaja com um intérprete normando, pára num aldeia em festejos.[16] Tendo sido abandonado pelo seu intérprete

[12] Idem.

[13] Ibid.: 241.

[14] Ibid.: 240-1.

[15] Segundo Claude Lévi-Strauss, os descendentes dos Tupinambás refugiaram-se no coração mais longínquo da Amazónia, numa longa migração que durou até ao século XX.

[16] As tripulações de marinheiros franceses eram praticamente todas Normandas. São os primeiros Franceses que, após o naufrágio não longe da costa do Brasil, até antes da instalação do forte de Villegagnon, viveram e até arranjaram mulheres nas aldeias de Índios do Brasil. Uma prova de que a França Antártica era maioritariamente normanda: a montanha estranhamente redonda por cima da baía do Rio de Janeiro, conhecida pelo nome de "Pão-de-Açúcar", hoje encimada pelo Cristo do Corcovado,

normando, que foi festejar com os Índios e, quem sabe, comer um pedaço, Jean de Léry conta que de repente viu aparecer em frente da sua rede suspensa numa cabana afastada da festa um Índio com um pé humano na mão. Equivocando-se sobre o que na verdade era um convite para partilhar esse pé (sem jogo de palavras), Jean de Léry pensa que o seu interlocutor propõe-se devorá-lo. Tomado pelo pavor e horror, fica encolhido na sua rede até ao dia seguinte de manhã. Quando os Índios descobrem a razão da sua palidez e do seu ar cansado, por intermédio do tradutor normando, zombam dele. Os Tupinambás só comem os seus inimigos. Comem os Portugueses, mas não os Franceses.

Da observação do canibalismo, Jean de Léry conclui que os Índios do Brasil são uma das únicas nações no mundo sem Deus. "(...) ver-se-á, nesta narrativa, que com referência à Religião, tal como a entendem os outros povos, é possível afirmar abertamente que esses pobres selvagens não têm nenhuma e vivem sem Deus".[17] Ele está convencido de que este povo é amaldiçoado. No capítulo 16, escreve que é "um povo maldito e desamparado de Deus"[18] ou ainda, no capítulo 18, que os "Brasileiros têm os cérebros maravilhosamente obscurecidos pelas trevas de Satanás".[19] No entanto, ele sente afeição pelos Índios, que o apelidam Léry-Oussou, que significa grande ostra na língua tupinambá. Afeição recíproca que parecerá "singular" ao abade Prévost na compilação que fará do relato de Jean de Léry na sua *Histoire générale des voyages*.

Em meados do século XVIII, o abade Prévost é apenas conhecido enquanto autor de romances de inspiração libertina como *Manon Lescaut*. É também o responsável de um projeto enciclopédico

era chamada no século XVI pelos franceses "o pote de manteiga". Jean de Léry, *Viagem à Terra do Brasil* ..., op. cit., capítulo 7: 94.

[17] Jean de Léry, *Viagem à Terra do Brasil*..., *op. cit*., Prefácio: 41.

[18] *Ibid*., Cap. 16: 201.

de recensão de todas as viagens europeias no mundo desde o final do século XV. Aquilo que inicialmente era uma simples tradução do abade Prévost de uma compilação de viagem inglesa, tornar-se-ia plenamente a sua obra a partir do oitavo volume da *l'Histoire générale des voyages,* em 1750. Cansado dos seus exílios em Inglaterra e na Holanda – onde não contente de viver em concubinato com uma tal de Helena, tinha abjurado a fé católica durante um tempo para abraçar o protestantismo – o abade Prévost aceita, para regressar em boas graças, de conduzir este imenso projeto de compilação a pedido do ministro da guerra Maurepas, que via nele um meio para encorajar as empresas coloniais de França. Em plena guerra contra Inglaterra, o abade Prévost traduz página após página, desde 1746, ao ritmo de um volume in-fólio de seis em seis meses, a compilação de viagens do geógrafo inglês John Green.[20] Quando o Inglês desiste deste trabalho, em 1747, o abade Prévost publica cerca de um volume da antologia por ano, desta vez da sua autoria, até 1759. Logo, a partir dos primeiros volumes que traduz, o abade Prévost revela-se crítico relativamente ao método adotado por John Green. Segundo ele, falta-lhe filosofia. Com efeito, para Prévost a história da conquista do mundo pelos Europeus obedece a uma lógica imperialista feita de oportunidades perdidas, de revés, de golpes de sorte, de erros que deram a cada uma das nações europeias momentos de glória e depois de decadência numa ou noutra parte do mundo. Assim, se os Portugueses e os Espanhóis tiveram o seu período de glória do século XIV ao século XVI, os novos senhores dos mares são agora, desde o século XVII, os Ingleses, os Franceses e, em certa medida, os Holandeses. Para Prévost, trata-se de ter uma visão de conjunto da história da conquista europeia do mundo para poder medir a

[20] John Green, *A new general collection of voyages and travels ; consisting of the most esteemed relations, which have been hitherto published in any language comprehending everything remarkable in its kind, in Europe, Africa, and America*, London, printed for Thomas Astley, 1745-7.

importância de cada relato de viagem que aí se inscreve. Deste modo, Prévost realça, no relato de viagem de Jean de Léry, todos os elementos que provam que França perdeu uma bela oportunidade de se instalar de forma duradoura no Brasil desde o século XVI.[21]

Além do anti-papismo, Prévost censura igualmente aos Ingleses a falta de método, que vai encarregar-se de corrigir quando retomar o projeto por conta própria. Segundo ele, para não aborrecer os leitores, numa antologia não se devem justapor as narrativas de viagem como faz o Inglês John Green, mas submetê-las a um método dito de "redução". Por um lado, deve-se resumir a parte narrativa de cada um dos relatos de viagem europeus em determinada parte do mundo. Por outro, devem-se reunir todos os elementos enciclopédicos extraídos destes diferentes relatos para fazer aquilo a que chama uma descrição. É desta maneira que no volume 14 da *Histoire générale des voyages,* Prévost vai dividir o texto de Léry em duas partes: depois de ter resumido as suas viagens de ida e volta de França ao Brasil, colocará os elementos mais marcantes da estadia de Léry numa "Descrição geral do Brasil".[22] O essencial dos dados enciclopédicos relativos à fauna, à flora e aos costumes dos Índios – reunido sob este título "Descrição geral do Brasil" –, o abade Prévost retira da obra *L'histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, de Jean de Léry, preferindo-a a vários outros exploradores europeus, mesmo posteriores. De facto, para Prévost, "tudo é pre-

[21] Jean de Léry escreve o seguinte, no capítulo XXI do seu *Viagem à Terra do Brasil...*: "E creio que se Villegagnon tivesse permanecido fiel à religião reformada, cerca de dez mil franceses estariam hoje instalados no Brasil; assim não só teríamos aí uma boa defesa contra os portugueses, em cujas mãos não cairia o forte, como caiu depois de nosso regresso, mas ainda boa extensão de terras pertenceria ao nosso rei e esse pedaço do Brasil com toda a razão continuaria a chamar-se *França Antártica*." *op. cit.*: 227

[22] Antoine François Prévost, *Histoire générale des voyages, op. cit.,* tome 14, Livre VI, chapitre 9, § IV, "Description générale du Brésil", 1757: 222.

cioso num viajante de boa fé quando ele me conta o que se passou em frente dos seus olhos".[23] De acordo com ele, Léry tem o dom de descrever com precisão não apenas o que viu, mas também o que ouviu. É um testemunho fiável "do Brasil e dos seus povos no estado que podemos nomear como sendo de pura natureza, quer dizer, tal como estavam antes que a cultura modificasse a fisionomia das terras, e que a introdução dos hábitos da Europa alterasse o caráter dos habitantes".[24] O texto de Léry é precioso, pois permite conservar a memória dos povos que já estão desnaturados no século XVIII.[25] Mas, é um texto que do alto do seu racionalismo iluminista Prévost considera tão exótico quanto o seu autor.

Quando os termos de Léry não lhe parecem demasiado "antiquados",[26] Prévost lamenta que "este autor, que é o que mais discorre mais sobre o caráter e os costumes dos Brasileiros", o tenha feito "com tanta confusão".[27] O que Prévost critica em Léry é o facto de misturar os géneros e de acrescentar às suas descrições dos Índios do Brasil uma série de "exemplos, de reflexões, de comparações estranhas com as quais orna menos do que obscurece a sua obra".[28] Prévost destaca "as práticas e as linguagens dos protestantes que

[23] *Ibidem*: 275. Prévost até acrescenta: "Devemos reconhecer como um mérito singular num viajante a atenção que deu às línguas estrangeiras, sobretudo às das nações mais bárbaras, que podem ser vistas como uma simples obra da natureza. Léry distingiu-se por este cuidado". *Ibid*.: 284. (Tradução pessoal)

[24] *Ibid*., tome 14, Livre VI, chapitre 9, § II, "Établissement des Français au Brésil. Voyage de Jean de Léry", 1757: 194.

25 Diderot e o abade Raynal retomarão o mesmo argumento rousseauista nas edições de 1778 e 1780 da *L'Histoire des deux Indes*.

26 *Ibid*., tome 14, Livre VI, chapitre 9, § IV, "Description générale du Brésil", 1757, note 89: 271.

[27] *Ibid*.: 265.

[28] *Idem*.

têm qualquer coisa de singular nos primeiros tempos da Reforma".[29] Os discursos apocalípticos de Léry aplicados aos Índios não lhe agradam. As suas formas de viver não eram obra do Demónio, como acreditava Léry, mas um exemplo, entre outros, do que podia ser a vida dos homens em estado de natureza. Substituindo a leitura religiosa dos costumes indianos de Léry pela sua leitura filosófica, Prévost, todavia, conclui: "No entanto, é desta fonte turva que se deve citar o que não se encontra nos outros, ou da qual mesmo os outros se serviram".[30] Prévost também prefere dispor as passagens do texto de Léry que correspondem à construção do mito do bom selvagem, cujo bom senso surpreende os civilizados. Tais como "alguns ditos de um Brasileiro que representam maravilhosamente o senso natural destes Bárbaros"[31] em que Léry dialoga com um velho Tupinambá que o interroga sobre a loucura dos Franceses, vindos de tão longe para carregar os seus navios de pau-brasil. Passagem que poderá ter inspirado "les Adieux du Vieillard" do *Supplément au voyage de Bougainville* de Diderot.

Prévost acha Léry tão "singular" quanto os Índios do Brasil. Ele retoma textualmente na nota 38 da página 196 do volume 14 da sua *Histoire générale des voyages* o discurso de Léry, que tem pena de ter deixado os Índios, introduzindo-o assim: "Na sua partida, faz reflexões bastante singulares". Eis o que escreve Léry:

> Assim, ao dizer adeus à América, aqui confesso, pelo que me respeita, que, embora amando como amo a minha pátria, vejo nela a pouca ou nenhuma devoção que ainda subsiste e as deslealdades que usam uns para com outros; tudo aí está italianizado e reduzido a dissimulações e palavras vãs, por isso lamento muitas vezes não ter ficado entre os selvagens nos quais como

[29] *Ibid*., tome 14, Livre VI, chapitre 9, § II, "Établissement des Français au Brésil. Voyage de Jean de Léry", 1757: 189.
[30] *Ibid*., tome 14, Livre VI, chapitre 9, § IV, "Description générale du Brésil", 1757: 265.
[31] *Ibid*., note 18: 309.

> amplamente demonstrei, observei mais franqueza do que em muitos patrícios nossos com rótulos de cristãos.[32]

A desumanidade do Índio brasileiro deve-se à sua prática do canibalismo, que suscita desde logo o horror do viajante do século XVI, assim como o do seu compilador no século XVIII. Mas, se as humanidades dos Índios e dos Franceses parecem ser tão distantes uma da outra, a desumanidade dos Católicos contra os Protestantes na noite de São Bartolomeu (24 de agosto de 1572) não é ainda pior que a dos Índios?

Assim, esta singular comparação entre as humanidades, em detrimento dos Europeus, que desqualifica Léry aos olhos de Prévost, faz justamente parte do charme da *L'histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* para Claude Lévi-Strauss. Em *Tristes Trópicos,* Claude Lévi-Strauss considera que não há solução de continuidade entre o olhar de Léry e o seu, pois eles não se cruzam com os mesmos Índios do Brasil:

> "[...] as sociedades que nós podemos hoje estudar – nas condições que seria ilusório comparar àquelas que prevaleciam há quatro séculos – já não são senão corpos débeis e formas mutiladas".[33]

O que o etnólogo inveja a Jean de Léry é a frescura do primeiro contacto com eles, de tal modo que, cada vez que evoca os Tupinambás, surge uma espécie de devaneio poético e nostálgico na sua escrita. As circunstâncias do encontro mudaram, mas Claude Lévi-Strauss parece querer ressuscitá-las, ou seja, recriar as condições de possibilidade de um encontro novo, mesmo sabendo que é

---

[32] Jean de Léry, *Histoire d'un voyage...*, *op. cit.*: 507-8. Citado par Prévost, *Histoire générale des voyages*, *op. cit.*, tome 14, Livre VI, chapitre 9, § II, "Établissement des Français au Brésil. Voyage de Jean de Léry", 1757: 196. Tradução brasileira de Sérgio Millet, *Viagem à Terra do Brasil,* São Paulo, Livraria Martins, 1941, cap. XXI: 228.

[33] Claude Lévi-Strauss, *Tristes Trópicos*, Oitava parte, "Tupi-Kawahib", capítulo 30, "De piroga", Lisboa, Edições 70, coleção Perspectivas do Homem, 1979: 387- 8.

impossível. Através da citação do texto de Léry, Lévi-Strauss tenta quase desesperadamente fazer coincidir a sua experiência com a do viajante do século XVI. Assim, interpelado para examinar uma peça de cerâmica "tupi" descoberta num local próximo dos lugares onde Léry havia estado, Lévi-Strauss evoca:

> [...] este lugar melancólico no qual possivelmente Léry matou o tempo da espera olhando para uma mão morena que formava, com uma espátula embebida em verniz preto, aqueles "mil pequenos requintes, como guilhochés, e outras curiosidades" cujo enigma tento hoje perscrutar no reverso dum caco gasto.[34]

Estes Índios de Léry pertencem a um mundo definitivamente perdido. Em Claude Lévi-Strauss esse sentimento de uma perda irremediável pelo contato com o mundo europeu, igualmente evocado pelo abade Prévost, não tem exatamente o sentido que lhe davam os homens do século XVIII. O etnólogo tira daí um sentimento de nostalgia desconhecido de Prévost. É a nostalgia do "choque" de um primeiro encontro, o "choque sentido pelos grandes autores" à cabeça dos quais Lévi-Strauss coloca Léry, antes de Staden e Thévet, os três que "puseram pé no território brasileiro".[35] "O que então viram, os nossos olhos nunca voltarão a aperceber".[36]

Mesmo que os Índios já não sejam o que eram, ainda é possível uma forma de comunhão com Jean de Léry, pois "as condições de viagem tinham-se mantido as mesmas".[37] A atualização literária do texto de Léry passa pelo relato da viagem em direção dos Índios Tupi Kawahib, no qual Lévi-Strauss se empenha, com uma minúcia que não é inocente, em demonstrar a filiação longínqua com os Tupi-

---

[34] Claude Lévi-Strauss, *op. cit.*, Terceira parte, "O Novo Mundo", Capítulo IX, "Guanabara": 78-9.
[35] *Ibidem*, capítulo XXX, "De piroga": 322.
[36] *Idem*.
[37] *Ibidem*, capítulo XXX: 322.

nambás de Léry.[38] A viagem pela floresta virgem é difícil, tão difícil, simbolicamente falando, quanto a travessia do Oceano Atlântico por Jean de Léry, que se surpreende frequentemente com o facto de estar separado dos abismos e dos turbilhões do mar apenas pelo fino casco de madeira do seu navio.[39] A floresta amazónica atualiza a distância marítima quase instransponível experienciada pelo viajante do século XVI para chegar à costa do Brasil. Em Claude Lévi-Strauss não é o mar que é hostil, ameaçador, mas sim a floresta:

> Retomámos essa marcha em que cada um procurava não perder de vista as costas daquele que o precede, convencido de que bastaria afastar-se alguns metros para que todo o ponto de referência desaparecesse e nenhum apelo fosse ouvido, pois um dos traços mais notáveis da floresta é o facto de ela parecer imersa num meio mais denso do que o ar: a luz apenas lá penetra esverdeada e enfraquecida e a voz não tem alcance.[40]

Lévi-Strauss dá ao leitor a ideia de que o ar que respira na floresta amazónica se torna quase líquido por ser tão denso. O viajante parece afogar-se num mar vegetal que cria nele "um sentimento de opressão dificilmente tolerável".[41]

[38] Claude Lévi-Strauss fá-lo no capítulo 31, "Robinson": "Há, portanto, muitas probabilidades de que esses índios sejam os últimos descendentes de grandes populações Tupi, do curso médio e inferior do Amazonas, elas próprias aparentadas com as da costa, conhecidas, no tempo do seu esplendor, pelos viajantes do século XVI e do século XVII [...]. Ser talvez o primeiro a penetrar numa aldeia Tupi, ainda intacta era juntar-me, recuando quatrocentos anos, a Léry [...]. Que tentação!": 331.

[39] Desde o capítulo II da sua *Viagem à Terra do Brasil*, Jean de Léry compõe, durante uma terrível tempestade, um poema sugerindo o pavor de estar separado do afogamento apenas pela espessura de "quatro a cinco dedos de madeira": "Louco portanto pode muito bem ser reputado aquele/que vai no mar sem em Deus confiar/pois só Deus é quem pode salvar-lhe a vida" de Léry, *Viagem à terra do Brasil*…, *op. cit*.: 53.

[40] Claude Lévi-Strauss, *op.cit.*, Oitava parte, "Tupi Kawahib", Capítulo XXXII, "Na floresta": 341.

[41] *Idem*.

Mas esta floresta impenetrável, tão perigosa quanto o oceano atravessado por Jean de Léry no século XVI, e cuja dimensão hostil poderia surgir como uma garantia da autenticidade dos Índios Tupi-Kawahib que oculta, revela-se ilusória. Lévi-Strauss suspeita que os Índios que encontra no coração da floresta tenham "resolvido abandonar definitivamente a sua aldeia para se juntarem à civilização".[42] Aqui já, mesmo antes de chegar ao seu destino, acaba a ilusão de uma semelhança com o percurso de Jean de Léry. No lugar das aldeias tubinambás transbordantes de vida, onde Jean de Léry nos conta não ter visto nem doentes de bócio, nem paralíticos entre dezenas de homens, de mulheres e de crianças radiosas de saúde, Lévi-Strauss encontra uma população reduzida a alguns indivíduos, dos quais alguns são doentes:

> Contavam-se ao todo seis mulheres, sete homens, entre os quais um adolescente, e três raparigas que pareciam ter um, dois e três anos. [...] Neste número havia, de resto, dois paralíticos dos membros inferiores: uma jovem mulher que se apoiava com a ajuda de dois paus e um homem, igualmente jovem, que se arrastava no solo como um estropiado.[43]

Todavia, apesar desta deceção, o relato de viagem de Léry continua a ser o "breviário do etnólogo"[44] Lévi-Strauss, visto que aí encontra as práticas que pôde observar nos Tupi Kawahib, tal como a preparação daquilo a que "os viajantes do século XVI" chamavam o "cauim", ou seja, beber até à embriaguez uma beberagem fabricada a partir de certas espécies de milho, cuja fermentação estava a cargo das "virgens da tribo: cuspir nelas [nas marmitas onde se preparava o líquido] uma abundante saliva para provocar a fermentação".[45] Tão "singular" quanto Léry, para utilizar os termos

[42] *Idem*.
[43] *Ibidem*: 342.
[44] *Ibidem*, capítulo 9, "Guanabara": 75.
[45] *Ibid*.: 345

do abade Prévost,[46] Lévi-Strauss deleita-se com o cauim – kahui, dizem os Tupi Kawahib[47] –, desta "bebida requintada, simultaneamente nutritiva e refrescante".[48]

Do mesmo modo, tal como Léry, de quem cita um parágrafo inteiro do seu relato de viagem, Lévi-Strauss constata que, durante a noite, o seu "cinto de couro tinha sido roído pelos grilos" – Léry chama-lhes "grillets" – e supreende-se com "uma associação estranha e exclusiva, muitas vezes secular, entre uma espécie de insectos e um agrupamento humano".[49] No capítulo seguinte de *Tristes Trópicos*, o 34, Lévi-Strauss cita novamente Léry sobre as denominações individuais nos Tupinambás, semelhantes às dos Tupi Kawahib ou ainda sobre as suas representações idênticas da homossexualidade.[50] Assim, para Claude Lévi-Strauss, *L'histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* é uma "obra-prima da literatura etnográfica"[51] onde, por um lado, encontra a confirmação do que pôde observar nos Tupi Kawahib em novembro de 1938 e, por outro, as provas da autenticidade do encontro de Jean de Léry com os Tupinambás, em 1557. Mas é com uma nostalgia latente em numerosas páginas de *Tristes Trópicos* que Claude Lévi-Strauss nos faz compreender que o mundo dos Índios tal como o observou Léry, apesar dos seus próprios esforços para discernir os vestígios através da busca de uma identidade comum, está definitivamente perdido.

Do relato de viagem de Jean de Léry emerge uma certa consideração pelos Índios do Brasil, como na antologia elaborada pelo abade Prévost. Apesar dos seus "erros", Prévost tem estima pelo viajante do século XVI, pois encontra nele argumentos para

[46] Prévost, por seu lado, considera que esta "operação é bastante repugnante". *Histoire générale des voyages*, *op. cit.*, Tomo 14, livro 6, nota 85: 269.
[47] Claude Lévi-Strauss, *Tristes Trópicos*, *op. cit.*: 345.
[48] *Idem*.
[49] *Ibidem*: 347.
[50] *Ibid.*: 422 e 427.
[51] *Ibid.*: 77.

alimentar o fio condutor da sua filosofia histórico-política. Sendo que a história dos relatos de viagem é a da conquista do mundo pela Europa, França deixou passar a sua oportunidade de possuir o Brasil por causa das guerras de religião que a abalaram no século XVI. Em contrapartida, Prévost não partilha o pessimismo de Léry, considerando-o simplesmente "singular". Para este homem das Luzes, apologista do progresso, os Índios do Brasil servem apenas para assinalar um compartimento de uma grelha de leitura dos diferentes estados da humanidade. Como dizia Diderot a propósito de Hobbes e de Rousseau, que discordavam sobre a natureza boa ou má do homem: "Outros tempos, outra filosofia". Mas, acontece que o ciclo do tempo se feche e acabe por reunir, com quatro séculos de intervalo – numa interrogação comum sobre o seu próprio mundo, surgida da atualidade do seu encontro com os Índios brasileiros – um sapateiro-viajante, Jean de Léry, e um etnólogo "com solas de vento", Claude Lévi-Strauss.

O Brasil no olhar dos viajantes franceses no século XIX

Maria Elizabeth Chaves de Mello
UFF/CNPq

Poderíamos dizer que a literatura de viagens não é literatura? Por que a descoberta do Outro provoca, ao mesmo tempo, repulsa, arrogância, preconceitos, deliciosos encontros, diabolizações, solidariedade?

François Moureau[1] considera que o mundo é um teatro, com uma multiplicidade de cenas, cujos atores se ignoram. Os olhares fazem do Outro o seu próprio espetáculo. No entanto, há vários escritos de viagem que correspondem exatamente à função a que se propõe. O grau zero da escrita de viagem é próprio dos "itinerários" e dos "diários de bordo". De um lado, uma lista de lugares, preenchida com números indicando distâncias, tarifas de correios ou de albergues; do outro lado, um relato sério, controlado e pontual, com informações técnicas, às quais acrescentam-se narrativas secas dos acidentes de viagem: a literatura e o prazer do texto estão fora de cogitação nessas páginas frias e pobres de estilo. O gosto pela viagem desaparece do texto. Em compensação, o autor que viaja, poeta ou romancista, é consciente de não ser um mero viajante, o que ter, às vezes, excelentes resultados, embora, às vezes, a equação eu e o Parthénon, ou minhas meditações sobre as Pirâmides etc., pode não agradar: literatura em excesso pode destruir a literatura.

É interessante observar o momento em que a escrita de viagem torna-se, conscientemente, literatura. Na França, é a partir da

[1] Moureau, François. *Le théâtre des voyages.* Paris: PUF, 2005.

segunda metade do século XIX que a literatura de viagem passa a ser considerada como um gênero, tornando-se objeto de antologias e poemas, sinal de existência autônoma e reconhecida. *L'Histoire générale des voyages,* do abbé Prévost, surge por volta de 1746 (originalmente, uma mera tradução do modelo inglês de Astley). Dois anos depois, é publicada a primeira edição de *Voyage de Paris à Saint-Cloud par mer et retour de Saint-Cloud à Paris par terre* de Louis-Balthazar Néel, uma paródia de todos os clichês da literatura de viagens adaptada a uma volta pelos subúrbios parisienses. Desde então, dois tipos de relatos vão se desenvolver: o que continua a tradição das viagens científicas, adaptando-a a seu novo objeto, e o que vai aos poucos se tornando uma escrita particular, subjetiva, de viagem. As viagens marítimas são numerosas nas livrarias parisienses dos anos 1770: Byron, Wallis, Cook, Bougainville, Kerguelen, onde só se encontram terras longínquas, navegações ao acaso e descobertas que têm os autores como protagonistas. A literatura não importa nessas obras, embora os navegadores recorram, frequentemente, a escritores profissionais, para que seus textos sejam bem acolhidos.

Há muito material para reflexão nesse gosto pelo Outro, na França pré-revolucionária. O exotismo associa-se ao *au mal de vivre*, mas a escrita pessoal da viagem relaciona-se a um pacto autobiográfico, no qual Rousseau representa um papel muito importante. Ela não fala necessariamente de terras longínquas, e tem mais a ver com prazer do que com descrição. Recria-se o mundo em miniatura nos jardins para curti-lo no cotidiano, o "espetáculo" (ou as "cenas", como dirá, mais tarde, Ferdinand Denis) da natureza torna-se o espelho da alma e o grau zero da sensibilidade. Para as angústias dos espíritos atormentados, é oferecido o repouso da alma, pela recriação de paisagens e perspectivas: miniaturas magníficas nos parques de residências principescas, ruínas artificiais nos recantos mais recuados da Europa central. A Inglaterra é invadida pela China e seus jardins, por um estilo conhecido como "anglo-chinês", misturando

os dois países e permitindo que se viaje sem sair de casa, o que é o cúmulo do conforto. Esses "pagodes" são construídos, na França, em parques que recusam a ordem e as regras do modelo de Versailles. No Petit Trianon, a rainha Marie-Antoinette, cansada das intrigas da corte, brinca de fazendeira em um cenário fictício, que faz lembrar as paisagens de Boucher ou de Watelet: um exotismo proibido aos príncipes, e que transpõe para o bucolismo uma realidade cotidiana para os seus súditos. Mas esse desejo de "vagabundagem" não atinge apenas príncipes e ministros. Nos anos que antecedem a Revolução Francesa, vive-se, na Europa, uma emergência da cultura do eu, de um egocentrismo que coloca o homem no centro de um mundo complexo de sequências e imagens carregadas de emoções.

A literatura de viagens, portanto, distingue-se do simples relato. É o "relator", e não mais seu objeto, que se torna o centro do texto. A paisagem substitui o espírito topográfico e/ou científico. O escritor viajante surge desse processo de apropriação do eu, que se reflete na escrita. Atribui-se frequentemente a Rousseau e a *La Nouvelle Héloïse* (1761) a descoberta da poesia da montanha, e, com certeza, os autores suíços foram de grande importância. No entanto, no *Discours sur l'origine de l'inégalité*, Rousseau só levava a sério quatro tipos de viajantes: os marinheiros, mercadores, soldados e os missionários. Bougainville responde ao *philosophe*, no seu texto *Voyage autour du monde*, recusando a classificação acima e afirmando a dignidade da observação direta, ao mesmo tempo em que nega o caráter ficcional da sua narrativa.

> Sou viajante e marinheiro, ou seja, um mentiroso e imbecil, aos olhos dessa classe de escritores preguiçosos e arrogantes que, nas sombras de seus escritórios, filosofam até cansar sobre o mundo e seus habitantes, submetendo imperiosamente a natureza às suas imaginações. Comportamento bem estranho, inconcebível em pessoas que, não tendo observado nada por si mesmas, só escrevem e dogmatizam a partir de observações tomadas de em-

> préstimo a esses mesmos viajantes a quem recusam a faculdade de ver e pensar.[2]

Recusando a ficção e a participação do imaginário em seus escritos, Bougainville oferece-nos um elemento rico de questionamento da função dos relatos de viagem. Na verdade, podemos afirmar que, desde Marco Polo, os textos dos viajantes são impregnados do imaginário, o que torna os leitores bem incrédulos. Mas, embora a literatura de viagem não tenha o mesmo prestígio do que os gêneros mais bem aceitos, é uma literatura que nos traz muitos elementos de reflexão sobre o papel do imaginário, desde o Renascimento até o período contemporâneo.

Nosso trabalho trata das reflexões suscitadas pelas narrativas de viagem de franceses que vieram ao Brasil desde as "grandes descobertas", por inúmeras razões, deixando suas marcas e encenando o encontro do mesmo com o outro, de que fala François Moureau. De fato, no século XVI, os projetos de "França Equinocial", "França Antártica", a fascinação pelo pau-brasil e pelos costumes indígenas, que se pode encontrar nos textos de Thévet e de Léry, fazem do Brasil a terra do "mundo pelo avesso". Montaigne se inspira com isso, para escrever algumas de suas páginas mais importantes sobre o homem natural, recusando o epíteto de "selvagens" aos habitantes do Brasil e da América em geral, afirmando sua superioridade sobre o europeu, supostamente "civilizado". No século seguinte, a França desvia o olhar para mais ao norte, para a Guiana, a Flórida e a l'Europe Nouvelle-France.

O Brasil só vai retomar seu lugar no imaginário francês durante o século das *lumières,* quando os franceses se lançam em aventuras de viagens, sob os pretextos mais diversos, entre os quais,

---

[2] Bougainville, Louis-Antoine *Voyage autour du monde*. Paris: La Découverte, 2006: 19

para difundirem e divulgarem as ideias dos *philosophes*. O Brasil será um dos lugares preferidos para essa encenação. Para refletir sobre o que isso possa representar na formação do país enquanto nação e, principalmente, em termos de uma literatura que se pretende nacional, escolhemos dois viajantes, La Condamine, no século XVIII, e Francis de Castelnau, no XIX. Seus textos nos fornecem elementos de reflexão sobre as consequências desse olhar francês sobre a nossa cultura, responsável, em grande parte, pela visão que os brasileiros fazem de si mesmos, até hoje.

No século XVIII, os viajantes franceses no Brasil leem e são influenciados, em suas narrativas, tanto pelos escritos de seus predecessores renascentistas (Léry e Thévet), quanto pelas teorias das *lumières*. Frank Lestringant afirma, a esse respeito: "O olhar do outro permite estabelecer uma distância crítica. Autoriza um distanciamento irônico: o familiar torna-se, de repente, estranho, o costume sacrossanto se descobre absurdo ou escandaloso".[3]

Essa estratégia do olhar do outro já fora empregada no século XVI por Montaigne e, mais tarde, por Montesquieu, em *Les Lettres Persanes*. Ela corresponde ao que Roger Caillois chama de "revolução sociológica" e será também adotada, no século XVIII, por Denis Diderot, sobre a obra *Voyage autour du monde*, de Bougainville, uma obra que nos interessa, sobretudo, por essa discussão do cruzamento de olhares. A descrição que faz Bougainville da população Tahiti, muito impregnada das ideias sobre o *bon sauvage*, inspirou Diderot a escrever *Le Supplément au voyage de Bougainville*, uma obra cujo gênero poderia ser classificado entre o ensaio ficcional e a paródia, numa crítica da nova paixão francesa pelas viagens, cheia de reflexões importantes sobre a questão do outro, da relação entre o homem e a natureza, da superioridade do homem natural sobre a cultura, muito características do Iluminismo:

[3] Lestringant, Frank: *Le Brésil de Montaigne – Le Nouveau Monde des Essais*. Paris: Chandeigne, 2005: 18-19.

Tanto quanto posso julgar a partir de uma leitura superficial, realçaria três pontos principais: um melhor conhecimento de nosso velho domicílio e seus habitantes; mais segurança sobre os mares que ele percorreu com a sonda na mão, e mais correção nos nossos mapas geográficos. Bougainville partiu com as luzes necessárias e as qualidades próprias para o que se propunha: filosofia, coragem, veracidade; um olhar pronto que percebe as coisas e abrevia o tempo de observações; circunspecção, paciência; desejo de ver, esclarecer, instruir...[4]

Constatamos, então, que a viagem, no século XVIII, segundo Diderot, seria uma ocasião privilegiada de ensinar e praticar as ideias do iluminismo, ao mesmo tempo que o viajante aumentasse seus conhecimentos do mundo... Mas Diderot vai mais longe em suas reflexões: ousa mesmo, através desse texto parodístico, criticar o colonialismo, como verificamos na passagem do ancião taitiano, em que o autor dá a palavra a um personagem muito lúcido, que lembra, curiosamente, o "Velho do Restelo" de Camões, embora muito influenciado pelas teorias do *bon sauvage,* assim como por leituras de Montaigne no *Discours sur l'inégalité*:

> [...] somos inocentes, somos felizes; e você só pode prejudicar nossa felicidade. Nós obedecemos ao puro instinto da natureza; e você tentou apagar de nossas almas o seu caráter; você nos ensinou não sei que distinção entre o *seu* e o *meu*... Este país é seu! E por que? Porque você pisou aqui? Se um taiciano desembarcasse um dia nas suas praias, e gravasse em uma de suas pedras ou em uma de suas árvores: *Este país pertence aos habitantes do Tahiti*, o que você acharia? Você é o mais forte! E daí?[5]

Só este texto já nos fornece muitos elementos de discussão sobre a visão idealizada do *bon sauvage*, livre, inocente, sem noção

[4] Diderot, Denis: *Supplément au voyage de Bougainville.* Paris: Garnier-Flammarion, 1972: 142

[5] Idem: 148

de propriedade, vítima do europeu, que lhe traz todas as infelicidades e vai, com certeza, segundo Diderot, corrompê-lo com a civilização.

No entanto, no Brasil, Bougainville, embora encantado com a beleza da baía do Rio de Janeiro, não permanece muito tempo, pois não consegue convencer as autoridades portuguesas das boas intenções de sua viagem científica. É com um outro cientista, Charles-Marie de la Condamine, que o Brasil reaparece na geografia mítica dos franceses. Ele atravessa a região amazônica, partindo da costa do Pacífico e do Peru, até a Guiana, e escreve o texto *Relation abrégée d'un voyage à l'intérieur de l'Amérique Méridionale. Depuis la côte de la mer du Sud, jusqu'aux côtes du Brésil et de la Guiane, en descendant la rivière des Amazones, lue à l'assemblée publique de l'Académie des sciences, le 28 avril 1745*. Seu relato contém muitos elementos que interessam a nossas pesquisas sobre o diálogo França/Brasil. Em abril de 1735, La Condamine é encarregado pela *Académie des sciences* de organizar uma expedição ao Peru, para fazer observações astronômicas e medir um meridiano perto do Equador. Desce o rio Amazonas (é o primeiro cientista a fazê-lo) e chega até Caiena. Em relação à ciência, esta viagem permite a primeira descrição do quinino, assim como a descoberta da borracha e do curare. Na volta a Paris, La Condamine leva muitos objetos preciosos para as ciências e a história natural. E oferece-nos várias ocasiões de reflexão, principalmente a partir do seu encontro com os índios, de cuja descrição citamos um trecho:

> Penso reconhecer em todos um mesmo traço de personalidade. A base dele é a insensibilidade. Deixo que decidam se devemos honrá-la com o nome de apatia, ou aviltá-la com o de estupidez. Ela nasce, provavelmente, do pequeno número de suas ideias, que não vão além de suas necessidades. Glutões até a voracidade, quando têm com o que se satisfazer; sóbrios, quando a necessidade a isso os obriga, até ficarem sem nada, sem parecer nada desejarem; pusilânimes e poltrões em excesso, se a embriaguez

> não os transporta; inimigos do trabalho, indiferentes a toda noção de glória, honra, ou reconhecimento, ocupados exclusivamente com o presente e sempre determinados por ele; sem preocupação com o futuro; incapazes de previsão, nem de reflexão; entregues, quando nada os perturba, a uma alegria pueril, que se manifesta por saltos e gargalhadas imoderadas, sem objetivo, nem fim; passam a vida sem pensar e envelhecem sem sair da infância, da qual conservam todos os defeitos.[6]

Muito afastado de Diderot, este texto nos remete às ideias de Montesquieu e de Buffon, sobre o efeito do clima nos habitantes de regiões quentes. Os selvagens brasileiros habitam lugares quentes, com tudo o que isso significa nas teorias dos dois autores. Sem interesse pelo futuro, sem consciência de nada, ao mesmo tempo estúpidos e apáticos. Muito próximos, aliás, da imagem que fazem de si mesmos muitos brasileiros, ao longo da história do país, até hoje. No sentido do espírito de Macunaíma, por exemplo. Mas, enquanto verdadeiro leitor e herdeiro das ideias dos *philosophes,*

La Condamine se interessa também pela questão dos escravos, e pela mistura de raças, pelos costumes de cidades e aldeia, em que se hospeda por alguns dias, e apresenta, de maneira notável, várias cenas do Brasil do século XVIII, cuja natureza o fascina e seduz:

> Um novo mundo, afastado de todo convívio humano, em um mar de água doce, no meio de um labirinto de lagos, rios e canais, que atravessam em todos os sentidos uma floresta imensa, só acessível através deles. Eu encontrava novas plantas, novos animais, novos homens.[7]

---

[6] La Condamine, Charles-Marie de: *Relation abrégée d'un voyage à l'intérieur de l'Amérique Méridionale. Depuis la côte de la mer du Sud, jusqu'aux côtes du Brésil et de la Guiane, en descendant la rivière des Amazones, lue à l'assemblée publique de l'Académie des sciences, le 28 avril 1745* (1745). Paris: vve. Pissot, Quai de Conti, à la Croix d'Or, 1745: 51-3

[7] *Ibidem*: 47

Enfim, onde tudo é novo, pronto para a renovação do homem ensinada pelos *philosophes,* um lugar ideal para ser um laboratório de pesquisas sobre o *bon sauvage*, sobre a natureza boa, em oposição à civilização corruptora do homem... Comparando os textos citados, percebemos a ambiguidade do olhar francês sobre o outro, no século XVIII, apresentando-o, ora como habitantes de lugares paradisíacos, inocentes, puros; ora como vítimas da preguiça e da crueldade... Essa visão ambígua tem duas origens: a primeira seria a imagem do Jardim do Éden, lançada sobre o Brasil desde a chegada dos franceses – o lugar da eterna primavera, com um clima estável, habitado pelo *bon sauvage*. A segunda causa seria a necessidade de legitimar a expansão colonial europeia, para que as *luzes* se divulgassem. Um mundo novo, em que as ideias dos *philosophes* pudessem ser divulgadas, junto a povos para quem a velha Europa era desconhecida...

Há, portanto, uma tensão entre a imagem negativa do homem e natureza americanos e a imagem positiva que lhe emprestam Montaigne, Rousseau e Diderot, para quem a natureza seria essencialmente boa, não corrompida, onde vive o *bon sauvage*, vigoroso, simples e generoso, ignorando a corrupção da civilização, feliz por obedecer à natureza. Essa ambiguidade, ou paradoxo, persiste no século XIX, como constatamos nos textos de Francis de Castelnau, um naturalista que percorre o Brasil de 1843 a 1847. O relato dessa viagem, *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para - exécutée par ordre du gouvernement français, pendant les années 1843 à 1847, sous la direction de Francis de Castelnau*, contém seis volumes, na edição consultada. O viajante conhece uma grande parte do Brasil, descreve sua população, costumes e hábitos, assim como a relação com os índios e escravos, a condição feminina, a cidade e o campo, a presença europeia no país, o imperador, a aristocracia urbana e rural etc. Seus escritos fascinam e interessam, principalmente porque

trazem elementos de reflexão teórica. Seu entusiasmo e curiosidade pelo Brasil se manifestam de mil maneiras:

> Poucos lugares se apresentam à imaginação com tanto prestígio quanto a América do Sul; enquanto a parte setentrional desse continente transforma todo dia seu caráter primitivo, substituindo-o pelas maravilhas da indústria moderna, a parte Sul, ao contrário, conserva ainda hoje o selo da natureza virgem: aí, nada de estradas de ferro nem canais, muitas vezes nenhuma estrada, mas, em toda parte, admiráveis florestas virgens, rios de extensão infinita, montanhas cujos cumes gelados se perdem acima das nuvens, nações selvagens para as quais até o nome da Europa é desconhecido.[8]

Esse texto interessa-nos, inicialmente, pela presença da natureza virgem, propícia ao desencadeamento do imaginário do viajante, que, muitas vezes, lamenta o fato de não ser pintor, para poder bem representar as cenas que vê... Notamos a presença forte da ambiguidade do discurso sobre o brasileiro, visto ao mesmo tempo como selvagem, antropófago, mau, doce, gentil, submetendo-se facilmente ao homem branco. Em Castelnau, a América do Sul seria mais interessante do que a América do Norte, porque ela permanece mais próxima da natureza virgem, mais facilmente propícia a se tornar um laboratório de experiências sobre questões da oposição entre a natureza e a cultura, o *bon sauvage*, e, assim, oferecendo mais condições de trabalho ao imaginário.

Homem de seu tempo, embora conservando traços dos *philosophes*, Castelnau se deixa seduzir pela paisagem tropical e oferece várias ocasiões de repensar o romantismo, nos inúmeros momentos em que descreve a natureza brasileira. Nessas ocasiões,

---

[8] Castelnau, Francis de. *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para - exécutée par ordre du gouvernement français, pendant les années 1843 à 1847, sous la direction de Francis de Castelnau.* Paris: Chez P. Bertrand, Libraire-Editeur, 1850. 6 vv., v.1: 42.

ele recorre, muitas vezes, ao diário do seu companheiro de viagem Weddell, cuja veia mais lírica permite-lhe copiar trechos, como o que se segue:

> ...no momento em que eu passava acima do lugar em que uma parte da baía do Rio de Janeiro penetra em um estreito canal no meio de montanhas, e recebe o nome de Saco de Jurujuba, encontrei-me, de repente, diante de um espetáculo tão admirável, que qualquer outro objeto apagou-se de minha imaginação e meus olhos ficaram fascinados, sem que eu pudesse desviá-los do quadro mágico que se desvendava diante de mim. Como o tempo efetivamente se cobrira, após o pôr do sol, uma bruma ligeira escondia os contornos das montanhas; a superfície cinza e mate das águas que se desdobrava a seus pés estava em tão perfeito equilíbrio, as grandes formas esbranquiçadas e esgarçadas dos rochedos que saíam do seu seio se destacavam tanto na claridade sobre o fundo sombrio do céu, que eu quase acreditaria que havia sido transportado entre os gelos dos polos, não fosse o grito que lançava, de tempos em tempos, o talo suculento de alguma planta tropical, esmagada pelos dentes de meu cavalo despreocupado.[9]

E o viajante lamenta, mais uma vez, o fato de não ser pintor, para poder representar toda essa beleza, pois as palavras não dão conta das maravilhas da natureza. Castelnau desenha o que vê, muitas vezes, esperando que as imagens possam mostrar a seu leitor o que ele não consegue transmitir pela linguagem verbal. Haveria muito a dizer sobre essa questão de representação através das palavras e da imagem, tanto do ponto de vista da semiótica, quanto do ponto de vista da teoria da literatura. Limitamo-nos a evidenciar, aqui, o caráter romântico desse trecho, em que os dois autores (Weddel, cujo texto do diário é citado dentro do livro de Castelnau) mostram-se bem conscientes do trabalho do imaginário diante do real, de maneira que se possa criar gelo do polo a partir de uma paisagem tropical. Essa relação entre realidade e ficção atravessa

[9] Weddel, in *Ibidem*: 112-113.

todo o texto de Castelnau, sempre em uma linguagem bem cuidada, que nos leva a afirmar que se trata de um texto literário, mesmo se o gênero relato de viagem não seja, muitas vezes, considerado como tal. Encontramos aí também muitas informações sobre os costumes e a vida quotidiana no Brasil, tanto na cidade, quanto no campo.

No Rio, como representante da velha aristocracia francesa (afinal, ele é conde), Castelnau é recebido nos meios mais sofisticados da alta nobreza brasileira e portuguesa, como vemos nessa passagem curiosa:

> O dia 3 de setembro de 1843 foi memorável, na corte do Rio: Sua Majestade dom Pedro II desposou uma princesa napolitana. Desde o nascer do dia, as numerosas ruas pelas quais o cortejo deveria passar estavam cobertas de tapetes, bandeiras e guirlandas formadas de rosas e folhas de mangueira, e, no porto, via-se um pavilhão bem elegante, tendo, de cada lado, um vasto anfiteatro repleto de mulheres, em trajes de festa. O cortejo era imenso e tudo lembrava a alegria e o afeto dos brasileiros por seu soberano. A nossa comissão científica estava na capela imperial, onde conseguiu ter, facilmente, uma vista magnífica. Muitas festas ocorreram nos dias que se seguiram, tanto na corte, quanto em várias residências particulares.
>
> [...] Assistíamos também regularmente aos belos bailes do Catete e dos Estrangeiros, que acontecem todo mês. Embora as mulheres brasileiras não possuam, em geral, nada demais, em termos de beleza, vimos, no entanto, algumas bem bonitas.[10]

Essa passagem, como muitas outras, referindo-se aos fatos históricos, à pintura dos costumes, à vida quotidiana da cidade do Rio de Janeiro, podem ser consideradas como verdadeiras crônicas dessa época, no Brasil. Lembram trechos das *Memórias de um Sargento de Milícias*, com muitas histórias pitorescas e descrições dos hábitos do povo, dos índios, dos escravos, assim como das classes mais favo-

[10] *Ibidem*: 121.

recidas. Empregamos a palavra crônica de propósito, considerando o lugar do imaginário que esse gênero representa, necessariamente, situado que é entre a memória e o esquecimento. Castelnau assume inteiramente o papel do imaginário, da memória e do esquecimento nos seus textos, ao contrário da maioria dos autores viajantes, que, como pudemos constatar, recusam o caráter ficcional de suas narrativas, que eles consideram como simples "documentos". Essa recusa da ficção deve-se ao fato de que, nos séculos XVIII e XIX, as ciências ganham um prestígio imenso na Europa, o que torna as *belles lettres* um refúgio um pouco vergonhoso da subjetividade. Aliás, a ficção passa a só se justificar pela História, o que explica os romances históricos, por exemplo. Aparentemente bem consciente disso, Castelnau vai na contramão do seu tempo, deixando-nos um texto bem curioso e rico de elementos que possam interessar aos pesquisadores de teoria e história da literatura. Tentar estudar a função do fictício e do imaginário nessas obras pode ser uma fonte inesgotável de reflexão teórica.

Mas o entusiasmo pelo Brasil não é compartilhado por todos os viajantes. Encontramos os textos de Jean-Charles Marie Expilly, escritor francês imigrante, que se tornou fabricante de fósforos no Rio de Janeiro e que, embora apresente um certo entusiasmo pela paisagem e natureza brasileiras, critica muito mais os costumes do país, cuja sociedade, segundo ele, é degradada pela prática da escravidão. Expilly representa a mesma sociedade descrita por Castelnau, mas sob um ângulo muito mais crítico e amargo.

Homem de seu século, embora conserve traços dos *philosophes*, o autor se deixa, inicialmente, seduzir pela paisagem tropical: "Quando entramos na baía,[11] após os sofrimentos e privações de uma longa travessia, ficamos emocionados pelo esplendor do panorama que se desvenda diante dos nossos olhos."

[11] Atual Baía de Guanabara.

Logo em seguida, ele fica perplexo diante da feiura da arquitetura e da sujeira da cidade:

> [...] A magnificência da paisagem, no entanto, perde um pouco de suas proporções, diante do aspecto da cidade. Esse amontoado de sinos dourados, de torres, telhados, abóbodas sem caráter sério, atrai, sim, mas não encanta o olhar...
>
> [...] E, primeiramente, o que foi feito daquelas lindas flores permeando a areia da cidade, que marcam certos relatos entusiasmados? Talvez tenham sido devoradas pela febre amarela...[12]

Na verdade, Expilly ficará muito mais impressionado com os costumes da sociedade brasileira, com seus preconceitos raciais e sociais, a corrupção, a preguiça das elites, os abusos do clero, dos funcionários públicos, a exploração dos escravos. E termina por constatar que todos os males do Brasil provêm da escravidão dos negros.

Não é só os costumes brasileiros (preciso repetir?) que julgamos. Esses costumes são apenas as consequências fatais de uma abominável instituição.

Sim: como a escravidão é a consagração legal de todos os erros, superstições, preconceitos, ignomínias, de todos os crimes provocados pela ignorância, cremos sermos capazes de lançar contra ela o grito de guerra do velho Arouet:[13] ESMAGUEMOS A INFAME! [14]

E é nessa luta para esmagar a infame escravidão que Charles Expilly se engaja, nos dois livros que escreveu sobre o Brasil: *Le Brésil tel qu´il est* e *Les femmes et les moeurs du Brésil*. Essas duas obras sobre o Brasil são dedicadas a denunciar a condição da mulher, e, principalmente, o sistema da escravidão no Brasil, naquele momento.

Mas ele também se interessa pela questão indígena e dá a palavra a um cacife, Tio Barrigudo:

---

[12] Expilly, Charles: *Le Brésil tel qu´*il est. https://archive.org/details/lebrsiltelquil00expi- Referência às descrições de Ferdinand Denis.

[13] Anagrama de Voltaire.

[14] Idem.

> Então, é por humanidade, não é? que os caras pálidas invadem nossa solidão, arrancando pela violência a herança de nossos pais? É ainda por humanidade que eles nos empurram para o fundo do deserto e nos massacram, se tentarmos defender nossos territórios de caça, nossas famílias e independência?[15]

Quanto às mulheres, sua condição, tanto quanto a dos negros, torna-se objeto das críticas mais severas. Ele as considera todas como escravas, pois não podem sair sozinhas na rua, a menos que seja para a missa ou as procissões, permanecendo quase sempre no interior da casa, com as escravas, que, por sua vez, são amantes e têm filhos com os senhores.

Esses textos, sobre quase todos os aspectos e temas da sociedade brasileira, encerram críticas muito duras ao sistema e aos fatos históricos, à pintora de costumes, à vida quotidiana brasileira. Mas principalmente à escravidão e a suas estratégias e métodos cruéis. Seus dois livros escandalizaram leitores brasileiros da época, habituados a só lerem elogios à natureza e à paisagem de seu país. A recepção das obras foi muito ruim aqui, tendo os dois livros ficado mais ou menos ignorados. No entanto, como foi dito, eles podem ser considerados crônicas, muitas vezes deliciosas, do século XIX.

Lendo todos esses viajantes e muitos outros, constatamos que o país é, desde muito tempo, um mito ambíguo para os franceses, servindo, ao mesmo tempo, de crítica à moral da civilização, pelo simples fato de oferecer o espetáculo da superioridade do homem natural. Mas, ao mesmo tempo, o mito de um novo mundo, um lugar paradisíaco e primitivo, que deve ser civilizado. Mito que será responsável por vários elementos constitutivos da identidade nacional, que se formava na época, construída pelo olhar de viajantes estrangeiros, onde o imaginário encontrou o seu lugar...

---

[15] _____: *Les femmes et les moeurs du Br*ésil. http://www.youscribe.com/catalogue/livres/savoirs/sciences-humaines-et-sociales/les-femmes-et-les-moeurs-du-bresil-2850115

O papel da mulher na sociedade escravagista brasileira do século XIX através da visão de viajantes franceses

Andrea Reis da Costa

A compreensão do papel das mulheres ao longo dos séculos, em diferentes civilizações, suscita questões não pouco complexas, que demandam, ainda hoje, um diligente e contínuo trabalho de pesquisa reflexão. A literatura de viagem constitui uma notável fonte de dados que podem contribuir para lançar luz sobre um tema realmente nebuloso: a *condição feminina* nas diversas sociedades humanas, em diferentes níveis, tais como a economia, a política, a religião e as artes.

Pensar sobre a vida e sobre o dia-a-dia das mulheres brasileiras do século XIX é uma empreitada que exige não pouca acuidade. Ainda que muitos pesquisadores e eruditos tenham devotado seus esforços para chegarem a uma visão da mulher dentro daquele espaço social, resta ainda um longo caminho a ser percorrido, já que o papel masculino no processo de constituição das sociedades, demonstrado por registros históricos ou literários, sempre privilegiaram o homem como seu principal protagonista. Em vista disso, as mulheres foram despojadas de sua voz e excluídas não apenas da construção desta sociedade como também da reflexão sobre sua própria condição e história.

Os viajantes franceses, com bastante frequência, tomaram para si a tarefa de expor um panorama da condição feminina no Brasil do Século XIX. Seus testemunhos apresentam situações extremamente contrastantes, que variam de acordo com a região visitada,

a etnia e a posição social destas mulheres. Não poucas vezes, eles apresentam circunstâncias duras e penosas, tais como miséria, violência, reclusão, sujeição, ausência de instrução e abandono à inércia. Estas narrativas confirmam que seu silêncio e exclusão eram fatos habituais. Nesta sociedade escravagista e majoritariamente rural, as tramas da vida pública e política eram tecidas por proprietários de terras enquanto as mulheres eram confinadas ao espaço do lar e do quintal da casa.

Neste ensaio, propomos uma incursão na narração de três diferentes viajantes franceses que têm, cada um à sua maneira, abordado a questão da mulher: o naturalista Francis de Castelnau, vindo às terras brasileiras em missão científica, o escritor e vendedor de fósforos Charles Expilly e Adèle Toussaint-Samson, uma das raras mulheres a publicar uma narrativa de viagem no século XIX. Como estrangeiros estes escritores-viajantes revelam, muito frequentemente, uma percepção mais aguda que aquela dos habitantes nativos, no que diz respeito aos acontecimentos, às situações e às relações sociais. Para o estrangeiro, o afastamento originado pelas diferenças culturais e, consequentemente, a comparação que eram capazes de fazer entre a sua cultura de origem e aquela que vivenciavam em terra estranha lhes oferecia um posto privilegiado de observadores.

Após o recrudescimento das expedições de caráter científico depois do século XVIII, as razões para se aventurar por terras desconhecidas são inúmeras: colonização, guerras, evangelização, estudos, descobertas, comércio e emigração, entre outros. A Europa era então agente de um movimento de expansão e de integração do Novo Mundo. A chegada de viajantes e exploradores franceses ao Brasil durante o século XIX se deu dentro deste quadro de descoberta e de percepção do mundo no qual o conceito de *civilização* foi forjado, em oposição a uma ideia de *natureza selvagem*. A partir deste ponto de vista, as descrições tais como as observações sobre uma região, seus habitantes e sua população autóctone mantinham sempre a

perspectiva da comparação com a Europa. As diversas experiências narradas pelos escritores-viajantes nos revelam este encontro com a alteridade, vista e interpretada através de uma concepção de civilização entremeada a uma ideia de "progresso da humanidade". Tendo em vista esse fato, é necessário levar em conta que, quando se lê o texto de um viajante, seus relatos não nos falam apenas dos lugares e povos visitados, mas, sobretudo, daquele que os descreve. Revelam-nos a forma como estes escritores percebem, absorvem e apreendem suas experiências segundo a influência de suas próprias ideias e cosmovisão. Isto significa que, para lermos os escritos dos viajantes é requerido dos leitores que levem em consideração um sem número de dados que se revelam de particular importância tais como a origem e o meio social do viajante, sua formação, o ambiente onde ele circula no país visitado e, finalmente, onde e porque ele publica sua narrativa. A historiadora Maria Helena Toledo Machado nos leva a observar que a narrativa de viagem é, primeiramente, a expressão de um encontro particular entre o estrangeiro e o país visitado (Santos, 2013). É o diálogo assimétrico entre um europeu portador de uma educação formal superior, muitas vezes impregnado de inúmeros preconceitos originados nas concepções de raça – muito em voga nesse período –, e os habitantes locais, apresentados através dessa interpretação pré-estabelecida.

Em alguns casos, os próprios escritores-viajantes não ignoram a influência exercida pelo meio de circulação, pelo propósito do seu texto e pelo público ao qual ele dirige sua narrativa. É Expilly quem nos revela, no seu esforço em defender a confiabilidade do seu primeiro texto sobre o tempo vivido no ambiente da corte do Império no Brasil: *Le Brésil Tel qu'il est*.

> Os leitores de boa vontade, a quem me dirijo, começam agora a compreender o valor exato do título deste livro. Não sou nem um príncipe entediado, em busca de distrações longínquas; nem um turista milionário que tem, em lugar de uma paixão por

> dançarinas, a paixão pelas viagens; tampouco um naturalista pensionado pelo seu governo para sair à caça de colibris; nem, muito menos, um escritor interessado, seja em agradar à diplomacia do Império, seja em colaborar com os incentivadores da emigração (Expilly, 1862: 10).

O trecho destacado acima manifesta que o autor reconhece que certos elementos - neste caso, o ambiente frequentado pelo viajante no país visitado – exercem uma ação sobre a construção do discurso, definindo a visão com a qual o escritor-viajante interpreta e apresenta os lugares, as pessoas e os aspectos por ele descritos, de acordo com as diferentes sensações experimentadas a partir de vivências diversas, em circunstâncias distintas. Charles Expilly tenta, contudo, persuadir seus leitores da credibilidade de sua narração, colocando-se na posição de um observador isento de toda e qualquer influência capaz de fazê-lo cair nas ciladas por ele mesmo salientadas. Segundo ele, seu ofício e sua vida entre os brasileiros o colocam numa situação privilegiada que o torna qualificado para discernir e analisar diferentes temas, o que não acontece com outros viajantes, que se deslocam regularmente em carruagens ou em liteiras, frequentam apenas pessoas distintas e amáveis, moram nos melhores apartamentos, comem pratos requintados e bebem dos mais finos vinhos. Expilly afirma não ter sido essa a sua experiência: ele conheceu as verdadeiras condições de existência no Brasil. Ele experimentou o "terrível calor que chuva alguma consegue acalmar", ele sofreu "a ignorância abjeta das massas" e "o orgulho desmesurado dos brancos", ele testemunhou os "costumes pouco evangélicos do clero" (Expilly, 1862: 6) e os efeitos desastrosos da escravidão.

Nascido em Salon, Bûches de Rhône, na França, Jean Charles de Marie Expilly é filho de uma família de magistrados. Escritor e jornalista, colaborou com revistas literárias e, antes de deixar sua pátria, em 1852, publicou vários livros e romances na França. Sonhava fundar, junto à sua esposa, uma instituição de ensino para

meninas, a exemplo da Maison Royale de Saint Louis, criada por Madame de Maintenon (segunda esposa do rei Luís XIV) em Saint Cyr. Após o malogro desse seu projeto, associou-se a um primo na fabricação e comércio de fósforos. A temporada de aproximadamente dois anos que passou no Rio de Janeiro tentando fazer fortuna, além de algumas viagens feitas ao interior do país, permitiu-lhe introduzir-se no seio de algumas famílias brasileiras e também recolher anotações para seus dois livros. Publicados com grande sucesso na França, seus relatos provocaram enorme indignação entre os brasileiros. O primeiro deles, *Le Brésil tel qu'il est*, publicado em Paris no ano de 1862, veio a ter sua terceira edição dois anos mais tarde. Esta primeira narrativa, voltada essencialmente à descrição dos costumes na capital do Império, foi execrada por grande número de intelectuais brasileiros em razão de suas ácidas críticas ao Brasil. Seu autor passou então a ser chamado de inimigo do país, charlatão e falso literato. O segundo livro, *Les femmes et les moeurs du Brésil*, publicado um ano após o primeiro, se destaca pelo fato de ter sido o único caso na literatura de viagem sobre o Brasil deste período cuja narrativa se voltava totalmente à reflexão sobre a condição feminina. Neste último, Expilly se propõe a reproduzir o modo de vida nas mais longínquas regiões do interior do Império e, sobretudo, os hábitos cotidianos das mulheres que viviam nas zonas de plantação de cana de açúcar, onde ele se hospedou durante uma viagem realizada por razões comerciais.

Como Charles Expilly, a parisiense Adèle Toussaint-Samson, filha de um ator e professor de teatro de *La Comédie Française*, também se vê, e pelas mesmas razões, como mensageira da verdade incontestável sobre o cotidiano vivido nos lares brasileiros. Afinal, ela havia vivido e trabalhado entre os nativos desse país. Tinha atravessado as ruas do Rio de Janeiro sob um sol ardente antes de ser recebida nas casas dos habitantes abastados, nas quais ela ministrava cursos de francês e italiano. Esses fatos lhe davam respaldo

para ver-se como uma testemunha capaz de transmitir aos seus leitores "a verdade verdadeira" sobre como vivia a família brasileira (Toutssaint-Samson, 2003: 49). Em relação a notas colhidas durante o longo tempo que viveu no Rio de Janeiro, ela sustenta que estas, "na ausência de qualquer outro mérito, tinham pelo menos o da mais escrupulosa verdade" (Toutssaint-Samson, 2003: 43).

Nascida em uma família culta do meio artístico parisiense, Adèle Toussaint-Samson já havia publicado alguns livros antes de vir com seu marido tentar fazer fortuna na América. O marido era um professor de dança de nacionalidade francesa, nascido, entretanto, no Brasil. Uma das raras mulheres a publicar uma narrativa de viagem no século XIX, Adèle nos transmite sua visão feminina dos doze anos em que morou no Rio.

O terceiro viajante que apresentamos neste artigo, Francis de Laporte, Comte de Castelnau, é um homem de ciência. Este naturalista, em missão oficial de exploração, também percorreu regiões longínquas no interior do país durante os quatro anos em que trabalhava em suas explorações. Tendo em vista fazer estudos sobre a bacia amazônica, fez o levantamento de dados astronômicos, meteorológicos, cartográficos e, também, da flora e a fauna americana. O resultado deste trabalho produziu a publicação, entre 1850 e 1851, dos seis primeiros volumes de *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para – executée par l'ordre du gouvernement français, pendant les années 1846 à 1847, sous la direction de Francis de Castelnau*, seguidos mais tarde de outros oito volumes. Embora seus estudos não tenham tido por objetivo descrever hábitos e costumes dos brasileiros, Castelnau também fez uso de sua pena para registrar comportamentos e particularidades de diferentes povos encontrados no Brasil.

Os três viajantes, cujas narrativas são objeto de nosso estudo, têm em comum a nacionalidade francesa e o fato de terem vindo ao

Brasil em meados do século XIX, entre os anos 40 e 60. Apesar das diferenças de sexo, de ofício e de propósito da viagem, entre outras, os três se mostram de acordo em diversos pontos: uma perplexidade em face da heterogeneidade das etnias, das cores e dos tipos físicos; a convivência entre estes diferentes tipos étnicos e classes sociais no espaço público – como, por exemplo nas igrejas, nas procissões e nos mercados – e sua estreita coexistência e promiscuidade no espaço privado. A família, vista como o centro da vida social, desconcerta os viajantes, diante da licenciosidade desvelada tantas vezes entre as pessoas livres e os escravos, entre patrões e servos, e também a embaraçosa intimidade entre as crianças brancas e suas amas negras.

Neste artigo, nos debruçaremos sobre certas recorrências evidenciadas entre estes autores no que concerne seu olhar sobre as mulheres brasileiras e, mais particularmente, sobre a mulher branca.

Uma referência recorrente nos discursos de vários viajantes franceses concerne à reclusão à qual as mulheres brasileiras estavam sujeitas. Os três viajantes aqui citados confirmam esta condição de confinamento não somente nas províncias do império visitadas pelos autores em viagem de negócios ou em missão científica, como também na corte imperial, no Rio de Janeiro. Todos eles concordam em dizer que os únicos lugares nos quais era possível encontrar as brasileiras eram as igrejas, durante as festas religiosas ou nas procissões. Nas províncias, as mulheres se vestiam com o mesmo rigor e pudor das freiras religiosas.

> No domingo dia 15, tivemos a oportunidade de ver certa quantidade de mulheres reunidas nas igrejas: era o único momento de apreciá-las, a não ser através de finas grades em losangos que, em geral, substituem as janelas envidraçadas nesse país. Suas roupas, assemelham-se às de Goiás, e se compõem, igualmente, de uma grande peça de pano que envolve a cabeça e cai até os pés; apenas, em vez de ser branco, como são os das mulheres dessa última província, ele é preto: essa moda dá a mulheres de Cuiabá a aparência de religiosas. (Castelnau, 1850, vol. 2: 287)

Francis de Castelnau atribui este costume de encerrar as mulheres e lhes proibir toda sorte de contato com quem quer que fosse estranho ao ambiente da família à vigilância incitada pela frouxidão moral excessiva. A ausência de decência daquela sociedade, que lhes ameaçava a castidade e a virtude, o que levava pais, esposos e até mesmo irmãos a desconfiar de qualquer pessoa que se aproximasse destes seres frágeis e influenciáveis, vindo, assim, a sujar sua reputação.

> Um fato notável em Goiás é a predominância do número de mulheres sobre os homens. Os costumes são extremamente fáceis, o que explica a dificuldade que se tem de penetrar no interior das residências. Os moradores escondem instintivamente suas mulheres, que só podem ser vistas nas procissões e na igreja, em dias de festa que, aliás, aqui como no resto do Brasil, estão longe de serem raros. O traje das mulheres é muito diferente do que tínhamos visto até aqui: consiste, em geral, em um grande xale preto e um lenço branco que cobre a cabeça e passa sob o queixo, de modo a deixar visíveis apenas os olhos, o nariz e a boca (Castelnau, 1850, vol. 1: 328).

Seu compatriota Expilly vê na escravidão "esta instituição malsã, que abafa todo sentimento de pudor na mulher, todo senso moral no homem", a fonte de toda a degradação moral da sociedade brasileira (Expilly, 1862: 206). Em seu texto *Les femmes et les moeurs du Brésil*, no capítulo nomeado *Organização da Família*, Expilly tem a intenção de mostrar "a que grau de desmoralização e, como consequência, a quais excessos monstruosos podem conduzir o preconceito da cor e do exercício de poder sem limites". O escritor se vê perplexo diante desta sociedade que se mostra manchada por "preconceitos estúpidos, excessos detestáveis, baixezas, vícios e crimes gerados por uma instituição antissocial" (Expilly, 1863: 12).

Charles Expilly observa que, mesmo no Rio de Janeiro, a capital do império que viveu um preâmbulo de florescimento cultural

quando da chegada do rei de Portugal em 1808, acompanhado de toda sua corte, para a maioria das mulheres não houve uma visível manifestação de mudança de hábitos. Neste pálido começo de vida social e cultural houve a abertura do primeiro teatro da cidade assim como de salões inaugurados na corte. Aquelas que não frequentavam *le monde*, como, em francês, era chamada a vida em sociedade da época, satisfaziam-se em ter algum contato com o que se passava no exterior de suas residências olhando e deixando-se ver do alto das sacadas no segundo andar de suas casas.

> Ao cair da noite, [...] as mulheres em seus corseletes, enfeitadas, elegantes como vestidas para um baile, dignam-se a expor-se aos simples mortais. Aquelas que não frequentam nem o teatro, nem os ambientes sociais, se acotovelam à rampa dos balcões ou a borda das janelas, o *palito* obrigatório no lábio ou atrás da orelha, uma flor extravagante nos cabelos, o leque e o lenço na mão. Aí se resume o passatempo, a única distração destas infelizes reclusas. Elas se arrumam para ver circular os que passam e, sem dúvida, um pouco também para serem vistas (Expilly, 1862: 103).

A transferência de D. João VI para o Rio de Janeiro, cujo objetivo era fugir do exército de Napoleão, trouxe uma série de transformações políticas, econômicas e sociais que iria mudar para sempre a aparência desta ex-colônia portuguesa, agora vista como Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Durante quatro séculos, D. João VI foi o único soberano europeu que, seguido de sua corte, tocou o solo das terras americanas. Mas este fato não foi o único grande elemento de transformação da antiga colônia. Toda a sociedade brasileira do século XIX foi testemunha de grandes mudanças. Após a independência de Portugal, em 1822, a consolidação do capitalismo e a ascensão da burguesia fizeram surgir uma nova mentalidade que reorganizou os hábitos nos lares e nas famílias. O nascimento de um modelo de família burguesa no qual a esposa, dedicada a seu marido e a seus filhos, está desobrigada de forma de

trabalho produtivo, representava "um ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível" (D'Incao, 2011: 224). A valorização da boa reputação financeira e da articulação familiar, símbolos deste universo bastante fechado, criou uma forma de proteção contra o mundo exterior.

A viajante Adèle Toussaint-Samson chegou ao Brasil em um período em que um nacionalismo nascente buscava nos hábitos e na cultura europeia o modelo que o ajudasse a se estruturar na posição de país civilizado. Ela própria trabalhou como professora de francês e de italiano nas casas da rica burguesia da corte, sendo até recebida no palácio imperial, onde seu marido dava aulas de dança às duas princesas, filhas do Imperador D. Pedro II. Como precisava circular pelas ruas do Rio, a autora passou por algumas situações desagradáveis, como ela mesma nos conta.

> Como as brasileiras jamais saíam às ruas desacompanhadas naquela época, as mulheres que se podiam encontrar na cidade eram francesas ou inglesas que, pelo simples fato de saírem sozinhas, viam-se expostas a muitas aventuras: "É uma Madame", diziam sorrindo os brasileiros, o que, na verdade, significava uma francesa e subentendia uma cortesã, porque a exportação de nossas cortesãs ao estrangeiro não é uma das partes menos importantes de nosso comércio (Toussaint-Samson, 1883: 163-4).

No Brasil imperial, o estilo de vida da elite dominante era marcado pela influência do imaginário da aristocracia portuguesa. A mulher brasileira, ainda sob a marca do antigo regime ibérico, via no trabalho a desvalorização da sua dignidade e não somente da sua como também da posição de seu marido. Aliás, os cidadãos de boa família da corte de Pedro II não trabalhavam, fossem mulheres ou homens. Utilizar-se de suas próprias mãos em busca de ganho para sustentar-se não era compatível com o ideal de nobreza português.

Certos viajantes, porém, dominados pelas teorias deterministas em voga desde o século XVIII, impregnados do mito da indo-

lência e da preguiça dos povos ameríndios e africanos reproduziam o discurso do espírito da época, revelando que, em muitos casos, o viajante raramente vinha fazer a descoberta dos lugares e dos seus povos, mas sobretudo buscavam confirmar as ideias difundidas ao longo dos séculos e estabelecidas no seu imaginário.

> Há no Brasil, como em toda parte – digamos que mais que em outros lugares – temperamentos indolentes, fogosos, entregues a toda a prostração da preguiça, a todos os devaneios da paixão; dominados por preconceitos bárbaros e mergulhados numa ignorância profunda. Tais temperamentos não são restaurados com facilidade. É preciso tempo para abrir os horizontes do mundo civilizado a indivíduos acostumados desde a infância à inércia, e abandonados a todos os vícios de uma organização social baseada na escravidão (Expilly, 1862: 377).

A viajante Toussaint-Samson adverte seus leitores a não aceitar a ideia, tão difundida, segundo a qual a brasileira é uma criatura preguiçosa e sempre ociosa. A escritora afirma que, se uma brasileira não faz nada com suas próprias mãos, é ela que dá as ordens. Seu senso de amor-próprio a impede de se deixar avistar ocupada com uma tarefa qualquer. Entretanto, uma vez dentro de sua intimidade, nós a veremos, logo cedo, de manhã, com pés descalços ou de tamancos, vestindo um robe de musselina, presidir a fabricação de doces que serão vendidos pelas escravas nas ruas do Rio de Janeiro. Muito orgulhosas para se deixarem ser vistas ocupadas na execução de um afazer, mas tendo o dinheiro como a "única superioridade que elas reconhecem", as brasileiras dirigem a preparação dos gêneros alimentícios que serão vendidos pelas escravas *de ganho* e preparam também as costuras que as negras farão para o mesmo fim. É assim, segundo a escritora, que as brasileiras ganham seu dinheirinho e se proporcionam pequenos mimos (Toussaint-Samson, 1883: 156).

> Como dizia há pouco, uma brasileira coraria de ser surpreendida em uma ocupação qualquer, pois professam o mais profundo

> desprezo por tudo que trabalha. O orgulho do sul-americano é extremo. Todo mundo quer ser senhor; ninguém quer servir. Não se admite, no Brasil, outra profissão que não a de médico, de advogado ou de negociante atacadista (Toussaint-Samson, 2003: 156).

Os viajantes descreviam as mulheres do Brasil como tímidas, modestas, submissas e sem instrução, colocando-se, voluntariamente, em uma posição inferior a seus maridos que as protegiam. As jovens eram dependentes de seus pais; as casadas, de seus maridos. A educação de uma mulher se limitava à sua formação moral e religiosa. Segundo esses viajantes, a educação de uma mulher deveria prepará-la exclusivamente para o lar, e jamais contribuir para sua emancipação intelectual ou profissional.

> Quando o brasileiro volta da rua, reencontra no lar uma esposa submissa, que ele trata como criança mimada, trazendo-lhe vestidos, joias e enfeites de toda espécie; mas essa mulher não é por ele associada nem aos seus negócios, nem às suas preocupações, nem aos seus pensamentos. É uma boneca que ele enfeita eventualmente e que, na realidade, não passa da primeira escrava da casa, embora o brasileiro do Rio de Janeiro nunca seja brutal e exerça seu despotismo de uma maneira quase branda. Tudo isso, aliás, como já disse, está em via de mudar radicalmente (Toussaint-Samson, 2003: 156).

A viajante Adèle Toussaint-Samson, oriunda de um meio artístico e erudito, habituada a discutir sobre toda sorte de questões sociais, políticas, literárias e artísticas em casa de seus pais, desde sua juventude, sentia-se consternada com "essa absoluta falta de conversação" (Toussaint-Samson, 2003: 168).

Contudo, a escritora se mostra otimista diante do que ela considera uma promissora e benéfica influência dos franceses e ingleses sobre os costumes sociais brasileiros, em oposição às arcaicas marcas deixadas pela herança obscurantista da cultura ibérica.

> As brasileiras de hoje, educadas em colégios franceses ou ingleses, ali adquiriram pouco a pouco nossos hábitos e nossa maneira de ver; de sorte que, muito lentamente, conquistam sua liberdade. Ora, como sua inteligência é muito viva, creio que em pouco tempo terão superado seus mestres (Toussaint-Samson, 2003: 155).

Charles Expilly distingue dois tipos de vida feminina: a "europeia" e a "portuguesa". As mulheres que viviam o estilo de vida português só eram vistas em público nas igrejas e procissões. Estas seriam a maioria. As que tinham viajado pra Europa, uma pequena minoria, seriam, então, mulheres mais esclarecidas e teriam conquistado uma maior liberdade de transitar. Entretanto, para o autor, apesar de todos os avanços que conduziam a um mais elevado nível de civilização, graças à pressão das ideias europeias, o Rio de Janeiro ainda lembrava "mais a cidade portuguesa – escrava oprimida, desprezada pela metrópole – que a capital de um país livre, de um Estado civilizado" (Expilly, 1862: 107).

> Terminado o jantar, as senhoras vestidas segundo o costume da Europa se aventuram nas ruas [...] Mas aqui nós falamos de mulheres que romperam, sem retorno, com as velhas tradições portuguesas e que pretendem estar em sintonia com o seu tempo. É a minoria [...] A senhora, presa ao culto do passado, só sai para ir à igreja (Expilly, 1863: 87).

Adèle Toussaint-Samson reitera seus argumentos e deixa ainda mais explícita a distinção que ela faz entre a influência ibérica e a influência "europeia" – entendendo-se por influência "europeia", aquela que resulta numa aproximação do modelo francês e inglês –, quando associa os costumes de certa região mais atrasada do interior do país, morosa em seu desenvolvimento urbanístico e mais retrógrada em seus costumes, ao modelo português e espanhol.

> É no interior do país, onde as estradas só são transitáveis em lombo de mula e tornam as comunicações com a capital bastante difíceis, que ainda se pode estudar todos esses costumes de

> origem portuguesa ou espanhola. Assim, quando se chega a uma fazenda, nunca se avista a senhora, ao passo que ela sempre tem meio de ver o estranho sem que ele desconfie disso (Toussaint-Samson, 2003: 155).

Sobre isso, é preciso esclarecer que, quando esses viajantes fazem observações sobre a reclusão das brasileiras, estão se referindo exclusivamente à mulher branca, àquela que faz parte de uma elite social e econômica local, e não às mulheres ditas "de cor", sejam elas escravas ou livres. Como já dissemos, muitas escravas saíam às ruas para comercializar produtos para suas senhoras; e as negras livres, frequentemente, ganhavam seu sustento no comércio das ruas do Rio de Janeiro. Tampouco se referiam às imigrantes europeias que ocupavam funções de preceptoras ou empregadas domésticas, assalariadas em casas de outros estrangeiros que se recusavam a fazer uso da mão de obra escrava. Esses viajantes descrevem o quotidiano e os costumes das brasileiras de classe social mais elevada.

Mesmos nos meios sociais mais abastados da corte imperial, o nível de educação das mulheres, salvo raras exceções, é precário. Aquelas que conseguem frequentar uma escola, são enviadas para uma instituição de ensino aos sete ou oito anos de idade, mas só prosseguem em seus estudos até seus treze ou quatorze anos, idade em que são consideradas prontas para voltar à casa paterna para que acabem de se preparar para o casamento.

A figura feminina nesses extratos da sociedade carrega um ideal de grandeza e de ascensão social, o que se percebe nos romances de ficção do período. Falar francês e tocar piano são imperativos. Se a desenvoltura das mulheres da alta sociedade nas conversas nos salões é valorizada, não é propriamente nas discussões literárias que elas se farão notar, mas nos bailes, onde sua beleza e juventude serão lisonjeadas. É o que registra Expilly, com sarcasmo.

Hoje ainda, a educação de uma brasileira está completa, desde que saiba ler e escrever corretamente, manejar o chicote, fazer doces

e cantar acompanhando-se ao piano, num romance de Arnaud ou de Luiza Puget. Até agora as senhoras não tomaram da civilização senão a crinolina, o chá e a polca. A crinolina... coisa de que afinal elas não têm necessidade. O chá – a mais detestável de todas as bebidas, a meu ver. A polca – dança elegante e leve que não se adapta nem ao seu temperamento, nem à sua compleição. É verdade que conservaram o cafuné e o chicote, prova de que elas não são as principais escravas da casa. Mas que dizer da ignorância das mulheres que vivem no interior das províncias e nas fazendas? Nada. Senão que elas pouco têm a invejar de seus maridos (Expilly, 1863: 376).

Se na corte do Rio de Janeiro a situação é esta, nos cantões do Brasil, segundo nossos narradores, a ignorância dos homens faz concorrência com a das senhoras.

> Um dos aspectos culturais que mais atrasam a civilização dos brasileiros é a falta de educação das mulheres, e a maneira como são excluídas da sociedade. Assim, segregados do convívio com as mulheres honestas, os jovens brasileiros acabam se entregando ao vício do jogo. Seja pela timidez natural das mulheres, seja por ciúme da parte dos maridos e dos irmãos, é sempre muito raro se verem brasileiras na rua, e quase impossível manter relações sociais com elas. Sei que no Rio os costumes se modificam todos os dias sob este ponto de vista, mas estou escrevendo depois de ter residido no interior durante quatro anos (Castelnau, 1850: 136).

Castelnau imputa a essa dramática ausência de instrução das mulheres, que as impede de manter uma relação mais equilibrada e igualitária com o universo masculino, a corrupção dos costumes dos rapazes que, por falta de uma companhia à altura de suas expectativas intelectuais, não teriam outra escolha senão se entregar ao vício do jogo.

> Encontramos no Brasil, como em toda parte, mulheres encantadoras, se não belas, que rivalizariam em elegância e distinção com as mulheres de nossos salões aristocráticos. Mas esses são

> produtos da civilização e, essas brasileiras, em sua maioria, já viajaram pra Europa. Falamos aqui daquelas que mofam na ignorância completa de todas as coisas, não sabendo absolutamente nada que não seja bordar, tocar uma polca em um piano Collard-Collard e fazer geleias. Mas, infelizmente, essa é a grande maioria (Expilly, 1883: 162-3).

Guacira Lopes Louro, em seu artigo, Mulheres na sala de aula, observa que os primeiros movimentos de insurreição contra a condição de sujeição na qual viviam as mulheres do Brasil imperial, e as primeiras reivindicações revolucionárias de emancipação feminina se deram na segunda metade do século XIX. Ainda que os homens continuassem a defender suas posições estratégicas no jogo de poder da sociedade, o discurso oficial, desde a independência, destacava a importância de se mudar a imagem de país atrasado, inculto e primitivo da época da colônia. A discussão sobre a importância da educação no processo de modernização era então recorrente. Os jornais libertários publicavam artigos que preconizavam a educação como uma arma privilegiada da liberação das mulheres. Entretanto, apesar dos ventos revolucionários que começavam a soprar, a educação das mulheres, na realidade, só visava torná-las capazes de garantir "uma companhia mais agradável para seu marido e fazer delas mulheres capazes de representar seus esposos na esfera social (Louro, 2011: 443). O domínio do lar era seu destino e sua circulação pelos espaços públicos, restrita a ocasiões especiais. Sua sina estava ligada aos títulos de esposa e mãe de um cidadão brasileiro. Na verdade, essa "nova" condição não se diferenciava muito daquilo que, no início dos Oitocentos, prescrevia o jornal *Mentor das Brasileiras*, que queria, a qualquer custo, conferir à mulher o nobilíssimo papel de "guardiã e gestora da intimidade familiar, conjugal e educacional da nova geração" (Jizenji, 2010: 14).

Um último aspecto a se considerar aqui trata do conceito de estética e beleza física das brasileiras, segundo os viajantes. Ainda

que a proposta desse artigo não tenha incluído a mulher negra em seu escopo, mas, antes, pretendeu refletir sobre a visão dos viajantes sobre a mulher branca da alta sociedade brasileira, examinemos o que diz Expilly, em seus relatos, sobre a beleza da escrava da nação *Minas* e vejamos a comparação que ele fará em seguida entre esta e as senhoras da sociedade brasileira. O autor de *O Brasil como Ele é* mostra-se fascinado pela beleza dessas negras e confessa ser impossível não se deixar encantar pelo charme de seu andar e a graça de suas ancas.

> Nada é tão gracioso como uma escrava mina, com seu turbante enviesado e seu xale de cor brilhante, cujas duas extremidades flutuam por detrás dos ombros. Seu andar tem uma languidez estudada, que eu prefiro de longe à indolência natural das brancas. Estas não saberiam imitar certo movimento dos quadris, específico dessas negras, e que encerra um charme extraordinário. O peito nu, o pescoço sinuoso, o sorriso provocante, elas se exibem para os estrangeiros, que não podem lhes recusar sua admiração.

> [...] Por pouco que se possua o sentimento da verdade, o homem que habita a zona equatorial não pode recusar a sua admiração por essas soberbas criaturas, cujo porte está cheio dessa majestade radiosa que o elogio atribui às rainhas e a poesia às deusas. [...] No meio do quadro esplêndido que o sol ardente e uma vegetação luxuriante compõem nos campos tropicais, a branca perde todas as vantagens que desfruta na Europa. Sua beleza delicada esvai-se em ondas de luz. Seu talhe diminui diante da criação; ela parece, enfim, mesquinha, miúda, miserável, angustiada. Os raios brilhantes que caem do céu e se espalham sobre a sua face bronzeada fazem melhor realçar, ao contrário, a rica organização da raça negra (Expilly, 1862: 60 e 69).

Em uma sociedade escravagista na qual a pele branca e pálida era símbolo de fidalguia, numa estrutura social na qual ter a pele queimada de sol revelava o pertencimento a uma classe de desafortunados que precisavam trabalhar com suas próprias mãos

para garantir seu sustento sob o ardente sol tropical, tecer louvores à beleza negra era, seguramente, uma atitude vista como de muito mau gosto. E, sobretudo, uma afronta às mulheres brancas.

Nos romances da literatura brasileira desse período, as heroínas possuíam a pele impecavelmente branca e suas frontes pálidas exibiam magníficas veias azuis. Era esse o padrão de beleza dos Oitocentos. Não nos causa, então, nenhuma surpresa que o discurso de Expilly tenha suscitado o despeito e a indignação de sua leitora e colega de pluma, Adèle Toussaint-Samson.

> Em uma obra sobre o Brasil do Sr. Expilly, li estas palavras: "Aquele que respirou o perfume acre e penetrante da catinga, achará insípido, daí em diante, o odor exalado pela pele das mulheres brancas". Meu Deus, sim! É absolutamente como os que adoram o perfume do alho e o preferem ao das trufas ou então, ainda, como os que põem o álcool na frente dos vinhos finos (Toussaint-Samson, 2003: 84).

Expilly declara ter "peremptoriamente estabelecido que as brancas, nas colônias, são fisicamente inferiores às mulheres de cor, às negras *Minas*, principalmente". O autor nos previne ainda que sempre que ele se referir à beleza da negra, fica subentendido tratar-se de uma negra *Minas*.

O retrato pintado por esse escritor sobre as brasileiras, além de todas as outras pesadas críticas feitas por ele ao país e seus habitantes, explica a ira que despertou em terras brasileiras. Expilly, como, aliás, outros viajantes europeus, viu o Novo Mundo e seus habitantes pelo viés da comparação com o modelo europeu, que representava o paradigma da civilização. Tudo que divergia desse arquétipo era visto como bestial e bárbaro, tal como na descrição abaixo, que revela o caráter etnocêntrico do olhar do autor sobre a mulher brasileira.

> No Brasil, as mulheres têm uma única e mesma fisionomia – fisionomia enérgica, exaltada, mais rude que graciosa – porque

> exalam todas o mesmo aroma violento. As essências delicadas que provocam as sensuais volúpias, os lânguidos devaneios, não saberiam convir a essas impacientes criaturas, criadas para o prazer imediato.
>
> [...]
>
> Saiba que a mulher, essa forma espiritualizada, esse corpo que tem asas, esse diamante bruto caído, numa noite de primavera, das mãos de Deus e que a civilização esculpiu com mil facetas; [...] e que o cristianismo completou lhe revelando o sentimento de pudor; Saiba que a mulher, assim definida, não existe no Brasil. Aqui encontramos fêmeas de macaco, de papagaio, de cachorro, de mula, etc, etc, todo o tipo de fêmeas, enfim... mas, até hoje, ali ainda não se descobriu a mulher! (Expilly, 1862: 157-8).

REFERÊNCIAS

Castelnau, Francis de. *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para – exécutée par ordre du gouvernement français, pendant les années 1843 à 1847, sous la direction de Francis de Castelnau*. Paris: Chez P. Bertrand, Libraire--Editeur, 1850. 6 vv. Fayard, 2008.

D'Incao, Maria Ângela. "Mulher e família burguesa". In: *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2011: 224.

Expilly, Charles. *Les Femmes et les moeurs du Brésil*. Paris: Charlieu et Huilleries Éditeurs, 1863. Disponible en ftp://ftp.bnf.fr/572/N5720931_PDF_1_-1DM.pdf Accédé le 02 mai 2013.

_____. *Le Brésil tel qu'il est*. Paris: Arnauld de Vresse Libraire-Éditeur, 1862. Disponible en http://archive.org/stream/lebrsiltelquil00expi#page/n15/mode/2up Accédé le 02 mai 2013.

Jinzenji, Mônica Yumi. *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Editora UFMG, 2010.

Louro, Guacira Lopes. “Mulheres na sala de aula”, In Priore, Mary del.: *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

Mello, Maria Elizabeth Chaves de. *Um francês nos trópicos: Francis de Castelnau: o olhar de um viajante no século XIX*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2015.

Moreira Leite, Miriam Lifchitz. *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: EdUSP, 1993.

Toussaint-Samson, Adèle. *Une Parisienne au Brésil*. Paris: Paul Ollendorff, Éditeur, 1883. Disponible à http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5747774p. Accédé le 05 septembre 2012.

_____. *Uma Parisiense no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2003.

Do relato de viagem à imprensa especializada: a vulgarização da amazônia na França no século XIX

Nataly Jollant[1*]

Analisar a construção de um imaginário francês sobre a Amazônia no século XIX requer uma atenção particular aos relatos de viagem. Com efeito, esses textos forneceram abundante matéria, que serviu tanto à ciência, quanto à geopolítica ou ainda à criação literária. Espaço por excelência de uma reconstituição simbólica do real, os relatos de viagem na Amazônia perpetuaram imagens que oscilam entre o mito e a realidade.

Tal foi o caso dos relatos de viagem de Henri Coudreau (1859-99), que no espaço de, aproximadamente, vinte anos, contribuíram sobremaneira para consolidar, na França, uma espécie de vulgata sobre a Amazônia. Seu objetivo era estabelecer, na região, uma colônia francesa, a França equinocial.[1] Para tanto, o explorador realizou várias expedições, ao final das quais, de retorno à França, multiplicava conferências nas *sociétés savantes* e publicava inúmeros artigos nos anais destas, bem como na imprensa especializada – *Revue du monde latin*, *La géographie*, *Nouvelles géographiques*, etc. Valendo-nos de uma expressão de Silvain Venayre, podemos afirmar que "[*Son*] *voyage, alors, s'achevait dans le journal*".[2]

* Doutoranda em Literatura Brasileira, pelo Centre de Recherches sur les Pays Lusophones (CREPAL) da Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3. Atualmente, prepara a tese intitulada "A Amazônia como identidade, geografia imaginária e cartografia literária no Brasil do século XIX: a experiência a serviço da imaginação", sob orientação da Professora Claudia Poncioni (CREPAL) e do Professor François-Michel Le Tourneau (IHEAL-CREDA). Possui mestrado em literatura brasileira obtido na mesma universidade.

[2] Venayre, Sylvain. "Le voyage, le journal et les journalistes au XIXe siècle", em *Le Temps des médias*, n° 1, vol. 8, 2007: 46-56.

No mesmo período, o escritor e jornalista brasileiro Santa--Anna Nery (1848-1901) se empenhou em propagar na França uma Amazônia mais "real", distante da imagem fantástica do país encantado das Amazonas que, segundo ele, continuava associada à região. Originário do Estado do Pará, partiu aos 14 anos para a Europa. Passou por Portugal e Itália, antes de se instalar na França, em 1874, onde trabalhou em vários jornais, como *L'Événement*, *L'Opinion*, Le *Figaro*, e foi o redator chefe da *Revue du monde latin* e do periódico *Le Brésil*.

Os dois homens se conheciam e frequentavam os mesmos círculos eruditos. Henri Coudreau publicou artigos nos periódicos dirigidos por Santa-Anna Nery; este, por sua vez, escreveu o prefácio de um livro do explorador. Para além deste fato, seus respectivos projetos de construção simbólica se entrelaçam e se assemelham. Através de uma abordagem comparativa, entre as obras dos dois autores, este ensaio propõe analisar em que medida os relatos de viagem e a imprensa especializada constituíram um vetor de vulgarização da Amazônia na França, no século XIX.

1) A atratividade da Amazônia no Brasil e na França

O triunfo dos impressos periódicos no século XIX[3] levou os homens de letras brasileiros e franceses, que se consagraram à circulação de ideias e de informações entre os dois países, a aderir a um movimento global de vulgarização que passava pela imprensa. Num século em que mudanças sociais e políticas sem precedentes ocorreram no Brasil, da Independência (1822) à Abolição da Escravatura (1888), passando pelo advento da República (1889), a elite intelectual deste país se voltou para o outro lado do Atlântico, na

[3] Judith Lyon-Caen destaca que o século XIX, normalmente associado ao século de ouro do livro foi, na verdade, o século do triunfo dos impressos periódicos. Cf.: Lyon-Caen, Judith. "Lecteurs et lectures: les usages de la presse au XIXe siècle", em *La civilisation du journal*, Dominique Kalifa, Philippe Régnier e Marie-Ève Thérenty (ed.), Paris, Nouveau Monde, 2011: 22-60.

tentativa de construir uma literatura e, por extensão, uma identidade nacional.

Nessa busca, uma parte da *intelligentsia* brasileira, seguindo as indicações do francês Ferdinand Denis (1798-1890), encontrou no interior do país sua fonte de inspiração. Surgia, assim, uma literatura com características regionalistas, nas obras de José de Alencar (*O Guarani*, 1857; *O Gaúcho*, 1870; *O Sertanejo*, 1875); de Franklin Távora (*Os Índios do Jaguaribe*, 1862; *O Cabeleira*, 1876; *O Matuto*, 1878); de Visconde de Taunay (*Inocência*, 1872); de Inglês de Sousa (*O Cacaulista*, 1876; *História de um pescador*, 1876; *O Coronel Sangrado*, 1877); ou ainda, de José Veríssimo, (*Primeiras páginas*, 1872; *Cenas da vida amazônica*, 1886). Alguns desses títulos, seguindo a moda que emanava dos jornais franceses, foram publicados na forma de folhetim, em periódicos brasileiros antes, ou em caso mais raro, após sua publicação em formato livro.[4]

Ao mesmo tempo, as medidas empreendidas pelo governo francês, notadamente pelo Ministro Jules Ferry (1832-1893), entre 1883 e 1885, encorajavam uma expansão colonial baseada no "direito de civilização", que levava em consideração tanto questões civilizacionais quanto interesses econômicos e geopolíticos. A abertura do rio Amazonas à navegação estrangeira, possibilitada por um decreto de 1866, a "descoberta" da borracha e sua exportação mundial, colocaram em perspectiva o Vale Amazônico, que passou de "uma área esquecida e muito atrasada a um dos mais promissores centros de comércio do Brasil".[5]

[4] A título de exemplo, *O Guarani* foi publicado no *Diário do Rio de Janeiro,* a partir de 1° de janeiro de 1857; *Os Índios do Jaguaribe,* no *Diário de Pernambuco,* a partir do 18 de março de 1863; *Inocência,* no periódico *A Nação,* a partir de 13 de novembro de 1872 e *O Cacaulista,* na *Academia de São Paulo,* a partir de 30 de abril de 1876.

[5] Weinstein, Barbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência 1850-1920*, São Paulo, Hucitec, 1993, prefácio da autora: 15.

A atratividade da Amazônia no século XIX procedia então dos domínios geopolítico, científico e literário. Na lógica do "inventário do mundo" proposto pelos Iluministas no século anterior, a região constituía ainda um desafio, pois representava um dos últimos lugares ainda selvagem e desconhecido do planeta. Paralelamente, o exotismo de suas paisagens convidava a uma abordagem ficcional. Os romances *Les aventures de Robin Jouet* (1863) de Emile Carrey, ou ainda *La Jangada* (1881) de Jules Verne, ofereceram ao público leitor um lugar onde a odisseia amazônica se tomava vida. Essas obras continham representações desse "lugar outro" que conjugavam dados reais e fictícios, e muito contribuíram para a formação de um imaginário geográfico europeu sobre a região.[6] A escolha do gênero romance de aventuras não foi fortuita, como destaca Sophie-Anne Rocca:

> Le roman d'aventures, toujours initiatique, met en œuvre cette écriture de l'éloignement visant à croître le sentiment exotique de lecteurs qui, en pénétrant de manière progressive (et non brutale) au cœur de l'espace amazonien, découvrent un monde présenté comme inaccessible, étrange et sacré. Dans le contexte d'un départ vers la forêt vierge, le jeune lecteur verra ses attentes comblées: observation de choses surprenantes, rencontre avec une altérité primitive et initiation symbolique, ces trois aspects de la narration étant déjà amorcés par le thème du voyage.[7]

Essa definição conviria também aos relatos de viagem do século XIX, com algumas diferenças: aos aspectos mencionados, acrescentam-se outros que lhes são inerentes. A figura do "explorador-testemunha", por exemplo, aquele que tendo observado e apreendido o espaço "real" seria capaz de restituí-lo com fidelidade, e à dimensão de um discurso empírico munido de dados técnicos,

[6] Sobre a relação entre literatura e geografia, remetemos a: Dupuy, Lionel e Puyo, Jean-Yves (dir.). *L'imaginaire géographique: entre géographie, langue et littérature*, Pau, Presses de l'Université de Pau et des pays de l'Adour, 2014.

[7] Rocca, Sophie-Anne. "Exotisme littéraire et mythe amazonien", em *Amazonie, sein de la terre*, nº 27, 2004: 81.

cartográficos, históricos, etc., que corroboravam um pretendido discurso científico.

Foi nesse contexto de aumento das viagens de exploração e de "redescoberta" da Amazônia do século XIX,[8] acima delineado, que o explorador Henri Coudreau chegou na região. Sucedendo o prussiano Alexandre von Humboldt (1798-1804), os bávaros Spix e Martius (1817-35), o inglês Henry Walter Bates (1825-92), o casal suíço Louis (1807-73) e Elizabeth Agassiz (1822-1907), o francês Jules Crevaux (1847-82) e o brasileiro João Barbosa Rodrigues (1842-1909), para no atermos a alguns dos mais eminentes exploradores, ele se tornou célebre nos círculos intelectuais do último quarto deste século.

Segundo Ernest Hamy (1842-1908), fundador do Museu de Etnografia do Trocadéro (1878), Henri Coudreau foi um dos exploradores mais populares do seu tempo.[9] Em 1881, recém-formado professor de história e geografia, chegou na Guiana francesa para ensinar no Liceu de Caiena. Iniciou logo, por conta própria, algumas incursões no interior dessas terras, que resultaram na obra *Richesses de la Guyane française*, publicada em 1883. Essa publicação lhe rendeu uma medalha na Exposição Internacional Industrial de Amsterdã e, alguns meses mais tarde, o convite do governo francês para realizar sua primeira missão oficial, que ocorreria no território neutro compreendido entre a Guiana francesa e o Brasil (1883-85).

Em seguida, duas outras missões ocorreram sob o comando do governo francês (1887-89 e 1889-91), antes que começasse a trabalhar para o governo brasileiro (1895-99). Essas expedições

[8] A presença efetiva de missionários na Amazônia brasileira data do início do século XVII, momento em que Portugal buscava dilatar "a fé e o Império", e que outras potências europeias, como a Espanha e a França, tentavam se instalar na região. Todavia, foi necessário esperar o século XIX, para que as missões científicas na Amazônia se desenvolvessem e se tornassem instrumentos poderosos ao serviço de uma vasta empresa de propaganda colonial que passava pela imprensa.
[9] Coudreau, Henri. *Chez nos Indiens: quatre années dans la Guyane Française (1887-1891)*, Paris, Librairie Hachette et Cie, 1893, préface d'Ernest Hamy.

possibilitaram ao explorador escrever obras essenciais sobre a Amazônia: *La France Equinoxiale* (1886-87), 2 vols; *Les Français en Amazonie* (1887); *Chez nos Indiens* (1893), bem como dezenas de brochuras e artigos, voltados ao que ele costumava se referir como "a questão colonial".

No mesmo ano de 1881, o jornalista brasileiro Santa-Anna Nery se tornava o redator chefe do jornal *Le Brésil: courrier de l'Amérique du Sud*. Desde a sua chegada na França, ocorrida alguns anos antes, ele tinha se incumbido da missão de dar a conhecer na Europa o Brasil, em geral, e a Amazônia, em particular. Assim, em 1883, ele se encontra entre os fundadores da *Revue du monde latin*. Em 1886, participou da criação da Academia da América Latina (Associação científica de estudos e de propaganda americana) e da Sociedade de estudos brasileiros. Durante esse período, multiplicou suas viagens ao Brasil, para reunir o material necessário à propaganda que havia iniciado em alguns jornais parisienses.[10]

Durante uma de suas viagens na Amazônia, em 1885, Santa--Anna Nery se encontrou, pela primeira vez, com o explorador Henri Coudreau. Os dois homens se conheciam pelos seus respectivos trabalhos, mas o tempo passado a bordo do mesmo navio entre Manaus e Belém, um mês e meio, permitiu-lhes longas discussões sobre os problemas franco-brasileiros que lhes interessavam, em particular, e em cujos pontos de vista, segundo o escritor, raramente concordavam.[11] Esse encontro marcou o início de uma relação de rivalidade cordial e de cooperação.

[10]A tese de João Paulo Carneiro fornece um panorama bastante preciso da propaganda brasileira iniciada por Santa-Anna Nery, na França. Ver: Carneiro, João Paulo Jeannine Andrade. O último propagandista do Império: O "barão" de Santa--Anna Nery (1848-1901) e a divulgação do Brasil na Europa, Tese de doutorado em Geografia, sob a direção de Antonio Carlos Robert de Moraes, Universidade de São Paulo, 2013.

[11] Coudreau, Henri. *La France Équinoxiale: études sur les Guyanes et l'Amazonie*, Paris, Challamel Ainé, 1886, vol. 1, prefácio de Santa-Anna Nery: X.

O fato é que ambos construíram um projeto de colonização bastante similar, cada qual trabalhando para o seu respectivo país: o primeiro planejou a construção de um imaginário amazônico menos maravilhoso na França; o segundo projetou na região uma "colonização civilizatória", da qual ele fez o relato. Para proceder à análise dessas duas visões cronologicamente, próximas, tendo objetivos equivalentes, escolhemos pôr em perspectiva alguns dos trabalhos de ambos, publicados em periódicos franceses.

2 O explorador, o publicista e a imprensa francesa

"Je viens vous entretenir d'une nouvelle colonie dont il s'agira pour la France de faire acquisition".[12] Com essa frase, o explorador Henri Coudreau iniciou a sua conferência, na Sociedade de Geografia de Lille, no dia 22 de novembro de 1885. O título da conferência, "O território contestado entre a França e o Brasil", deixa manifesto de qual nova colônia se trata, e o objetivo do explorador foi rapidamente assumido: vulgarizar a disputa franco-brasileira, para obter a favor da França uma solução pacífica que lhe assegurasse a posse de um território que seria a parte mais bela e mais útil de suas colônias americanas.[13]

A questão do contestado franco-brasileiro tinha um lugar central na obra de Henri Coudreau,[14] pois era exatamente nesse território que o explorador pretendia instalar a sua colônia francesa. Essa questão se iniciou a partir de uma disputa que opunha França e Portugal em relação às fronteiras da Guiana francesa e do

[12] Coudreau, Henri. "Le territoire contesté entre la France et le Brésil: conférence faite à la Société de géographie de Lille, le 22 novembre 1885", Impr. de L. Danel, 1885: 3.

[13] Ibid.: 8.

[14] Numa biografia do explorador, Sébastien Benoit dedica um capítulo inteiro sobre a influência do contestado na obra de Henri Coudreau. Ver: Benoit, Sébastien. *Henri Anatole Coudreau, 1859-1899: dernier explorateur français en Amazonie*, Paris, Harmattan, "Recherches et documents. Amérique latine", 2000.

Brasil. Os limites haviam sido definidos pelo Tratado de Utrecht,[15] em 1713, que estabelecia o rio Japoc como fronteira. A localização exata desse rio foi, desde sempre, questionada pela França e, uma vez decretada a Independência do Brasil, uma guerra diplomática entre os dois países foi empreendida até o final do conflito, em 1900, favorecendo o Brasil.

No âmbito de uma estratégia de divulgação da Amazônia, na impressa francesa, Henri Coudreau iniciou uma propaganda que utilizava vários tipos de impressos periódicos. Em primeiro lugar, os artigos publicados nos anais das *sociétés savantes*. Esses impressos, de vocação científica, tinham um papel de mediador entre os saberes geográficos provindos das viagens de exploração e uma elite erudita, que frequentava essas sociedades. Nesse sentido, as publicações de Henri Coudreau no *Bulletin de la Société de géographie de Paris* (1822-99) e no *Bulletin de la Société de géographie commerciale de Paris* (1878-1918), para nos atermos às mais eminentes, evocavam, frequentemente, os interesses em torno do contestado:

[15] Trata-se de um acordo que colocava um termo na Guerra de Sucessão Espanhola (1702-13), redefinindo, pela mesma ocasião, a geopolítica mundial.

Título	Boletim	Série / tomo	Ano
Le territoire contesté entre la France et le Brésil	SGP	7e série, t. 6	1885
De l'émigration européenne dans les prairies de la Guyane (avec carte)	SGCP	tome 7	1885
La place de Pará	SGCP	tome 7	1885
L'Amazonie	SGCP	tome 8	1886
Les directions d'Indiens en Guyane	SGCP	tome 10	1888
Le Counani et le Mapa	SGP	7e série, t. 10	1889
La province indienne en Guyane française (avec carte)	SGCP	tome 11	1889
Voyage aux Tumuc-Humac	SGCP	tome 11	1889
Le Conteste franco-brésilien	SGP	7e série, t. 11	1890
Notes sur 53 tribus de Guyane	SGP	7e série, t. 12	1891
Dix ans de Guyane (Missions du Ministère de l'Instruction publique)	SGP	7e série, t. 12	1891
La Guyane Centrale et son avenir	SGCP	tome 13	1891
Aperçu général des Tumuc-Humac, avec carte dans le texte	SGP	7e série, t. 14	1893
Question du territoire contesté franco-brésilien	SGCP	tome 17	1895

*Société de géographie de Paris (SGP), Société de géographie commerciale de Paris (SGCP)

A leitura desses artigos indica que "a questão colonial" servia de tessitura para as publicações de Henri Coudreau. De maneira sistemática, o explorador desenvolvia alguns aspectos da Amazônia que lhe eram caros: a economia e o meio amazônico, a aclimatação e a instalação de europeus, na região, e ideais separatistas.[16] Essas

[16] Essas ideias tinham ligação com as tentativas lideradas pelo jornalista francês

publicações vinham normalmente acompanhadas por mapas e, quase sempre, nesses mesmos anais, Henri Coudreau publicava cartas que enviava do local das missões. Completavam essa propaganda, artigos escritos por outros autores, fazendo referência às missões do explorador e resumos das suas obras.

Os jornais de viagem constituíam outra categoria de impressos utilizada por Henri Coudreau. Nesses periódicos, seus relatos eram publicados em episódios, à maneira de um folhetim, e favoreciam a conquista de um público leitor ávido por histórias de aventura. O explorador se tornava um herói quase romanesco, seguindo o estilo de Robinson Crusoé. Sua aparição no hebdomadário dominical *Journal des voyages* (1877-1929) ocorreu, não na qualidade de autor, mas como um personagem, sob a pluma do seu amigo e jornalista Jules Gros.

O "folhetim" se intitulava "Les Guyanes et l'Amazonie, voyage de M. Henri Coudreau" e retratava suas peripécias durante as primeiras expedições. O explorador foi manchete desse jornal durante cinco números, de 20 de junho a 18 de julho de 1886, e os artigos eram ilustrados por imagens que corroboravam a encenação de uma história de aventuras repleta de anedotas pitorescas. Em seguida, o próprio Henri Coudreau tratou de publicar alguns relatos nas páginas desse jornal.[17] No jornal *Le Tour du monde* (1860-1914), o mais conhecido jornal de viagem da época, o explorador publicou uma centena de páginas inéditas do seu livro *Chez nos Indiens*.

Jules Gros (1829-91), entre 1886 e 1888, de criar, no território contestado, em Cunani, uma república independente, da qual ele seria o presidente autoproclamado. A propósito dessas ideias, ver: Fuligni Bruno, *Les constituants de l'Eldorado ou la République de Counani*, Bassac, Plein Chant, 1997.

[17] Coudreau, Henri. "Voyage au territoire indien de Guyane", em *Journal des Voyages et des aventures de terre et de mer*, n° 618-26, 1889. Coudreau, Henri. "Un hivernage sous l'Équateur", em Journal des Voyages et des aventures de terre et de mer, nº 744-56, 1891-92.

Em menor proporção, ele publicava artigos nos jornais e revistas especializados da América do Sul. Seus artigos, publicados na *Revue du monde latin* (1883-96), entre 1885 e 1886, retomavam os temas das conferências e publicações constantes nos anais das sociedades eruditas. Os títulos comprovam: *L'organisation consulaire en Amazonie*, *Histoire de la colonisation française en Guyane* ou ainda *La République de Counani*. Na grande imprensa, ele publicava pequenas notas sobre suas expedições, ou alguns trechos de suas conferências.

Santa-Anna Nery, por sua vez, realizava uma publicidade amazônica essencialmente, nos jornais e revistas especializados na América do Sul, mas também na grande imprensa. De maneira igualmente sistemática, o jornalista iniciou uma propaganda, em alguns jornais franceses, que visava dar a conhecer a Amazônia na França. A escolha por periódicos impressos não foi fortuita, uma vez que, segundo ele próprio, a educação cidadã passava pela imprensa.[18] Neste sentido, sua estratégia foi reunir o máximo de informações objetivas sobre a região, desde que pudessem servir à sua propaganda nos periódicos, como ele próprio expõe, numa carta datada de 16 de janeiro de 1884:

> [...] conto dar um pulo até o Amazonas, em fins de março próximo vindouro, se assim me for possível. Levam-me ao torrão natal, não só fundas saudades da província em que nasci e que não vejo há mais de vinte e um anos, como também a necessidade de estudá-la de perto, de coletar dados positivos para refundir e completar a grande obra que estou preparando, e da qual já publiquei, na Revue Sud-Américaine, oito extensos capítulos. [...] Deixo à Revue du monde latin, ao Courrier International e à L'Opinion uma série de artigos que sairão à luz durante esses meses.[19]

[18] Nery, F.-J de Santa-Anna. Um homem de letras: o Conselheiro Antonio Pereira Pinto, Paris/Rio de Janeiro, Frinzine Klein e Cie/Klein Lachaud e Cie, 1884: 30.

[19] Carta de Santa-Anna Nery, datada de 16 de janeiro de 1884. Arquivos do IHGB,

A grande obra de que trata é o livro *Le pays des Amazones*: *l'Eldorado, les terres à caoutchouc*, publicado na França em 1885. De fato, antes da aparição em formato livro, Santa-Anna Nery o publicou em folhetim, nas páginas do periódico bimestral *Revue sud-américaine* (1882-89). Ao longo dos episódios, o escritor desenvolvia aspectos do seu pensamento, sobre o lugar da Amazônia e de seus habitantes, no contexto das relações entre a América do Sul e a Europa, num momento em que a ideia de uma identidade latino-americana ganhava força.[20]

Na *Revue du monde latin*, o escritor assinou alguns artigos, como *L'Amazonie*, *L'Éveil économique de l'Amazonie*, ou ainda *La place de Pará*. Dois objetivos principais surgiam nessas publicações: atrair para a região investidores estrangeiros e, ao mesmo tempo, uma mão-de-obra europeia. Lembremos, a propósito, que as províncias dos Estados amazônicos, à semelhança do que acontecia no resto do Império brasileiro, encorajavam, vigorosamente, a imigração europeia.

O próprio livro *Le Pays des Amazones* foi escrito sob encomenda da Assembleia Legislativa Provincial do Amazonas, e integra a propaganda iniciada pelas províncias amazônicas no exterior. Do lado do governo do Pará, a Associação Paraense de Imigração foi criada no dia 17 de novembro de 1885. Seu objetivo era fazer uma propaganda efetiva da província no exterior, além de acolher os imigrantes europeus. Alguns anos mais tarde, um quadro jurídico foi estabelecido

Rio de Janeiro, sessão "cartas diversas (1882-86)".

[20] Daniel Emilio Rojas destaca que foi em Paris que, pela primeira vez, a ideia de América Latina veio à luz. Segundo o autor, Paris era um dos lugares de encontro dos latino-americanos, desde a metade do século XIX. Essa "comunidade" latino-americana era formada por intelectuais, artistas, exilados, ativistas políticos e membros das elites, que frequentavam os mesmos lugares e liam os mesmos periódicos e revistas. Ver: Rojas, Daniel Emilio. "Los latinoamericanos de París en el cambio de siglo. Sobre Die Hauptstadt Lateinamerikas (2013), de Jens Streckert", em *Colombia Internacional*, vol. 87, 1° maio de 2016: 243-59.

pelo primeiro Governador do Estado do Pará, Lauro Sodré.[21]

Da França, Santa-Anna Nery participou ativamente desse início de institucionalização da imigração na Amazônia. Sua troca de mensagens com Tristão de Alencar Araripe (1821-1908), então Presidente da Província do Pará, testemunham seu engajamento:

> A propaganda na Europa deve ser feita por meio de frequentes artigos em jornais e publicações periódicas dos países.
>
> Seria útil a publicação de um – Guia do imigrante – em linguagem singela, ao alcance de todas as inteligências, informações gerais, relativamente aos favores concedidos aos imigrantes [...]. A esse conjunto de meios de propaganda, juntar-se-iam circulares, repetindo as mesmas informações, remetidas ao corpo consular brasileiro, às câmaras de comércio, às sociedades de geografia e de colonização e, profusamente, distribuídos pelos centros agrícolas e industriais. Algumas conferências, com projeções, completariam essa propaganda prática e constante.
>
> Torna-se escusado dizer que todas essas publicações devem ser feitas em várias línguas.
>
> A *Revue du monde latin*, de que sou principal proprietário, e a Sociedade Internacional de Estudos Brasileiros [...] serão poderosos auxiliares para essa propaganda, de que já vou me ocupar.[22]

O guia ao qual Santa-Anna Nery faz referência foi publicado na França, sob sua direção, em 1889, com o título de *Guide de l'émigrant au Brésil*. Nesse mesmo ano, o escritor fundou o periódico *l'Amérique* e dirigiu a publicação do livro *Le Brésil* – obra coletiva,

[21]Trata-se da lei 223, de 30 de junho de 1894, que autoriza e determina o tipo de imigração desejada nesse Estado.

[22] Carta de Santa-Anna Nery a Tristão de Alencar Araripe, datada de 8 de janeiro de 1886. Em *Fala com que o exm. sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Presidente da Província do Pará, abriu a 1ª sessão da 25ª legislatura da Assembleia Provincial, no dia 25 de março de 1886*. Belém, Typ. do Diário de Notícias, 1886.

que contém alguns artigos assinados por ele, e nos quais a Amazônia tinha um espaço cativo. Esses dois livros foram publicados no âmbito da participação do Brasil na Exposição Universal de Paris. O escritor fez parte do Comitê franco-brasileiro da Exposição, ao lado de letrados e de personalidades da diplomacia e da política brasileiras, como o Barão do Rio Branco, o Barão de Marajó, o Barão de Tefé, o Barão de Itajubá, Eduardo Prado e Ladislau Netto.

Seus esforços para que o Brasil e a Amazônia fossem representados na Exposição foram assinalados no *Guide bleu du Figaro,* dedicado ao evento.[23] O *Palais de l'Amazone,* que expôs ferramentas, utensílios e estátuas produzidos por índios, somente foi possível graças à sua ação: esse pavilhão continha vários objetos de sua coleção particular.[24]

Dessa forma, as publicações de Henri Coudreau e de Santa-Anna Nery sobre a Amazônia cobriram, de maneira complementar, toda a imprensa francesa. Para entender em que medida essas publicações serviram às respectivas empresas de vulgarização, e quais imagens da Amazônia eram veiculadas, procederemos a uma breve análise, como nos impõe o presente contexto.

3 Em prol de uma publicidade amazônica na França

A propósito da cidade de Cunani, Henri Coudreau escrevia, nas páginas do seu livro *Les Français en Amazonie*:

---

[23] "Brésil", em *Guide bleu du Figaro et du Petit Journal*, 1889: 170-73.

[24] Gama, e Abreu José Coelho da. "Breve Relatório sobre a Exposição brasileira", em *O Pará na Exposição Universal de Paris em 1899*, Pará, Typ. de Pereira & Faria, 1890: 17.

> Ce qu'on y mange? Du pain, si vous voulez. Nous avons à Counani de la farine de froment qui nous vient des États-Unis, et des boulangers qui nous viennent du Brésil, où ils étaient esclaves. Le maïs, le riz, le manioc ne nous manquent pas non plus. La biche, le tapir, la paca, l'agouti, la perdrix, l'agami, le hocco, la poule d'eau, les tortues, mille poissons, remplaceraient le bifteck aux pommes, si nous n'avions aussi notre bétail. Les pommes de terre de là-bas s'appellent des ignames, et sont supérieures aux nôtres. Comme fruits, vous avez l'ananas, la mangue, la banane, la papaye et cent autres. [...] Des volailles? C'est la plaie du pays. Du lait? Parbleu! Du chocolat? C'est le pays. Du tabac? Nous récoltons la qualité de La Havane. Du café? Il entoure nos maisons; nous prenons du café dix fois par jour. Du vin? Assurément, et qui nous coûte moins cher qu'à vous autres Européens [...].
>
> Alors, me demanderez-vous, vous avez engraissé là-bas? Oui, en effet. Et c'est même la seule fois de ma vie que cela me soit arrivé.[25]

Henri Coudreau tentará divulgar entre seus compatriotas a imagem de Terra da Cocanha, bastante recorrente no conjunto dos seus artigos, publicados na imprensa. O explorador estava convencido de que a França tinha a atenção voltada muito mais para as colônias africanas e asiáticas, do que para a americana, e não se contentava em mostrar dados concretos e mapas. Para dar a imagem de uma região propícia a receber a civilização, ele utilizava um imaginário que a associava ao "celeiro do mundo".

A concepção de uma natureza domesticável pelo homem o levou a observar a Amazônia através das lentes de uma visão utilitarista, que a colocava sob a tutela da "raça" europeia, a mais apta, segundo ele, a explorar as terras tropicais, porque ela dispunha dos

[25] Coudreau, Henri. Les Français en Amazonie, Alcide Picard éditeur, Paris, 1887: 205-16.

meios de saneamento e de desbravamento superiores, e uma melhor aptidão e capacidade de trabalho.[26]

Na sua estratégia de vulgarização, um inventário se desenhava, dando conta da fauna e da flora amazônicas. Ao mesmo tempo, o explorador não cessava de clamar os benefícios da região, a ponto de recriar um novo *Eldorado* amazônico:

> L'Amazonie, Messieurs, est un nom nouveau qui désigne une des contrées les plus vastes et plus riches du monde. Située au nord de l'Amérique méridionale, entre le massif des monts de la Parime et le grand plateau brésilien, cette contrée immense comprend la plus grande partie du vaste bassin du fleuve des Amazones. Aujourd'hui encore presque déserte, couverte dans la plus grande partie de son étendue des plus vastes et des plus belles forêts qu'on puisse voir, renfermant des terres d'une fertilité prodigieuse, arrosée par le fleuve le plus colossal du monde et par ses affluents, auprès desquels nos rivières d'Europe ne seraient que des ruisseaux, cette région a un avenir immense, justifié par une foule d'avantages que ne présente au même degré aucune partie du monde.[27]

Essa maneira de vulgarizar a Amazônia não era do gosto de Santa-Anna Nery, pois sua propaganda buscava "*éclairer et non pas séduire*".[28] Promover as vantagens "reais" de uma imigração na Amazônia, demonstrar através de fatos e números as boas perspectivas que essa empresa poderia oferecer, esses eram seus objetivos.

Entretanto, isso não o impedia de promover a mesma imagem de uma região com potencial infinito, à espera de uma colonização

[26] Coudreau, Henri. "L'Amazonie", em Bulletin de la Société de géographie commerciale de Paris, Paris, A. Lahure, 1886, tome 8: 145.

[27] Doby, V. "Compte rendu de la conférence faite au cercle des Beaux-Arts par M. Henri Coudreau, le 27 novembre 1886", em Société de géographie commerciale de Nantes, Nantes, L. Mellinet et Cie, 1886: 361-62.

[28] *Guide de l'émigrant au Brésil, publié par les soins du Syndicat du comité franco-brésilien pour l'Exposition universelle de 1889*, dir. F.-J. de Santa-Anna Nery, Paris, C. Delagrave, 1889: 15.

europeia, partilhada com Henri Coudreau. O escritor acreditava que a baixa densidade populacional da Amazônia poderia atrapalhar seu desenvolvimento e, por consequência, sua caminhada rumo à "civilização". Assim, nas suas publicações, o destaque também era dado às riquezas da região, como ele mesmo insistia nas páginas da *Revue du monde latin*:

> Le développement extraordinaire de l'Amazonie est, sans contredit, l'un des plus curieux phénomènes économiques de notre temps. Aucune région du globe n'a pas présenté, peut-être, dans des conditions analogues, un plus éclatant exemple que peut accomplir le travail appliqué à un sol recélant des richesses inépuisables.[29]

Santa-Anna Nery colocava em perspectiva as potencialidades amazônicas para atrair imigrantes, claro, mas também para tentar apagar o imaginário, puramente exótico ou selvagem, ao qual a região continuava associada. "*Les Brésiliens laissent les perroquets aux mastroquets*",[30] escrevia, numa carta endereçada ao jornal *Gil Blas* (1879-1940), que ele acusava de ter feito uma publicidade negativa do país.

Na sua construção de uma imagem da Amazônia, o exotismo de outrora, dos papagaios coloridos, dos índios antropófagos, etc., cedia espaço a dados econômicos, sustentados por números atraentes, que davam conta das exportações das províncias, notadamente de seus principais produtos, como a borracha, o cacau e a castanha do Pará. As dificuldades ligadas à região – seus obstáculos naturais, suas doenças tropicais, suas distâncias, etc. – eram suplantadas pelas possibilidades que esse novo mercado representava.

Desta forma, a imagem da Amazônia, como terra do futuro, foi compartilhada pelos dois homens. Da vulgarização da região na

[29] Nery, F.-J de Santa-Anna. "L'Amazonie", em Revue du monde latin, tome 2, 1884: 462

[30] Caprice, Don. "Les coulisses de la finance", *Gil Blas*, nº 1570, Paris, 6 mars 1884: 2.

Europa, Henri Coudreau e Santa-Anna Nery fizeram a obra de suas vidas. O explorador via na Amazônia o futuro da colonização francesa, o escritor via na colonização francesa o futuro da Amazônia. Suas respectivas publicações, nos periódicos, testemunham uma tentativa de desconstrução de certos mitos, mas, paradoxalmente, a propagação de outros. Ambos insistiam sobre as possibilidades incalculáveis que a região poderia oferecer, sem apontar as contrapartidas. Pela ação e pela imprensa, eles pintaram um quadro da Amazônia menos maravilhoso, mas que não bastou para afastá-la de um certo exotismo, do qual ainda hoje a região tenta se distanciar.

As primeiras edições brasileiras de *Voyages extraordinaires* de Jules Verne[1]

María-Pilar Tresaco
T3AxEL
Universidade de Saragoça (Espanha)

Um autor pode ser muito talentoso, escrever grandes romances, mas se não possuir um meio de divulgação de suas obras, seu trabalho não será bem sucedido, uma vez que ficará desconhecido do público. Em 1841, Élias Régnault[2] afirmava que:

> O que é preciso, portanto, para o autor, é ter sucesso; [...] Sem dúvida, o mérito é a primeira condição para o sucesso, mas não a única: é preciso que esse mérito esteja apoiado, sustentado, e seja recomendado por um patrocínio de peso. Ora, esse patrocínio depende do editor, e seu papel também não é fácil. [...] Ele recebe um diamante bruto: é preciso que faça reluzir suas mil facetas, cintilar o brilho ao sol resplandescente da publicidade.

Jules Verne obteve esse apoio de Pierre-Jules Hetzel, um grande editor e extraordinário publicitário, que compreendeu que havia outros mercados e que a obra do autor faria grande sucesso, para além das fronteiras da França. Essa divulgação não visava somente a Europa, mas também a América Latina. Entretanto, à época, o mercado latinoamericano, em expansão, afastava-se cada vez mais dos livros franceses. Fréderic Barbier considera que o francês surge como uma língua na defensiva, face à ascensão de massas alfabetizadas cada vez mais numerosas e, consequentemente, ao abandono

[1] Traduzido do francês por Felipe de Moraes.
[2] Paris: 1841: 333.

da cultura elitista internacional do século XVIII francês, em prol de uma cultura de novo tipo.[3] É o momento de ascensão das traduções e, no Brasil, não seria diferente.

Jules Verne orgulhava-se das várias traduções que povoavam suas prateleiras: "Olhem todos esses metros de traduções. Inglês, dinamarquês, italiano, todas as línguas. Oito longas prateleiras eram cobertas de livros com o mesmo título na capa".[4] Cerca de trinta livros eram traduções para o português, da casa de edições lisboeta David Corazzi,[5] editor que Verne tinha encontrado durante a chegada de *Saint-Michel III*, em Lisboa, em maio de 1884: "No dia seguinte, Jules visita seu editor português, Sr. Corazzi, que o convida para almoçar a bordo [...] Finalmente, à noite, Corazzi organiza um jantar em um grande hotel, com a participação do Ministro da Marinha e de outros oficiais".[6]

Foi Pierre-Jules Hetzel quem se encarregou de redigir os contratos com as editoras estrangeiras, o que beneficiou Verne. Como estabelecido no artigo 6, do primeiro tratado geral de 1º de janeiro de 1864,[7] "Os direitos de tradução e reprodução serão divididos igualmente entre o Sr. Verne e o Sr. Hetzel". Tais condições seriam detalhadas no artigo 7, do quinto tratado geral de 17 de maio de 1875 "[...] todos os direitos de publicação nos jornais e revistas, de reprodução e de tradução, na França e no exterior, deverão ser doravante divididos igualmente entre o Sr. Jules Verne e os senhores J. Hetzel & Cie".[8] Hetzel fez uma administração perfeita, que contribuiu para o aumento da divulgação da obra de Jules Verne.

---

[3] In *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, tome 28, n°1, Janvier-mars 1981: 116.

[4] Paris, Union Générale, 1979: 391.

5 "La biblothèque de Jules et Michel Verne" in *Verniana*, volume 3, 2010-11: 100-106.

[6] Paris, Magellan & Cie, 2005: 146.

[7] In Genebra: 2002: 358.

[8] *Ibid*: 367.

No presente trabalho, buscamos determinar quando *Voyages extraordinaires* foi traduzido no Brasil. O período de tempo analisado vai da publicação/tradução de *Cinq semaines en ballon* (1863) à da obra *La Jangada* (1881).

Para datar as primeiras traduções dos romances, iniciamos nossa pesquisa nos acervos das bibliotecas nacionais. Encontramos muitas informações nas espanholas, francesas e portuguesas.[9] No Brasil, há várias edições dos séculos XX e XXI, mas as primeiras traduções dos romances de Jules Verne não constam desses acervos. Assim, como em outros países, se os catálogos das casas de edição não estão disponíveis, os jornais são uma fonte de informação importante. A hemeroteca digital brasileira[10] permitiu-nos acessar e analisar um corpus de quarenta e dois jornais brasileiros e consultar mais de mil e quinhentas páginas. A publicação de cada romance é comunicada por diferentes jornais, mas, aqui, apresentamos as primeiras datações e, consequentemente, publicações. No caso de estas possuírem um interesse particular ou disponibilizarem informações adicionais, destacamos outras citações. Tivemos muitos problemas de leitura, já que, por vezes, a qualidade da resolução dos jornais digitalizados era muito baixa. Uma dificuldade adicional foi o fato de que nem todos os exemplares dos jornais estão digitalizados.

Na França e na Espanha, geralmente as primeiras edições dos romances são publicadas sob forma de novela folhetinesca, nos jornais. Como indicado por Catharina e Guirra,[11] a imprensa desempenhou papel muito importante nessa difusão:

> Para Verne, a imprensa funcionou não somente como fonte de pesquisas para a realização dos seus romances, mas também como cadinho das *Viagens extraordinárias,* e vitrine para a editora Hetzel, com seu *Magasin*. Portanto, seu renome se deve,

[9] Puz, 2011: 145-171.

[10] O site da *Hemeroteca digital brasileira* é: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx

[11] *Pensares em revista,* nº4., 2014: 8.

> entre outros, à larga difusão que a imprensa permitiu. Através dela, autor e obra poderão ultrapassar as fronteiras do continente europeu, atravessar o Atlântico e alcançar países como o Brasil, ainda no século XIX.

No Rio de Janeiro, Brasil, na quarta-feira, 23 de janeiro de 1867, o *Jornal do Brazil* começa a publicar, sob o título *Litteratura*, o romance *Aventuras do Capitão Hatera's* (sic). Esse tipo de publicação costuma ser encontrado na classificação *folhetim*, como podemos verificar nesse mesmo jornal, em relação a outra obra, *A Madrasta*, de Gustavo Romiaux **(fig. 1)**.

LITTERATURA

AVENTURAS DO CAPITÃO HATERA'S
POR
JULIO VERNE
(OS INGLEZES NO POLO DO NORTE)

CAPITULO I.

FOLHETIM.

A MADRASTA.

GUSTAVO ROMIAUX.

II.

ANNO I. JORNAL DO BRAZIL N. 2.

CORTE
Por TRIMESTRE..... 3$
Por SEMESTRE..... 6$

Quarta-feira 23 de Janeiro de 1867.

PROVINCIAS
Por TRIMESTRE..... 4$
Por SEMESTRE..... 8$

(fig. 1)

Pudemos datar, praticamente, todos os capítulos do romance (a partir do segundo, o título se torna *Hateras*) até o começo do nono, *Uma nova carta*, publicado em 12 de junho. Infelizmente, o jornal não está digitalizado a partir desse número. É o primeiro testemunho de um romance de Verne em português, no Brasil.

Mas a expansão dos romances vernianos ocorre através da publicação das traduções em volumes. Hetzel estabelece uma relação de gestão, com a editora de Baptiste-Louis Garnier, editor francês que chega em 24 de junho de 1844 ao Rio de Janeiro. Andréa Borges Leão[12] considera que

> A dupla Hetzel-Verne não correria mundo sem o trabalho da

[12] Borges Leão, Andréa. In: http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922012000300004

> família de livreiros Garnier, que servia de entreposto comercial e distribuidora dos clássicos juvenis para os países da América do Sul. [...] O que realmente favorecia o sucesso de Jules Verne e o conectava a leitores de países distantes era o desenvolvimento a pique do comércio transatlântico da livraria francesa, que exportava livros e conhecimentos para boa parte do mundo. [...] O programa editorial da Garnier para a América Latina diz muito sobre a organização da circulação dos livros e, principalmente, sobre o que se transferia da França para o Brasil.

Borges Leão[13] afirma também, que "somente no final do século XIX é que são feitas traduções para o português, dos títulos mais importantes, a exemplo das edições populares da obra de Júlio Verne, testemunhas do bom negócio que o Garnier do Brasil fazia com a casa Hetzel, de Paris". Em uma rubrica necrológica do jornal *O Álbum,* de 7 de outubro de 1893, dedicada ao editor, explica-se que "Julio Verne, mais que nenhum outro escritor, contribuiu para enriquecê-lo... sem o saber".

A editora de Baptiste-Louis Garnier recrutou tradutores brasileiros para traduzir os romances de Jules Verne, independentemente das versões portuguesas de Corazzi. Mais tarde, em 1884, Corazzi abriu uma sucursal no Brasil, administrada por seu amigo José de Mello.[14] Observamos dez tradutores diferentes, com Garnier.[15] Mas

---

[13] _____. FaE/UFMG. 2006: 191.

[14] Lisboa, 1985: 66.

[15] Lista dos tradutores e de suas traduções: Antonio José Fernandez dos Reis*: Os quinhentos milhões da Begum*; Antonio José Ferreira dos Reis: *Um capitão de quinze anos*; Aureliano Coutinho: *Heitor Servadac*; Fortunio: *Vinte mil léguas submarinas*, *A Ilha misteriosa*, *O Chancellor* e *Miguel Strogoff o correio do czar*; J. F. Valdes: *O pais das peles*; J. M. Vaz Pinto Coelho: *A jangada*; Jacintho Cardoso da Silva: *O capitão Hateras, Viagem ao centro da terra* e *Os filhos do capitão Grant*; Luiz Barbosa da Silva: *Uma cidade flutuante*; M. R. Carneiro: *Cinco semanas em um balão*; Salvador de Mendonça: *Da Terra à Lua* e *À volta da Lua*.

quando foram feitas essas traduções? Foram datadas a partir das informações fornecidas pelos jornais.

O Mosquito, de Rio de Janeiro, em 15 de fevereiro de 1873,[16] agradece: "Ao Sr. B.L.Garnier - Viagem ao Centro da Terra, excellente obra de Julio Verne, traduzida com muito esmero pelo Sr. J. Cardoso da Silva". Em 6 de maio, com o título *Bibliographia, A Reforma*, do Rio de Janeiro, publica uma resenha que nos dá as características distintas desse primeiro romance traduzido de Jules Verne, *Viagem ao centro da terra*. São narrados o argumento, a fama de seu autor, o nome do tradutor, Jacintho Cardoso da Silva, assim como elogios.

> Temos apenas uma excelente versão portuguesa da *Viagem ao centro da terra,* da obra mais popular do distinto escritor. [...] Felizmente, o Sr. Garnier tem no prelo a tradução de outros livros do mesmo autor, e não é esse um pequeno serviço que se presta às ciências e letras entre nós. [...] Se um dos trabalhos dificeis a fazer é, segundo Villemain, a tradução de um livro, é forçoso confessar que saiu-se bem da tarefa quem para o português verteu a *Viagem ao centro da terra*, de Jules Verne.[17]

Esse mesmo jornal, em 15 de julho, anuncia a publicação da primeira parte de *Os Filhos do capitão Grant, viagem na América do Sul, por Julio Verne*, tradução de Jacintho Cardoso da Silva, obra premiada pela Academia Francesa. O texto exalta os méritos do autor (que se torna Julio), narra o argumento do romance, convida a comprá-lo e indica o editor, Garnier.

---

[16] Em 1873, Jules Verne já tinha publicado onze romances: *Cinq semaines en ballon Voyage de découvertes en Afrique* (1863); *Voyages et aventures du capitaine Hatteras* (1864-65); *Voyage au centre de la Terre* (1864); *De la Terre à la Lune Trajet direct en 97 heures* (1865); *Les enfants du capitaine Grant* (1865-67); *Vingt mille lieues sous les mers, Tour du monde sous-marin (*1869-70); *Autour de la Lune* (1869); *Une ville flottante* (1870); *Aventures de trois Russes et de trois Anglais dans l'Afrique australe* (1871-72); *Le pays des fourrures* (1872-73) e *Le tour du monde en quatre-vingts jours* (1872).

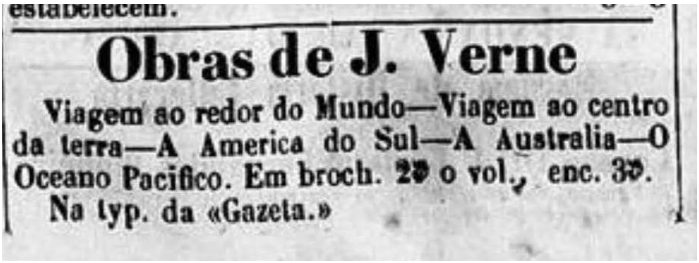
[17] Por orientação dos organizadores, atualizamos a grafia do português do Brasil, respeitando a nova reforma ortográfica. N.T.

> Júlio Verne é um verdadeiro homem de ciência, conhecedor do caráter e da índole do povo para o qual escreve, dotado de um fino espírito, e que empreendeu, na forma atrativa e singela do romance, a tarefa de descrever o mundo físico e todos os fenômenos que nele se passam. [...] Verne nos descreve de um modo pitoresco e agradável tudo aquilo; e o que não deve saber o narrador de tão grandes cenas, para, em um volume pequeno, reunir tanto conhecimento, dar tanta informação, ensinar tanta cousa útil?

Dois dias depois, em 17 de julho de 1873, lia-se no Diário do Rio de Janeiro: "Publicou-se o romance de Jules Verne Os Filhos do capitão Grant, traduzido para o português por Jacintho Cardoso da Silva". *A Reforma* ressalta, em 19 de agosto, a publicação da segunda parte desse romance. Entretanto, há uma variante importante, o título da obra passa a ser *Viagem ao redor do mundo, Os filhos do capitão Grant "Austrália", com a observação de* que se trata de *obra prestigiada pela "Academia francesa", vertida para português. Editor B.L.Garnier*. Em 14 de outubro, com a indicação *Bibliograhpia* (sic) terceira parte, *Pacifico, O terceiro volume da Viagem ao redor do mundo, de Jules Verne, conhecido pelos Filhos do capitão Grant*, é anunciada. O registro bibliográfico indica que esse volume completa o romance, além de prever um grande sucesso:

> Com este volume, completa Verne o seu tratado de geografia popular, escrito sob a forma mais amena que se pode desejar. São três volumes, cuja leitura se aproveita enormemente, e a imensa tiragem que entre nós tiveram a *América do Sul* e a *Austrália* garantem a este o mesmo sucesso.

Descobrimos que esse romance traz problemas de denominação. O anúncio, da *Gazeta de Campinas* de 1º de novembro de 1873, exemplifica o fato. Já havíamos sido prevenidos da publicação de *Viagem ao centro da terra*, mas os outros quatro títulos misturam-se como se fossem romances diferentes, e não apenas um, *Os filhos do capitão Grant*, título que não aparece (fig. 2).



estabelecem.

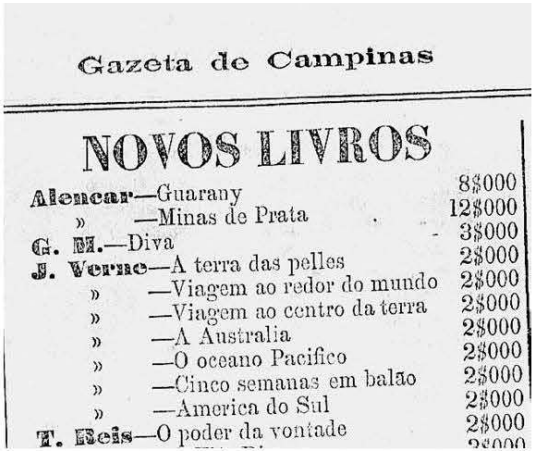
Obras de J. Verne

Viagem ao redor do Mundo—Viagem ao centro da terra—A America do Sul—A Australia—O Oceano Pacifico. Em broch. 2$ o vol., enc. 3$.

Na typ. da «Gazeta.»

(fig. 2)

Tal confusão continua em 9 de agosto de 1874 **(fig. 3)**.



Gazeta de Campinas

NOVOS LIVROS

Alencar—Guarany		8$000
»	—Minas de Prata	12$000
G. M.—Diva		3$000
J. Verne—A terra das pelles		2$000
»	—Viagem ao redor do mundo	2$000
»	—Viagem ao centro da terra	2$000
»	—A Australia	2$000
»	—O oceano Pacifico	2$000
»	—Cinco semanas em balão	2$000
»	—America do Sul	2$000
T. Reis—O poder da vontade		2$000

(fig. 3)

No mesmo dia, este fato repetiu-se, por exemplo, no anúncio da *Livraria e papeleria de Joaquim Jose d'Oliveira & C.ª*, editado no jornal *Pedro II* de Ceará.

O romance seguinte publicado é *A Terra das peles*. No dia 6 de dezembro de 1873, o jornal semanal do Rio de Janeiro, *A Vida Fluminense*, agradece as obras oferecidas pelo Sr. Garnier e destaca que já são seis os volumes editados,

> *A Terra das peles*, por Julio Verne, tradução de J. F. Caldas. Tomo 1º. – São, com este, seis volumes que aquele estimado escritor, o Sr. Garnier, naturaliza em português, o que constitui um bom serviço para os que desejam aprender de modo deleitoso. É a narrativa que instrui; a ciência que perde a aridez e se torna amena.

No sábado, dia 13, o jornal introduz uma *Retificação,* na qual é explicado que um erro tipográfico tinha mudado o nome do tradutor: no lugar de Caldas dever-se-ia ler Valdes.

O *Diário do Rio de Janeiro,* no dia 17, também anuncia o romance, com erro. Mas, dessa vez, era o título: "Terra" vira "Serra": *A Serra das peles*. No dia 18, um anúncio da *Gazeta de Campinas* indica o preço do referido volume, "2$ o ex."

Seis novos romances são traduzidos em 1874. Encontra-se, em 29 de janeiro, na *Gazeta de Campinas*, um anúncio de *Cinco semanas em balão, por J. Verne, a 2$000 o exemplar*. A *Gazeta de Campinas* e *A Reforma*, em 8 de fevereiro, indicam também o nome do editor, Garnier, mas é o *Cearense* de Fortaleza, em 22 de fevereiro, que fornece mais informações: "Cinco semanas em balão, por Jules Verne, tradução de M. R. Carneiro; lindo romance, in 8º, com 284 páginas". Alguns dias mais tarde, em 24 de fevereiro, a *Livraria Francesa* anuncia na rubrica *Avisos - Livros novos do Rio de Janeiro*.

Em *Livros novos*, do jornal *Diário de Belém,* no dia 28 de julho, a *Livraria Clássica* dava informações sobre o segundo romance de 1874, *Viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos, por Júlio Verne. / Da Terra à Lua, viagem direta em 97 horas e 20 minutos, com excelentes gravuras, 1 vol., 4$000*. É preciso aguardar os anos 30 para surgir o tradutor, Salvador de Mendonça, e é a *Gazeta de Campinas* que informa **(fig. 4).**

Gazeta de Campinas

Da Terra á Lua

por J. Verne, traducção de Salvador de Mendonça.
Na typ. da Gazeta a 2$ o ex.

(fig. 4)

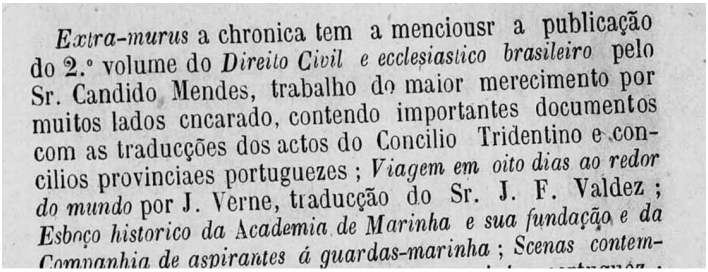
A Constituição do Ceará, de 14 de agosto, na rubrica *presse*,

comunicava que o Sr. Garnier, importante e corajoso editor, havia oferecido ao jornal dois livros recentemente editados, do famoso romancista francês Jules Verne, *Da terra à lua* e *Vinte mil léguas submarinas*.

> Imprensa: Fomos obsequiados pelo Sr. B. L. Garnier, importante e esforçado livreiro do Rio de Janeiro, com os seguintes livros, por ele ultimamente editados:
>
> *Da terra à lua,* interessante romance do distinto romancista francês Julio Verne, vertido para o português por Salvador de Mendoça. *Vinte mil léguas submarinas*, do mesmo autor, e traduzido por *Fortunio*.

A Vida Fluminense, do dia 12 de setembro de 1874, atenuava a informação sobre esse último romance: "Agradecemos a remessa das seguintes publicações: [...] Vinte mil léguas submarinas, por Júlio Verne. Versão de Fortúnio. Esta obra, laureada pela Academia Francesa, é já a 8ª que deste autor benemérito, que instrui deleitando, manda traduzir o Sr. Garnier. Gazeta de Campinas"; 4 de outubro, indica o preço "1 vol. broch. 3$000 enc. 4$000".

Em 30 de junho de 1873, a *Revista Mensal da Sociedade*, do Rio de Janeiro, apresenta a publicação de *Viagem em oito dias ao redor do mundo*, de J. Verne, e tradução de J. F. Valdez. A redução temporal (de oitenta para oito dias) chama a atenção **(fig. 5)**, mas o que nos surpreende mais é o fato de não encontrarmos nenhuma outra indicação, até 21 de outubro de 1874. Nesse dia, inserido no *Jornal de Recife*, um anúncio da *Livraria Francesa* revela a publicação de *Viagem ao redor do mundo em 80 dias*.



Extra-murus a chronica tem a mencionar a publicação do 2.º volume do *Direito Civil e ecclesiastico brasileiro* pelo Sr. Candido Mendes, trabalho do maior merecimento por muitos lados encarado, contendo importantes documentos com as traducções dos actos do Concilio Tridentino e concilios provinciaes portuguezes ; *Viagem em oito dias ao redor do mundo* por J. Verne, traducção do Sr. J. F. Valdez ; *Esboço historico da Academia de Marinha e sua fundação e da Companhia de aspirantes á guardas-marinha* ; *Scenas contem-*

(fig. 5)

Alguns meses mais tarde, em 20 de maio de 1875, na rubrica *Variedade*, é reproduzida uma síntese do argumento do referido romance. Cinco dias depois, no mesmo espaço, questiona-se a importância dada à educação e também pergunta-se algo não muito agradável a Jules Verne: "E que livros temos nós para leres? Serão as insossas histórias de Julio Verne, [...]". Esse texto foi reproduzido por O Despertador, de *Desterro*, quatro meses mais tarde, em 5 de outubro.

O quinto romance, traduzido em 1874, foi *Aventuras de três russos e três ingleses na África austral*. O jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, de 13 de outubro, anuncia-o, acrescentando muitos elogios:

> A casa Garnier acaba de enriquecer a sua coleção de livros de Júlio Verne, com a tradução de *Aventuras de três russos e três ingleses na Africa austral*, obra laureada pela Academia francesa.
>
> A soma de conhecimentos e a variedade deles, que se encontram no livro do premiado escritor, difundidas entre nós pelas traduções editadas pelo incansável Sr. B.L. Garnier, muito hão de concorrer para a instrução nacional.
>
> O volume agora publicado é um dos mais interessantes.

O jornal *Gazeta de Campinas,* do dia 22 de outubro, agradecia ao Sr. Garnier pelo envio desse romance, enaltecia o escritor, comparando-o a outros autores, além de elogiar o editor.

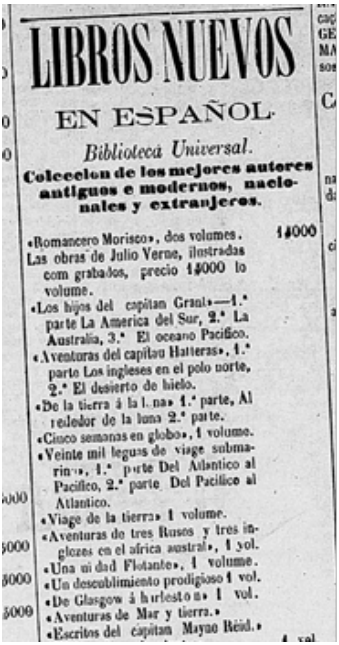
> Este notável escritor, que tanto tem servido à humanidade nestes últimos tempos, pondo ao alcance dos espíritos menos esclarecidos os princípios da ciência, por meio de obras concebidas em um estilo fácil, atraente e ao mesmo tempo cheio de belezas, abordando assuntos selecionados, em que entra muito o sabor sempre peregrino e original da ação, esse notável escritor, dizíamos, é um dos que mais renome têm adquirido entre os Flammarion, os Figuier, os Guillemin, e tantos outros vulgarizadores dos conhecimentos úteis.
>
> E portanto, é digno de elogios o empenho do sr. Garnier em fazê-lo de todo conhecido em nossa língua.
>
> Esta sua última produção de que falamos, como outras, foi premiada pela Academia Francesa e, só por isso, já se pode medir o seu merecimento.

Uma cidade flutuante é o sexto e último romance traduzido em 1874, por Garnier. *A Vida Fluminense*, de 14 de outubro, divulga a publicação dessa obra. Esse jornal indicava que o tradutor responsável era o Sr. Dr. Luis Barbosa da Silva, cujo nome encontramos com diferentes grafias. Já nos periódicos *Jornal de Recife* e *A Pátria*, de Niterói, de 29 de novembro, bem como em *O Despertador*, do dia 8 de dezembro, lê-se Sr. Luiz Barboza da Silva. Mas esse nome se transforma em sr. Luiz Barbosa da Silva na *Constituição*, do Ceará, do dia 2 de dezembro, *Gazeta de Campinas* de [sic] e *Pedro II*, do dia 8. No entanto, esses jornais concordam em elogiar o autor e/ou o editor. Um exemplo é o elogio d'*A Vida Fluminense*: "Empresa digna de aplauso é esta que o Sr. Garnier tomou a si de fazer vulgarizar em nossa língua essas obras instrutivas do fecundo escritor francês. São dessas que alumiam o espírito sem perverterem a moral". Ou a da Gazeta de Campinas: "Júlio Verne é um dos homens de ciência mais populares da atualidade, pelo dom com que atrai os assuntos mais positivos, às vezes, a abordagem de peripécias sempre cheias de interesse, e desenvolvidas em um estilo elegante e rico".

No mês de dezembro, Garnier edita em volume único *Viagens e aventuras do capitão Hatteras*. O jornal carioca *A Vida Fluminense*, de 12 de dezembro, informa sua publicação, mas, assim como ocorrido em 1867, com um erro no título: "'*Viagens e aventuras do capitão Rotteros*', volumoso livro de Júlio Verne, traduzido pelo Sr. Jacintho Cardoso da Silva, e do mesmo gênero dos que d'aquele autor temos noticiado. Edição do Sr. Garnier, a quem a nossa literatura deve a vulgarização d'estas obras instrutivas". No dia 19, o *Jornal de Recife* publica um anúncio da *Livraria Francesa*, com o título correto e indica seu preço aos leitores, br. 3$000.

As livrarias certamente tinham interesse em despertar a curiosidade do leitor. Lia-se, na quarta página do *Jornal de Recife*, de 30 de dezembro, por exemplo, "Livros - A Livraria Popular pede atenção para o anúncio que insere no lugar competente, de obras novas de Verne e outros livros". O anúncio está na sexta página e o último romance citado é *Uma cidade flutuante*.

Um fato nos chamou a atenção: nesse mesmo ano, entre 12 de agosto e 5 de setembro, o *Diário de Belém* incluiu um anúncio da *Biblioteca Universal* de livros de Verne, em espanhol (fig. 6).



LIBROS NUEVOS

EN ESPAÑOL

Biblioteca Universal.

Coleccion de los mejores autores antiguos e modernos, nacionales y extranjeros.

«Romancero Morisco», dos volumes. 1$000
Las obras de Julio Verne, ilustradas com grabados, precio 1$000 lo volume.
«Los hijos del capitan Grant»—1.ª parte La America del Sur, 2.ª La Australia, 3.ª El oceano Pacifico.
«Aventuras del capitan Hatteras», 1.ª parte Los ingleses en el polo norte, 2.ª El desierto de hielo.
«De la tierra á la luna» 1.ª parte, Al rededor de la luna 2.ª parte.
«Cinco semanas en globo», 1 volume.
«Veinte mil leguas de viage submarino», 1.ª parte Del Atlantico al Pacifico, 2.ª parte Del Pacifico al Atlantico.
«Viage de la tierra» 1 volume.
«Aventuras de tres Rusos y tres ingleses en el africa austral», 1 vol.
«Una ciudad Flotante», 1 volume.
«Un descubrimiento prodigioso 1 vol.
«De Glasgow á Charleston» 1 vol.
«Aventuras de Mar y tierra.»
«Escritos del capitan Mayne Réid.»

(fig. 6)

O Globo, de 2 de janeiro de 1875, tem um anúncio da livraria Garnier que relata que o primeiro volume de *A Ilha misteriosa*[18] está à venda.

> Acaba de sair à luz, e acha-se à venda na livraria de B. L. Garnier, na rua do Ouvidor n. 65 (antigo 69): *Ilha misteriosa*
>
> por Julio Verne: obra laureada pela Academia Francesa, 1 vol. In 8º. Com gravuras, brochura 2$000.

[18] *L'île mystérieuse* é publicado entre 1º de janeiro de 1874 e 15 de dezembro de 1875 in *Magasin d'Éducation et de Récréation*. *Journal pour toute la Famille*. A edição de Hetzel do primeiro volume é colocada à venda em 10 de setembro de 1874, a segunda, em 12 de abril de 1875 e a terceira, em 28 de outubro de 1875. Para consultar as informações de todas as obras de Jules Verne: Della Riva, Piero Gondolo, *Bibliographie analytique de toutes les œuvres de Jules Verne*, Paris, Société Jules Verne, 1977.

No mesmo dia, *A Vida Fluminense* agradece o envio desse romance, fazendo sua descrição e reproduzindo uma parte do prólogo redigida pelo editor:

> *A Ilha misteriosa – Os náufragos do ar* por Julio Verne, tradução de Fortunio, 1ª parte. - Todos conhecem a índole dos trabalhos daquelle autor: nesta obra "consegue demonstrar que a ciência é útil ao homem nos casos normais da vida, ainda se lhe torna mais indispensavel quando isolado e segregado de seus semilhantes, abreviando-lhe assim as provações e colocando-o na posição que perdera". (*Prólogo do editor*, o Sr. B. L. Garnier).

Esse jornal, no dia 24 de julho de 1875, e *A Pátria*, no dia 29, divulgaram a publicação da segunda parte, *O Abandonado*. Este último afirmava "O Abandonado é um livro de muito merecimento, envolvendo interesse científico, como todas as obras do notável e fértil escritor Júlio Verne" e anunciava a terceira parte, *Segredo da Ilha*. O jornal *O Despertador,* do dia 1º de fevereiro de 1876, chamava a atenção para o fato de que com aquele último volume completava-se a obra *A Ilha misteriosa*, "o mais instrutivo e cheio de atrativos; foi assim que o considerou a imprensa francesa. A versão para o português é excelente".

A partir de *L'île mystérieuse*, o intervalo de tempo que separava a edição francesa da tradução brasileira começou a se reduzir.

Ao redor da lua foi anunciado pelo *Mercantil* do Rio de Janeiro, em 20 de fevereiro de 1875 (fig. 7). Este jornal o descreve como uma divertida obra de ciência, recomendando sua leitura. Esta mesma descrição se repete na *Gazeta de Campinas*, do dia 28.

1875
PETROPOLIS
ANNO XIX

MERCANTIL

N.13
Sabbado
20 de Fevereiro

PREÇOS ADIANTADOS.
CÔRTE E INTERIOR:
Por um anno..... 14$000
Por seis mezes... 8$000

JORNAL POLITICO, LITTERARIO, COMMERCIAL E NOTICIOSO.
Proprietario e Editor B. P. Sudré.
Publica-se as quartas-feiras e sabbados. Subscreve-se na rua de D. Januaria n. 3.

PREÇOS ADIANTADOS.
PETROPOLIS:
Por um anno.... 12$000
Por seis mezes.. 7$000

MERCANTIL.

NOTICIAS DIVERSAS

Fallecimento.—Depois de dois mezes de soffrimento, ante-hontem ás 7 horas da noite entregou a alma ao Criador a Exm. Sra. D. Francisca Rosa de Sousa Salgado

encarregada desse serviço esqueceu-se de trazel-a.

Não é a primeira vez que nos fazem essa sorpreza tão desagradavel.

∴

Hospede illustre.—O distincto e illustrado conselheiro senador do imperio Francisco Octaviano de Almeida Rosa, acha-se de passeio nesta cidade, onde se demo-

No oratorio do Rev. padre Francisco de Castro A. Bacellar, ás 6 ½.

No Asylo de Nossa Senhora do Amparo, ás 7.

Na igreja do SS. Coração de Jesus, ás 7 ½.

Na igreja matriz, ás 6 ½ e 7 ½; concluindo com a missa solemne e *libera-me* ás 8 ½.

2$.—*Ao redor da lua*, 1 v. enc. 3$, br. 2$000. Obra engraçadissima e que é ao mesmo tempo um livro de sciencia positiva, irreprehensivel.

Nada de mais attrahente do que a historia dos preparativos para uma visita a nosso satelite, finda a leitura do qual, fica o leitor conhecendo as relações que existem entre a terra e a lua. A volta dos viajantes é tambem muito interessante.

(fig. 7)

O romance seguinte, traduzido para o português foi, segundo o *Jornal de Recife* do dia 18 de maio de 1875, *Le Chancelor*[19]: "Tal é o titulo da última obra de Verne, em que o autor descreve com a sua habitual maestria as dramáticas peripécias da navegacão e naufrágio do navio Chancelor. Superior ainda, como interesse da narração e perfeição do estilo às pre cedentes produções de Verne, este livro de 314 páginas vende-se pelo diminuto preço de 2$. Livraria Francesa". As informações dadas por *A Vida Fluminense*, do dia 22 de maio, indicam que o título é *O Chancellor*, e o tradutor, Fortúnio. Isso é apoiado por uma propaganda da editora e livraria Garnier, publicada em *O Liberal do Pará*, de Belém do Pará, em 20 de julho de 1875 **(fig. 8)**.

[19] *Le Chancellor* é publicado em *Le Temps,* entre 17 de dezembro de 1874 e 24 de janeiro de 1875. A data em que a obra foi colocada à venda, por Hetzel, é 13 de fevereiro de 1875.

ANNUNCIOS.

OBRAS
DA LIVRARIA
Garnier

O Chancellor

Com o titulo de CHANCELLOR sahio da casa Garnier mais um excellente livro de Julio Verne, perfeitamente vertido. Este ultimo trabalho do fertil escriptor é a historia de uma viagem em um navio de vella daquelle nome, emprehendida de Charleston á Liverpool. Toda a especie de successo occorre aos viajantes: naufragio, incendio do carregamento, fome, e depois de trabalhos extraordi-

(fig. 8)

Este anúncio demonstra o sucesso de Verne no Brasil, mesmo em língua francesa, uma vez que Garnier ressalta o preço mais acessível da obra em português: "e o editor da versão o põe ao alcance do público por um preço mais barato do que aquele pelo qual se pode comprar o mesmo livro em francês no Brasil". Nós constatamos, assim como também o fizeram Catharina e Guirra,[20] que, em todas as propagandas das livrarias, o preço de cada romance em português era o mesmo.

O Globo, na rubrica *Leitura do Domingo*, no dia 7 de julho de 1876, informava a publicação em português de *Miguel Strogoff*, ao mesmo tempo em que o romance era editado na França, na "Revista Francesa", na qual os trabalhos desse popular escritor eram publicados.[21] O artigo ressalta que o Sr. Lomberts, inteligente e ativo editor, imprimiria o número 25, da *Leitura do Domingo*, reservada

[20] *Op.cit.*, 2014: 11.

[21] *Michel Strogoff. Moscou - Irkoutsk* é publicado de 1º de janeiro a 15 de dezembro de 1876 na revista *Magasin d'Éducation et de Récréation*. A data em que o primeiro volume foi colocado à venda, por Hetzel, é 14 de agosto de 1876 e a do segundo, 6 de novembro de 1876.

ao romance de Júlio Verne, *Miguel Strogoff*. No dia 9, na última página, *O Globo* inseriu a seguinte publicidade (fig. 9).

MIGUEL STROGOFF
ULTIMA PRODUCÇÃO DO SABIO ROMANCISTA
JULIO VERNE
está sendo publicada no jornal illustrado
LEITURA DO DOMINGO
ASSIGNA-SE NA LIVRARIA
LOMBAERTS & C.
7 Rua dos Ourives 7
PREÇO ANNUAL
CÔRTE..... 8$000 | PROVINCIAS. 10$000
Numero avulso 200 rs.

(fig. 9)

Este semanário, *Leitura do Domingo* (fig. 10), de 23 de abril de 1876, anuncia-o da seguinte maneira:

> Temos a satisfação de informar ao nossos leitores que, em virtude de um acordo, poderemos em um dos próximos números, começar a publicação da recentíssima produção do muito festejado, eminente e sábio romancista científico JÚLIO VERNE,
>
> MIGUEL STROGOFF
>
> A parte publicada em cada número será acompanhada de uma linda gravura, reproduzindo episódios do romance.

(fig. 10)

Infelizmente, esse jornal não está totalmente digitalizado. A primeira referência é a do dia 6 de agosto de 1876, que corresponde ao fim do capítulo III da primeira parte, e a última, de 29 de outubro, ao fim do capítulo VIII. Porém, no dia 6 de agosto, é lançado o nº 31 da publicação e, no rodapé, está indicado "vede desde o n. 25", de sorte que o número 25 corresponderia a 25 de junho de 1876, apenas alguns dias antes da publicação de Garnier. As ilustrações que acompanham as passagens são de autoria de Jules-Descartes Férat, da edição Hetzel.

O jornal *Illustração Brasileira*, de 1º de outubro de 1876, ao final da rubrica *Boletim Bibliographica*, agradece ao incansável Sr. Garnier, pelo envio da primeira parte de *Miguel Strogoff ou Correio do Czar*, traduzido por Fortúnio. Dois pequenos anúncios, em 17 de outubro de 1876, em *A Pátria*, e também na rubrica *Libros Novos* do jornal *Cearense*, do dia 19 de novembro, confirmam o lançamento da primeira parte da tradução do novo romance de Jules Verne, *Miguel Strogoff ou o C*orreo *do Czar*.

O Globo, do dia 29 de janeiro de 1877, na rubrica *Júlio Verne*, informa sobre o lançamento da segunda parte do romance. *A Pátria*,

em 10 de fevereiro, *O Apóstolo*, do Rio de Janeiro, no dia 11, e o *Dezenove de Dezembro*, de Curitiba, no dia 17, também o anunciaram. Em *Anúncios*, do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, do dia 4 de março, encontramos a indicação de que a *Livraria Imperial* tinha recebido *Verne, Miguel Strockoff, illustrado, 5$*.

Um pequeno anúncio do *Diário de S. Paulo* de 24 de outubro de 1877, revela a publicação de *Heitor Servadac, viagens e aventuras através do mundo solar,*[22] *por Júlio Verne (Primeira parte)*. No dia seguinte, uma rubrica bibliográfica do jornal carioca *O Mequetrefe* anuncia a publicação de um novo romance de Júlio Verne: "Acabamos de receber a 1ª parte do último romance de Júlio Verne, intitulado Heitor Servadec, vertido para a nossa língua pelo Dr. Aureliano Coutinho. Este romance pertenece à Biblioteca Universal, de que é editor o infatigável Sr. Garnier". Em 9 de fevereiro de 1878, o segundo volume teria sido colocado à venda, segundo a *Revista Illustrada*. O jornal *O Mequetrefe*, no dia 16, afirma ser necessário encomendar a importante obra e, dessa vez, com o nome corretamente escrito: "É desnecessário recomendar a importância desta obra, basta ler-lhe o título e o nome do autor para avaliá-la. – *Heitor Servadac, viagens e aventuras através do mundo solar,* por Júlio Verne, segunda parte, tradução de Aureliano S. O. Coutinho". Por outro lado, o *Jornal de Recife*, em 18 de março, após fazer grandes elogios ao editor, introduz uma nova variante no título: através torna-se "atrozes: *Heitor Servadac, viagens e aventuras atrozes do mundo solar*".

Em *O Liberal do Pará*, do dia 3 de junho de 1877, no início da quarta coluna de sua primeira página, lê-se "As *Indias Negras*[23] - É

[22] *Hector Servadac. Voyages et aventures à travers le monde solaire* é publicado no *Magasin d'Éducation et Récréation et Semaine des Enfants réunis. Journal de toute la Famille* do dia 1º de janeiro a 15 de dezembro de 1877. A data, em que o primeiro volume foi colocado à venda por Hetzel, é 19 julho de 1877 e do segundo, 7 de novembro de 1877.

[23] *Les Indes noires* foi publicado em *Temps* entre 28 de março e 22 de abril de 1877. A obra foi colocada à venda por Hetzel em 26 de abril de 1877.

uma das últimas e mais importantes produções do infatigável escritor Júlio Verne", mas tratava-se da edição francesa. A publicação no jornal francês *Temps* é comentada por *A Imprensa*, de Teresina, do dia 9 de junho. Na edição do dia 31 de dezembro, lê-se na *Revista Ilustrada*, do Rio de Janeiro: "As *Indias Negras*, romance de Júlio Verne, vertido para o português e editado pelo Sr. Garnier"; do mesmo modo, *O Mequetrefe* faz referência à obra no mesmo dia.

A apreciação desse romance, feita pelo *Correio Paulistano*, em 19 de janeiro de 1878, é muito interessante, uma vez que descreve como seria o leitor de Júlio Verne: "dirige-se à inteligência de quem tem uma certa cultura, quando ensina as conquistas do engenho e da indústria do homem sobre as riquezas minerais, escondidas no seio da terra, e o modo de explorá-las".

No dia 14 de junho de 1878, o correspondente português do *Jornal de Recife* (jornal do dia 4 de julho) informa sobre a visita de Júlio Verne a Lisboa. Ele descreve o romancista como um homem extremamente afável, que estava trabalhando no romance *Un Capitaine de quinze ans*[24]:

> O célebre escritor Júlio Verne esteve em Lisboa, mas, infelizmente para nós, pouco se demorou, apenas dia e meio; [...] falou modestamente de si e contou que trabalhava agora no seu *Capitaine de quinze ans*[25], e que ia aproveitar o resultado das viagens de

[24] *Un Capitaine de quinze ans* foi publicado no *Magasin d'Éducation et Récréation et Semaine des Enfants réunis. Journal de toute la Famille* de 1º de janeiro a 15 de dezembro de 1878. O primeiro volume foi colocado à venda por Hetzel, em 1º de julho de 1878 e o segundo, em 14 de novembro de 1878.

[25] Verne trabalhou nas correções da segunda parte do romance. Em 23 de maio de 1878 ele escreve uma carta a Pierre-Jules Hetzel, para dizer que havia enviado um "paquet contenant les premières livraisons du 2e vol. *Cap. 15 ans* (il suffira de faire vérifier les corrections) plus le texte qui va jusqu'au 12e chapitre inclus" em Olivier Dumas, Piero Gondolo della Riva & Volker Dehs, *Correspondance inédite de Jules Verne et de Pierre-Jules Hetzel (1863-1886),* Tome II (1875-78), Slatkine, Genève, 2001: 279.

> Livingstone e de Stanley para fazer conhecida dos seus inúmeros leitores aquela parte de África, ainda pouco explorada, e que as recentes investigações tornaram mais conhecida.

A Reforma, no dia 27 de setembro de 1878, divulga o lançamento de *Um comandante de 15 anos*. Um anúncio de Haupmann & C., publicado em *O Mercantil*, de 11 de dezembro, traz informações adicionais: "NOVIDADE. VERNE (Júlio) – *Um comandante de 15 anos* (1ª parte). – 1 vol. br. 800 rs". Mas é no jornal *O Apóstolo*, de 15 de janeiro de 1879, que encontramos o nome do editor, Sr. B. L. Garnier e do tradutor, "tradução do original francês de Júlio Verne, por Antonio José Ferreira dos Reis".

Durante o ano de 1879, os anúncios mencionam unicamente os romances já traduzidos, principalmente *As Índias negras* e *Um comandante de 15 anos*. Novamente são introduzidas variantes nos títulos dos romances. A *Livraria de Serafim José Alves*, no *Jornal do Comércio* de 5 de janeiro, promove "*Um herói de 15 anos*, último romance de Júlio Verne, com magníficas gravuras, 1 vol. 3$". Já para a *Livraria Acadêmica*, da Bahia, o título é *O capitão de 15 anos* (*O Monitor* de 22 de maio).

Tivemos muitos problemas com a data do romance *Les cinq millions de la Bégum*.[26] Finalmente, constatamos que em janeiro de 1880, a *Revista Ilustrada*, na rubrica *Bibliografia*, assinada por A. Gil, anuncia-o: "A casa Garnier editou mais um livro: *Os quinhentos Milhões e os Revoltosos do Bounty*, romance por Júlio Verne, traduzido por A. J. dos Reis. O nome do autor basta para explicar o gênero da obra e recomendá-la aos seus admiradores". *O Apóstolo*, no dia 28, enuncia o título inteiro: "*Os quinhentos milhões de Begum e os revoltosos do Bounty*, por Júlio Verne, tradução

[26] *Les 500 millions de la Bégum* foi publicado no *Magasin d'Éducation et Récréation et Semaine des Enfants réunis. Journal de toute la Famille* de 1º de janeiro a 15 de setembro de 1879. Esse romance, bem como *Les Révoltés de la* "*Bounty*" foram colocados à venda por Hetzel em 18 de setembro de 1879.

do Sr. Antonio José Fernandes dos Reis. É mais um interessante romance do gênero de Verne, que o digno editor publicou". No dia 20 de março, no *Correio Paulistano*, a livraria *A. L. Garraux & Comp*. apresenta suas *Novidades literárias*, mas trata-se da edição em francês: "VERNE (Jules) – *Les 500 millions de la Bégum suivi de les révoltés de la Bounty*, 1 vol. in 12 rel. 3&000".

Os quinhentos Milhões de Begum também foi publicado como folhetim. O *Publicador Maranhense* editou-o de 11 de outubro a 23 de dezembro de 1880 **(fig. 11)**.

ANNO XXXIX — NUMERO 292

Publicador Maranhense.

JORNAL DO COMMERCIO, ADMINISTRAÇÃO, LAVOURA E INDUSTRIA.

MARANHÃO—Quinta-feira, 23 de dezembro de 1880

FOLHETIM

OS QUINHENTOS MILHÕES DA BEGUM.

POR

Julio Verne.

CAPITULO XIX

Um negocio de familia.

(fig. 11)

Como o romance anterior, *Les tribulations d'un Chinois en Chine*[27] tem poucas citações, mas os dois têm um percurso muito parecido, nos jornais da época. Finalmente, encontramos, no *Diário*

27 *Les tribulations d'un chinois en Chine* foi publicado em *Le Temps* entre 2 de julho e 7 de agosto de 1879. A obra foi colocada à venda por Hetzel, em 11 de agosto de 1879.

de Pernambuco de 29 de outubro de 1880, um anúncio de "Livros novos da Livraria industrial", no qual pode-se ler "J. Verne, *As tribulações de um chinês na China*, 1 vol. 2$000".

Descobrimos, também, que o jornal *Pacotilha*, do Maranhão, publicou esse romance como folhetim **(fig. 12)**. Infelizmente, só tivemos acesso à publicação a partir da segunda parte do capítulo II, e falta o último terço do capítulo final, editado entre 14 de abril e 5 de agosto de 1881.

PACOTILHA

JORNAL DA TARDE.

FOLHETIM.

JULES VERNE.

TRIBULAÇÕES D'UM CHINEZ

NA CHINA.

(Continuação.)

CAPITULO II

No qual Kin-Fo e o philosopho Wang são apresentados de modo mais claro.

(fig. 12)

La maison à vapeur [:] Voyage à travers l'Inde septentrionale[28] é o romance verniano que mais problemas nos trouxe, em termos

[28] *La maison à vapeur – Voyage à travers l'Inde septentrionale* foi publicado em *Magasin d'Éducation et Récréation et Semaine des Enfants réunis. Journal de toute la Famille* de 1º de dezembro de 1879 a 15 de dezembro de 1880. A edição de Hetzel do primeiro volume foi colocada à venda em 14 de agosto de 1874 e a segunda em 11 de novembro de 1880.

de datas. Só encontramos uma citação: *Pedro II*, jornal do Ceará, no dia 30 de janeiro de 1881, na epígrafe *AVISOS*, que insere um anúncio da livraria de Joaquim José d'Oliveira Comp., em que se lê: "*A Casa a Vapor, viagem através da Índia setentrional*, por Júlio Verne".

Só nos resta datar a obra *La Jangada Huit cents lieues sur l'Amazone*[29]. No mesmo 11 de janeiro de 1882, diferentes jornais cariocas, *Gazeta de Noticias*, *Jornal do Commercio* e *O Globo*, anunciavam a publicação da primeira parte da tradução de um novo romance. Esse último quotidiano anunciava: "*A Jangada, oitocentas léguas sobre o Amazonas*, romance de Júlio Verne, traduzido pelo Sr. J. M. Vaz Pinto Coelho. Primeira parte. Edição de B. L. Garnier". O Globo apresenta a edição da segunda parte em 29 de março de 1882: "Recebemos a 2ª parte da *Jangada*, romance de Júlio Verne, editada pela conhecida e acreditada casa Garnier". Dois dias mais tarde, *O Apóstolo* repetiu tal anúncio, incluindo o nome do tradutor. *A Gazeta da Tarde* faria o mesmo em 13 de abril.[30]

Nosso percurso pelas primeiras edições brasileiras de *Voyages extraordinaires*, de *Cinq semaines en ballon* até *La Jangada*, pode ser resumido do seguinte modo:

Quando começou no Brasil a publicação, em 1873, já havia 11 romances à venda na França. Tal quantidade de títulos explica o grande número de romances traduzidos entre 1873 e 1875. A ordem das traduções não corresponde à da cronologia dos lançamentos na França.

A partir de *L'île mystérieuse – A Ilha misteriosa* (1874), o intervalo entre a publicação na França e a tradução no Brasil se reduz, até finalmente não ultrapassar três meses.

---

[29] *La Jangada. Huit cents lieues sur l'Amazone* foi publicado em *Magasin d'Éducation et Récréation et Semaine des Enfants réunis. Journal de toute la Famille* de 1º de janeiro a 1º de dezembro de 1881. A edição de Hetzel do primeiro volume foi colocada à venda em 20 de junho de 1881 e a segunda, em 10 de novembro de 1881.

[30] Descobrimos que, desde a publicação do romance na França, várias críticas apareceram nos jornais brasileiros. É um tema a ser futuramente estudado.

Esses romances em português pertenciam à editora Baptiste--Louis Garnier.

O Sr. Garnier conseguiu publicar essa profusão de traduções, em período de tempo tão reduzido, por ser ele quem distribuía os romances entre os tradutores.

Pudemos confirmar o ano de publicação, até o mês, mas não o dia, porque quase todas as citações que encontramos têm como base o romance fornecido por Garnier aos jornais correspondentes. Normalmente, esses romances eram colocados à venda antes da publicação dos anúncios, o que nos impediu de determinar o dia com exatidão.

Esta entrega gratuita dos volumes por parte do editor fez com que os jornais registrassem seus agradecimentos. Eles destacavam o lançamento dos romances, indicavam suas características e faziam elogios. Costumavam ser os jornais do Rio de Janeiro os primeiros a noticiar as novas traduções.

O nome de Verne variava; verificamos que, por vezes, era Jules, em outras, Julio e até Júlio. Da mesma forma, os títulos de alguns romances sofreram variações significativas. Isso gerou grandes dificuldades à pesquisa nos jornais. Um outro fator de complicação surgiu com os erros tipográficos. As imprecisões advinham por vezes do tipógrafo, mas também podiam dever-se à ignorância de quem redigia o anúncio. Deve-se ressaltar também que nem todos os exemplares de cada jornal estão digitalizados.

Como na França e na Espanha, alguns romances foram publicados no formato de folhetim, em publicações bastante diversas. Os anúncios são bem mais numerosos nos primeiros anos, pois era preciso promover o autor e seus romances em português.

Gostaríamos de encerrar esse trabalho, afirmando que Jules Verne foi um autor de muita fama e grande difusão no Brasil, no século XIX.

REFERÊNCIAS

Barbier, Frédéric. “Le commerce international de la librairie française au XIXe siècle (1815-1913)”, in *Revue d’histoire moderne et contemporaine*, tome 28, n°1, Janvier-mars 1981.

Borges Leão, Andrea. “Vamos ao Brasil com Jules Verne? Processos editoriais e civilização”. In *Voyages Extraordinaires*, in *Sociedade e Estado,* volume 27, nº 3, 2012.

_____. Universos da devoção, sabedoria e moral – as Bibliotecas Juvenis Garnier (1858-1920) in *Educação em Revista*, v. 43, FaE/UFMG. 2006.

Catharina, Pedro Paulo & Guirra, Edmar Guirra. Jules Verne na imprensa brasileira do século XIX in *Pensares em revista*, nº 4.

Debs, Volker. “La bibliothèque de Jules et Michel Verne” in *Verniana*, v. 3, 2010-11.

Domingos, Manuela. *Estudos de sociologia da cultura; livros e leitores do século XIX*. Instituto português de ensino a distância, Lisboa: 1985.

Dumas, Olivier, Gondolo Della Silva, Piero Gondolo & Debs, Volker. *Correspondance inédite de Jules Verne et de Pierre-Jules Hetzel (1863-1886)*, Tome III (1879-1886). Genebra: Slatkine, 2002

Moniz, Ana Isabel & Tresaco, María-Pilar. “Traductions portugaises des *Voyages extraordi-naires* de Jules Verne (1863-1905)” in *Carnets: revue électronique d’études françaises*. Série II, nº 9, jan. 2017

Regnault, Elias. L’éditeur in *Les Français peints par eux-mêmes, encyclopédie morale du dix-neuvième siècle*, tome 4, Curmer éditeur, Paris, 1841.

Verne, Jules. “The Pittsburg Gazette” in *Textes oubliés: (1849-1903)*, Paris: Union Générale, 1979.

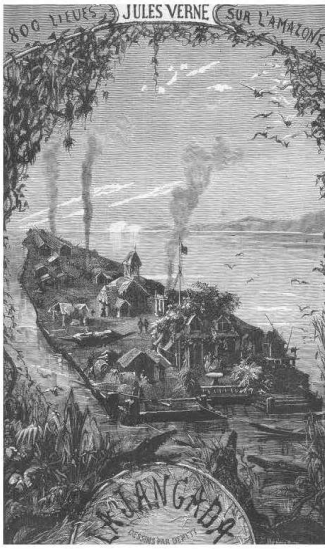
Tresaco, María-Pilar. “Viaje al centro de la Tierra: las ediciones españolas del siglo XIX” in Tresaco, María-Pilar (org). *Alrededor de la obra de Julio Verne: escribir y describir el mundo en el siglo XIX*. Zaragoza: PUZ, 2011.

Valetoux, Philippe. *Jules Verne en mer et contre tous*. Paris: Magellan & Cie, 2005.

A mulher e *A jangada*[1]

Ana María Claver Giménez
T3AxEL

A Jangada, oitocentas léguas pelo Amazonas, esse romance escrito por Jules Verne, em 1881, passa-se, principalmente, no Brasil da época. Seu título, uma palavra de origem portuguesa, faz referência a um barco curioso. É uma jangada, ou melhor, uma plataforma flutuante com várias construções: a casa onde mora a família Garral, protagonista do romance, e uma capela. Para nos ajudar a recriar a imagem dessa curiosidade, Léon Benett fez para a capa a ilustração abaixo **(fig. 1)**, e mais outros 83 desenhos.



Capa
Fig. 1

O romance conta como a família Garral utiliza o barco para

[1] Texto traduzido do francês por Mônica Fiuza Bento de Faria.

se deslocar ao longo do rio Amazonas. A razão da viagem é um casamento: a jovem Minha Garral, filha de Joam[2] Garral, um rico proprietário de Iquitos (Peru), foi prometida a Manoel, jovem médico, cuja mãe idosa vive em Belém. Minha deseja conhecê-la antes do casamento. O único problema é que durante a viagem, um personagem antagonista, Torres, se junta a eles, e acusa Joam Garral de um crime que não cometeu. Garral deverá provar sua inocência.

Esse argumento permite a Verne expor uma tipologia variada de mulheres brasileiras que iremos analisar neste artigo: da pele branca de ascendência europeia, de Yaquita e Minha, às mulatas ou selvagens anônimas, sem esquecer a negra Cibele.

A história começa com a lembrança do casamento de Joam Garral e Yaquita Magalhães. Os dois jovens se amam. Mas Joam, um rapaz de recursos econômicos limitados, não ousa pedir a mão de Yaquita; assim, é seu pai que a coloca, literalmente, em suas mãos: "fez Yaquita erguer-se, ela chorava ao seu lado, tomou-lhe a mão e colocou-a na de Joam Garral, fazendo-o jurar que a tomaria como esposa" (I, Cap. III).[3]

9. O idoso exige uma promessa (I, Cap. III).[4]
Fig. 2

A jovem usa um vestido muito simples, em tons claros **(fig. 2),**

[2] N.T.: Manteve-se o nome dado por Jules Verne, que, em português seria João.
[3] Jules Verne, *Op. cit.*, 1881, I, Cap. III. Os textos e ilustrações fazem referência à parte e ao capítulo do romance: (I, Cap. III).
[4] As ilustrações são acompanhadas das legendas, como estão no romance.

abotoado do busto ao pescoço. A mão de Joam Garral segura a de Yaquita, enquanto que a mão do moribundo tenta juntá-las, ao mesmo tempo que explica sua decisão: "Você refez a minha fortuna — disse ele — e só morrerei tranquilo se, com essa união, eu sentir o futuro da minha filha assegurado!" (I, Cap. III).

À cabeceira de Magalhães, havia outra mulher, Cibele[5], mas esta era de raça negra, caracterizada por seu turbante: um tecido amarrado na testa. O resto de seu corpo estava escondido, ajoelhada atrás de seu mestre. Ela não era uma escrava, mas uma mulher negra e livre:

> No primeiro escalão, convém citar uma velha negra de sessenta anos, Cibele, livre por vontade do patrão, escrava pela afeição que sentia por ele e pela família, e que havia sido ama de leite de Yaquita. Ela era da família. Tratava com intimidade a filha e a mãe [...] (I, Cap. III).

Joam e Yaquita tiveram dois filhos, Minha e Benito. Cada um deles recebeu uma educação diferente, em função do gênero. Minha nunca deixou a fazenda, foi educada por sua mãe e instruída por seu pai, ambos exemplos de virtude. Dessa maneira, estava pronta para substituir a mãe na administração da fazenda, mas também em outra questão:

> A menina tornou-se encantadora. Nunca saiu da fazenda. Criada naquele ambiente puro e saudável, no meio da bela natureza das regiões tropicais, a educação dada pela mãe, a instrução recebida do pai eram-lhe suficientes. O que teria para aprender a mais num convento de Manaus ou de Belém? Onde encontraria melhores exemplos de todas as virtudes pessoais? Sua mente e seu coração poderiam ser mais delicadamente formados longe da casa paterna? Se o destino não lhe reservasse suceder à mãe na administração da fazenda, ela estaria à altura de qualquer situação vindoura (I, Cap. III).

[5] N.T.: no original: Cybèle.

Benito, pela vontade do pai, foi instruído nas letras, ciências e artes, em Belém, uma cidade brasileira, transformando-se digno do nome de 'homem', explicita Verne:

> Quanto a Benito, a coisa foi diferente. O pai quis, com razão, que recebesse uma educação tão sólida e tão completa como a que se dava nas grandes cidades do Brasil. O rico fazendeiro já não precisava negar nada ao filho. Benito possuía boas inclinações, mente aberta, viva inteligência, coração com qualidades iguais às do espírito. Com doze anos de idade foi enviado ao Pará, Belém, e ali, sob a orientação de excelentes professores, encontrou os elementos de uma educação que, mais tarde, fariam dele um homem ímpar. Nada nas letras, nem nas ciências, nem nas artes, o deixava indiferente. Ele estudava como se a fortuna do pai não lhe permitisse ficar ocioso. Não era daqueles que acham que a riqueza dispensa o trabalho, e sim desses espíritos valorosos, determinados e íntegros, que acreditam que ninguém deve fugir dessa obrigação natural, se quiser ser digno de ser chamado de homem (I, Cap. III).

Em relação à diferença de educação dos dois sexos, Dusseau[6] explica: "A educação é familiar para as meninas, tendo as mães papel importante, e para os meninos é institucional". Minha está sempre acompanhada de Lina, uma mulata de sua idade:

> [...] ao serviço de Minha, havia uma bonita e risonha mulata, da mesma idade da moça, e que lhe era totalmente devotada. Chamava-se Lina. Era uma dessas gentis criaturas, um pouco caprichosas, às quais permitimos uma grande familiaridade, mas que, em compensação, adoram as patroas. Cheia de vida, irrequieta, carinhosa, meiga, tudo lhe era permitido na casa (I, Cap. III).

A ilustração reproduz a beleza dos traços dos rostos dessas duas jovens **(fig. 3)**, frisando, principalmente, os cílios de Minha

[6] Joëlle Dusseau, "La conception de la société chez Jules Verne, observation et rêve" in *Bulletin de la Société Jules Verne*, Nº 122, 1997: 8.

e a expressão dos olhos de Lina. Isto é totalmente inabitual nas gravuras de Benett.

10. Minha aos vinte anos (I, Cap. III).
Fig. 3

Manoel, um colega de estudos, amigo de Benito, passa suas férias na casa dos Garral. É assim que surge a relação entre Minha e ele e, em seguida, o compromisso de casamento. Minha, bastante prudente, diz que se a consultassem, preferiria casar-se em Belém. A sábia jovem quer encontrar a sogra antes de tornar-se sua filha. Explica suas razões e pede a seu futuro marido a aprovação de seus planos; esse nada diz, aperta simplesmente sua mão, aceitando:

> Manoel — disse a jovem ao noivo —, se eu fosse consultada, não seria aqui e sim no Pará que nos casaríamos. A senhora Valdez está doente, não pode vir a Iquitos e eu não gostaria de tornar-me sua filha sem que ela me conhecesse, e sem conhecê-la. Minha mãe pensa como eu a respeito disso tudo. Portanto, vamos convencer meu pai a levar-nos a Belém, para perto daquela cuja casa em breve será a minha! Concorda conosco?
>
> À pergunta, Manoel respondeu apertando a mão de Minha. [...]

(I, Cap. IV).

De acordo com o que já foi explicado, a respeito de sua educação, Minha, sendo uma mulher do século 19, desconhece o espaço além de sua casa; assim, a possibilidade de viajar pelo Amazonas até o Brasil deixa-a tão feliz quanto o pedido de sua mão. Além disso, tão logo percebe que vai poder realizar seu sonho, mostra o desejo de ir à biblioteca, para pesquisar sobre o território a ser percorrido. É uma mulher que recebeu uma formação muito específica, mas isso não a impede de desejar, avidamente, ascender a um nível superior:

> — Como estou contente! Como estou contente!, repetia Minha, como no dia em que soubera do pedido de Manoel.
>
> — Vamos ver o Amazonas, em toda a sua glória, em todo o seu percurso através das províncias brasileiras! Ah, pai, obrigada.
>
> E a jovem entusiasmada, cuja imaginação já começava a voar, dirigiu-se ao irmão e a Manoel:
>
> — Vamos à biblioteca! — disse ela. — Vamos pegar todos os livros, todos os mapas que possam ajudar-nos a conhecer esta magnífica bacia! Não vamos viajar às cegas! Quero ver tudo e saber tudo sobre o rei dos rios da terra! (I, Cap. IV).

A emoção dessas palavras era evidente, não apenas em razão da viagem, mas também pela aquisição de conhecimentos. Nos dias que antecedem a viagem, os jovens passeiam perto da fazenda. Lina, mais esperta que Minha, atravessa primeiro as passagens mais difíceis **(fig. 4)**. Podemos vê-la no centro da imagem, por entre os cipós, efeito que tenta refletir o jogo de palavras entre seu nome Lina[7] e o objeto do qual ela se serve para chegar à outra margem do riacho.

[7] N.T. cipó em francês é "liane" (Lina – liane).

18. A jovem mulata aventurou-se corajosamente (I, Cap. VII).
Fig. 4

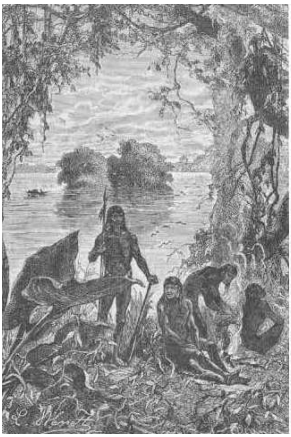
Com uma personalidade intempestiva, Lina quer seguir um cipó, para ver até onde a conduz. Curiosamente, ao final do cipó, encontram um homem, Fragoso, que está pronto para se enforcar. Benito corta essa corda improvisada, desse modo, salvando-o da morte. Quando Fragoso consegue restabelecer-se, os jovens lhe contam como o descobriram e que graças à teimosia de Lina, ele foi salvo: "Ele agradeceu calorosamente à Lina, pela boa ideia de seguir o cipó" (I, Cap. VII). Desse modo, foi incluído no grupo familiar, e tornou-se completamente ligado à Lina.

No começo da viagem, encontramos algumas referências às mulheres nativas dessa zona geográfica, que não são numerosas, mas existem:

> Alguns índios perambulavam na desembocadura desse curso d'água. Eles eram robustos, de estatura elevada, cabelos soltos, a narina transpassada por uma argola de palmeira, o lóbulo da orelha esticado até o ombro pelo peso de rodelas feitas de madeira preciosa. Estavam acompanhados de algumas mulheres. Nenhum deles manifestou a intenção de subir a bordo (I, cap. IX).

Entretanto, é muito difícil percebê-los nas ilustrações. Na figura abaixo **(fig. 5)**, poderíamos adivinhar algumas. Por exem-

plo, essa que está à frente e ao centro ou até essa que está sentada à direita, considerando sua cintura fina. Todas as duas parecem igualmente mostrar certo volume na região peitoral, sem que seja possível, todavia, distinguir corretamente seios femininos.



25. Alguns índios perambulavam na desembocadura desse curso d'água (I, Cap. X).
Fig. 5

Continuando o caminho, eles encontram uma tribo de índios, os Ticunas, cujos homens e mulheres se vestem da mesma maneira:

> [...] Os índios Ticunas, que habitavam esses territórios ao norte do rio, eram indígenas de pele avermelhada, cabelos grossos, com desenhos zebrados no rosto, como a laca de uma mesa chinesa; tanto os homens quanto as mulheres se vestiam com pequenas faixas de algodão que lhes circundavam o peito e a cintura [...] (I, Cap. XI).

Quando o grupo chega a Loreto, a última cidade do Peru, Manoel conta a história de Madame Odonais, esposa de um distinto astrônomo, Godin des Odonais, que viajou com ele pelo Amazonas com seus filhos e pais. Tal viagem aconteceu, explica, em várias

etapas. Em uma delas, a Sra. Odonais ficou em Quito, com toda a família, até que seu marido conseguisse a autorização necessária para que todos se reunissem em Caiena. De maneira inesperada, doente e acamado, não pôde buscá-las. Com a declaração de guerra, essa separação acabou durando vinte anos. Vários filhos do casal morreram em Quito, antes que ela conseguisse encontrar seu marido:

> A senhora Odonais era uma mulher de grande coragem, como verão. Por isso, não hesitou e, apesar dos perigos de uma viagem como essa através do continente, ela partiu.
>
> —Era o dever dela, de esposa, Manoel — disse Yaquita.
>
> — E eu teria agido da mesma forma. [...]
>
> Era demais para essas pobres pessoas! Elas foram morrendo uma a uma, apesar dos cuidados da valente francesa. Passados alguns dias, filhos, parentes, empregados, todos estavam mortos!
>
> — Oh, que mulher infeliz! — disse Lina.
>
> —A senhora Odonais ficou sozinha — continuou Manoel. — Ela ainda estava a mil léguas do oceano que precisava atingir. Já não era a mãe que continuava a andar na direção do rio!... A mãe havia perdido os filhos, enterrara-os com as próprias mãos! Era a mulher que queria rever o marido.
>
> Ela andou dia e noite e, finalmente, encontrou o curso do Bobonasa. Ali, foi recolhida por índios generosos que a conduziram às missões onde a escolta a esperava.
>
> Mas a senhora Odonais chegava Só, deixando atrás de si um caminho semeado de túmulos.
>
> A esposa de Odonais chegou a Loreto, onde estávamos há alguns dias. Desse povoado peruano, ela desceu o Amazonas, como nós, nesse momento, e enfim, reencontrou o marido, depois de dezenove anos de separação!
>
> —Pobre mulher! — disse Minha.

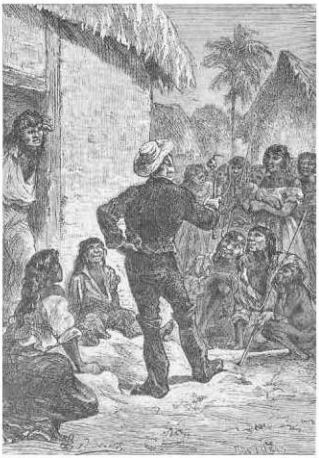
> —Pobre mãe, principalmente! — retrucou Yaquita.
>
> Nesse momento, o piloto Araújo apareceu na parte de trás da jangada e disse:
>
> —Joam Garral, estamos diante da ilha da Ronda. Vamos passar a fronteira!
>
> —A fronteira! — respondeu Joam.
>
> E, levantando-se, foi até a borda da jangada e olhou longamente para a ilhota da Ronda, onde se quebrava a corrente do rio. Em seguida, pôs a mão na testa, como se quisesse expulsar uma lembrança.
>
> — A fronteira! — murmurou, abaixando a cabeça num movimento involuntário.
>
> Contudo, um minuto depois, a cabeça estava erguida, e seu rosto era o de um homem resolvido a cumprir o dever até o fim (I, Cap. XI).

Essa história mexe com os sentimentos dos personagens. Manoel reconhece na senhora Odonais, uma mulher de coragem. Minha exprime sua piedade em relação a essa senhora. Yaquita, sendo mãe, compreende sua devoção e, como esposa, afirma que seu dever era seguir seu marido e que faria a mesma coisa. Inclusive, fará isso quando for preciso.

A história dessa mulher real foi introduzida graças a Hetzel, o editor de Verne, como mostra a correspondência deles: "poderíamos fazer o resumo de uma viagem muito interessante no Amazonas, feita há muito tempo –, quase imediatamente depois da descoberta de uma mulher – creio que o nome era Goddine".[8]

[8] Olivier Dumas, Piero Gondolo della Riva, & Volker Dehs, *Correspondance inédite de Jules Verne et de Pierre-Jules Hetzel (1863-1886),* Tome III (1879-1886), Slatkine, Genève, 2001: 120.

No Brasil, a jangada chega a um lugarejo, onde Fragoso torna-se famoso por sua arte como cabeleireiro e barbeiro, para índios e índias de todas as idades, que aguardam para serem penteados: "Todos os indígenas estavam lá, homens, mulheres, velhos, crianças, com suas vestimentas um pouco primitivas, olhando com todos os olhos, escutando com todos os ouvidos" (I, Cap. XII). Homens e mulheres, mostra Verne, todos são iguais em matéria de vaidade: "E então, homens e mulheres — eles com menos pressa do que elas — sentaram-se no escabelo do barbeiro" (I, Cap. XII).



30. Fragoso tinha o seu bilboquê. (I, Cap. XII).
Fig. 6

A ilustração anterior **(fig. 6)** mostra as pessoas diante de Fragoso, e lá podemos distinguir muitas mulheres. Duas vestidas com blusas brancas, cujas mangas abaixadas à altura das axilas permitem mostrar a pele dos ombros e uma parte do busto, possibilitando-nos contemplar a tez morena.

Na ilustração seguinte **(fig. 7)**, podemos admirar duas dessas mulheres com o penteado, ou melhor, a edificação, que Fragoso construíra sobre suas cabeças.

31. Uma longa fila de impacientes (I, Cap. XII).
Fig. 7

Alguma coisa parecida aparece na ilustração 25 **(fig. 8)**, na qual a blusa das mulheres permite mostrar os ombros. Um novo personagem, Torres, chega onde Fragoso está trabalhando. É a apresentação do antagonista da história. Após uma conversa, Fragoso convida-o para viajar com a família Garral, a bordo da jangada, e Torres aceita.

32. “Assim que terminar a senhora!” (I, Cap. XIII).
Fig. 8

A jangada continua seu caminho e, passando por um estuário de um afluente do Amazonas, seus ocupantes observam que a água muda de cor, sem que isso signifique que sua qualidade seja inferior, informa Manoel. Para confirmar, ele pega um pouco de água em uma garrafinha e as duas jovens observam bem interessadas, porém os homens não participam disso **(fig. 9)**.

34. “Em todo o caso, são excelentes para beber” (I, Cap. XIV).
Fig. 9

Quando chegam à cidade de Ega,[9] há um diálogo que revela claramente o que significa ser um homem e uma mulher do século 19. As mulheres ficam estupefatas com tudo que veem, pois nunca saíram dos limites da fazenda, enquanto que todos os homens puderam sair. Benito zomba da reação delas, porém Manoel, um cavaleiro, compreende. Minha desconfia e teme que ele também zombe delas. Lina, sempre prática, pede a sua patroa para esquecer essas atitudes e aproveitar o que veem:

> — Ah! A cidade grande! — exclamou Minha.
>
> — Quantas casas! Quanta gente! — replicou Lina, cujos olhos se abriam ainda mais para ver melhor.
>
> — É mesmo — respondeu Benito, rindo —, mais de mil e quinhentos habitantes, pelo menos duzentas casas, algumas com mais um andar, e duas ou três ruas, ruas verdadeiras, que as separam!
>
> — Querido Manoel — disse Minha —, defenda-nos do meu irmão! Ele está rindo de nós, porque já visitou as mais belas cidades da província do Amazonas e do Pará!
>
> — Bom, ele estará zombando também da mãe — acrescentou Yaquita —, porque confesso que nunca vi nada parecido!
>
> — Então, tomem cuidado, minha mãe e minha irmã — replicou Benito —, porque entrarão em êxtase quando estiverem em Manaus e vão desmaiar quando chegarem a Belém!
>
> — Não tema nada disso! — respondeu, sorrindo, Manoel.
>
> — As damas serão preparadas aos poucos, para essas grandes surpresas, ao visitarem as primeiras cidades do Alto Amazonas.

[9] N.T.: A cidade de Ega teve o local de implantação escolhido, por ser central e representar a equidistância em relação ao Vale do Rio Negro, onde se localizava a vila da Barra, mais tarde Manaus, e a fronteira Oeste, em Tabatinga. Em decorrência de sua posição, ponto estratégico na consolidação da Colônia portuguesa no Norte, as relações econômicas e sociais entre portugueses e espanhóis intensificaram-se, permitindo a Ega, depois Tefé, o título de entreposto comercial.

> — Como? O senhor também, Manoel? — disse Minha.
>
> — Fala como meu irmão? Está zombando?...
>
> — Não, Minha! Eu juro...
>
> —Vamos deixar esses senhores rindo — completou Lina — e olhar bem, cara patroa, porque isso é muito bonito! (I, Cap. XVI).

Na verdade, no século XIX, havia leitores europeus, masculinos e femininos, que estariam na mesma situação, sem conhecer nada. Além da arquitetura da cidade, a moda de Paris chama atenção das jovens. Elas contemplam como as mulheres dos funcionários e comerciantes da cidade, brasileiras verdadeiras, segundo Verne, exibem essa moda, mesmo um pouco ultrapassada:

> Contudo, para as duas jovens, havia um outro motivo de encantamento — aliás, um encantamento bem feminino: as roupas das elegantes de Ega não eram os trajes ainda primitivos de indígenas do belo sexo, omaas, ou muras, convertidas, mas a moda da verdadeira brasileira! Sim, as mulheres, as filhas dos funcionários públicos ou dos principais negociantes da cidade usavam, pretensiosamente, toaletes parisienses, relativamente ultrapassadas, e isso a quinhentas léguas do Pará, que também está a milhares de milhas de Paris (I, Cap. XVI).

Manoel, sempre elegante e galante, dirige um cumprimento a sua noiva a respeito da simplicidade de suas roupas:

> Querida Minha — disse Manoel —, com o seu simples vestido de algodão e o chapéu de palha, acredite, está mais bem vestida do que todas estas brasileiras, com toucados na cabeça, saias drapeadas e babados, que são de outro país e de outra raça! (I, Cap. XVI).

Nesse momento, Torres, o personagem hóspede da jangada, o convidado inesperado, pede para ter uma conversa particular com Garral. Torres sabe que Joam Garral foi, em outra época, um jovem chamado Joam Dacosta, acusado injustamente de um roubo

que não cometeu. É um detalhe desconhecido de todos, exceto de Torres, pois ele possui um texto-chave que prova sua inocência. Em troca de seu silêncio, pede a mão de Minha, a filha de Garral, em casamento. Em caso de recusa, ele contará essa história, omitindo, claro, a falsa culpa; assim, a jovem sentir-se-ia obrigada a aceitá-lo como esposo, salvando a honra da família:

> —O senhor tem uma filha — disse. — Essa filha me agrada e quero casar-me com ela.
>
> [...]
>
> —E se minha filha se recusar?
>
> —O senhor lhe contará tudo e, eu a conheço, ela consentirá — respondeu Torres, sem nenhum pudor.
>
> —Tudo?
>
> —Tudo, se for preciso. Entre os próprios sentimentos, a honra da família e a vida de seu pai, ela não hesitará (I, Cap. XI).

350 Conhecendo a grandeza ética de Minha, ele espera, assim, evitar sua recusa, pois a honra de seu pai pode correr risco. Mas Joam Garral não cede à chantagem de Torres e o expulsa imediatamente da jangada. No dia seguinte, Garral é preso e Yaquita torna-se, enérgica e resolvida, "o chefe" de família **(fig. 10)**:

> Nesse momento, Yaquita, seguida da filha e do padre Passanha,[10] saía da casa. Minha ainda estava em lágrimas, mas o rosto da mãe estava seco, toda ela se mostrava enérgica e resoluta. Sentia-se que a mulher estava preparada para tudo, não só para cumprir o seu dever, mas para fazer valer os seus direitos (II, Cap. II).

[10] N.T. Manteve-se o nome dado por J. Verne, que em português seria Peçanha.

51. Yaquita saía de casa. (II, Cap. II)
Fig. 10

Como seu marido está preso, ela libera Manoel de casar com Minha, evitando desse modo amarrá-lo ao destino da filha de um condenado à morte:

> Que seja, Manoel — voltou a falar Yaquita —, mas naquele momento Joam Dacosta ainda não havia sido preso. Agora a situação mudou. Por mais inocente que seja, meu marido está nas mãos da justiça; seu passado foi revelado publicamente; Minha é filha de um condenado à pena capital... 351
>
> Minha Dacosta ou Minha Garral, pouco importa! — exclamou Manoel, que não pôde se conter por mais tempo (II, Cap. II).

Por sua vez, Yaquita continua fiel a seu marido, pouco importando seu nome, Dacosta ou Garral. Verne não fala de esposa oficial, mas de companheira de toda uma vida, sobretudo corajosa:

> Desde a véspera, Yaquita não saíra do quarto. Minha e Lina haviam ficado ao lado dela, aguardando o momento em que teria permissão para ver o marido. Fosse ela Yaquita Garral ou Yaquita Dacosta, ele continuaria a encontrar a mulher devotada, a valente companheira de toda a vida (II, Cap. VI).

Quando Benito mata Torres, a inocência de Joam Garral depende doravante apenas de um documento, que está escrito em código desconhecido, indecifrável. O juiz Jarriquez e a família de Dacosta-Garral tentam decifrá-lo.

A ilustração seguinte **(fig. 11)** mostra a família às voltas com o papel codificado, que Minha tem nas mãos. Apesar de não ter recebido a instrução que seu irmão e seu futuro marido receberam, é ela que, mesmo sendo mulher, procura o modo de decifrar. Sua silhueta distingue-se pela grande claridade de suas roupas, no meio de toda a escuridão, com a qual os outros personagens, inclusive sua própria mãe, são representados.

69. ...tentando decifrar o documento (II, Cap. XIII).
Fig. 11

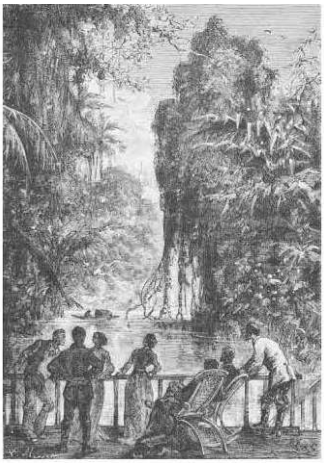
Tentando resolver o enigma, o juiz Jarriquez irrita-se. Sobre isso, Verne comenta que o juiz tem sorte de não ser casado, pois se houvesse uma senhora Jarriquez, ela viveria péssimos momentos:

> No fim do primeiro dia, essa ideia já virara uma obsessão na mente do juiz Jarriquez. Uma fúria, mal contida, fervia nele, permanentemente. Os empregados, pretos ou brancos, não ousavam lhe falar. Felizmente, era solteiro, senão uma senhora Jarriquez

passaria algumas horas desagradáveis [...] (II, Cap. XIV).

Mais uma vez, Verne não se mostra contrário às mulheres. Prefere, no entanto, que essas não sofram com a cólera dos maridos. Além disso, em uma perspectiva positiva, ele dedica seus melhores cumprimentos a Yaquita: "Nela podia ser encontrada a corajosa filha de Magalhães, a digna companheira do fazendeiro de Iquitos." (II, Cap. XV). E assinala que, como outras heroínas vernianas, ela não perde sua força moral, mesmo que as circunstâncias fossem muito duras, "a valente Yaquita não perdia nunca sua coragem" (II, Cap. XV).

Quando Joam já está livre, eles continuam a viagem na jangada, e essas mulheres descobrem novos horizontes: "Nem Yaquita, nem a filha, nem Lina, nem a velha Cibele tinham visto nada parecido" (II, Cap. XX).



83. No meio de florestas magníficas (II, Cap. XX).
Fig. 12

Com a placidez refletida nessa imagem **(fig. 12)**, chegam ao fim da viagem e se encontram com a mãe de Manoel, a Sra. Valdez, que se apressa em abraçar Minha:

> E entre aqueles que se apressavam, a senhora Valdez veio numa das primeiras pirogas. A mãe de Manoel podia, enfim, apertar nos braços a nova filha, que o filho havia escolhido. Uma vez que a boa senhora não pudera ir a Iquitos, não era um pedaço da fazenda que o Amazonas trazia com a sua nova família? (II, Cap. XX)

Simbolicamente, a Sra. Valdez chega à fazenda de Iquitos, graças à jangada. É um espaço afastado, que se torna menos desconhecido. Evidentemente, as mulheres do século XIX, morando em qualquer lugar, tinham pouca chance de conhecer o mundo ao seu redor. Inclusive, todo mundo retornará à fazenda, exceto a Sra. Valdez, a única mulher desta história que não viaja e nem nunca viajará. Os outros é que irão visitá-la.

O romance termina pela união entre as palavras *Lina* e "*liane*",[11] tão felizmente próximas, para Fragoso. Ele enrolou um cipó no pescoço, querendo acabar com sua vida, mas Lina veio para salvá-lo e, posteriormente, desejou casar-se com ele:

> Quanto a Fragoso, vinte vezes por dia ouviam-no repetir:
>
> — Hein, sem a liana!
>
> E ele acabou dando esse bonito nome à jovem mulata, que o justificava com a sua ternura por esse corajoso rapaz.
>
> — Com a diferença de apenas uma letra — ele dizia —, Lina, Liana, não é a mesma coisa? (II, Cap. XX)

Esses parágrafos mostram jogos de palavras, tão caros a Verne, e que nesse romance, são abundantes, segundo Olivier Dumas.[12]Em relação aos nomes dados aos personagens, especialmente aos das mulheres, nota-se que:

> Para Lina, o autor preocupa-se em confirmar, na sua conclusão, e insiste no logogrifo: "Com a diferença de apenas uma letra — ele dizia — Lina, Liana, não é a mesma coisa?" Não seria apenas

[11] N.T.: Cipó.

[12] Dumas, Oliver. *Jules Verne. Avec la correspondance inédite de Jules Verne avec sa famille*. Lyon, La Manufacture, 1988: 112

> melhor esconder uma segunda leitura bem evidente: (L)IANE-(V)IANE, nome de sua esposa, Honorine de Viane, seu próprio enlaço matrimonial?
>
> Casar é "colocar uma corda no pescoço", de acordo com a expressão popular [...].

Em relação a essa última expressão, Dumas observara e insiste no fato:

> A narrativa está baseada sob o signo da união – união do casamento – o cipó seria o símbolo: "Sejamos loucos, seguimos o cipó[13]", gritaram os quatro protagonistas, Minha, Lina, Manoel e Benito, durante todo o capítulo 9. Esse cipó, laço que se deve seguir até o fim, simboliza o casamento, a corda no pescoço. O escritor multiplica as alusões e explicações, para que esse sentido fique claro. Ele se diverte brincando com as palavras, dando-lhes aparentemente um significado escondido.

Enquanto Dumas insiste na relação entre Lina-cipó e "corda no pescoço", como símbolo de um casamento, relembremos que Verne, ao descrever a personalidade difícil do juiz Jarriquez e seu celibato, afirma que nenhuma mulher deve sofrer com isso.

Para concluir, afirmo que nesse romance de Jules Verne, destinado à jovem burguesia europeia, as referências aos primeiros habitantes da Amazônia são raras. Mas podemos encontrar uma empregada negra, Cibele, que é descrita pelo autor como alguém ligada à família do patrão pela afeição e não pela relação de escravidão, tão frequente no Brasil da época.

Seguindo a escala social desse núcleo familiar, há Lina, uma jovem mulata de personalidade intempestiva, que salva um homem da morte. Homem que, curiosamente, enforcar-se-ia com um cipó. E acabará unindo sua vida à da jovem Lina. Nas ilustrações, ela aparece com Minha, como gêmeas, exceto pela cor da pele.

---

[13] N.T.: liane.

Aos caprichos de Lina, Verne opõe a sensatez e a prudência de Minha, essa jovem que recebeu de sua mãe, em razão de sua condição feminina, toda a instrução necessária para ser mãe e esposa. No entanto, será justamente ela que proporá a viagem, que lhe permitirá conhecer uma parte de seu mundo, antes de seu casamento, que está na origem desse romance.

Minha não é uma mulher passiva. É ela que propõe a viagem e ávida por conhecimento, procura informações sobre essa região, na biblioteca. É ela que se interessa pelas explicações de Manoel sobre a água, e que pega o texto para tentar decifrá-lo e salvar seu pai.

Todavia, ela faz parte de uma sociedade retrógrada, onde é considerada como uma "moeda de troca", para um homem que a reivindica como esposa, enquanto que, como filha, serve para resolver as questões da honra da família. Além disso, é uma filha digna de sua mãe, Yaquita, uma mulher que Verne, escritor tantas vezes acusado de misoginia, orna de grandes qualidades: fiel, corajosa, cheia de energia moral e companheira digna de seu marido.

Essas mulheres nada têm a ver com as burguesas, que se vestem à moda parisiense ultrapassada, para mostrar o status do marido. Realmente, as protagonistas vernianas, extremamente virtuosas, são capazes de tomar suas próprias decisões, em função de critérios pessoais, assim como os personagens masculinos, que todo mundo conhece. Devemos começar a falar delas, para que sejam consideradas verdadeiras heroínas.

Francis De Castelnau e Stefan Zweig – Entre o Inferno e o Paraíso: o olhar estrangeiro sobre o Brasil dos Séculos XIX e XX

Carlos Eduardo do Prado
UFF/UERJ

Francis de Castelnau foi um explorador e naturalista francês que esteve pela primeira vez na América do Norte (Canadá e México) durante o período de 1837 a 1841.

Incentivado financeiramente pela coroa francesa, ele viajou nos anos de 1843 a 1847 pelo Brasil, Bolívia e Chile, onde estudou e recolheu informações sobre a formação geológica, coletou exemplares da flora e fauna, estudou o clima e as "raças" encontradas neste diferente locais.

Após sua segunda viagem, Castelnau escreveu seis volumes sobre a sua expedição pela América do Sul. "Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para - exécutée par ordre du gouvernement français, pendant les années 1843 à 1847, sous la direction de Francis de Castelnau. Paris, Chez P. Bertrand, Librairie-Editeur, 1850".

No seu relato de viagem, identificamos o olhar do viajante sobre o Brasil do século XIX, bem como a dualidade deste olhar diante das belezas e os horrores encontrados abaixo dos trópicos.

Existe uma relação triádica do real com o fictício e o imaginário, propriedade fundamental do texto ficcional. O ato de fingir, ou seja, de representar no texto a realidade, permite o aparecimento do imaginário que se relaciona com a realidade repetida no texto. Com isto, o ato de fingir ganha uma característica própria, que é a "de provocar a repetição no texto da realidade, atribuindo, por

meio desta repetição, uma configuração ao imaginário, pela qual a realidade repetida se transforma em signo e o imaginário em efeito do que é assim referido".

Neste processo, quando a realidade repetida pelo ato de fingir se transforma em signo, segundo o mesmo autor, ocorre uma transgressão de sua determinação, sendo assim, o ato de fingir, uma transgressão de limites.

Porém, o fingir não é a representação do imaginário. Este é experimentado de forma difusa, fluido, sem objetos de referência, manifestando-se em situações inesperadas que podem se interromper ou prosseguir em outros bens diferentes.

Ao ato de fingir, pressupõe-se um estabelecimento de um objetivo, com uma finalidade. Desta forma, estabelece-se uma condição para o imaginário, afastando-o dos sonhos, projeções que, mesmo apresentando uma transgressão de limites, não pode ser confundido com o que é imaginário. O imaginário não se transforma em um real por uma determinação através do ato de fingir, apesar dele adquirir uma aparência realista.

No ato de fingir, ao transgredir os limites de maneira diferente da transgressão que ocorre no imaginário, é possível a identificação da sua relação à realidade da vida representada no texto. Neste processo de representar a realidade da vida em signo de outra coisa, a transgressão aparece como uma forma de irrealização. Já no imaginário, a perda do seu caráter difuso em favor de um fim, suscitaria a realização.

Ao fingir, o autor cria a reformulação do mundo real, permitindo a compreensão deste novo mundo, e também a experimentação do mesmo.

O mundo do texto é caracterizado pelo como se, é a visão de um mundo representado e não a representação fidedigna de uma realidade. É um mundo dominado pela hipótese, pela representação de algo que é outro.

O fictício, que é uma característica que se move entre o real e o imaginário, possibilitará que o imaginário esteja presente em um texto, promovendo a atuação do imaginário como algo possível, neste jogo de enganar a própria língua.

Na introdução do Tomo I de sua obra, Castelnau prepara o leitor para imergir neste mundo de realidade e imaginação que ele cria nas páginas que se sucedem. E para tal, ele se diz apaixonado desde a infância por histórias de grandes aventuras, como por exemplo, as de Cook e de Levaillant.

Sua equipe era composta por um engenheiro de minas que se chamava M. Eugène. D.Osery; M. Hugues, A. Weddell, o médico e pelo jovem empregado do Museu de História Natural de Paris, chamado M. Émile Deville.

Inicialmente, um gravurista profissional deveria se juntar à equipe, mas os três souberam na véspera da partida que o mesmo não iria acompanhá-los, pois sua família o havia convencido de abandonar o projeto. Desta forma, coube ao trio tentar preencher esta lacuna. O que realmente ocorreu, pois, se ainda hoje temos acesso às diversas aquarelas que retratam peixes, pássaros, paisagens, tudo isto só foi possível devido ao esforço dos três viajantes. Numerosas anotações foram registradas durante os quatro anos de viagem.

Como se tentasse dar credibilidade as informações que ele tinha colocado em seu relato de viagem, ainda na introdução a perda de material durante a viagem aparece mais de uma vez na sua narrativa:

> A perda de todos estes documentos será sentida durante o curso desta relação; e o leitor notará constantemente a impossibilidade na qual eu me encontro de dar conta, na minha narração, da riqueza; em algumas partes, tenho várias anotações, em outras, salvei pouco material; enfim, em algumas outras, eu não tenho nenhum documento, e sou obrigado a indicar sumariamente e de memória os principais acontecimentos da viagem. Este livro foi

> redigido com apenas as informações que escaparam do desastre que causou a perda inteira de quatro anos de trabalho contínuo. Em razão desta triste circunstância, peço desculpas ao público ao qual submeto esta obra. Devo dizer que, para compensar esta perda de material, utilizei documentos e manuscritos que eu tinha, de diversas épocas, enviado à minha família, na Europa, minhas correspondências com os ministros de negócios estrangeiros e de instrução pública, do diário do M. Weddell e também do M. Deville, dos diversos cadernos de anotações enviados pelo M. d'Osery ao seu pai, com minha autorização, e que ele desejou enviá-los para mim; estes cadernos contêm anotações mais específicas sobre a metalurgia, e contêm esboços de itinerários e o catálogo de nossa coleção geológica. (Castelnau, volume 1, 1850: 21-2)

> Apesar da perda de grande parte dos nossos documentos, os materiais que nós temos ainda em mãos são importantes, e consistem em mais de duzentos desenhos que representam paisagens e modos e costumes de tribos indígenas; quase quatrocentos desenhos de animais; uma grande quantidade de esboços de plantas e principalmente de criptogramas, de autoria do M. Weddell; um itinerário completo de nossa viagem do Rio a Lima através de mapas dos rios que tínhamos percorrido; uma magnífica coleção de mapas em papel vegetal pertencentes à Biblioteca do Rio de Janeiro e também do Instituto Histórico, e também os arquivos das províncias de Minas Gerais, Goiás , Mato Grosso e Pará. (Castelnau, volume 1, 1850: 22-3)

Ainda segundo Castelnau, durante o seu retorno à França, o governo tinha decidido publicar esta expedição nos modelos de expedição do departamento da Marinha, mas os eventos políticos de 1848 adiaram todas as publicações deste tipo.

Nascido em Londres em 1810, o filho ilegítimo da Condessa de Mesnard - la Barotière Francis de Castelnau morou em Paris nos anos de 1830. Foi ele um dos responsáveis pela criação da *Société entomologique de France* em 1832.

Devido a sua origem ilegítima, poucas informações são encontradas sobre a vida deste homem, a não ser suas publicações relacionadas e à história natural de insetos articulados de 1830-1850. Em 1850, conforme já citado no início deste trabalho, Castelnau publicou em Paris os seis Tomos da sua última grande viagem antes de se tornar Consul da França em Salvador-Bahia e depois em Melbourne, na Austrália, onde morreria em 1880.

Homem educado no *siècle des lumières*, Castelnau possui características dessa época, ou seja, uma dualidade marcante: por um lado ele tem uma concepção do mundo ligada a uma interpretação iluminista, com uma ligação muito íntima entre o indivíduo e a Natureza, anunciando o conceito do romantismo, que conjuga e solidariza as características psicológicas e históricas do indivíduo inserido no seu tempo.

Diante de uma Europa assolada pela fome e por doenças, Nações como a Portuguesa e a Espanhola lançaram-se ao mar em busca de outras terras onde pudessem explorar seus recursos e também expandir o seu poder.

Através da assinatura do Tratado de Tordesilhas, em 7 de junho de 1494, entre o Reino de Portugal e o Reino da Espanha, as recentes terras "descobertas" por essas nações passaram a ser chamadas de Novo Mundo.

A descoberta de novas terras (as Índias, a China e o Japão e as novas terras que passariam a ser chamadas posteriormente de América) acarretou problemas na relação entre Portugal e Espanha. Desta forma, o mundo passou a ser divido entre as duas monarquias. Em 1493 foi proclamada a bula *Intercoetera*, a qual traçava uma linha imaginária a partir das ilhas de Cabo Verde, 100 léguas em direção ao Ocidente. As terras que ficaram a oeste pertenciam à Espanha e as terras a leste, a Portugal.

Inconformados com esta divisão que favorecia os espanhóis, o rei lusitano D. João II ordenou que um novo acordo fosse celebrado

entre a Espanha e Portugal. Desta forma, através do Tratado de Tordesilhas (1494), Portugal via seu poderio sobre as novas terras aumentado para 370 léguas a partir das ilhas de Cabo Verde.

A vinda às terras brasileiras (que futuramente seriam chamadas de Brasil), agora pertencentes a Portugal, colocou o Velho Mundo em contato com o Novo Mundo. E, desta forma este mundo "desconhecido" que representava a solução de vários problemas enfrentados pela Europa, passou a ser conhecido e explorado.

Ao se lançarem no oceano, lugar onde reinava o imprevisível, os europeus lançavam-se na busca de um novo mundo, porém, para alcançá-lo eles deveriam enfrentar toda sorte de incertezas, crenças e mitos.

Acreditavam que os Oceanos e principalmente estas novas terras descobertas eram povoadas por criaturas como sereias, seres antropófagos e também andrógenos. Os monstros marítimos estavam à espreita de todos os navegadores, esperando apenas uma chance para atacá-los.

Este imaginário também era composto por maravilhas: chegar ao Novo Mundo e encontrar aqui uma terra extremamente fértil, com uma fauna e flora exuberantes, água em abundância, os "bons ares", fartura de alimentos e uma população primitiva forte, que gozava de um vigor físico sem igual no mundo até então conhecido.

O Paraíso Terrestre era aqui. Lugar onde se encontrava o mundo em seu estado original, livre do pecado original, local onde reinava a liberdade e a pureza.

O homem selvagem causou fascínio no europeu, tanto que, em 1550 um grupo de índios tupinambás foram levados à cidade de Rouen, diante do Rei da França, Henrique II e sua esposa, a rainha Catarina de Médici.

Com toda esta representação teatral sobre a vida dos índios, os comerciantes franceses influentes tentavam impressionar o Rei e

a Rainha, buscando incentivos para os projetos comerciais franceses nas recentes terras descobertas.

Vivendo em um estado primitivo, ou também conhecido como natural, os índios que aqui viviam foram estudados por diversos pensadores franceses desde o século XVI, como por exemplo, Michel de Montaigne (1533-92).

Em seu ensaio sobre os Canibais, o filósofo discute a questão da alteridade, ou seja, a maneira que percebemos e entendemos aquilo que é diferente de nós. Diferente de seus contemporâneos, que acreditavam que os índios tupinambás eram selvagens e viviam em um estado de barbárie, Montaigne acreditava que não há nada de bárbaro ou selvagem no modo de viver desses habitantes do Novo Mundo, a não ser que tudo o que for diferente do seu próprio costume for considerado como barbárie. O problema central é não termos outro critério de verdade, de razão além daquele que faz parte da nossa realidade.

Contrário à Rousseau, que posteriormente vai criar e propagar o mito do *"bon sauvage"*, Montaigne descreve os índios como cruéis, antropófagos e polígamos. Todas estas características estarão presentes no imaginário de cada viajante que aportará no "novo continente" recente descoberto.

Jean Jacques Rousseau (1712-78), nascido em Genebra, no seio de uma família francesa protestante, acreditava que, ao viver no estado "primitivo", o homem viveria em harmonia com seus semelhantes. O homem é bom por natureza e se existe algo que vai corrompê-lo será a sociedade. A idealização do homem, em seu estado selvagem, coloca o mesmo em situação de igualdade perante seus semelhantes. No caso dos índios que aqui viviam em completo isolamento do restante do mundo considerado civilizado, apenas confirmava a teoria de que vivendo à parte da sociedade dita civilizada, o homem é bom. A felicidade, por sua vez, está intimamente

ligada ao estado natural do homem, que vive isolado, independente, elementos essenciais para a sua felicidade.

Ao viver em sociedade, local de origem da desigualdade, o homem é corrompido por aquela que por sua vez aumentará cada vez mais as diferenças entre os seres.

Segundo Rousseau, a desigualdade entre os homens é um processo que apresenta 3 etapas:

1) A noção de propriedade, que vai criar a diferença entre os que possuem e os que não possuem, evidenciando a diferença entre ricos e pobres. Para legitimar sua condição de rico, esta camada social vai ser responsável pela criação de leis que os legitimem.

2) A eleição de magistrados que farão que o resto da sociedade respeite as leis. Desta forma, evidenciando a desigualdade entre as classes sociais.

3) A transformação do poder legítimo em poder arbitrário. Os eleitos magistrados se declaram hereditários e desta forma o despotismo é estabelecido na sociedade.

Ao analisarmos esta teoria de Rousseau, podemos identificar claramente a dualidade entre estes mundos que acabaram de se encontrar.

De um lado o "dócil" indígena, que vivia até então em harmonia com a natureza, e este estado primitivo de existência; do outro lado, o homem civilizado, corrompido pelas leis, pela vida mundana, pelos vícios, pela doença, dominado pela razão. Esse se considera superior àquele, visto que fazendo parte do mundo civilizado, vem para este lado do globo em busca do Paraíso terrestre e de seus benefícios. Para o selvagem, ele trará a possibilidade de salvá-lo deste estado de irracionalidade, propagando suas crenças e impondo seus modos e costumes.

O Brasil, sob este ponto de vista, era a representação mais fidedigna do paraíso perdido, do Eldorado que continha todos os segredos e possibilidades, quando comparado a uma Europa asso-

lada pelas doenças, pelos vícios e pela ganância do homem.

Mesmo tendo passado tanto tempo após o primeiro contato do homem europeu com os habitantes das terras americanas, Francis de Castelnau, um viajante do século XIX, também foi influenciado por estas ideias de Rousseau.

Por outro lado, o movimento Iluminista ocorreu entre os séculos XVII e XVIII e teve como traço principal a confiança sem limites na razão humana, como forma de encontrar a verdade de uma maneira metodológica. O pensamento racional se sobrepõe a tudo e o homem, através do pensamento, chegará à verdade. Ambas estas tendências estão presentes em Castelnau.

O movimento iniciado pelos *philosophes* levará "luz" aos lugares sombrios e escuros da Terra. O escuro é a metáfora da ignorância e a luz a razão e o conhecimento. É a luta do bem (a ciência) contra o mal (a ignorância).

Um filósofo iluminista que Castelnau leu muito certamente foi o barão de *La Brède et de Montesquieu*, mais conhecido como Montesquieu. Grande crítico dos modos e costumes da sociedade francesa, ele foi responsável pelo livro *Lettres Persanes*, no qual dois personagens persas, *Usbek* e *Rica*, visitam a França de 1712 a 1720 e ao escreverem aos seus amigos, demostram, através das suas cartas, uma crítica diante dos absurdos que estavam acostumados os franceses.

Publicada em 1748 e de autoria também de Montesquieu, *L'esprit des Lois* é uma obra de extrema importância para o nosso autor. Nela o filósofo elabora de forma metodológica os conceitos de governos e de autoridade política que serão a base da doutrina política moderna. A obra é dividida em livros, sendo o Livro I – a introdução geral, onde se encontra a definição de Lei. Nos Livros II-XIII, Montesquieu mostra aos leitores a ciência política propriamente dita: natureza do governo e seus diferentes tipos. A política

e a Geografia são tratadas nos livros XIV-XXV, onde é definido um novo conceito da natureza das coisas.

Na obra de Montesquieu, teremos a divisão clara do mundo, da sociedade, apoiada em teorias que vieram para justificar algumas atitudes do homem branco ocidental contra os povos considerados selvagens que viviam na "escuridão", no chamado Novo Mundo.

A dualidade do bem/mal, branco/mestiço, livre/escravo, o Velho Mundo/o Novo Mundo – a escuridão/as luzes, o civilizado/o selvagem, são características facilmente identificadas na escrita de Francis de Castelnau.

No que diz respeito à Teoria dos Climas, segundo Montesquieu, o clima age diretamente no temperamento dos homens. Mesmo que não se trate de um conceito tão novo, pois Boileau antes já afirmara que o clima era responsável pelos diferentes tipos de temperamento, neste momento Montesquieu, apropriando-se destas ideias, recria uma teoria totalmente sistematizada.

Em algumas linhas, pode se dizer que esta teoria, usando conceitos da fisiologia, afirma que o clima frio proporciona um retorno sanguíneo mais rápido ao coração devido à constrição dos vasos sanguíneos periféricos e, desta forma, diminui o tamanho das fibras e consequentemente aumenta a força que elas podem desencadear. De maneira oposta, o clima quente relaxaria as extremidades das fibras e com isto a diminuição da sua força e potência.

Sendo assim, os povos de clima frio teriam mais vigor para o trabalho, e esta grande força produziria outras características, como a autoconfiança e a coragem, maior conhecimento de sua superioridade diante dos outros povos, e menor desejo de vingança, pois eles usariam o conhecimento para encontrarem uma solução. Além disso, seriam os povos que opinariam com mais certeza, e consequentemente superiores aos outros.

Por outro lado, os povos de clima quente se comportariam como pessoas fracas, comparados por Montesquieu a velhos tímidos, facilmente manipuláveis.

A influência do clima nos temperamentos leva-o a pensar que tudo isto refletiria diretamente nas leis, contribuindo desta forma para a criação da sociologia. Se o clima interfere diretamente no indivíduo, fazendo com que este seja completamente diferente, dependendo da região na qual se vive, seria plausível que as leis fossem relativamente diferentes, levando-se em consideração estas variantes. E, desta forma, é estabelecida uma relação entre as leis de um país, sua natureza e seu clima, refletindo tudo isto diretamente na vida econômica deste lugar.

Pode-se identificar isto no capítulo III, tomo I, momento em que Castelnau e sua comitiva ainda se encontravam na cidade do Rio de Janeiro. Identificam-se neste trecho muitas destas características acima destacadas. O viajante critica os modos e os costumes da sociedade brasileira, sendo o clima um dos responsáveis pelas incivilidades do povo que aqui vivia:

> O grande calor do clima, a desocupação, a falta de estudos e a praga da escravidão têm exercido a mais nefasta influência nos costumes do país; o próprio clero, longe de seguir o modelo elogiável do da Europa, não raro é o primeiro a dar o exemplo de deboche e desordem. Antes de deixar o Rio de Janeiro, dizia-me um dos chefes da Igreja, sem dúvida com algum exagero: Temos aqui um clero, padres, porém não os há. Em todo caso esse clero, em que se contam honrosas exceções tem pelo menos uma virtude, a da tolerância, que é maior do que em qualquer parte. (Castelnau, volume 1, capítulo III, 2000: 51)

Segundo Castelnau, com um caráter pouco confiável e de modos e costumes poucos condizentes com os padrões do Velho Mundo, o brasileiro seria produto do seu meio, ou seja, em um país

como este, de clima quente, propício ao crescimento e propagação dos vícios e a corrupção das poucas virtudes:

> O homem a quem poderíamos confiar sem risco uma fortuna não raramente nos procura surrupiar alguns níqueis. A embriaguez é quase desconhecida no Brasil, mas o hábito de mentir é singularmente generalizado em certas classes, a ponto de podermos duvidar de que falem a verdade alguma vez. A hospitalidade é geral no interior, onde o viajante em quase toda parte é recebido com benevolência. O brasileiro não tem, nem de longe, a maldade que muitas vezes na Europa lhe atribuem; é pelo contrário, sem nenhuma dúvida, o mais indulgente dos senhores de escravos. (Castelnau, volume 1, capítulo III, 2000: 51)

Ainda segundo a Teoria dos climas de Montesquieu, a escravidão era um direito do homem considerado superior. Desta forma, o direto de ter a posse de outro ser é legitimado. Consequentemente, aquele que era considerado escravo não passa de uma mercadoria. Conforme o filósofo, a escravidão não é boa nem para o senhor nem para o escravo, porém ela é tolerável, pois devido à fraqueza e impossibilidade de guiar-se por si só, os escravos estariam fadados a este destino e, com isto, a escravidão era justificada.

Isto é percebido, logo após a sua chegada ao Rio de Janeiro. Castelnau fica horrorizado com o tratamento dado aos negros. Segundo ele, os brasileiros têm uma estima muito grande aos seus animais domésticos como o cavalo, gato e papagaio, o que não ocorre quando se trata dos negros. Na chegada ao Rio de Janeiro, a comitiva ficou instalada no Hotel Pharoux, centro da cidade, próximo ao porto e, durante esta curta estadia no hotel, eles foram algumas vezes perturbados pelos gritos de alguns infelizes escravos que eram chicoteados em praça pública próximo ao hotel. Diante destas barbaridades, Castelnau escreve:

> *É de notar que os maus tratos infligidos pelo homem aos que o cercam estão em relação direta com a sua semelhança com*

> *estes últimos; assim os animais domésticos, tais como o gato e o papagaio, etc., outra coisa não recebem de sua parte senão carícias, ao passo que o cavalo e principalmente o cão, muito mais chegados à sua intimidade, e de quem recebem mais benefícios, já se tornam alvo de suas sevícias. Contudo, que são estas ou aquelas chicotadas aplicadas nestes últimos, em confronto com os castigos infligidos aos indivíduos de sua própria espécie situados em condição inferior? Para estes impõem-se chicotes gigantescos, constroem-se pelourinhos para supliciá-los, e a menor falta em que incorram não parece ter recebido a devida punição antes que as carnes se lhes dilacerem e o sangue lhes corra. (*Castelnau, volume 1, capítulo II, 1850: 65)

Por outro lado, mesmo surpreso com este tratamento dado aos negros, é esta mão de obra escrava que o cientista vai usar para carregar seus baús, guiar suas mulas, e fazer todo o trabalho considerado inferior durante a viagem da comitiva pelo Brasil.

A visão dos negros, mulatos e mestiços, assim como as diferentes misturas destes povos faz com que Castelnau escreva de maneira sistemática, como se estivesse descrevendo o cruzamento de diferentes tipos de indivíduos, as diferentes nuances de pele oriunda desta mistura.

Assim identifica, analisa, sintetiza e enumera os vários mestiços encontrados no Brasil e tenta colocar em ordem aquilo que *a priori* estava na mais completa desordem. Esta forma de raciocinar e de escrever é completamente compatível com o homem que estudou e viveu em uma época intensamente influenciada pelas ideias iluministas, procurando tudo racionalizar, tudo sistematizar, estabelecer leis. A formação de identidades étnicas não implica necessariamente a exclusão de outras nações, segundo Agustin (2009). O encontro com o outro, nesse momento, não significava mais a exclusão ou o apagamento do outro, como normalmente acontecia antes, mas as diferentes culturas colocadas uma frente *à* outra despertavam no

viajante a necessidade de apropriação e integração, visando um elemento produtivo.

O olhar de Francis de Castelnau sobre o Brasil e a América do Sul

As imagens que circulavam na Europa, que representavam a América portuguesa, foram imagem propagadas exclusivamente através dos relatos de viagens dos séculos XVI, XVII e XVIII. Pelo fato de ainda não sermos uma nação e não apresentarmos uma identidade formada, a produção e registro sobre o país em língua portuguesa, tanto em Portugal quanto aqui na colônia, foram pouco significativas para a construção efetiva das imagens que povoavam as cortes europeias e também para delinear o perfil dos habitantes das terras americanas de língua portuguesa. Em outras palavras, são as narrativas desses viajantes que aqui estiveram, escritas por homens de diferentes nacionalidades, a partir de observações muitas vezes um pouco apressadas, que foram criando um vocabulário sobre o Brasil e seus habitantes, a partir do olhar do outro, e não do olhar daquele que aqui vivia.

Com uma aceitação quase universal no Velho Mundo, essas imagens e impressões pessoais foram tomando forma de um estatuto considerado verdadeiro, que permitiu que a Europa "descobrisse" o Brasil, e que pontuasse os contornos desse novo país, causando um grande impacto na imagem que construímos de nós mesmo e do país que chamamos de nosso a partir das primeiras décadas do século XIX, quando começaremos a nos identificar como brasileiros.

Ao longo do período das grandes navegações as narrativas de viagem ganharam evidência como gênero literário, no que tange à circulação de conteúdo sobre o Brasil, ou sobre a colônia portuguesa nas Américas, seus hábitos, seus costumes, bem como a propagação de descrições fantasiosas e muitas vezes pouco originais, visto que quase todos os relatos de viagens, desde o século XVI até o século

XVIII, apresentavam uma certa monotonia com a repetição de temas, objetos e personagens. Será somente a partir do início do século XIX que os temas e as formas da narrativa de viagem começam a adquirir tons de descrição científica, criando no lugar de uma narrativa quase fantástica de um mundo quase mágico, por uma realidade dicotômica do Brasil, contrapondo a magnificência, exuberância e prodigalidade da terra, aos modos e costumes poucos confiáveis dos seus habitantes, colonos portugueses até o limiar do século XIX, futuro povo brasileiro a partir do desembarque da família real em 1808 em terras brasileiras.

Em conformidade com os diferentes viajantes que estiveram nas terras portuguesas nas Américas, Castelnau, no século XIX, vê na terra do Brasil sinais de benevolência e de características positivas que a natureza não havia revelado em outros lugares, muito menos na Europa.

A esse fato podemos somar a amenidade do clima e o verde eterno da vegetação, bem como a fartura de frutas, a fertilidade da terra, a abundância de água doce, a exuberância e o colorido dos pássaros e a diversidade dos animais que só aqui podiam ser encontrados.

Dessa forma, as virtudes da natureza tropical são vistas como o lado positivo do Novo Mundo. Quanto a esse ponto, todos os viajantes que aqui estiveram compartilham do mesmo ponto de vista. Ao entrarem em contato com a natureza, muitos registraram que ela é mãe para os bárbaros que aqui vivem e a tratam como madrasta. São árvores frutíferas que abundantemente fornecem frutos aos habitantes dessas terras. Além disso, não importa a época do ano, as árvores permanecem verdes e as flores sempre presentes, o que era de causar inveja aos jardins europeus. Todo esse espetáculo natural se revelava diante dos olhos maravilhados desses viajantes, em especial Castelnau.

A infinidade de pássaros e suas cores, sem igual no mundo, deixavam o cenário natural ainda mais maravilhoso. São papagaios, periquitos e araras que, para o deleite do homem civilizado europeu, faziam parte desse grande quadro espetacular que era o Brasil.

Na passagem que se segue, Castelnau acabara de chegar ao Brasil, depois de uma longa viagem pelo Atlântico e, ainda do navio, começa a se maravilhar diante da beleza singular da Baía de Guanabara:

> Enquanto esperávamos permissão para desembarcar, admiramos a posição feérica dessa grande capital incrustada entre montanhas das mais estranhas formas possíveis e cobertas, em parte, por matas virgens, no meio das quais aparecem, de todos os lados, magníficas plantações. O grande número de construções que forma a cidade apresenta um imenso desenvolvimento, numa espécie de península que avança sobre a baía, vasta bacia onde se espremem florestas de mastros cobertos de todos os pavilhões do mundo.

> Enfim, a hora de nossa libertação chegou e, a despeito do pesar que sentimos ao nos despedir do comandante e dos oficiais do Dupetit-Thouars, foi com profunda alegria e singular emoção que pusemos os pés no solo encantado do Brasil.
>
> Na mesma noite, já estávamos instalados no Hotel Pharoux, estabelecimento francês onde se reuniam quase todos os estrangeiros, e cuja posição, à beira da baía e no ponto mais animado do porto, permitia-nos desfrutar de uma das mais belas vistas do mundo.
>
> Passamos os primeiros dias de nossa estada no Rio, desembarcando o material da expedição e percorrendo a cidade. A praça do palácio, situada perto do nosso hotel, era ornamentada por um lindo chafariz. Do lado oposto à enseada, ergue-se a residência imperial, cuja arquitetura é das mais modestas; em um outro lado da mesma praça, encontra-se o mercado principal. Os produtos à venda são exibidos com bastante cuidado e limpeza. A imensa variedade de peixes expostos diariamente nos fez pressentir a

> possibilidade de fazer lindas coleções ictiológicas. Encontramos, também, alguns lindos pássaros nativos, cujos preços eram, no entanto, muito altos. Dentre esses pássaros, vi, pela primeira vez, um Musophage violeta –turaco vivo. (Castelnau, volume 1, capítulo II, 1850: 57-8)

Por outro lado, o estado moral dos habitantes do Novo Mundo, independente da época, foi o ponto negativo observado pelos viajantes e também por Castelnau, durante a sua estadia no Novo Mundo.

De acordo com os relatos de alguns viajantes, o fato do Brasil ter sido colonizado pelos portugueses justificava o atraso em que se encontrava o país.

Segundo os estrangeiros que aqui chegaram o homem que aqui vivia já aclimatado nos trópicos era preguiçoso, muitas vezes cruel e facilmente envolvido pela luxúria. Não era raro, nos relatos de viagem, encontrar avisos aos que aqui se aventurassem para terem cuidado com o povo local. Essas características negativas, acrescidas dos adjetivos, como desonestos e libertinos eram observadas em todas as camadas da sociedade, passando pela corte, bem como o clero e os cidadãos comuns, como podemos ver no trecho a seguir:

> Acabamos de percorrer rapidamente a cidade do Rio e seus arredores, e resta-nos dizer algumas palavras sobre seus habitantes. Assim que se chega pela primeira vez da Europa aos trópicos, o que mais chama a atenção é a variedade das cores apresentada pelo sistema cutâneo dos homens que nos cercam. O Brasil, mais do que qualquer outro país, encontra-se nessas condições; desde o primeiro instante, você se vê cercado por pessoas de todas as nuances, desde o negro mais escuro, até o amarelo cobre. Aqui você encontra os representantes das cinquenta tribos da África, reconhecíveis pelas diferenças mostradas pelas marcas das tatuagens em seu corpo e também pela maneira como seus dentes são limados. Aqui, marinheiros malaios e chineses, acolá, você encontra índios da Polinésia fazendo parte da tripulação de alguns baleeiros. Quanto aos brancos, eles pertencem a todas as nações

> do mundo, e, a todo instante, seus ouvidos são surpreendidos por sotaques diversos. O que você menos encontra são os mestres aborígenes do solo, representados simplesmente por alguns mestiços, vindos como muleiros das províncias de São Paulo ou das minas. Os brasileiros propriamente ditos têm a aparência de seus pais portugueses. São, aliás, geralmente pequenos e pouco vigorosos, de tez escura; seus traços são, em geral, regulares e sua inteligência bastante viva. A maioria deles tem sangue de cor e, em muitas localidades do interior, pode-se dizer que toda a população é negra ou mulata. Aqui, não existe qualquer preconceito de cor, e, na mesma família, você vê, frequentemente, crianças com nuances das mais opostas.
>
> É sempre difícil se pronunciar sobre o caráter social de um povo, sobretudo em se tratando de uma nação da qual, durante muitos anos, recebeu-se a acolhida das mais hospitaleiras. Entretanto, é dever do viajante comunicar ao público suas impressões, de maneira imparcial. Como todos os povos jovens, os brasileiros são de uma extrema suscetibilidade, mas o ponto principal de seu caráter é uma bondade temerosa ao extremo e que degenera em um verdadeiro vício. Havendo um atentado, todas as simpatias se voltam para o criminoso, que todos se empenham em poupar do castigo merecido, e a impunidade engendra o crime. Mas, devo dizê-lo com toda a franqueza, não há, talvez, nenhum outro país, em que os atentados seriam muito mais frequentes, em condições semelhantes. O assassinato seguido de roubo é quase desconhecido no país, mas o assassinato por vingança é bastante comum em muitos pontos. O roubo é igualmente raro, mas a trapaça é muito difundida e se reproduz sob todas as formas. (Castelnau, volume 1, capítulo III, 1850: 130-132)

Quanto aos maus tratos aos escravos, Castelnau, mesmo utilizando escravos em suas comitivas para carregar instrumentos científicos ou caixas de coletas, facilmente fica indignado diante do tratamento dado aos negros pelos senhores brancos:

> Sei que, algumas vezes, entretanto, eles são submetidos a castigos

> horríveis, quando o senhor é tomado pela cólera e pelo ciúme; mas também estou certo de que, se fosse possível estabelecer uma lei, segundo a qual o escravo só poderia ser castigado vinte e quatro horas após a falta cometida, ele escaparia quase sempre à punição, ficando assim abolidos os castigos físicos. Criado entre escravos de sua idade, o pequeno brasileiro cresce e convive sempre com eles. Os numerosos negros encarregados do serviço doméstico são, muitas vezes, mais bem tratados do que os criados das melhores casas da Europa. Nas plantações, a sua condição é mais dura; no entanto, são obrigados, apenas, a um trabalho bastante moderado, bem menos penoso, em todo caso, que o que se exigia nas colônias francesas e apenas se igualando à metade do trabalho imposto aos seus irmãos nos Estados Unidos. De resto, no Brasil, só o respeito e a obediência aos costumes protegem eficazmente os escravos, pois as leis que devem defendê-los nunca são aplicadas. (Castelnau, volume 1, capítulo II, 1850: 132-133)

Nesse mesmo trecho, podemos novamente evidenciar a influência de algumas teorias como a Teoria dos Climas, que predispõe cada etnia a uma certa característica. Diante do olhar etnocentrista de Castelnau, quase nenhum membro da sociedade se salva. Até mesmo o clero, que deveria dar exemplo ao restante da sociedade, é criticado pelo francês:

> O calor escaldante, a ociosidade, a falta de possibilidade de estudo e a ferida da escravidão exerceram a mais nefasta influência sobre os costumes deste país, e o clero, longe de seguir o bom exemplo de seus pares da Europa, é normalmente o primeiro a dar exemplo de depravação e desordem. Antes de minha partida do Rio, um dos líderes da igreja me disse, com um pouco de exagero, com certeza: "o senhor encontrará aqui um clero, mas não padres". De resto, esse clero, no meio do qual encontram-se honrosas exceções, tem, pelo menos, uma virtude, a da tolerância, como não se vê em nenhum outro lugar.
>
> A extrema indolência da nação é um pouco dissimulada no Rio, pela agitação de uma grande cidade, onde o governo concentra

todos os trabalhos; mas ela se mostra a nu, nas localidades do interior e até em muitas cidades menores da costa. Em tais lugares, o comerciante só venderá a você por obrigação; seu próprio dinheiro, não raro, se mostrará quase inútil, visto que, aos olhos dos habitantes locais, não vale a pena ganhá-lo se, para isso, precisar fazer um pequeno esforço: somente seu caráter prestimoso poderá fazer você conseguir o objeto que procura. No Brasil, tudo é pleno de dificuldades, e mesmo a coisa mais simples muitas vezes se torna impossível. Quanto ao tempo, ele não tem nenhum valor, e a paciência do europeu é obrigada a suportar violentas provas, até que, cansado de lutar, acaba se tornando tão impassível quanto os filhos da terra. Um dos pontos dos costumes que mais atrasam a civilização dos brasileiros é a falta de educação das mulheres e a maneira como são excluídas da sociedade; assim, segregados, na maioria das vezes, do convívio com as mulheres honestas, os jovens brasileiros acabam se entregando ao vício do jogo. Ou pela timidez natural das mulheres, ou por ciúme da parte dos maridos e dos irmãos, a verdade é que é muito raro se ver brasileiras na rua, e quase impossível manter relações sociais com elas. Sei que no Rio os costumes se modificam todos os dias, sob este ponto de vista, mas estou escrevendo depois de ter residido no interior durante quatro anos.

O traço mais obscuro do caráter dos brasileiros é, sem dúvida, o ódio inveterado que votam aos estrangeiros que vêm se estabelecer no país, trazendo, na bagagem, a indústria e a atividade que faltam completamente aqui. Os portugueses, sobretudo, são execrados pelos filhos porque, menos indolentes que estes últimos, sabem juntar, em pouco tempo, um pequeno capital, à custa de seu trabalho; por motivo semelhante é que, na província de Minas, as grandes companhias inglesas são tão impopulares: sob pretexto de que arrancam o ouro oculto nas profundezas da terra. Os brasileiros deveriam, entretanto, entender os grandes favores que eles devem a essas empresas, pela quantidade de capitais que elas investem em troca de um metal que os filhos

> do país seriam inteiramente incapazes de tirar por si próprios dessas minas. (Castelnau, volume 1, capítulo II, 1850: 134-135)

A vaidade, a necessidade de possuir um título social elevado, consequentemente a banalização da hierarquia social é evidente na sequência desse trecho:

> [...] O sentimento de vaidade também é muito forte entre os brasileiros; os títulos nobiliárquicos, não sendo hereditários, são raros entre eles; mas as patentes militares são distribuídas em profusão, assim como as ordens de cavalaria.
>
> No interior, todo branco é, pelo menos, capitão de milícia, e todo agricultor aspira à medalha de comendador.
>
> Atravessando o oceano, todos os portugueses chegaram às colônias numa posição imediatamente superior à que possuíam na mãe-pátria; assim, aquele que possuía legalmente o título de senhoria, ganhou, ao chegar, o título de excelência; o homem que possuía o de vossa mercê adquire o título de senhoria; aquele que era tratado por tu passa a vossa mercê, de modo que o tratar-se por tu foi abolido.
>
> Os títulos mais suntuosos são empregados sem cessar; em muitas cidades decoram-se com o título de excelência todas as mulheres brancas, até as dos simples comerciantes, e a apelação redundante de ilustríssimo senhor é impressa de antemão no cabeçalho de todas as circulares; se o seu sapateiro não é um escravo do Congo, não aconselho você a declarar a profissão dele no endereçamento de uma carta, porque ele poderia se vingar nos seus pés do insulto que julgaria ter recebido. Em uma palavra, o título de senhoria se estende a todo o mundo, exceto nas relações oficiais das autoridades. (Castelnau, volume 1, capítulo II, 1850: 135-136)

Ao analisarmos as ideias presentes no pensamento de Francis de Castelnau, encontramos no seu relato de viagem características que demonstram traços românticos vigentes nesta época, e cujo surgimento coincide com o mesmo período no qual as ideias iluministas dominavam o pensar dos europeus.

Segundo Nunes (2005), essa visão romântica pode ser considerada como visão de época, não no sentido de uma maneira de enxergar o mundo, configurada através de uma forma artística, de um estilo histórico determinado, e sim no de uma concepção relativa a um período de transição que se situa entre o Ancien Régime e o liberalismo, entre o modo de vida da sociedade pré-industrial e o *ethos* nascente da civilização urbana sob a economia de mercado, entre o moderno das aspirações libertárias renovadoras das minorias intelectuais, às vésperas do *grand* ébranlement de 1789, e o momento da conversão ideológica do ideal de liberdade que essas minorias defenderam, no princípio de domínio real das novas maiorias dirigentes, firmadas como o Império Napoleônico e após a Restauração.

Com um discurso dualista, no qual ele é cientista, naturalista, que procura a razão de toda a existência das coisas, o escritor em alguns momentos, quase um romancista narrador de viagem, que demonstra habilidade em envolver o leitor na sua retórica extremamente adjetivada, que se extasia diante da paisagem, se emociona com a beleza que vê, Castelnau escreve seu relato de viagem passeando por dois extremos. O que nos chama atenção é a regularidade de cada tipo de discurso em determinada parte do seu relato. O cientista é facilmente identificado diante das diversas descrições dos terrenos encontrados pelo grupo, os quais são minuciosamente analisados (porcentagem, componentes, etc.) e, destas análises, algumas tabelas e quadros são encontrados ao longo dos 6 volumes.

Essa característica, percebida na forma de escrever de Francis de Castelnau, é facilmente identificada nos relatos dos viajantes do século XIX. Baseada na abordagem humboldtiana da natureza, o europeu viajante sistematicamente mede e precisa cada fator físico do local estudado, bem como racionaliza a natureza, estudando a mesma de maneira detalhada, identificando vegetais in loco. Porém ao "ver com os próprios olhos", torna-se inevitável a tentativa de registro dessas sensações visuais experimentadas e, dessa forma,

o viajante encontrará na arte e não mais na ciência a forma de registrar com sensibilidade o espetáculo que se desvelava diante de seus olhos. As expedições normalmente eram acompanhadas de artistas como pintores, poetas que em conjunto trabalhariam com o naturalista-científico. É através do relato de Castelnau que ficamos sabendo que, no último minuto antes do embarque dos viajantes na França, um aquarelista que iria acompanhá-lo na viagem não pode juntar-se ao resto do grupo

As descrições pormenorizadas e muitas vezes adjetivadas aliadas a imagens tornam-se obrigatórias nos relatos de viagem e Castelnau, o viajante que escreve com a "alma" é encontrado nos momentos sensíveis da narrativa principalmente quando ele descreve a natureza do Brasil. Deslumbrado diante da maravilha que está diante dos seus olhos, elabora uma escrita completamente diferente daquela identificada na maior parte da sua obra. Nestes momentos, as tabelas são deixadas de lado, assim como os números e as listas, e o lado artístico do escritor surge, permitindo que o leitor possa também se maravilhar com a beleza natural que apenas os seus olhos poderiam ver, a experimentação e a sensação que somente o escritor-cientista-naturalista pode sentir, mas que divide esse momento com o seu público leitor:

> No dia seguinte, retomei o caminho para a cidade grande, atravessando uma magnífica floresta virgem, da qual já havia feito o reconhecimento dois dias antes, e na qual havia prometido a mim mesmo colocar novamente os pés, com intenções hostis; uma grande parte do dia se passou nessa manobra, e, quando deixei esse rico lugar, vi, com pesar, que jamais voltaria para o Rio naquela noite; apressei o passo, mas inutilmente; era preciso acertar a marcha com a de dois escravos que me seguiam, com minhas coleções. Se, por um lado, perdi com esse atraso, ganhei por outro; pois, ao passar sobre um ponto em que, através de estreito canal, uma parte da baía penetra por entre as montanhas, e recebe o nome de Saco de Jurujuba, vi-me subitamente diante de

um espetáculo tão admirável, diante do qual apagaram-se todas as cenas até então presentes à minha imaginação, e não consegui desviar os olhos, fascinados diante da magia daquele quadro que tinha à minha frente. Como o céu havia ficado encoberto após o pôr-do-sol, uma bruma tênue escondia o contorno das montanhas; a superfície cinzenta e opaca das águas que se encaixava a seus pés estava em equilíbrio tão perfeito, as grandes formas esbranquiçadas e entrecortadas dos rochedos que surgiam de seu seio se destacavam tanto sobre o fundo escuro do céu, que eu quase me acreditaria transportado entre os gelos do polo, não fosse o ruído que fazia de vez em quando a haste suculenta de alguma planta tropical, triturada pelos dentes de meu cavalo impassível. Ia afastar-me, quando a cena repentinamente mudou; a montanha que estava à minha frente pareceu escurecer um pouco, como se uma nuvem descesse sobre ela; pouco depois, no meio dessa mancha escura, apareceu um clarão vermelho, que ficou cada vez mais vivo, estendendo-se, em seguida, rapidamente; dentro em pouco, todos os pontos da montanha estavam envolvidos num vasto incêndio, iluminando as sombras da noite e projetando ao longe, na superfície lisa da baía, longas esteiras de luz. Eu assistia à destruição de uma dessas florestas sem igual que, um dia, talvez bem distante, os filhos desta terra lamentarão com amargura.

Em êxtase diante desse espetáculo, não havia percebido que grandes pingos d'água caíam já havia algum tempo, e que uma tempestade aumentaria ainda mais a suntuosidade do quadro; não esperei por esses novos efeitos; enrolei-me em meu poncho e dirigi-me o mais rápido que me permitiu a irregularidade do terreno, até o vilarejo da Praia Grande, onde encontrei meus dois negros que já haviam chegado antes de mim, e ali decidi passar a noite, pois teria sido perigoso atravessar a baía com o tempo que estava fazendo. Fui pedir hospitalidade ao Dr. Azambuja e cheguei no dia seguinte sem problemas em nosso palácio da Glória. (Castelnau, volume 1, capítulo II, 1850: 112-113)

Stefan Zweig e seu livro *Brasil, um país do futuro*

Há 81 anos o escritor Stefan Zweig visitava pela primeira vez o Brasil. A caminho de Buenos Aires, onde participaria do congresso do PEN Club, Zweig permanecerá no Brasil do 21 de agosto a 04 de setembro de 1936. Este primeiro momento, mesmo que breve, será fundamental para selar sua ligação com a América do Sul e principalmente com o Brasil. Logo após a sua volta à Inglaterra, local onde já se exilava, fugindo do avanço de Hitler no território europeu, escreverá alguns textos sobre suas experiências aqui no Brasil. O conjunto desses nove textos, que serão publicados pela primeira vez em outubro e novembro do mesmo ano, no jornal Pester Lloyd, mostra um primeiro olhar de Zweig sobre o Brasil.

A partir deste primeiro ensaio, Zweig transformou e ampliou algumas partes desses primeiros escritos, para criar o livro *Brasil, um país do futuro*.

Em uma segunda viagem (1940), Stefan Zweig e então sua segunda mulher Lotte, passaram 5 meses no Brasil coletando material para o seu livro sobre o país. Visitou Minas, São Paulo, Bahia, Pernambuco e o Pará, terminando a escrita da sua obra nos Estados Unidos, na biblioteca de Yale entre fevereiro e março de 1941. Nesse mesmo ano, em agosto, consegue organizar o lançamento do livro *Brasil, um país do futuro* em oito edições: duas em português (Brasil e Portugal), duas em inglês (Estados Unidos e Canadá), francês para os países francófonos, porém sem o seu lançamento na França, que naquele momentos estava ocupada pelo exército alemão, em espanhol (para o público argentino), em alemão e sueco, ambas edições impressas em Estocolmo.

Composto por uma introdução e dezesseis capítulos que pretendem contemplar o contexto histórico, econômico e cultural do Brasil, com destaque para algumas cidades, como: Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife e Belém.

Logo na Introdução, afirma não ter penetrado com macha-

dinha e facão na densidade opaca e brilhante da mata virgem. Diz ser impossível conhecer inteiramente o Brasil, chamado por ele de "mundo vasto". Não pôde conhecer vários estados, nem teve contato com a vida primitiva de muitos povoados, como por exemplo das regiões de Mato Grosso, Goiás ou as selvas do rio Amazonas. Quanto aos aspectos econômico, financeiro e político do Brasil, afirma não ser capaz de fornecer conclusões definitivas, traçar previsões e profecias sobre o futuro do Brasil, nesses aspectos. Afirma que mesmo estando aberto às novas culturas de todas as viagens que pôde fazer, ele acredita que falta-lhe muito para dizer que realmente conhece o Brasil. Ao mesmo tempo, sente-se obrigado a escrever de forma mais substancial, de forma a dar mais dimensão à imagem vaga e exótica do Brasil na Europa. Como mediador, o autor compartilha suas percepções sobre o Brasil, convidando os leitores a mergulharem nessa viagem com ele. Bastante seletivo, ele acaba criando um perfil do Brasil com um olhar extremamente positivo.

Devido à sua composição étnica tão diversificada, acredita Zweig que se o Brasil acompanhasse a loucura nacionalista e racista tão em voga na Europa, esse grande país da América do Sul deveria ser o país mais dividido e menos pacífico do mundo. Porém, o que ele vê nas ruas das grandes cidades brasileiras é um povo vivendo de forma pacífica, onde, segundo ele, existe a igualdade civil absoluta na vida pública e na vida privada, uma verdadeira "democracia racial".

Se Gobineau afirmou que a única pessoa de "raça pura" que ele tinha encontrado no Brasil foi o imperador Dom Pedro II, a miscigenação, princípio considerado destrutivo para alguns fanáticos teóricos racistas, é segundo Stefan Zweig o "nosso cimento de uma civilização nacional". Foi essa desagregação dos grupos nacionais ou raciais que facilitou a criação de uma consciência nacional, e mesmo os imigrantes recém-instalados no Brasil, em sua segunda geração, já se sentem genuinamente brasileiros.

Toda essa conjuntura social, quando comparada ao panora-

ma de medo, ódio e guerra europeu da época, provocará no autor a necessidade de deixar claro ao leitor que por essas singularidades brasileiras, "a alma fica tão aliviada logo que pisamos nessa terra".

Segundo Zweig, todo recém-chegado no Brasil inicialmente gozará uma sensação calmante, com efeito libertador que logo, logo reconhecerá que a disposição harmônica e edênica da natureza passa a ser o modo de vida de uma nação.

Já na introdução, identifica-se esse arrebatamento em relação ao magnetismo do Brasil, quando Zweig nos oferece um relato bem entusiasmado sobre a sua chegada ao Rio de Janeiro. Segundo o autor, ele está diante de umas das mais belas paisagens do mundo:

> Chegamos ao Rio: foi uma das impressões mais poderosas que eu experimentei em toda a minha vida. Fiquei fascinado e, ao mesmo tempo, estremeci. Pois não apenas me defrontei com uma das paisagens mais belas do mundo, esta combinação ímpar de mar e montanha, cidade natureza tropical, mas ainda com um tipo completamente diferente de civilização. Contrariando todas as minhas expectativas, o quadro era de ordem e limpeza na arquitetura e nas paisagens urbanas, com ousadia e grandiosidade em todas as coisas novas e, ao mesmo tempo, uma cultura espiritual antiga, conservada de forma especialmente feliz por causa da distância. Havia cor e movimento. O olhar excitado não se cansava de ver e, para onde olhasse, era recompensado. Fiquei possuído por um torpor de beleza e de felicidade que excitava os sentidos, crispava os nervos, dilatava o coração, ocupava o espírito, e quanto mais eu via, nunca era o bastante. (Zweig, 2013: 14)

O autor termina sua introdução justificando a escrita do seu livro, elencando diversos fatores que comprovam que o Brasil possui como único desejo sua construção pacífica. No Brasil, segundo ele, quase não houve derramamento de sangue e que o Brasil "odeia a guerra". O Brasil é um lugar que não conheceu perseguições religiosas sangrentas, foi um país liderado por um dos imperadores mais democrático e liberal de todas as cabeças coroadas e que mesmo em

um período de ditadura, como a que estava sendo instaurada naquele momento, conhece mais liberdades individuais que a maioria dos países da Europa.

Panorama social, cultural e político brasileiro na década de 1930

Segundo Candido (2007), a fase que vai de 1930 até o final da Segunda Guerra foi importante para o Brasil, pois iniciou-se uma grande mudança social, econômica e cultural no país, com a ascensão ao comando do país, a burguesia industrial e o declínio das chamadas velhas oligarquias de base agrária. Ao mesmo tempo, a classe média começa a participar mais significativamente da vida social e o operariado entra na vida política. Desenvolve-se a indústria do livro em território nacional, em um momento em que o país passa a analisar de forma incisiva o seu espírito e o seu corpo, com o intuito de conhecer a sua verdadeira natureza e dessa forma traçar os rumos do seu futuro.

No que diz respeito à cultura, essa fase é rica e diversificada, com o estabelecimento no Brasil das universidades. Até o momento, o país só possuía escolas superiores isoladas como a faculdade de Direito, Medicina, Engenharia, Farmácia e Agronomia. Com o surgimento da Universidade de São Paulo em 1934, é estabelecido no Brasil o ensino superior das Letras, da História, das Ciências Sociais, repercutindo de forma positiva na história e na crítica literária.

Por conseguinte, teremos uma maior politização dos intelectuais brasileiros, a partir da difusão das ideologias como o comunismo e o fascismo atuantes na Europa, que neste momento influenciavam praticamente o mundo todo.

O Brasil passa a ter o seu passado revisitado à luz de novas posições teóricas, trazendo ao foco da discussão e pesquisa grupos sociais até então negligenciados, como os negros, as populações rurais, os imigrantes. Autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque

de Holanda e Caio Prado Júnior com suas obras, respectivamente: *Casa-grande & Senzala* (1933), *Raízes do Brasil* (1936) *e Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), irão influenciar todo estudo sobre o Brasil e suas origens.

O panorama político brasileiro do período traz consigo um passado marcado pelos desdobramentos políticos-sociais, iniciado pela Revolução de 1930, onde aconteceu o movimento político-militar que vai determinar o fim da Primeira República. Com a destituição do presidente Washington Luís, Getúlio Vargas será empossado como chefe do Governo Provisório.

Em 1932, é promulgado no Brasil o Código Eleitoral, que por sua vez vai criar a Justiça Eleitoral e, consequentemente, instituir o voto secreto e será a primeira vez que as brasileiras poderão votar. É fundado nessa época a Ação Integralista Brasileira (AIB), de inspiração fascista.

Em julho de 1934, a Assembleia Nacional Constituinte promulga uma nova Constituição e elege Getúlio Vargas para a presidência do Brasil. Em 1937, um golpe civil, com apoio militar e liderado por Vargas, instaura a ditadura do Estado Novo e outorga uma nova Constituição. Com esse novo regime, o Congresso é fechado e os partidos políticos são extintos. A partir de 1938, ficam proibidas, em território nacional, as transmissões radiofônicas e os jornais e revistas em língua estrangeira. Além disso, dois importantes decretos são lançados: um que proíbe a atividade política a estrangeiros e outros que regula e autoriza a expulsão de estrangeiros.

É nesse panorama político-social que Zweig e Lotte, ao final da turnê do escritor em 1940 pela América do Sul, são levados a uma visita ao consulado brasileiro em Buenos Aires. Como anteriormente falado, essa será a segunda vez que o escritor austríaco visita a América do Sul, e os laços entre o artista e o Brasil ficam cada vez mais estreitos. Por uma ordem telegráfica da chancelaria do Ministério das Relações Exteriores da capital federal, ele e sua esposa saem do

consulado com os respectivos passaportes carimbados e com o visto de residência permanente no Brasil. A eles é dispensado qualquer outra documentação, diferentemente do que estava acontecendo com os seus compatriotas europeus que, como eles, estavam fugindo do avanço dos alemães. No país que representa o futuro, Zweig acredita garantir a sua sobrevivência.

Porém, o Brasil estava imerso em uma onda populista, o chamado Estado Novo, que foi um regime autoritário e extremamente nacionalista. É nessa época também que será criado o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), órgão diretamente subordinado à presidência da República, destinado a realizar toda a propaganda e a censura do novo Regime. Esse departamento também organizava todas as homenagens a Vargas, sendo um instrumento de promoção pessoal do chefe do governo, de toda a sua família e das autoridades em geral. Esse departamento foi o órgão coercitivo máximo da liberdade de pensamento e expressão durante esse período da história do Brasil.

Quanto ao livro de Zweig sobre o Brasil, segundo Dînes (2012), a publicação do panegírico *Brasil, um país do futuro*, apesar de bem-intencionada, foi terrivelmente recebida pela crítica e pelos intelectuais, que o acusavam de ser um autor comercial, escritor por encomenda. Nos bastidores, diziam que o livro sobre o Brasil foi "mercadoria de troca".

Ao mesmo tempo, jornais e revistas que não ousavam criticar o governo pela desumana política migratória, se dedicavam apenas a denegrir aquele que conseguiu uma brecha para entrar no Brasil, ficar e sobreviver. Veementemente atacado pelo redator-chefe do Correio da Manhã, o jornalista Costa Rêgo, Zweig conhece uma outra face do país que ele tanto gostava. Acusado de oferecer o "paraíso perdido" perseguidos pelos homens desde o início dos tempos, Zweig oferece a utopia aos que, decepcionados com as barbaridades do Velho Mundo, tentam recomeçar a vida.

A calúnia e a difamação o incomodam. Tanto que em uma entrevista que concede ao semanário *Vamos Ler!*, Zweig, sempre polido e comedido com suas palavras, desabafa e deixa seu protesto contra toda essa difamação:

> Em 40 anos de vida literária, orgulho-me de jamais ter escrito um livro por outra razão que não a paixão artística e nunca visei a qualquer vantagem pessoal ou interesse econômico. (Dines, 2012: 475)

Zweig é pacifista e não quer tomar partido. Como sempre, prefere a neutralidade.

Nessa época, o Brasil estreita seus laços com os Estados Unidos, permitindo que os mesmos instalem suas bases americanas em Natal, Belém e Recife, e em troca os americanos financiariam a construção da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, Rio de Janeiro. Apesar de viver em uma ditadura velada, o país se desenvolve.

Em 1942, o Brasil rompe suas relações diplomáticas com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Logo em seguida, submarinos alemães torpedeiam e afundam navios mercantes brasileiros na costa entre Maceió e Santos, matando muitas pessoas. Cria-se então um ambiente de hostilidade, e o Brasil declara guerra à Alemanha e seus aliados.

Fugindo do avanço alemão na Europa, Zweig, que imaginava estar "protegido" ao escolher como seu endereço a cidade de Petrópolis, imagina que a Guerra havia atravessado o Atlântico e estava praticamente ao seu lado. Assustado com os desdobramentos dos ataques sofridos pelas embarcações brasileiras, cansado das cobranças políticas e extremamente decepcionado com as críticas ao seu livro sobre o Brasil, sente-se cada vez mais encurralado. A sombra que o acompanhou durante todo esse tempo, infelizmente o venceu. No dia 22 de fevereiro de 1942, Zweig e Lotte se suicidam em Petrópolis, cidade serrana do Rio de Janeiro.

A imagem idealizada e mitológica do Brasil

O capítulo consagrado à História do Brasil, Stefan Zweig demonstra ter realizado uma boa pesquisa em documentos e livros que narram a história desse país, desde a chegada dos Portugueses em 1500, destacando a presença das missões jesuítas que vão fazer do Brasil o seu laboratório ideal.

> Matéria e espírito, conteúdo e forma, um país deserto e totalmente desorganizado e um método ainda não experimentado de organização combinam-se para criar algo novo e vivo. (Zweig, 2013: 37)

Segundo ele, a verdadeira resistência ao plano de colonização dos jesuítas não vem dos nativos, também chamados de selvagens ou canibais, e sim dos primeiros colonizadores que segundo Zweig, o Brasil até então tinha sido um paraíso exótico para soldados evadidos, marinheiros deserdados, para degredados, transformando essa terra que virá um dia se chamar Brasil, de uma terra sem leis, restrições ou compromissos. Tudo aquilo que, na sua pátria de origem era proibido, aqui era permitido, de acordo com a doutrina dos conquistadores: *Ultra equinoxialem non peccatur*, ou melhor, não existe pecado abaixo do Equador. Zweig afirma que, em vez de civilizar o país, esses primeiros colonizadores na verdade foram os verdadeiros selvagens.

Relata também as tentativas de tomada do recém-descoberto país pelos franceses liderados por Nicolas de Villegagnon, dando ênfase ao gesto bélico de 1555 na Baía de Guanabara, local que depois viria a ser conhecido como Rio de Janeiro. Destaca também os ataques holandeses na Bahia em 1624, bem como a atividade colonizadora desses conquistadores em Pernambuco.

Quanto à expansão no sudeste, faz um recorte na história dos bandeirantes que penetraram nos vales montanhosos e inabitados de Minas Gerais e São Paulo, em busca de ouro e pedras preciosas, acabando assim por promoverem a expansão do país para seu inte-

rior. Para o Novo Mundo, as invasões napoleônicas na Europa e a transferência da família real portuguesa o outro lado do Atlântico foram movimentos fundamentais para o desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro, que abrigaria toda a corte portuguesa.

Quanto ao aspecto econômico, Zweig descreverá com detalhes os produtos coloniais que chamaram atenção dos colonizadores: a madeira do pau-brasil, o açúcar e o ouro. Falará também sobre o tráfico de escravos como atividade de grande lucro diante de uma demanda crescente e que esses escravos, com o passar do tempo, foram incorporados à sociedade brasileira. Também discorrerá sobre o ciclo do café e da borracha, que por sua vez enriqueceram o interior de São Paulo e o Norte do país.

No que diz respeito à cultura brasileira, ele usa a afirmação de Euclides da Cunha, que negou que "não há um tipo antropológico brasileiro." No processo de abrasileiramento, que vai da adaptação do clima à natureza, às condições espirituais e espaciais, a população brasileira é produto de uma tríplice origem: europeia, africana e americana. Mas, se as chances de combinação entre três tipos tão diferentes poderia ser catastrófica, Stefan Zweig diz que aqui no Brasil encontram-se todos os matizes, fisiológicos e de caráter. Sempre otimista, possui um forte desejo de encontrar no Brasil uma realidade completamente oposta à da Europa que tornava-se cada vez mais devastada e desunida.

Eurocêntrico, Zweig acredita que, mesmo que nos últimos anos o país tenha acrescentado algo original com esforço próprio, todos os valores culturais foram trazidos de fora, seja nas caravelas portuguesas, nos barcos a vela ou nos modernos navios a vapor.

Evocando o mito do "*bon sauvage*" de Rousseau, para Zweig, o brasileiro ainda vive em seu estado primitivo, em harmonia com seus semelhantes, livre da violência que aflige o restante do mundo:

> O brasileiro se caracteriza tanto física quanto psicologicamente por ser de compleição mais delicada do que o europeu ou o norte-

> -americano. O tipo humano corpulento, massivo, alto, ossudo quase não existe por aqui. Da mesma forma, falta à alma brasileira qualquer traço de brutalidade, violência, veemência, tudo o que é grosseiro, presunçoso e arrogante. (Zweig, 2013: 129)

Se para a maioria dos viajantes que estiveram no Brasil entre os séculos XVIII e XIX a sociedade brasileira era o ponto negativo quando analisada de perto, para Zweig o brasileiro, além de sensível, possui um sentimento de honra todo especial, não reagindo agressivamente, não sendo da sua natureza entrar em confronto. Todas essas características positivas, segundo o autor, deve ser a qualidade característica do povo brasileiro.

Em relação à natureza, ela é o fator que nos torna originais e nos diferencia do Velho Mundo. Neste olhar polarizado, ela estará do lado positivo, contribuindo com a imagem edênica que povoou a imaginação dos viajantes de diferentes séculos.

O Rio de Janeiro, para o escritor austríaco, é representação terrestre do paraíso. Não importa para onde o olhar do visitante se dirige, na cidade maravilhosa, ele sempre encontrará algo para se deleitar. A fascinação pela natureza brasileira e pela cidade do Rio de Janeiro pode ser identificada no seguinte trecho:

> Não existe cidade mais bela no mundo – e quem alguma vez a viu não discordará –, mais impenetrável, mais misteriosa. Impossível conhecê-la por inteiro. O mar traçou as linhas das praias em um curioso zigue-zague, e os morros com suas encostas íngremes cortam-lhe o espaço por onde poderia se expandir. Por toda parte encontramos esquinas e curvas, todas as ruas se entrecortam em formas irregulares, perde-se constantemente o rumo. Onde acreditamos ter chegado no fim, esbarramos com outro começo, onde deixamos atrás uma enseada para penetrar no núcleo da cidade, chegamos surpresos em outro enseada. Em cada caminho descobrimos uma novidade, uma vista surpreendente dos morros, uma pequena praça que parece ter sido esquecida dos tempos coloniais, um mercado, um canal ladeado de palmeiras,

> um jardim, uma favela. Em lugares por onde passamos uma centena de vezes e entramos sem querer em uma viela, esbarramos com um outro mundo: é como se estivéssemos em um disco giratório que nos oferece incessantemente novas visões. (Zweig, 2013: 153)

É na cidade maravilhosa que as diferenças convivem em perfeita harmonia, pois tanto para o rico, quanto para o pobre, o mar é livre para o banho e a beleza é para os olhos de todos. Nesse cenário paradisíaco, as pessoas são afáveis, e é infinita a diversidade daquelas pequenas surpresas diárias que tornam o dia-a-dia de todos mais feliz.

Cidade de constrastes que mistura o passado com o presente, o rico e o pobre, o Rio de Janeiro descrito por Zweig é uma cidade que o faz lembrar de Marselha, com sua zona portuária, que faz lembrar Napóles, com suas subidas íngremes, que faz lembrar de Barcelona ou Roma, com seus mil cafés e de Nova York com seus grandes cartazes e arranha-céus. Tudo isso em uma perfeita harmonia.

Sobre São Paulo, suas considerações ficam restritas quanto ao desenvolvimento da cidade, demonstrando a evolução da mesma que já havia se tornado a cidade mais dinâmica do país. É o trabalho que a caracteriza e lhe dá o sentido de ser e existir. Em constante mutação, além de se modificar na arquitetura, se modifica completamente do ponto de vista etnográfico. Nela vivem e convivem diferentes nacionalidades: italianos, armênios, sírios, japoneses, alemães. Sua paixão pelo café o faz visitar as antigas fazendas produtoras do grão, permitindo que o autor entrasse em contato com todo o processo de produção, desde a sua plantação até a sua saída no porto de Santos.

Em Minas Gerais, Zweig sempre acompanhado pela sua esposa, vai visitar Vila Rica e Ouro Preto, as cidades do ouro do Brasil com seu passado colonial extremamente rico. Segundo o autor, essas cidades por terem parado no tempo possuem um encanto especial. Elas são como um museu ao céu aberto, pois nelas se conservou

perfeitamente a imagem da época colonial do Brasil e de sua cultura.

Viajando para o norte do Brasil, a Bahia é caracterizada por Zweig como uma rainha viúva grandiosa, shakespeariana, que há muito tempo já entregou seu poder real a uma geração mais nova e impaciente, mas não o abdicou. Ela conservou sua posição, e com isso uma alteza incomparável.

Quanto ao patrimônio arquitetônico, ele afirma que por ser a Bahia uma cidade conservadora, protegeu seus monumentos contra a invasão do novo, bem como conservou sua fisionomia original e a sua tradição.

Para ele, não existe nada mais pitoresco do que as negras baianas. Com seu traje típico, elas usam uma saia rodada como se fosse um manto real e parecem estar sentadas dentro de uma enorme flor. Participou da lavagem das escadarias da Igreja do Senhor do Bonfim, e afirma que foi a primeira vez na sua vida que ele viu um acesso de euforia e loucura coletiva. Aproveita também para visitar na região plantações de cana-de-açúcar, tabaco e cacau.

Segundo Stefan Zweig, é na Bahia onde a religião se mistura ao prazer de forma misteriosa que desencadeia entre as pessoas tal sensação de embriaguez. Participará também do ritual do candomblé mas, segundo o escritor, tudo pareceu muito encenado. Se no resto do Brasil os costumes modernos apagaram as origens dos brasileiros, foi na Bahia que ele afirma que entrou em contato com tudo o que é primitivo, instintivo.

Voando para Recife, ficou decepcionado ao procurar ali a influência dos holandeses, que permaneceram em Pernambuco de 1930 a 1954. Quase tudo que demonstrava a passagem dos holandeses na cidade foi apagado pelo desenvolvimento da cidade. Em Recife pretendiam fundar uma "pequena Amsterdã".

Apesar de ter gostado de Olinda, descrevendo a cidade como um local romântico, envolvido pela tranquilidade da natureza, um local sonhador, solitário, mas sem a grandiosidade da Bahia.

Zweig vai terminar seu périplo voando até o Amazonas, mais especificamente em Belém. Fica impressionado com a quantidade de rios que cortam o país e como eles são poderosos em sua foz, superando a grandeza dos rios europeus. Quanto à terra, extremamente fértil, acredita que ela é a solução para o problema da humanidade.

Em Belém do Pará, não se impressiona com a cidade, apesar de identificar ali as características do seu tempo áureo, durante o ciclo da borracha. Daquela época, conhece o Teatro da Paz (que chama de Teatro Municipal), com sua arquitetura neoclássica.

A natureza mais uma vez o deixa deslumbrado. Composta de rica e opulenta vegetação, Stefan Zweig vai chamá-la de natureza esbanjadora, caprichosa sem fim.

Ao final da viagem em Belém, Zweig e sua esposa retornam para os Estados Unidos, com a gratidão de terem passado todo esse tempo viajando pela imensidão do Brasil, e termina seu livro com a seguinte frase: "Quem realmente é capaz de sentir o Brasil viu beleza suficiente para a metade da vida". (2013: 250)

Afinal, seria o Brasil realmente um país do futuro?

Stefan Zweig acreditava em uma Europa humanista, consciente da sua tradição cultural e do seu papel perante o mundo. Exilado, ele não consegue encontrar seu lugar e a temida sombra que sempre o acompanhara, passa a atormentá-lo cada vez mais. Com sua escrita, vai propor ao leitor tranquilidade e isolamento abaixo da linha do Equador. A tentativa de reabilitação individual e quem sabe mundial, segundo ele, estava no Brasil. É no Brasil que ele pretende curar a alma. Para isso, Zweig vai reconstruir esse modelo ideal de civilização na escrita de Brasil, um país do futuro. Seu olhar, muitas vezes ingênuo e seletivo, idealizará um Brasil, país no qual as diferenças raciais são praticamente inexistentes. Zweig enxergava no Brasil a possibilidade de um mundo melhor para todos, onde o mito da democracia racial, apresentado pelo sociólogo Gilberto Freire é

a formula da felicidade. Até mesmo os lugares mais pobres como as favelas, são descritos como lugares harmoniosos e que apesar de miserável, o povo que ali morava era muito feliz. Seu olhar fascinado pela sociedade multicolorida pretendia lançar de certa forma uma certa claridade na imensa escuridão que tomava conta do continente Europeu. O Brasil para Zweig era a sua possibilidade de futuro, a sua possibilidade de sobreviver.

No cruzamento dos olhares, a nação brasileira se definindo

Este artigo apresentou um estudo sobre o relato de viagem de Francis de Castelnau, bem como uma análise sobre a obra *Brasil, um país do futuro,* de Stefan Zweig, com o objetivo de identificar nos seus escritos as possíveis representações construídas pelos Europeus sobre o continente americano e seu povo, imagem elaborada ao longo dos séculos

A sociedade e a natureza foram os pilares da análise, visto que todos os viajantes, independente da sua nacionalidade, ficavam boquiabertos com a deslumbrante natureza brasileira e chocados com os modos e costumes do povo que em terras brasileiras habitavam.

O projeto de explorar o mundo, iniciado no século XV, em uma época mais conhecida como a época dos chamados “grandes descobrimentos” ou das “grandes navegações”, nunca foi abandonado pela Europa.

Viajar para esses lugares ainda desconhecidos significava entrar em contato com um novo mundo e de certa forma provocar uma nova concepção das coisas. Segundo Rouanet (1991), “as viagens jamais foram vistas com bons olhos pelo pensamento dito clássico, que tendia a romper o equilíbrio de sua realidade”. O contato com um novo culto, outros costumes e diversas cerimônias, muitas vezes acabavam corrompendo os homens europeus. Ainda no século XIX, com a vinda de Zweig ao Brasil, as sensações que

ele pode experimentar principalmente em relação à natureza, são bem parecidas com as vivenciadas pelos que o antecederam, neste caso, por Castelnau.

Porém, não podemos nos esquecer de que a intenção do viajante do século das luzes, representado em meu trabalho por Francis de Castelnau, está em sintonia com a filosofia daquela corrente: o homem do século XVII, sujeito e objeto de reflexão racional, quer ver para conhecer, e desconfia de tudo o que não possa ser analisado criticamente. É preciso comparar, opor, duvidar.

Ainda segundo a mesma autora (ibid.: 54):

> É por isso que, enquanto alguns deixam a sua terra e partem para a aventura de saber como vivem e pensam os outros homens, outros tantos, talvez menos ousados mas não menos curiosos, devoram as narrativas dos viajantes, sejam elas dadas como reais ou ficcionais. E tais relatos, como se verá mais adiante, vão tendo a sua função progressivamente ampliada e corrigida, até serem imobilizados num lugar que lhes seria próprio, pelo pensamento científico do século XIX.

O novo mundo, desde cedo, despertou a curiosidade e até a cobiça dos habitantes do Velho Mundo. A imagem fantástica e exótica destas novas terras já era evidenciada, desde os primeiros relatos dos viajantes que por aqui estiveram.

Foi através desses relatos (Colombo, Vespúcio) que a imagem edênica do continente Americano se propagou nas cortes europeias, lançando no imaginário de vários povos as lendas de riquezas e da fartura nestes novos locais. E o continente americano tornou-se meta principal das atividades comerciais de algumas coroas europeias, como por exemplo, Portugal e Espanha.

A imagem do paraíso com um clima agradável sem grandes oscilações está de acordo com o pensamento de Montesquieu, no qual o clima atua diretamente no temperamento dos homens, bem como suas leis e evidentemente, na sociedade como um todo. Sendo aqui o

paraíso terrestre (terra fértil, clima paradisíaco), seria esperado que neste mesmo local, os homens constituíssem uma sociedade perfeita, na qual as diferenças não existiriam, onde os habitantes viveriam em seu estado de natureza, conforme afirmavam alguns filósofos como, por exemplo, Jean-Jacques Rousseau. Tanto para Castelnau quanto para Zweig, essas imagens positivas estão presente em seus relatos.

Nesta terra, a miséria e a fome que tanto assolavam o Velho Mundo seriam inexistentes. Além disso, com um ciclo de estações que se confundem muitas vezes, tudo levava a crer que os viajantes que aqui aportaram haviam chegado ao Eldorado, local da felicidade e abundância presentes no pensamento clássico, ainda recorrente para a Europa das "Luzes".

E desta forma, ao longo dos séculos, a representação do continente foi sendo construída, através de uma leitura de todas as ficções e fantasias que inundavam o imaginário europeu, ainda repleto de elementos medievais (seres mágicos, monstros, homens com corpo de gente e cabeça de animais, etc.). Foi-se criando no imaginário dos europeus, o Novo continente, esta nova terra, ambivalente, um misto de terra misteriosa, de ficções e fantasias. No imaginário de Zweig, essa imagem edênica não apresenta nenhuma mácula, sendo o Brasil o lugar mais harmônico entre pessoas de diferentes etnias.

A Europa como propagadora das luzes, lançou-se no projeto colonizador como forma de irradiar as "luzes" aos cantos sombrios do Mundo (ainda não civilizados segundo o olhar europeu), criando desta forma uma dualidade entre O Velho e O Novo Mundo. De um lado, o avanço europeu no caminho do progresso é incontestável e, por outro lado, o contato com o outro fez com que o europeu pudesse compreender um pouco melhor de si mesmo, tendo "o outro" como diferente e, desta forma, proporciona a crítica e reflexão em relação aos males da sociedade civilizada, tendo como parâmetro uma idealização do "natural", do "primitivo".

Esse homem era livre de pecados, vivia em completa harmonia

com a natureza, isento de vícios e das deformidades causadas aos homens das sociedades ditas civilizadas.

Por outro lado, o pensamento religioso em oposição a esta idealização construída através de uma literatura de viagem nega a existência deste "homem bom", representando, em seu lugar, um homem com características primitivas, feroz e muitas vezes antropófago.

Neste caldeirão de contradições e dualidades, o Novo Mundo representa, ao mesmo tempo, o paraíso natural na face da terra que deve ser poupado da miséria decorrente da civilização, assim como o mundo primitivo que deve ser civilizado.

O conhecer o outro proporcionou ao viajante europeu a possibilidade de pensar e refletir sobre si mesmo. Em resumo, a América dos viajantes não existe pelo que ela realmente é, mas sim pelo que não é. Em outras palavras, podemos dizer que O Novo Mundo não é Europa, ele é tudo o que a Europa não é.

Nessas novas terras, nenhuma distinção é feita, não há competição, a propriedade é inexistente, não há um senhor ou rei. Sendo assim, a verdadeira possibilidade de felicidade no mundo só poderia ser realizada em outro lugar que não fosse a Europa.

É neste mundo, onde as realidades se bifurcam, que tempos depois, fugindo das guerras Napoleônicas, a família Real Portuguesa vem se instalar. No processo de colonização, esta chegada da Europa em terras brasileiras foi uma tentativa de domesticar o Novo Mundo, de controlar o exótico. O Novo Mundo nada mais é que um amontoado de imagens e de noções muitas vezes contraditórias. Não podemos falar de uma Nação Una, mas sim de uma Nação repleta de idiossincrasias.

Os habitantes do hemisfério sul do globo terrestre apresentam valores diferentes dos europeus. Se as contradições em relação ao povo são recorrentes nos relatos de viagem, a visão da natureza e da sua riqueza é um aspecto que não gera nenhum tipo de dúvida

entre os viajantes que aqui estiveram. Relatos estes que, através da sua narrativa, motivaram outros viajantes que posteriormente visitariam o Brasil como, por exemplo, Francis de Castelnau, que no Brasil esteve no século XIX.

A diferença entre a realidade europeia e a brasileira é cada vez mais evidente e transita entre dois pólos diferentes.

A imagem positiva da natureza do Mundo, paraíso de riquezas, de bom clima e de espetaculares paisagens, vai se delineando e consolidando ao longo dos séculos, chegando até os dias atuais, sem grandes modificações. O exótico nos é muitas vezes atribuído. Ser exótico é ser diferente, afastado, estrangeiro, de fora, esquisito, extravagante, bizarro, mas também aquilo que possui encanto.

Ao falar em "alma do Brasil no século XIX", fica quase impossível desvincular o conceito de alma dos conceitos de imaginação, sentimento e emoção, características opostas ao campo do conhecimento e da razão.

O caráter do povo brasileiro é colocado em questão a partir do olhar desse viajante francês, quando ele se encontra na cidade do Rio de Janeiro, principal cidade do país nessa época. O Rio de Janeiro é um verdadeiro centro cosmopolita, quando comparado ao resto no Brasil.

O olhar de Castelnau, impregnado pela visão una e a lógica da homogeneidade propagada pelo Iluminismo leva à divisão do mundo em duas coisas: o humano e o não-humano. Diante de suas palavras, percebemos alguns (pré)conceitos que nos diferenciam do europeu.

E o retrato do estado de barbárie no qual nos encontramos é corroborado quando, dando sequência ao seu relato retratando o estado moral dos habitantes do Rio de Janeiro, Castelnau afirma que aqui no Brasil a extrema indolência está em toda parte. Talvez um pouco dissimulada na cidade do Rio de Janeiro, ela é claramente percebida no interior do país. Outro fator que nos chama atenção está no fato de Castelnau afirmar que aqui no Brasil tudo "é pleno

de dificuldade e mesmo a coisa mais simples muitas vezes se torna impossível".

Francis de Castelnau afirma que o povo brasileiro é extremamente vaidoso, preguiçoso, dado aos vícios. A sociedade é o lado negativo de todo esse contexto, se contrapondo com a natureza, essa identificada como o diferencial entre o que o Brasil é e o que a Europa não é.

Stefan Zweig, tomado por um olhar extremamente positivo, em contraponto com um panorama europeu tomado pela barbárie, acredita que a sociedade brasileira é a mais justa e igualitária do mundo. No Brasil, as diferentes cores, os diferentes credos convivem e se respeitam. Não seria aqui o paraíso? Local onde a paz e a tranquilidade eram aliados a uma natureza exuberante; sem dúvida o paraíso terrestre estava ali, diante dele. Seu inferno é outro. Seu inferno o corrói por dentro, e se materializa a cada avanço dos nazistas em território europeu.

O outro pilar de análise foi a natureza. Sempre em destaque devido à sua beleza deslumbrante, a natureza brasileira sempre chamou e continua chamando a atenção dos estrangeiros.

Outros viajantes, juntamente com Francis de Castelnau, viram com "seus próprios olhos", mas ouviram e sentiram com o próprio corpo a multiplicidade de sensações que envolvem os naturalistas em sua viagem, conforme as palavras de Kury (2001).

O viajante romântico do século XIX, além de produzir ciência, foi responsável também pela especialização do registro de sensações, até então inimagináveis na escrita de um cientista.

Transformar a natureza em ciência de forma a não mecanizar aquela foi o papel de vários viajantes, dentre os quais destaco Francis de Castelnau. Nesse momento, não bastava apenas coletar e sistematizar, é preciso ir além das tabelas e do registro. Zweig, por sua vez, constrói sua narrativa a partir das sensações que ele vivenciou durante a coleta de material para o seu livro, porém, completamente

diferente. Esse viajante do século XX estava no Brasil, inicialmente por lazer, e paulatinamente o que parecia ser apenas uma viagem como tantas outras foi se transformando em uma possibilidade de vida, um local de refúgio, um local para recomeçar a sua trajetória, distante das barbáries que estavam ocorrendo no território europeu.

Foi através da obra de Humboldt sobre o Novo Mundo que o processo científico dos naturalistas começou a incorporar nos relatos de viagens as sensações e descrições, ultrapassando as fronteiras do puramente científico, característica do Iluminismo.

Amparados pelo conceito de filantropia, ou seja, o amor por seu próximo, os viajantes se deslocavam para terras ditas selvagens com a missão de levar a esses locais o desenvolvimento e a civilização que eles achavam ser a luz para os ditos países bárbaros.

Como Saint-Hilaire, Castelnau não se contentou em apenas recolher plantas ou animais e enviá-los ao Museu de Paris, ao contrário, eles analisavam e anotavam tudo, enquanto realizavam o processo de coleta.

Dessa forma, o viajante cientista se diferenciava do viajante coletor, correspondendo ao novo perfil viajante-naturalista que fora idealizado no meio científico parisiense desde a época de Saint-Hilaire. Essas viagens visavam o progresso da ciência, o bem-estar da humanidade, a glória da nação que as patrocinavam, e a troca filantrópica observada por Kury (2003) deve ser utilizada como ferramenta para compreender a atitude dos viajantes-naturalistas diante dos saberes dos locais que visitavam.

Ao colocar no papel o discurso da alma, ou seja, suas emoções, no modelo proposto por Humboldt, no qual a natureza é textualizada, ele representa a harmonia do mundo e da realidade. De acordo com Augustin (2009), "[...] Para atingir esse ideal, deveria abrir mão da plenitude empírica para que a visão ordenadora do homem pensante se impusesse. E, como todo idealista, o estético tinha conotação moral".

Essa conotação moral, combinada com os estudos da natureza física, levariam a harmonia ao universo.

O objeto por si só agora não satisfaz mais ao naturalista, e será através do seu relato de viagem que ele particularizará a percepção, dando ao gosto e ao belo um fundamento teórico.

E será através dessa dicotomia entre o Bem o Mal, o Belo e o Feio, sociedade e natureza, civilização e estado natural, que a construção identitária nacional brasileira vai se construindo com o passar do tempo, através do olhar do outro, chegando até os nossos dias atuais em completa metamorfose e aprimoramento.

A singularidade do Brasil, ao meu ver, está na presença dessas diferenças de cores, de raças, de sentimentos, de crenças, pois parafraseando Renan, acredito que uma nação é feita de um rico legado de lembranças, aceito por todos, que os fazem sentir-se parte de um patrimônio em comum, de reconhecê-lo, de reverenciá-lo.

Castelnau e Zweig, juntamente com os diversos outros viajantes que aqui estiveram, participaram desse processo da nossa construção identitária, da nossa imagem diante do mundo e diante de nós mesmos. Todas essas idiossincrasias estão presentes em nós brasileiros, quando analisamos profundamente as nossas atitudes diante da realidade brasileira e do nosso espaço conquistado no mundo.

A natureza foi e continua sendo fator positivo e diferencial quando falamos do restante do mundo. Presente desde o Romantismo com o processo de criação de uma identidade nacional, esteve presente nos relatos de viagens e quase sempre é pano de fundo de diversos autores brasileiros. Aqui podemos citar José de Alencar, Aluísio de Azevedo, Jorge Amado, Nelson Rodrigues e muitos outros escritores que retratam a nossa singularidade como país, em suas obras. O olhar do outro ainda nos afeta, define, exalta e critica.

Segundo Fiorin (2009), nossa nação, dita brasileira, possui um caráter cultural luso-tupi e o mito de origem do Brasil está na união da natureza com a cultura, valores americanos e europeus.

O Brasil não é Portugal, o Brasil não é o índio, o Brasil não é o negro, o Brasil não um único. O Brasil é a singularidade da fusão de todas essas diferenças, celebra toda a mistura que levou a nossa mestiçagem, de todas essas influências, de toda a mistura que aqui aconteceu, nos tornando únicos com nossas qualidades e defeitos, nos tornando completos, nos tornando *Brasileiros*.

REFERÊNCIAS:

Augustin, Günther. *Literatura de viagem na época de Dom João VI*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

Candido, Antonio (2007). *Iniciação à literatura brasileira*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Zaul.

Castelnau, Francis de: *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para - executée par ordre du gouvernement français, pendant les années 1843 à 1847, sous la direction de Francis de Castelnau*. Paris, Chez P. Bertrand, Librairie--Editeur, 1850.

Castelnau, Francis de: *Expedição às Regiões Centrais da América do Sul, Rio de Janeiro*, Editora Itatiaia. 2000.

Chartier, Roger: Écouter les morts avec les yeux. Paris, Collège de France, Fayard, 2008.

Costa Lima, Luiz: História, ficção, literatura. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

_____: O Controle do imaginário & afirmação do romance. In*: O imaginário e a imaginação: Dom Quixote, As relações perigosas, Moll Flanders, Tristram Shandy*, São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Daher, Andrea: *O Brasil francês. As singularidades da França Equinocial*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

Dines, A. (2012). *Morte no paraíso- A tragédia de Stefan Zweig*. 4 ed. Rio de Janeiro: Rocco.

Fiorin, J. F. (2009). *A construção da identidade nacional brasileira*.

Bakhtiniana, 1 (1), 115-126.

Freyre, G. (2017). *Casa-grande & Senzala*. 51ed. São Paulo: Global Editora.

Guinsburg, J.: *O Romantismo*. São Paulo, Perspectiva 2005.

Iser, Wolfgang. *O fictício e o Imaginário – Perspectivas de uma Antropologia Literária*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1996.

Holanda, Sérgio Buarque de. A herança colonial: sua desagrega*ção*. In: ___ (org). *História geral da civilização brasileira*. 4 ed.t.II. v. 1. São Paulo: Difel, 1976. Cap. 1: 13

Jauss, Hans Robert. *A literatura como provocação (História da literatura como provocação literária)*. Lisboa: Passagens, 2003.

Kury, Lorelai. *Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar*. Intellectus Revista Eletrônica UERJ, Rio de Janeiro, v. 1: 1-11, 2003.

_____ . *Viajantes naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem*. Revista Eletrônica História, ciências, saúde- Manguinhos. Fundação Oswaldo Cruz. v. VIII: 863-80, 2001.

Lery, Jean de: *Histoire d'un Voyage faict em la terre du Brésil*, Paris, Librairie Générale Française, 1994.

Lestringant, Frank: *Le Brésil de Montaigne – Le Nouveau Monde des Essais* - Paris, Chandeigne, 2005.

Levi-Straus, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

Lisboa, Karen Macknow. *Da expedição científica à Ficcionalização da viagem- Martius e seu romance indianista sobre o Brasil*. Acervo, Rio de Janeiro, v.21, nº 1: 115-132, jan/jun 2008.

Malte, Yves de: *Quand le Brésil était français – sur le pas de Villegagnon vice-roi du Brésil,* Paris, Editions des Ecrivains, 2002.

Martins, Ana C. I; Sochaczewski, Monique. Jogos de espelhos: uma proximidade distante, uma distância tão próxima. In França, Jean M. C. *As descobertas do Brasil - O olhar estrangeiro na construção da imagem do Brasil*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2014.

Mello, Maria Elizabeth Chaves de. *Um francês nos trópicos: Francis de Castelnau: o olhar de um viajante no século XIX*, 1.ed – Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

Mello, Maria Elizabeth Chaves de. & Rouanet, Maria Helena: *A difícil comunicação literária*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1987.

Mello, Maria Elizabeth Chaves de. *O relato de viagem – narradores entre memória, fictício e imaginário* in Revista Gragoatá nº 28. Niterói: EDUFF, 2010.

Montesquieu*: Les lettres persanes*. Paris, Ed. Flammarion, 2008.

Moureau, François: *Le théâtre des voyages*. Paris, PUPS, 2005.

Prado, Carlos E. *Francis de Castelnau – O Olhar de um viajante francês sobre o Brasil do século XIX*. Dissertação de Mestrado em Estudos da Literatura da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2014.

Rajotte, Pierre: *Le récit de voyage – aux frontières du littéraire*. Montréal, Éditions Triptyqye, 1997.

_____: *Le récit de voyage: entre le réel et l'imaginaire* in Nuit Blanche, le magazine du livre, nº 65, 1997: 51-4

Renan, Ernest: *Qu'est-ce qu'une nation?* In Philippe Forest (org.), Paris, Bordas, 1991.

Rouanet, Maria Helena. *Eternamente em Berço Esplêndido – a fundação de uma literatura nacion*al, São Paulo, Siciliano, 1991.

Sartre, Jean-Paul: Qu'est-ce que la littérature? Paris, Gallimard, 1948 (Trad. Brasileira: Que é a literatura? 2ª edição. São Paulo: Ática, 1993).

Schollhammer, Karl Erik. Pequena genealogia do olhar viajante. In: Torres, Sônia (org.). *Raízes e rumos: perspectivas interdisciplinares em estudos americanos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2001: 254-62.

Todorov, Tzvetan: *La conquête de l'Amérique - la question de l'autre*. Paris. Éditions du Seuil, 1983.

Zweig, S. (2014). *Autobiografia: o mundo de ontem*. Trad. Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (2013). *Brasil, um país do futuro*. Rio de Janeiro. Trad. Kristina Michahelles. L&PM Editores.

_____ .(2009). *No país do futuro: a biografia de um livro*/ organização e textos Alberto Dines – Rio de Janeiro: EMC; Petrópolis, RJ: Casa Stefan Zweig; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.

_____ . (2016) *Pequena Viagem ao Brasil*. Trad. Petê Rissatti. 1 ed. Rio de Janeiro. Versal Editores.

Watt, Ian: *A ascensão do romance*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

White, Hayden: *O valor da narratividade na representação da realidade*. In: Cadernos da UFF, Instituto de Letras/UFF, Niterói, 3, 1991.

Alguns aspetos da receção de Machado de Assis em França[1]

Caroline Fischer
(UPPA/ALTER)

Se nos interessarmos pela receção de Machado de Assis em França, podemos começar por dar uma vista de olhos ao site francês da Amazon. Constatamos então que em novembro de 2017 são propostos dezoito livros do autor em versão francesa[2]. Olhando para o número de traduções, poderíamos supor que o autor está bem implantado no Hexágono, pelo menos muito melhor que na Alemanha: no mesmo momento, apenas dois romances se encontram disponíveis do outro lado do Reno, a tradução de *Memorial de Aires*[3] por Bertram Zilly de 2008, e a de *Dom Casmurro*[4] por Marianne Gareis de 2013, publicada em Zurique na Manesse, editora que, em contrapartida, retirou do seu programa de edição alemã "clássica" a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

A Biblioteca da Universidade de Pau et des Pays de l'Adour, que é relativamente recente, confirma esta primeira imagem bastante positiva da presença de Machado de Assis em França: nela encontramos praticamente todos os títulos vendidos atualmente em francês, assim como várias antologias de contos. Pode parecer surpreendente, visto que a Universidade não tem nenhum departa-

[1] Ensaio traduzido por Joanna Gomes.

[2] Na categoria "livros novos" aos quais se juntam os títulos esgotados, vendidos em segunda mão.

[3] Machado de Assis, *Tagebuch des Abschieds*, trad. para alemão por Bertram Zilly, Berlin, Friedenauer Presse, 2008. A editora la Friedenauer Presse, é reconhecida pelo seu programa, mas trabalha de forma bastante confidencial.

[4] Machado de Assis, *Dom Casmurro*, trad. en allemand par Marianne Gareis, Zurich, Manesse, 2013.

mento de estudos lusófonos. A rede das mediatecas da aglomeração de Pau contém 15 livros de Machado em francês, dos quais, contudo, vários são repetidos.

Esta aparente popularidade em França merece ser verificada. Para poder avaliar a receção[5] da sua obra, examinaremos qual a parte desta que foi traduzida para em seguida elaborar uma lista exaustiva de todas as traduções francesas assim como das suas diferentes edições.[6] Um estudo de tradução ultrapassa de longe o âmbito deste artigo, e sobre este assunto remetemos o leitor para a tese de Émilie Geneviève Audigier.[7] Em contrapartida, interessar-nos-emos pelos diferentes tradutores e tradutoras, no espírito dos trabalhos realizados no âmbito da *História das Traduções em Língua Francesa*[8], o que nos permitirá retraçar a história desta vertente da receção, e por vezes do seu contexto preciso, que será igualmente aprofundado através de uma vista de olhos às reações da imprensa. Deste modo, escolheremos pontualmente passagens particularmente reveladoras

[5] O termo "receção" cobre várias áreas de investigação próximas e, no entanto distintas, o que é bem demonstrado por Lucie Arnoux-Farnou e Anne-Rachel Hermetet no volume x da edição *Question de réception*, Collection Poétiques comparatistes, Nîmes, Lucie éditions, 2015. Aqui, não se trata de estética da receção nem de receção produtiva (ainda que a tradução possa também ser considerada sob esse ângulo). O que nos interessa é a receção como elemento de transferências culturais, método que já utilizámos noutras análises da mesma ordem (*cf.* p.ex. Caroline Fischer e Beatrice Nickel éd., *Französische und frankophone Literatur in Deutschland (1945-2010). Rezeption, Übersetzung, Kulturtransfer*, Francfort/M. *et al.*, Peter Lang, 2012).

6 Todas as traduções francesas de Machado de Assis repertoriadas pelo Catálogo geral da Biblioteca nacional de França encontram-se numa lista exaustiva anexada a este artigo.

[7] *Les traductions françaises de Machado de Assis et Guimarães Rosa: variations de huit nouvelles de 1910 à 2004*, por Émilie Geneviève Audigier sob a direção de Inès Oseki-Dépré e de Marcelo Jacques de Moraes (Univ. Aix-Marseille 1), Littérature générale et comparée, defendida em 2010.

[8] Histoire des Traductions en Langue Française, por Yves Chevrel e Jean-Yves Masson, 4 vol., Lagrasse, Verdier, 2012-19.

desde o fim do século XIX até ao início do século XX que, aliás, se interessam mais pelo poeta que pelo romancista, mas analisaremos a totalidade dos artigos publicados por ocasião das várias publicações das obras de Machado de Assis na editora Métailié. Graças às informações fornecidas pela editora – notamos, agradecendo-lhe, que é contra a prática corrente neste tipo de atividade – até temos acesso aos números de vendas, possibilidade tão rara quanto preciosa para este tipo de estudo. Por fim, como se constata frequentemente, há uma grande diferença entre a receção dos textos literários junto do (grande) público e junto das universidades, pelo que completaremos esta contribuição fazendo o balanço das teses e monografias francesas dedicadas a Machado de Assis[9].

1) Um autor pouco conhecido em França em vida

Comecemos por algumas informações rápidas sobre o autor: nascido no Rio de Janeiro em 1839 de um pai operário mulato e de uma mãe lavadeira de origem portuguesa, portanto ele próprio mulato numa sociedade em que a escravatura só é abolida em 1888, desenvolve simultaneamente uma carreira de alto funcionário nos ministérios do país e uma carreira de escritor. Eleito presidente da Academia Brasileira de Letras por ocasião da sua fundação em 1897, ocupará esse cargo até a sua morte, em 1908. Apesar de ter duas profissões, produz uma obra considerável composta por cinco coletâneas de poesia[10], assim como uma quantidade considerável de críticas literárias e teatrais, crónicas, cerca de duzentos contos, dez peças de teatro e o mesmo número de romances.

Além desta produção impressionante, recordemos dois julgamentos de valor: para Susan Sontag, ele é o maior escritor da

[9] O catálogo geral da BnF e o site thèses.fr servem de fontes a este estudo, que consequentemente não remonta a antes de 1988 no que respeita as teses não publicadas. Este estudo também não tem em conta as numerosas teses que citam simplesmente o autor, sem que ele seja um dos assuntos principais.

[10] Um primeiro poema é publicado quando tem apenas 15 anos.

América Latina[11] (*The New Yorker*, 7 de maio de 1990), e cerca de dez anos mais tarde, Harold Bloom vai ainda mais longe afirmando que Machado de Assis teria sido o "maior escritor negro de sempre", "uma espécie de milagre".[12] Ele classifica-o como estando acima de Borges e de Italo Calvino, de Rainer Maria Rilke e de Eugenio Montale. O entusiasmo de Susan Sontag pelo autor brasileiro, que talvez tenha influenciado um pouco Harold Bloom, não a ilude sobre a receção das suas obras, e ela acrescenta: "Ainda mais extraordinário que a ausência de Machado da literatura mundial é o facto de ele ter sido pouco conhecido na América latina fora do Brasil – como se continuasse a ser difícil de digerir que o maior autor que jamais existiu na América latina tenha escrito em língua portuguesa e não em língua espanhola".[13]

Este grande "ausente" da literatura mundial parece, todavia, estar bastante presente em França. Retracemos algumas etapas do acolhimento dado a Machado de Assis no Hexágono: durante a sua vida é praticamente desconhecido e nenhuma das suas obras está traduzida em francês. Sem pretendermos a uma exaustividade nas nossas investigações, encontrámos três curtas referências em francês. Uma primeira em 1880 no *Bulletin de l'Association Littéraire internationale*, que louva a sua tradução da peça *Les Plaideurs* de Racine, e onde é apontado como "um dos nossos poetas mais

[11] Susan Sontag, "Afterlives: The Case of Machado de Assis", em *The New Yorker*, 7 de maio de 1990: 102: "the greatest writer ever produced in Latin America".

[12] Harold Bloom, *Genius. A Mosaic of One Hundred Exemplary Creative Minds*, New York, Warner Books, 2002: 573: "the supreme black literary artist to date", "a kind of miracle" (tradução nossa).

[13] Susan Sontag, "Afterlives: The Case of Machado de Assis", em *The New Yorker*, 7 de maio 1990: 102: "Even more remarkable than Machado's absence from world literature is that he has been very little known and read in Latin America outside Brazil – as if it were still hard to digest the fact that the greatest author ever produced in Latin America wrote in the Portuguese, rather than the Spanish, language". (tradução pessoal)

justamente célébres"[14] – sem a menor alusão aos quatro romances, nem às duas coletâneas de contos, nem às numerosas peças de teatro que já tinha então publicado. No longo artigo sobre o Brasil da *Grande Encyclopédie. Inventaire raisonné des sciences, des lettres et des arts par une société de savants et de gens de lettres*, no qual cinco colunas são consagradas à língua e à literatura, apenas o seu nome aparece, no começo de uma lista de... poetas.[15] A entrada no *Dictionnaire international des écrivains du jour* sobre o autor é um pouco mais detalhada, mas muito incompleta e não expressa o mínimo entusiasmo pela obra do Brasileiro, cuja maior parte, já publicada a essa data, passa despercebida:

Machado de Assis, poeta brasileiro nascido em 1839 no Rio de Janeiro, publicou um romance *Memorias Posthumas de Brar* [sic] *Cubas*, Rio de Janeiro, 1881, editor B. L. Garnier; uma comédia *Tu sò, tu, puro amar*...., id., edição de 100 ex. numerados; *Papeis avulsos*, coletânea de contos, id., 1882; *Historias sem data*, id., id., 1884; *Phalenas Americanas* é o título do volume de versos que tornou Sr. M. conhecido junto do público brasileiro e português.[16]

Tratar-se-ia, portanto, de um "poeta", apenas conhecido pelo público lusófono – o que provavelmente corresponde à realidade em 1891 – e sobretudo apreciado pelos seus versos.

Por esta razão, a sua morte não tem muita repercussão na imprensa francesa. Um curto artigo no *Le Journal* de 6 de outubro 1908, colocado entre uma publicidade para um remédio contra a impotência e um texto sobre as medidas propostas contra a cólera, limita-se a citar um telegrama oficial brasileiro, que é retomado cinco dias mais tarde na *La Revue diplomatique*.

[14] *Bulletin de l'Association Littéraire internationale*, n° 9, setembro de 1880: 70.
[15] Marcelin Berthelot *et al*. (éd.), *Grande Encyclopédie. Inventaire raisonné des sciences, des lettres et des arts par une société de savants et de gens de lettres*, tomo 7, Paris, Lamirault, 1885-1902: 1112, coluna da esquerda.
[16] Angelo De Gubernatis, *Dictionnaire international des écrivains du jour*, Florence 1891: 1409, coluna da esquerda.

Telegrafam-nos do Rio de Janeiro:

> Machado de Assis, um dos poetas e literatos mais conhecidos do Brasil, acaba de morrer no Rio de Janeiro, com a idade setenta e dois anos. Era presidente da Academia brasileira de letras e, tanto pelo seu talento como pela elevação do seu caráter, soube suscitar a veneração de todos os Brasileiros. O governo fez questão lhe prestar uma homenagem excecional, e uma multidão enorme seguiu o seu cortejo.
>
> Machado de Assis publicou uma quantidade de obras consideráveis: poesia, romances, teatro, contos. Distinguia-se na descrição dos tipos sociais do Brasil, e criou figuras de relevo poderoso, tais como: Carlos Maria, o Major Liqueira, Quincas Borba, Brás Cubas, etc. Filósofo um pouco céptico, imbuiu as suas obras de uma doce ironia, que não constitui o seu menor charme: foi, além disso, um observador sagaz, e do seu estilo emana um verdadeiro encanto.
>
> Com Machado de Assis desaparece um dos melhores escritores de língua portuguesa, cujas obras, seguramente, permanecerão vivas.
>
> A Academia brasileira reuniu-se no dia 5 deste mês e designou, para suceder a Machado de Assis, o Senhor conselheiro Ruy Barbosa. Sabemos que o Senhor conselheiro Ruy Barbosa desempenhou um papel preponderante na Conferência de Haia. Ele é simultaneamente um jurista eminente, um orador dos mais admiráveis e um dos escritores mais distintos do Brasil.[17]

Mais longa e muito elogiosa foi a notícia de óbito no *Mercure de France*.[18] Mas, mais uma vez, a página não é assinada e encontra-se no fim, na rúbrica "Echos", entre uma carta de Jean Capart, que assinala um erro cometido na recensão de uma das suas publicações, e reflexões sobre a verdadeira estatura física de Schiller...

[17] *La Revue diplomatique*, Paris, 11/10/1908: 9.

[18] *Mercure de France*, t. 76, n° 274, 16 de novembro de 1908: 381.

Após a morte do autor em 1908, tudo parece mudar: a 3de abril do ano seguinte, é-lhe feita uma homenagem na Sorbonne, como confirma o livro publicado alguns meses mais tarde: *Machado de Assis. Son Œuvre littéraire*[19]; em 1910 e 1911 são publicadas as traduções de *Várias Histórias* e de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. No entanto, esta homenagem já não é organizada pela universidade, mas pela Sociedade de Estudos portugueses de Paris, "com o apoio da Missão brasileira de Propaganda" enquanto "Festa da Intelectualidade brasileira".[20]

A publicação dos "discursos proferidos na Sorbonne, a 3 de abril de 1909"[21] é precedida por um preâmbulo de Anatole France, escritor frequentemente citado como sendo um dos modelos de Machado. Estas páginas podem surpreender: A. France cita apenas uma vez e sem nenhum comentário adicional o nome do autor brasileiro, para louvar em seguida o "Génio latino" que "irradia para o mundo".[22] A contribuição essencial deste livro consiste num longo artigo escrito por um dos cofundadores da Academia brasileira de Letras, Manuel de Oliveira Lima. Segue-se um texto de Victor Orban: "Machado de Assis romancista, contista", sobre o qual diz, retomando a ideia enunciada por A. France: "É um latino",[23] julgamento que teria "comprometido" o êxito francês de Machado, segundo

[19] *Machado de Assis. Son Œuvre littéraire*, preâmbulo de Anatole France, Paris, Garnier frères, 1909 (2ª edição em 1917).
[20] *Op. cit.*: 7.
[21] *Ibid.*
[22] Anatole France, "Avant-propos", em *Machado de Assis. Son Œuvre littéraire*, Paris, Garnier frères, 1909: 14.
[23] Victor Orban, "Machado de Assis romancier, conteur", em *Machado de Assis. Son* Œuvre *littéraire*, Paris, Garnier frères, 1909: 96.

Lea Mapa Valesi Staut.[24] Contrariamente a A. France, V. Orban revela-se um fino conhecedor da obra machadiana, mas também ele insiste no seu trabalho de poeta: "Não ha dúvida que a poesia não foi a sua única paixão, mas por tê-la cultivado e amado bastante, guardou sempre intacta aquela fé no ideal e aquela graça harmoniosa que fazem o charme dos seus escritos".[25] Ele anexa ao seu artigo a tradução de um conto (O Enfermeiro) e de dois poemas. V. Orban cita sobretudo um poema que Machado compusera em francês, "Un vieux pays"[26] – que, segundo ele, demonstra perfeitamente a mestria poética do Brasileiro, assim como toda a sua "admiração" pela "soberana elegância" do francês – para concluir: "Que esta seja mais uma razão para a nossa simpatia".[27]

É difícil de dizer se foi assim, mas o poema é sem dúvida um dos textos mais citados em França. Nas suas "Notes de Littérature brésilienne", Henri Allorge insiste, ele também, no Machado poeta; de entre as quatro obras que ele nomeia encontram-se – ao lado das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* – três coletâneas de poesia. Para valorizar o autor, H. Allorge limita-se a evocar as exéquias nacionais, a homenagem feita na Sorbonne, abstendo-se de falar das suas qualidades literárias. "Conhecê-lo-emos melhor através de uma

[24] Lea Mapa Valesi Staut, "Machado de Assis na França", http://docplayer.com.br/66760341-Machado-de-assis-na-franca-lea-mapa-valesi-staut-unesp.html (consultado a 15 de novembro de 2017): "Muito francês e pouco exótico, o autor brasileiro projetou, na França, uma imagem que seria também a do Brasil: para uma parte da intelectualidade francesa da época, nosso país se reduziria a um espelho da latinidade e, o seu escritor maior, a uma espécie de escriba francês à brasileira. Ficou, assim, comprometida a fortuna de Machado de Assis em terras francesas, paradoxalmente, em virtude de seu cosmopolitismo, da universalidade de seus temas e de seus personagens, em suma, de seu 'não exotismo'": 281.

[25] Victor Orban, "Machado de Assis romancier, conteur", em *Machado de Assis. Son Œuvre littéraire*, Paris, Garnier frères, 1909: 106. (tradução nossa)

[26] *Op. cit.*: 104-105.

[27] *Op. cit.*: 105. (tradução nossa)

única citação, de uma curta e bonita poesia",[28] e é sem surpresa que voltamos a encontrar "Un vieux pays", que será também recitado na France Culture por ocasião de uma emissão sobre a literatura brasileira, em junho de 2017. Em 1911, H. Allorge conclui: "Quem diria que o autor destes versos é um estrangeiro?"[29] Aos olhos dos Franceses, a verdadeira glória de Machado de Assis seria o seu "génio latino" e o seu domínio perfeito da língua e da versificação francesa...

2) As traduções francesas

Antes de retraçar a história das traduções francesas da obra de Machado de Assis, podemos constatar que apenas uma parte dos seus contos e romances foi tornada acessível a um público francófono; para ser mais preciso: cinco dos seis romances da maturidade, uma antologia de contos (a quinta, de 1896), e cerca de outras vinte narrativas curtas. Isto representa evidentemente um corpus que não é insignificante; ainda assim, a grande maioria dos seus escritos nunca foi traduzida em francês, ou seja, as suas críticas, crónicas, poemas, teatro, metade dos romances nem a grande maioria dos contos e novelas.[30] As traduções dos cinco romances – *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904), *Memorial de Aires* (1908) – e da antologia de contos (*Várias Histórias*, 1896) encontram-se nas prateleiras das livrarias.[31] Por outro lado, os romances *Ressurreição* (1872), *A mão*

[28] Henri Allorge, "Notes de Littérature brésilienne", em *Le Penseur*, 11e ano, n° 1, 1911: 16-21, aqui: 18.

[29] *Ibid.*

[30] As traduções publicadas em antologias, revistas ou antologias de textos não são tomadas em conta. Assim, dois dos seus poemas foram traduzidos para a homenagem que lhe é prestada na Academia francesa em 1909 (v. *infra*). As narrativas breves são geralmente designadas como "contos"; não podendo, no âmbito deste artigo, aprofundar a questão do género ao qual pertencem estes textos, utilizaremos este termo.

[31] Damos aqui os títulos originais porque as diferentes traduções e edições foram parcialmente publicadas com títulos diferentes.

e a luva (1874), *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878) nem *Casa Velha* (1885) nunca foram traduzidos – o que relativiza a primeira apreciação positiva da receção de Machado de Assis em França.

Para voltar às duas primeiras traduções francesas, nada prova, mas tudo leva a crer que foram publicadas no seguimento da homenagem prestada ao autor na Sorbonne, imortalizada pelo livro já citado e que constituiu a primeira apresentação de envergadura do escritor no Hexágono. Não podendo estabelecer com toda a certeza uma relação de causalidade, limitemo-nos a constatar a proximidade temporal entre a publicação de *Machado de Assis. Son œuvre littéraire* em 1909, da tradução de *Várias Histórias* no ano seguinte, e ainda de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* um ano mais tarde.[32] A este propósito é surpreendente que H. Allorge, nas suas "Notes de littérature brésilienne" do primeiro número do *Penseur* de 1911, não mencione em lado nenhum a antologia nem a sua versão francesa. O que aconteceu a estes dois primeiros livros apresentados ao público francês? Estes são publicados na editora Garnier frères na tradução de Adrien Delpech, escritor de origem belga nascido em 1867, que se instala no Brasil aos 25 anos, onde exerce como professor de Letras e de História. Morre no Rio de Janeiro a 23 de maio de 1942, e teria "escrito romances 'brasileiros'",[33] mas a nota sobre ele[34] menciona sobretudo dois textos que parecem falar da Grande Guerra: *Les Poilus* e *La Victoire mutilée*.[35] A crer

[32] Para as diferentes traduções francesas e as suas edições ver o anexo.

[33] Sobre "The Latin-Exotic Brazil of Machado's First Translator", ver Ilana Heineberg, "French readings of Brazil: from the translation of 'Guarany' and 'Innocencia' to the exotism of novels of Adrien Delpech", em Márcia Abreu éd., *The Transatlantic Circulation of Novels Between Europe and Brazil, 1789-1914*, Basingstoke (RU), Palgrave Macmilan, 2017: 171-200.

[34] https://www.idref.fr/129006270#070 (consultado a 15 de novembro 2017).

[35] Adrien Delpech, *Les Poilus*, Rio de Janeiro, Agosto, 1915; Adrien Delpech, *La Victoire mutilée*, Rio de Janeiro, Agosto, 1916.

no catálogo da BnF, as duas traduções de Machado são as únicas da sua autoria imprimidas em França. É, portanto, evidente que os irmãos Garnier não recorreram a um homem de Letras reconhecido ou a um profissional para fazer conhecer o maior autor brasileiro do século XIX em França, e consequentemente, não é surpreendente que estes dois livros não tenham sido reeditados.[36]

Todavia, em 1936, um terceiro título de Machado é traduzido em francês, *Dom Casmurro* por Francis de Miomandre. Desta vez, é mais que provável que tenha sido o tradutor a impulsionar o projeto, sendo que Francis de Miomandre é o pseudónimo de François Félicien Durand (1880-1959). Este "crítico, ensaísta, romancista e poeta"[37] através das suas traduções fez o público francês descobrir "numerosas obras em língua espanhola, nomeadamente sul-americanas".[38] Podemos por isso supor que a publicação tenha sido uma iniciativa sua, e é significativo que o trabalho deste especialista do espanhol tenha sido revisto antes da primeira edição pelo autor de uma "Pequena História da Literatura brasileira" várias vezes reeditada;[39] falamos do poeta e diplomata brasileiro Ronald de Carvalho (1893-1935), que fizera uma parte dos seus estudos em Paris. Apesar desta "garantia", nenhum editor parisiense da época parece ter acreditado na rentabilidade deste projeto, que pôde ser realizado graças ao apoio do Instituto nacional de cooperação intelectual, facto destacado no relatório substancial publicado no

[36] O primeiro, numa versão revista, no final do século XX, o segundo, em contra-partida, não.

[37] http://data.bnf.fr/11916239/francis_de_miomandre/ (consultado a 15 de novembro de 2017).

[38] *Ibid.*

[39] Ronald de Carvalho, *Pequena história da literatura brasileira*, Rio de Janeiro, 1919. O livro é analisado por Vassili Rivron, em "Genealogia intelectual ou mito de origem? e a história literária do ensaio ao clássico", em *Antropolitica* 30, 1/2011: 73-95.

Journal des Débats politiques et littéraires. Com o título de "Un roman brésilien. Dom Casmurro", Maurice Muret começa assim:

> O público, que é curioso, por vezes pergunta para que serve o Instituto de Cooperação intelectual. E é certo que há má vontade nesta pergunta. Os amigos da criação, que têm assento no Palais Royal, poderão doravante alegar em sua defesa que lhes devemos a tradução francesa de um romance brasileiro intitulado *Dom Casmurro*. O autor deste livro (de nome Machado de Assis) morreu há trinta anos. *Dom Casmurro* não é, portanto, um romance da última moda, o que a meu ver não tem nada de deplorável. Não é por isso um menos belíssimo romance, ainda mais belo e notável por ter sido escrito (que pensariam disto em Berlim?) por um mulato. Joaquin Mario [sic!] Machado de Assis, que viveu de 1839 a 1908, é filho de um operário negro e de uma mulher do povo de raça branca.[40]

A segunda parte desta citação torna evidente que M. Muret não conhece de todo o autor, o que ressalta do excerto entre parêntesis "(de nome Machado de Assis)" e do duplo erro ortográfico no nome próprio. Além disso, não encontramos nenhuma alusão às duas traduções de A. Delpech nem às páginas que evocam a homenagem de 1909, que nessa altura datam de mais de um quarto de século e tinham claramente deixado pouco rasto. Observamos de passagem que a alusão ao contexto geopolítico "(que pensariam disto em Berlim?)" repercute o título principal do jornal "Troca de declarações a respeito de Marrocos entre o chanceler Hitler e Jean François-Poncet"...

Em resumo: apesar das três traduções e um livro que lhe tinham sido consagrados, Machado de Assis não encontrou o seu lugar em França antes da Segunda Guerra mundial. Podemos então questionar-nos como e porque é que uma nova versão francesa das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* pôde ver o dia no Rio de Ja-

[40] Maurice Muret, "Un roman brésilien. Dom Casmurro", em *Journal des Débats politiques et littéraires*, 149e ano, n° 12, quarta-feira 13 de janeiro 1936: 3.

neiro em 1944. As únicas informações fornecidas pela BnF sobre o tradutor são o seu nome e apelido George Jean Emile René Chadebec de Lavalade, assim como a sua profissão de "general", extremamente original neste contexto. O site dos "Français libres" revela-nos que ele nasceu a 26 de março de 1881 em Genebra, morreu em 1967, e que entrou ao serviço de France Libre em Londres em fevereiro de 1943.[41] Sentir-nos-íamos tentados a acreditar que ele partiu entre 1940 e 1943 para o Brasil, onde ocupou o seu tempo livre com a tradução do romance mais conhecido de Machado, mas outras fontes revelam que em 1938, ele estava à frente da missão militar francesa no Brasil e que se reformou a 26 de março de 1941.[42] Prefaciado pelo poeta e médico Afrânio Peixoto (1876-1947), membro da Academia de Letras desde 1910 e na época reitor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, o livro é publicado no Rio quando R. Chadebec de Lavalade participa já nos combates no Médio Oriente. Será reeditado quatro anos mais tarde em Paris na editora de Emile-Paul-frères. No entanto, nem o estudo de André Maurois sobre o autor acrescentado ao prefácio do académico brasileiro confere autoridade suficiente ao livro para impôr Machado de Assis em França. A. Maurois começa, aliás, de forma bastante esclarecedora: "Eis uma das vidas de homem de letras das mais singulares e menos conhecidas dos Franceses". Deste modo, nenhum texto de Machado de Assis – exceto uma reedição de *Dom Casmurro* por F. de Miomandre em 1956 na editora Albin Michel – foi publicado em França entre 1948 e 1983, ano em que as coisas tomam uma nova direção. Matthieu Garrigou-Lagrange tem razão ao declarar numa emissão da France Culture de junho 2017 que "o maior escritor da América Latina" de acordo com Susan Sontag,

[41] http://www.francaislibres.net/liste/fiche.php?index=60215) (consultado a 15 de novembro de 2017).

[42] "Head of the French Military Mission to Brazil", http://www.generals.dk/general/Chadebec_de_Lavalade/Georges-Jean-Emile-Ren%C3%A9/France.html (consultado a 15 de novembro de 2017).

"em 1983 ainda não atravessou o Atlântico".

Nessa mesma emissão, Anne-Marie Metailié conta como "descobriu" o autor: estudante em Espanhol, tendo de escolher uma segunda língua estrangeira e sendo "péssima" em inglês, opta pelo português, que o seu professor ensina com base no *Dom Casmurro*. Após a fundação da editora em 1979, ela fá-lo traduzir novamente – pois não aprecia o trabalho de F. de Miomandre – por Anne-Marie Quint que começa assim a sua carreira de tradutora e especialista de literatura lusófona.[43] Foi a publicação deste romance em 1983 que permitiu o começo de uma verdadeira receção de Machado de Assis em França; antes disto, recordemos que apenas *Várias Histórias* (1910), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1911 e 1948) e *Dom Casmurro* (1936 e 1956) haviam sido publicados. Após esta primeira publicação de uma obra de Machado na Metailié, a editora confia um dos seus textos relativamente curtos, *O Alienista* de 1882, a Maryvonne Lapouge-Pettorelli, tradutora de literatura brasileira desde o início dos anos 1970.[44] O livro é publicado em 1984, seguido de *Esaú e Jacó* (1904) no ano seguinte, na versão de Françoise Duprat,[45] e de uma antologia de contos, *La Montre en Or*, em 1987, novamente traduzida por M. Lapouge-Pettorelli.

[43] Em 1980, ela tinha já participado no volume bilingue *Fleur, téléphone et jeune fille, et autres contes brésiliens* (Paris, L'Alphée), que reunia textos de Machado de Assis, Lima Barreto, Alcântra Machado e outros. As traduções francesas de Machado de Assis nas antologias, revistas, etc. não são tidas em conta neste artigo, nem uma adaptação teatral (Amandha de Souza Campos, *Leçon de botanique. Comédie en un acte*, Saint-Denis, Publibook, 2016), nem uma BD (Fábio Moon e Gabriel Bá, *L'Aliéniste*, segundo a obra de J.-M. Machado de Assis, traduzido por Marie-Hélène Torres, Paris, Urban comics, 2014.

[44] Segundo o catálogo da BnF, a sua primeira tradução teria sido a de *Nove Novena* (em francês *Retable de sainte Joana Carolina*) de Osman Lins (Paris, Denoël, 1971).

[45] Françoise Duprat é Doutor em estudos Latino-americanos e defendeu em 1987 a tese "L'annee 1982 au Brésil: le regard critique de Millor Fernandes", sob a direção de Anne Gallut-Frizeau.

Como explicar estas escolhas individuais que foram aprovadas pelo público? A primeira resulta da experiência pessoal da editora, que deu provas de profissionalismo e de boa intuição para o segundo, *L'Aliéniste*, o único título de Machado retomado numa coleção de caráter popular, Folio bilingue, publicado em 1992 numa versão corrigida. O volume *La Montre en Or* reúne onze contos, dos quais cinco são extraídos de *Várias Histórias*, e os outros seis provêm de diferentes coletâneas do autor. Uma reedição em 1998 confirma uma vez mais a escolha de A.-M. Métailié. Devemos, todavia, ter em consideração o facto dos dois romances (*Dom Casmurro* e *Esaú e Jacó*) terem sido subvencionados pelo Centre National des Lettres, ao passo que a primeira edição de *La Montre en Or* beneficiou do apoio da UNESCO e a segunda do Ministério da Cultura do Brasil. Em 1989, ou seja mais de quarenta anos depois, as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* na tradução de R. Chadebec de Lavalade foram de novo disponibilizadas, novamente precedidas pelas páginas de A. Maurois sobre o autor. Em 1990 é publicado *Quincas Borba* (1891) e cinco anos depois *Memorial de Aires* (1908), os dois traduzidos por Jean-Paul Bruyas e subvencionados pelo Centre National du Livre.

Num primeiro balanço do trabalho de A.-M. Metailié, constatamos que ela tornou acessível ao público francófono cinco romances e doze contos de Machado de Assis, dos quais um, *O Alienista*, suficientemente longo para sozinho constituir um volume. Com a exceção de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, todos os livros são traduções comandadas pela editora, que beneficiou de diferentes apoios para realizar este vasto projeto ao qual se junta em 2002 o volume *La théorie du médaillon et autres contes* numa tradução de Florent Kohler, autor de uma das duas teses sobre Machado de Assis publicadas – voltaremos a este assunto.

Nenhuma outra editora levou a cabo a publicação de romances do autor, à parte duas reimpressões da tradução de *Dom Casmurro* por F. de Miomandre (Albin Michel em 1989 e a Librairie générale

française em 1997).[46] Sem ter em conta os textos de Machado que se encontram nas antologias, podemos assinalar algumas raras edições francesas de narrativas breves: uma versão ligeiramente revista de *Várias Histórias* por Adrien Delpech sob o título *La cartomancienne: Histoires diverses* publicada em 1997 em Toulouse (Éd. Ombres); três pequenos livros na editora Chandeigne: *Chasseur d'esclaves. Un père contre une mère* traduzido por Anne-Marie Quint (32 p., 2006), *Le conte de l'école* por Michelle Giudicelli (39 p., 2004), e *Trois contes* por Jean Briant (*Letra Vencida, O machete* e *Cantiga de esponsais,* 101 p., 2010), estes dois últimos bilingues. A estes somam-se a tradução de *A chinela turca & A igreja do diabo* [*La pantoufle turque & L'église du diable. Nouvelles*] por Philippe Billé com gravuras de Martín Pascual Beato, Bordeaux, P. Mainard, 1999, 45 p.) e as 69 páginas de *Un capitaine des volontaires* na versão de Dorothée de Bruchard de 2015 (La Rochelle, La Découvrance & les Arêtes).

É portanto evidente que a presença de Machado de Assis em França deve-se principalmente à editora Métailié que, ainda por cima, reimprimiu com regularidade as suas traduções (ver anexo). O autor encontrou assim um "domicílio" no Hexágono, mas esta rápida visão geral mostra que ele não encontrou o "seu tradutor": três homens e mulheres diferentes para os três pequenos livros na editora Chandeigne e seis para os oito livros na Métailié... Isto mostra que ninguém parece ter sido tomado por uma verdadeira paixão pelo autor ao ponto de se querer apropriar dele para se tornar a sua voz francesa, que ainda hoje não a encontrou, o que não é certamente favorável à sua receção.

Em 2015, quando o Brasil é o convidado de honra do Salão do livro,[47] a editora Métailié reimprime os sete primeiros títulos

[46] Todas estas edições estão referenciadas no anexo.

[47] Nesta ocasião foi também publicado outro conto de Machado de Assis, *Un capitaine des volontaires*, traduzido por Dorothée de Bruchard, La Rochelle, La Découvrance & les Arêtes, 2015.

publicados, com novas capas a preto e branco, em edição de bolso. É na sequência deste acontecimento, mas sobretudo graças ao envolvimento de Anne-Marie Métailié (e de outros editores para os diferentes contos) que o público francófono pode beneficiar hoje de uma escolha relativamente vasta do autor brasileiro. Mas a que ponto podemos realmente falar de uma receção por um grande público? A editora revela uma generosidade excecional dando-nos acesso aos números: "As vendas acumularam-se ao longo dos anos e *Dom Casmurro* deve estar nos 12 000 exemplares, assim como o *l'Aliéniste*. Os outros títulos andam à volta de 2 500 exemplares (em 30 anos)".[48] Isto quer dizer que a maior parte dos livros tiveram menos de cem compradores por ano...

Além disso, é importante recordar que um livro traduzido e vendido não corresponde necessariamente a um livro lido. Poderíamos então interrogar-nos se estas traduções são realmente lidas, elemento crucial para este tipo de estudo, informação que é, no entanto, mais difícil de apurar[49] e não se enquadra no âmbito deste artigo. Para dar um exemplo, que não é representativo, mas é expressivo, interessemo-nos pelos leitores que frequentam a biblioteca da Universidade de Pau. Neste caso, temos de admitir que as traduções de Machado de Assis suscitam um interesse muito reduzido junto dos leitores: a maioria dos títulos que integraram a biblioteca em abril de 1998 foi raras requisitado e dois livros de contos e o *Memorial de Aires* nunca sequer o foram.

[48] Email da editora de 21 de novembro de 2017.

[49] Voltaremos ao assunto das tiragens, que são um índice importante para avaliar esta questão, muitas vezes deixada de lado nos estudos sobre a receção por razões práticas.

3) A crítica

Parece-nos evidente que o número de traduções disponíveis no mercado constitui apenas um índice que deve ser interpretado com prudência para avaliar a receção de um autor. Examinemos então dois outros domínios importantes a este propósito: a crítica literária e universitária. O site da editora Metailié é valioso para aceder às recensões da imprensa, propondo os links dos artigos publicados por ocasião das diferentes edições. Todavia, para os sete títulos editados em 2015 a colheita é fraca, apesar do interesse que a imprensa mostrou a respeito da literatura brasileira nesse momento preciso: cinco artigos no total, dos quais quatro curtos, mesmo muito curtos. O início da recensão de (que não chega a trinta linhas) de Thibaut Kaeser no *L'Hebdo Suisse* é revelador: "Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) não é muito conhecido entre os francófonos. É uma pena. E uma razão adicional para realçar o trabalho da editora Métailié".[50] O jornalista conclui: "Compreendemos então porque é que Machado de Assis é considerado o grande escritor brasileiro do século XIX. E porque é que lhe deveria ser acordado um lugar mais consequente na história da literatura do século de Hugo e Zola".[51] Ainda que o texto de Marguerite Baux sobre as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* na *Grazia* (10 de abril de 2015: 157) seja ainda mais sucinto, ela também parece sentir a necessidade de explicar às suas leitoras a importância do autor do romance que lhes recomenda: "Os Americanos têm Twain, os Franceses têm Balzac e os Brasileiros têm Machado de Assis".[52] Na revista *Alternatives Internationales* encontra-se um mini-resumo de *Esaü et Jacob*[53], que não destoa numa revista de orientação cristã. No *Le*

[50] Thibaut Kaeser, "Nouvelles. Machado de Assis" em *L'Hebdo Suisse*, 28 de maio de 2015: 28.

[51] *Ibid.*

[52] Marguerite Baux, "Classique brésilien", na *Grazia*, 10 de abril de 2015: 157.

[53] P.-E. P., "Esaü et Jacob", em *Alternatives Internationales*, junho de 2015: 26.

Monde des Livres, Raphaëlle Leyris dedica menos de vinte linhas ao *L'Aliéniste*, enumerando os outros seis títulos, mas que começa por um retrato tão conciso quanto esteriotipado do autor: "Mestiço numa sociedade esclavagista, gago, epiléptico, Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) a priori não tinha todas as cartas na mão para se impor como o grande clássico da literatura brasileira – e como um dos melhores escritores do século XIX *tout court*".[54] O único artigo digno desse nome aparece na *Quinzaine littéraire*. Claude Grimal fala sobretudo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e de *Dom Casmurro*, mas o seu mérito principal é o facto de resumir a receção deste primeiro romance:

> Sem dúvida que para ser mais conhecido em França, Machado de Assis deveria ter nascido num país de cultura mais familiar, ou beneficiar de um desses retransmissores intelectuais prestigiantes, capazes de criar uma reputação; não foi o caso: deste modo, uma primeira tradução das *Memórias Póstumas* em 1911 passou despercebida, e a segunda, feita nos anos quarenta e republicada hoje, teve o mesmo destino.[55]

Claro que deveremos ter em conta que a republicação de um livro não é o que provoca mais reações na imprensa.[56] No entanto, os poucos artigos que falam da iniciativa de propor não menos de sete livros de Machado de Assis a um preço bastante acessível mostram que a sua obra está longe de suscitar o entusiasmo geral, e é evidente que em 2015 ele ainda não adquirira uma verdadeira "notoriedade" entre os leitores e leitoras francófonos.

---

[54] Raphaëlle Leyris, "Machado de Assis, œuvre démente", em *Le Monde des Livres*, 2 de abril 2015: 4.

[55] Claude Grimal, "Machado de Assis", em *Quinzaine littéraire*, 16 de março de 2015: 7-8., ici: 7.

[56] Mas infelizmente somos obrigados a constatar que as publicações precedentes de obras machadianas na editora Métailié também não tiveram repercussão.

Examinemos por fim que destino é que a universidade francesa reservou ao autor. Nos anos sessenta, Jean-Michel Massa publica três livros em francês, dos quais dois no Rio de Janeiro: um sobre a biblioteca do escritor e uma *Bibliografia descritiva, analítica e crítica de Machado de Assis*.[57] Apenas o seu ensaio de biografia intelectual *La Jeunesse de Machado de Assis*, tema da sua tese, foi publicado em França.[58] Infelizmente, nada indica que as suas obras tenham tido um forte impacto na investigação francesa sobre o autor brasileiro. Desde 1983, houve sete teses defendidas e uma em curso, mais um resultado que à primeira vista é encorajador. Se observarmos mais detalhadamente, a primeira destas teses trata de um assunto relacionado com a História,[59] outra, deveras interessante, na área dos estudos de tradução; esta trata apenas de quatro contos de Machado[60] e não exclusivamente da sua obra, o que vale para a maioria dos outros trabalhos, entre os quais os de Florent

[57] Jean-Michel Massa, *La Bibliothèque de Machado de Assis*, Rio de Janeiro, 1961; Jean-Michel Massa, *Bibliographie descriptive, analytique et critique de Machado de Assis*, Rio de Janeiro, Livraria São José, 1965.

[58] Jean-Michel Massa, *La Jeunesse de Machado de Assis: 1839-1870. Essai de biographie intellectuelle*, [Poitiers?], J.-M. Massa, 1969. A indicação bibliográfica provém do catálogo geral da BnF.

[59] *Culture et politique: positivisme et darwinisme social: généalogie d'une sensibilité brésilienne: 1870-1930,* por José Leonardo do Nascimento sob a direção de Frédéric Mauro (Paris 10), Histoire, defendida em 1989 (Euclides da Cunha e Machado de Assis).

[60] *Les traductions françaises de Machado de Assis et Guimarães Rosa: variations de huit nouvelles de 1910 à 2004*, por Émilie Geneviève Audigier sob a direção de Inès Oseki-Dépré e de Marcelo Jacques de Moraes (Univ. Aix-Marseille 1), Littérature générale et comparée, defendida em 2010.

Kohler,[61] tradutor de *La théorie du médaillon et autres contes* (Métailié, 2002), que foi o único que publicou a sua tese.[62] Apenas três teses podem ser consideradas como investigações exclusivamente concentradas na obra literária de Machado de Assis,[63] ainda que dois dos seus tradutores sejam (ou tenham sido) professores de Literatura lusófona.

Um deles, ou melhor, uma das duas, Anne-Marie Quint, tinha aliás dirigido o trabalho sobre "Rhétorique et morale dans l'épître en vers en langue portugaise au XVIe siècle" de Saulo Neiva, que em 2015 apresentou na editora Classiques Garnier uma edição bilíngue e comentada de *Histoires diverses*. Na sua introdução faz uma referência ao primeiro tradutor, Adrien Delpech, mas a sua tradução afasta-se bastante da do seu predecessor, propondo ao público francês um texto mais moderno.

Além deste livro, Saulo Neiva comprometeu-se a favorecer a receção francesa de Machado de Assis. Sob a sua direção é criado

[61] *La femme fatale dans la littérature brésilienne: échos d'un mythe décadent*, por Luisa Formoso Assunção sob a direção de Jacqueline Penjon (Sorbonne Paris Cité), defendida a 5-10-2015. *Le roman romantique brésilien de la deuxième moitié du XIXe siècle et les contes populaires: dialogues avec la France*, por Ana Beatriz Demarchi Barel sob a direção de Jacqueline Penjon (Paris 3), defendida em 1999. *De la sénilité à la sérénité: lectures de Schopenhauer par Machado de Assis et Italo Svevo*, por Florent Kohler sob a direção de Pierre Brunel (Paris 4), defendida em 1997.

[62] Florent Kohler, *Schopenhauer, Machado de Assis, Italo Svevo ou L'homme sans Dieu*, L'Harmattan, 2004.

[63] *Machado de Assis: des romans romantiques?* por Ariston Moraes Rodrigues sob a direção de Cláudia Poncioni e de Lúcia Granja (Sorbonne Paris Cité), em preparação desde 12-11-2012. *Machado De Assis et le théâtre*, por Jean-Paul Giusti sob a direção de Jacqueline Penjon e de José Antonio Pasta (Paris 3), defendida a 06-12-2012. *Emergence de l'archétype de la sorcière chez Machado de Assis*, por Isabel Cristina da Silva Vernes sob a direção de Jean-Marie Grassin – Limoges, Littérature générale et comparée, defendida em 2006.

o blogue "Machado de Assis. Le sorcier de Rio",[64] que também é o título de uma exposição que teve lugar de 4 de abril a 2 de maio em Saint-Etienne.[65] Não sabemos o êxito que a exposição teve, mas o blogue, aparentemente, não evoluiu muito desde a sua criação.

Para terminar com uma observação positiva, assinalemos que em 2014 houve um colóquio em Lyon sobre Camilo Castelo Branco e Machado de Assis, cujas atas foram publicadas em 2016,[66] e de 19 a 22 de junho de 2017, foram difundidas quatro emissões na France Culture no âmbito da "Semaine Brésil", as duas primeiras dedicadas a Machado de Assis, e as duas seguintes a Clarice Lispector.

Deste modo, várias iniciativas foram tomadas desde a morte do autor há mais de 100 anos pelos responsáveis da cultura, pelos universitários e sobretudo por Anne-Marie Métailié para lhe conferir um lugar adequado em França. Apesar destes esforços, este lugar ainda não lhe foi concedido e Susan Sontag, constatando em 1990 "a ausência de Machado da literatura mundial", infelizmente ainda não foi desmentida.

[64] https://contedelecoleblog.wordpress.com/.

[65] En marge du Salon du Livre, une exposition interactive, complétée par des vidéos et des livres rares de la BnF sur Machado de Assis fut présentée à l'Unesco, pendant cinq jours, du 16 au 20 mars 2015.

[66] Joao Carlos Vitorino Pereira éd., *Camilo Castelo Branco et Machado de Assis. D'une rive à l'autre*, Paris, Vrin (Éd. des Archives modernes), 2016 (actes d'un colloque de 2014).

Um Leitor habitual das "Belas crônicas de Mazade": Machado de Assis e a aclimatação da crônica no Brasil

Mariana da Silva Lima
(UFF/ CEFET-RJ)

1. Machado, leitor de Mazade: uma hipótese

Em uma passagem secundária do livro *Ao vencedor as batatas*, o crítico literário Roberto Schwarz[1] aponta a presença subterrânea de um escritor francês praticamente esquecido do século XIX na obra de um dos autores brasileiros mais lembrados: Machado de Assis. No comentário, feito *en passant* em uma nota de rodapé, o crítico sugere que a leitura frequente da *Revue des Deux Mondes* teria assumido uma importância ainda não estudada na configuração da obra do escritor brasileiro, e destaca o nome de um de seus articulistas: trata-se de Charles de Mazade, "que assinava estudos literários, políticos e sobretudo a 'Chronique de la Quinzaine', na qual se encontra, me parece, um dos modelos retóricos da crônica machadiana".[2]

Charles de Mazade foi um escritor e jornalista que viveu entre 1821 e 1893, e se tornou conhecido por sua atuação em *La Presse*, na *Revue de Paris* e na *Revue des Deux Mondes*. Conjugava sua paixão pela literatura com um vivo interesse pela história contemporânea,

[1] Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas,* São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
[2] *Ibid*.: 86.

o que é demonstrado pelos títulos que publicou.[3] Sua colaboração na *Revue* teve início em 1846, com a redação de boletins políticos e artigos críticos sobre literaturas estrangeiras (em particular a espanhola e a italiana). A partir de janeiro de 1852 assumiu a prestigiosa "Chronique de la Quinzaine", a qual assinou (com algumas interrupções) até sua morte.

De fato, é muito provável que a "Chronique de la Quinzaine" tenha servido como modelo para Machado, em particular para a série de crônicas intitulada "História de Quinze Dias", composta entre os anos de 1876 e 1878 e publicada no periódico *Illustração Brasileira*[4], dos irmãos Carlos e Henrique Fleiuss. Alguns indícios evidenciam a relação próxima entre as duas séries cronísticas, como a semelhança entre seus títulos e o próprio perfil das publicações em que circulavam.

Uma outra pista da relação de Machado de Assis como leitor de Charles de Mazade aparece no conto "Teoria do Medalhão", publicado na *Gazeta de Notícias* em 1881 (e no ano seguinte, no livro *Papéis avulsos*[5]). O conto é apresentado na forma de um diálogo entre um pai e seu filho, ocorrido na noite de 05 de agosto de 1875, noite em que este completa 21 anos, entrando, portanto, na maioridade. A ocasião – comemorada com um jantar que acaba de terminar – serve como pretexto para que o pai tenha com seu filho

[3] *L'Italie et les Italiens* (1864), *Révolutions de l'Espagne contemporaine* (1868), *Lamartine, sa vie littéraire et politique* (1872), *La Guerre de France* (1870-71) [1875], *Le Comte de Cavour* (1877), *Monsieur Thiers, cinquante années d'histoire contemporaine* (1884). Fontes: *Dictionnaire Historique, Thématique et Technique des Littératures Françaises et Étrangères, Anciennes et Modernes* (Sous la direction de Jacques Demougin. Paris: Librairie Larousse, 1986) e *Grand Larousse Encyclopédique* (Paris: Librairie Larousse, 1963).

[4] *Illustração Brasileira* (1876-78).

[5] Machado de Assis, *Papéis Avulsos*. Rio de Janeiro / São Paulo / Porto Alegre, W. M. Jackson Editores, 1946.

uma conversa séria, ao longo da qual irá lhe expor aquilo que considera como uma preparação adequada para o futuro. Os diversos conselhos ofertados pelo pai ao filho para se tornar um *medalhão* (na expressão que dá título ao conto) acabam se revelando como uma receita para se alcançar prestígio na sociedade brasileira oitocentista; porém, logo se percebe a ironia machadiana por trás da suposta fórmula de sucesso, pois os recursos sugeridos – o mutismo e a inatividade mental, disfarçados por uma postura grave e pelo recurso à memória – têm a clara finalidade de se atingir e permanecer no senso comum.

De acordo com o receituário do pai, os próprios passatempos ou divertimentos sociais devem ser cuidadosamente escolhidos: "O voltarete,[6] o dominó e o *whist* são remédios aprovados. O *whist* tem a vantagem de acostumar ao silêncio, que é a forma mais acentuada da circunspecção". O passeio nas ruas também é recomendado, "com a condição de não andares desacompanhado, porque a solidão é oficina de ideias, e o espírito deixado a si mesmo, embora no meio da multidão, pode adquirir uma tal ou qual atividade". Por isso mesmo as livrarias são locais a serem evitados: "As livrarias, ou por causa da atmosfera do lugar ou por qualquer outra razão que me escapa, não são propícias ao nosso fim; e não obstante, há grande conveniência em entrar por elas, de quando em quando, não digo às ocultas, mas às escancaras". É então que aparece no conto a referência a Charles de Mazade:

> Podes resolver a dificuldade de um modo simples: vai ali falar do boato do dia, da anedota da semana, de um contrabando, de uma calúnia, de um cometa, de qualquer coisa, quando não prefiras interrogar diretamente os leitores habituais das belas crônicas de Mazade; 75 por cento desses estimáveis cavalheiros repetir-te-ão as mesmas opiniões, e uma tal monotonia é grandemente

[6] Antigo jogo de cartas.

> saudável. Com este regime, durante oito, dez, dezoito meses – suponhamos dois anos –, reduzes o intelecto, por mais pródigo que seja, à sobriedade, à disciplina, ao equilíbrio comum.[7]

Assim, nota-se que, na perspectiva do conto, "as belas crônicas de Mazade" fazem parte de uma espécie de receita de redução do intelecto ao senso comum, e juntar-se ao grupo dos "estimáveis cavalheiros" que compõem seus "leitores habituais" significa, em grande parte, integrar um coro monótono de pessoas aparentemente bem pensantes, mas na realidade indivíduos que abrem mão de raciocinar em troca da facilidade de apenas repetir as opiniões emitidas em um veículo prestigioso. Se essa interpretação estiver correta, e tendo razão Roberto Schwarz quando estabelece a "Chronique de la Quinzaine" como "um dos modelos retóricos da crônica machadiana",[8] o próximo passo seria precisar o modo pelo qual o escritor brasileiro se apropria da referência estrangeira.

2. Verificando a hipótese

Para verificar tal hipótese, parti do estudo comparado da "Chronique de la Quinzaine", que Charles de Mazade assinou na *Revue des deux mondes* entre 1852 e 1893, e a série de crônicas "História de quinze dias", que Machado manteve na revista *Illustração Brasileira* entre 1876 e 1878. A delimitação deste conjunto de crônicas deveu-se, como dito anteriormente, à proximidade entre os títulos das duas séries e, em particular, entre o perfil de ambas as publicações.

Desde sua fundação, em 1829, a *Revue* deixara claro seu objetivo: buscar o *outro* a fim de levar para a França o que havia de melhor no exterior, contribuindo, assim, para uma melhor organização e desenvolvimento da própria sociedade francesa. O número inaugural da *Revue* evidenciava claramente essa meta:

---

[7] Machado de Assis, *Papéis Avulsos*: 108.

[8] Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas*: 86.

> É muito importante conhecer o que se passa ou o que se passou entre os outros povos, a fim de adotarmos de suas instituições apenas aquilo que poderia se aplicar a nós, a nosso caráter, ao progresso de nossas luzes, à posição geográfica de nosso território.[9]

Para alcançar plenamente tal objetivo, a *Revue* se estruturava em uma complexa rede de correspondentes estrangeiros, que enviavam à França informações, relatos e artigos das mais distintas partes do mundo. Também seu título – *Revue des Deux Mondes: recueil de la politique, de l'administration et de mœurs* – revelava a grandiosidade da empreitada. Contudo, um projeto tão ambicioso quanto esse demandava investimentos consideráveis, e apenas dois anos após sua fundação, a *Revue* já se encontrava em situação agonizante. Com as finanças em crise, acabou sendo vendida a Auguste de Auffray, um impressor que convidou seu amigo François Buloz para coordenar a nova fase do periódico. Será sob o domínio de Buloz, a partir de 1831, que a *Revue* irá ingressar em uma nova fase. Se o objetivo inicial de servir de apoio ao engrandecimento da sociedade francesa é mantido, o novo estatuto aponta para uma ambição ainda maior: Buloz pretende – e vai conseguir – tornar sua publicação a revista mais completa que existiu até então. Suas palavras não escondem o orgulho e a importância que dá à sua obra-prima: "Será muito difícil escrever a história política e literária do período que estamos atravessando sem recorrer a esta coleção".[10]

A grandiosidade das pretensões da *Revue* também pode ser atestada em uma passagem de autoria de Charles de Mazade. No primeiro texto em que assume a prestigiosa coluna intitulada "Chro-

[9] Disponível online em Gallica: http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k86843j/f2.
[10] Buloz, François. Supplément. *Revue des Deux Mondes: Bureau de la Revue des Deux Mondes*, 1848.

nique de la Quinzaine"[11] (datado de 14 de maio de 1852), o autor afirmava que a imprensa francesa – diferentemente da inglesa – não estava pronta para sua tarefa, que seria a de comentar "as grandes realidades da vida contemporânea" (entre as quais dava destaque aos diferentes ramos da atividade pública, como finanças, questões de crédito e comércio). Assim, em consonância com os propósitos da *Revue*, Mazade argumentava que o papel da imprensa no mundo contemporâneo consistia em nada menos que "observar o trabalho universal da civilização".

Embora a revista *Illustração Brasileira* não manifestasse propósitos tão grandiosos como esse, há diversos elementos a atestar que, guardadas as devidas proporções, o periódico pretendia não apenas se diferenciar das demais revistas brasileiras, mas também veicular uma imagem grandiosa do Brasil aos olhos do estrangeiro. A dimensão dos objetivos que envolviam a nova publicação dos irmãos Fleiuss pode ser atestada a partir de uma série de dados, a começar pelo próprio título da revista, que remete ao movimento da Ilustração europeia. A pretensa associação do periódico aos ideais iluministas também fica clara em seu programa, apresentado no número inaugural, em que se manifestava a tarefa de educar os leitores e levar a eles "tudo o que houver de melhor, mais interessante e recomendável das outras partes do mundo".[12] O programa ainda revelava que o objetivo principal da revista era "a exibição de uma imagem valorosa do Império no Brasil e no exterior" – porém, como observa Leonardo Affonso de Miranda Pereira (organizador da coletânea desta série publicada pela Editora da Unicamp), tentava-se ultrapassar a veiculação mais recorrente de um olhar restrito às nossas belezas naturais:

[11] Note-se que esta coluna não foi uma criação do autor – ela consistia em uma rubrica já existente no jornal, espécie a um só tempo de editorial e de balanço geral do que acontecia pelo mundo.

[12] Citado na Introdução do livro *História de quinze dias*: 12.

> Ao lado das páginas de "eterna beleza" das paisagens brasileiras, incluiriam por isso imagens que indicassem "o progresso e a civilização do país" – fosse em seu aspecto físico, atestado pelos edifícios públicos, cidades e estradas de ferro; em seu desenvolvimento humano, representado por "retratos dos nossos homens notáveis"; ou em relação à força de uma cultura nacional em formação, expressa pelas representações das "cerimônias públicas, usos, costumes, tipos nacionais".[13]

Todo esse esforço de mostrar para o próprio país e para o mundo a imagem de uma nação civilizada se refletia no próprio projeto editorial no qual a revista aparecia, envolvendo uma "impressão luxuosa, certo tom de elevação moral e de valorização da nacionalidade, além de uma aura de imparcialidade, decorrente da promessa de pairar acima das rivalidades partidárias".[14] Desse modo, nota-se que o refinamento do perfil gráfico da nova revista deveria materializar o avanço do país, sendo possível afirmar que a *Illustração* se pretendia, a um só tempo, *veículo* e índice do progresso brasileiro. Esse paralelo entre o desenvolvimento do país e o nível editorial da publicação fica evidente nos comentários que circularam na época em outras publicações: um redator do jornal *Democracia*, de Lisboa, afirmou que o novo periódico rivalizaria, "tanto na sua redação quanto no apuro das suas gravuras, com os seus congêneres mais apreciados nos países de maior cultura intelectual e artística"; e outro articulista comemorava: "Já podemos mandar à França e à Inglaterra os nossos jornais, e sem receio de confrontação".[15]

Tais observações reiteram a pretensão grandiosa da revista, e sugerem que a *Revue des Deux Mondes* permanece no horizonte da *Illustração Brasileira* desde sua concepção editorial. É nesse

[13] *Ibid.*

[14] Jefferson Cano et AL., "Narradores do ocaso da monarquia", em Revista Brasileira, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, fase VII, ano XIV, no. 55, maio a junho de 2008: 298.

[15] Citado na Introdução do livro *História de quinze dias*: 12.

periódico então que Machado de Assis irá assinar sua "História de quinze dias" durante todo o período de existência da revista. Seu número inaugural data de 1º. de julho de 1876. Assim como sua equivalente francesa, a revista tinha a mesma periodicidade quinzenal da coluna que Machado de Assis desenvolveu nela.[16] Em estudo anterior, analisei a crônica de abertura da série "História de Quinze Dias", confrontando-a com a "Chronique de la Quinzaine", publicada na quinzena anterior, em uma tentativa de perceber como o texto de Machado dialogava com a escrita de Charles de Mazade. Os dois autores iniciavam seus textos abordando um assunto que ocupava a imprensa internacional naquele momento: a crise política e religiosa que atingia a Turquia. Seu soberano, o sultão Abdul-Azziz--Khan, havia sido deposto em 30 de maio, vindo a falecer cinco dias depois. Trigésimo segundo soberano da dinastia otomana, Abdul--Azziz-Khan ascendera ao trono do Império Otomano em 1861, ocupando o lugar antes ocupado pelo irmão. Tais incidentes teriam desdobramentos importantes nos meses seguintes, e culminariam com a deflagração de uma guerra entre a Turquia e a Rússia em maio de 1877. Neste ensaio, irei me deter em três outras crônicas desse período para exemplificar o estilo dos dois autores.

Charles de Mazade abre sua crônica de 30 de abril de 1877 com o seguinte parágrafo:

> Então está decidido, fatalmente decidido, tudo terá sido inútil. Foi em vão que os imperadores, os chanceleres, os ministros, os diplomatas, todos os sábios ou os que se passam por sábios, empenharam por dois anos em comunhão sua habilidade, sua prudência, sem dúvida também seu espírito de conciliação, em

[16] Tanto a série quanto a revista sofreriam uma mudança a partir de fevereiro de 1878, quando o periódico entraria em declínio e seria publicado mensalmente; de modo paralelo, a coluna mudaria seu título para "História de Trinta Dias". Apenas três crônicas foram publicadas com o novo título, até que a revista deixou de circular completamente em abril. Apesar da mudança de título, a série era uma só, e totalizou 40 crônicas, publicadas ininterruptamente entre julho de 1876 e abril de 1878.

> uma série de negociações, de memorandos e de protocolos: eis o resultado! O odre das tempestades foi reaberto no Oriente.[17]

Nota-se claramente nessa passagem o tom de lamento do cronista diante da deflagração da guerra e do fracasso das negociações diplomáticas – aliás, todo o parágrafo é construído em torno da enumeração dos atores envolvidos e dos esforços empreendidos para impedir o conflito armado. Um pouco adiante, o autor completa:

> Os primeiros tiros de fuzil foram disparados nas redondezas de Batoum, perto da fronteira da Geórgia. De todas as partes se configura o ataque russo; a campanha começou, e eis a eterna questão do Oriente lançada mais uma vez por iniciativa da Rússia no jogo sangrento das batalhas, enquanto a Europa estupefata ainda se interroga sobre as últimas peripécias das quais resultou a guerra, sobre o caráter deste novo embate, sobre as condições em que irão se encontrar todos os políticos.[18]

Assim, podemos perceber que Charles de Mazade *escreve em seu próprio nome* e empreende um *comentário sério* sobre os acontecimentos na Turquia. Diferente será a abordagem do mesmo acontecimento sob a ótica de Machado, que assinava as crônicas desta série com o pseudônimo "Manassés" e recheava seus textos de ironia: "Agora, sim, senhor. Custou, mas chegou. Antes tarde do que nunca. Tanto vai o cântaro à fonte... Enfim, rompeu a guerra! Turcos e russos vão ver quem tem garrafas vazias para vender ou canhões cheios para esvaziar"[19] (crônica de 1º. de maio de 1877). Em vez de preocupação, o cronista manifesta expectativa pela guerra. Nos parágrafos seguintes, a ironia já sugerida por esta posição é ainda mais explicitada:

> Na verdade, sete anos sem uma guerrazinha para desenfastiar a gente, é demais. Em que se há de ocupar um homem, cá no fundo

[17] Disponível online em: http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k870698/f228.
[18] Disponível online em: http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k870698/f229.
[19] Machado de Assis, *História de quinze dias*: 191.

> da América, em quê? Uma guerra tem a tríplice vantagem de dar expansão ao brio, – encher as algibeiras dos fornecedores, – e matar o tempo aos vadios.
>
> Por isso, fico rogando a Jeová e a Alá hajam de prolongar a nova contenda que vai reunir no campo de honra os exércitos muçulmano e cismático.[20]

O cronista continua brincando com a perspectiva de torcer pela guerra, e com os motivos alegados: diz que seu "mais ardente voto nesta solene ocasião" é ver russos e turcos desferirem pancadas uns nos outros, e explica: "Não que eu seja feroz; sou justamente o contrário. Meu fim é somente preencher as lacunas de uma existência pouco acidentada". Acrescenta que deseja ler as notícias da guerra "unicamente como diversão", e segue:

> Além disso, as guerras ordinárias e civilizadas são enfadonhas como uma quadrilha francesa. A de que se trata agora tem a vantagem de não ser polida, como a batalha de Fontenoy. Um russo a estripar um turco, nas montanhas da Illyria; que poético! Por outro lado, um turco a enterrar o *yatagan* no ventre de um moscovita, à margem do Bósforo: que quadro! Bósforo! Illyria! Até os nomes têm um sabor de mel, que contrasta com o drama, e produz uma sensação estranha, romântica, 1830.[21]

Assim, em perspectiva oposta àquela manifesta na crônica de Charles de Mazade, aqui a deflagração da guerra é saudada como uma oportunidade de entretenimento para o cronista. No final da seção, o cronista chega ao cúmulo de manifestar abertamente de que lado se coloca no conflito entre as duas nações: "Agora, se me perguntarem para que lado pendem minhas simpatias, dir-lhes-ei que fazem uma pergunta inútil. Onde está a odalisca? Aí estou eu. De que parte fica o harém, o *chibuk*, o *narguilé*? É esse o meu lugar, o meu voto, a

[20] *Ibid*.
[21] *Ibid*.: 192.

minha consideração".[22] E fecha o trecho com a frase: "E aguardemos as notícias" – em uma fórmula típica dos romances folhetinescos, publicados de maneira seriada nos jornais, e aproveitando-se deste fato para instigar a curiosidade dos leitores.

Esta total falta de parcialidade volta a ser explorada na crônica de 1º. de setembro, em que o cronista relata a chegada de notícias de vitória dos turcos:

> Nesta quinzena veio muita notícia de vitória turca. Ao que parece os russos estão apanhando um pouco antes de pôr o pé em Constantinopla. (...)
>
> Constantinopla nas mãos dos russos pode ser muito agradável ao leitor, que não é russo nem turco, mas a mim é extremamente desagradável. Constantinopla, desde que deixar de ser muçulmana, é uma cidade vulgar; e eu tenho minhas cócegas de ir ver Constantinopla e quisera vê-la muçulmana. No dia em que lhe puserem de guarda um cossaco, adeus poesia! Lá se vai metade das *Orientais* de Victor Hugo.
>
> (...)
>
> Mas o império dos russos está vivo e são, é vasto e forte. Não vejo motivo para que devamos desejar que Constantinopla lhe caia nas mãos. Será muito bom para eles, e é por isso que eles lá estão a bater-se. Mas que lhes demos as nossas simpatias, só se for por causa das russas... E as turcas? Creio que as turcas podem dar não só o delírio alcoólico, mas vários outros delírios.23

Não é muito difícil perceber nesses textos a ironia com a visão romântica que idealiza o Oriente como terra exótica e fonte de prazeres sensuais. Porém, expandindo a perspectiva do texto para o contexto, a interpretação ganha apoio a partir do conhecimento de alguns dados relativos à trajetória de Machado de Assis como cronista. Antes de fundarem a *Illustração Brasileira*, os irmãos

[22] *Ibid*.
[23] *Ibid*.: 235.

Fleiuss haviam dirigido a *Semana Illustrada* – outra publicação baseada na força das ilustrações, porém com um sentido muito diverso do seu emprego na iniciativa seguinte dos dois editores. A *Semana Illustrada* circulara de dezembro de 1860 até abril de 1876, e parte de seu sucesso provavelmente se explica pelo perfil humorístico da publicação, tão ao gosto dos leitores brasileiros do período. Machado de Assis também atuara como colaborador nesta revista, escrevendo para a coluna intitulada "Badaladas". Embora esta coluna fosse um empreendimento coletivo (ou seja, era redigida por diversos colaboradores, não se sabendo quais dos textos seriam da autoria de Machado), ela representou um importante aprendizado no desenvolvimento da escrita cronística de Machado de Assis na medida em que era assinada por um personagem-narrador – o "Dr. Semana" – cuja voz tinha como característica distintiva o deboche.

Quando Machado passa a assumir a "História de Quinze Dias" na nova publicação dos irmãos Fleiuss, ele leva consigo o aprendizado adquirido na revista anterior. Pois um dado indicativo da crescente ficcionalidade em suas crônicas que surge nesta série é justamente a presença de um narrador-personagem plenamente constituído, indicado inclusive pela adoção do pseudônimo "Manassés". Como lembram Jefferson Cano e outros,[24] o nome aparece no Gênesis – é o precursor de uma das 12 tribos de Israel, ou seja, trata-se de uma "personagem bíblica ligada às origens da civilização ocidental". Esses dados indicam uma forma de elevação: a "autoridade da referência ancestral, da condição de testemunha simbólica de tempos imemoriais". Contudo, os mesmos indícios são negados pelo significado etimológico do nome: "aquele que faz esquecer", ou "fazendo esquecer". Assim, o historiador da quinzena "tornava-se também aquele que produzia o esquecimento". Com isso, Machado

[24] Nesta passagem apoio-me nas análises elaboradas por Jefferson Cano e outros no texto "Narradores do ocaso da monarquia (Machado de Assis, cronista)". As citações deste parágrafo encontram-se nas páginas 298-9 do referido ensaio.

empregava "a estratégia de dotar o discurso de um sentido transparente às vezes inverso ao que poderiam sugerir outros elementos também presentes nele". Este paradigma narrativo é muito diverso daquele da primeira série ("Comentários da Semana") – e muito "mais próximo das várias séries de crônicas que Machado continuaria a escrever nas duas décadas seguintes". Desse modo, já a partir do pseudônimo adotado, Machado ironizava as pretensões de grandeza da revista, o que mais uma vez revela um dado que seria posteriormente explorado não apenas em outras séries de crônicas, mas também nos romances da maturidade: a "coexistência dialética entre a busca do discurso elevado e a infiltração dos elementos que permitem miná-lo".

3. As ambiguidades do percurso

Até aqui, a análise confirmou as conclusões a que eu havia chegado no estudo anterior: em "História de quinze dias", Machado de Assis empreende uma leitura demolidora do modelo estrangeiro adotado, distanciando-se deste estilisticamente. Neste ponto, porém, considerei importante voltar à observação feita por Roberto Schwarz, segundo o qual Charles de Mazade teria sido "um dos modelos retóricos da crônica machadiana", e analisar mais detidamente sua sugestão. O comentário do crítico era feito a propósito da comparação que ele desenvolvia entre o romance *Senhora*, de José de Alencar, e os romances da primeira fase de Machado de Assis. O argumento é conhecido, mas vale a pena retomá-lo para precisar o contexto da menção ao autor francês – e também porque, conforme se pode perceber, ao confrontar os dois escritores brasileiros, Schwarz tem em mente o mesmo problema que motiva este ensaio: a adequação nacional de um modelo estrangeiro.

Como se sabe, a análise formal de *Senhora* leva Schwarz a identificar uma contradição de fundo entre o nó dramático deste romance – a história de amor entre o jovem casal Aurélia e Seixas – e

a cor local, esta fornecida pelos personagens secundários. Segundo o crítico, o fato de que o enredo ostensivo de *Senhora* "coloca no centro do romance a coisificação burguesa das relações sociais"[25] (Schwarz, 2000: 79) constitui uma das forças do livro, na medida em que o alinha com o grande Realismo europeu – mas também uma de suas fraquezas, uma vez que torna a protagonista uma personagem um tanto quanto inverossímil para o contexto brasileiro. Retomando os termos da polêmica entre o autor do livro e Joaquim Nabuco, trata-se do problema do "tamanho fluminense" dos personagens. Roberto Schwarz argumenta que, nos romances da primeira fase, Machado de Assis como que inverte esses dois polos, trazendo para frente da cena o que era secundário na ficção de Alencar – a cor local, expressa principalmente nas relações de dependência entre os personagens –, e diminuindo a importância da cor moderna: "Conforme anunciávamos, o acessório localista de Alencar tornou-se força formal, e as audácias cosmopolitas de seu conflito central reduzem-se ao que no fundo sempre foram, a elementos de moda"[26] (Schwarz, 2000: 86). De acordo com Schwarz, Machado opera assim uma "redistribuição mais verossímil de temas e acentos". Tal redistribuição, porém, não ocorreria isenta de problemas – no caso, o resultado literário inferior da ficção da primeira fase machadiana, que "dava a palavra ao atraso histórico do Brasil". Ou seja, uma ficção ruim era o preço que precisávamos pagar pela verossimilhança – ao menos "enquanto não se produzia um distanciamento analítico qualquer". Como também sabemos, mais uma vez coube a Machado de Assis dar este passo.

Esta é a virada empreendida pelo romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, do qual o crítico só irá se ocupar em *Um mestre na periferia do capitalismo*. Em *Ao vencedor as batatas*, seu foco é analisar as etapas empreendidas por nossos dois maiores escritores

[25] Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas*: 79.

[26] Daqui em diante, todas as citações do ensaio de Roberto Schwarz encontram-se à página 86 de *Ao vencedor as batatas*.

do século dezenove nessa trajetória de importação do romance. Resumindo a comparação, Schwarz afirma: "digamos que a exclusão da referência liberal evitava o descentramento das ideologias, de que tanto falamos, mas ao preço de cortar as ligações com o mundo contemporâneo". Chamando atenção para as ambiguidades desse percurso, o crítico lembra da "militância anti-realista de Machado de Assis, em cujas palavras o Realismo 'é a negação mesma do princípio da arte'". Schwarz identifica aí "ecos da doutrinação da *Revue des Deux Mondes*, para a qual Realismo, democracia, plebe, materialismo, gíria, sujeira e socialismo eram parte de um mesmo e detestável contínuo". É nesse ponto que surgia a nota de rodapé com a menção ao escritor francês que teria influenciado Machado: "Entre os doutrinários da revista, nessa matéria, está Charles de Mazade, que assinava estudos literários, políticos e sobretudo a 'Chronique de la Quinzaine', na qual se encontra, me parece, um dos modelos retóricos da crônica machadiana".

As indicações são sumárias, mas a contextualização do comentário nos permite avançar até a percepção de alguns pontos de contato mais fortes entre a obra dos dois autores. Pois se o confronto direto das crônicas redigidas por Machado – ao menos as do recorte proposto, da série "História de Quinze Dias" – e aquelas publicadas por Mazade no mesmo período não nos deixam entrever uma influência muito direta entre a escrita do autor francês e a do brasileiro, esta pode ser percebida se alargarmos um pouco mais o espectro temporal e o gênero dos textos confrontados. Procedendo assim, devemos então seguir a pista dos "ecos da doutrinação da *Revue*" que teriam tido um peso determinante na "militância anti-realista" de Machado.

Em abril de 1846, aos 25 anos de idade, Charles de Mazade publicou um extenso artigo intitulado "Des oeuvres littéraires de ce temps – le roman, la poésie et la critique", no qual se queixava da decadência da literatura francesa da época e lamentava a ausência de certas qualidades atemporais:

> O bom gosto, a seleção [dos temas], a verdade das invenções, o esmero do pensamento e do estilo, o amor das coisas ideais, tudo isso que mantém, em uma palavra, o espírito literário a sua justa elevação, eis o que desaparece cada vez mais na massa das produções contemporâneas, obras-primas da manhã que à noite já caíram no esquecimento.[27]

No conjunto das obras que o autor tinha em mente, entravam *Os mistérios de Paris*, de Eugène Sue, *O filho do diabo*, de Paul Féval (que havia publicado, em 1844, *Os mistérios de Londres*, na esteira do sucesso do romance de Sue), e *O conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas. Este último romance era acusado de ser inverossímil, e o autor, de haver trocado certo talento dramático em prol da produção em série de folhetins. É uma crítica moralista: "O Sr. Dumas não fez nada de diferente do Sr. Sue. A impotência da honra, as perversidades morais levando ao sucesso, tal é o efeito geral que resulta do romance moderno".[28]

Como veremos a seguir, é possível perceber ressonâncias das observações feitas por Charles de Mazade na crítica literária de Machado de Assis – em particular no texto "*Eça de Queirós:* O Primo Basílio",[29] considerado como exemplar da militância antirrealista do autor. O texto foi publicado no periódico *O Cruzeiro* no dia 16 de abril de 1878 (e recebeu uma sequência no dia 30 de abril, quando o autor acrescentou respostas a comentários feitos por leitores nesse meio tempo). Não irei comentar em detalhes as críticas feitas por Machado ao romancista português, mas apenas focar nas passagens deste texto que nitidamente mostram uma consonância com as críticas feitas por Charles de Mazade.

Machado inicia seu texto saudando Eça de Queirós como "um

[27] Disponível online em: http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k86895s/f1015 (e página seguinte).

[28] Disponível online em: http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k86895s/f1021.

[29] Machado de Assis, Critica Litteraria, Rio de Janeiro / São Paulo / Porto Alegre., W. M. Jackson Editores, 1946: 160-186.

dos bons e vivazes talentos da atual geração portuguesa".[30] Ele informa que o livro que irá comentar, o qual acabava de ser publicado, é o segundo romance do autor, e lembra que o primeiro, *O Crime do Padre Amaro*, não foi sua estreia literária: "De ambos os lados do Atlântico, apreciávamos há muito o estilo vigoroso e brilhante do colaborador do Sr. Ramalho Ortigão, naquelas agudas *Farpas,* em que aliás os dois notáveis escritores formaram um só".[31] A seguir, comenta que sua estreia no romance foi tão ruidosa que a crítica e o público "puseram desde logo o nome do autor na primeira galeria dos contemporâneos", atestando assim o seu triunfo, que qualifica como "completo e incontestável".

Após tão simpática abertura, Machado passa, no parágrafo seguinte, a relativizar os méritos do escritor português: "Mas esse triunfo é somente devido ao trabalho real do autor?". De acordo com Machado, boa parte do mérito (e como veremos, do demérito) dos romances de Eça deve-se a sua filiação ao realismo / naturalismo. Ele diz: "O *Crime do Padre Amaro* revelou desde logo as tendências literárias do Sr. Eça de Queirós e a escola a que abertamente se filiava. O Sr. Eça de Queirós é um fiel e aspérrimo discípulo do realismo propagado pelo autor do *Assommoir*". Analisando os fatores aos quais atribui então o sucesso da obra, Machado logo deixa transparecer sua crítica ao realismo:

> Ora bem, compreende-se a ruidosa aceitação d'*O* Crime *do Padre Amaro*. Era realismo implacável, consequente, lógico, levado à puerilidade e à obscuridade. Víamos aparecer na nossa língua um realista sem rebuço, sem atenuações, sem melindres, resoluto a vibrar o camartelo no mármore da outra escola, que aos olhos do Sr. Eça de Queirós parecia uma simples ruína, uma tradição acabada. Não se conhecia no nosso idioma aquela reprodução fotográfica e servil das coisas mínimas e ignóbeis. Pela primeira

[30] *Ibid*.: 160.

[31] *Ibid*.

> vez, aparecia um livro em que o escuso e o (...) torpe eram tratados com um carinho minucioso e relacionados com uma exação de inventário. (...) Porque a nova poética é isto, e só chegará à perfeição no dia em que nos disser o número exato dos fios de que se compõe um lenço de cambraia ou um esfregão de cozinha.[32]

O ímpeto de superar o romantismo, a tendência ao inventário, a representação do ignóbil: tais são os aspectos que Machado de Assis critica na obra de Eça de Queirós, e aos quais atribui sua aclamação pelo público e pela crítica. Na sequência, afirma que Eça teria se valido de tal fórmula de sucesso em seu segundo romance: "Certo da vitória, o Sr. Eça de Queirós reincidiu no gênero, e trouxe-nos O *Primo Basílio*".[33] Machado chama atenção para as semelhanças entre o enredo deste romance e o de *Eugênia Grandet*, de Balzac, mas também destaca as diferenças. Assim como o fez em relação a *O crime do padre Amaro* e *L'Assomoir*, afirma que é justamente nas diferenças que Eça pecou: "Na Eugênia, há uma personalidade acentuada, uma figura moral, que por isso mesmo nos interessa e prende; a Luísa — força é dizê-lo — a Luísa é um caráter negativo, e no meio da ação ideada pelo autor, é antes um títere do que uma pessoa moral".[34]

Machado também se queixa do fato de que o relacionamento entre os dois primos tem motivações muito fracas na narrativa, e de que Luísa praticamente não opõe qualquer resistência à traição. Segundo Machado, seu único "porém" é o medo de que alguém descubra a traição. Ademais, a virada no enredo, que passa do fim do *affair* para a disputa entre patroa e empregada, é questionada por Machado, que pede algum vínculo moral entre ele (no papel de leitor) e os personagens. Acusa Eça de basear o interesse da narrativa a partir deste ponto em um equívoco. Reconhecendo que o realismo

[32] *Ibid*.:162-163.
[33] *Ibid*.: 163.
[34] *Ibid*.: 165.

tem uma "função social", questiona qual lição o autor quis passar, e completa:

> Parece que o Sr. Eça de Queirós quis dar-nos na heroína um produto da educação frívola e da vida ociosa; não obstante, há aí traços que fazem supor, à primeira vista, uma vocação sensual. A razão disso é a fatalidade das obras do Sr. Eça de Queirós — ou, noutros termos, do seu realismo sem condescendência: é a sensação física. Os exemplos acumulam-se de página a página; apontá-los, seria reuni-los e agravar o que há neles desvendado e cru. Os que de boa-fé supõem defender o livro, dizendo que podia ser expurgado de algumas cenas, para só ficar o pensamento moral ou social que o engendrou, esquecem ou não reparam que isso é justamente a medula da composição. Há episódios mais crus do que outros. Que importa eliminá-los? Não poderíamos eliminar o tom do livro. Ora, o tom é o espetáculo dos ardores, exigências e perversões físicas. Quando o fato lhe não parece bastante caracterizado com o termo próprio, o autor acrescenta-lhe outro impróprio. De uma carvoeira, à porta da loja, diz ele que apresentava a "gravidez bestial". Bestial por quê? Naturalmente, porque o adjetivo avolume o substantivo e o autor não vê ali o sinal da maternidade humana; vê um fenômeno animal, nada mais.[35]

Depois de questionar o acúmulo excessivo de detalhes nas descrições dos ambientes, a tal ponto que o acessório abafa o principal, Machado conclui:

> Talvez estes reparos sejam menos atendíveis, desde que o nosso ponto de vista é diferente. O Sr. Eça de Queirós não quer ser realista mitigado, mas intenso e completo; e daí vem que o tom carregado das tintas, que nos assusta, para ele é simplesmente o tom próprio. Dado, porém, que a doutrina do Sr. Eça de Queirós fosse verdadeira, ainda assim cumpria não acumular tanto as cores, nem acentuar tanto as linhas; e quem o diz é o próprio chefe da escola, de quem li, há pouco, e não sem pasmo, que o perigo

[35] *Ibid*.: 170-171.

> do momento realista é haver quem suponha que o traço grosso é o traço exato. Digo isto no interesse do talento do Sr. Eça de Queirós, não no da doutrina que lhe é adversa; porque a esta o que mais importa é que o Sr. Eça de Queirós escreva outros livros como *O Primo Basílio*. Se tal suceder, o Realismo na nossa língua será estrangulado no berço; e a arte pura, apropriando-se do que ele contiver aproveitável (porque o há, quando se não despenha no excessivo, no tedioso, no obsceno, e até no ridículo), a arte pura, digo eu, voltará a beber aquelas águas sadias, d'*O Monge de Cister,* d'*O Arco de Sant' Ana* e d'*O Guarani*.[36]

Na semana seguinte, o autor volta ao tema a propósito da carta de um leitor. Creio, porém, que os trechos citados contêm o principal da crítica feita por Machado ao romancista português, e que eles bastam para ilustrar a proximidade entre os pontos de vista de Machado e Mazade quanto às ressalvas dos dois escritores aos princípios da escola realista/naturalista. Os apontamentos feitos também revelam que será preciso aprofundar o estudo dos textos do autor francês, em uma tentativa de perceber em que pontos Machado se aproxima e em que outros se distancia de Charles de Mazade.

Assim, até o momento, o que a pesquisa revelou foi a conquista de um distanciamento estilístico, porém a permanência de uma aproximação no que tange ao pensamento literário dos dois autores. Desse modo, é possível concluir dizendo que, se a análise comparada das duas séries nos revela que Machado de Assis constituiu-se como um leitor habitual – porém, um tanto quanto desabusado – das "belas crônicas de Mazade", não é menos verdade que, em alguma medida, ele fez parte daqueles "75 por cento de estimáveis cavalheiros que irão te repetir as mesmas opiniões",[37] e que seu regime de leitura do autor francês de certa maneira teria reduzido "seu intelecto – por mais pródigo que fosse – à sobriedade, à disciplina

[36] *Ibid*.: 173-174.

[37] Machado de Assis, *Papéis Avulsos*: 108.

e ao equilíbrio comum" de uma parcela da crítica literária e dos escritores que viam no realismo/naturalismo uma ameaça ao que consideravam como "boa literatura".

REFERÊNCIAS

Assis, Machado de. *Critica Litteraria*. Rio de Janeiro / São Paulo / Porto Alegre., W. M. Jackson Editores, 1946.

_____. *História de quinze dias*. Organização, introdução e notas: Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

_____. "Teoria do medalhão". In: *Papéis avulsos* / *Obras completas*. Rio de Janeiro / São Paulo/ Porto Alegre: W. M. Jackson, 1953.

Cano, Jefferson et Al. "Narradores do ocaso da monarquia", em Revista Brasileira, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, fase VII, ano XIV, nº. 55, maio a junho de 2008: 298.

Mazade, Charles de. "Chronique de la Quinzaine". Disponível em: http://gallica.bnf.fr/

Schwarz, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

A participação dos livreiros franceses na construção do mercado editorial brasileiro

Sofia Mendes Geraldes

Os livreiros franceses saíram à conquista da Europa antes de atravessar o oceano atlântico para ampliar a sua rede de influência. O Brasil colónia enquanto espaço periférico do império português não possuía oficina tipográfica e somente dois espaços de venda especificamente dedicados aos impressos estavam estabelecidos na capital: Brito e Paulo Martin filho. Este pediu passaporte para ir ao Brasil em 1799 com o intuito de vir a ser caixeiro para o mercador João Roberto Bourgeois.[1]

Tudo indica que a venda dos livros não foi bem-sucedida pelo menos até a chegada da corte porque a importação dos livros representava uma concorrência não despicienda.[2] Porém, a expansão do comércio da família Martin revela quanto esta parte do território do espaço luso-brasileiro constituiu um marco importante na ramificação dos negócios e se essa resolução não foi logo lucrativa, veio a sê-lo a médio prazo com o desenvolvimento inesperado dos eventos precipitados pela ambição napoleónica.

[1] Arquivo Histórico Ultramarino, RJ, cxa 178, doc. 54, *Requerimento de Paulo Agostinho Martins ao príncipe regente, solicitando passaporte para passar ao Rio de Janeiro como caixeiro de João Roberto Bourgeois, negociante naquela cidade*, 21 de Agosto de 1799.

[2] Os impressos admitidos no Brasil, e em todas as terras do Império português, deviam obter a licença dos órgãos censoriais situados em Portugal e submeterem-se a uma extrema vigilância por parte da polícia e da alfândega.

Quando, em 1807, Junot marchava em direcção a Lisboa, a família régia decidiu deixar a capital e estabelecer-se no Brasil antes de sofrer o mesmo destino que Fernando VII. Os soberanos foram acompanhados de cortesãos e ministros. Entre eles estavam Rodrigo de Sousa Coutinho, do partido inglês, que tinha travado as negociações que permitiram obter a escolta na travessia atlântica, e António de Araújo e Azevedo, do partido francês, que levava uma prensa, a primeira a chegar no território brasileiro a 7 de Março de 1808.

De espaço periférico, o Rio de Janeiro veio a ser o centro do império português com uma imprensa régia a partir de 13 de Maio de 1808 e um comércio livreiro que passa de duas livrarias para cinco em 1809[3] e dezasseis passado dez anos.

Paulo Martin e Bourgeois eram ambos livreiros franceses, ou pelo menos eram ditos franceses devido ao nome deles bem como às uniões matrimoniais e comerciais que estreitavam os seus laços, mas na verdade tinham sido naturalizados portugueses. Além do mais, eles reivindicaram essa naturalização junto dos concorrentes portugueses para conseguir a licença que lhes permitisse abrir negócio no Brasil. De facto, toda a actividade comercial estabelecida no Brasil devia ser explorada por Portugueses. Estes tinham vedado o acesso ao território americano e consideravam com desconfiança as tentativas rivais que tivessem em contacto com o estrangeiro, como no caso de Paul Martin. Os livreiros portugueses tinham portanto denunciado a tentativa das famílias Martin e Rolland e sublinhavam que a empresa era tanto mais ameaçadora que a mercadoria era constituída por livros, ou seja, bens "que no tempo presente são assaz perigosos".[4] As licenças precisas foram concedidas a Paulo Martin que começou enquanto caixeiro de João Roberto Bourgeois, e depois abriu o próprio negócio e muito em breve teve êxito, como o

[3] Laurence Hallewell, *O livro no Brasil*: *sua história*, 2ª ed., São Paulo, EdUSP, 2005: 108.

[4] "Livreiros franceses no Rio de Janeiro 1799-1824", Manaus, 2000.

sugere o primeiro número da *Gazeta do Rio de Janeiro*, o primeiro periódico brasileiro.

O percurso de penetração do livreiro Paulo Martin filho traduz a concepção do espaço luso-brasileiro e a sua relação com a França. O Brasil ainda permanecia um espaço periférico que presumia a passagem por Lisboa, a capital portuguesa sendo um centro administrativo incontornável. Qual fosse o continente onde se encontrasse a colónia, tudo o que era importado ou exportado passava pelos cais lisboetas. Portugal controlava as posses ultramarinas, mas a transferência da corte e o bloqueio continental abalaram essa mecânica global.

Para solucionar os problemas de circulação da produção que não podia mais transitar pelo eixo que representava Lisboa por causa do bloqueio, o príncipe regente decretou, a 28 de Janeiro de 1808, a abertura dos portos às nações amigas (nessa data, a França não estava incluída nessa categoria). Essa decisão foi seguida, no final desse mesmo ano, pelo decreto de estímulo à imigração e permissão para a concessão de sesmarias a estrangeiros. Essa progressiva abertura do Brasil aos estrangeiros explica como os futuros livreiros franceses, que chegaram depois de Paulo Martin e Bourgeois, puderam estabelecer-se sem passar por Portugal.

Ainda que o Rio de Janeiro fosse então a residência da corte com a duplicação dos órgãos administrativos que existiam em Lisboa, o contexto político e militar atraía sobre a Europa a atenção de todos os centros de poder principais ou secundários. Assim, as notícias da *Gazeta do Rio de Janeiro* relatavam na sua maior parte os acontecimentos relacionados com os eventos europeus e mais concretamente com as invasões napoleónicas. Somente os anúncios no final da gazeta se referiam a assuntos locais (venda de livros, objectos perdidos, roubos, escravos fugidos, ...). Só esporadicamente os assuntos que não fossem referentes à expansão napoleónica eram publicados e aludiam, por exemplo, à promoção da cultura do linho em Santa Catarina ou ainda à vacinação dos Brasileiros.

A maior parte das informações recolhidas nos periódicos europeus ou fornecidas por viajantes informavam os leitores sobre as acções militares e políticas levadas a cabo pelos Franceses e contra eles. Assim, a gazeta do Rio representava-os como uma ameaça para o império luso-brasileiro e os aliados no combate contra a águia imperial enquanto estes assumiam o papel de heróis e patriotas. A maior parte das vezes os artigos eram traduzidos das gazetas europeias cujo número tinha aumentado profusamente, mas algumas secções eram da autoria do redactor. Assim, a 14 de Setembro de 1808, na secção do Rio de Janeiro, Frei Tibúrcio da Rocha oferecia aos leitores o comentário seguinte:

> Os nossos compatriotas não desmentem a opinião que sempre mereceram os vencedores do Campo de Ourique se unem com os seus valorosos vizinhos para expulsar da Península o inimigo comum. Os Portugueses, cuja fidelidade, o título por que são conhecidos entre as Nações, ...[5]

Esta representação de um "inimigo comum" é seguidamente destacada pela declaração dos negociantes do Rio de Janeiro que afirmavam estar lesados pelos efeitos da guerra:

> Nós abaixo assinados Negociantes desta Praça do Rio de Janeiro, pondo de parte a lembrança das excessivas perdas, que temos sofrido pela invasão dos bárbaros usurpadores do Reino de Portugal; e pela interrupção consequente da navegação e estagnação do Comércio para sentir em toda a sua força os muito mais pesados, males, que têm sofrido os Nossos Irmãos existentes naquele Reino, assim como o sublime entusiasmo, e a constante lealdade que dirigiram seus esforços [...].[6]

Este depoimento destaca a crueldade do inimigo e a ilegitimidade do procedimento tal como a união e a fraternidade do povo luso-brasileiro. Estes trechos circunscrevem um espaço com os mes-

[5] *Gazeta do Rio de Janeiro*, n° 5 extraordinário (14/09/1808).
[6] *Ibid.* n° 5 extra (14/09/1808).

mos contornos, mas cujo centro se tinha deslocado de Lisboa para o Rio de Janeiro. As imagens dos Franceses que veiculavam eram as mesmas dos dois lados do Atlântico. Essa semelhança resulta em parte dos laços estreitos que os agentes de produção e de circulação dessas representações tinham tecido com os órgãos de poder e com Portugal. Durante as invasões napoleónicas, não existe transferência intercultural. Tratando-se das mesmas fronteiras com um deslize do centro de gravitação, as transferências de representações da Europa para o Brasil, e depois reproduzidas *in loco* constituem apropriações intra-culturais. No entanto, esses retratos do inimigo francês não são veiculados pelos mesmos agentes de circulação de um lado para o outro do oceano. Quais são os impressos vendidos pelos livreiros no Brasil? Para determiná-lo, é possível recorrer aos catálogos dos livreiros ou ainda aos anúncios da *Gazeta do Rio de Janeiro*.

Paulo Martin filho começou a anunciar as publicações recentes capazes de atrair os leitores desde o primeiro número da Gazeta, de 1808 até 1813, data a partir da qual a propaganda se escasseou. Mais de dois terços das obras propostas por Paulo Martin durante esse período eram atinentes às invasões napoleónicas e, portanto, difundiam uma imagem negativa da França e dos seus habitantes. Tratava-se de obras portuguesas, mas também brasileiras ou ainda traduções do francês e do inglês. Ensaios historiográficos ou políticos, peças de teatro, composições poéticas, periódicos, cartas, mapas ou estampas: tudo comentava os recentes eventos europeus.

Os primeiros anúncios aludiam a textos satíricos que ridicularizavam os partidários de Napoleão tal como Junot, o general em chefe do exército responsável pela primeira invasão e líder da administração francesa que tinha substituído o governo provisório estabelecido antes da partida da corte. Os textos seguintes eram em grande parte da autoria de José Agostinho de Macedo, polemista que se enfureceu contra o jacobinismo e a maçonaria, José Acúrsio das Neves, que deu à luz vários ensaios e a uma obra historiográfica

circunstanciada sobre a primeira invasão, Nuno Álvares Pereira Pato Moniz, um dramaturgo reconhecido e Francisco Soares Franco, redactor da *Gazeta de Lisboa,* a partir de 1809.

A intenção dessas imagens era a destruição do inimigo pelo riso, e os textos que participavam na construção dessas imagens eram produzidos em Portugal, um país que sofria na carne as consequências da ocupação e da guerra. Esses papéis submergiam a Europa com essa propaganda anti-napoleónica antes de atravessar o oceano atlântico para concretizar os seus desígnios. Mas, num contexto distinto, o seu impacto só podia diferir. Ao passo que para os Portugueses, esses panfletos expunham publicamente uma realidade vivenciada, para os Brasileiros, tratava-se de um "conhecimento mediato"[7], que desvendava figuras e experiências distantes.

Os títulos anunciados na *Gazeta do Rio de Janeiro* não correspondem de todo ao leque de panfletos que propõe Paulo Martin. O seu catálogo era mais amplo, como se pode verificar na lista de obras à venda no estabelecimento inserida no interior dos livros vendidos. Assim, duas traduções de romances franceses do fim do século XVIII estão coligidas com o rol de alguns romances e outros títulos de panfletos anti-napoleónicos muito mais populares que as obras propagandeadas na gazeta. Esses libelos mais procurados eram da autoria de José Daniel Rodrigues da Costa.[8] Trabalhava a partir de um tema com muito êxito, surgido após a primeira invasão, o da "protecção à francesa" e dos colaboradores com os invasores, chamados "apaixonados dos Franceses". Essa protecção tão escarnecida referia-se a uma proclamação do General em chefe do exército

[7] Carlo Ginzburg, "Représentation: le mot, l'idée, la chose", *Annales.* Économies, Sociétés, Civilisations, décembre 1991, vol. 46, nº 6: 1220.

[8] Órfão de pai com a idade de dois anos, não pôde continuar os estudos devido às dificuldades económicas que a sua família atravessava. Procurou a protecção de António Joaquim da Pina Manique (irmão do Intendente da Polícia). Recebeu no final da sua vida uma pensão e o cargo de escrivão em Portalegre.

francês, Junot, que se tinha apresentado, aquando da sua entrada no território lusitano, como o redentor do país e como o contendor dos Ingleses cuja influência negativa devia ser combatida:

> Deixem-se estar sossegados
>
> As proclamações diziam:
>
> Pilhavam tudo, que viam,
>
> Com sistema de terror;
>
> Mas este grande favor,
>
> Feito à gente portuguesa,
>
> É protecção à francesa[9]

No meio dessa colecção encontram-se também catecismos e abecedários, ou seja, instrumentos de formação política largamente difundidos na Península Ibérica. Se os catecismos eram traduções do espanhol com referências a factos e figuras específicas à sua situação, o abecedário aludia a eventos portugueses:

> Seja livre Portugal,
>
> Da peste, da fome, e guerra,
>
> Franceses por mar, e terra.
>
> Amen.[10]

Em Portugal, esses folhetos eram vendidos, tal como se pode ler na secção dos anúncios das diferentes gazetas publicadas no país, em muitos espaços de venda, mas nenhum correspondia a uma livreiro francês. Estes foram inquietados pela justiça e sobretudo pela plebe que se enfureceu contra os estrangeiros e mais ainda contra os Franceses. O livreiro Reycend foi uma dessas primeiras vítimas da

[9] José Daniel Rodrigues da Costa, *Protecção à francesa*, Lisboa, Of. de Simão Tadeu Ferreira, 1808: 2.

[10] *A, B, C, poético, doutrinal, e antifrancês ou veni mecum: para utilidade, e recreio dos meninos portugueses*, Lisboa, Imp. Regia, 1809: 14.

vingança popular: a livraria dele foi pilhada por se ter envolvido com o governo de Junot. De facto, não hesitou em pedir pela intervenção de Delaborde e Novion para obter a licença de imprimir. O livreiro Rolland também sofreu do clima de suspeição que pairava sobre os nacionais franceses pois um dos filhos foi encarcerado. A caça ao inimigo francês continuou e atingiu o seu auge em Janeiro de 1809, o que levou o Intendente Geral da Polícia a afirmar:

> **Classe 1.** Francês, conspirador, ter tido relações com franceses;
>
> **Classe 2**. Falar mal do governo e dos ingleses;
>
> **Classe 3.** Jacobino;
>
> **Classe 4.** Não ter religião, andar armado, falar no diabo, não ouvir missa;
>
> **Classe 5.** Falar francês, ou com franceses, em língua maçónica.[11]

O primeiro elemento desta tipologia criminal distingue-se dos outros na medida em que corresponde a um estado identitário, posto no mesmo nível que o crime de devassa. Essa criminalização da identidade francesa representa um passo decisivo na diabolização do inimigo e na consolidação da francofobia. Aliás, a histeria colectiva indica o quanto a presença dos Franceses dividiu o país dilacerado entre oponentes ferozes erguendo-se contra os invasores e os partidários dos Franceses. Assim, em Portugal, ser francês veio a ser um crime tão grave que levou os livreiros com família para além dos Pirenéus a serem discretos ao evitarem associar-se a documentos que teriam exacerbado os sentimentos francófobos.

A situação destoa de todo no Brasil, pois Paulo Martin vende esses impressos após ter anunciado a sua saída à luz sem causar o menor frenesim popular. Em primeiro lugar, a impressão de uma gazeta no Brasil era inédita. Ainda que os Brasileiros fossem leitores

[11] João Gualberto de Barros e Cunha, *História da liberdade em Portugall*, s.l., Tipografia Universal, 1869: 232.

esclarecidos e até temerários, tal como se pode deduzir dos relatórios que dão conta da revolta da Baía em 1798,[12] as publicidades anunciando a venda de novas obras com espaços de venda vizinhos era algo recente. Em segundo lugar, o amálgama entre o assunto dos panfletos e Paulo Martin não se produziu na medida em que essas representações divergiam entre Portugal e Brasil. Do ponto de vista dos Portugueses, e principalmente no âmago da população, todo Francês era capaz de incarnar uma das personagens representadas nesses folhetos. Existia uma concordância entre o signo e o referente significante que revogava a realidade dos indivíduos. No Brasil, na ausência de referente significado,[13] os signos, não despertavam os sentimentos de terror e de ódio que se propagavam do outro lado do Atlântico e se tornavam incontroláveis. Por mais que esse mundo de leitores fosse idêntico na América e na Europa, esses movimentos populares não se desenfrearam no Brasil, pois essa oclocracia ameaçou Portugal devido à ausência do monarca e da desconfiança cada vez maior do povo para como os seus dirigentes. O Brasil encontrava-se então numa situação muito diferente, pois a família régia tinha cativado os súbditos brasileiros.

Paulo Martin aproveitou a possibilidade de estabelecer-se no Brasil, o que lhe permitiu conseguir avultados lucros. Com o crescimento da população, o número ainda reduzido de espaços de venda (de facto, Paulo Martin e três outros livreiros[14] publicavam anúncios na gazeta) e a curiosidade dos leitores, amplos rendimen-

[12] Rodrigo Oliveira Fonseca, "Franceses contra portugueses? Conjuração Baiana e nacionalidades impossíveis", *Revista História: Debates e Tendências*, 13 juin 2013, vol. 13, nº 1: 6277.

[13] Voir Roger Chartier, "Le monde comme représentation", *Annales.* Économies, Sociétés, Civilisations, 1989, vol. 44, nº 6: 150520.

[14] Trata-se de Manuel Jorge da Silva, na loja situada na rua do Rosário; de João Roberto [Bourgeois], rua da Quitanda; e de Francisco Luís Saturnino. A loja da gazeta também está citada e o seu administrador é Paulo Martin, pelo menos a partir de 1811, como se pode ler no *Almanaque* desse ano.

tos eram assegurados. Por exemplo, a *Protecção à francesa*[15], de José Daniel Rodrigues da Costa, foi editada duas vezes em Portugal por dois tipógrafos, um em Lisboa e outro em Coimbra. No caso da *Relação da viagem de Junot*,[16] com duas edições em Portugal, os exemplares atingiram, em Lisboa, 2000 exemplares, para não citar o caso do *best-seller* deste *corpus*, *Exposição dos factos e maquinações*,[17] do ministro espanhol Ceballos, que para o mesmo número de exemplares, foi impresso em quatro oficinas tipográficas todas localizadas em Lisboa.

A partir de 1810, os anúncios de Paulo Martin rarearam e diversificaram-se com a introdução de obras técnicas, jurídicas, médicas e numerosas traduções de romances franceses do século XVIII. As obras políticas mencionando os eventos europeus eram publicitadas pela loja da gazeta que, além do mais, era administrada por Paulo Martin. Em paralelo, algumas obras contendo catálogos de impressos vendidos por Paulo Martin, entre os quais esses folhetos relativos à guerra peninsular, datavam de 1811. A lista referia-se a um número importante desses títulos cujo preço tinha diminuído em relação ao que estava indicado nos anúncios da gazeta. É uma

[15] J.D.R. da Costa, *Protecção à francesa*, *op. cit.*; José Daniel Rodrigues da Costa, *Protecção à francesa*, Coimbra, Real Imp. da Universidade, 1808: 24.

[16] *Relação da viagem de Junot a Portugal a seu amo Napoleão com notas verdadeiras e interessantes*, Lisboa, Imp. Régia, 1808: 16; *Relação da viagem de Junot a Portugal a seu amo Napoleão com notas verdadeiras e interessantes*, Coimbra, Real Imp. da Universidade, 1808: 15.

[17] Pedro de Ceballos, *Exposição dos factos e maquinações, com que se preparou a usurpação da Coroa de Espanha e dos meios que o Imperador dos Franceses tem posto em prática para realizá-la*, Lisboa, Of. de Simão Tadeu Ferreira, 1808: 64; Pedro de Ceballos, *Exposição dos factos e maquinações, com que se preparou a usurpação da Coroa de Espanha e dos meios que o Imperador dos Franceses tem posto em prática para realizá-la*, Lisboa, Nova Of. de João Rodrigues Neves, 1808: 103; Pedro de Ceballos, *Exposição dos factos e maquinações, com que se preparou a usurpação da Coroa de Espanha e dos meios que o Imperador dos Franceses tem posto em prática para realizá-la*, Lisboa, Imp. Regia, 1808: 80.

consequência previsível desses panfletos efémeros portadores de assuntos de actualidade, cujo sentido se concretiza somente num contexto específico. Os anúncios publicados no seu nome dizem respeito, até 1821,[18] à assinatura da gazeta ou ao novo periódico *O Patriota,* a primeira revista literária brasileira. No entanto, o livreiro continuou a distribuição de catálogos temáticos capazes de interessar um público específico ou seduzido por um assunto concreto. Assim, em 1817, pouco após a invasão do Uruguai, o título *Instruções sobre os conhecimentos necessários a um oficial militar, sobre a aplicação dos mesmos para organizar na campanha um exército* vem acompanhado de um catálogo de alguns livros militares[19] (contando 38 referências portuguesas e 45 traduções do francês).

As estratégias comerciais de Paulo Martin na esfera livreira assentam no recurso aos anúncios publicados na gazeta e aos catálogos temáticos que surgem de acordo com as notícias contemporâneas. Esse rol de livros reunidos em volta de um assunto procurado por um público era estrategicamente inserido no fim das obras com temática correspondente. Em paralelo, propunha romances, ensaios, dicionários, obras especializadas dirigidas a um ramo profissional.

Da mesma forma que os anúncios relativos a panfletos se rarearam, as notícias europeias deixaram mais espaço a informações relativas ao Brasil ou ainda ao comércio de escravos. Em 1815, a derrota de Napoleão é celebrada bem como a participação de Portugal ao Congresso de Viena. As notícias seguintes confirmam o reposicionamento das alianças diplomáticas imposto pelo novo xadrez político europeu. Em 1816, a partida das infantas Maria

[18] A 8 de Agosto de 1821, os leitores da gazeta aprendem a mudança de administrador do periódico: Paulo Martin é substituído por Manuel Joaquim da Silva Porto, que se estabelece rua da Quitanda e que tinha sido funcionário da imprensa régia.

[19] Catálogo de alguns livros militares tanto em francês como em português que se vendem na loja de Paulo Martin na rua da Quitanda n° 34, dans *Instruções sobre os conhecimentos necessários a um oficial militar, sobre a aplicação dos mesmos para organizar na campanha um exército*, Rio de Janeiro, Impressão Régia, 1817.

Isabel Francisca e Maria Francisca de Assis a caminho de Espanha para se encontrarem com os seus futuros esposos, Fernando VII e o filho Carlos, confirma o estreitamento das relações entre os dois países. Um ano mais tarde, uma publicação é dedicada à princesa Leopoldina de Áustria, nova esposa do príncipe Pedro. O reatamento com a França faz-se pelo intermédio do ministro António de Araújo e Azevedo, e do Marquês de Marialva, promotores da missão artística francesa cujos membros chegaram ao Rio em 1816. Simultaneamente ao estabelecimento dessas alianças, as relações entre o império luso-brasileiro e a Inglaterra ficaram mais tensas, em parte sobre a questão da escravatura que divide as duas nações. A abertura para essa França novamente governada por um monarca era tal que o Príncipe nomeou um bonapartista ao cargo de bibliotecário régio. Essa magnanimidade para com os partidários daquele que o tinha obrigado a deixar o paço de Lisboa inquietava o cônsul francês que entrevia a imigração francesa como um movimento ameaçador, quando não aberrante.

Entretanto, nessas circunstâncias favoráveis em que os Franceses partem à descoberta do Brasil, o número de imigrantes passa de quatro, em 1815, para quarenta e cinco em 1816 para atingir um pico de cento e oito chegadas em 1818.[20] No meio deles estava João Baptista Bompard, o primo de Paulo Martin, que veio para o ajudar. Porém, Bompard não seguiu o mesmo percurso que os compatriotas, já que saiu de Lisboa onde se encontrava a servir o tio, o livreiro Paulo Martin pai. Começou pela actividade de caixeiro e, cinco anos mais tarde, cuida dos negócios do primo falecido. Nesse período, viveu ao lado do primo a proclamação da independência do Brasil depois do rei D. João VI regressar a Portugal, a pedido das Cortes. Nessa altura, os anúncios de Paulo Martin são novamente publicados

[20] Juliette Dumont, "Preciosos Súditos, Emigrantes Atravancadores: a França e os Franceses do Brasil no Início do Século XIX" dans *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*, São Paulo, UNESP, 2009: 107117.

para dar a conhecer ao público a venda dos livros sobre um tema de actualidade: a constituição portuguesa.[21] A conjuntura política ocasionou o regresso de panfletistas que tinham feito das palavras as suas armas durante a guerra peninsular. Entre eles João Anastácio Falcão, redactor de *O alfaiate constitucional*, cujo objectivo era despertar e educar a consciência política dos compatriotas, tal como o explicita a gazeta: "Esta obra é uma severa crítica contra os abusos e perversidade dos déspotas sendo ao mesmo tempo agradável pelo estilo jocoso".[22] Paulo Martin aproveitou logo essa oportunidade para estabelecer um elo entre o debate de actualidade e o *Contrat social* de Rousseau e apressou-se a aconselhar essa leitura ao público da gazeta: "esta obra que outrora era proibida, nas actuais circunstâncias se torna mui interessante".[23] O seu papel de livreiro não se limita à venda e abrange o conselho aos leitores. Associa duas obras que se completam: uma delas é apresentada como um instrumento de vulgarização e de formação política e a segunda permite alimentar assim como fortificar o despertar de uma consciência política.

Em 1822, Paulo Martin mudou da rua da Quitanda para a rua dos Pescadores pouco antes de falecer em 1824, ano em que João Baptista Bompard dirige o negócio, ou seja, um ano após a chegada de Pierre Plancher, livreiro francês, de ascensão fulgurante, vindo de Paris. Pode contar sobre a rede intercontinental que alcança uma parte da Europa ocidental (Portugal, França e Itália) constituída pela família e os sócios. Apesar de uma presença discreta, veio a ser

---

[21] *Projecto de constituição política da Monarquia Portuguesa* anunciado na *Gazeta do Rio de Janeiro* n° 99 (18/10/1821) e 106 (03/11/1821) e também José Anastácio Falcão, *O alfaiate constitucional: diálogo entre o alfaiate e os fregueses: parte I*, Rio de Janeiro, Tipografia nacional, 1821: 16. Citado no n° 109 (10/11/1821).

[22] *Diário do Rio de Janeiro*, n° 97 (13/10/1821). A partir desta nota, o periódico será indicado pelas iniciais D.R.J.

[23] DRJ, n° 109 (10/11/1821).

um livreiro distinto, como o afirma Hallewell.24 Prossegue com a sua actividade dentro do mesmo quadro estratégico que o primo ao diversificar o repertório cujos segmentos podem ser categorizados em publicações políticas, romances, livros técnico-profissionais ou periódicos.25 No que diz respeito aos anúncios a sua presença, intensifica-se no Diário do Rio de Janeiro que substitui a Gazeta do Rio de Janeiro em 1822. Nessa propaganda publicitária, a chegada de livros franceses é assinalada com mais frequência.

Em 1826, inaugurou, com dois concorrentes,[26] a introdução de um novo segmento editorial: a literatura juvenil. Sob a designação de *Biblioteca Juvenil*, oito folhetos, reunindo contos de Charles Perrault e da condessa d'Aulnoy, saem à luz do mês de Abril ao mês de Agosto de 1826 (ver o quadro nº 1). Num mercado editorial a desabrochar que adopta novas práticas de leitura, que se acostuma progressivamente à liberdade da imprensa e à compra de livros, Bompard investiu nessa colecção destinada a um público jovem. No conjunto da colecção, somente os folhetos nº 2 e 3 são constituídos por dois contos, as outras publicações constam de uma só narrativa. O preço de compra corresponde a um montante módico ao contrário dos romances dedicados à juventude ou pelo menos ao estudo,[27] como os dois volumes das *Aventuras de Telémaco* avaliados por 1.600 réis.

[24] L. Hallewell, *O livro no Brasil: sua história*, *op. cit.*: 122.

[25] Para conhecer melhor Jean-Baptiste Bompard e o seu católogo, voir P. Neves et Lucia Maria Bastos, "As Belas Letras na Livraria de Jean Baptiste Bompard (1824-28)", *História (São Paulo)*, 2013, vol. 32, nº 1; Jean-Jacques Bompard et Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves, *Libraires du Nouveau monde: de Briançon à Rio de Janeiro*, Fontaine, France, Presses universitaires de Grenoble, 2015: 224.

[26] O *Diário do Rio de janeiro* informa que a colecção é vendida na loja de Bompard, na de João Baptista na rua da cadeia e na rua direita, no nº 130.

[27] Muitas das vezes, *Les Aventures de Télémaque* são vendidas a par de um dicionário francês e alguns anúncios aconselham a compra desses dois livros para iniciar a aprendizagem da língua francesa.

Se essa colecção antecipou a lei de Guizot em França,[28] em contrapartida a Constituição Imperial de 1823 tinha estabelecido os princípios de universalidade e de gratuidade da instrução sem por isso encontrar os meios de aplicar essa nobre ideia. Na Europa, a literatura infanto-juvenil embrionária do século XVII inclui os *Contes de ma mère l'oye*, de Charles Perrault, *les Fables*, de la Fontaine e *Les aventures de Télémaque,* de Fénelon que fazem parte do catálogo dos livreiros da rede de Bompard, mas não são dirigidas a um público jovem. Pode-se, portanto, afirmar que os primeiros livreiros brasileiros anteciparam o surto dos manuais escolares e dos livros de prémio. O conhecimento perspicaz do mercado editorial traduz uma experiência apurada no comércio livreiro e uma intuição que não foram negadas pelo êxito dessa edição.

Em 1827, sete folhetos custam tanto como a colecção completa que conta oito.[29] Quatro anos depois, quando Bompard já deixou os trópicos, a *Biblioteca Juvenil* foi reimpressa e o aumento dos preços confirmou-se e corroborou o sucesso dessa colecção e mais especificamente de alguns contos. Assim o conto do gato com botas era vendido pela quantia de 80 réis enquanto em 1831, era vendido por 100 réis. Da mesma forma, o conto da gata branca que vinha acompanhado de outra narrativa pelo preço de 80 réis, custa por si só 100 réis. O preço dos outros contos como Barba Azul, a Bela Dormente e Cenerentola (a Borralheira) conserva-se o mesmo. O novo vendedor de contos é Albino Jordão, célebre alfarrabista da rua do Ouvidor. Apesar do hábito de comprar livros usados, esta colecção vendia-se tão bem que foi reimpressa, como o indica o anúncio do mês de Fevereiro de 1831.

[28] "Le succès des contes de Perrault, qui ne s'est pas démenti depuis leur publication, prend des proportions gigantesques au XIXe siècle, en particulier après la loi de Guizot sur l'instruction primaire (1833)", Marc Soriano, "Perrault Charles - (1628-1703)", Encyclopædia Universalis [en ligne], consultado a 18 de Outubro de 2017. URL: http://www.universalis-edu.com/encyclopedie/charles-perrault/

[29] DRJ, n° 24 (29/05/1827)

N° da coleção	**Contos vendidos por** • **João Baptista, rua da cadeia** • **Bompard, rua dos Pescadores** • **sobrado do n° 130 da rua direita**	**Data DRJ 1ª publicação**	**Preço (réis)**	**Contos vendidos por** **Albino Jordão**	**Jornal do Comércio 16/01/1830 Preço**	**DRJ** **17/02/1831 Preço**
B.J. n° 1	Gato das botas	19/04/1826	80	Gato das botas	100	100
B.J. n° 2	• História do Príncipe Lupério; • A gata branca	01/05/1826	80	A gata branca	100	100
B.J. n° 3	• História verídica de Frutilha, mãe da gata branca • Capinha roxa e a fada	30/05/1826	80	• História verídica de Frutilha, mãe da gata branca • Capinha roxa e a fada	80	100
B.J. n° 4	História verídica de Barba azul	04/07/1826	80	História verídica de Barba azul	80	80
B.J. n° 5	História da Bela Dormente	22/07/1826	80	História da Bela Dormente	80	80
B.J. n° 6	História de Cenerentola	28/08/1826	80	História de Cenerentola (borralheira)	80	80
				• Riqueto da poupa • O polegarzinho	160	160

Em 1828, Bompard deixou o Brasil para voltar a Briançon depois de ter vendido o seu comércio a um dos concorrentes, Evaristo da Veiga. Tudo indica que os dez anos passados no Rio foram frutíferos, pois a partir de então vive do capital acumulado. Ainda que tenha preferido regressar à França, os móveis como as tapeçarias da residência evocavam a sua vida no Brasil e era conhecido pelos conterrâneos como o "Brasileiro".[30]

O compatriota Pierre Plancher incarna a ruptura com a rede de livreiros luso-franco-italianos, como é o caso da associação "Souza, Laemmert & Cie". Plancher fazia parte do bonapartistas tão temidos pelo cônsul francês. Ao contrário de Paulo Martin filho, Bompard, ou ainda Laemmert, atrai a atenção desde a sua chegada. Abandonou Paris onde as suas ideias políticas representavam um obstáculo na prática da sua actividade de impressor. Resolve emigrar para o Brasil onde leva livros e uma prensa. Todavia, enfrenta complicações administrativas ao chegar, pois as suas posses são retidas na alfândega. Apela ao príncipe D. Pedro que o ajuda e que acaba por lhe outorgar o privilégio de ser impressor imperial. Esse título concede-lhe uma actividade contínua, pois incumbia-lhe fornecer a impressão de documentos oficiais e administrativos.

A sua estadia no Rio será breve, mas fulgurante. Mal desembarcou que já encontrou um local e publica um anúncio no *Diário do Rio de Janeiro*, no qual informa que está disposto a comprar livros portugueses[31] na medida em que apenas possui livros franceses. Além do mais, a prensa levada permitiu-lhe

[30] P. Neves et L.M. Bastos, "As Belas Letras na Livraria de Jean Baptiste Bompard (1824-28)", art cit.
[31] DRJ, n° 25 (31/03/1824)

rivalizar com as raras tipografias então existentes.[32] Publicava com regularidade anúncios no *Diário do Rio de Janeiro* por meio do qual se dirige aos leitores:

> Pedro Plancher tendo uma casa de negócio em Paris, oferece seus serviços ao respeitável público desta capital, tomando toda e qualquer comissão em livros, música, estampas, papel, ou outros géneros com a comissão de cinquenta por cento; prometendo a maior exactidão, e brevidade possível. O desejo que ele tem de adquirir a confiança pública, mostra-se grato a que já se tem testemunhado; são os garantes que ele oferece.[33]

Através de uma propaganda recorrente e contundente, procura o seu público e simultaneamente está em busca da sua identidade profissional. O tacteamento na definição da sua representação no sector livreiro no decorrer dos primeiros meses da sua presença na rua do Ouvidor traduz-se pela mudança de nome e de radicação do espaço de venda. Em menos de dois anos, a livraria muda de localização três vezes,[34] para afinal se estabelecer rua do Ouvidor perto da oficina tipográfica. Da mesma forma, a expressão usada para o designar sofre várias transformações para adoptar um título semelhante àquele usado pelos concorrentes, ou seja, "casa de Plancher" após ter tentado "Livreiro estabelecido na rua do Ourives, n° 60",[35]

[32] A primeira oficina com licença para exercer foi a imprensa régia, depois designada nacional. Deve-se também contar com dois livreiros-impressores: Silva Porto, que tinha sido funcionário da imprensa régia, e René Ogier. A actividade da tipografia Silva Porto cessou por volta de 1825, voir Lucia Maria Bastos Pereira das Neves, "Impressores e Livreiros: Brasil, Portugal e França, Ideias, Cultura e Poder nos Primeiros Anos do Oitocentos " juin 2011, vol. 451: 244.

[33] DRJ, n° 20 (26/04/1824).

[34] Abre a primeira loja na rua do Ouvidor, n° 60, depois no n° 203 (DRJ, n° 25 do mês de Agosto de 1824). Muda de rua em 1825 para se estabelecer no n° 113 da rua do Cano (DRJ, n° 17 do mês de Julho) e volta para a rua do Ouvidor, n° 95 (no início do ano 1826) perto da tipografia localizada no n° 80.

[35] DRJ, n° 25 (31/03/1824).

"Livraria Brasilica Franca",[36] "Livraria Brasilico-Francesa"[37] ou ainda "impressor-livreiro de sua Majestade".[38] Ao invés dos outros livreiros identificados pelo nome, o apelido ou a morada, Plancher tinha escolhido um título que o inseria num segmento comercial no seio do qual reivindicava a sua identidade de livreiro francês.

Uma grande parte dos proveitos é atribuída à sua actividade de impressor que serviu na produção de periódicos: o *Spectador Brasileiro* (cujo tom é a favor do governo e ao contrário da *Aurora Fluminense* de Evaristo da Veiga) e o *Jornal do Comércio*. Este ainda é publicado, mas a existência daquele foi efémera e foi afectado por atritos com os rivais. De facto, as estratégias comerciais agressivas de Plancher conseguiram ferir a sensibilidade dos rivais. A desavença nasceu a partir do questionamento por Plancher da fiabilidade das informações proporcionadas pelo *Diário* e da organização da publicação dos prémios de lotaria. As observações sarcásticas aludiam a um "Diário da manteiga" dirigido a "moleques". Além da provocação desses ataques, Plancher interroga, com condescendência, o método de trabalho dos concorrentes ao mencionar o aspecto técnico da tarefa, a qualidade de execução, e por fim providencia instruções sobre a maneira correcta de proceder: "Publiquem só no fim da roda uma lista geral impressa, como se costuma em todas as nações. Recomendamos muito, que se bata com mais compasso, as pancadas do macete, para mais acerto das listas".[39]

O redactor do *Diário*, vexado por essas críticas que apontam para o trabalho executado pela tipografia nacional, defende-se do ataque ao mudar de questão e trata do custo dos anúncios (gratuitos para a tipografia nacional e retribuídos na casa de Plancher), do plágio dos divertidos anúncios publicados por Plancher para

[36] DRJ, n° 20 (26/04/1824).
[37] DRJ, n° 10 (12/05/1824).
[38] *O Spectador Brasileiro,* n° 4 (05/07/1824).
[39] *O Spectador Brasileiro*, n° 37 (24/09/1824).

atrair o freguês bem como da irregularidade da publicação do *Spectador*. Contudo, a contra-ofensiva é causada pela observação que discrimina a excepcionalidade do trabalho da nação brasileira apresentada como uma anomalia. O comentário de Plancher é tanto mais inaceitável quanto é produzido por um Francês que reivindica a sua nacionalidade. A réplica estrutura-se em três números de Setembro a Outubro. A primeira resposta apenas diz respeito ao aspecto técnico e profissional ao passo que os dois ataques seguintes são dedicados à questão identitária. O redactor do *Diário*, António Maria Jourdan, retorquiu:

> fazíamos outra ideia da delicadeza ou galantaria de um gazeteiro francês: os Brasileiros respeitam sobremaneira as Senhoras; não pretendem ter uma gazeta cada ano, e não consentiriam jamais que elas sejam impunemente ofendidas de escritores como o Senhor Plancher, não precisa nem quer o Brasil.[40]

Jourdan acentua a oposição entre o Brasil e a França subjacente na mensagem de Plancher. Na amplificação das asserções de Plancher destaca-se a percepção estereotipada da França, a de uma nação galante. Essa visão é refutada para atribuir essa característica ao povo brasileiro. A nova referência a este caso aparta a representação de uma identidade nacional e cinge as declarações aos imigrantes franceses no Brasil:

> elas são a favor dos Brasileiros, e em desabono dos Franceses Brasileiros, que devem ser tão detestáveis como Brasileiros Franceses. [...] Conte V.M. comigo para rebater os desaforos, e vilezas não só dos Franceses Brasileiros, mas também dos Brasileiros Franceses.[41]

A reivindicação identitária de Plancher projectou-o para a frente do palco, porém os efeitos foram nocivos. O seu êxito assentava também sobre o apoio do imperador, mas com a partida deste

[40] DRJ, n° 25 (24/09/1824).
[41] DRJ, n° 2 (02/10/1824).

para Portugal, ficou desarmado e talvez seja uma das razões que o levou a deixar o Brasil.[42] Esse episódio da vida jornalística durante o reinado de D. Pedro I põe a questão da visibilidade dos livreiros franceses e da forma como eram percepcionados no Brasil depois da sua independência.

O conjunto de medidas adoptadas por Plancher para se inserir e para ter um negócio lucrativo permitem vislumbrar o livreiro como um homem impulsivo e temerário, qualidade que o Brasil premiou. A sua política comercial destacou-se; todavia, para Plancher, a sua rentabilidade não pode ser questionada. A tipografia foi influenciada pela sua acção e contribuiu para uma circulação cultural directa entre França e Brasil. Plancher transtornou os costumes dos impressores e dos livreiros num período muito breve. A sua presença transformou o espaço cultural brasileiro liberto dos seus laços com Portugal que assim criou novos vínculos, sem intermediários, com a França.

Em paralelo, a rede de livreiros franceses cujos contactos abrangiam Portugal e Itália agiram num tempo mais longo. A sua tela internacional assentava sobre um princípio de solidariedade que visava a satisfação dos interesses de todos, fossem eles económicos ou intelectuais. Participaram, paulatinamente, à construção do mercado editorial brasileiro, à introdução de novas estratégias comerciais que promoveram a circulação das ideias e a formação de uma opinião pública incipiente. Mas a sua própria presença desempenhou um papel fundamental na construção da identidade brasileira que se construiu na interacção e por vezes na confrontação com esses livreiros franceses.

[42] L. Hallewell, *O livro no Brasil: sua história*, *op. cit.*

Crônica do exílio

Godofredo de Oliveira Neto

(A transformação dos exilados brasileiros a partir da relação intensa com a universidade francesa acha uma eloquente descrição no testemunho de Muriel Sandrine Charlotte Leroux, a partir do qual escrevi *Amores exilados)*.

Pergunta para Muriel: Qual a sua experiência com os brasileiros?

Bom, de muito perto eu conheci quatro brasileiros exilados na França: Fábio, Lázaro, Sarinha e Alex. Mas a comunidade brasileira exilada era enorme. Lázaro e Fábio estavam sempre juntos, unidos pela ASL (a sigla eu inventei para evitar problemas políticos), que pregava a luta armada no Brasil. Mas, pouco a pouco, instalados em Paris, eles trocaram essa luta armada pelo debate cultural. O intelectual tinha, sim, um papel a desempenhar na transformação social! A universidade foi escolhida como a parceira mais importante.

A solidão em alguns, uma estranha felicidade em outros, uma angústia na maioria. Esse era o universo dos exilados. A instabilidade emocional levava ou a abraçar com ardor exagerado a terra de asilo ou, então, a detestá-la. “Na França, graças à arte e às lutas do povo através dos tempos, existe um humanismo que faz deste país o berço da tolerância”, diziam alguns. “Não concordo, se fosse verdade, as pessoas não seriam assim tão frias e tão mal humoradas, para dizer o mínimo!”, segundo outros.

Fábio e Lázaro participavam, várias vezes por semana, de reuniões da comunidade brasileira de Paris e de associações francesas

na Maison d'Amérique Latine, na Maison du Danemark da Cidade Universitária e na Mutualité (na Mutualité os debates eram mais consistentes e as propostas mais radicais). Às vezes, os encontros aconteciam na biblioteca do Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Sorbonne. Ali havia um símbolo: um paralelepípedo do boulevard Saint-Michel, de maio de 68, reinava sobre uma escrivaninha, ao lado de livros de Eça de Queirós, Gil Vicente, Camões, Fernão Dias Pinto, Vieira, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Luandino Vieira, entre outros. Alguém do instituto se encarregava de preparar a sala para os seminários políticos. Os encontros não eram organizados somente pela Aliança Socialista de Libertação (ASL) e por outras correntes políticas de brasileiros exilados em Paris. Vinham também de grupos humanitários franceses, da Anistia Internacional, da Igreja, de Socialistas e Comunistas franceses através de seus partidos etc. A Liga Comunista Revolucionária Francesa e a Organização Comunista Internacional tinham também papel ativo na convocação de algumas dessas assembleias. Nenhum dos exilados brasileiros, no entanto, queria ser Embaixador da Desgraça. Eles gostavam, ao contrário, de passar uma imagem positiva do país, separando a nação do governo. Um governo que não se assimilava ao povo, que proibia, mas não conseguia fazer calar. Nessas reuniões, Brecht era sempre citado: "A fome não desaparece quando se proíbe a palavra fome". Era somente uma onda que, infelizmente, se abatia sobre o país e – eles suplicavam –, vocês que ainda têm a possibilidade de emergir dessa onda que nos afoga, pensem no Brasil com indulgência. Eles falavam do exílio com dor de nervo exposto. Um ex-diplomata francês tinha papel importante nas reuniões. Ele conseguiu impedir a invasão, pelas forças da repressão, do teatro da Maison de France, no Rio, em julho de 68. As mesmas forças da repressão que, lembrava ele aos convidados franceses, explodiram uma bomba na Associação Brasileira de Imprensa na mesma época. Ele costumava contar, com força de detalhes, que logo depois tinha

havido um atentado à bomba num teatro de São Paulo, que atores de cinema e de teatro eram sequestrados e torturados pelos militares. Os exilados brasileiros contavam detalhes. Comandos armados de barras de ferro e de bombas de gás lacrimogêneo acabavam de invadir um centro cultural no Rio, destruindo quadros e esculturas, fazendo uma dezena de feridos.

Uma manhã, uma notícia alarmante chegou pela televisão e pela rádio francesa. Fábio e Lázaro quase enlouqueceram. Allende tinha sido assassinado em Santiago. Um general tomara o poder e já comandava o Chile. Na véspera do golpe de Estado, através da fumaça saindo dos canos de descarga das centenas de caminhões chilenos em greve, dava para entrever as mãos que manipulavam os fios de marionetes com formas aterrorizantes. A alternância de gargalhadas e pigarros saindo da garganta e da boca desses monstros com cheiro de óleo diesel e de arrotos de cheeseburger anunciava o pior. Era a morte, a tortura e o sangue entrando em cena. Os que manipulavam os fios tinham sotaque estranho. Dizia-se que as forças de repressão do Brasil ajudaram a derrubar a Unidade Popular Chilena. Cheeseburguer e feijoada.

Centenas de chilenos e de brasileiros refugiados no Chile correram para a Europa. Paris era o primeiro refúgio seguro. O sol dos Andes e os ponchos coloridos invadiram os intermináveis corredores do metrô parisiense. Grupos musicais chilenos, peruanos, argentinos e bolivianos povoavam retinas e encantavam ouvidos de passageiros que se viam, subitamente, transportados para os altiplanos ao som mágico de flautas, de instrumentos de corda e de percussões.

A Aliança Socialista de Libertação incorporou uns vinte novos militantes. Entre eles se destacavam Sarinha e Alex. Eles tinham se exilado no Chile em 1969. Falava-se que encontravam pessoalmente Allende em sua casa de Guarda Vieja. Eram o contato da ASL no Chile.

Alex falava pouco e Sarinha, onde quer que estivesse, passava o tempo olhando de um lado para o outro, em movimentos rápidos,

como se procurasse um inimigo imaginário. Ela recebeu (sem que soubesse) o apelido de sagui. Quanto a Alex, se fosse necessário morrer pela causa, isso lhe parecia normal. Todos os dois tinham sido torturados de maneira atroz no início de 69, nos porões da rua Barão de Mesquita, no Rio de Janeiro. Alex (chamava-se Alexandre) e Sarinha eram sangue novo em Paris. Um pouco mais de seriedade em pessoas que começavam a só beber ricard e bordeaux, a comer queijo brie, a dançar rock à francesa e a empregar expressões parisienses. Até aí, nada de mais. Mas que também se deixavam levar por um relaxamento ideológico, poluído por distrações, sexo e futilidades. "Esse Lázaro, por exemplo, é o tipo do imbecil alienado. Não sei exatamente o que ele fez no Brasil. Fábio deve ser igual. Se alguém disser que dois caras como esses são militantes de uma célula de extrema-esquerda exilados em Paris, ninguém acredita, salvo se forem personagens de romance", fulminou, um dia, Sarinha.

Sarinha e Alex brigavam com frequência com Lázaro e Fábio, mas acabavam sempre se abraçando com eles no final. Acho que o clima de guerra no Brasil lhes parecia cada vez mais distante. O referencial agora era a universidade. Lázaro estudava na École Pratique des Hautes Études, frequentava seminários em Jussieu, no IEDES e no Collège de France. "Eu estava sentado na primeira fila na aula inaugural do Lévi-Strauss, no Collège de France", detalhava, orgulhoso. Ele citava sempre Foucault e Althusser. Estava entre os melhores alunos do curso de História da Sorbonne. Nada lembrava a infância pobre e negra das calçadas do Pelourinho, na Bahia, como ele mesmo gostava de dizer. Fábio era um leitor compulsivo. Inscrito em Nanterre, em Letras, curso de Doutorado. Ele fugia, assim, de seu passado doloroso e preparava a sua transformação. Dava para sentir. Paris era propícia aos estudos. Ele encontrou Barthes e Derrida, que o acolheram calorosamente, como faziam, aliás, com todos os brasileiros. Os intelectuais franceses nutriam uma relação muito forte com os brasileiros no exílio. Touraine recebia Fábio de

braços abertos na sua sala da École Pratique, bem como Kristeva em Jussieu e Poulantzas em Vincennes. Mitterrand, depois presidente da República, recebeu uma delegação de exilados brasileiros no seu apartamento do Quartier Latin. Fábio liderava o grupo.

Uma outra notícia desastrosa arrasou os militantes. Zé Sérgio, companheiro de São Paulo, tinha "caído" em Campinas. Ele levava uma pilha de contatos, material comprometedor e endereços de companheiros exilados. Um peixe grande para a polícia política. O pai era proprietário de uma companhia de transporte marítimo. Moravam em São Paulo, no bairro chique dos Jardins. Gente de grana. Mas nenhum advogado conseguia, nesse período, tirar militante da prisão. A ditadura estava cada vez mais repressora. A reunião de quarta-feira, me lembro, dia da prisão de Zé Sérgio, foi longa. Alguns ainda não tinham conseguido obter o documento de exilado. O governo brasileiro podia pedir informações sobre eles ao governo francês, comentava-se. Os que estavam em situação irregular podiam acabar deportados. É o que alguns temiam. Mas uma coisa era certa: os que residiam legalmente na França, de posse do estatuto de exilado, gozavam de todos os direitos e nada tinham a temer. Na realidade, todos estavam protegidos na França, mas era necessário ser francês para acreditar nisso de verdade.

No dia seguinte, foi um montão de telefonemas. Alguns das redações dos jornais, outros da universidade ou de cabines telefônica e alguns poucos, na medida do possível, da casa de amigos franceses. Havia uma cabine em Denfert-Rochereau que funcionava sem moeda e ninguém vinha consertar. Ficava próxima a uma mercearia de produtos antilheses e africanos. Um perfume apetitoso de canela, de pimenta, de goiaba e de manga anestesiava parcialmente as tensões. Os militantes da ASL faziam fila em grupos de cinco ou seis enquanto um deles telefonava para o Brasil. A fila afugentava os outros estrangeiros, quase todos hispano-americanos ou árabes. A cabine de Denfert se tornava familiar. A proprietária da mercearia,

uma negra, elegante, sempre usando um colar vermelho, brincos dourados (para os cariocas ela lembrava a Paula do Salgueiro, da Escola de Samba), já conhecia todo mundo. Um dia alguém aventou a hipótese de que os serviços de informação franceses poderiam estar gravando os telefonemas da cabine. Podia haver um acordo entre os governos de Pompidou e de Médici. Foi uma debandada geral, mesmo se os companheiros franceses, eu a primeira, assegurassem que isso era absolutamente impossível. Muitos militantes choravam pensando que eles próprios podiam ter denunciado companheiros e familiares. Eu ajudava telefonando à polícia federal e ao Ministério da Justiça, em Brasília. Dizia que era jornalista francesa do Le Monde e que desejava obter informações sobre o terrorismo no Brasil e sobre os presos políticos. Fábio ficava orgulhoso com a competência de sua amiga francesa, sua companheira da "França, terra de asilo", como ele gostava de dizer.

Depois de um ano vivendo com Lázaro, acabei por me interessar por Fábio, esse belo rapaz, fechado, mas carismático, voltado para o mundo da dor e da ansiedade. Lázaro aceitou (foi obrigado a aceitar) minha mudança de namorado. Não sei bem por quê, mas me senti atraída por Fábio. Penso que levo dentro de mim um Lázaro e um Fábio, um dia sou um, outro dia sou o outro. Ao contrário da minha vida com o Lázaro, leve e solta, meus dias com Fábio foram se tornando um verdadeiro inferno, melhor nem dar muitos detalhes. Mas reconheço que aprendi muito com os dois, muito mesmo. Penso que essa relação entre a França e o Brasil é algo muito profundo; eu fui uma esclarecedora metonímia dessa união entre os dois países. Fábio e Lázaro reconheciam que também tinham aprendido muito em Paris. Tinham amadurecido politicamente, como diziam. Acredito ter contribuído para esse amadurecimento, não digo intelectualmente, mas também; eu já tinha um doutorado em Ciências Sociais, mas não por isso. Contribuí enquanto francesa, nada mais. E nós, franceses, também aprendemos e amadurecemos com todos

esses exilados brasileiros. Fábio e Lázaro voltaram para o Brasil, para São Paulo. Eu trabalho na área de Cultura, na prefeitura de Paris. Fiquei aqui, mas não sou mais a mesma...

Foi Serge, o diplomata francês da época da ditadura no Brasil, que me deu notícias recentemente. Sarinha está em Recife, ela é Secretária de Cultura de uma pequena cidade no interior de Pernambuco. Acabou por se separar de Alex, que se casou com uma argelina e mora em Bruxelas. Ele é professor. Sarinha e Alex sempre traziam Sartre e Merleau-Ponty para as discussões. Sarinha conheceu muito Bourdieu pessoalmente (Lázaro dizia que ela estava apaixonada por ele na época). O engajamento do intelectual na vida pública devia ser constante para alguns, menos barulhento e banalizado para outros. Lázaro tinha mergulhado nessa polêmica com paixão. Havia uma grande discussão na época, em Paris, sobre o limite que separa a diferença cultural dos princípios de base do humanismo. Jovens africanas eram excisadas no nascimento, de maneira que não podiam sentir prazer sexual. Era um direito cultural? Uma tradição que devia ser respeitada? Fábio defendia o princípio básico assegurado pelos direitos humanos, indo até a intervenção militar no país, se necessário. Lázaro relativizava.

Sarinha e Alex, quando chegaram em Paris, estabeleceram um ponto de equilíbrio, um meio termo entre a França e o Brasil. Ela me ensinou a respeitar "à brasileira" o direito à palavra dos outros, a valorizar o que se dá pouco valor aqui na França. A formação científica e intelectual dos brasileiros, aliás, sempre surpreendeu os franceses. Esses foram os quatro brasileiros que conheci de perto. Meus dois amores brasileiros (pareço Dona Flor) estão em São Paulo, professores da USP, com um pouco da França nas veias e eu continuo em Paris, com um pouco da maneira brasileira de ser.

Francesismo ou nacionalismo? Dilemas do modernismo brasileiro, nas cartas dos anos 20[1]

José Luís Jobim

Na primeira carta de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade (10/11/24), ele escreve: "Você é uma sólida inteligência e já muito bem mobiliada... à francesa" (50). Em resposta, Drummond atribui a si próprio o dilema que não era só seu: sentir-se obrigado a manifestar em sua obra um nacionalismo que, ao mesmo tempo, apresentava como necessário e como duvidoso. Tudo isso sempre à sombra de sua francofilia confessa – que, de fato, remete mais a Paris do que à França como um todo:

[1] Marcos Antonio de Moraes, a quem agradeço a leitura prévia deste texto, me assinalou que, entre as cartas de Mário a Sérgio Milliet (formado no ambiente europeu, de cultura francesa – e publicando poemas em francês em *Klaxon*), há uma carta de Mário a ele que seria um desdobramento da que cito, ao Prudente de Moraes. Foi publicada no livro *Mário de Andrade por ele mesmo*, de Paulo Duarte:

"Meu querido Sérgio [...] Não nego os benefícios que o modernismo francês e europeu trouxe pra arte do universo. Questão de velha experiência cujo exemplo nos repôs na liberdade sincera atual. Também é só isso. Agora livres, pelo exemplo dos europeus, vamos seguir o nosso caminho que é todo diverso do da Europa desinteressante. [...] A perplexidade d'aí não existe aqui porque um problema resolveu todas as hesitações. Problema atual. Problema de ser alguma coisa. E só se pode ser, sendo nacional. Nós temos o problema atual, nacional, moralizante, humano de abrasileirar o Brasil. Problema atual, modernismo, repara bem, porque hoje só valem artes nacionais. O francês é cada vez mais francês, o russo cada vez mais russo. E é por isso que têm uma função no universo, e interessam, humanamente falando. Nós só seremos universais o dia em que o coeficiente brasileiro nosso concorrer pra riqueza universal. Isso preguei senvergonhamente no meu 'Noturno de Belo Horizonte' e vivo a dizer em quanta carta escrevo e conversa que converso [...]." (11 ago. 1924)

> Não sou ainda suficientemente brasileiro. Mas, às vezes, me pergunto se vale a pena sê-lo. Pessoalmente, acho lastimável essa história de nascer entre paisagens incultas e sob céus pouco civilizados. Tenho uma estima bem medíocre pelo panorama brasileiro. Sou um mau cidadão, confesso. É que nasci em Minas, quando deveria nascer (não veja cabotinismo nessa confissão, peço-lhe!) em Paris.

Neste trabalho, pretendemos explorar as questões das referências francesa e europeia, principalmente em cartas de Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade e Manuel Bandeira, nos anos 20, chamando a atenção sobre os imaginários construídos com as noções de "aqui" (Minas, São Paulo, Rio, Brasil, América Latina) e "lá" (França, Europa), na palavra que circula *entre* e *através* destes autores. Ao longo do trabalho a ser elaborado, procurar-se-á elaborar respostas possíveis à pergunta: "No seio dos diálogos interculturais, que palavras, que caminhos, que imagens emergem destas diferentes representações de *aqui* e *lá*?"

França e América Latina

Não é novidade dizer que, a partir do século XIX, o Brasil, no âmbito da cultura francesa, também faz parte de um suposto mapa da "latinidade", dentro do qual a França teria um papel de centro disseminador, mas a própria designação da Ibero-América como "América Latina" merece ser vista como parte de um quadro maior, como veremos a seguir.

América Latina é uma designação comprovadamente anterior ao século XX, e Paulo Moreira (2017) já apontou para uma das hipóteses sobre sua origem, que remete a sentidos completamente opostos àqueles anti-imperialistas que vai adquirir, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial. Esta hipótese, segundo Moreira, associaria aquela expressão ao pan-latinismo francês do século XIX – que teria sido uma tentativa por parte de imperialistas franceses de dar um verniz culturalista às rivalidades com Inglaterra, Prússia e Rússia,

acentuando um contraste entre as culturas europeias falantes de línguas românicas e praticantes do catolicismo e as culturas do norte germânico e/ou do leste eslavo:

> Sua aparição em matéria impressa praticamente coincide com a malfadada invasão francesa do México entre 1864 e 1867, que levou à breve condução do arquiduque austríaco Maximiliano (parente do monarca brasileiro) ao posto de imperador daquele país. Essa possível primeira configuração do termo América Latina seria, portanto, expressão do agressivo imperialismo europeu do século XIX, e há quem defenda que essa filiação eurocêntrica justifique uma completa rejeição do termo nos dias de hoje. (Moreira, 2017: 160)

Moreira considera irônico atribuir ao economista francês Michel Chevalier (1806-79) a criação da expressão *América Latina*, em livro sobre os Estados Unidos publicado em 1836 (*Lettres sur l'Amerique du Nord*) e traduzido três anos depois para o inglês a partir da terceira edição francesa, com o título de *Society, Manners and Politics in the United States: Being a Series of Letters on North America*. Afinal, *Lettres sur l'Amerique du Nord* tinha sido escrito por um autor francês "preocupado em aprender sobre um regime liberal, estável, moderado, próspero e eficiente que servisse de espelho para o *juste milieu* que Louis Phillipe (1830-48) pregava como solução para os conflitos que sacudiam a França desde 1789" (Moreira, 2017: 160).

Baseados em supostas características inatas das populações "latinas" e "anglo-saxônicas", encontram-se já em Chevalier numerosos argumentos que, no ensaísmo sul-americano, vão ser utilizados para atribuir um certo materialismo e pragmatismo aos anglo-saxões, em oposição a uma suposta espiritualidade latina, mas Paulo Moreira chama a atenção do leitor para o fato de que Chevalier era um admirador do empreendedorismo norte-americano:

> Com tom de admiração Chevalier nos fala de ianques de Massachusetts e Connecticut, a quem ele chama de "Mecânicos de alma", inventando incansavelmente novas máquinas ou ferramentas enquanto os franceses se ocupam com a composição de "um vaudeville, um romanceiro ou uma constituição republicana ou monárquica".[2] "Imbuídos de protestantismo até a medula dos ossos",[3] os anglo-saxões americanos se concentram na produção de riqueza e não se importam em viver num estado de relativo isolamento que os franceses, "eminentemente sociais", não suportam, já que "reservam suas afeições e simpatias para os objetos vivos"[4] e preferem "a segurança de um amigo ou a felicidade de uma amante" ao "sucesso de uma manufatura".[5] (Moreira, 2017: 169-170)

No Brasil, nos anos 1920, a ideia de latinidade não era muito popular entre os modernistas. Ronald de Carvalho, em carta de 15 de maio de 1926, dirigida a Prudente de Moraes, neto, diz que "[...] o latino europeu é um elemento do americano, e não é todo o americano" (Koifman, 1985: 206). E acrescenta:

Se você caracteriza o latino europeu pela cultura, todos nós, meu querido Prudente, somos latinos europeus, somos diáteses de um meio latino europeu. Por mais cultos, porém, que sejamos, a nossa cultura não nos libertará de um certo sentimento de humanidade americana, a que estamos sujeitos pelas próprias fatalidades de nossa índole. Destarte, como pode você determinar seguramente, com todo o sentido lógico da sua inteligência, que a minha poesia

---

[2] No original, "Chez nous, il n'y a pas d'élève des hautes écoles qui n'ait fait son vaudeville, son roman ou sa constitution monarchique ou républicaine. Il n'y a pas de paysan du Connecticut ou du Massachussets qui n'ait inventé sa machine".

[3] No original: "imbu de protestantisme jusqu'à la moelle des os".

[4] No original, "Éminemment social (...) réserve ses affections et ses sympathies pour ce qui est vivant".

[5] Em francês, "le salut d'un ami ou le Bonheur d'une maîtresse" (...) le success d'une manufacture.

não é brasileira e o meu sentimento não é americano? Impossível, meu caro Prudente. (Koifman, 1985: 206)

Claro, se mudarmos o foco, passando da designação mais ampla (*América Latina*) para uma mais restrita (a de cada nação desta suposta *América Latina*), é interessante lembrar que a própria definição do que é uma nação foi objeto de muita discussão no século XIX. Não vou aqui falar mais longamente sobre isso, para não me distanciar do foco deste meu trabalho, mas quero lembrar um dos textos mais famosos sobre este assunto – originalmente uma conferência, pronunciada na Sorbonne, em 11 de março de 1882, pelo grande *maître à penser* francês desta época Ernest Renan (1823-92) e intitulada *Qu'est-ce qu'une nation?*

Neste texto, ao defender uma concepção de nação multiétnica e plurilinguística – em parte dando seguimento à sua contestação dos argumentos alemães usados para justificar a anexação da Alsácia-Lorena, que incluíam ideias sobre homogeneidade étnica e linguística – Renan também defende uma nação legitimada pela participação de seus cidadãos na própria configuração da nacionalidade. No entanto, embora adotando um tom de validação universal dos princípios que fundamentam a nação, também não perde a oportunidade de atribuir uma paternidade francesa aos supostos princípios universais que apresenta: "C'est la gloire de la France d'avoir, par la Révolution française, proclamé qu'une nation existe par elle-même. Nous ne devons pas trouver mauvais qu'on nous imite. Le principe des nations est le nôtre".[6]

Do ponto de vista literário, não foi apenas o Brasil que teve a França – ou, para ser mais específico, Paris – como referência privilegiada no século XIX. O nicaraguense Rubén Darío (1867-1916),

[6] Ernest Renan. *Qu'est-ce qu'une nation*? Paris: Calmann Lévy, 1882. https://fr.wikisource.org/wiki/Qu%E2%80%99est-ce_qu%E2%80%99une_nation_%3F

grande nome internacional do modernismo hispanoamericano,[7] pode servir aqui como exemplo. Em uma crônica publicada no jornal argentino *La Nación*, na data comemorativa da queda da bastilha, em 14 de julho de 1898, significativamente intitulada "La fiesta de Francia", respondendo à pergunta sobre qual é o segredo de a França ser amada por todos os corações e saudada por todas as almas, ele "encontra a resposta em sua filiação à genealogia da cultura moderna que data do mundo clássico".[8] Nas palavras de Dario: "A áurea Paris derrama sobre o orbe o antigo reflexo que brotava da Atenas marmórea [...] O idioma da França é o novo latim dos sacerdotes ideais e seletos e nele ressoam harmoniosamente as saudações à imortal Esperança e ao Ideal eterno".[9]

Pablo Rocca nos informou que Rubén Darío, em duas ocasiões, 1906 e 1912, também esteve no "*Brasil de fuego*" como o chamou no poema que dedicou a Machado de Assis, o literato mais prestigioso do Brasil no início do século XX, fundador e presidente da Academia Brasileira de Letras. Segundo Rocca:

> [Na viagem de 1912, Darío] capitaliza os vínculos de sua estadia anterior e recebe uma homenagem na Academia Brasileira de Letras, onde José Veríssimo lhe oferece um discurso de boas-vindas. Veríssimo conhecia a obra de Dario, ainda que não a tivesse em grande estima, já que em um artigo que recolheu em *Homens e coisas estrangeiras* (1910), anotava que Darío '*de hispano-americano apenas terá o sangue, o nome, o nascimen-*

[7] Como se sabe, "modernista" na América hispânica, não corresponde a "modernista" no Brasil. Na América hispânica, "modernista" é o equivalente a "parnasiano" e "simbolista" na literatura brasileira.

[8] Siskind, Mariano. Dislocating France; World Literature, Global Modernism and Cosmopolitan Distance. *Journal of World Literature* 2 (2017) 47-62: 54.

[9] Apud Siskind, Mariano. Dislocating France; World Literature, Global Modernism and Cosmopolitan Distance. *Journal of World Literature* 2 (2017) 47-62: 54.

> *to*', porque em sua opinião é '*um francês, um espanhol, se não de Paris, dos cenáculos do Quartier Latin, discípulo imediato e imitador complacente dos poetas que escandalizaram o burguês por pouco tempo e logo desapareceram*' (Rocca, 2008: 149).

Assim, por tudo o que foi dito até aqui, pode-se observar que o gesto de Carlos Drummond de Andrade, na carta que citamos, declarando que devia ter nascido em Paris, em vez de em Minas Gerais, está longe de ser um fato isolado, inserindo-se em um contexto maior, que retrocede pelo menos até o século XIX. No entanto, para compreendermos melhor o sentido da manifestação de Drummond, na carta a Mário de Andrade, precisamos também falar sobre o papel que a correspondência entre autores modernistas brasileiros tinha no sistema literário de que faziam parte.

A correspondência no modernismo brasileiro

Entre outras coisas, a publicação de muitos volumes de correspondência de autores modernistas tem demonstrado que, no sistema literário modernista brasileiro, havia pelo menos duas modalidades de crítica literária: uma *externa* e *pública*, por assim dizer, praticada em jornais e revistas; outra *interna* e *privada*, praticada entre literatos. A primeira, mais visível, guarda uma relação mais aparente com o que se faz em outros sistemas literários ocidentais. A segunda, invisível publicamente, foi muito mais importante no que diz respeito aos produtos finais que hoje dispomos para analisar: as obras literárias dos missivistas. Por quê?

Porque nessas cartas os autores pediam opinião sobre os textos que estavam naquele momento elaborando, e recebiam de volta um tipo de crítica que atuava sobre seu trabalho *in progress*, gerando pelo menos três situações. Ou o autor modificava seu texto, acolhendo as sugestões de seu "crítico"; ou ele fazia uma outra versão, que não correspondia nem à anterior, nem à sugerida por seu "crítico"; ou ele mantinha sua versão (apesar da "crítica") e, nesse

caso, essa versão não era *a mesma* para ele, porque a manutenção da versão anterior agora era fruto de uma reflexão desenvolvida a partir de uma opinião contrária – e, por consequência, a conclusão pela reiteração da forma anterior era marcada por uma decisão que considerou *impertinentes* as objeções feitas àquela forma.

Aqui é importante assinalar também o efeito mais radical daquela crítica *interna* e *privada*, praticada entre literatos: *a exclusão pura e simples de textos*, quando o criticado concorda com as observações negativas feitas pelo crítico, ou quando as restrições do crítico o levam a repensar o que fez, e chegar à conclusão de que determinado texto não merece ser publicado, por alguma razão. Esse efeito só pode ser comprovado através das cartas, porque *ausências*, obviamente, não podem ser observadas em livros publicados. Só se percebe o efeito da *crítica interna* quando, ao ler a correspondência, verifica-se a existência de um texto remetido por um escritor a um destinatário (solicitando sua opinião). Quando a opinião do destinatário é negativa, podemos interpretar a *ausência* do texto criticado no livro posterior como *efeito* da *crítica interna* feita àquele texto, que gerou a sua exclusão da publicação.

O resultado dessa crítica *interna* pode ser aferido, por exemplo, no livro *Alguma poesia*, lançado em 1930, estreia literária de Carlos Drummond de Andrade, cujos originais foram objeto de intensa discussão epistolar do autor com Mário de Andrade. A maior parte dos poemas deste livro, anteriormente intitulado "Minha terra tem palmeiras", fazia parte de um "caderno de versos" enviado por Carlos para Mário em 03 de junho de 1926, mobilizando a correspondência dos dois autores durante três meses. Esse volume de 63 poemas hoje faz parte do Arquivo Mário de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo, é dedicado a Mário e conclama a generosidade do autor paulista em sua avaliação poética:

> A primeira parte é só por amizade que te comunico. Sei que são versos inferiores, até penumbristas; só valeu como documenta-

> ção. Tem muita lagrimazinha besta e muito estrepe sentimental nesses papéis. Você dê o devido desconto e me queira sempre bem. Obrigado pelas boas, pelas grandes palavras da última carta. Que consolo ter um amigo batuta como você! A gente adquire confiança na vida. Eu sarei do meu último ataque de desânimo só com a sua carta. (Santiago, 2002: 220)

O caderno é avaliado por Mário de Andrade no final de sua carta, fazendo uma leitura dos poemas, sobretudo pelo viés de seu gosto pessoal, sem recorrer a algum critério externo específico. Como de costume, Mário expressa sua predileção principalmente com adjetivos (*horrível*, *vulgarzinho*, *sensualíssimo*, *lindo*, *gostoso*, *pesado*, *ruim*, *delícia*, *perigoso* e *decadente* – entre muitos outros), usados para explicitar sua desaprovação ou entusiasmo pelo uso que Carlos faz do léxico, ordem gramatical indireta nos versos, ritmo, clareza e recursos retóricos, entre muitos outros. Mário também recomenda a Carlos excluir os galicismos do texto, um de seus "horrores", como no poema "Sensual", porque o "desagrada" (Santiago, 2002: 226-34). Mas qual o contexto desta rejeição a *galicismos*, ou seja, a palavras ou expressões vindas da língua francesa? Abro aqui parênteses para explicar o contexto histórico do século XIX que iniciou a reação contra os *galicismos*, não por acaso na época das invasões napoleônicas.

Começo a explicação informando que foi naquele século que se editou em Portugal o *Glossário das palavras e frases da língua francesa, que por descuido, ignorância ou necessidade se tem introduzido na locução portuguesa moderna*.[10] O assunto, inclusive com a introdução do termo *galicismo* com sentido pejorativo, foi proposto pela Academia Real das Ciências no programa de 1810. A proposta era fazer um Glossário, ou catálogo de palavras e frases

[10] Disponível em:

http://sebinaol.unior.it/sebina/repository/catalogazione/documenti/Glossario%20das%20palavras%20(397349).pdf

"[...] em que se mostre com toda a individuação as que são próprias da língua francesa, e que por descuido ou ignorância se tem introduzido na locução portuguesa moderna, contra o antigo e bom uso, e principalmente as que forem contra o gênio da nossa língua e como tais inadotáveis nela" (S. Luiz, 1827: V-VI). Hoje, podemos perceber que, se foi importante ou necessário que aquele glossário fosse elaborado, isso significa que a presença de palavras francesas já era um fato notável então. A ideia, já presente no *Glossário*, de valorizar o cunho vernáculo das palavras, e rejeitar estrangeirismos, ao mesmo tempo em que é adotada por Mário, ao criticar os galicismos de Drummond, também é contestada por outro poeta importante do círculo modernista, Manuel Bandeira, no poema "Poética", publicado em *Libertinagem* (1930), livro que reúne sua produção literária entre 1924 e 1930: "Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo" (Bandeira, 1958: 188).

De fato, em carta de 15 de março de março de 1929, Bandeira pede a opinião de Mário sobre o título da coletânea de poemas que vai publicar no ano seguinte, expressando dúvidas sobre se deveria dar-lhe o mesmo título do livro do escritor francês Louis Aragon:

> O "libertino" me agrada extraordinariamente e pouco me importa que me tomem por outra coisa. Me lembrei outro dia desse título *Outra coisa*. O Alcântara achou muito bom. Que acha? Eu prefiro este que Rodrigo propôs: *Libertinagem* apesar de haver o *Le libertinage* de Aragon, estou tentadíssimo. (Moraes: 415)

No caso de Mário, causa estranhamento a sua condenação do uso de galicismos, pelo menos por duas razões: 1) ele não se alinhava com os "puristas" da época, que imaginavam a língua como uma herança lusitana homogênea e pura, e viam as supostas ameaças àquela herança como "erros" ou "vícios" – por exemplo: acréscimos lexicais vindos de outras línguas ou até de outros países em que também se usava a "mesma" língua de Portugal, como o

Brasil; 2) ele era um leitor habitual de obras francesas, como prova o seu acervo, hoje sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, e a correspondência com escritores de sua época. Na correspondência com Manuel Bandeira, o escritor carioca usa regularmente termos em francês (o que, evidentemente, significa que ele presume que o destinatário das cartas, Mário de Andrade, conheça o idioma...), e dá conselhos a Mário, para que, na sua obra, use as palavras francesas com a grafia original: "Ah, escreva as palavras estrangeiras com a grafia de origem! Afinal nem sempre estão aportuguesadas. Há transcrições impossíveis. Pierrot parece estilo colonial com motivos do renascimento francês primitivo! E depois até os negros dizem direito *chauffeur*." (Bandeira, 1958: 132)

Assim, considerando que mesmo o autor do *Glossário* oitocentista, Francisco de S. Luiz – o qual considerava "[...] serem sobremaneira numerosos os termos [franceses] com que se acha desfigurada a natural formosura de nossa linguagem" –, aceitava algumas incorporações lexicais, sob certas condições,[11] não faria sentido que um autor brasileiro modernista, no século seguinte ao daquele *Glossário*, recusasse o uso de galicismos, em nome de uma suposta "natural formosura de nossa linguagem", especialmente considerando que Mário estava a par das discussões linguísticas que, desde o século XIX, opuseram escritores e gramáticos dos dois lados

[11] "O juízo que fazemos sobre cada palavra ou frase, a respeito de se poder adotar, ou não na nossa língua, não o declaramos sem algum receio de errar [...] Em geral tivemos sempre diante dos olhos esta regra: que sendo o vocábulo de boa origem, derivado conforme a analogia, e ao mesmo tempo expressivo, e harmônico, se podia adotar e trazer à nossa língua, ainda quando nesta houvesse algum sinônimo, que exprimisse o mesmo conceito; porque estamos persuadidos, que convém a cada idioma ter não só vocábulos correspondentes a cada ideia, mas ainda variedade deles com o mesmo significado; para que o douto e avisado escritor possa escolher a seu arbítrio, segundo a natureza e qualidades de sua composição, evitando a fastidiosa repetição dos mesmos termos, e a cansada uniformidade da locução e estilo". (Luiz, 1827: VI)

do Atlântico, na discussão sobre o que, afinal, deveria ser a "nossa linguagem".[12] Acho mais adequado, portanto, dizer que Mário, ao mesmo tempo em que pagava um certo tributo a algumas ideias linguísticas anteriores – das quais possivelmente não teria consciência plena – estava engajado em um projeto de "brasileirização" da língua portuguesa, que incluía, entre outras coisas, a colocação em xeque dos "estrangeirismos" em geral (e, por consequência, dos "galicismos" em particular) e a tentativa de produzir uma ortografia alternativa, bem como de incorporar contribuições lexicais de várias regiões do Brasil. Este projeto está claramente configurado em seu poema "Lundu do escritor difícil", escrito em 1927,[13] no qual ele deixa clara a intenção de misturar elementos provindos de diversas regiões do país: "Misturo tudo num saco, / Mas gaúcho maranhense / Que pára no Mato Grosso, / Bate este angu de caroço". E Mário deixa também clara a ligação que faz entre o galicismo e a imitação acrítica do estrangeiro: "Você sabe o francês 'singe' / Mas não sabe o que é guariba? / – Pois é macaco, seu mano, / Que só sabe o que é da estranja" (M. de Andrade, 19). Em português, como sabemos, a expressão "macaco de imitação" designa, entre outras coisas, a pessoa que copia mecanicamente ações e comportamentos de outrem; portanto, quando Mário diz que a pessoa que só conhece o vocábulo francês, mas não o nacional é "macaco de imitação", isto tem uma semelhança com as "consciências enlatadas", que aparecem no *Manifesto antropófago*, publicado em 1928 por Oswald de Andrade, como veremos adiante. Além de tudo o que já dissemos, é importante dizer que Mário não condenava em Carlos Drummond de

[12] Para uma visão mais abrangente e detalhada desta questão, ver Mariani, Bethania & Jobim, José Luís. National language and postcolonial Brasil. Revista da ANPOLL, 20, 2006: 11-36. https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/473/482

[13] Para a datação do ano do poema, ver a informação de Mário de Andrade, em carta de 6 de abril de 1927 a Manuel Bandeira. (Moraes, 2000: 341)

Andrade a leitura de autores franceses – até porque Mário também os lia. Condenava, isto sim, o que chamava de "moléstia de Nabuco"[14] em Drummond. Mário definiu esta "moléstia" em uma entrevista ao jornal *A noite*, publicada em 12 de dezembro de 1925: "Moléstia de Nabuco é isso de vocês andarem sentindo saudade do cais do Sena em plena Quinta da Boa Vista [...]" (Koifman, 1985: 148).

Ao comentar, em carta a Prudente de Moraes, neto, de 25 de novembro de 1927, o surrealismo francês no Brasil (que ele chama de *sobrerrealismo*), Mário deixa clara sua posição sobre a França:

> O sobrerrealismo é uma arte quintessenciada que me atrairia fatalmente se eu não me tivesse dado uma função de acordo mais com a civilização e o lugar em que vivo. Porque incontestavelmente a civilização em que a gente vive aqui no Brasil não é a mesma dos franceses não acha mesmo? Não discuto se é melhor se é pior e muito menos por mais problemático se é de fato a civilização nova que está principiando. Não discuto porque acho pueril discutir coisas pras quais nos faltam dados suficientes que só virão com os anos. Também não vá imaginar que estou glosando essa história boba do "homem bárbaro". Não acho que

[14] Tratava-se de uma designação irônica, invocando o nome de Joaquim Nabuco, que em seu livro *Minha Formação*, escreveu: "Um brilhante freqüentador da Revista Brasileira, que possui entre outras qualidades talvez a mais preciosa de todas, uma boa quantidade do fluido simpático, admira-se dessa minha afinidade francesa; com efeito, não revelo nenhum segredo, dizendo que insensivelmente a minha frase é uma tradução livre, e que nada seria mais fácil do que vertê-la outra vez para o francês do qual ela procede. O que me admira é que o mesmo não aconteça a todos os que têm lido tanto em francês como eu, mais do que eu, e cuja vida intelectual tem sido assim em sua parte principal, isto é, em toda a sua função aquisitiva, francesa. E talvez que eles têm uma força de assimilação maior do que a minha – ou que eu tenho mais desenvolvida do que eles a faculdade imitativa? Não sei; mas essa suscetibilidade à influência francesa parece natural em espíritos que recebem quase tudo em francês e que têm horror à tradução; o purismo português, esse, sim, é que, até tornar-se uma segunda natureza literária, exige uma constante vigilância, a retificação exata de todo o trabalho de aquisição intelectual". (Nabuco, 1900: 25-6)

> somos bárbaros. Mas incontestavelmente me parece que não estamos naquele momento de fadiga em que está a arte francesa com séculos de tradição organizada nacionalmente, atrás dela. E tendo dado séculos de escritores magníficos. Você sabe tão bem que na França hoje a língua chegou a um tal estado de perfeição dogmática que toda a gente escreve bem. [...] Considero o sobrerrealismo a consequência lógica e a quintessência de arte dum país que nem a França. No Brasil acho que no momento atual, pros que estão de deveras acomodados dentro da nossa realidade, ele não adianta nada. (Koifman, 1985: 247-8)

A carta a Prudente era para comentar a atribuição de caráter "sobrerrealista" a textos recém-publicados, e está dentro da lógica sistêmica que já apontamos antes. No entanto, o efeito, no sistema literário modernista, daquilo que designamos como *crítica interna* e *privada*, presente nas cartas, também é derivado da posição relativa dos missivistas entre si. Nas cartas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, Mário coloca Bandeira na posição de mentor. Nas cartas entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade, Carlos coloca Mário na posição de mentor. Embora os que são colocados na posição de mentores questionem essa atribuição, e também submetam seus textos aos parceiros, a assimetria nas posições é elemento importante a ser considerado. Bandeira reclama de Mário, em 1924, que o poeta paulista não tenha feito uma crítica detalhada de seu livro *Carnaval*:

> Mário,
>
> Antes de entregar os meus versos à tipografia, mandei-os a você, pedindo-lhe que os criticasse: o meu desejo era que você fizesse com eles o que eu a seu pedido, faço com os seus: uma espinafração isenta de qualquer medo de magoar ou melindrar – crítica de sala de jantar de família carioca, de pijama e chinelo sem meia. Você tirou o corpo fora e limitou-se a aconselhar a supressão de um soneto. Se você tivesse me dado outros conselhos, o meu livro sairia mais magro porém certamente mais belo. (Moraes, 2000: 165)

Mário sentiu implícita nessa carta de Bandeira uma acusação de que teria deixado de fazer a crítica *interna*, ou seja, teria deixado de elaborar as ressalvas e observações no estágio de pré-publicação do livro (quando o autor ainda podia modificar a obra), para poder usar essas mesmas ressalvas e observações no estágio de pós-publicação do livro. Naquele sistema literário, isso seria algo equivalente a uma canalhice, razão pela qual Mário se apressa em tentar desmentir essa possibilidade:

> Deus me livre, por exemplo, que você pense que ao ler teus originais eu tenha dito pra mim: "Não, isso eu vou guardar pra cascar na crítica de quando sair o livro". Isso eu era incapaz de fazer contigo e é pensamento intolerável pra mim que imagines sequer de leve eu tenha feito isso. Não fiz. (Moraes, 2000: 168)

A correspondência de Mário e seus parceiros modernistas já era considerada extremamente relevante muito antes de estar acessível ao público. Antonio Candido, em 1946, já adiantava que essas cartas eram a parte mais importante de sua obra, e advertia que a escrita epistolar do autor de *Macunaíma* era volumosa. "Eu sofro de gigantismo epistolar", avisou o próprio Mário em sua primeira carta dirigida a Carlos, em novembro de 1924.

No que diz respeito à relação com a Europa em geral e com a França em particular, embora Drummond, nos anos 20, ainda expresse uma admiração irrestrita pelo que vinha de Paris, Mário de Andrade e Manuel Bandeira não têm a mesma atitude. Bandeira, que usa palavras e expressões francesas, bem como *galicismos* em sua correspondência – talvez até para implicar com Mário[15] –, publica poemas em francês e declara, em carta a Mário, datada de 3 de janeiro de 1925:

[15] Veja-se, por exemplo, a explicitação do uso de galicismo, na carta a Mário, de 13 de outubro de 1924: "Bem sei o que sucede: vivemos balotados (que galicismo gostoso! É como maquilhada) entre as duas atitudes". (Moraes: 138)

> Sou, de fato, de formação parnasiano-simbolista. Cheguei à feira modernista pelo expresso Verlaine-Rimbaud-Apollinaire. Mas chegado lá, não entrei. Fiquei sapeando de fora. É muito divertido e a gente tem a liberdade de mandar aquilo tudo se foder, sem precisar chorar o preço da entrada (Moraes, 2000: 175).

De alguma maneira, Bandeira assume o fato de que a circulação da literatura francesa no Brasil (no caso dele, o *expresso Verlaine-Rimbaud-Apollinaire*) não significa que haverá uma reiteração do que se produziu em França, porque, nas novas condições contextuais, o autor brasileiro pode beneficiar-se do conhecimento daquela produção, mas, nas palavras de Manuel Bandeira, "tem a liberdade de mandar aquilo tudo se foder, sem precisar chorar o preço da entrada". A possibilidade de escrever *depois* de ter lido autores e obras estrangeiros é vista como uma vantagem, já que se pode avaliar melhor o que teria dado certo ou não das práticas literárias anteriores. A ideia de que *escrever depois de ter lido* pode ser vantajoso, aliás, já existia na América Latina do século XIX. Em momento anterior, apresentamos um bom exemplo disso (Castro Rocha & Jobim, 2015), comentando o dilema do escritor e político argentino Domingo Faustino Sarmiento, durante seu exílio no Chile, na década de 40 do século XIX: como motivar os leitores do jornal local *El Progreso*, que ele havia fundado, se os jornais europeus e americanos também estavam disponíveis para aquele público? A resposta de Sarmiento foi que *El Progreso* era melhor do que os mais conhecidos jornais do mundo porque, sendo um dos últimos a serem publicados, podia selecionar o melhor, entre tudo o que já havia sido publicado. Na verdade, este é um tema recorrente para a literatura e a cultura latino-americanas, tanto que aparece formulado de maneira muito sintética nos "poemínimos" do escritor mexicano Efraín Huerta, em um poema escrito em 1969: "El que escribe al ultimo / Escribe mejor" (Huerta, 2004: 326).

Além disso, a metáfora utilizada por Bandeira, de chegar à feira, mas não entrar, de "sapear de fora" é significativa. Ele leu Verlaine-Rimbaud-Apollinaire, mas não reproduziu o que eles fizeram. Tendo a vantagem relativa de escrever *depois* daqueles autores, podendo avaliar o que, das técnicas e temas trabalhados por eles, seria relevante ou não para a sua obra, Bandeira pode escolher o que achava melhor, dentro das circunstâncias, incorporando, alterando, criticando, recusando o que quisesse.

Em Mário de Andrade, também encontramos a crítica ao uso da "influência" como critério para avaliação literária, muito presente nos anos vinte, inclusive na mente de autores modernistas. Já apontei antes (Jobim, 2013) isso na correspondência entre ele e Drummond, nos anos 20, na qual o poeta mineiro, ingenuamente, declara ainda estar na fase de formação, como escritor, portanto muito sujeito a influência. Mário responde:

> Agora raciocinemos no que você fala da minha *influência* sobre você. Em última análise tudo é *influência* neste mundo. Cada indivíduo é fruto de alguma coisa. Agora, tem *influências* boas e *influências* más. Além do mais se tem que distinguir entre o que é *influência* e o que é revelação da gente própria. Muitas vezes um livro revela pra gente um lado nosso ainda desconhecido. Lado, tendência, processo de expressão, tudo. O livro não faz que apressar a apropriação do que é da gente. [itálicos meus] (Santiago, 2002: 116)

Sob a designação de *influência*, está em jogo aqui o conceito de apropriação, que na sua versão mais ingênua supõe que o "influenciado" se apropria de obra do "influenciador" nos termos em que esta foi elaborada anteriormente, acrescentando a isso uma atribuição de inferioridade ao "influenciado" e a presunção de que a posição de inferioridade só vai se alterar quando o "influenciado" ganhar "autonomia", ou seja, não for mais influenciado por ninguém. Como eu já disse antes (2013), esta ingenuidade conceitual,

além de ser utilizada para julgar a relação entre autores, também foi utilizada para julgar a relação entre literaturas nacionais, com todos os problemas que isto acarreta. Mário, ao escrever que "tudo é influência neste mundo" e que "cada indivíduo é fruto de alguma coisa", expõe consequências tanto de nível mais "individual" quanto de mais "genérico", por assim dizer. Em nível mais "individual", ele tranquiliza Drummond não só em relação às preocupações dele com a "influência" de Mário, mas também em relação a quaisquer outras fontes de influência, ao sugerir que, de fato, como os indivíduos não bastam a si próprios, pois inevitavelmente pagam tributo ao contexto em que se inserem, são sempre "fruto de alguma coisa" – e isto não seria nenhum demérito, porque, se "em última análise tudo é influência neste mundo" –, então haveria uma disseminação generalizada de apropriações, trocas e transferências literárias em sistemas culturais, que estaria longe de se esgotar no nível de uma relação entre dois poetas:

> Dentro das tendências mais contemporâneas de teorização sobre trocas e transferências culturais, a afirmativa de Mário poderia corroborar a perspectiva de que as apropriações devem ser entendidas também pelo viés dos interesses que presidiram o próprio ato histórico e determinado de apropriação, e não apenas pelo sentido que supostamente, no seu contexto de origem, teria o elemento que foi apropriado. Isto explicaria a significação de "apropriar-se do que é da gente": o poeta apropria-se de elementos que transformam-se em seus, porque foram escolhidos a partir de seus interesses e porque ganham contexto e sentido diferente na sua obra – transmutando-se em outra coisa, diferente da que era, no contexto em que se inseria antes. A "revelação da gente própria", que pode surgir de uma leitura, é exatamente esta captação do que, na obra do outro, pode ser incorporado ao projeto próprio do leitor, por relacionar-se com o projeto de quem a lê, e iluminar um sentido que já estava presente na vida do leitor, mas que ainda não havia ganhado uma verbalização

> que o configurasse de forma a tornar-se claro para este leitor, desvelando o próprio dele através do texto alheio. (Jobim, 2013)

No que diz respeito à contextualização mais ampla de seu próprio trabalho, Mário tinha claro para si que, da leitura dos autores contemporâneos europeus ou de seus antecedentes imediatos, o que aparecia na obra dele não eram exatamente traços específicos das obras europeias, mas vestígios do contexto histórico comum a todos, e que Mário chama de *modernidade*. Por isso, ele escreve, em carta a Manuel Bandeira, de 6 de junho de 1922, apontando o equívoco de certos críticos, ao atribuírem a ele a imitação de escritores europeus: "Sei que dizem de mim que imito Cocteau e Papini. [...] É verdade que movo como eles as águas da modernidade. Isso não é imitar: é seguir o espírito duma época"[16] (Moraes, 2000: 62). E Bandeira responde:

> Claro que não lhe deve importar que o deem por imitador de Cocteau e Papini, deste e daquele. Já tenho visto essa maneira, forma, estrutura, ou que melhor nome tenha, em vários poetas franceses, italianos. Em português agora você. Você é imitador deles como todo o poeta que escreve em metro regular é imitador de todos os poetas que o precederam e que foram por ele assimilados. Um poema realmente digno desse nome implica em matéria de sensibilidade e de técnica a assimilação de todo o passado e, a mais, alguma coisa que balbucia – e é a contribuição ingênua do poeta. (Moraes, 2000: 65)

Outro escritor do círculo modernista a dar importância ao tema é Oswald de Andrade, como veremos a seguir.

---

[16] Veja-se um outro exemplo de argumentação de Mário de Andrade, na carta a Prudente de Moraes, neto escrita em 3/10/1025: "De mim já se falou que sou futurista, que sou desvairista, que sou impressionista, que sou clássico e que sou romântico. É verdade que tenho sintomas e qualidades de tudo isso. Porém é questão de fim de receita: Dissolva-se tudo isso no século vinte e agita-se. Que que dá? Dá moderno. Estou convencido que sou do meu tempo". (Koifman, 1985: 122-123)

O caso Oswald de Andrade

Para Oswald de Andrade, as viagens à França, onde edita *Pau Brasil*,[17] são decisivas para ele "descobrir" o Brasil. De fato, o livro termina com o poema "Contrabando", falando do retorno ao porto de Santos:

> Os alfandegueiros de Santos
>
> Examinaram minhas malas
>
> Minhas roupas
>
> Mas se esqueceram de ver
>
> Que eu trazia no coração
>
> Uma saudade feliz
>
> De Paris.

Aracy Amaral (1992: 71) já mostrou a conexão entre Oswald de Andrade e o meio artístico parisiense, quando ele fez sua segunda viagem à Europa, em 1923, acompanhado da pintora Tarsila do Amaral:

> Juntos fariam uma verdadeira "descoberta do Brasil" desde Paris, ele reescrevendo *Memórias sentimentais de João Miramar já em contatos parisienses que fariam o texto definitivo ser um contraste com aquele publicado em capítulos no Brasil, e Tarsila já pintando "A Negra", e "Caipirinha". O fim de 1923, já em contato com* Cendrars e através dele com artistas, literatos e músicos, tipo Léger, Supervielle, Cocteau, Valery-Larbaud, Gleizes etc. coroa um ano de crescimento artístico no sentido de verdadeira absorção de "modernidade" tanto por parte de Oswald como de Tarsila. Ele já distante quilômetros, como ela, de seus poemas franceses publicados em 1920, e ela igualmente longe de suas pinturas iniciadas após treinamento, em 1920, na Academia Julien, de Paris. (Amaral, 1992: 71)

[17] Oswald de Andrade. *Pau Brasil*. Paris: Sans Pareil, 1925.

Provavelmente Oswald também leu a revista de vanguarda *Cannibale*, editada por Francis Picabia, que teve apenas dois números publicados, mas foi muito marcante não só para os dadaístas, como também para as vanguardas parisienses em geral. Foi no segundo número de *Cannibale* que G. Ribemont-Dessaignes, respondendo à acusação de que o Dadaísmo era alemão, produziu uma argumentação fora dos parâmetros então vigentes – lembremo-nos de que a primeira guerra mundial, colocando em campos opostos os franceses e os alemães, ainda era um evento recente, em 25 de maio de 1920, quando foi publicada esta revista. Vejamos, então, a argumentação de G. Ribemont-Dessaignes naquela revista:

> Toutes les médailles et décorations de la gloire française sont made in Germany ou made in Italy et autres lieux, et n´ont eté dorées qu´en France. Les périodes classiques sont issues de Gréce, d´Italie, de Flandre, d´Arabie, de Chine. La période moderne vient d´Angleterre, de Scandinavie, d´Allemagne et tout récemment d´Afrique, de Polynésie, du Japon e d´Espagne.
>
> [...]
>
> La vertu française est précisement d´absorber sans em mourir um tas de produits différents et de les rendre assembles avec un odeur telle qu´on ne peut se tromper dans le monde entier sur l´origine de cette synthèse, et qu´on dit de l´Amérique à la Tchéco-Slovaquie: 'Comme c´est exquis. Voilá le goût français!'" (G. Ribemont-Dessaignes, 1920: 8)

Quero aqui chamar a atenção do leitor para alguns aspectos importantes deste artigo, intitulado "Dadaland". O primeiro é que o articulista vai na mesma direção de sentido da famosa conferência de Renan em 1882, quando aquele *maître à penser* produziu uma argumentação no sentido de justificar a identidade francesa não como algo "puro", adquirido como herança, consolidado e enraizado, mas como fruto de decisões tomadas por uma população que não era homogênea nem étnica nem linguisticamente. Ribemont-Dessaignes,

ao alegar que mesmo as medalhas para celebrar a glória da França eram apenas pintadas de dourado lá, mas feitas em outros lugares, incluindo a Alemanha, torna inválidos os argumentos dos "puristas", e valoriza exatamente o oposto – ou seja, a virtude francesa de absorver e incorporar o outro, produzindo uma síntese original que pode ser reconhecida como *francesa*.

O segundo aspecto importante a ressaltar é que, em 1928, no seu famosíssimo *Manifesto antropófago*, Oswald de Andrade também vai colocar, de forma telegráfica, referências ao Brasil como lugar de acolhimento e integração, mas que recusa a importação de "consciência enlatada", ou seja, recusa internalizar modos de pensar fechados, impermeáveis à transformação no contato com a realidade do Novo Mundo. A deglutição antropofágica do outro, transformando o que se comeu em nova energia para o antropófago – mas sem nenhuma pretensão à síntese hegeliana, proposta por Ribemont-Dessaignes – é a metáfora do acolhimento e da integração transformativa deste outro no organismo que o processa.

Como eu já escrevi (Jobim, 2017a), embora Oswald cite explicitamente uma série de nomes da cultura francesa, como Montaigne, Rousseau, Lévy-Bruhl, ele não incorpora acriticamente o que disseram. Se o próprio Montaigne considerava que a medida do que pensamos sobre os outros são os costumes e as opiniões do lugar em que nos encontramos, os *critérios de verdade e da razão* formulados em países europeus e transferidos para as Américas teriam também de sofrer modificações no seu novo contexto. Oswald, assim, recusa a reiteração absoluta daquilo que se recebeu. Ao declarar-se "Contra todos os importadores de consciência enlatada" (Andrade, 2011: 27), explicita posição análoga à do ensaísta uruguaio Enrique Rodó, que desmente a tese de que é possível transplantar ideias, costumes e instituições tais como existiam em sua origem.[18]

[18] "El engaño de los que piensan haber reproducido en lo esencial el carácter de una colectividad humana, las fuerzas vivas de su espíritu, y con ellos

Também já assinalei (Jobim, 2017a) que, no capítulo *Des Cannibales* dos seus *Essais*, Montaigne faz menção ao canto de um prisioneiro que será devorado e diz aos seus captores que, ao comê-lo, estarão comendo os pais e avós deles, que tinham sido devorados antes pelo prisioneiro. Assim, a antropofagia também se refere a uma filiação, em que na carne do devorado está o gosto da família do devorador. Para Oswald, o *Brasil Caraíba* deglutiu a Europa, transformando-a em outra coisa, em seu estômago, diferente do que existia no velho continente.

Para terminar nossa argumentação aqui, então, faremos duas últimas observações. A primeira é que, a rigor, em vez de falarmos de relação cultural entre a França e o Brasil, nos anos vinte do século passado, deveríamos falar de relação entre Paris e a intelectualidade brasileira – o próprio Drummond, como vimos antes, declarou que queria ter nascido em Paris (não na França). No entanto, é importante acrescentar que aquela cidade não era referência fortíssima apenas para os escritores brasileiros, pois naquele período já era uma referência cultural internacional.

A segunda é que, embora ainda houvesse manifestações mais ingênuas de filiação francófila no Brasil, como a de Drummond, na carta citada, já se elaborava toda uma conceitualização sobre como os elementos estrangeiros serão processados e transformados no Brasil. Recuperar as discussões travadas nos anos vinte, principalmente através das cartas trocadas pelos autores modernistas, pode ser muito importante para lançar luz sobre aspectos pouco esclarecidos das relações literárias franco-brasileiras.

---

el secreto de sus triunfos y su prosperidad, reproduciendo exactamente el mecanismo de sus instituciones y las formas exteriores de sus costumbres, hace pensar en la ilusión de los principiantes candorosos que se imaginan haberse apoderado del genio del maestro cuando han copiado las formas de su estilo o sus procedimientos de composición". (Rodó, [1900] 1988)

REFERÊNCIAS

Amaral, Aracy. Oswald de Andrade e as artes plásticas no Modernismo dos anos 20. http://www.revistas.usp.br/rieb/article/viewFile/70471/73245

Bandeira, Manuel. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958. V. 1.

Castro Rocha, João Cezar de; Jobim, José Luís. From Europe to Latin American. *Journal of World Literature*, v. 1: 52-62, 2016.

Huerta, Efraín. *Poesía completa*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Economica, 2004,

Jobim, José Luís. *Formas da teoria*. Rio de Janeiro: Caetés, 2003.

_____. O original e o próprio, o derivado e o impróprio: Mário de Andrade e as trocas e transferências literárias e culturais. In:___. *Literatura e cultura: do nacional ao transnacional*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013: 151-166.

_____. (ed.). *Literary and Cultural Circulation*. Oxford: Peter Lang, 2017.

_____. Cannibalism as Cultural Appropriation: From Caliban to the Cannibalist Manifesto. In:____ (ed.). *Literary and Cultural Circulation*. Oxford: Peter Lang, 2017a.: 351-368.

Koifman, Georgina. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto* (1924/36). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Luiz, D. Fr. Francisco de S. *Glossário das Palavras e Frases da Língua Francesa, que por Descuido, Ignorância ou Necessidade se Tem Introduzido na Locução Portuguesa Moderna*. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1827. http://sebinaol.unior.it/sebina/repository/catalogazione/documenti/Glossario%20das%20palavras%20(397349).pdf Acessado em 24/07/2017.

Mariani, Bethania & Jobim, José Luís. National language and postcolonial Brasil. *Revista da ANPOLL*, 20, 2006: 11-36. https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/473/482

Moraes, Marcos Antonio de. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000: 736.

Moreira, Paulo Vaz. When America First Became Latin. In: Jobim, José Luís. *Literary and Cultural Circulation*. Oxford: Peter Lang, 2017: 159-84.

Nabuco, Joaquim. Minha formação. [1900]: http://www.iphi.org.br/sites/filosofia_brasil/Joaquim_Nabuco_-_Minha_Forma%C3%A7ao.pdf

Renan, Ernest. *Qu'est-ce qu'une nation?* Paris: Calmann Lévy, 1882. https://fr.wikisource.org/wiki/Qu%E2%80%99est-ce_qu%E2%80%99une_nation_%3F Acessado em 24/07/2017.

Ribemont-Dessaignes, G. Dadaland. *Cannibale*, 2, 1920: 8. file:///C:/Users/User/Documents/2017/pau/Francis-Picabla_Cannibale_1920_No.2.pdf acessado em 22/07/2017.

Rocca, Pablo. Os contrabandistas; tensões e fundamentos da primeira circulação do Machado de Assis no Rio da Prata. In: Secchin, Antonio Carlos; Bastos, Dau; Jobim, José Luís (orgs.) *Machado de Assis: novas perspectivas sobre a obra e o autor no centenário de sua morte*. Niterói/ Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense/ De Letras, 2008: 141-60.

Santiago, Silviano (Org.). *Carlos & Mário*. Correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002: 618.

Siskind, Mariano. Dislocating France; World Literature, Global Modernism and Cosmopolitan Distance. *Journal of World Literature* 2 (2017) 47-62: 54.

Verissimo, José. "Letras Hispano-americanas". In: Verissimo, José. *Homens e coisas estrangeiras, 1899-1908*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks, 2003: 469-78. (Prefácio de João Alexandre Barbosa).

Crise ética e distopia: correspondência entre as literaturas brasileira e francesa contemporâneas

Ângela Maria Dias

Não há saídas
não há saídas
só ruas viadutos
avenidas
Régis Bonvicino, Sósia da cópia, 1983.

Existe hoje uma expressiva tendência ficcional professada por escritores que poderiam ser considerados, como na historieta de Baudelaire, lídimos representantes de uma descendência do "mau vidraceiro". Trata-se de autores que, como o personagem criado pelo poeta, se veem acusados de produzir livros semelhantes à "frágil mercadoria" do vendedor ambulante que "ousa andar em bairros pobres, e não tem sequer, vidros que façam ver o lado belo da vida" (Baudelaire, 1980: 33). Sua causticidade na recusa da penúria circulante na sociedade contemporânea, bem como sua teimosa rejeição do "lado belo da vida", pode valer-lhes admoestações críticas que severamente os acusam de fechamento diante da possibilidade de mudança ou da alternativa da alteridade.

Este é o caso de Michel Houellebecq, na França, que tendo sido traduzido em mais de 20 idiomas, com notável sucesso comercial em vinte e cinco países, foi considerado por Perry Anderson como "o único escritor francês, desde Sartre, com significante autoridade pública" (Sweeney, 2013: 23 e 27).

Sua notoriedade não o absenta de restrições ao niilismo de suas sátiras, ao tom provocativo de determinadas postulações veiculadas em seus romances, bem como à derrisão de suas posturas diante da crise ética experimentada pelo mundo contemporâneo.

Seus entrechos dinâmicos e fascinantes estendem-se sobre a relação intrincada entre economia, sexo e vida afetiva do homem contemporâneo, vivida contraditoriamente entre as liberdades do individualismo, num contexto de capitalismo tardio e pós-industrial, em seu entrelaçamento com a asfixiante comodificação da vida social.

Esta espiral de inflação da independência pessoal frente às injunções institucionais constitui o traço mais característico das sociedades modernas ocidentais e, ao mesmo tempo, ocasiona, em decorrência do sentimento de desamparo subjetivo que produz, uma profunda crise ética. O desconhecimento de nossa dívida com os nossos ascendentes e com o mundo que nos precede, aliado à atual "valorização narcísica do indivíduo" constituem, segundo Maria Rita Kehl, os "pilares dos novos modos de alienação orientados para o gozo e para o consumo" (Kehl, 2002: 13).

Nas sociedades contemporâneas globalizadas, a violência dos apelos hedonistas agravada pelo "declínio da era industrial e de toda uma ética do trabalho, do sacrifício e do adiamento do prazer que a amparava" (Kehl, 2002: 14) criam uma situação de carência e empobrecimento subjetivos, fazendo *tabula rasa* das mentes e corações, desobrigados do pensamento e votados à banalização afetiva e emocional, pela generalização do sensacionalismo na indústria cultural, somada à aura fetichista dos bens de consumo circulante na publicidade.

O carrossel do espetáculo promovido pela socialização contemporânea e pela ubiquidade das imagens que nos cercam gera a superestimação do valor de exposição e da fama como avatares da cidadania, na cultura do narcisismo (Kehl, 2002: 25).

Por outro lado, a secularização e a desestabilização dos costumes, dos saberes e da verdade, no mundo ocidental, combinadas à progressiva complexidade e sofisticação dos dispositivos de controle do Estado moderno, desorientam os sujeitos, e os alienam a poderes e motivações cada vez mais abstratas e incompreensíveis.

No panorama desencantado do universo houellebecquiano, as intrincadas conexões entre capital e troca não reconciliam o indivíduo e a banalidade do seu cotidiano com qualquer promessa de autenticidade, já que a cultura do excesso embutida na sociedade do espetáculo aponta para a saída cínica ou ainda o beco sem saída da depressão. A conformação de desejos, expectativas e aspirações pelo capitalismo torna a diversificação de escolhas ociosa, já que nada escapa aos determinismos socioeconômicos.

Nesse sentido, os romances do autor podem ser vistos como uma variante pós-moderna dos antigos romances de tese do naturalismo. Assombrados pela negatividade de fatalismos conjugados, suas obras denunciam a colonização do sexo, do afeto e da intimidade humana pelos mecanismos racionais das redes de troca e fetichismo prevalentes na era do capitalismo globalizado.

Num de seus primeiros livros, a economia neoliberal é considerada, no próprio título, como *Extensão do domínio da luta* (1997) a todos os campos da atividade humana, todas as classes sociais e todas as idades. Por isso mesmo, a domesticação do corpo pelo poder disseminado da vida econômica interioriza o controle disciplinar dos primórdios do regime capitalista numa autodisciplina introjetada por cada um.

Foucault, em sua profícua reflexão sobre a evolução dos regimes de poder até a modernidade, assinala a relativamente recente passagem do modelo disciplinar, exercido nos corpos particulares, para as sociedades de controle, em que os indivíduos submetem-se voluntariamente ao gerenciamento planificado das populações e à gestão da vida do corpo social, regidos pelos eixos flexíveis das

economias de mercado, capazes de transformar os indivíduos em agentes econômicos responsáveis pela própria subsistência e sucesso, na arena competitiva das trocas e do consumo.

Esta invasão do *ethos* materialista na esfera íntima da sexualidade e dos afetos, bem tematizada nas obras de Houellebecq, instrumentaliza o sexo como um novo regime de seleção social e econômica, dissolvendo então a fronteira entre as esferas do público e do privado, ao submeter os indivíduos ao darwinismo de uma infatigável concorrência, no horizonte da qual o mercado constitui a instância suprema.

Segundo a visão do polêmico escritor, as experiências sócio-afetivo-culturais, ao estarem, nas sociedades contemporâneas, inteiramente sacrificadas ao imperativo econômico, aposentam distinções políticas, antes significativas, transformando os indivíduos em *homo oeconomicus*, ou potencializando-os como capital.

Na sua novela *Partículas elementares* (1998), um divisor de águas na sua obra, todo esse panorama desolador é tomado a partir da abordagem narrativa da revolução de costumes, desencadeada pela geração de 1968, numa pauta altamente crítica e negativista. Houellebecq postula que o movimento, em seu libertarismo sexual e na adoção de determinadas teses freudo-marxistas, ocasionou a exacerbação do individualismo, a deterioração da família como cédula de resistência ao racionalismo econômico e um aumento exponencial do materialismo, responsável pelo domínio irreversível do liberalismo biopolítico.

Foucault, em sua teorização sobre a genealogia dos micropoderes disciplinares, focaliza o biopoder como a última fronteira alcançada pelo poder soberano do Estado na subordinação do indivíduo ao espaço da regulação racional e das trocas econômicas. Nesse sentido, a normatização higiênica e sexual dos corpos tem a ver com a preservação da vida de parte da comunidade e a aniquilação de

suas porções perigosas ou daquelas que, segundo o poder, podem ameaçar a sobrevivência do conjunto.

Este padrão paradoxal da biopolítica reitera-se também no vínculo que estabelece entre a economia e a biogenética, na medida em que o capital humano pode ser potencializado pelos avanços da ciência e o indivíduo, aperfeiçoado em suas habilidades e capacidades de subsistência socioeconômica.

Em *Partículas elementares*, todos esses assuntos são abordados com um desencantado cinismo e uma negatividade sem brechas. Certamente por esse motivo, a crítica tem recriminado sua postura, argumentando, como é o caso de Ben Jeffrery ao alegar que Houellebecq pratica um "realismo depressivo" (Jeffrery, 2011: 2) e escreve "romances imaturos, cínicos, obcecados por sexo, abertamente racistas e ao mesmo tempo misóginos, abundantes em cenas pornográficas, contraditórias e plenas de ressentimento contra a arte e os intelectuais"[1] (Jeffrery, 2011: 5).

Considerando que a ficção niilista do autor constitui "uma progressão natural da sátira pós-moderna, ao colocar-se contra tudo, exceto os instintos básicos e o isolamento do sujeito" (Jeffrery, 2011: 50), o ensaísta não perdoa a obra pela visão distópica que postula, embora reconheça sua dívida com o *Brave new world* de Aldous Huxley, em seu elogio da engenharia genética contra a "nossa vigorosa miséria" (Jeffrery, 2011: 60).

De fato, *Partículas elementares,* também aposta na biogenética como saída para os males do desejo e da insatisfação existencial, amorosa e cultural de seus personagens.

Nesse sentido, cria os dois meios-irmãos Michel e Bruno, que encenam, de maneira extremada e radical, determinados dilemas da nossa problemática condição de órfãos do absoluto e de quaisquer valores capazes orientar opções existenciais.

[1] Todas as traduções de passagens deste livro, bem como do ensaio de Carol Sweeney, são de minha autoria.

O primeiro, ao apostar no espírito, sequestra o próprio corpo e nele produz uma espécie de fobia de contatos amorosos e prazeres sexuais. O segundo escraviza a alma ao imperativo categórico das relações eróticas e da sensualidade como obsessão. Ambos, em sua insólita desmedida, disposta numa simetria antitética, encenam, na deformação assumida, a justaposição de trajetórias paralelas e semelhantes na solidão, na desesperança e na ruína afetiva.

O desenlace apresenta um universo pacificado, no qual os seres pós-humanos celebram a superação do desejo por uma condição autossustentável e autônoma, na qual todas as satisfações estão a priori atendidas pela racionalidade da engenharia genética. Sua solução pós-política, por meio de seres assexuados, propõe a superação da necessidade afetiva como única solução para a desventura humana.

Cada uma destas contrastivas figurações ficcionais contribuem para encaminhamento das teses apocalípticas da obra marcada de um lado, pelo pessimismo mais profundo e de outro, por uma espécie de determinismo que parece capaz de reduzir as possibilidades do homem às suas dimensões biológico-moleculares, bem como à ditadura do econômico.

Na deriva destes personagens tolhidos se confirma a sua falta de talento para a competição darwinista inerente à dinâmica do capitalismo contemporâneo, ou por conta da carência de determinados atributos físicos para o mercado da sedução e do sexo, como é o caso de Bruno, ou então por força de uma vocação ascética de recolhimento e reflexão, encarnada por Michel, de certa maneira, o alter ego do autor.

Em seu competente levantamento da recepção do romance, Carol Sweeney (2013: 149) cita Abecassis quando o crítico compara o primeiro, em sua alucinada dissipação sexual, ao Marquês de Sade e o segundo, pela decidida opção monástica, a São Paulo.

A enorme controvérsia ideológica ocasionada por este romance foi marcada por uma obstinada teimosia em classificar as

posições do autor dentro do espectro ideológico entre esquerda e direita. Sua radical condenação do mundo contemporâneo, aliada à incerteza quanto à posição assumida diante da pós-hominização, levou Sweeney, por exemplo, a classificar o escritor como *rouge-brun*, ou seja, a localizá-lo num "campo ideológico onde extremos da direita e da esquerda encontram-se no antiamericanismo, no antissocialismo, no racismo" (Sweeney, 2013: 36).

Assim, apesar do romance ter conquistado o prêmio *Dublin Literary Award*, muitas resenhas de importantes publicações lhe foram desfavoráveis.[2] No Brasil, num debate organizado em 1999, pela *Folha de São Paulo*, com a presença do autor francês, o escritor Cristóvão Tezza, embora tenha admirado o livro como uma sátira potente, levanta restrições à tese da "mutação metafísica" como "simplificação ficcional" do legado de 1968, transformado "na encarnação de algum mal metafísico" ou ainda num "certo instinto homicida" responsável pela desordem e pelo caos. Aliado a isso, o ponto crucial da crítica vai residir no espanto que o escritor brasileiro manifesta diante do "encanto" de Houellebecq pelo Positivismo de Comte, ao postular como "solução final do livro [...] a ideia de um sujeito filosófico mecanizado pela biologia" (Tezza, 1999).

Mais uma admoestação crítica, sem dúvida baseada na inaceitação das posições extremas do escritor que não contempla qualquer contemporização diante da repugnância que a vida atual lhe inspira. Do meu ponto de vista, trata-se de uma incompreensão do tipo de literatura que está em pauta.

Numa coletânea de ensaios que organizaram em 2006, denominada *Novels of the contemporary extreme* (2006), Alain Philippe Durand e Naomi Mandel apresentam as características desse tipo de produção, situando, inicialmente, a controvérsia crítica e o

[2] Como anota Sweeney, os jornais *New York Times Book Review*, *The Washington Post* e *The Wall Street Journal* fizeram profusas críticas ao autor. (Sweeney, 2013: 46)

interesse popular de que são alvo. Trata-se de uma família literária descendente da tradição dos romances "brat pack",[3] ou seja das obras produzidas pela chamada "blank generation" dos escritores americanos Jay McInerney, Bret Easton Ellis, Tama Janowitz, entre outros, conhecidos pela violência de suas tramas, saturadas por muita droga, sexo e consumo conspícuo.

Uma tendência marcante desta literatura extremista consiste na sua insistência em criar indistinções. Confundem sujeito e objeto, texto e autor, ficção e realidade e consequentemente dissolvem as fronteiras entre autobiografia e invenção, produzindo o difuso efeitismo da autoficção.

Daí a polêmica envolvendo determinados autores, que passam a ser vistos como seus personagens, a quem são atribuídas experiências e declarações do próprio escritor. Aliás, este é bem o caso de Houellebecq, figura midiática cercada de uma aura controvertida, por conta de postulações veiculadas nos romances e de sua atuação polêmica, em entrevistas e aparições televisivas.

As respostas à violência da vida contemporânea, produzidas por esta literatura extremista, interpelam de maneira agônica não só as transformações tecnológicas, como também o espetáculo da mídia e a mascarada da política, replicados com fascínio pela transgressão e agudeza terrorista. Segundo Durand e Mandel, esta mistura de arte e agressão tem ascendência no romantismo extremado, em sua visão apocalíptica e desesperançada.

A sátira constitui, então, frequentemente o seu modelo discursivo mais habitual. Segundo Northrop Frye (1973) existem quatro modos de elaboração de enredo: a história romanesca, a tragédia, a comédia e a sátira. As histórias vazadas no modo irônico, do qual a sátira é a forma ficcional, recusam os tipos de coerência estrutural inerentes aos demais modos. Por outro lado, de acordo com Hayden

[3] Literalmente a expressão pode ser compreendida como "conjunto de meninos malvados".

White, a teoria dos tropos fornece a base para classificar as formas estruturais profundas da imaginação histórica, na medida em que manifesta estilos de pensamento (White, 1992: 45).

A ironia é um tropo autoconsciente porque representa um uso autoconsciente da metáfora, a serviço da autoanulação verbal. A sua tática figurada básica é a catacrese (abuso), que é uma metáfora absurda porque propositalmente inadequada. Nesse sentido, a ironia é metatropológica, na medida em que constitui a percepção autoconsciente do possível excesso da linguagem figurada. E nisso representa um estágio da consciência em que se reconhece a natureza problemática da própria linguagem (White, 1992: 50-51).

No caso específico de *Partículas elementares*, a sátira demolidora da sociedade contemporânea alia o anúncio de uma nova etapa metafísica à comparação de formas culturais com processos biológicos, num entrecruzamento de autobiografia, ficção, história do século XX, especulações filosóficas, descrições detalhadas de sexo, *science fiction* e reflexões sobre a crise contemporânea. Tudo isso se inicia com um prólogo no qual um narrador não identificado anuncia uma terceira mutação científica prenunciada por um dos irmãos protagonistas, Michel Dzerjinski, o homônimo do autor.

A influência de Comte, no seu *Curso de Filosofia Positiva*, é marcante na medida em que, a voz narrativa, ao descrever as etapas anteriores da cultura do Ocidente, se refere ao Cristianismo, surgido em pleno apogeu do império romano, e à Ciência moderna, emergente em meio à potência do Cristianismo medieval. Ou seja, dispõe o tabuleiro evolutivo, à imagem e semelhança das três fases sucessivas do conhecimento humano, segundo o filósofo positivista: a Teológica, a Metafísica e a Científica ou Positiva.

Não obstante, a grande frente de batalha a ser deslanchada pela narrativa consiste na sua crítica ao libertarismo da geração de 1968, responsável, segundo a análise do narrador, pela dissolução da estabilidade dos laços familiares, pela exacerbação do individua-

lismo e supervalorização da juventude, mas, sobretudo, pelo triunfo do materialismo com a final subordinação do indivíduo às leis do mercado, em consequência da comodificação do corpo e do sexo.

Nesse sentido, *Partículas elementares* constitui um romance de ideias de considerável alcance. Numa linguagem simples, banal, desafetada, bem compatível com a da *blank generation* americana, o autor aborda temas relevantes, como o declínio da influência do Cristianismo, a generalização do consumo, a revolução dos costumes e suas derivas como a homogeneização cultural, a alienação social e a mercantilização do sexo e finalmente, a solução pós-humana com a clonagem biogenética.

Ou seja, o panorama amplo da discussão ético-sócio-política, com suas incursões em prolongadas cenas sexuais e algumas tiradas misóginas, reúne a nobreza de temas com a mediocridade da linguagem, e uma inegável intensidade argumentativa do narrador privilegiado, distante e profético que, a partir de um futuro banhado em luz, recupera o passado de lutas e separação.

Por isso mesmo, a mistura romanesca constitutiva da sátira combina uma narrativa fantástica de *science-fiction*, com romance histórico, entremeado de várias digressões de ordem científica, num ecletismo profuso, cuja complexidade se processa em contraponto a um fundo de marcante determinismo social e biológico.

A compreensão contextualista da sociedade como entrelaçamento de circunstâncias — ou ainda, como um conjunto de "inter-relações funcionais existentes entre os agentes e agências [...] em províncias finitas de ocorrência" (1992: 33), segundo Hayden White —, é inerente como forma argumentação discursiva, ao modo de "por em enredo" da sátira. Assim, os percursos de cada um são menos o resultado de opções particulares do que de um conjunto de dinâmicas contextuais, em que o sujeito se encontra inserido.

Por isso mesmo, a simetria antitética dos meios-irmãos, entre a opção pelo espírito, e a fobia de contatos amorosos e sexuais

em Michel e o erotismo como obsessão em Bruno encena, por vias distintas, a desventura de trajetórias paralelas e semelhantes na solidão, no desalento e na falência afetiva. Ou seja, o fatalismo do meio termina sendo mais forte que as diferenças individuais de opção.

A ideia matriz desta visão distópica concretiza o fechamento da cena a qualquer outro componente que não sejam as regulações da vida social pelos imperativos econômicos. Nessa claustrofobia construída pela lógica do capital, o biopoder regula a vida social do seu interior assinalando a linha divisória entre vidas a serem preservadas e aquelas a serem banidas porque inadequadas ou prejudiciais ao equilíbrio do sistema.

Por outro lado, a apropriação direta de desejos e crenças pela ciranda da publicidade e da mercadoria aprofunda a impermeabilidade da vida social a qualquer fator exógeno.

Tal paradigma biopolítico de subjetivação produz um tipo de indivíduo mais suscetível a um autocontrole interno do que à disciplina externa. Trata-se de um tipo de introjeção sub-reptícia dos princípios de conduta mais propícios ao mercado, ao consumo e ao capital.

Este padrão de anehedonia que enlaça a sátira amarga à mediocridade de uma linguagem indiferente e sem vigor, a serviço de uma visão distópica e desenganada da vida contemporânea, pode ser encontrado em distintos contextos linguísticos e geográficos. Sobretudo o viés da sociedade de controle, gravada no emblemático *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley, também discutido por Houellebecq em *Partículas elementares*, consiste no grande mote da tradição crítica vinculada à distopia. Nela os cidadãos são induzidos a amarem a injunção social a que são submetidos, num processo de domesticação alienante e radicalmente vinculado ao "perigoso fim do humanismo literário enquanto utopia da formação humana por meio de práticas de escrita e de leitura que [...] eduquem para se julgar com circunspecção e manter os ouvidos abertos" (Sloterdijk, 2000: 60).

Nesse sentido, há toda uma genealogia ficcional que privilegia o desenvolvimento de "uma antropotecnologia futura" supostamente capacitada para um "planejamento explícito de características" que possam instaurar até a "seleção pré-natal" (Sloterdijk, 2000: 61).

Nos países de forte linhagem distópica baseada na evolução da ciência e da tecnologia, como os Estados Unidos e a Inglaterra, a ficção científica prospera, e a reflexão sobre as questões do desenvolvimento planificado em horizontes futuros é bem mais madura.

Ao passar ao largo dos problemas brasileiros nesta área específica, que segundo Marcello Simão Branco, é de pouca originalidade, e caracteriza-se por "uma parca experimentação de estilo e apuro do texto" (Branco, 2003), vale a pena insistir que o maior interesse da leitura em processo consiste em caracterizar a vocação ideológica distópica de uma parcela da literatura contemporânea, encarnada no Brasil, entre outros autores, pelas obras de Marcelo Mirisola, André Sant'Anna e Fernando Bonassi.

Embora bem diferentes entre si, estes escritores compartilham determinadas opções, tais como a vocação satírica dos respectivos enredos, o manejo de uma linguagem muitas vezes desqualificada por descrições quase pornográficas, além da banalidade do estilo coloquial e corriqueiro, e, por fim, uma cosmovisão bastante derrisória da atualidade e das possibilidades dos personagens lidarem com as próprias fraquezas e com as adversidades do meio.

Em todos eles avulta igualmente uma postura dúbia entre cínica e crítica, ou ainda supostamente resignada, frente ao *status quo* aprisionante com que se defrontam, numa dicção performática, entre indiferente e agressiva. Poderíamos nesse sentido situá-los, a exemplo do que Sweeney faz com Houellebecq, como praticantes de reminiscências do "*spleen and ideal*" baudelairianos (Sweeney, 2013: 77).

No caso específico de Fernando Bonassi, seu último romance, *Luxúria* (2015), investe na crítica ao fetichismo da subjetivação contemporânea e ao implacável cerco ao qual escraviza os personagens.

Não há, como no caso do escritor francês, nenhuma alusão ao futuro das transformações tecnológicas da existência humana, mas a crítica cínica da competição capitalista e da subordinação dos desejos e crenças ao circuito do consumo é o grande alvo do romance.

Assim, a anestesia do cotidiano de uma família de classe popular, num período brasileiro de incentivo ao consumo é flagrantemente descrita numa linguagem também anódina e distante que narra, como numa profecia da desventura, o infortunado desiderato da família de construir uma piscina, num terreno diminuto de um bairro planejado de classe média baixa, e assim enredar-se num absurdo financiamento.

O clima da narrativa é opressivo e a corrosão, entre cínica e resignada, da voz narrativa não deixa margem à compaixão por seus personagens anônimos, designados todo o tempo como: "o operário ferramenteiro, o super-herói deste relato", "a mulher do homem de que trata este relato, a mãe", "o filho homem do homem de que trata este relato" (Bonassi, 2015: 33, 220, 233).

O desejo de visibilidade dos personagens, que ambicionam ultrapassar a fronteira de seu anonimato é o que comanda a vocação bovarista da família, no sonho de um bem de consumo que os diferencie da vizinhança e da estereotipia da vida comum.

Como compensação do cansaço pela mesmice de um cotidiano "sempre igual" – trânsito infernal, jornada na fábrica, penúria afetiva doméstica –, a família conta apenas com a televisão e os sermões na Igreja do Bairro Novo, proferidos pelo pastor jovem e ousado. Não obstante, o ansiado consolo da "pobreza psíquica" pela "prótese" da fé revela-se inteiramente incapaz de recuperar as "subjetividades amputadas" (Kristeva, 2002: 13-14).

A atmosfera de inevitabilidade é enfatizada por um estratagema da voz narrativa que enuncia, em itálico, falas subentendidas, frequentemente não pronunciadas pelos personagens, incapazes de manifestarem seus verdadeiros sentimentos na maioria das situações.

Neste país, ao contrário da França de Houellebecq, as instituições não funcionam: nem saúde, nem educação, nem segurança. É que, segundo o narrador, "os funcionários são mal-educados, mal remunerados e indolentes" (Bonassi, 2015: 107). Entretanto, todo esse estado de coisas desenrola-se num "período inacreditável de prosperidade", "de crédito perigosamente fácil e algumas realizações" (Bonassi, 2015: 301), no qual o narrador diretivo se propõe a relatar "por linhas tortas" o "fim da ilusão de permanência e previsibilidade" a que se acostumaram seus personagens (Bonassi, 2015: 34).

Por isso mesmo, o darwinismo apontado na obra do escritor francês e bastante presente no internato de Bruno, no qual eram escalonados os "machos-alfa" e os "machos-ômega", de acordo com as qualidades físicas de cada um, ocorre igualmente entre o menino, "o filho do homem de que trata este relato", e seus colegas. Não é por outra razão que o cinismo narrativo resolve intitular todos os capítulos sobre as vivências escolares do adolescente de "Uma cultura de banheiro".

O sexo, como indica o título do romance, também é assunto relevante na narrativa, não apenas como razão do desconforto existencial do menino com seus hormônios, mas também na vida do casal que, com a encomenda da piscina percebida como signo de visibilidade e sucesso, passam a sentir-se "no tempo das oportunidades" (Bonassi, 2015: 25). Assim se entregam a uma fase de grande libido e atividade sexual, minuciosamente descrita pela instância narrativa, num tom de *voyeurismo* irônico.

Entretanto, a autêntica volúpia do narrador consiste na descrição minuciosa de processos de trabalho, máquinas, apetrechos e materiais profissionais. Os uniformes, na linha de produção da fábrica de peças, onde trabalha o metalúrgico, bem como as suas funções e rituais de trabalho são demarcados com detalhismo, de maneira semelhante às intermináveis reflexões e comentários de

ordem científica de Houellebecq, na composição do personagem Michel, em suas ilações biotecnológicas.

Nessa linha, a construção da piscina constitui o auge da obsessão narrativa com a "luxúria de materiais" e a precisa descrição de processos. No mundo de seres heterodirigidos e controlados pelo desejo do consumo como redenção, as coisas ganham vida e os homens são coisificados. O congestionamento talvez seja, nessa linha, a imagem mais recorrente da impotência e das rotinas massacrantes. Assim, nessa história regada a humor negro, o carro e relógio são emblemas, no universo de objetos que lotam a vida na cidade, do abastardamento da maioria. E os homens são, com insistência, comparados a animais e a coisas.

Trata-se da mesma "ontologia objetivante" (Fauskevaq, 2007: 12), encontrada no romance do escritor francês, que reduz os homens a "partículas elementares", ou seja, a "objetos atomizados" e desconectados uns dos outros.

Por outro lado, a obsessão pelas imagens idealizadas pela propaganda e pelo espetáculo, se surgiu inicialmente numa leitora de romances românticos de amor e aventuras glamorosas, como no caso de Emma Bovary, no romance de 1857, é justamente porque já possuía, ainda num contexto capitalista bem menos desenvolvido, uma dimensão social muito forte. E, nesse sentido, hoje, se cumpre também "como má consciência no seio da consciência aceita [pela] época", ou seja, carrega "o outro de uma época" (Hossne, 2000: 276).

Assim, o sonho bovarista desencadeado pelo sentimento de inferioridade do personagem de Bonassi, sem que ele disso se aperceba, vai custar-lhe um preço completamente exorbitante. Segundo o inventor da síndrome, Jules de Gautier, o bovarismo consiste no "poder manifestado pelo homem de conceber-se outro que ele não é" (Gautier, 1902: 13). Porém, a própria incapacidade de igualarem-se ao modelo escolhido termina por transformar tais personagens numa espécie de paródia do próprio desejo, na medida em que se tornam

clones das aparências. É o caso de Madame Bovary, a personagem emblemática do célebre romance de Flaubert. Como ainda observa Gautier, nesse sentido,

> todo o drama e todo o cômico se estabelece no intervalo entre as linhas do que se é e do que se julga ser. E será o grau de energia investida em jogo pelo personagem que vai decidir sobre a categoria trágica ou cômica sob a qual o fenômeno vai classificar-se. (Gautier, 1902: 29-30)

Nessa vida sem horizontes culturais ou afetivos, todos precisam de drogas. O homem contenta-se e aflige-se com a promessa da piscina; o menino, com o computador, na solidão, querendo esquecer seu tempo e lugar; a mãe, tentando livrar-se do vazio por humilhações impingidas à empregada e, mais adiante, empapando-se de antidepressivos distribuídos gratuitamente nos postos de saúde públicos.

Por sua vez, as relações de classe no âmbito do capitalismo produtivo são focalizadas com delícia pela crueldade cínica do narrador que se apropria de um mundo gris no qual todos os trabalhadores tentam compensar a mais valia que sofrem pela humilhação eventual do outro, numa implacável competição em cadeia.

A retórica desse espaço degradado, em hostilidade e dissimulações, se constrói por uma aplicada e rigorosa articulação entre a ambiência social, familiar, afetiva e profissional, que dispõe personagens, objetos, animais e temperaturas emocionais com preciso rigor. Tal combinatória integra a miséria simbólica dos ambientes à mecânica rotineira dos objetos e mercadorias e à banalidade dos personagens; de certa maneira, reificando tudo numa *tabula rasa*.

Desta maneira, se põe em cena um mecanismo de compatibilidade entre climas, tipos e materiais, que certamente recupera a arquitetura consagrada pelo naturalismo, no século XIX. Se ainda relacionarmos tal disposição de elementos, inerente ao enredo, com os seus significativos preâmbulos — as epígrafes e uma notificação

do autor — a cogitação ganharia razoável consistência. Sobretudo a nota do autor tem uma importância crucial, na medida em que afirma a não ficcionalidade do argumento do romance, "baseado em pessoas e acontecimentos reais, lamentavelmente".

Esta maneira de misturar eventos efetivamente ocorridos com figuras reais, em um contexto ficcional, cria uma atmosfera ambígua entre realidade e irrealidade, da mesma forma que as conjugações entre autobiografia e ficção, trabalhadas na obra de Houellebecq (Fauskevaq, 2007: 21).

No caso do romance de Bonassi, o autor chega a declarar em entrevista que a história que conta, de fato, aconteceu:

> Meu irmão tentou, de fato, fazer uma piscina no quintal da casa dele à medida que o casamento ia para o brejo. Meu irmão não é operário, mas a imagem do romance me veio desse problema familiar. Meu irmão era vendedor, foi ficando desempregado e foi fazendo uma piscina à medida que o casamento foi apodrecendo. À medida que o casamento piorava, ele aprofundava o seu buraco pessoal naquela piscina. Eu achava que era uma imagem perfeita. Na última semana antes de se separar, a ex-mulher disse que piscina tinha que ter uma cachoeira. E o idiota foi lá e fez a cachoeira! O cara cavou a própria sepultura no quintal. (Benevides, 2016)

Aliás, no contexto darwinista do romance, outro episódio relatado na escola do menino em que um colega seu quebra voluntariamente o braço, pela segunda vez, para chamar a atenção dos colegas e ganhar dinheiro deles é também autobiográfico, e ocorreu com o próprio Bonassi. Sua ficção, em geral, combina costumeiramente ficção e fatos reais, além de documentos e linguagens midiáticas, como em *Luxúria*, no que, respectivamente, a descrição de um vídeo, a decupagem de um audiovisual e o aproveitamento de uma carta de demissão constituem diversos capítulos.

O final trágico do romance, quando o pai de família, desesperado com a extensão das dívidas e com a própria demissão, mata o

cachorro e a família, para, em seguida, suicidar-se, confirma, de uma maneira oblíqua, o que Foucault compreendeu como a dimensão política da vida. O valor político da vida, ao contrário de interditar a violência, implica na injunção da morte de muitos, para assegurar a existência normalizada da maioria. Assim, a interiorização da menos-valia por conta das dívidas e da falência do projeto bovarista, ou seja, do seu fracasso como *homo oeconomicus*, leva o metalúrgico a exercer, por iniciativa pessoal e livre vontade, a autoextinção.

Nesse sentido, podemos também compreender tal desenlace, segundo a contribuição de Agamben, como o exercício do poder soberano do mercado sobre a vida-nua, aquela que deve ser aniquilada porque "é incluída no ordenamento unicamente sob a forma de sua exclusão (ou seja, de sua absoluta *matabilidade*)" (Agamben, 2012: 16).

Apesar das diferenças de classe entre os personagens de Houellebecq e os de Bonassi, e da flagrante diversidade de contextualização política dos respectivos enredos, o fato é que suas criações compartilham de claustrofobias aproximadas porque, embora as chances e as perspectivas existenciais no universo ficcional do primeiro sejam infinitamente mais amplas e a consciência dos personagens sobre os próprios impasses muito maior, a experiência da "plenitude do possível" (Foucault, 1999: 136), ou ainda, da vida como potencialidade, nestes mundos tão apartados, fica obliterada por determinismos de ordem biológica e econômica.

Mesmo em outra obra bastante distinta do perfil de *Luxúria*, embora contenha o mesmo tom enxuto, desafetado e direto, como é o caso de *Passaporte* (2001), o autor preserva o enfoque negativista e a notação satírica no recorte afiado de situações bastante diferenciadas, em termos geográficos e socioeconômicos. Trata-se de fragmentos curtos, de apenas um parágrafo, que concatenam um painel *bricoleur* da diversidade de vivências e situações humanas, no âmbito do capitalismo globalizado contemporâneo.

São 137 "cartões-postais de desilusão" que, num arco internacional, de Ji-Paraná à Europa Oriental surpreendem contingências amargas e extremas, desde, por exemplo, a prostituição das índias aculturadas, em Cuiabá, até a infindável espera de um homem em Hamburgo/Alemanha, para uma operação de mudança de sexo.

A natureza compósita da bricolagem não abala o pessimismo da abordagem, no que a abrangência amarga do olhar afina a pontaria em direção a todo vestígio de esperança no futuro.

Veja-se, a propósito, o fragmento "128 anotações em campo de refugiados":

> Fotografias amassadas em preces ininteligíveis; jogando paciência com a História; contando as favas, dormem o sono dos injustos os refugiados d'onde o céu pega fogo sem apocalipse. Guardados em contêineres mobiliados como bonequinhas de lixo (mercadorias pouco raras nesses continentes velhos de guerras, muito caras pra se misturar às populações locais). Reivindicam direitos, fazem filhos, forjam a hierarquia dos fodidos. Ao saírem em passeata pra televisão, colocam-se atrás das cercas farpadas, construídas por uma Europa assustada morrendo de dó. (Bonassi, 2001: 128)

Ao seguirem a lógica implacável do determinismo tecnoeconômico, a nosso ver, a reinvenção do social tanto em Houellebecq, quanto em Bonassi, como em outros autores do extremismo contemporâneo de diferentes nacionalidades,[4] passa pela aposta numa utopia apocalítica em que a máquina da mídia e a imersão na tecnologia comunicacional e no império do mercado, além da padronização dos

[4] Sweeney (2013: 29) assinala que Guénaire toma Houellebecq (assim como Marie Darrieussec, Igor Gran, Virgine Despentes, Maurice Dantec) como sendo o líder de uma nova escola de escrita, "apóstolos" de uma nova miséria, investidos como os "últimos herdeiros dos despojos do materialismo", no que decidiram "abolir o sonho" e "matar a beleza". Nesta linha extremista, podemos citar, entre escritores de outras nacionalidades, Helen Zahavi's, Don de Lillo, Bret Easton Ellis, Josée Yvon's, Orly Castel-Bloom's, Frédéric Beigbeder, Amélie Nothomb, Lucía Etxebarria, e Alberto Fuguet, entre outros.

indivíduos e comportamentos, promovem a impotência do controle humano sobre os efeitos da transformação tecnológica, em todos os níveis da fabricação social, reestruturando a existência em comum nas chamadas "sociedades de controle".

Talvez esta seja a forma dos fatalismos atuais plasmados pela "impregnação mass-midiática" inerente à "aculturação capitalística", onde avultam bancos de dados, inteligência artificial e imagens de síntese, e quando as vozes humanas se associam às maquínicas (Guattari, 1993: 186).

Daí o novo surto naturalista contemporâneo que pode ressuscitar Zola e sua convicção de que "o romance se tornou uma investigação geral sobre a natureza e sobre o homem" (Zola, 1982: 59, 61), que, desta feita, não pode mais dispensar a ciência e a tecnologia, em seu afã de metamorfosear comportamentos, corações e mentes, na vida social.

Guattari, num artigo publicado em 1987, propõe a distinção de "três fraturas históricas a partir das quais, no decorrer do último milênio, surgiram três componentes capitalistas fundamentais", que correspondem ao surgimento de novas subjetivações: "a idade da cristandade europeia", "a idade da desterritorialização capitalista dos saberes e das técnicas", "a idade da informatização planetária" (Guattari, 1993: 181-2).

Na primeira, caracterizada pela "cultura da cristandade protocapitalista, se estabelece "uma nova concepção das relações entre a Terra e o Poder" aliada a um "primeiro florescimento do maquinismo" que não desfez a "relação homem/ferramenta", ou seja, encontra-se ainda completamente inserido na primazia da iniciativa humana (Guattari, 1993: 184).

A segunda, iniciada em torno do século XVIII, será afirmada "por um desequilíbrio crescente das relações homem/máquina", quando sua percepção espaço/tempo ficará drasticamente modificada, em decorrência de um conjunto de fatores acumulados através

dos séculos: a disseminação da imprensa, a penetração do aço e das máquinas a vapor na vida cotidiana, as revoluções biológicas, a partir de Pasteur. Esta etapa se distingue pela ascensão do "Capital" como supremo paradigma de referência em todas as atividades humanas e em todos os campos de conhecimento, pela evolução ativa da ciência e da técnica (Guattari, 1993: 184).

A terceira consiste, por fim, na época da emergência "de uma subjetividade maquínica de um novo gênero" por meio da supremacia da mídia, das telecomunicações e do mundo digital, combinada à intervenção da engenharia biológica que certamente conduzirá mudanças profundas nas condições de vida do planeta, inerentes ao conjunto das inúmeras revoluções processadas (sobretudo informáticas e biotecnológicas) (Guattari, 1993: 186).

Embora reconheça que "o impasse subjetivo do capitalismo da crise permanente [...] parece total", o filósofo pretende que só "a passagem da era consensual midiática a uma era dissensual pós-midiática" poderia ser capaz de impor um novo padrão de engendramentos sociais alternativos (Guattari, 1993: 188-9).

Por sua vez, vários pesquisadores ao se debruçarem sobre as últimas discussões inerentes ao determinismo tecnológico contemporâneo, baseados em Mc Luhan, Neil Postman e outros cientistas do mesmo calibre, postulam o poder cultural das invenções tecnocientíficas de controlar radicalmente o mundo social. Como o reconhece o aluno do inventor do célebre emblema "o meio é a mensagem", hoje vivemos numa tecnópole, isto é, num mundo em que todos os signos e valores não tecnológicos se submetem à opressiva matriz tecnológica. Nesta linha, Postman argumenta ainda que o problema da tecnosubordinação sociocultural constitui uma espécie de "síndrome de Frankenstein", ou seja, implica no paradoxo de que uma invenção controlada passe, em pouco tempo, a submeter quem a inventou (*apud* Lima, 2001).

Não obstante, a questão está muito longe de ser encarada numa pauta única. Em meio a esta interminável polêmica, a socióloga

Ruth Finnegan pondera que, apesar de seu extremismo, a aposta no determinismo tecnológico ajuda a nos fazer mais alertas diante dos perigos que ameaçam a instabilidade do nosso presente mutante e a prevenir uma postura negligente, característica dos muitos olhares temerosos de negativismo, diante de um incontrolável porvir (Lima, 2001).

O tipo de ficção que focalizamos no presente artigo manifesta, antes e depois do novo século, como já aconteceu na virada do século XIX para o XX, um profundo mal-estar. Daí o seu radical pessimismo, o seu tom alarmado e apocalíptico diante do que "Deleuze&Guattari" descreveram como "a habilidade capitalista de afetar os micro-espaços da mente" (*apud* Sweeney, 2013: 77).

A ficção de ascendência satírica que procuramos ler, conforme ensina Frye, tenta "dar forma às ambiguidades e complexidades da existência não idealizada" e, por isso mesmo, constitui uma "paródia da estória romanesca" ou ainda, a inflexão da "ironia militante" (Frye, 1973: 219). Nesse sentido, o criador imprime à imperfeição do mundo que observa, um padrão moral para selecionar como absurdas determinadas atitudes convencionais. Nisto ele escolhe um caminho que será ora humorístico, ora grotesco, ora agressivo. Mas caminhos não são soluções, apenas apontam impasses e problemas a serem enfrentados.

A esse respeito, é bom lembrar a lição de Kierkegaard sobre o assunto:

> Se é preciso se precaver contra a ironia como diante de uma sedutora, igualmente é preciso *recomendá-la como guia para o caminho*. E exatamente em nosso tempo é preciso recomendá-la desta maneira. Assim, por exemplo, a ciência em nosso tempo chegou à posse de *um resultado tão prodigioso*, que *parece* até impossível; [...] A ironia é, como o negativo, o caminho; não a verdade, mas o caminho. Todo aquele que só tem um resultado como tal, não o possui; pois não tem o caminho. Quando então

> a ironia intervém, ela traz o caminho, não aquele caminho do qual pensa apoderar-se quem imagina possuir um resultado, mas aquele caminho no qual o resultado o abandona. Acrescente-se a isso que bem que deve ser vista como tarefa do nosso tempo (*vor Tids Opgave*) o traduzir o resultado da ciência para a vida pessoal, *apropriar-se pessoalmente* desse. (Kierkegaard, 2015: 250-1 – grifos do autor)

REFERÊNCIAS

Agamben, Giorgio. *Homo sacer O poder soberano e a vida nua* I. 2ª ed. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

Baudelaire, Charles. *Pequenos poemas em prosa*. Trad. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Benevides, Daniel. *O maior dos pecados*. Entrevista do escritor Fernando Bonassi sobre seu romance "Luxúria" à Revista Brasileiros [meio eletrônico] em 08 de fevereiro de 2016. Disponível em: <http://brasileiros.com.br/2016/02/o-maior-dos-pecados/>. Acesso em: 16 set. 2016.

Bonassi, Fernando. *Luxúria*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

_____. *Passaporte*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

Branco, Marcello Simões. "Tendências e desafios da ficção científica brasileira". *Megalon*. n. 70, Dez. 2003. Disponível em: <http://www.scarium.com.br/artigos/simao01.htm>. Acesso em 16 set. 2016.

Deleuze, Gilles. "Post-scriptum sobre as sociedades de controle" in *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34: 1992.

Duarte, André. "Sobre a biopolítica: de Foucault ao século XXI". *Cinética*. Programa Cultura e Pensamento. 2008. Disponível em: <http://www.revistacinetica.com.br/cep/andre_duarte.htm>. Acesso em: 16 set. 2016.

Durand, Alain-Philippe; Mandel, Naomi (edited by). *Novel of the contemporary extreme*. London/New York, Continuum: 2006.

Fauskevag, Yngvild. "Souffrance e recherche de la bonté perdue Une étude du roman *Les particules élémentaires* de Michel Houellebecq". Mastergrad i fransk litteratur, Institutt for litteratur onradesetudier og europeisk sprak. Varen: Universitetet i Oslo, 2007. Disponível em: <https://www.duo.uio.no/bitstream/handle/10852/25750/57982.PDF>. Acesso em: 16 set. 2016.

Foucault, Michel. *O nascimento da biopolítica*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *História da Sexualidade*, vol. I *A vontade de saber*. 5. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *Em defesa da sociedade*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Vigiar e Punir nascimento da prisão*. Trad. Ligia Pondé Vassalo 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado, Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Nau, 2002.

Frye, Northrop. *Anatomia da crítica*: quatro ensaios. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.

Gautier, Jules de. *Le Bovarysme*. 3. ed. Paris: Mercure de France, 1902.

Guattari, Félix. "Da produção de subjetividade". Trad. Suely Rolnik. In: Parente, André (Org.) *Imagem máquina à era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993: 177-191.

Houellebecq, Michel. *Les particules élémentaires*. Paris: Flammarion, 1998.

Jeffery, Ben. *Anti-matter: Michel Houellebecq and depressive realism*. Winchester, UK; Washington, USA: Zero Books, 2011.

Kehl, Maria Rita. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Kierkegaard, Søren. *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*. Trad. Álvaro Luis Montenegro Valls. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

Kristeva, Julia. *As novas doenças da alma*. Trad. Joana Angélica D' Avila Melo. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

Lima, Karina Medeiros de. "Determinismo tecnológico" In: Congresso Brasileiro da Comunicação da Intercom. 24, 2001, *Anais...* Campo Grande: INTERCOM, 2001. Disponível em: <http://www.infoamerica.org/do-

cumentos_pdf/determinismo.pdf>. Acesso em: 16 set. 2016.

Sloterdijk, Peter. *Regras para o parque humano uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

Sweeney, Carol. *Michel Houellebecq and the literature of despair*. London/New York: Bloomsbury Publishing Plc, 2013.

Tezza, Cristovão. *Partículas elementares*. [Texto apresentado no debate sobre o livro *Partículas Elementares*, de Michel Houellebecq, em 4 de novembro de 1999, no auditório da Folha de S. Paulo]. Disponível em: <http://www.cristovaotezza.com.br/textos/palestras/p_991104.htm>. Acesso em: 16 set. 2016.

White, Hayden. *Meta-história. A imaginação histórica do século XX*. Trad. José Laurênio de Melo. São Paulo: Editora USP, 1992.

Zola, Émile. *O romance experimental e o naturalismo no teatro*. Introdução, tradução e notas Italo Caroni, Célia Berretini. São Paulo: Perspectiva, 1982.

Reconfigurando identidades na produção literária da américa latina

Eduardo F. Coutinho
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade Federal Fluminense

Na América Latina, continente profundamente marcado por um longo processo de colonização ainda hoje vivo do ponto de vista cultural e econômico, a construção de cânones literários nacionais sempre esteve associada ao processo de formação e consolidação das nações. Daí a preocupação, presente na produção literária de cada um dos diferentes países latino-americanos, com a especificação de sua singularidade, definida por traços que o caracterizariam por oposição às outras nações do continente e a suas matrizes europeias. No entanto, esta preocupação sempre se expressou por meio de uma perspectiva ontológica que dava lugar a uma identificação entre o estado-nação e sua produção. Havia uma busca de constituição de um *corpus* literário que fosse a expressão fiel do "espírito nacional", uma espécie de entidade abstrata homogênea que foi frequentemente designada de "brasilidade", "argentinidade", "mexicanidade", e assim por diante. Recentemente, porém, devido ao questionamento que tem sido empreendido sobre esses conceitos, que passaram a ser vistos como construções historicamente localizadas, resultantes de interesses políticos específicos, a preocupação com a afirmação e definição de uma identidade cultural que respaldasse a imagem da nação dá lugar a uma verdadeira indagação que põe em xeque o caráter hegemônico dessas construções e aponta na direção de uma pluralidade de caminhos, todos provisórios e instáveis. Partindo da revisão crítica que tem sido feita de conceitos como os de "nação",

"identidade" e "literariedade", à luz de contribuições trazidas à tona pela Desconstrução, os Estudos Culturais e Pós-Coloniais e o Multiculturalismo, entre outras correntes do pensamento, este texto pretende ser uma discussão sobre a reconfiguração de identidades na produção literária da América Latina.

Desde o momento da chegada dos europeus ao continente latino-americano, iniciou-se um choque de culturas até hoje ainda não resolvido. Neste longo percurso de cinco séculos, mudaram-se atores, alteraram-se cenários, e as técnicas de confronto transformaram-se consideravelmente, mas a ação central da peça, a despeito de seus muitos subenredos, continuou a mesma. O texto, que se começou a esboçar no Diário de Bordo de Colombo[1] e se continuou a produzir ao largo do período colonial, já traz as marcas fundamentais do que seria, em séculos vindouros, o discurso sobre a América Latina. Calcados em duas figuras aparentemente dissímeis, mas marcadas no fundo por uma mesma atitude etnocêntrica, os atores desse período encararam os habitantes da nova terra ou como idênticos a eles mesmos, projetando nos primeiros seus próprios valores, ou como diferentes, e consequentemente inferiores, justificando com isso, de uma maneira ou de outra, a sua subordinação (Todorov, 1982). A América Latina era vista não pelos olhos de seus habitantes, que raramente se erigiram como sujeitos desse discurso, mas pela óptica do conquistador, que na realidade já começara a "inventá-la"[2] muito antes do desembarque em suas plagas.

O imaginário latino-americano, produzido nas línguas europeias a partir da chegada do primeiro navegador, forja-se assim como extensão do imaginário europeu e edifica-se nas crônicas da

[1] Sobre os textos de Colombo, ver a edição organizada por Consuelo Varela: *Cristóbal Colón: textos y documentos completos*. Madri: Aliaza Editorial, 1982.

[2] Empregamos este termo no sentido com que Edward Said o utiliza em seus livros *Orientalism* (1978) e *Culture and Imperialism* (1993).

conquista sob o signo do maravilhoso, ao qual se acrescenta o tônus legitimador da empresa colonizadora. Desse modo, descendem dos barcos as amazonas e gigantes, os canibais de um só olho e monstros de toda espécie usados como explicação para o que a ciência europeia não podia discernir, e emergem as cidades utópicas e as fontes de eterna juventude, o Eldorado e a Arcádia. A fauna e flora tropical são descritas com espanto pelas suas peculiaridades, desconhecidas dos relatores e nomeadas como maravilhas, solução para a tarefa contingente de sistematizar, de dar forma ao conjunto plural e informe de conteúdos recém-ingressados na história. E a essas maravilhas, construídas sob um eixo semântico duplo, ora de positividade ora de negatividade, soma-se o elemento que não poderia faltar: o tom eufórico que fornecerá o respaldo ideológico para a consolidação da conquista. Para um universo onde "em se plantando tudo dá" (Castro, 1996) e o ouro é encontrado como cascalhos no chão, não há quem não queira acorrer, a despeito dos riscos da empreitada.

Nesse discurso alheio, forjado com os olhos do conquistador e as armas da dominação, que atravessou três séculos de colonização política, surgem, no entanto, fissuras, que já nos primeiros momentos geraram certa tensão. Foram vozes alternativas, de firme expressão que, do próprio seio do discurso oficial, ousaram opor-se à corrente, levantando indagações e registrando a existência de uma outra subjetividade, de um espaço de alteridade. Esse espaço, inaugurado já nos primeiros anos da conquista com figuras como Frei Bartolomé de las Casas, chegou a constituir uma espécie de cânone colonial, em oposição ao metropolitano, assinalando uma tradição que se estende, na América Hispânica, de Juan Ruiz de Alarcón a Sor Juana Inés de la Cruz, passando por Garcilaso de la Vega e Sigüenza y Góngora (Castro, 1996), e se manifesta, no Brasil, com figuras como Gregório de Matos, Antônio Vieira e, posteriormente, os árcades da chamada Escola Mineira (Coutinho, 1997 e Candido, 1959). Ao lado dessas vozes, há ainda a tradição oral das

culturas indígenas, abafadas pela colonização e transcritas por vezes em línguas europeias pelos missioneiros, mas que se mantiveram vivas como forma de resistência cultural, e, finalmente, os discursos orais dos africanos desembarcados no Caribe e na costa atlântica, que desempenharão papel fundamental mais tarde nos processos transculturadores (Rama, 1982). Essas vozes, fiadoras de uma nova tessitura vão gerando uma consciência emancipadora que virá à tona, sob formas distintas, no século XIX.

Do mesmo modo que na situação colonial, na fase de emancipação política dos países latino-americanos, que corresponde, na maioria dos casos, à primeira metade do século XIX, o imaginário cultural se constrói em contraponto: de um lado, há uma consciência crescente da necessidade de se desenvolver um discurso próprio, que dê conta dos problemas específicos do continente e, de outro, a dificuldade de afastar-se dos modelos europeus, presentes em todas as instâncias da vida social, econômica e cultural. As nações americanas haviam conquistado sua independência política, mas os projetos nacionais haviam sido concebidos à luz dos referenciais europeus. Os líderes políticos e intelectuais do período, imersos no enciclopedismo e profundamente influenciados pela cultura metropolitana, construíram os alicerces das novas nações sobre os patamares hegemônicos contra os quais se haviam rebelado antes: seus códigos legislativos, suas formas de organização política e social, tudo foi calcado nas teses iluministas do progresso e do liberalismo. O olhar europeu mais uma vez, apesar da reação de um número maior de pensadores do que na época da colônia, encontrou-se na linha de frente das reflexões sobre a América Latina, dessa vez introjetado na figura do *criollo* e das classes dominantes que comandaram o processo independentista.

Um dos sintomas talvez mais evidentes da presença insistente desse olhar é o deslocamento, verificado nesse momento, na América Latina, do modelo cultural da Espanha e Portugal para a França. Tal

deslocamento não significou apenas uma forma de reação das ex-colônias a suas matrizes metropolitanas, mas também uma forma de penetração no processo de modernização que a França representava então como eixo da cultura ocidental. A partir daí, a França passará a constituir o grande referencial externo para a cultura latino-americana, seu ponto de apoio, de encontro e desencontro, e se converterá em tema e objeto de mistificação. A relação com a sua cultura fará emergir atitudes diversas e muitas vezes contraditórias, sempre conflituosas, mas jamais deixadas completamente de lado, nem mesmo na segunda metade do século XX, com a hegemonia econômica exercida pelos Estados Unidos. É da França que se irão importar os grandes modelos culturais que nortearão a vida latino-americana a partir desse período; é de lá que virão as principais correntes do pensamento e as mais significativas expressões das artes em geral e da literatura.

A independência política da maioria dos países latino-americanos, ocorrida nas primeiras três décadas do século XIX, deu ensejo, no meio intelectual da época, a uma onda patriótica que pode ser vista como o desejo de dotar as novas nações com o que Antonio Candido apropriadamente definiu, a respeito do Brasil, como "uma literatura equivalente às europeias, que exprimisse de maneira adequada a sua realidade própria", ou, em outras palavras, com uma "literatura nacional" (Candido, 1981, v.2: 9-10). A literatura era considerada, nesse período atribulado da vida latino-americana, como parte de um esforço construtivo mais amplo, que visava contribuir para a grandeza das nações recém-formadas. Ela era o respaldo necessário para a projeção da imagem das nações, e como tal deveria apresentar um perfil próprio. Construir uma literatura nacional passou a ser uma espécie de missão para os escritores da América Latina, que se lançaram, então, na busca de aspectos que pudessem conferir especificidade à sua produção, tornando-a distinta e, por essa mesma particularidade, à altura do que se produzia na Europa.

Todavia, no afã de delinear o que deveria vir a ser uma literatura própria, esses escritores incorreram em contradições que conferiram um toque especial à produção da época: movimentos estéticos europeus eram importados pela *intelligentsia* latino-americana e transformados significativamente no contacto com a nova terra, mas a visão de mundo que os havia originado se mantinha muitas vezes quase inalterada, ocasionando, no discurso literário, dissonâncias insolúveis. Afirmavam-se valores locais com um olhar internalizado da Europa e defendia-se a construção de uma nova tradição que tinha como referencial a antiga matriz.

O Romantismo, movimento dominante na Europa àquela época, não esteve imune a essas contradições. Importado pelas elites intelectuais latino-americanas, ele sofreu, no novo contexto, expressiva transformação, mas manteve no fundo grande identidade com os ideais europeus que o haviam enformado. Fiel a seus pressupostos básicos, que exaltavam a originalidade e a singularidade, no plano tanto pessoal quanto coletivo, o novo estilo incentivou na América Latina o culto aos elementos locais, desde a fauna e a flora tropicais até a configuração do tipo indígena como símbolo da nova terra. Contudo, encarou quase sempre esses elementos por um viés exótico, que explicitava a posição ambígua do intelectual latino-americano, cuja formação se calcava em instituições à europeia. O Indianismo, vertente talvez mais expressiva e mais nacionalista do Romantismo na América Latina, ainda que também originário da Europa, foi o maior exemplo dessas contradições. Surgida com Chateaubriand como uma concretização da teoria rousseauniana do *bon sauvage*, a idealização do indígena, que na França decorria de sua condição de "homem natural" em oposição a "civilizado", adquire, em alguns países da América Latina, em especial no Brasil, um novo alcance: o índio não é só o elemento nativo, mas também o habitante da terra à época do descobrimento, portanto, o representante de um passado que se queria exaltar. E com a fusão desses dois aspectos, o nativista

e o histórico, ele passa a ser o termo diferenciador por excelência da identidade latino-americana em oposição ao elemento adventício (o europeu e o africano) e se ergue como uma espécie de símbolo – ele é o elemento nacional *avant tout*. Entretanto, nas páginas literárias, a despeito de sua exaltação, ele não se desvencilha das contradições com que foi concebido e se apresenta como uma figura mista: em sua aparência física é o habitante da nova terra, o americano, mas em seus valores corresponde à cópia estilizada de um modelo europeu – o cavaleiro medieval – anacrônico e alheio ao seu contexto.

Se no período romântico, pós-independentista, fora grande a preocupação com a construção da identidade em nações que se vinham formando, e em cujo processo de formação os intelectuais desempenhavam papel de relevo, na década de 1920 a questão ocupou o cerne dos debates culturais, tendo sido inclusive uma das bandeiras da fase inicial das Vanguardas, como Oswald de Andrade muito bem expressou, de modo paródico, em seu Manifesto Antropófago (1928), com a fórmula "*tupy or not tupy*". Nessa época, de procura consciente e sistemática de identidade, em que a dependência cultural e econômica constituía um estorvo para a intelectualidade local, e em que a literatura já havia formado um cânone, uma tradição, os pressupostos que haviam constituído até então a imagem das diversas nações do continente passam por grande revisão crítica. À diferença do Romantismo, os movimentos de vanguarda se originaram da assimilação de aspectos das diversas correntes da chamada Vanguarda europeia, e a essa importação múltipla, a que não faltou um filtro crítico, acrescentaram outro: uma leitura crítica da própria tradição latino-americana, sobretudo do período romântico, momento crucial de afirmação da nacionalidade. Desse processo arguto e minucioso, que poderia ser representado, por exemplo, pela imagem da "antropofagia", central no Modernismo brasileiro, ou da "transculturação", criada pelo cubano Fernando Ortiz e aplicada à literatura por Ángel Rama (1982), resultou um

discurso literário ao mesmo tempo afirmativo e crítico, que, embora ainda preocupado com uma perspectiva ontológica – a construção da identidade dos diversos países latino-americanos –, substituiu a *naiveté* romântica por tintas fortemente paródicas.

Apesar desse tom crítico, que se encontra na base de todos os movimentos de Vanguarda na América Latina – desde o Ultraísmo de Borges e o *Creacionismo* de Huidobro até o Modernismo brasileiro –, a questão da identidade cultural e nacional ainda foi abordada nesses movimentos por uma perspectiva ontológica, o que explica em grande parte o fato de eles terem sido seguidos de uma série de movimentos regionalistas do tipo engajado, que tinham como meta a denúncia da realidade social e econômica do continente. A independência política já se achava plenamente consolidada na maioria, se não em todos os países latino-americanos, mas a dependência econômica e cultural ainda era um grande fardo. Desse modo, fortemente influenciados pelo que Jean-François Lyotard chamaria de "grandes narrativas da modernidade" (Lyotard, 1979), que tiveram ampla repercussão àquela época, e especialmente pelo Marxismo, os intelectuais da América Latina desenvolveram um gosto acentuado por questões locais, que, no campo da literatura, tomaram a forma desses movimentos regionalistas: ciclos como o do "gaúcho" e da "selva" na América Hispânica, por exemplo, o movimento indigenista nos países andinos, o romance da Revolução Mexicana e o romance do Nordeste no Brasil. Em todas essas obras, a região era problematizada – ela era a arena de conflitos e disputas sociais e econômicas –, e como tal constituía um contexto múltiplo e dinâmico; no entanto, a preocupação com a definição do próprio perfil através do traçado de um conjunto de características específicas lhe conferia uma espécie de dimensão estática, que a fazia ser vista como entidade natural. Além disso, ela era quase sempre abordada por uma óptica monolítica que neutralizava diferenças importantes:

a região era uma totalidade homogênea, definida por uma soma de rótulos ou estereótipos, e seus habitantes eram sempre tratados como tipos ou representações abstratas do contexto em que viviam.

Essa perspectiva estática e monolítica, que enfatizava a região, ou, em maior escala, a nação, ao chamar atenção para as suas diferenças, teve um papel relevante até meados do século XX, na medida em que constituiu uma força de resistência cultural contra o poder homogeneizador do imperialismo na América Latina. Entretanto, a visão totalizadora que ela fornecia das diversas regiões ou nações foi mais tarde bastante criticada e o cânone literário de cada uma dessas nações, que se tinha construído com base na ideia de afirmação nacional, tem sido agora duramente posto em xeque. Com a crítica aos *grands récits* levada a cabo pelos filósofos pós-estruturalistas franceses e, mais tarde, pelos defensores do Pós-Modernismo em todo o Ocidente, e o questionamento das noções de "identidade" e "nação", que passaram a ser vistas como construções discursivas e, por conseguinte, como conceitos históricos e flexíveis, as contradições presentes na construção das diferentes "literaturas nacionais" latino-americanas tornaram-se evidentes. Erigidos com o propósito de marcar as diferenças de cada nação em oposição às demais do continente ou a suas matrizes europeias, tais cânones se tinham baseado, no entanto, totalmente em referenciais europeus: só incluíam obras produzidas pela elite intelectual, cuja educação havia sido pautada em padrões europeus, e excluíam toda sorte de produção que não se encaixava nesse modelo. Assim, todo tipo do que poderia ser designado de "produção popular", ou a produção de outros grupos desprivilegiados, como as comunidades indígenas ou africanas espalhadas por todo o continente, era excluído do veio da chamada "literatura nacional" e relegado a segundo plano, geralmente sob o rótulo de folclore.

A consciência da condição de constructos desses conceitos, que haviam constituído pilares na formação dos cânones literários, e

o consequente desmascaramento da perspectiva ideológica presente na construção das diversas literaturas nacionais latino-americanas, deu origem no continente a uma verdadeira batalha do cânone, que mudou radicalmente a visão corrente da questão. Tomando a "identidade" agora, nas palavras de Stuart Hall, como "uma 'produção' que não está nunca completa, mas sempre em processo, e é sempre constituída por dentro, e não por fora, da representação" (Hall, 1994: 392), e a "nação" como uma "comunidade imaginada", na expressão de Benedict Anderson (1983), a ideia de um cânone único e oficial foi abandonada, e substituída pela noção de uma estrutura aberta, suficientemente flexível de modo a incluir um espectro de possibilidades, que variam de acordo com circunstâncias históricas diferentes. O cânone, segundo essa visão, não é uma entidade fixa, natural, mas uma construção como outra qualquer, ideologicamente marcada e sujeita a interesses de ordem eminentemente política; desse modo, ele é mutável e inteiramente dependente do olhar que lhe dá forma. Ao assumir este olhar, os intelectuais latino-americanos passaram a enfocar a questão por uma perspectiva múltipla, e o resultado foi surpreendente: toda aquela ampla produção até então excluída da órbita da literatura passou agora a ser levada em conta, tornando-se objeto de estudo, inclusive no meio acadêmico. É o caso, apenas para citarmos alguns exemplos, de línguas ainda vivas como o quíchua ou o guarani, da produção em *créole* no Caribe francês, das chamadas formas populares, como o *corrido* mexicano e o cordel brasileiro, e da tradição oral ou compilada, como a das lendas maias.

Essa abertura do cânone, se assim se pode chamar, é sem dúvida um fenômeno que se verificou em todo o hemisfério ocidental na segunda metade do século XX, e sua importância na América Latina foi altamente significativa, na medida em que tornou audível uma série de vozes silenciadas durante séculos. Comunidades indígenas ou africanas, cuja produção nunca havia sido levada a sério, passaram a ser estudadas em instituições acadêmicas, e criaram-se

centros especializados no desenvolvimento desses estudos. Novos grupos de imigrantes, de origem diversa, mas sobretudo europeia e asiática, também começaram a ter sua produção estudada, e em locais como as universidades surgiram novas áreas de especialização. Os estudos sobre a mulher tornaram-se um campo respeitável de pesquisas e os discursos sobre a literatura – a Teoria, a Crítica e a Historiografia – adquiriram um novo olhar, que põe em xeque as antigas barreiras entre a literatura e outras áreas do conhecimento, sobretudo a Antropologia, a Sociologia, a História e a Filosofia. Em suma, a heterogeneidade da cultura do continente passou a ser enfatizada, e conceitos como os de "literatura nacional", forjados no meio acadêmico europeu e baseados em noções de unidade e coesão, que serviram a interesses específicos em momento histórico também determinado, revelaram-se impróprios para expressar a realidade cultural híbrida de um continente onde nações como a Aymara, por exemplo, foram divididas pela imposição arbitrária de fronteiras políticas.

Mas a grande contribuição decorrente da substituição de macro por micronarrativas no panorama cultural da América Latina foi a consciência que se desenvolveu da importância das diferenças contextuais. Importado da América do Norte, onde as lutas pelos direitos dos grupos minoritários conquistaram espaços cada vez maiores a partir dos anos de 1960, o estudo da produção desses grupos adquiriu uma face diversa na América Latina, na medida em que se associou às lutas de classe social. E isso fica muito claro quando observamos que toda tentativa de reestruturação do cânone de qualquer país latino-americano tem sempre como eixo a inclusão de formas da chamada "cultura popular", marginalizada pelo veio erudito da tradição literária. A priorização dessas formas não se verifica, é preciso frisar, em detrimento da importância conferida a questões de ordem predominantemente étnico-culturais, até porque muitas vezes se torna impossível separar-se com nitidez uma seara

da outra, como é o caso do prestígio sempre exercido no continente pela palavra escrita sobre a falada, o que ocasionou violenta marginalização das culturas ágrafas de povos indígenas e africanos. Mas o que tem predominado em todas as instâncias, pelo menos como marco referencial na constituição dos cânones, têm sido oposições como aquela entre o erudito e o popular, que excluíam da artéria principal inclusive a produção de regiões menos prestigiadas. O fator sociocultural é tão significativo no contexto da produção latino-americana que tem constituído uma marca tanto nos estudos sobre a mulher quanto no de qualquer grupo étnico-cultural. Falar, por exemplo, da produção feminina na América Latina, ou da produção cultural de uma comunidade indígena ou africana não é o mesmo que falar de assuntos semelhantes na América do Norte, e o problema torna-se bastante evidente quando se examinam os recortes mais frequentemente efetuados pelos estudos realizados nos dois locais. As diferenças históricas, altamente expressivas em ambos os casos, não podem ser deixadas de lado, e é a consciência desse fato que está na base desses estudos atualmente no continente.

A mudança de foco verificada no seio dos estudos latino-americanos, que passaram da preocupação com a construção de uma literatura nacional para respaldar a identidade de um país para a preocupação com a representação da diversidade ou heterogeneidade desses países, é talvez o traço mais relevante desses estudos nas últimas décadas. E o melhor exemplo dessas mudanças pode-se observar na historiografia literária, que deixou de lado o seu cunho de compilação progressiva do veio canônico de uma literatura nacional e passou a contemplar as diferentes formas de produção cultural que floresceram naquele contexto. Como a "identidade" não pode mais ser vista em termos ontológicos, mas antes como um conceito múltiplo e em constante mutação, e a "nação" se revelou um constructo como outros, baseado, por exemplo, em referenciais de outra sorte, tais como a etnia, a religião ou a língua, a História Literária

abandonou seus pilares tradicionais e se tornou a articulação de sistemas ao mesmo tempo imbricados, superpostos e dinâmicos. É como uma disciplina marcada pelo signo da pluralidade e do dinamismo que ela vem realizando hoje, na América Latina, sua tarefa de reconfiguração de identidades.

REFERÊNCIAS

Anderson, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Londres: Verso, 1983.

Andrade, Oswald. *Manifesto Antropófago*. 1928. In Teles, Gilberto Mendonça (org.). *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1977.

Candido, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 6ª ed. 2 vols. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

Castro, Silvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha: o descobrimento do Brasil*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

Coutinho, Afrânio (org.). *A Literatura no Brasil*. 4a ed. 6 vols. São Paulo: Global, 1997.

Hall, Stuart. Cultural Identity and Diaspora. In Williams, Patrick & Chrisman, Laura (orgs.). *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory: a Reader*. New York: Columbia Univesity Press, 1994.

Lyotard, Jean-François. *La condition postmoderne: rapport sur le savoir*. Paris: Minuit, 1979.

Rama, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. México: Siglo XXI, 1982.

Said, Edward. *Culture and Imperialism*. New York: Vintage Books, 1994.

Said, Edward. *Orientalism*. New York: Pantheon, 1978.

Todorov, Tzvetan. *La conquête de l'Amérique: la question de l'autre*. Paris: Seuil, 1982.

Varela, Consuelo (org.). *Cristóbal Colón: textos y documentos completos*. Madri: Alianza Editorial, 1982.

Paisagens em movimento na poesia contemporânea - Caminhos franco-português-brasileiros

Ida Alves
UFF/CNPq

Que relações podemos traçar entre Literatura e Geografia? Se, do ponto de vista das classificações de áreas de conhecimento, trata-se de dois domínios distintos e afastados, na perspectiva dos escritores, há trajetos de reflexão comuns os quais podem servir de pontes entre essas grafias do mundo. Não é propriamente original falar disso, ainda mais considerando a grande produção teórica e analítica francesa a respeito disso, de escritores-geógrafos e de paisagem,[1] mas, no Brasil, esse ângulo de apreciação não tem merecido atenção mais detida, pelo menos na área dos estudos literários comparados. Por isso, nosso trabalho nos últimos anos tem sido demonstrar a produtividade desse encontro interdisciplinar, procurando especialmente pensar a relação entre paisagem e poesia contemporânea com base nos estudos desenvolvidos pelo professor Michel Collot (Sorbonne – Paris 3), que dirige le Centre de Recherches "Écritures de la Modernité", associé au CNRS, autor de diversas obras sobre poética, poesia francesa moderno-contemporânea e filosofia da paisagem. Com esse quadro teórico em mente, compreendemos a poesia também como uma *geo-grafia,* na medida em que se constitui como pensamento crítico sobre ocupar e viver espaços: habitar tanto no mundo como na linguagem.

[1] Ver a respeito, por exemplo, Roger, 1995.

1. Paisagem e literatura

Nas últimas décadas, a consciência ecológica tem se desenvolvido de forma acentuada frente aos mais diversos problemas provocados pelas modificações que o homem imprime ao espaço circundante. As ações predatórias contra a natureza, a sua rarefação frente à expansão cada vez maior da malha urbana, tem fomentado uma discussão ampla sobre a proteção e a vivência dos espaços naturais e, por consequência, das paisagens. Renomados geógrafos, antropólogos e sociólogos, desde os anos 70, vêm publicando trabalhos fundamentais a respeito, renovando o modo de considerar a noção de paisagem e compreendê-la em sua relação com a cultura contemporânea. Em decorrência, essa noção foi retomada para além do campo geográfico propriamente dito, e é discutida em diversas áreas das ciências sociais e humanas, sob os pontos de vista morfológico, funcional e simbólico. Essas abordagens propõem, naturalmente, modos particulares de estudar a paisagem, mas há um ponto comum na diversidade: a correlação questionadora entre sujeito e natureza, compreendendo a paisagem como *dado* construído, ou seja, uma estrutura de sentidos, uma articulação cultural, envolvendo percepção, concepção e ação, como demonstram, em obras já referenciais, Alain Corbin, Alain Roger, Anne Coquelin, Augustin Berque, Pierre Nora e Pierre Sansot, entre outros pesquisadores franceses de destaque. Todos esses trabalhos se entrecruzam na perspectiva de que discutir a paisagem hoje é observar e tensionar a relação que o homem mantém com o espaço circundante por meio da experiência do olhar e do domínio da linguagem. Como afirmou Berque (1994: 12), a paisagem

> não reside somente no objeto, nem apenas no sujeito, mas na interação complexa entre esses dois termos. Essa relação que coloca em jogo diversas escalas de tempo e espaço não implica menos a instituição mental da realidade que a constituição ma-

> terial das coisas. E é à complexidade desse cruzamento que se relaciona o estudo paisagista.[2]

Já Alain Roger buscou demonstrar como a paisagem resulta de um processo que ele denominou de "artialization", ou seja, "est un produit de l'art", construção da sensibilidade humana frente ao mundo (1997: 18).

Nos estudos literários sobre a narrativa, o espaço tem sido categoria constante de análise e a própria literatura brasileira produziu, no século XX, obras emblemáticas em torno da experiência espacial como *Vidas Secas,* de Graciliano Ramos, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, apenas para citar três títulos incontornáveis. Mas só recentemente, entre nós, vem se constituindo de forma mais sistematizada uma produção analítica sob a percepção da paisagem como processo relacional entre sujeito, palavra e mundo, registro de lugares de habitação e construção social, cultural e estética, a partir de experiências individuais ou coletivas. No Brasil, enquanto nas áreas da geografia humana e cultural, os estudos de paisagem são recorrentes, envolvendo mesmo, por vezes, obras literárias, na área de Letras, estudá-la, na atualidade, parece a alguns ser um retorno pouco original a um tema do passado, já que a valoração de paisagens naturais e sua relação com personagens romanescos ou sujeitos líricos foram tópicos importantes do Romantismo brasileiro na busca de diferenças identitárias em relação à produção estética europeia. Antonio Candido, uma grande referência dos estudos literários no Brasil, escritor, ensaísta, crítico e professor de teoria literária e literatura

[2] li "ne réside ni seulement dans l'objet, ni seulement dans le sujet, mais dans l'interaction complexe de ces deux termes. Ce rapport, qui met en jeu diverses échelles de temps et d'espace, n'implique pas moins l'institution mentale de la réalite que la constitution matérielle des choses. Et c'est à la complexité même de ce croisement que s'attache l'étude paysagère." (1994: 12)

comparada da USP, falecido recentemente com 98 anos, demonstrou há muito como a paisagem foi um dispositivo fundamental para a constituição da identidade nacional na literatura brasileira oitocentista. Também na formulação do modernismo brasileiro (a partir de 1922), o tema da paisagem recebeu, de forma geral, dois tratamentos: de um lado, houve certa indiferença à questão como reação a nacionalismos ufanistas sobre nossa natureza ou representações rurais folclóricas; de outro, a partir de um engajamento político forte, de orientação especialmente marxista, cresceu uma produção literária regionalista (sobretudo, do Norte e Nordeste) aliando denúncia social, observação crítica espacial e preocupações estéticas tendo como objeto a natureza e paisagens locais: muito se escreveu sobre o ciclo da borracha e a exploração do seringueiro ou a exploração madeireira, na Amazônia, a seca e a miséria decorrente do homem do nordeste, a destruição dos espaços indígenas, etc. Por isso, em nosso presente, voltar a falar de paisagem corria o risco de um anacronismo crítico ou um *déjà vu* analítico. No entanto, a força dos estudos paisagísticos, hoje, é inegável, assumindo novos contornos e possibilitando outras relações interpretativas. Para além da especificidade da linguagem literária, pensar a paisagem permite uma abertura teórico-crítica bastante interessante alimentada pelo diálogo multidisciplinar, constituindo-se, nas últimas décadas, um tema fundamental, e mais do que isso, um trajeto necessário para pensar a arte e sua participação no tecido social, principalmente na avaliação de uma realidade dominante em nossa percepção cotidiana: a paisagem urbana.

De fato, essa abordagem teórico-crítica se torna ainda mais provocativa, se considerarmos que estamos vivendo no tempo de um urbanismo veloz que vai, inexoravelmente, engolindo a natureza que nos cerca. As obras literárias contemporâneas apresentam com destaque a questão urbana e, em decorrência, refletem sobre as figurações ou desfigurações da natureza provocadas pelas expe-

riências de sujeitos fortemente marcados por conflituosas relações com o espaço e a percepção de mundo mediada por instrumentos que exploram a realidade virtual.

No nosso campo de pesquisa, esse interesse fomentou a criação do Grupo de Pesquisa UFF/CNPq Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa (site: http://www.gtestudosde-paisagem.uff.br/), liderado por nós e pela Profª. Dra. Marcia Manir Feitosa, da Universidade Federal do Maranhão, e a ampliação de uma rede de pesquisadores interessados pela questão paisagística em diferentes direções. Nessa rede, destacamos a importância do ensaísmo do professor e poeta Michel Collot e todo o seu trabalho desenvolvido em mais de trinta de anos de publicações e atividades de pesquisa sobre horizonte e paisagem na poesia francesa moderna, além do Seminário Permanente, que coordena, na Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3, intitulado Vers une géographie littéraire, no âmbito de Programme de Recherche "Écritures de la Modernité"; do Grupo da Universidade Nova de Lisboa (Portugal) que vem elaborando um Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental e do Grupo Paisagem e Património – Seminário Interdisciplinar de Investigação – CHAIA – Centro de História da Arte e de Investigação Artística, da Universidade de Évora. Também o Grupo de Investigação INSULA, da Universidade dos Açores, Portugal. Do lado brasileiro, os grupos dedicados aos estudos de paisagem são poucos e, de certa maneira, isolados no campo da Geografia Humanista e Cultural. Por isso, temos nos preocupado em traduzir obras de Michel Collot, como Poética e Filosofia da Paisagem (organizado para o leitor brasileiro) para ampliar o alcance desses estudos entre nós e estabelecer novas redes de investigação. Outra ação concreta que estamos realizando para fortalecer cada vez mais esse tipo de abordagem, no âmbito da língua portuguesa, é a criação de um site intitulado Páginas luso-brasileiras em movimento: literatura, história e turismo, constituído por um corpus de fragmentos lite-

rários que têm a paisagem como elo, possibilitando ao usuário, por meio de comentários paisagísticos aplicados aos textos escolhidos, a imersão na cultura de língua portuguesa, do século XVI (quando o Brasil passou a existir como espaço ocupado pelos portugueses, reconhecidamente pioneiros do processo de globalização) ao século XXI. O site, com ferramentas de pesquisa, conteúdo progressivo e ilimitado com a colaboração de diversos pesquisadores brasileiros e estrangeiros (portugueses e franceses, sobretudo), tem como objetivo possibilitar que leitores de diferentes espaços da língua portuguesa possam navegar por diferentes textos literários atravessados por figurações, configurações e refigurações da paisagem, suscitando-se questões sobre a recepção geográfica dos textos literários, a memória dos lugares, vivência espacial e práticas turísticas. A paisagem como eixo temático central dessa base propicia não só infinitas relações entre as literaturas de língua portuguesa, como também evidencia tópicos fundamentais do pensamento-paisagem. Na primeira fase, os textos literários selecionados são brasileiros e portugueses; na segunda, entrarão fragmentos de obras das literaturas africanas de língua portuguesa. Em última fase, teremos fragmentos de obras das literaturas de línguas portuguesa que abordem outras paisagens que não sejam nem brasileiras, nem portuguesas, nem africanas e, nesse momento, Paris é uma forte paisagem urbana presente em nossos textos literários oitocentistas e da primeira metade do século XX.

A partir do tópico da paisagem, pretende-se assim a abordagem multidisciplinar de certas linhas de investigação que envolvem, na compreensão da cultura de língua portuguesa, as tensões da visualidade (o excesso e o domínio de imagens, o diálogo crítico entre literatura e artes visuais), as experiências do espaço natural (subjetividade e construção cultural de paisagens) e a preservação da memória cultural (abordagens históricas dos espaços, percursos ficcionais e configurações turísticas contemporâneas). Tal site está sediado virtualmente no Real Gabinete Português de Leitura, insti-

tuição centenária, de perfil marcadamente luso-brasileiro, localizada no Rio de Janeiro, Brasil, em parceria com a Universidade Federal Fluminense. Essa base de dados visa ainda a extrapolar o espaço universitário para alcançar o ensino fundamental e médio (alunos e professores) brasileiro, português e africano de língua portuguesa, por meio de atividades didático-pedagógicas sugeridas e divulgadas on-line que despertem o interesse pelas questões abordadas, o prazer de leitura e a percepção de lugares e paisagens da cultura de língua portuguesa, pois trata-se de fortalecer o conhecimento literário como formador de cidadãos mais conscientes da importância da vivência de espaços geográficos e de debater temas que estão na pauta de todas as discussões atuais sobre ambiente, natureza e qualidade de vida. A consulta livre e gratuita por leitores de diferentes lugares, brasileiros ou não, possibilitará uma forma inovadora de conhecer e divulgar tais literaturas sem fronteiras e com uma perspectiva de compreensão que privilegia a paisagem como operador de imaginários: basta lembrar do mar, em Portugal; do sertão, das praias e das florestas, a "tropicalidade", no Brasil. Sua alimentação e ampliação significará uma sedutora metodologia de trabalho na área de estudos de literaturas de língua portuguesa, com sede numa biblioteca das mais importantes no mundo, incentivando-se a leitura e a pesquisa, com aplicação direta na educação literária em todos os níveis, a partir da linguagem informática, seus processos e possibilidades virtuais.

Nesse site, diferentes colaboradores oriundos de muitas Universidades apresentam obras literárias selecionadas (narrativa ou poesia) do século XVI ao XXI, dando ênfase ao modo como espaços que podem ser referenciados geograficamente são figurados e refigurados pela escrita literária por subjetividades que se formam especialmente no exercício do olhar sobre o espaço circundante. Com essa perspectiva, continuamos a nos valer da formulação crítica da *paisagem* como estrutura de interação cultural, como vem sendo discutida e reavaliada em diferentes áreas de estudos, seja

também com base na poética no âmbito da chamada "crítica temática" de Jean-Pierre Richard (1984), seja na abordagem atualizada da fenomenologia hermenêutica, praticada por Michel Collot (1988, 1989, 1997, 2005 e 2008). A eles, unem-se ainda linhas de reflexão filosófica já trilhadas por Paul Ricoeur (2000), sobre a relação entre texto e ação no mundo e a de Merleau-Ponty (1991, 2002 e 2006), sobre visualidade e percepção/experiência de mundo, sem repetir aqui uma longa bibliografia específica produzida em França nas últimas décadas.

Tal site já construído e no ar permite ao usuário, progressivamente: 1- uma coletânea de textos literários portugueses e brasileiros selecionados à volta do eixo paisagem; 2- na consulta desses textos, hiperlinks com anotações, informações, relações intertextuais e intersemióticas, diálogos interdisciplinares com as áreas de Geografia, História e Turismo; 3- propostas de utilização didática de dados e coletânea de ensaios, artigos sobre os textos literários escolhidos na perspectiva dos estudos de paisagem e questões correlatas. Enfatizamos a importância dos hiperlinks, pois são eles que movimentam o texto visitado pelo leitor, possibilitando diálogos intertextuais, relações imagéticas, informações diversas, comentários que ampliarão a leitura e acesso a outros materiais que agregarão maior conhecimento sobre os textos lidos.

A visualidade em torno de espaços naturais e construídos configura literariamente problemas culturais determinados: seja a relação entre o espaço físico como objeto de análise e as formas de percepção paisagística; seja o diálogo constante entre literatura e outras artes questionadoras do espaço e da paisagem, como a pintura, o cinema e a fotografia; seja pela relação entre literatura, cultura e turismo, proporcionando uma compreensão mais viva da habitação do mundo. Além disso, a relação paisagística possibilita o encontro de diferentes textualidades que transitam nas diferentes literaturas, levando a análise sobre o texto literário a se expandir

para a reflexão histórica, geográfica e para a apreensão turística cultural. Esse estudo valoriza as relações palavra e imagem, leitura e experiência dos espaços, além de permitir que três domínios de conhecimento dialoguem entre si: letras (ler o mundo), história (memória do mundo) e geografia e turismo (experiências de espaços do mundo). São temas de interesse cada vez maior que o homem contemporâneo, na sua condição predominantemente urbana, experimenta de forma efetiva.

No âmbito dos estudos teóricos com aplicação nos estudos literários, há uma produção, principalmente de origem francesa, que se debruça sobre a paisagem como experiência fundamental de visualidade estabelecendo também trajetos de questionamento sobre subjetividade, alteridade e conhecimento de mundo. A arte contemporânea vem pensando muito atenta e criticamente a predominância da superexposição que veio a caracterizar inegavelmente o século XX a partir da presença cotidiana e bastante disseminada da fotografia, do cinema, da televisão, e mais recentemente da tela do computador. Imersos cada vez mais na visualidade excessiva, como questiona Virilio e Didi-Huberman, a produção artística age como uma espécie de frenagem[3] na velocidade das imagens, reaproximando o fruidor do jogo de detalhes e de perspectivas que a obra de arte pode provocar. Se discutimos a percepção da paisagem como percepção sobre o estar no mundo e o estar na escrita, lugares de habitação e reflexão cultural, social e estética, a partir de experiências de sujeitos individuais ou coletivos, retomando a discussão sobre a subjetividade lírica e alteridade, referência e metáfora, sobre novas bases conceituais e a partir de diferentes experiências culturais

[3] Justamente sobre esse tema, publicou-se num jornal brasileiro de grande circulação, O Globo, uma resenha sobre o livro de poesia Câmera Lenta, de uma jovem e cada vez mais referenciada poeta contemporânea, Marília Garcia. (Ver O Globo, 14/10/2017, resenha de Bolívar Torres, segundo Caderno – Prosa).

contemporâneas, intentamos radicalizar a questão da paisagem no exame detido de como diferentes escritores dão conta de experiências das paisagens que os rodeiam em suas páginas literárias.

Ora, frente à nossa realidade cotidiana, onde está a paisagem? Se aceitamos que ela se configura para além da materialidade da natureza ao ser o resultado de uma construção cultural a partir do olhar que o homem lança à natureza, aos seus elementos concretamente percebidos, não é a cidade uma paisagem dominante, resultado da ação humana exatamente sobre a natureza? Se é verdade que a literatura continua a nos dar muito exemplos de obras que tratam da natureza e seus elementos mais visíveis, como o mar, rios, a floresta, o deserto, o céu e o horizonte, por exemplo, em narrativas ou poemas, é também pertinente dizer que o espaço urbano é, cada vez mais, uma textualidade que o literário examina e expõe como paisagem dominante. Também antropólogos e sociólogos, e citamos dois nomes apenas, Paul Virilio e Zingmunt Bauman, publicaram inúmeras obras sobre a relação íntima entre o homem e a cidade, e as novas relações que a tecnologia vem provocando na ocupação de todos os espaços. Virilio, com sua dromologia, evidencia a velocidade como um dos vetores mais importantes na compreensão de novas relações entre os sujeitos e o espaço à volta, assim como o excesso de visualidade e virtualidade que, inevitavelmente, são as marcas características de nosso presente de megalópoles e metrópoles. Em decorrência dessa realidade perceptiva transformada, estabelecem-se novos problemas e questões a resolver. A literatura, portanto, não consegue ser indiferente a isso e não é, já que o texto literário é sempre do seu presente e é sempre uma grafia do mundo que se pisa concretamente, ainda que seus caminhos sejam ficcionais.

2. Poesia e paisagem

No amplo campo da literatura, porém, nosso trabalho pessoal trata da poesia moderna e contemporânea de língua portuguesa. Buscamos não apenas a compreensão de uma determinada produção poética de um autor, mas o delineamento de uma lírica que demonstra o domínio da paisagem urbana a refletir o nosso tempo. Também temos discutido a hipótese de que essa produção se constrói, dominantemente, com uma escrita elegíaca, ou seja, transforma em linguagem lírica sua relação lutuosa com a cidade, já que se afirmam subjetividades em falha e descontentes com um espaço que consideram arruinado, desfigurado e provisório. As experiências do urbano em diversas poéticas denotam, pois, uma percepção pessimista de mundo, tornando visível uma ausência da natureza, com os sujeitos a experimentarem os *não-lugares* (Augé, 2004) cada vez mais presentes na vida citadina.

Ainda que cada poeta desenvolva uma linha de apreensão do mundo, observamos, por exemplo, na poesia publicada desde os anos 70, um olhar mais acentuadamente urbano e uma atenção mais evidente sobre subjetividades que se figuram nas experiências da errância, da mobilidade e da ausência. A paisagem se estabelece como lugar de interrogação com o qual o poeta se defronta e para o qual leva o leitor atento.

Nessas poéticas, a geografia é o entrecruzar de ruas ou estradas ou ir em busca de cidades que se vão mostrando também lugares sem memória e sem resistência à massificação cultural que parece atingir todos os espaços da terra hoje. Vale citar uma passagem do estudo da geógrafa brasileira Ana Fani Carlos (2001: 328-9) sobre a vivência do espaço urbano na metrópole de São Paulo, no qual afirma que o estranhamento e o desencontro[4] são as consequências

[4] O ponto de partida de nossa pesquisa é o desencontro entre o tempo de transformação do espaço da metrópole – visto a partir das mudanças no plano da morfologia – e o tempo da vida de um indivíduo. Isto é, o que

imediatas da experiência de um espaço radicalmente transformado frente a um tempo vivenciado na velocidade e no efêmero.

Esses dois conceitos que a investigadora enuncia são produtivos para pensar como as subjetividades contemporâneas configuram suas percepções paisagísticas. Essas experiências de desencontro e de estranhamento estão significativamente presentes em obras poéticas em que podemos encontrar de forma evidenciada graus diversos de mal-estar existencial do sujeito lírico. Que experiência geográfica há para se escrever agora? Sem *locus amoenus*, sem Áticas, sem Novos Mundos, resta dizer a nossa vivência em espaços limitados e controlados, e nossa epopeia particular é percorrer ruas com seus sinais, habitar em prédios, penetrar em cafés, shoppings, supermercados, perder-se em não-lugares como aeroportos, estações de trem, de metrô, sentido um momentâneo alívio ao pisar em jardins públicos e artificiais. Essa poesia tão atenta ao cotidiano, acusada muitas vezes de superficial e descuidada na linguagem e na imagética, revela, com ironia e desilusão, novas geografias da emoção, do conformismo diário à amargura insolúvel. Vejamos três exemplos que indicarão apenas uma aproximação muito rápida à problemática que vimos discutindo.

Para o poeta do Rio de Janeiro, a natureza é uma realidade muito presente no tecido urbano, muito constitutiva do seu modo de ser e viver: a praia principalmente, os morros que estão em todos os cantos da cidade, a floresta em perímetro urbano, o contorno da baía de Guanabara, o contraste de cores entre mar, vegetação e

---

percebemos hoje é que há uma contradição entre o tempo da vida - que se expressa na vida cotidiana (tempo e espaço que medem e determinam as relações sociais), e o tempo de transformação da cidade, que produz no mundo moderno, particularmente na metrópole, formas sempre fluidas e sempre cambiantes que podem ser entendidas, em toda a sua extensão, no lugar, nos atos da vida cotodiana, revelando no horizonte nova articulação entre espaço e tempo, tendo como limite último o esvaziamento dos espaços apropriados.[...]

céu, enfim, a natureza, ainda que confrontada com o crescimento urbano (com média ou grande desordem urbana, em muitos casos), é tão presente que o olhar cotidiano acaba se tornando indiferente a ela. Para o poeta de São Paulo, talvez a materialidade dos altos prédios, a concentração de construções, a visualidade urbana sejam mais onipresentes. O elemento natural mais paisagístico é o Rio Tietê,[5] que a atravessa. São Paulo e Rio, como complexos urbanos enormes, cuja população se conta por muitos milhões,[6] possibilitam uma relação com a natureza bastante complexa e tensa. A partir dos anos 80, a violência foi se acelerando no Brasil em diversos níveis, situação provocada pela falta, então, de políticas governamentais efetivas frente às injustiças sociais e pelo domínio do narcotráfico no espaço citadino, o que gerou uma experiência urbana muito traumatizante. Isso reflete-se, de maneira geral, na produção literária brasileira contemporânea, sobretudo na narrativa. Mas também na poesia houve a expressão desse estranhamento. Muitos poetas de São Paulo expressam muitas vezes que a paisagem que lhes resta é a da metrópole de concreto, vidro e asfalto onde não há mais espaço para qualquer humanismo; os poetas do Rio contrastam a beleza da paisagem com a violência absurda que pode explodir a qualquer momento. O olhar do sujeito lírico vai desfigurando a paisagem com a percepção de que ela é violada por um urbanismo descontrolado e suas consequências: a indiferença, a solidão, a desmemória. Vários poetas contemporâneos tratam desse viés como Annita Costa Malufe, Marcos Siscar, Carlito Azevedo, Alberto Pucheu, Paulo Henriques Brito, Marília Garcia, entre outros. Naturalmente, fazemos aqui um

[5] O termo "tietê" é originário da língua tupi e significa "água verdadeira", através da junção dos termos ty ("água") e eté ("verdadeiro"). Extensão de 1.010 km.

[6] Compare-se com as três outras mais populosas cidades do Brasil: Salvador, Brasília e Belo Horizonte, cujas populações ficam em torno de 2,5 milhões.

recorte limitado da diversificada produção brasileira, destacando os dois grandes centros de produção de cultura.

Já na literatura portuguesa, duas construções imagéticas dominaram por longo tempo: de um lado, o espaço do mar, como desejo de horizonte, experiência de alteridade e poder; de outro, os limites da província, como necessidade de enraizamento para um povo sempre em trânsito (nas navegações e nas emigrações do século XIX e XX). Entretanto, ao longo do século passado e sobretudo em seus últimos decênios, esses dois espaços imagéticos foram deslocados radicalmente pela necessidade de expressar a experiência urbana e suas novas práticas espaciais. Face a esse panorama, a ausência de paisagens naturais ou a certeza de sua degradação tornaram-se pontos constantes de observação na poesia mais recente. Nessa escrita, vê-se o domínio cada vez mais forte dos espaços fechados onde se abrigam sujeitos em busca de um campo de observação do mundo: os cafés, os bares, os quartos de pensão ou de hotéis, os automóveis, os trens, constatando a indiferença, o desencontro e o despaisamento.

Não será inútil lembrar aqui que, em Portugal, país de longa tradição agrária, a rápida transformação a partir da abertura, em todos os níveis, provocada pela Revolução dos Cravos, em 1974, provocou mudanças fundas na sensibilidade espacial. Isso, em termos de repertório simbólico, significou a perda de lugares de memória, o não reconhecimento espacial, a opressão da técnica e do tecnológico interrompendo transações efetivas. Já um poeta maior do oitocentismo português, Cesário Verde, notara o aprisionamento do homem na cidade, sua Lisboa oitocentista, em transformação capitalista: "[...] Semelham-se a gaiolas, com viveiros, / as edificações somente emadeiradas; // [...] Triste cidade! Eu temo que me avives / Uma paixão defunta! // [...] Mas se vivemos, os emparedados, / sem árvores, no vale escuro das muralhas! [...]" (Verde, poema "O Sentimento dum Ocidental", 1992). No entanto, serão especialmente

os poetas que começam a publicar nos anos setenta do século XX que vão dizer mais ostensivamente que Cesário estava certo.

Vale lembrar um poeta e crítico contemporâneo como Joaquim Manuel Magalhães, autor de poemas instigantes para essa perspectiva, e voz com a qual poetas mais jovens dialogam diretamente. Suas páginas críticas, publicadas nos anos 80 e 90, bem refletiram sobre a rarefação mental e cultural no espaço português. Em um dos seus mais citados livros de ensaios críticos – *Os dois crepúsculos* (1981) –, o crítico manifesta-se não só sobre a poesia de alguns de seus contemporâneos como também sobre a sociedade de que é participante. Entre as crônicas sobre isso, destacamos uma intitulada "Sobre praias", em que o autor ataca veementemente o comportamento consumista e massificado de uma população que transforma a paisagem da praia num cenário sem ordem, sem educação e sem respeito humano e ecológico. Essa população "embrutecida" produz sem limites lixo e é inconsciente de sua degradação cultural e existencial.

> O que estou é a dar voz ao pavor, talvez pessoal, sem dúvida aumentado pela mediocridade das situações, de nelas assistir à massificação dos desejos. [...] É isto a sociedade de massas: promover que todos queiram a mesma coisa, até ao ponto de todos exigirem de si que queiram a mesma coisa que todos. Quer se planifique o desejo, quer se faça dele mais-valia, vai tudo dar ao mesmo montão de gente que, neste caso, está à beira-mar (313 – 315).

Trata-se assim de falar de uma condição urbana difícil de suportar, vivida cotidianamente como um peso, uma violência interior. Se em metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro,[7] a violência se caracteriza de forma mais evidente com efeitos realmente criminosos, na poética portuguesa esse mal-estar é de outra fonte: interna

[7] Sobre a narrativa e poesia brasileira contemporâneas, na perspectiva da vivência do espaço, ver Sussekind, 2005.

e emocional, nomeando na linguagem poética a sensação de precariedade, de atravessamento físico pela velocidade de tudo (meios de transporte, telas, meios de comunicação e afins), afastando cada vez mais os sujeitos de seus afetos e de suas certezas, separando-os de uma memória afetiva ligada a pequenos territórios de emoção (a infância, a família, os amigos), o que gera solidão, estranhamento e aprisionamento existencial. Valeria a leitura de poemas de Manuel de Freitas, Carlos Bessa, Inês Dias, Felipa Leal e Luis Quintais.

A desfiguração da paisagem natural (e de um imaginário do *locus amoenus*) ou a configuração de uma paisagem urbana não acolhedora parece impor aos poetas contemporâneos o tom elegíaco condizente com as experiências de perda, de vazio e de morte simbólica, em termos socioculturais, de suas realidades citadinas. A retomada da elegia como forma renovada da poesia mais recente merece aprofundamento. As experiências do urbano na contemporaneidade e seu reflexo no texto poético nos leva a pensar como essa atmosfera de ruína, de estranhamento e de desencontro se torna matéria de um lirismo onde domina não a heroicidade moderna, mas a forte humanidade do um sujeito lírico que não oculta sua fraqueza, sua banalidade diária, seus medos e precariedades. Como desenvolve Jean-Michel Maulpoix (2000),[8] trata-se de observar no lirismo do final do século XX a renovação da elegia e a impossibilidade da épica e da ode.

[8] "Tandis que l'épopée raconte les hauts faits et que l'ode encense les vainqueurs, l'élégie médite sur l'action et sur le sorte de l'homme. Elle devient volontiers gnomique et sentencieuse. Elle correspond à un relatif désengagement du poète vis-à-vis de l'action: son intériorité filtre et décompose les éléments objectifs du monde qui sont données à observer plus qu'à louer ou transformer. L'élégie est introspective. On y observe une dégraditon fatale de l'élément épique, en même temps qu'un effort pour en dégager le sens. L'élégie accomplit ainsi un glissment de l'épique vers le lyrique. [...] Travail de deuil et de mémoire, toute élégie formule un deuil qui doit être dépassé." (2000: 193-194)

Já em relação aos países africanos lusófonos, a questão da representação da paisagem tem que ser tratada com outras balizas, pois a relação do homem com o espaço é muito diversa da do homem europeu ou americano. Sobre isso, compreende-se como as literaturas desses países são melhor recebidas no Brasil do que o texto europeu, pois o leitor brasileiro, com fortes raízes africanas, com uma memória abafada da cultura indígena e um passado colonial, parece reconhecer nessa produção seu rosto, para discutir os dilemas de sociedades colonizadas, formadas pela mestiçagem de culturas. A relação com a natureza significa uma forma de religação entre homem e a terra, entre o natural e o divino, com o tempo a correr na sua eternidade. O sujeito lírico, meio deslocado disso, busca reaproximar-se de uma memória existencial que lhe dá identidade e sentido.

3. À guisa de conclusão

Acreditamos na perspectiva de Michel Collot[9] de que se torna cada vez mais necessária a efetivação de um grande plano de trabalho conjunto para constituir concretamente uma Geografia Literária, como área de conhecimento, tanto no seu aspecto diacrônico como sincrônico, permitindo que o estudo de paisagem deixe de ser um interesse pontual, a partir de um olhar interno de uma disciplina, para atingir o estatuto de uma nova área de investigação que, com metodologia definida e sistematização de conceitos oriundos de uma teorização da percepção, de mais ampla reflexão histórico-filosófica, de uma perspectiva cultural e linguística mais dialogante, discutirá grafias do mundo, grafias do literário, em torno de um operador específico: a paisagem, para saber formular questões interdisciplinares próprias a uma contemporaneidade de globalização e de contínuos deslocamentos físicos e mentais, movimentos espaciais que se revelam também e muito no texto literário, essa outra espécie de geo-grafia.

[9] Ver, de Michel Collot, Pour une géographie littéraire, 2014.

REFERÊNCIAS

Berque, Augustin, *Cinq propositions pour une théorie du paysage*, Seyssel, Editions Champ Vallon, 1994.

Augé, Marc, *Não-lugares*, introdução a uma antropologia da supermodernidade, 6e ed. São Paulo, Papirus, 2007.

Carlos, Ana Fani Alessandri, *Espaço-tempo na metrópole*, São Paulo, Contexto, 2001.

Collot, Michel, *L'Horizon fabuleux* I (XIXe siècle) et II (XXe siècle), Paris, José Corti, 1988.

Collot, Michel, *La Poésie moderne et la structure d'horizon*, Paris, PUF, 1989.

Collot, Michel, "La notion de paysage dans la critique thématique", dans Michel Collot (dir.), *Les Enjeux du paysage*, Bruxelles, Ousia, 1997.

Collot, Michel, *Chaosmos*, Paris, Belin, 1997b.

Collot, Michel et *al.* (dir.), *Paysage et poésie du romantisme à nos jours*, Paris, José Corti, 2005.

Collot, Michel, *Le corps cosmos*, Paris/Centre National du Livre, 2008.

Collot, Michel, *Poética e filosofia da paisagem*, Rio de Janeiro, Oficina Raquel, 2013.

Collot, Michel, *Pour une géographie littéraire*, Paris, Corti, 2014.

Magalhães, Joaquim Manuel, *Os dois crepúsculos - sobre poesia portuguesa actual e outras crónicas*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1981.

Maulpoix, Jean-Michel, *Du lyrisme*, 3. ed., Paris, José Corti, 2000.

Merleau-Ponty, Maurice, *O visível e o invisível*, São Paulo, Perspectiva, 1991.

Merleau-Ponty, Maurice, *O olho e o espírito*, Lisboa, Vega, 2002.

Merleau-Ponty, Maurice, *Fenomenologia da percepção*, São Paulo, Martins Fontes, 2006.

Richard, Jean-Pierre, *Microlectures II – Pages paysages*, Paris, Seuil, 1984.

Ricoeur. Paul, *Do texto à acção* – ensaios de hermenêutica, Porto, Rés, 2000.

Roger, Alain, *La Théorie du paysage en France 1974-1994*, Syssel, Champ Vallon, 1995.

Sansot, Pierre, *Poétique de la ville*, Paris, Méridiens Klincksick, 1988.

Sussekind, Flora, Desterritorialização e forma literária. Literatura brasileira contemporânea e experiência urbana, dans *Literatura e sociedade* – Revista do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada – USP, n. 1: 60-81, São Paulo, 2005.

Verde, Cesário, *Obra completa*, 6ª ed., Lisboa, Livros Horizonte, 1992.

Virilio, Paul, *Espaço crítico*, Rio de Janeiro, Editora 34, 1993.

"Onde no mundo": o jogo do aqui e do alhures na poesia de Lu Menezes

Paula Glenadel
(Universidade Federal Fluminense/ CNPq)

1. Introdução

Maurice Merleau-Ponty concebe a pintura como uma investigação da relação do sujeito com "o mundo que é segundo minha perspectiva para ser independente de mim, que é para mim a fim de ser sem mim, de ser mundo" (Merleau-Ponty, 2014: 35). Essa consciência da posição do *eu* em relação ao mundo, que subjaz ao trabalho do pintor, se opõe a qualquer projeto de submissão da contingência ao entendimento. Explorando em seu livro *O olho e o espírito* a oposição entre o conhecimento de mundo proporcionado pela ciência e aquele proporcionado pela pintura, interrogando as considerações de René Descartes sobre a visão e o pensamento, Merleau-Ponty propõe uma profunda meditação sobre o território da arte, ali onde, como na poesia muito pictórica da poeta brasileira Lu Menezes (Maranhão, 1948), ver, ser e pensar se interpelam.

Nesse livro, o fenomenólogo põe em questão o pensamento cartesiano, tendo em vista desenvolver suas teses sobre a pintura e sobre a percepção. Nesse sentido, ele atualiza a ideia que Descartes tem da visão, através de um jogo sutil com a modulação de um aqui e de um alhures que serão doravante definidos pela posição do *eu*

em um mundo do qual ele faz parte do mesmo modo que toda coisa visível. Com isso, o *eu* simultaneamente perde e ganha, uma vez que ele abandona a posição de domínio do processo visual, mas, em compensação, seu olhar se torna criador do espaço.

O espaço não é mais aquele de que fala a *Dióptrica*, rede de relações entre objetos, tal como o veria uma terceira testemunha de minha visão, ou um geômetra que a reconstituísse e a sobrevoasse, é um espaço contado a partir de mim como ponto ou grau zero da espacialidade. Eu não o vejo segundo seu envoltório exterior, vivo-o por dentro, estou englobado nele. Pensando bem, o mundo está ao redor de mim, não diante de mim (Ibidem: 27).

A referência a Merleau-Ponty para uma leitura de Menezes se justifica em função da insistência com que a pintura visita a sua poesia, tanto através da frequente evocação de pintores, quanto através da importância que a cor e a visualidade assumem em muitos poemas. Além disso, essa referência reencontra também um gesto crítico da própria poeta, que invoca outro livro desse filósofo, *O visível e o invisível*, em um comentário que ela faz sobre a obra do poeta brasileiro Francisco Alvim (Araxá, 1938); Menezes relembra aqui a reflexão de Merleau-Ponty a partir da expressão "carne do mundo" utilizada por Alvim em um poema, da qual emana a imagem de um "músculo de poltrona numa sala / de montanha ancorada na chuva" (Menezes, 2013: 65).

Encontra-se também em Merleau-Ponty uma reflexão sobre a imagem e o imaginário, noções certamente fundamentais para a arte e para a poesia de modo geral e para a de Menezes de modo particular. A relação entre o corpo "imerso no visível" (Merleau-Ponty, 2014: 14) e as coisas vistas por ele constitui o enigma da visualidade, que é o objeto do trabalho do pintor. A partir dessa relação, o filósofo permite pensar em toda sua complexidade paradoxal certas localizações como *exterior* e *interior*, *longe* e *perto*, *próprio* e *alheio*:

> A palavra imagem é mal afamada porque se julgou irrefletidamente que um desenho fosse um decalque, uma cópia, uma segunda coisa, e a imagem mental um desenho desse gênero em nosso bricabraque privado. Mas se de fato ela não é nada disso, o desenho e o quadro não pertencem mais que ela ao em si. Eles são o dentro do fora e o fora do dentro, que a duplicidade do sentir torna possível, e sem os quais jamais se compreenderá a quase-presença e a visibilidade iminente que constituem todo o problema do imaginário. [...] O imaginário está muito mais perto e muito mais longe do atual [...]. (Ibidem: 16)

Como para a poesia meneziana, a noção de espaço nasce de uma relação ao mundo que compreende sempre já uma distância, mesmo no interior da maior proximidade, e que problematiza a definição do visível e da imagem. Os espaços desenhados por essa obra poética oferecem, assim, ricas perspectivas para compreender a experiência contemporânea como submetida a uma lógica do deslocamento, implicando a fluidificação, a circulação e as passagens através de espacialidades preestabelecidas.

2. Passar além, retornar – lugares dos gêneros e do saber

É essa a direção seguida pelas reflexões desenvolvidas em um pequeno livro de poesia publicado em 2016, composto de uma parte assinada por Lu Menezes, tendo como título *Onde no mundo*, e de uma parte assinada pelo poeta Augusto Massi (São Paulo, 1959), tendo como título *Gabinete de curiosidades*, fórmula escolhida para intitular o conjunto. Para preparar esse livro, os dois poetas trabalharam a partir de um certo tipo de objeto ou de ação que abriu caminho a investigações formais, discursivas e ideológicas diversas.

Para Massi, trata-se dos pregos, dos parafusos, dos martelos, das ferramentas de todo tipo jogando ironicamente com a sua referência a um universo masculino, confrontado àquele do bordado (mas em diálogo com o desenho), escolhido por Menezes. Nele,

agulha, linha, tela, bastidor, entre outros, compõem um universo exageradamente feminino – *mas que também dá acesso,* por uma lógica expansiva que os *associa a seus correspondentes abstratos, a toda uma geografia imaginária, onde a*s figuras privilegiadas são o ponto, a linha, o campo.

Aliada à distância irônica em relação à questão da identidade de gênero, a escolha das duas epígrafes, colocando em cena a "agulha" e o "alfinete" como representantes alegóricos dos dois gêneros no texto e tomadas aos contos de Machado de Assis, vem confirmar a precariedade dessas duas posições, masculina e feminina, que se encontram relativizadas pelo viés dessa aproximação citacional. A epígrafe de Menezes, extraída do conto *Um apólogo*, diz: "Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça" (Massi, Menezes, 2016: 8); a de Massi, do conto *História ordinária*, diz: "Quanto à minha qualidade de alfinete, não é preciso insistir nela. Sou um simples alfinete vilão, modesto, não alfinete de adorno" (Massi, Menezes, 2016: 34).

Como um eco dessa discussão, no poema "Elã bilateral", colocado na abertura do livro, Menezes expõe sua tarefa e seus interesses poéticos, pondo em relação o movimento em direção ao conhecimento e a condição feminina, sem os associar nem os dissociar *a priori*, recusando, assim, se entrincheirar em lugares fixos. É o sentido trazido ao poema pelo uso do prefixo *extra* - ("extrafeminino") que aqui, longe de significar, sobretudo como na linguagem publicitária onipresente em nossas sociedades, o mesmo multiplicado por ele mesmo, mais ele mesmo do que nunca, indica um além ou uma exterioridade do mesmo, acenando para uma outra palavra do poema, "extraterrestre".

Elã bilateral

Texto sobre “bordado” a ser tecido
e os bastidores insinuando-se sopram
que o tomate a gente vê crescer
e a batata, não. Um sinal
de que direito e avesso
exposto e oculto
aqui devem valer, guiar
já que saber algum
me traz ao terreno
– só velho fascínio
feminino-extrafeminino.
Seja então o que eles,
bastidores, quiserem!

-x-

Quase rejeito
um novo motivo agrícola, pois a estufa
ao remover “todas as incertezas climáticas”
removeria todos os campos do nosso campo de visão,
tanto os cultivados em compasso humano
– belos bordados paisagísticos –
como os que amanhecem
transfigurados
por extraterrestres
prodigiosos. Entretanto

tendo a invenção da estufa
driblado a praga de certa lagarta
que na maçã verde entra por um lado
e pelo outro sai como mariposa
– Irrompa de vez no proscênio
o elã bilateral dos bastidores!
(Massi, Menezes, 2016: 9-10)

A poeta expõe aqui seu desejo de pensamento, sustentado pela figura do bastidor que, fazendo se inverterem as superfícies, servira de dispositivo de observação do mundo.[1] A diferença que ela estabelece entre *saber* e *fascínio* nos fala dessa enigmática reversibilidade entre "direito e avesso", entre "exposto e oculto", e encontra as reflexões de Merleau-Ponty citadas anteriormente.[2] Seria necessário, para tentar resolver esse enigma, olhar simultaneamente os dois lados; entretanto, só se pode contemplar um deles a cada vez. Com efeito, já que o poema constrói a consciência de que, tomado isoladamente, o avesso das coisas não revela mais sobre o mundo do que o direito, o enigma se mantém. Um tal desejo e uma tal consciência constituiriam uma maneira propriamente poética de conhecer, implicando um saber "sem saber ", sem acumulação nem conclusão unívoca, que propõe um desafio a nossos hábitos de pensamento.

[1] Em relação a certos trabalhos artísticos que utilizaram o bordado para denunciar opressões políticas ou sociais, como os de Bispo do Rosário, Rosana Palazyan, Zuzu Angel, Arpilleras, entretanto, Menezes manifesta uma reticência quanto a englobá-los no "crivo errante dos bastidores", como ela expõe no seu poema "Linhas de tensão" (2016: 20-2). Nisto, seu gesto não deixa de evocar a posição de Jacques Derrida, para quem a justiça era o indesconstrutível, ou o horizonte da desconstrução.

[2] E outras ainda, como por exemplo: "O pintor vive na fascinação". (Merleau-Ponty, 2014: 18)

Esse desejo de ver o avesso das coisas, ou seja, também a brecha, a abertura, a deiscência que elas trazem em si, já aparece com nitidez em um poema de 2011, "Onde o céu descasca", do livro que tem esse mesmo título:

Onde o céu descasca

No interior
da pizzaria pintada de azul com nuvens
um ponto
onde descola a tinta, onde o céu descasca
denuncia
o sórdido teto anterior
descor
de burro quando surge
E é só
o que delicia certo solitário comensal
– esse ponto no qual
extramolduras
o apetite de um Magritte por superfícies
genuína companhia lhe faz
– Genuína companhia...
num simulacro de céu, tal ninharia?
Yes!, no mínimo mais
que a fatia no prato,
o pedaço de teto nu e cru
– amostra menor do limbo,

do franco, fiel, frio limbo –

duraria, oh sim, duraria

(Menezes, 2011: 18)

Nesse poema que coloca em evidência a palavra "onde" desde seu título – a palavra será retomada três vezes ao longo dos versos –, Menezes trabalha as relações entre a arte e a realidade, através da imagem do "simulacro de céu" no interior da pizzaria, cuja pintura vai se estragando e revela, diante do olhar do "solitário comensal", uma fenda na superfície celeste. Uma vez que essa pequena revelação roça o sentido etimológico de *apocalipse* como desvelamento (cf. o inglês *revelation*), o poema nos transporta, sem anúncio e sem trombetas, modesta e comicamente, na direção da origem e do fim do nosso mundo – de nossas representações. Ele nos coloca diante de um "ponto" de impasse da formalização, encontrando-se com aquilo que Raúl Antelo apresenta como uma discussão da arte contemporânea em seu apego ao real e ao impossível, baseada na leitura dos poemas de Pier-Paolo Pasolini feita por Alain Badiou em À *la recherche do réel perdu*.

Veja-se: a história acabou, que é a mesma tese de Godard, só há história(s). Mas Pasolini não é Fukuyama. Então, diríamos, o que está terminado, para Pasolini, para Badiou, é a história como formalização, mas isso não impede, antes estimula, que se busque uma história dos impasses da formalização. Só que, a meu ver, a história dos impasses da formalização se chama *arqueologia*. (Antelo, 2016: 94)

Em um sentido foucaultiano, mas não exclusivamente, essa arqueologia buscaria decerto as regularidades, mas para nelas praticar rupturas e montagens, a exemplo da imagem dialética benjaminiana, aquela que dá a ler na irrupção de um passado no presente o sentido profundo e urgente deste. Já que a *arché* de que aqui se trata não coincide com uma origem situada atrás, mas

antes a uma força plástica originaria que salta sobre o presente (*Ursprung*) para moldá-lo, Antelo pode evocar Benjamin acerca da aura em termos que se aproximam de um processo de montagem: "De fato, no ensaio sobre a obra de arte, em 1936, Benjamin define a *aura* como um singular cruzamento de espaço e de tempo, como a aparição única, singular, de uma distância, mesmo no espaço do mais íntimo e próximo" (Ibidem: 127).

Nesse sentido, é possível afirmar que no título do livro de Massi e Menezes, *Gabinete de curiosidades*, há uma alusão a uma força arcaica semelhante, representando uma espécie de espírito que se poderia talvez chamar de "pré-científico ", na falta de um termo mais preciso,[3] e tendo como efeito colocar a reflexão sob o regime simbólico de uma lógica outra. Em sua relação ao conhecimento, os gabinetes de curiosidades que apareceram na Europa do Renascimento representavam uma maneira de descobrir um mundo longínquo, no tempo ou no espaço. Se é certo que suas coleções, que às vezes podiam ser visitadas, migraram posteriormente para os museus e jardins botânicos, nem por isso esses gabinetes deixaram de ser objeto das críticas dos homens de ciência dos séculos seguintes, em razão de sua falta de método ou da tendência ao divertimento que os caracterizavam. Eles podem ser situados no contexto desse movimento da "prosa do mundo", das similitudes e das analogias, características do pensamento renascentista, cuja lógica é descrita por Michel Foucault em seu livro *As palavras e as coisas*, inscrevendo-o em uma confrontação com o pensamento do período clássico que logo iria se impor.

No começo do século XVII, nesse período que, com razão ou não, se chamou barroco, o pensamento cessa de se mover no

[3] Como se verá um pouco adiante, Barthes emprega a palavra "para-ciência" em uma reflexão sobre um tema bastante próximo deste; mas o sentido arqueológico da leitura de Antelo sobre o conceito benjaminiano foi provavelmente o que convocou o prefixo "pré-"em meu texto.

elemento da semelhança. A similitude não é mais a forma do saber, mas antes a ocasião do erro, o perigo ao qual nos expomos quando não examinamos o lugar mal esclarecido das confusões. "É um hábito frequente", diz Descartes nas primeiras linhas das *Regulae*, "quando se descobrem algumas semelhanças entre duas coisas, atribuir tanto a uma quanto à outra, mesmo sobre os pontos em que elas são na realidade diferentes, aquilo que se reconheceu verdadeiro para somente uma das duas".[4] A idade do semelhante está fechando-se sobre si mesma. Atrás dela só deixa jogos. "[...] Doravante as belas figuras rigorosas e constringentes da similitude serão esquecidas. E se tomarão os signos que as marcavam por devaneios e encantos de um saber que ainda não se tornara razoável" (Foucault, 1992: 66).

Em sua organização e em sua visada, o *Gabinete* de Massi e Menezes jogaria então, de certo modo, com essa possibilidade "aurática", realizando montagens que injetam distância em relação à maneira atual, habitual, de conhecer o mundo. Ele evocaria, deslocando-a na direção das técnicas e dos objetos de fabricação humana, a maneira de conceber a natureza no pensamento de antes do período clássico, "razoável", descrita por Foucault.

Até Aldrovandi, a História era o tecido inextrincável e perfeitamente unitário daquilo que se vê das coisas e de todos os signos que foram nelas descobertos ou nelas depositados: fazer a história de uma planta ou de um animal era tanto dizer quais são seus elementos ou seus órgãos, quanto as semelhanças que se lhe podem encontrar, as virtudes que se lhe atribuem, as lendas e as histórias com que se misturou, os brasões onde figura, os medicamentos que se fabricam com sua substância, os alimentos que ele fornece, o que os antigos relatam dele, o que os viajantes dele podem dizer. A história de um ser vivo era esse ser mesmo, no interior de toda a rede semântica que o ligava ao mundo. (Ibidem: 143)

[4] A nota é de Foucault e remete a "Descartes, Œuvres philosophiques (Paris, 1963, t. I: 77)".

Contudo, por outro lado, Roland Barthes encontrou indícios desse fascínio pelo avesso perturbador das coisas, que indiquei em Menezes, em pleno coração do projeto racional dos Enciclopedistas: "De modo geral, a *Enciclopédia* é fascinada, à força de razão, pelo *avesso* das coisas: ela corta, ela amputa, ela esvazia, revira, ela quer passar *por trás* da natureza. Ora, todo avesso é perturbador: ciência e para-ciência se misturam, sobretudo no nível da imagem" (1972:105).[5] Ele indica desse modo o que poderíamos chamar, com Jacques Derrida, de uma certa lógica "autoimunitária" da própria razão.[6] Nas pranchas da *Enciclopédia*, Barthes lê um irrealismo e uma violência que excedem o objetivo didático do pensamento das Luzes na direção de uma poética das imagens "na qual o real é incessantemente excedido por outra coisa (*o outro* é o sinal de todos os mistérios)" (Ibidem: 103). Assim, esse saber de tipo "clássico" guardaria ainda muito de desrazão em sua visada analítica:

> Entretanto, assim que deixamos a vinheta pelas pranchas ou imagens mais analíticas, a ordem pacifica do mundo se abala em proveito de uma certa violência. Todas as forças da razão e da desrazão concorrem para essa inquietude poética; primeiramente, a própria metáfora, de um objeto simples, literal, faz um objeto infinitamente estremecido: o ouriço é *também* sol, ostensório: o mundo nomeado nunca está garantido, incessantemente fascinado por essências suspeitadas e inacessíveis. (Ibidem: 104)

[5] Todas as citações do texto de Barthes aparecem neste artigo em tradução minha. Assinalo, contudo, que existem traduções para o português publicadas no Brasil, como Barthes, Roland. As pranchas da enciclopédia. *Novos ensaios críticos / O grau zero da escritura*. Trad. Heloysa de Lima Dantas et alii. São Paulo: Cultrix, 1974, e Barthes, Roland. As pranchas da enciclopédia. In: *O grau zero da escrita* seguido de *Novos ensaios críticos*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

[6] Ver La raison du plus fort (Y a-t-il des États Voyous?), em Derrida, Jacques. *Voyous. Deux Essais sur la Raison*. Paris: Galilée, 2003.

Esse texto de 1964 mantém um diálogo com a análise das epistemes por Foucault em seu livro de 1966 que provavelmente mereceria ser aprofundado em outro momento. É preciso, entretanto, assinalar ainda que Menezes, na entrevista concedida por ela e por Massi à Masé Lemos acerca do *Gabinete de curiosidades*, evoca com bastante pertinência a leitura barthesiana das pranchas da *Enciclopédia* para descrever suas impressões sobre o funcionamento do trabalho que os dois poetas realizaram nos dois grupos de textos. Segundo Barthes, a maioria dessas pranchas é formada por duas partes; na parte inferior, a ferramenta ou o gesto (objeto da demonstração), isolado de todo contexto real, é mostrado em sua essência; ele constitui a unidade informativa e essa unidade é, na maior parte do tempo *variada*: detalham-se seus aspectos, os elementos, as espécies; essa parte da prancha tem o papel de *declinar,* de certo modo, o objeto, de manifestar seu paradigma; ao contrário, na parte superior, ou vinheta, esse mesmo objeto (e suas variedades) é tomado em uma cena viva (geralmente uma cena de venda ou de confecção, loja ou oficina), encadeado a outros objetos no interior de uma situação real: encontramos aqui a dimensão sintagmática da mensagem; e, assim como no discurso oral o sistema da língua, perceptível sobretudo no nível paradigmático, fica de certo modo *escondido* atrás do fluxo vivo das palavras, assim a prancha enciclopédica atua ao mesmo tempo na demonstração intelectual (por seus objetos) e na vida romanesca (por suas cenas). (Ibidem: 94-5).

Todavia, quando Lemos retoma essa observação da poeta sobre a organização sintática ou paradigmática, tentando fazê-la *corresponder* ao trabalho de cada um dos dois poetas, "tendência" é a palavra que Menezes considera mais justa. Seja como for, o trabalho de Menezes nesse livro evocaria para o contemporâneo, "teatralmente" poder-se-ia dizer, uma outra lógica, em concorrência com a era do "razoável", indicando em todo caso uma outra relação com o pensamento e com o mundo.

3. A imaginação geo-gráfica

Mas a sedução pela prosa desses conjuntos heteróclitos e pelo que eles contam sobre o mundo não se limita a esse livro, e se manifesta em toda a sua obra, como por exemplo no poema "Um Rio luso-holandês", de 2011. Sublinhando o *gráfico* no *geográfico*, a cena construída pelo poema é, ainda uma vez aqui, a de uma pintura mural que atrai o olhar do sujeito colocado no interior de uma loja; na ausência de "diques de contenção", o espaço do Rio de Janeiro aparece deformado-reformado, no sentido de um fantástico paisagístico que confunde os acidentes do relevo geográfico da cidade e incorpora construções típicas de um outro continente.

Um Rio luso-holandês

Além de lado a lado alinhar
Pão de Açúcar, Corcovado, Pedra da Gávea, Dois Irmãos,
o Rio pintado em parede da padaria "Joia"
tinha moinhos de vento à beira da baía.

A enseada carioca
turbinada pela mente aglutinante do pintor
ancorada em uma Holanda sem Mondrian,
sem diques de contenção,
era ainda enriquecida pelo mecenas português
expondo por sua vez
– contra a liquidez azul pincelada –
na prateleira de laticínios, entre latas de leite em pó Ninho
um ventilador empoeirado,

subtipo tropical de moinho.
E o girar dos diversos tipos de pá
no olhar de um freguês
iria alimentar
– enquanto seu café durasse –
incerta energia vital elementar
empurrando-o, de novo, a ordenhar
a volúvel vasta vaca azul-lavável chamada imaginação.
(Menezes, 2011: 23)

A relação de "similitude" entre os tipos de leite (em pó; virtual, oriundo da ordenha da vaca imaginação) e entre os tipos de pá (do moinho; do ventilador) articula e multiplica as imagens, experimentadas como lugares abertos onde o pensamento se produz. O poema põe também em cena a imaginação, em suas voltas ilimitadas, como motor ou alimento do pensamento. Compreendendo a imaginação no sentido forte, como produção de imagens "pensantes" capazes de inventar relações semânticas que ainda não existem, longe do sentido enfraquecido de simples "fantasia", reencontramos aqui poetas como Charles Baudelaire ou Wallace Stevens[7] que insistiram no papel determinante dessa "rainha das faculdades" (Baudelaire, 1976: 619) para o trabalho do artista e para a vida do homem. Comentando as propostas de Stevens, Alcides Cardoso dos Santos afirma que é preciso pensar a imaginação "[...] como permeando todas as instâncias da vida do homem, tais como a política, a religiosa, a

[7] Seria interessante observar aqui que Lu Menezes defendeu uma tese de Doutorado sobre a questão da cor na poesia de João Cabral de Melo Neto e de Wallace Stevens (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2001).

familiar, etc., como uma atividade imaginativa que se difunde em nossas vidas" (op. cit.: 149).

A imaginação cria mundos possíveis, "importa o irreal para dentro do que é real" (Stevens, op. cit.: 150), organiza a profusão material em *imago mundi* — a "imagem do mundo que nos concerne vitalmente" (op. cit.: 151) —, possuindo inegavelmente uma dimensão vital, metafísica, a nossa "única pista para a realidade" (op. cit.: 137), como pretendia o poeta (Santos, 2013: 34).[8]

Para essa poesia meneziana altamente imaginativa, que joga filosoficamente com as distâncias e com as escalas de grandeza, é no circuito entre o globo ocular e o globo terrestre e inversamente, que a questão do "onde" toma seu sentido mais amplo. O interesse pelo jogo entre o "máximo" e o "mínimo", pelo trajeto "Diminuindo--aumentando" (Menezes, 2011: 100), pelas "distâncias incomensuráveis" ou "distâncias não-mensuráveis" que intitulam uma série de poemas de Menezes, encontra-se exemplarmente manifestado no poema "Tombamento da noite (Distâncias não-mensuráveis III)" (Ibidem: 50). Nesse poema, "Certo joalheiro / incrusta em pulseira de concreto / só aqui e ali / um diamante // Ele deseja / que nela se veja algo como / – de madrugada – / engastada num prédio apagado / uma ou outra / janela acesa" (Ibidem: 50). Em afinidade com ideias como "É no meu olho que o mundo diminui" (Quintane, 2004: 33), "a natureza está no interior", segundo a fórmula de Cézanne citada por Merleau-Ponty (2014: 15), ou ainda "a mente / [...] é menor que o olho", segundo as palavras de Stevens citadas no poema "Campos, pontos" (Massi, Menezes, 2016: 18), o poema explora "o trajeto do grande ao pequeno objeto" (Menezes, 2011: 50).

[8] As referências dessa citação remetem à obra de Stevens, *The Necessary Angel:* Essays on Reality and the Imaginação, Random house, Inc., 1951.

É possível compreender a arte do joalheiro descrita no poema como uma tentativa de "desmedir a grandeza"[9] (Derrida, 2012: 262), que corresponde também à questão levantada por Barthes em seu texto sobre as pranchas da *Enciclopédia*: "a poesia não é um certo poder de desproporção, como viu tão bem Baudelaire descrevendo os efeitos de redução e de precisão do haxixe?" (1972: 102). A desmedida ou desproporção constitui um procedimento artístico muito rico, porque cria uma circulação entre uma abordagem intelectual, ligada à representação "objetiva" da realidade, tal como a escala que relaciona diferentes dimensões permite estabelecer, e uma abordagem, digamos, "afetivo-pulsional", ligada a uma representação "subjetiva", para a qual não há medida prévia e nem, talvez, medida comum. Este último aspecto está concentrado nos termos "fascinar" e "desejo" empregados por Menezes no poema: "Tudo o que fascina um voyeur do invisível / é a gênese deste desejo / na mente do joalheiro" (Menezes, 2011: 50).

O poema "Onde no mundo" figura emblematicamente esse trabalho de deslocamento e de desproporção: aqui, o alhures é decerto a França em relação ao Brasil (através da imagem transportada por Menezes para seu poema, vista em uma loja parisiense, do diagrama de bordado que mostra a professora no ato de indicar um ponto do globo à sua aluna), mas também o mundo em relação a sua representação, em uma ambivalência que a polissemia da palavra "ponto", a uma só vez concreta e abstrata, vem concentrar.

---

[9] Nesse seu texto sobre o pintor Jean-Michel Atlan, Derrida relaciona também a questão da desmedida com o *sublime*, propondo que os quadros dele desafiam a distinção kantiana do sublime matemático ou dinâmico (2012: 262-3). Essa importante discussão não achará, infelizmente, lugar neste texto. Remeto o leitor ao meu artigo "Visualidade, voz e pensamento na poesia de Lu Menezes", publicado na *Revista FronteiraZ* da PUC-SP, n. 16, 2016, em que lanço algumas propostas que retomo aqui.

Onde no mundo

Amostras com mapas traçados
para os infantes absorverem a geografia
decerto inspiraram certo "motivo" que vi
no Le Bonheur des Dames em Paris
denominado "Où dans le monde" e onde
uma menina assistia a professora
com sua varinha apontar / um lugar qualquer
em nosso globo / um mero ponto
do mundo
um lá
ali
acolá.

- x –

Na ocasião, distraída, eu não percebi
ser apenas a metade do bordado: um "esquema"
uma *grille* – um metódico risco quadriculado.
Mas a gente, obviamente, quase nunca vê
tudo o que uma coisa é... ou diante
de algum homem boiando – metade na água
metade no ar – você tem também
consciência de ele assim ilustrar
algo como a quarta dimensão?

- x -

O fato é que no "esquema" em pauta
um lugar qualquer do globo terrestre
coincidiria com um ponto do bordado.
O lá se converteria em cá, o ali em aqui
no bastidor de alguma mulher
que a cada ponto a cada instante
seu e de tudo – aprenderia
o quê? Além do impreciso
presente impreciso dela no mundo?
(Massi, Menezes, 2016: 26-7)

Por uma *mise en abyme* "aglutinando" o espaço do mundo, o espaço do globo terrestre que o representa didaticamente em tamanho menor e o espaço destinado ao trabalho do bordado, o poema que representa essa relação de representação se torna um campo de reflexão em ato sobre a criação poética. Ele mostra assim o que faz e se apresenta como uma verdadeira "amostra" da poesia meneziana, em sua decolagem reflexiva a partir da cena contingente encontrada ao acaso, na sua abordagem particular da temporalidade que desacelera, escande o presente. O universo do bordado é aqui tomado como paradigma para pensar esse trabalho, em um gesto paradoxal que afirma de passagem que a verdadeira felicidade,[10] das damas ou outra, é a de misturar os espaços preestabelecidos, erigidos em lugares, e que a verdadeira aprendizagem é a da incerteza.

[10] Faz-se aqui alusão ao nome da loja, *Le Bonheur des dames* (A felicidade das damas), citado no poema.

4. Conclusão

O último poema do livro ("Lírio") fala da preferência da poeta, que recusa se entregar complacentemente à abundância de motivos florais existentes no universo do bordado, por um lírio branco bordado sobre branco em ponto "atrás", evocando o trabalho do pintor suprematista Kasimir Malevitch. "Um lírio branco / – página em branco – / manifesta em sua alvura // a latência do futuro. / Faz de conta / que com ele / já bordado / me despeço. / É seu." (Massi, Menezes, 2016: 30-1).

Esse lírio performático vem nos relembrar a natureza do trabalho da arte atual. Como para Merleau-Ponty, não se trata de preencher um fundo vazio, mas principalmente de dar a ler esse vazio profundo, através de operações de reespacialização de um "branco" que se revela já como um fundamento, hipótese ou subjétil requerendo, portanto, interpretação.

Figurativa ou não, a linha em todo caso não é mais imitação das coisas nem coisa. É um certo desequilíbrio disposto na indiferença do papel branco, é uma certa perfuração praticada no em-si, um certo vazio constituinte, [...]. A linha não é mais, como em geometria clássica, o aparecimento de um ser sobre o vazio do fundo; ela é, como nas geometrias modernas, restrição, segregação, modulação de uma espacialidade prévia. (Merleau-Ponty, 2014: 33)

Nesse sentido, o poema fecha o livro de modo a abrir um espaço de reflexão para o leitor e a reservar um lugar para o porvir. Ele trabalha alegoricamente; pois, como propõe Michel Deguy em seu texto sobre Baudelaire, a alegoria diz simultaneamente aquilo que ela diz e outra coisa, "De tal maneira que a platitude sequencial da ordem das coisas se escava com profundidade, desaba, se quisermos, 'dando' para uma escapada em direção ao fundo, 'o fundo do desconhecido'. Nenhum enigma é resolvido, mas, antes, a enigmática se deixa entrever" (Deguy, 2013: 68-9).

REFERÊNCIAS

Antelo, Raúl. A poesia não pensa (ainda). In Scramim, Susana (org.). *Alteridades na poesia*: riscos, aberturas, sobrevivências. São Paulo: Editora Iluminuras, 2016: 91-155.

Barthes, Roland. Les planches de l'Encyclopédie. In *Nouveaux essais critiques*. Paris: Seuil, 1972: 89-105.

Baudelaire, Charles. Salon de 1859. In Œuvres complètes, t. II, Claude Pichois, (éd.). Paris: Gallimard, coll. "Bibliothèque da Pléiade ", 1976: 608-82.

Deguy, Michel. *La pietà Baudelaire*. Paris: Belin, 2013.

Derrida, Jacques. Da cor à letra. In Michaud, Ginette; Maso, Joana; Bassas Javier (org.). *Pensar em não ver - escritos sobre as artes do visível* (1979-2004). Tradução: Marcelo Jacques de Moraes, revisão técnica João Camillo Penna. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012: 249-77.

Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Lemos, Masé, Entrevista com Lu Menezes e Augusto Massi. In Revista *Alĕre* – PPGEL – Universidade do Estado de Mato Grosso – ano 09, vol. 14, n. 02, dez. 2016: 259-72.

Massi, Augusto; Menezes, Lu. *Gabinete de curiosidades*. São Paulo: Luna Parque, 2016.

Menezes, Lu. *Francisco Alvim por Lu Menezes*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

Menezes, Lu. *Onde o céu descasca*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

Merleau-Ponty, Maurice. *O Olho e o Espírito*. Tradução Cassio de Arantes Leite. São Paulo: Cosac & Naify, 2014 (e-book).

Quintane, Nathalie. *Começo*. Tradução Paula Glenadel. São Paulo: Cosac Naify; Rio de Janeiro, 7Letras, 2004.

Santos, Alcides Cardoso dos, A imaginação como metafísica: uma leitura do poema "O percurso de um particular", de Wallace Stevens. In Revista *Texto Poético*, Vol. 15 (2e sem. 2013): 25-46.

Macumba no sertão: que aventuras brasileiras na banda desenhada europeia?[1]

Julie Gallego e Eden Viana-Martin
(Université de Pau et des Pays de l'Adour)[2]

O Brasil?... Disse o Brasil?...

Oh!... Não poderia ter tido uma ideia mais genial!...

Ainda que seja preciso especificar...[3]

Assim exclama, com o rosto em grande plano, o responsável de uma agência de viagens americana, enquanto parece receber o leitor que acaba de abrir o primeiro número da série Mister No. Para introduzir as primeiras aventuras que têm lugar no Brasil, do seu herói epónimo, Sergio Bonelli atribui ao diretor um discurso em que este apresenta todos os argumentos possíveis, associando a cada cidade célebre o seu cliché indissociável, usando o pretexto das escolhas oferecidas a qualquer pseudo-cliente anónimo, que não está presente na imagem. A voz over do personagem comenta então uma imagem extra-diegética, que constitui uma projeção mental

[1] Ensaio traduzido por Joanna Gomes.

[2] Agradecemos vivamente a Hermann por nos ter generosamente permitido utilizar as imagens de *Caatinga* e ter aceitado responder às nossas questões numa conversa telefónica do dia 10 de janeiro de 2018. Agradecemos igualmente à editora CONG SA por nos ter concedido gratuitamente o direito de reprodução das obras de Hugo Pratt.

[3] *Mister No* nº 1 *L'Homme aux lunettes noires* (janeiro de 1976), Sergio Bonelli (argumento), sob o pseudónimo de Guido Nolitta, e Gallieno Ferri (desenhos), Aventures et Voyages, coll. "Mon Journal": 5.

produzida pelo seu discurso: "Se sonha com um lugar divino, com praias a perder de vista, não procure mais!... O RIO DE JANEIRO É O LUGAR!..."[4], como parecem confirmar os homens e as mulheres com corpos de sonho, deitados numa praia de areia fina, sem dúvida a de Botafogo na baía de Guanabara, bronzeando-se debaixo dos coqueiros e saboreando ananás enquanto contemplam o Pão-de--Açúcar em segundo plano. Mas o diretor continua imediatamente a elogiar os outros destinos no Brasil, para tentar convencer o cliente a encontrar um ao seu gosto, apontando sucessivamente para diferentes lugares num mapa pendurado na parede: "Ou então, se se sente atraído por um destes ambientes romanticamente coloniais em vias de desaparecimento, é à Bahia que tem de ir..."[5] Decidido a encontrar o destino ideal, acaba por propor "um lugar afastado de qualquer forma de civilização", que parece mais adaptado a este cliente exigente "abatido pelo mundo moderno freneticamente agressivo"[6]: será a Amazónia e mais precisamente Manaus, "um lugar que com a ajuda do seu clima insano, desprovido de qualquer via de comunicação GARANTE-LHE UMA EVASÃO ABSOLUTA [...] [,] uma aglomeração a dormitar no coração da selva, onde só podemos aceder subindo o rio durante dez dias... Em Manaus o resto do mundo deixa de existir!... Pfff!... Adeus à guerra da Coreia! Adeus à agitação universal!... Nada!..."[7]. É claro que devemos ler este discurso intradiegético de charlatão num plano metadiegético: as histórias oferecidas aos leitores em Mister No não serão novelazinhas sentimentais sobre uns quantos turistas urbanos. A parte do Brasil escolhida para lançar a série implica aventuras tumultuosas e estimulantes.

[4] *Ibid*. Mantemos as letras maiúsculas.
[5] *Ibid*.
[6] *Ibid*.
[7] *Op. cit.*: 6. Mantemos as letras maiúsculas

No entanto, por vezes é outro espaço brasileiro que assombra o imaginário do leitor de bandas desenhadas europeias. É o sertão na primeira metade do século XX (e mais exatamente do início dos anos 20 aos anos 40), na época das lutas sociais e políticas dos cangaceiros, dos bandidos que percorrem esta vasta extensão de terra desértica e selvagem. É aí que Hugo Pratt faz passar a ação do álbum *La Macumba du gringo* e os primeiros episódios da série Corto Maltese após uma escala do herói na Bahia. Hermann também escolhe o Nordeste brasileiro para o álbum *Caatinga*. Ambos misturam ficção e realidade, mas enquanto Hermann se limita a um certo realismo histórico, Pratt decide acrescentar, tanto às suas histórias de Corto quanto ao seu *one-shot,* uma dimensão esotérica, que encontramos numa grande parte da sua obra e que se inspira na sua experiência pessoal da macumba ou do candomblé, essa magia inexplicável que diz ter sentido durante as várias estadias no Brasil.

Assim, o nosso artigo, a partir de obras importantes essencialmente franco-belgas e italianas traduzidas em francês, abordará a representação do Brasil na banda desenhada europeia. Por quê este país? Quais são os elementos que funcionam como marcas de um certo Brasil, tanto no que diz respeito à intriga quanto aos textos e desenhos? E que Brasil é este? É uno ou múltiplo? Através de que imagens do Brasil, entre realidade e ficção, Hugo Pratt e Hermann criam um imaginário deste país para o leitor?

1. Apresentação das obras que constituem o *corpus*

A banda desenhada e o Brasil têm uma história comum antiga, que começa com um italiano do Piemonte, Angelo Agostini, imigrado para o Brasil durante a sua juventude, que escreve em 1869 *As Aventuras de Nhô Quim,* considerada como sendo a primeira BD brasileira[8]. Esta desenvolve-se na segunda metade do século XX

[8] Para mais informações sobre as *historietas* ou *histórias em quadrinhos* no Brasil, remetemos para o artigo de Claude Moliterni, "La BD au Bré-

graças a um amigo de Hugo Pratt, Enrique Lipszyc. O Argentino funda em Buenos Aires, com o seu irmão David, a *Escuela Norteamericana de Arte*, que se reorganiza em 1956 com o nome *Escuela Panamericana de Arte*, em torno de doze grandes nomes, entre os quais Alberto Breccia e Hugo Pratt[9]. A escola faz com que apareçam uma série de talentos e provoca uma efervescência em torno da banda desenhada na América do Sul, não só na Argentina mas também nos países vizinhos e particularmente no Brasil, após a separação dos irmãos Lipszyc. De facto, como Hugo Pratt contou a Claude Moliterni, enquanto David ficou em Buenos Aires, Enrique, acompanhado por Pratt, partiu em 1963 para São Paulo, para aí fundar uma escola de artes[10]. No entanto, apesar dos numerosos talentos de BD que esta viu nascer, apenas alguns títulos da produção brasileira atingem o mercado francófono, muito poucos são traduzidos e alguns autores brasileiros fazem carreira diretamente na Europa. Dentre os raros títulos traduzidos que se inscrevem na temática do nosso corpus, podemos citar *Le Brigand du Sertão* de Wellington Srbek et Flávio Colin.[11] A representação do cangaço percorre, todavia, as bandas

sil", http://bdzoom.com/4661/patrimoine/la-bd-au-bresil/posto em linha a 31 de julho de 2005, consultado a 19 de janeiro de 2018. Para um panorama geral da produção mais recente, ver os artigos de Maria Clara Carneiro, http://marsam.graphics/quadrinhos-la-bd-made-in-bresil-figures-libres/, postos em linha a 17 de março de 2016, consultados a 19 de janeiro de 2018. E de Caio César Christiano, "La littérature brésilienne se dessine", em *IdeAs* [En ligne], 5, Primavera/Verão 2015, posto em linha a 11 de junho de 2015, consultado a 19 de janeiro de 2018 no site http://ideas.revues.org/975, Doi: 10.4000/ideas.975.

[9] Dominique Petitfaux, *Le Désir d'être inutile: souvenirs et réflexions* [entrevistas com Hugo Pratt], com a colaboração de Bruno Lagrange, Paris, Robert Laffont, 1991: 104.

[10] Claude Moliterni, *Pratt*, Seghers, coll. "Les auteurs par la bande", 1987: 75. Foi aliás em São Paulo que teve lugar, em 1951, a primeira exposição internacional de bandas desenhadas.

[11] Publicado em França em 2014 nas edições Sarbacane. O original, *Estórias gerais*, foi publicado em 1998; a edição definitiva, na qual se baseia

desenhadas brasileiras desde os anos 1930.[12] No início sinónimo de violência gratuita e de barbárie no espaço selvagem do sertão, por contraste com o espaço civilizado do Brasil do Sul, tal como na *Vida de Lampeão* de Euclides Santos (1938),[13] o movimento do cangaço e a figura do cangaceiro virão em seguida, a partir dos anos cinquenta, representar uma certa forma de brasilidade. A imagética do sertão, as suas terras agrestes, a fauna e a flora, assim como os *cangaceiros* no seu vestuário característico, forjarão um imaginário específico, atribuído ao Nordeste, parte integrante da nação brasileira, tal como o personagem "Raimundo" de José Lanzellotti (1953).[14] Com os anos de chumbo da ditadura militar, o cangaceiro transforma-se então num símbolo da resistência, escarnecendo do poder instalado e incitando todos os homens do país à luta. É assim que Zeferino, o personagem de cangaceiro criado por Henfil[15] no início dos anos

a edição francesa traduzida por Fernando Scheibe e Philippe Poncet, data de 2012. Nesta obra, seguimos o percurso iniciático do jornalista e escritor Ulisses de Araújo por Minas Gerais nos anos vinte, em volta duma pequena cidade fictícia devastada desde há duas décadas pelos conflitos entre os cangaceiros de Antônio Mortalma, o exército, os volantes, os jagunços e os diversos "coronéis" proprietários de fazendas.

[12] Sobre a presença do cangaço nas BD brasileiras, podemo-nos reportar ao artigo: "O cangaço nas histórias em quadrinhos", de Antonio Fernando de Araújo Sá, in *Diálogos Latinoamericanos 8*, disponível em http://lacua.au.dk/fileadmin/www.lacua.au.dk/publications/8_di__logos_latinamericanos/cangaco.pdf (consultado a 20 de janeiro de 2018).

[13] Euclides Santos, "Vida de Lampeão", publicado no jornal *Noite Ilustrada* (agosto-dezembro 1938).

[14] José Lanzellotti, *Raimundo, o cangaceiro*, em vários episódios. Publicados pelas edições La Selva em 1953, e na revista *Aliança Juvenil* em 1954.

[15] As aventuras de Zeferino eram publicadas no diário *Jornal do Brasil*, assim como no semanário *Pasquim* e na revista mensal *Fradim* (1971-80).

setenta, com os seus comparsas Graúna e Bode Orelana, um bode intelectual deprimido, formam a banda do "Alto da Caatinga", uma metáfora do Brasil e dos seus contrastes sob o domínio dos militares.[16] Mais tarde, entre o final dos anos 1980 e os anos 2000, vários autores abordarão a questão do cangaço e a figura de Lampião, numa grande diversidade de estilos, como Ataíde Braz e Flávio Colin (*Mulher-Diaba no Rastro de Lampião*, Edições Sampa, 1994), ou ainda Klévisson (*Lampião... Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida*, 1998). Mais recentemente, em 2014, Eloar Guazzelli e Rodrigo Rosa adaptaram em *graphic novel* a obra-prima de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, numa magnífica transposição deste texto fundador da literatura brasileira.

O corpus deste artigo, que passamos a detalhar, não repousa nestas obras brasileiras, pois pretendemos limitar o nosso estudo à receção da imagem do Brasil na banda desenhada europeia, tanto no nosso corpus secundário como no principal, no qual predominam várias obras do italiano Hugo Pratt.

Corto Maltese nasceu em 1967, quando a revista italiana *Sgt Kirk* publica o início de *La Ballade de la mer salée,* uma história no Pacífico sul cujas últimas pranchas saem em 1969. Mas o herói esteve quase a cair no esquecimento após a falência do jornal.[17] Em 1970,

[16] Para mais informações sobre Zeferino e os personagens de Henfil, podemos consultar os artigos: Maria da Conceição Francisca Pires, "Bode Francisco Orelana: uma representação humorística da intelectualidade brasileira entre patrulhas ideológicas, autocensura e odarização", em Topoi, vol. 8, nº 14, janeiro-junho 2007: 114-145, consultado a 19 de janeiro de 2018 em http://www.scielo.br/pdf/topoi/v8n14/2237-101X-topoi-8-14-00114.pdf e Fabio Mourilhe, "Zeferino e o problema da seca no Nordeste", em *Visualidades*, Goiânia, vol. 14, nº 2: 48-67, julho-dezembro 2016. Consultado a 19 de janeiro de 2018, em https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/viewFile/35294/22478.

[17] O personagem de Sgt Kirk (criado por Oesterheld e Pratt em janeiro de 1953 na revista argentina *Misterix*) dá origem à revista *Sgt Kirk* em julho de 1967. O primeiro número da revista inclui *Une Ballata del Mare Salato*

Pratt decide, todavia, retomar este personagem secundário numa história publicada pelo semanário francês *Pif Gadget* (na editora Vaillant), no *Le Secret de Tristan Bantam*: este primeiro episódio, que começa na Guiana holandesa e continua na Guiana francesa, conduz rapidamente o personagem principal ao Brasil, onde ficará até ao quarto episódio. Os 21 episódios de 20 pranchas foram pré-publicados separadamente na revista comunista, de abril de 1970 a 1973 e desde então são a maioria das vezes divididos em quatro ciclos, que correspondem a 4 álbuns: *Sous le signe du Capricorne* (episódios 1 a 6), *Corto toujours plus loin* (episódios 7 a 11), *Les Celtiques* (episódios 12 a 17), *Les Éthiopiques* (episódios 18 a 21). O nosso corpus principal pertence à primeira compilação e a nossa edição de referência será a de 2015. Esta é constituída pelos episódios 1. *Le Secret de Tristan Bantam*; 2. *Rendez-vous à Bahia*; 3. *Samba avec Tir Fixe*; 4. *L'Aigle du Brésil*. Assinalemos, contudo, que para estes quatro primeiros episódios, existem outros agrupamentos, em edições anteriores, a preto e branco ou a cores, por vezes precedidas de um dossier; podemos, com efeito, encontrá-los divididos de forma diferente nas compilações intituladas *Suite caribéenne* (1-3) e *Sous le drapeau des pirates* (4-6). Para evitar confusões, o nosso estudo basear-se-á na menção dos títulos dos episódios. Acrescentemos que *La Ballade de la mer salée*, que poderíamos identificar como o episódio 0 das aventuras de Corto – pois é aqui que aparece pela primeira vez, embora não seja o personagem principal (os papéis principais cabendo a Caïn e Pandora) – não pertence a este corpus principal, porque a intriga passa-se no oceano Pacífico, como indica o próprio oceano no primeiro quadro, aparecendo como narrador inesperado deste passeio nas suas águas. Quanto aos episódios 5 a 11, ainda que se passem na América do Sul, estão também excluí-

/ *La Ballade de la mer salée.* (ver *Dictionnaire mondial de la bande dessinée*, Patrick Gaumer e Claude Moliterni, Paris, Larousse, 1994: 573).

dos do nosso corpus principal. Com efeito, o episódio 5 (... *Et nous reparlerons des gentilshommes de fortune*) menciona a partida do Brasil, mas a ação tem lugar nas Antilhas, e o 6 (À cause d'une mouette) nas Honduras. O 7 (*Têtes et champignons*) contém uma alusão ao Brasil através de uma referência a Belém e ao estado de Mato Grosso, mas o herói está na Venezuela e em seguida num barco entre o Peru e o Equador. No 8 (*La Conga des bananes*), Corto está em Mosquito (nas Honduras), onde vai voltar a cruzar-se, de maneira surpreendente, com a Baiana Bouche Dorée. Nos episódios 9, 10 e 11 (*Vaudou pour Monsieur le Président*, *La Lagune des beaux songes*, *Fables et Grands-Pères*) Corto está nos Barbados e depois na Venezuela e por fim ao Peru. Volta para a Europa na compilação seguinte, *Les Celtiques*. As nossas "aventuras brasileiras" de Corto, constituídas pelos episódios 1 a 4, passam-se todas em 1916. Ele fica dois anos numa zona situada entre o Trópico de Câncer e o Trópico de Capricórnio. No entanto, entre os episódios 4 e 5 passa-se um ano para o personagem sobre o qual não sabemos nada. É necessário, portanto, reconhecer que as aventuras brasileiras de Corto nos são em grande parte desconhecidas e mesmo inacessíveis.

As histórias imaginadas por Pratt anteriores à *La Ballade de la mer salée,* como *Ann de la jungle* (1959-61) ou *Capitaine Cormorant* (1962), já incluem temas, personagens e mesmo réplicas que terão uma continuação nas aventuras de Corto Maltese, o que mostra que devemos considerar a obra de Pratt de forma global.[18] E as obras do nosso corpus brasileiro são um bom exemplo disso: permitem compreender que o processo continua, uma vez que o personagem de Corto está "instalado", através das obras anexas que Pratt desenvolve, e que podemos conceber como ramificações de um mundo complexo. É flagrante o caso do *one-shot* de 48 pran-

[18] Ver Gianni Brunoro, *Corto comme un roman. Réflexions sur Corto Maltese, ultime héros romantique*, 2008: 203-6 para exemplos mais precisos destas ligações com as obras anteriores a Corto.

chas que também faz parte do nosso corpus principal, repertoriado com dois títulos *La Macumba du Gringo* e *L'Homme du sertão*,[19] no qual Pratt realiza tanto o texto como os desenhos, tal como nos álbuns de *Corto*. De facto, como observa Gianni Brunoro a propósito da terceira aventura de Corto, intitulada *Samba avec Tir Fixe*, "as investigações efetuadas quando se documentava para este último avivaram a sua capacidade criativa, sugerindo-lhe novas histórias cujas relações com *Corto Maltese* não são nada fortuitas. [...] *La Macumba du Gringo* constitui uma integração necessária e uma sublimação lírica de *Samba* [*avec Tir Fixe*]",[20] que tinha sido inicialmente anunciado para uma pré-publicação em *Pif Gadget* com o título *Os Cangaceiros*.

O álbum *Caatinga*, escrito e desenhado por Hermann, foi publicado em 1997. Ele relata de maneira mais linear e muito realista, até no tipo de desenho, a vida no Nordeste em 1930, através da entrada de dois jovens homens ficcionais no *cangaço*, cuja família foi massacrada no sequência da vingança de um coronel. No centro da intriga está o lugar que dá nome ao seu álbum, essa caatinga do sertão onde "não há nada. Nada a não ser poeira e areia", como podemos ler na contracapa. É através dos movimentos dos *cangaceiros* nessa zona inóspita que descobrimos a dureza dos confrontos entre as diferentes frações da população. Consciente da

[19] Esta história foi publicada a preto e branco na revista francesa *Pilote* (Dargaud) a partir do n° 35, de abril a agosto de 1977, com o título *La Macumba du gringo* (segundo Patrick Gaumer e Claude Moliterni , *Op. cit.*: 516). Foi em seguida editada em França num álbum a cores da coleção "Pilote". A última edição disponível (Casterman, coleção "Un homme une aventure", 2007, cores) retoma a edição italiana *L'Uomo del sertão* (Cepim, coleção "Un uomo, un'avventura", 1978, cores). A nossa edição de referência será, todavia, a precedente, a de 1998 editada pela Vertige Graphic, com o título *La Macumba du gringo* (com o subtítulo *L'Homme du sertão* na página de rosto), única edição que é precedida por um excelente dossier de vinte páginas sobre o contexto histórico.

[20] Gianni Brunoro, *Op. cit.*, 2008: 207.

complexidade da situação histórica e social na qual assenta a sua intriga, Hermann integrou no álbum um dossier de seis páginas não numeradas expondo as condições de criação desta história. É composto por textos, fotografias, mapas e aguarelas, assim como por um índice explicando de maneira desenvolvida as palavras em português utilizadas na história.

A este corpus principal associa-se um corpus secundário, que será pontualmente utilizado em razão das relações que mantém com as obras de Pratt e de Hermann. Para certos detalhes, foi preciso efetivamente ter em conta outro álbum da coleção "Un homme, une aventure" intitulado *L'Homme des Caraïbes*,[21] assim como algumas aventuras de Corto que não se passam no Brasil mas cuja criação está ligada ao corpus principal (*Fable de Venise*,[22] *Mû*[23]), e de duas obras que não são propriamente BD mas textos ilustrados por Pratt, tais como *Mémoires* ou *Les Femmes* de Corto.[24] O corpus secundário inclui igualmente os cinco primeiro títulos da série *Mister No*,

[21] *L'Homme des Caraïbes* deveria inicialmente chamar-se *Suite caraïbe* mas, como para *La Macumba du gringo / L'Homme du sertão*, o título foi modificado por causa do nome da coleção. Depois, Pratt explorou a sua primeira ideia sob a forma de *Suite caribéenne* para a compilação dos três primeiros episódios a cores de *Sous le signe du Capricorne* (Dominique Petitfaux, *De l'autre côté de Corto*, Paris, Casterman, 2012: 106).

[22] *Fable de Venise* (Casterman, 1984) foi pré-publicado pela primeira vez no mesmo ano que *La Macumba du gringo.*

[23] A procura do reino de Mû começa desde o *Le Secret de Tristan Bantam,* visto que é para continuar em busca do seu pai que Tristan chega ao Brasil.

[24] *Corto Maltese. Mémoires*, textos de Michel Pierre, aguarelas e desenhos de Hugo Pratt, Casterman, 1998 (1re édition, 1988; pré-publicação parcial na revista *Corto* em 1986-87 com o título *La Vie de Corto*). *Les Femmes de Corto*, textos de Michel Pierre, aguarelas e desenhos de Hugo Pratt, 1994.

traduzida do italiano, editada e escrita por Sergio Bonelli,[25] sob o pseudónimo de Guido Nolitta. Trata-se de uma série de *fumetti* de aventuras, publicadas em revistas de pequeno formato em Itália a partir de 1975 e desenhadas por Gallieno Ferri para a primeira aventura e todas as capas. A série é publicada em França pela editora *Mon Journal* entre 1975 e 1990. As aventuras de Mister No começam em 1952 em Manaus; elas põem em cena um anti-herói que anda atrás do álcool e das mulheres. Vários títulos têm relações estreitas com o nosso corpus. Indicaremos sucessivamente o título original em italiano (exceto para o primeiro número que não saiu em italiano) publicado na Sergio Bonelli Editore, e o título francês da sua publicação na editora Aventures et Voyages, na coleção "Mon Journal" (que é a nossa edição de referência), apesar de divisões diferentes dos episódios (e das pranchas)[26] que compõem cada aventura: são

[25] Chamamos a atenção para uma relação editorial interessante entre esta série e Pratt: a coleção italiana "Un uomo, un'avventura", das edições Daim Press, foi fundada em 1977 pelo pai de Sergio Bonelli, Gian Luigi Bonelli (segundo Pascal Ory *e alii*, *L'Art de la bande dessinée*, texto de Sylvain Venayre, Citadelles & Mazenod, 2012: 460), o fundador em 1941 da editora com o seu nome, que o seu filho passará a dirigir em 1957. As primeiras aventuras de Mister No, que se passam no Brasil, inserem-se entre a publicação dos *Corto* no Brasil, (a última aventura brasileira, *L'Aigle du Brésil*, tendo sido publicada em 1972 no *Corriere di Ragazzi*, após a sua pré-publicação em 1970 na *Pif*) e a da *La Macumba du Gringo* (cuja edição italiana na coleção de Bonelli data de 1978). Toda a gente se conhece e conhece as publicações de uns e de outros. Podemos, portanto, considerar a série *Mister No* como um elo da cadeia de receção da imagem do Brasil e dos cangaceiros nos anos setenta, tanto em França como em Itália.

[26] Uma precisão editorial é necessária. As edições italianas contêm em média 96 pranchas, ao passo que, desde a primeira aventura, a edição francesa tem apenas 78, sendo o resto transferido para o número seguinte, e assim sucessivamente em cada título (reconstituindo volumes de cerca de 82 pranchas nos números franceses de 2 a 5), o que cria um desfasamento em toda a série. Assim, o *Mister No* nº 3 francês não fala ainda dos Cangaceiros: os rebeldes só aparecem no início do nº 4. Por isso o nº 3

o *Mister No* nº 1 (junho 1975) / *L'Homme aux lunettes noires* (janeiro1976), *Mister No* nº 2 *Amazzonia* (julho 1975) / *L'Infernale Déveine* (fevereiro 1976), *Mister No* nº 3 *L'Ultimo Cangaceiro* (agosto 1975) / *Jour de malheur* (março 1976), *Mister No* nº 4 *Morte nel Sertão* (setembro 1975) / *Les Nouveaux Cangaceiros* (abril 1976) e *Mister No* nº 5 *La Vendetta del Gringo* (outubro 1975) / *Trahison* (maio 1976). O herói volta ao *sertão* nos títulos *Il Profeta* (1985), *Il Re del Sertão* (1988), *Capitan Vendetta* (1993), *Le Notti di Bahia* (1999), *Il Ribelli del Sertão* (1999), *Sangue sul Sertão* (2008) mas, para manter a coerência do corpus, limitar-nos-emos aos títulos publicados entre *Samba avec Tir Fixe* e *La Macumba du gringo*, tanto mais que, pelo que sabemos, os títulos mais recentes não foram traduzidos em francês.

2. Por que o Brasil?

2.1. Hermann: memórias reavivadas por um postal

Um filme que marca, depois uma fotografia que traz memórias e suscita em Hermann o desejo de saber um pouco mais. Eis a forma como o desenhador e argumentista explica o ponto de partida do seu interesse pela história dos cangaceiros, bandidos lendários do Nordeste brasileiro, e do projeto da BD *Caatinga*:

> Por quê esta história sobre os "cangaceiros"? Um filme brasileiro que saiu em 1953 em Bruxelas, "Os cangaceiros" teve um grande sucesso e tinha-me impressionado bastante pelo seu ambiente violento (pelo menos para a época). Fiquei igualmente intrigado

---

francês não pode se pode basear na tradução do título italiano *L'Ultimo Cangaceiro* e é rebatizado *Jour de malheur*; e o nº 4 é então renomeado de forma lógica, em relação ao seu conteúdo, *Les Nouveaux Cangaceiros*. No entanto, sem dúvida para economizar (pois são edições bastante baratas), as capas são conservadas de um país a outro apesar das incoerências; e sem nenhuma lógica narrativa, o leitor francês avista em segundo plano do nº 3 um cangaceiro, apesar de este estar totalmente ausente da aventura.

> com o tema do filme, que contava um episódio trágico-romântico da vida de um cangaceiro, sem saber o que esse nome significava e sem conseguir obter uma explicação. No filme havia também o fascínio das paisagens e o exotismo dos chapéus de aba grande levantada, generosamente decorados. Em suma, um filme que se destacava da produção corrente. Suponho que a minha ignorância teria perdurado se não tivesse estado no Rio de Janeiro em 1991. A minha mulher – como qualquer viajante – comprou postais e foi cativada por aquele que reproduzia uma foto dos membros do bando mais célebre e mais temível de cangaceiros, onde aparecia o seu chefe "Lampião" e a sua companheira "Maria Bonita". Para a minha mulher, era uma lembrança do filme. Para mim, foi um gatilho.[27]

Intrigado (e seduzido) pelo exotismo e a brutalidade veiculados pelas imagens do cangaço no filme de Lima Barreto,[28] e mais tarde por um postal que reproduzia uma fotografia do bando de Lampião exibindo as suas pistolas parabellum, munições a tiracolo e chapéus de couro, Hermann começa então as pesquisas para tentar compreender "o que aconteceu" e o "porquê desta gente".[29] Se na época só conseguiu encontrar um único livro em francês sobre o assunto, uma documentação em língua portuguesa (que uma pessoa sua conhecida no Rio de Janeiro obteve) permitiu-lhe ter um conteúdo histórico suficientemente rigoroso para começar o seu projeto. Entre curiosidade e fascínio, a atração pelo Brasil para Hermann tem muito especificamente que ver com a figura do cangaceiro e o movimento do cangaço: a sua história, as suas caracterizações, o seu ambiente e as suas representações.

[27] Hermann, *Caatinga*, Bruxelles, Éditions du Lombard, collection "Signé", 2016, dépôt légal 2008: 51.
[28] Ver a parte 3.1 deste artigo.
[29] Informações transmitidas durante a conversa telefónica de 10 de janeiro de 2018.

2.2. Pratt e Corto: uma vida de aventuras brasileiras[30]

2.2.1. Pratt descobre o Brasil

Como escreve Gianni Brunoro,

> as aventuras de Corto Maltese – e podemos adivinhá-lo – estão bem longe daquelas que inventamos num canto de escritório, no plano de uma fantasia abstrata e afastada de toda realidade. Pelo contrário, elas provêm das experiências do autor, que são pessoais no sentido em que misturam as histórias de outrem às suas próprias experiências, e graças à sua imaginação as conjuga num fio unitário.[31]

E quando Hugo Pratt manda Corto para o Brasil, cerca de quinze anos depois de ele próprio lá ter estado pela primeira vez, é para um país que não conhece enquanto turista mas como vizinho da América do Sul. Com efeito, descobertos pelo seu trabalho na revista *L'Asso di Picche* (fundada em 1945), publicada na Argentina a partir de 1948, Pratt e os seus companheiros Ivo Pavone, Alberto Ongaro e Mario Faustinelli, recrutados pelo editor Civita, trocam Veneza por Buenos Aires em dezembro de 1950, esperando que a América do Sul seja um trampolim para a do Norte, com que sonham na época. Pratt fica cerca de doze anos (interrompidos por alguns breves retornos à Europa) na Argentina, na época o país mais importante da América do Sul para a banda desenhada. Esses anos foram uma etapa crucial no seu percurso profissional. Foi durante este período que descobriu o Brasil, em primeiro lugar São Paulo quando vai ter com Enrique Lipszyc à sua nova escola de banda desenhada. Depois vai à Bahia,

[30] Para o título desta subparte inspirámo-nos no título do romance de Alberto Ongara, *Une vie d'aventures*, Denoël, 1973 [*Un romanzo d'avventura*, Mondadori, 1970] no qual Hugo Pratt (ou melhor, "HP") é o personagem principal.

[31] Gianni Brunoro, posfácio do *La Ballade de la mer salée*, chap. "L'aventure est un rêve rationnel", Casterman, Bruxelles / Cong SA, Lausanne, 2007, traduzido do italiano por Émilie Saada e Laurent Lombard [páginas não numeradas].

à Amazónia, ao Mato Grosso. Tanto num âmbito profissional (pois estas viagens dar-lhe-ão ideias para as suas histórias) quanto pessoal (pois terá vários filhos no Brasil), é um país que constitui uma etapa importante na vida de Hugo Pratt, como ele próprio explica a Dominique Petitfaux:

> Nos anos 1962-1966, o Brasil foi um país que contou muito para mim. Fui uma primeira vez, da Argentina, em 1957, depois em 1962, no caminho de Buenos Aires para Lisboa, durante uma longa escala no Rio, circulei pelo Brasil. [...] Raimundo Lisboa [era] um antigo oficial da polícia política, que tinha muitas relações amicais com as prostitutas e os marginais. Foi por intermédio de Lisboa que em Salvador da Bahia conheci a cartomante Bouche Dorée, que me inspirou um dos personagens de *Corto Maltese*, e as irmãs Dos Santos, Negras soberbas versadas em magia. As Dos Santos tornaram-se a minha família da Bahia, quando passo pelo Brasil vou vê-las. Com uma das meninas Dos Santos,[32] uma sacerdotisa de macumba, até tive em 1965 uma filha, uma mestiça linda Victoriana Aureliana, Gloriana. Quando a reconheci oficialmente como minha filha, reconheci ao mesmo tempo os filhos ilegítimos das quatro irmãs [...].[33]

Tal como o pai de Tristan Bantam, Pratt tem uma família na Europa e uma no Brasil. Ou melhor, duas. Com efeito, se através da sua convivência com as Dos Santos, Pratt teve um meio privilegiado para conhecer a vida na Bahia, é preciso acrescentar que ele conhecia também, pessoalmente, algumas tribos da Amazónia, nomeadamente os Chavantes (ou Xavantes). De facto, ele teve igualmente um filho como uma Índia da Amazónia, durante uma estadia em 1964. Saído de Salvador da Bahia para ir ter com Harold Schulz, um fotógrafo da *National Geographic*, à selva, Pratt é de início encarcerado em Goiânia, porque o tomam – em razão de um concurso de circunstâncias,

[32] Morgana Bantam é, aliás, diretamente inspirada de Dorothy Dias Dos Santos (ver Dominique Petitfaux, *De l'autre côté de Corto*: 89).
[33] Dominique Petitfaux, *Le Désir d'être inutile*: 116.

Che Guevara tinha sido avistado no setor – por um "agente da polícia política argentina".[34] Chega à "ilha do Bananal, nas margens do Araguaia, uma região povoada por Índios. [...] O gerente [do hotel] era um personagem sinistro [...] e o barman era ainda mais sinistro [...]. Durante a sua juventude tinha cortado a cabeça aos cangaceiros".[35] O encontro seguinte é mais agradável pois trata-se de John Dos Passos e da sua filha, numa pequena cidade perdida na selva, "San Isabel, na ilha do Bananal no Rio dos Montes"[36] e privaram durante alguns dias. Depois, graças a um aviador americano, chega ao território dos Índios Xavantes, onde fica cerca de vinte dias:

> Como o Americano não me vinha buscar, ao cabo de alguns dias eles integraram-me numa família. Havia tantas famílias quanto mulheres. Os homens eram mais numerosos e, consequentemente, os Xavantes praticavam a poliandria: cada mulher tinha quatro maridos. Foi assim que tive um filho na Amazónia, Tebocua.[37] Só o soube dois anos mais tarde, em 1966, durante uma nova estadia no Brasil.[38]

A propósito deste filho Índio, que não sabe ler e fala o dialeto jê, Dominique Petitfaux pergunta a Pratt se o trouxe para a Europa. Pratt explica que renunciou, que é ele que o vai ver porque, além da complexidade das formalidades administrativas, "transplantar para o Ocidente alguém que vive da caça e da pesca é quase obriga-

---

[34] *Op. cit.*: 117.

[35] *Ibid.*

[36] Vincenzo Mollica et Patrizia Zanotti (dir.), *Corto Maltese: littérature dessinée* [traduzido do italiano por Émilie Saada], Paris, Casterman, 2006: 101.

[37] Em *Rendez-vous à Bahia* (32), um Índio Caraíba diz a Corto: "Emongeta écatou roupi Tristan". O que Cayenne, fugitivo da prisão e amigo da tribo, traduz por: "Ele disse para vigiar o Tristan, pelo seu bem". Depois acrescenta: "Adeus amigos, muito obrigado, enécaa rouca Tébocoua!" E eles respondem "Enécaa rouca, Cayenne!" Neste cumprimento há portanto o nome do Caraíba... a quem Pratt deu o nome do seu filho Xavante.

[38] Dominique Petitfaux, *Le Désir d'être inutile*: 119.

toriamente destabilizá-lo, fazer dele um marginal, tanto no mundo dito 'civilizado' quanto no seu país, se para lá voltar. Além disso, de acordo com as leis Xavantes, o seu pai não sou eu, mas o primeiro marido da sua mãe".[39] Esta curiosidade de Pratt pelos povos que encontra ressurge no personagem principal da sua obra.

2.2.2. Corto, o caixeiro-viajante romântico, redescobre o Brasil

Nascido "a 10 de julho de 1887 em Malta, de uma mãe cigana e de um pai marinheiro",[40] Corto Maltese é o digno duplo de papel do seu criador. Pratt quis que ele tivesse como principais características "o amor e respeito pelas culturas diferentes da nossa, o hábito da escolha pessoal",[41] que fosse antirracista, anticolonialista, antimilitarista, e que tratasse de forma igual todas as mulheres que se cruzassem com ele, independentemente da sua cor de pele ou nível social. Quando o leitor descobre o Brasil constata que Corto se encontra em terreno conhecido, não se comportando de modo algum como um viajante ingénuo. Não saberemos nada das suas estadias anteriores nas terras brasileiras, mas é evidente que ele se encontra num país que conhece e aprecia. Chega ao Brasil tendo partido de Paramaribo na Guiana holandesa, e depois passado por Saint-Laurent-du-Maroni na Guiana francesa. Em seguida desce até à Bahia e sobe um bocado da costa até Itapoã, antes de fazer uma incursão no sertão, perto do Rio São Francisco. Finalmente torna a subir até às ilhas de Maracá e / ou Marajó e deixa o Brasil para ir para as Antilhas. O nosso marinheiro afasta-se da costa, o seu elemento natural, para penetrar nas terras quando ajuda os Cangaceiros, mas para ir ter com eles vai navegar através de um rio.

2.2.3. O Brasil, uma etapa na mistificação prattiana

Ivo Pavone, um dos amigos de juventude de Pratt, na época

[39] *Op. cit.*: 170.
[40] Patrick Gaumer et Claude Moliterni, *Op. cit.*: 159.
[41] Afirmação de Hugo Pratt, dans Claude Moliterni, *Op. cit.*: 45.

da sua colaboração na *L'Asso di Picche*, recordou a capacidade do "pai" de Corto para a efabulação criativa, mesmo na vida quotidiana:

> ele tinha uma arte da mentira notável. Misturava os frutos da sua imaginação com elementos verídicos que tinham o ar de ser totalmente impossíveis. Cada vez que ele vos contava uma história que parecia ser incrível, podiam ter a certeza de que era verdadeira! Nele, a verdade e a imaginação estavam intimamente ligadas. Graças à sua memória fenomenal, nunca se contradizia.[42]

De facto, no que respeita as suas próprias histórias de vida e a sua veracidade talvez flutuante, Pratt declarou a Dominique Petitfaux:

> tenho treze maneiras de contar a minha vida e não sei se há alguma verdadeira, ou mesmo se uma é mais verdadeira que a outra. Pessoa dizia que nós temos duas vidas, a que tomamos como a realidade e a dos nossos sonhos, que é a vida que queremos viver e que é talvez a mais autêntica. Como o poeta português, como Calderón, a minha opinião é que a verdadeira vida é um sonho [...].[43]

Referindo-se em seguida ao célebre escritor argentino (com quem privou na Buenos Aires dos anos sessenta), acrescenta: "encontramos em Borges e em mim o mesmo procedimento: uma mistura inextricável de verdades e de mistificações, de personagens reais e de personagens ficcionais. Nós tínhamos provavelmente o mesmo tipo de curiosidade intelectual, o que explica estas semelhanças entre as nossas obras".[44] Pratt quer não apenas, depois de Borges, "contar mentiras como se fossem verdade", mas também "contar a verdade como se fosse uma mentira".[45] O entrelaçamento do real e

---

[42] Michel Jans *et al.*, *Je me souviens d'Hugo Pratt: conversations à Malamocco*, Mosquito, 2013: 29.

[43] Dominique Petitfaux, *Le Désir d'être inutile*: 9.

[44] *Op. cit.*: 202.

[45] *Dedicated to Corto Maltese*, Editori del Grifo, 1981; Kesselring pour l'édition française, 1985; citado por Dominique Petitfaux, *De l'autre côté*

do ficcional através da mistificação é um processo predominante em Pratt para a criação das suas obras. Petitfaux fala de um jogo entre "a realidade da ficção" e "a ficção da realidade".[46] Para o corpus que nos interessa, isto começa no Pacífico Sul com *La Ballade de la mer salée*, mas o processo começa verdadeiramente com a inscrição das primeiras aventuras em terra brasileira, que fazem com que Corto passe do categoria de personagem secundária ao de personagem principal:

> Se Corto Maltese adquiriu hoje uma dimensão mítica (e segundo Pratt, cabe aos autores de banda desenhada a tarefa de criar mitos contemporâneos), ele também está, graças ao pano de fundo histórico das suas aventuras, solidamente enraizado na realidade dos anos 1904-1925, e vários leitores foram levados a acreditar (ou pelo menos a fingir acreditar) que ele existiu realmente. Um fenómeno deste tipo já se tinha dado na literatura policial com Sherlock Holmes, mas, de maneira diferente da de Arthur Conan Doyle – cujas relações com a sua criatura foram por vezes tensos –, Hugo Pratt encorajava essa ilusão, falando naturalmente de Corto Maltese como de um personagem do qual seria o biógrafo e não o inventor.[47]

Ele pode, portanto, associá-lo a personagens reais, diretamente ou por intermédio de outros personagens.[48]

Como é que Hugo Pratt elabora os processos de mistificação e de *mise en abyme* que encontramos em grande parte da sua obra e nomeadamente no nosso corpus? Na compilação *Sous le drapeau des pirates*, que contém os episódios 4 a 6, encontramos um dossier, composto de textos, desenhos em aguarela, ilustrações provenientes dos cigarros Player's (que serviram de modelo para os fatos

de Corto: 36.

[46] Dominique Petitfaux, *De l'autre côté de Corto*: 35.

[47] *Op. cit.*: 26.

[48] Assim, em *Rendez-vous à Bahia*, a Bouche Dorée declara: "conheci a tua mãe por uma pintura de Ingres. Era famosa a tua mãe. A noiva de Gibraltar, uma cigana muito conhecida". (51)

militares), gravuras que representam capitães célebres, dois mapas do tesouro em inglês (um dos quais é dado como estabelecido por Robert Louis Stevenson), um mapa mais preciso e oficial em português, centrado na ilha de Marajó e o Estado federado de Amapá (próximo da Guiana francesa). Encontrámos igualmente dois textos. O primeiro, assinado "William Bones (dito Billy)", como uma das personagens da Ilha do Tesouro, cita um texto "inédito e inacabado" de James Fenimore Cooper (autor do O Último dos Moicanos mas também, e é o que nos interessa aqui, de várias histórias de piratas): apenas Billy Bones possuiria um exemplar. O início fala de um "baú do tesouro". O segundo texto, intitulado *Cadernos dos sonhos de G. L. B.*, menciona também um tesouro. O que Billy Bones escreve a propósito do tesouro termina com as seguintes palavras: "Talvez acabe nas mãos de um desses marinheiros aventureiros que têm nas veias o sangue de todos os continentes. Talvez decida então deixá-lo onde está e continuar o seu caminho acendendo um cigarro de rakka".[49] Após algumas ilustrações e entre os dois mapas do tesouro em inglês, insere-se o texto, que abre com o patronato literário de "Defoe, Byron, Scott e Stevenson" (15): é assinado por Corto Maltese. Lemos que o mapa sumário da esquerda, na posse do herói, teria sido estabelecido por William Walker. Em seguida, são inseridas outras ilustrações. Depois a aventura de *L'Aigle du Brésil* começa... com um primeiro quadro onde vemos Corto tranquilamente deitado a fumar fins de charutos como os que são fabricados em Cachoeira, no estado da Bahia. A assimilação do futuro "marinheiro aventureiro" imaginado por Billy Bones e o herói é evidente, tanto mais que a segunda prancha de *L'Aigle du Brésil,* em que a aventura começa, e a última, mencionam um tesouro de um antigo galeão espanhol afundado entre os baixios da ilha de Maracá, um tesouro que Rasputine e Corto vão efetivamente encontrar no episódio seguinte, mas que serão

[49] *Sous le drapeau des pirates*, Casterman, 1999: 9.

obrigados a deixar na ilha.[50] Vemos claramente o modo como Hugo Pratt, nas edições com um dossier anónimo, misturando realidade e ficção transforma o paratexto em cimento narrativo, reforçando a solidez da construção de toda a diegese, prolongando o jogo da ficção. Mas ele não está presente enquanto autor de Corto Maltese, como se fosse preciso apagar todo o traço que extraísse o leitor da ficção total. Quando aparece, faz de si próprio um personagem que viria, mais uma vez, servir de prova à realidade da existência de Corto, como se servisse apenas para passar as histórias existentes nas quais o marinheiro maltês teria estado envolvido. O primeiro exemplo é o da carta ficcional de "R. Obregan Carrenza, [datada de] 16/06/1965 Viñas des Mar (Chile)", inserida em algumas edições do *La Ballade de la mer salée*, mas surpreendentemente retirada de outras apesar da sua importância. Ela estabelece, desde a primeira aparição de Corto, um mundo onde se misturam realidade e ficção, criador e criaturas de papel, em que a velhice de Corto é já imaginada, ao passo que as suas próprias aventuras ainda não aconteceram. São aí mencionados vários escritos transmitidos a Obregan Carrenza pelo seu tio Caïn e a sua tia Pandora Groovesnore (os heróis de *La Ballade*), nomeadamente manuscritos, um livro de bordo, dois mapas marítimos e uma carta, tudo apresentado como arquivos dos quais Hugo Pratt se serviu como fontes escritas e orais e fazendo de tudo "isto [...] uma história verdadeira". Há mistificação, mas o processo criativo procede muito mais da conivência que da farsa (ainda que alguns jovens leitores possam ter acreditado que Corto existia realmente). Os que acreditam sem reservas estão decerto enganados, mas os que compreendem a ambição e a amplitude do jogo literário tornam-se mais uma espécie de iniciados aos mistérios. O leitor que descobre a carta no seu álbum do *La Ballade* torna-se também ele uma indicação na transmissão da história. *La Macumba*

[50] Voir 4.3.1.

du Gringo, na edição Vertige Graphic que tem esse título, baseia-se no mesmo processo narrativo: o de uma carta ou um caderno encontrados, revelando um grande segredo, apresentado como sendo A verdade que será contada por um terceiro, um dispositivo típico do romance de aventuras. Encontramos de facto uma carta datada de 7 de setembro de 1966, assinada por "Flâviano Souza Dos Santos", que nunca foi evocada nas suas biografias. Este homem fala duma certa Aureliana que seria sua sobrinha (portanto, se existisse, seria um irmão das meninas Dos Santos, com quem Pratt viveu). Mas devemos legitimamente duvidar da sua existência real: Pratt não imaginou uma Do[s] Santos "a mais" para a ficção com Morgana Dias do Santos Bantam? Quanto ao nome Aureliana, evoca justamente o segundo nome de Victoriana Aureliana Gloriana, a filha mestiça que Pratt teve com uma das Dos Santos.

2.2.4. Mister No e Bonelli no encalço de Corto e Pratt

Hugo Pratt não é, todavia, o único autor de BD a ter ido ao
600 Brasil, a ter em seguida escrito um argumento e eventualmente desenhado um álbum a partir da sua experiência pessoal. O argumentista e editor de *Mister No*, Sergio Bonelli, por ocasião de uma entrevista, falou da sua viagem ao Brasil, poucos anos depois de Pratt. Na verdade, ele foi ao Brasil pela primeira vez em 1968, a Manaus, ponto de passagem obrigatório para quem quisesse aceder à floresta amazónica, na altura ainda ao abrigo de circuitos turísticos, uma cidade apreendida através do prisma dos mitos e lendas das suas leituras: "Manaus estava imersa no seu torpor habitual... No enorme Amazonas e nos braços dos seus maiores afluentes, os Índios vogavam aqui e ali, nas suas cubatas flutuantes...".[51] O seu conhecimento íntimo da cidade permite-lhe desenhar um grande retrato ao longo de 21 quadrados repartidos por 6 pranchas, a meio da segunda aventura do seu herói, falando primeiro da atmosfera geral, depois dos Índios e da selva que

[51] *Mister No* n° 2 *L'Infernale Déveine* (fevereiro 1976): 46.

os rodeava, antes de se interessar pela antiga economia da cidade, pelas distrações possíveis para os seus habitantes e pelas suas diversas habitações. É "neste mundo prostrado pelo calor tropical"[52] que ele enraizou as aventuras do seu herói, mas situou-as mais de uma geração a seguir às de Corto, nos anos cinquenta, "porque, na época, a selva amazónica era ainda um dos últimos mundos de aventuras preservados no nosso planeta: selvagem, em grande parte desconhecido, habitado por gente que não conhecia ou mal conhecia a civilização dos Brancos".[53] A cidade de Salvador da Bahia parece fasciná-lo menos e a sua descrição, ligada à narração por intermédio da aterragem no aeroporto da cidade pelo avião de Mister No, é menos marcante para o leitor, a não ser pela diversidade da vida que oferece:

> Salvador da Bahia é certamente uma das cidades mais fascinantes do Brasil... Com as suas antigas ruazinhas comerciais que resvalam o porto... o seu mercado efervescente e colorido onde os peixes se amontoam... as frutas exóticas... os bolinhos quentes... e onde a multidão se acotovela, de brancos e de mestiços mais ou menos escuros, a maioria descendente dos escravos, que outrora os fazendeiros fizeram vir de África às dezenas de milhares... Gente pobre, terrivelmente pobre na grande maioria.[54]

Não se limitando aos territórios urbanos, Bonelli interessa-se também pelas condições de vida extremas do sertão, vendo aí um fermento para exacerbar as tensões com as quais Mister No deverá confrontar-se.[55]

---

[52] *Op. cit.*: 52.

[53] "All'epoca la giungla amazzonica era ancora uno degli ultimi mondi dell'avventura rimasti sul nostro pianeta: selvaggia, in gran parte inesplorata, abitata da popoli che di rado o mai avevano conosciuto la civiltà dei bianchi." (la traduction française est personnelle). Disponível em http://www.sergiobonelli.it/sezioni/121/faq121 (consultado a 20 de janeiro de 2018).

[54] *Mister No* n° 3 *Jour de malheur* (março 1976): 62-4.

[55] Ver o artigo de Massimo Cappelli, "Il Sertão: un territorio ostile", em

3. De que Brasil falamos aqui?

3.1. O sertão e o cangaceiro: uma rudeza que fascina

> O Sertão é uma enorme extensão de terra quase completamente desértica... argilosa, onde se sufoca no Verão... que se transforma num pântano lamacento com as primeiras chuvas e onde efémeros cursos de água invadem as mínimas depressões... É uma terra de pecuária apesar da pobreza da sua vegetação... e de enormes domínios verdadeiramente feudais, onde exércitos de rendeiros subsistem mediocremente, servos modernos dos grandes proprietários que aí fazem a lei...[56]

As palavras sertão e caatinga, intraduzíveis, fazem com que o leitor francês mergulhe de imediato num lugar exótico, que promete terras impenetráveis de cenários áridos para aqueles que consultam manuais de geografia ou textos lusófonos.

O vocábulo *sertão*, cuja pronunciação é difícil para os francófonos, tem origens obscuras, deriva do baixo-latim *desertanu*, ou do português *desertão* para alguns, o que reconduz a palavra ao étimo latino *desertus*; ou ainda, para outros, deriva de uma língua bantu, do termo *mulcetão (celtão / certão)*, que designaria o mato e/ou um lugar que se encontra no centro. Mas todas estas origens conduzem-nos à ideia do sertão como lugar no interior das terras, pouco populoso e não cultivado, afastado do litoral. Aparecendo já nos escritos fundadores de Pero Vaz de Caminha (*Carta ao Rei de Portugal D. Manuel I*) e Vasco da Gama (*Relato da primeira viagem*), a palavra existe em português desde o século XV e veicula perfeitamente essa ideia de um lugar distante e agreste, selvagem. O sentido específico de "zona semi-desértica no nordeste do Brasil" que lhe conhecemos hoje chegará bastante mais tarde, no século XX, como explica Francis Utéza: "Durante o século XX o termo

http://www.ubcfumetti.com/misterno/?16286 (consultado a de 20 janeiro de 2018). *Mister No* n°4 *Les Nouveaux Cangaceiros* (abril 1976): 5.

[56] *Mister No* n°4 *Les Nouveaux Cangaceiros* (abril 1976): 5.

especializa-se: mesmo que seja ainda hoje utilizado para designar principalmente o centro e o oeste do interior rural por contraste com as grandes aglomerações, aplica-se muito particularmente a uma paisagem fitogeográfica bem definida, a saber, o domínio das caatingas do Nordeste".[57]

O termo *caatinga* designa um tipo de vegetação característica de uma ecorregião exclusivamente brasileira, formada por uma floresta espinhosa, na qual catos e arbustos com espinhos, que perdem as suas folhas durante a estação seca, constituem o manto vegetal. A palavra, de origem tupi, formada por *Kaá* [mato] + *tinga* [branco], diz respeito a uma região específica que ocupa mais de 800.000 km², e se localiza essencialmente no nordeste do Brasil, assim como a norte do estado de Minas Gerais que se encontra na região sudeste do país.

Portanto, não há sertão sem caatinga na aceção específica do termo, que situa o sertão no nordeste brasileiro. Ao passo que para Hermann, no glossário ilustrado que acompanha a BD *Caatinga*, o sertão situa-se na "ponta nordeste do Brasil, entre o Recife a norte e Aracaju a sul",[58] para Pratt, no dossier que completa a edição de *La Macumba du gringo*, "o sertão não gosta de fronteiras precisas, altera-as constantemente; acomoda-se à fuga das estações, às inundações e às grandes secas".[59] Como quer que seja e onde quer que ele se encontre, não há Brasil sem sertão, carregado de uma "simbólica essencial para a compreensão do imaginário coletivo brasileiro",[60] e não há sertão sem cangaceiros, os bandidos do século XIX e início do século XX, que são a figura central do imaginário associado a essa região árida e impenetrável do nordeste, região muito distante (e

[57] Francis Uteza, "Figures du sertão": 2, disponível em http://www.univ-montp3.fr/llacs/wp-content/uploads/Figures-du-Sertão.pdf (consultado a 20 de janeiro de 2018).
[58] Hermann, *Op. cit.*: 53.
[59] Hugo Pratt, *La Macumba du gringo*: 9.
[60] Francis Uteza, *Op. cit.*: 2.

abandonada) das capitais do sul do país. Alguns dos seus adversários veem-nos como "um punhado de bandidos! Ladrões de gado! Bandidos procurados pela polícia",[61] mas a figura do cangaceiro, "mistura de 'Robin dos Bosques' e de criminoso impiedoso", para Hermann,[62] propagada pela literatura (popular) de cordel, mas também pela literatura erudita desde Euclides da Cunha e a sua epopeia *Os Sertões*,[63] representa uma parte da brasilidade procurada desde a independência do país.

A palavra cangaço, que aparece por volta de 1834, vem do substantivo *canga* e indica simultaneamente o conjunto das armas dos cangaceiros, o seu modo de vida, e o movimento social. O termo cangaceiro, indivíduo armado e que carrega as suas armas e o seu equipamento sobre as costas, designa um "bandido" em dois casos distintos: no século XIX, um bandido ao serviço de um proprietário rural, e mais tarde, bandidos nómadas, agindo de forma independente, mas em bando organizado em torno de um chefe. Foi a segunda categoria que ficou gravada no imaginário coletivo, no entanto, o seu período de existência foi bastante curto e delimitado no tempo, indo do fim do século XIX até ao início dos anos quarenta. Ainda que estes bandos agissem essencialmente para defender interesses específicos relacionados com famílias ou comunidades aliadas, a imagem que fica é a do justiceiro, de um bandido-herói que defende os pobres e luta contra as injustiças sociais. O mais conhecido destes cangaceiros é sem dúvida alguma Virgulino Ferreira da Silva,[64]

[61] *Mister No* n° 4 *Les Nouveaux Cangaceiros*: 25. Descobrimos mais tarde que esta apresentação é enviesada, pois é feita por um dos homens do coronel Fonseca.

[62] Hermann, *Op. cit.*: 53.

[63] A obra *Os Sertões* foi traduzida duas vezes para francês: primeiro em 1947 com o título *Les Terres de Canudos*, depois em 1993, com o título *Hautes Terres – la guerre de Canudos* (Paris, Métailié).

[64] Ele é mencionado, juntamente com a sua mulher, Zé Baiano, Tiburco e Corisco em *Mister No* n° 4 *Les Nouveaux Cangaceiros*, abril 1976: 34.

apelidado Lampião, que soube no seu tempo construir e alimentar a imagem de um Robin dos Bosques do Brasil. Com efeito, ele respondia de bom grado às perguntas dos jornalistas fascinados que vinham do sul do país para vê-lo e aceitava posar para os fotógrafos, tendo mesmo atuado numa rodagem proposta pelo fotógrafo sírio-líbano-brasileiro Benjamin Abrahão entre 1936 e 1937.[65] Outros nomes do *cangaço* seguem a notoriedade de Lampião, tais como Maria Bonita, a sua companheira, Corisco, o "diabo louro",[66] assim como a sua mulher Dadá, ou ainda Antônio Silvino (**fig. 1**).

[65] Um primeiro filme foi editado a partir destas imagens em 1937, mas foi censurado pelo governo de Getúlio Vargas. Em 1955, as imagens foram recuperadas por Alexandre Wulfes e reeditadas por Al Ghiu num filme de 10 minutos intitulado *Lampião, o rei do cangaço*.

[66] Existe também uma fotografia de Corisco com os seus cães. Ela foi reproduzida na terceira página do dossier de *Caatinga* de Hermann. Foi igualmente desenhada por Michel Plessix em segundo plano no último quadro da sua adaptação BD da canção "Sertão" de Bernard Lavilliers (a sexta do álbum *Lavilliers. L'Or des fous*, collectif, Soleil, 2000: 4) e encontra-se, com outros objetos dos quais o chapéu de cangaceiro, entre as relíquias do passado que um velho rebelde conservou.

Fig. 1: Os cangaceiros de Lampião fotografados por Benjamin Abrahão em 1936.

O cangaço sufoca no início dos anos quarenta sob o governo de Getúlio Vargas, após a execução e decapitação, em 1938, de onze cangaceiros no estado de Sergipe, entre os quais Lampião e Maria Bonita. Mesmo que Corisco assegure a continuação e vingue a morte de Lampião decapitando toda a família do proprietário rural suspeito de ter comanditado o assassínio do seu chefe, ele próprio acaba por ser morto em 1940, no estado de Bahia, pelo oficial Zé Rufino. A sua companheira Dadá é ferida na perna.

Em 1953, sai nos cinemas brasileiros e europeus o filme *Os Cangaceiros*, do realizador brasileiro Lima Barreto. O filme tem um êxito sem precedentes e fixa definitivamente a imagem do *cangaceiro* como a de um bandido-justiceiro vestido em couro, carregando armas e munições a tiracolo, e na cabeça um chapéu em meia-lua ornado de decorações características (**fig. 2**). Seguir-se-ão, uns anos mais tarde, outros filmes sobre os *cangaceiros*, nomeadamente *Deus e o Diabo na Terra do Sol* do realizador brasileiro Glauber Rocha, saído em 1964, e *O Cangaceiro*, do Italiano Giovanni Fago, saído em 1970.

Fig. 2: Corisco e Dadá fotografados por Benjamin Abrahão em 1936.

Se, como vimos, Hermann situa claramente o seu interesse pelos *cangaceiros* a partir das suas memórias do filme de Lima Barreto, Hugo Pratt interessa-se pelas "zonas obscuras da história" como explica Dominique Petitfaux:

> Hugo Pratt enfiava-se nas zonas obscuras, nos vazios deixados pelos historiadores dentro de períodos muito conhecidos. [...] Pratt vivera a Segunda Guerra mundial e tinha ficado profundamente desiludido. Perdera todo o fascínio pelos ideais. E esta atitude está presente nos seus álbuns. Os únicos combates que defende

> são o dos Irlandeses pela independência e o dos cangaceiros na luta contra os grandes fazendeiros do norte do Brasil.[67]

É verdade que à história (real) dos cangaceiros, muito envolvida com a lenda,[68] não faltam zona obscuras ou interstícios nos quais nos podemos esgueirar. É deste modo que vários personagens históricos se insinuam nas pranchas de Pratt, quer seja nas aventuras de Corto ou no l'*Homme du sertão*, tais como Corisco, Dadá, Zé Rufino e Lampião. Em *Samba avec Tir Fixe*, o jovem Corisco recebe das mãos de Corto Maltese, o "amigo dos cangaceiros", o chapéu de Tir Fixe, que se deixou convencer por Corto a assumir a sucessão do Redentor, o grande cangaceiro.[69] Corto aparece como defensor do movimento e facilitador de transmissão, como um passador. Lampião está presente nas pesquisas de Pratt sobre o movimento do cangaço, no entanto não aparece como personagem nos episódios

[67] Declarações de Dominique Petitfaux, entrevista de Thierry Lemaire, *Cases d'Histoire*, 30 de setembro de 2015, disponível em http://cdhlemag.com/2015/09/dominique-petitfaux-pratt-pratiquait-lhistoire-interstitielle/, consultado a 02 de janeiro de 2018.

[68] Da lenda ao comércio por vezes basta um passo. Assim, Michel Plessix imagina no seu argumento, que adapta em BD a canção "Sertão" de Bernard Lavilliers (em *Lavilliers. L'Or des fous*, collectif, Soleil, 2000: 2 et 4), um cangaceiro, tendo escapado na sua juventude ao massacre dos seus companheiros, se encontra reduzido a vender figurinhas fabricadas pela sua mulher para ter alguns rendimentos na sua velhice. Os cangaceiros tornaram-se bugigangas inofensivas para turistas com falta de folclore e o pincel de decoração das figurinhas substituiu a espingarda. A cena acaba de forma de comovente com um grande plano das lágrimas do velho homem quando volta a ver uma relíquia do passado, o seu chapéu de cangaceiro, uma lembrança dolorosa que o leva a pegar numa espingarda, como que para retomar uma luta irremediavelmente ligada ao passado ou para pôr definitivamente um fim ao seu declínio de herói de um tempo que acabou.

[69] Em *L'Homme des Caraïbes* (Casterman, 2007), a personagem belle Bonbon explica ao herói Svend que um dos seus amigos, o rebelde chamado "Peau-Noire", "conheceu o 'Rédempteur'", um chefe sindical ou qualquer coisa do género. "Ele adquire uma nova consciência" (10). Mais uma vez, as obras entrecruzam-se a partir de um detalhe.

brasileiros de Corto, nem no *La Macumba du gringo*, ainda que o seu nome seja evocado na última prancha. Em Pratt, dentre os cangaceiros lendários, é Corisco que é homenageado (tal como no filme de Glauber Rocha). De início um jovem que recebe das mãos de Corto Maltese o chapéu de Tir Fixe, Corisco de São Jorge (patronímico que encontramos igualmente no filme de G. Rocha) é ainda, neste episódio, um aprendiz de bandido, um futuro cangaceiro:

> Corisco: Para cada coronel vai haver cem Tir Fixe, gringo... Aprendemos a lição e é uma lição que não vamos esquecer...
>
> Corto: Como te chamas tu, jovem ?
>
> Corisco: Corisco de São Jorge.
>
> Corto: Então, Corisco de São Jorge, pega no chapéu de Tir Fixe e continua em seu nome a luta contra o dragão da maldade.[70]

Corisco de São Jorge é então um jovem que vestirá o traje de chefe cangaceiro, seguindo os conselhos de Corto Maltese. Encontrá-lo-emos em seguida no *La Macumba du gringo*, nas suas últimas horas de vida. Com efeito, Pratt inscreve, no interior da história fictícia de Gringo Vargas e Satânhia, o relato histórico da morte de Corisco. O ataque do oficial Zé Rufino em maio de 1940 é contado em sete pranchas na BD de Pratt, após uma profecia de Mãe Sabina: "Ah... vejo a morte, dos soldados...". As pranchas representam o combate entre os homens de Zé Rufino e o bando de Corisco com o assalto dos soldados, corpos no chão, uma imagem de decapitação, antes de chegar, por fim, à morte de Corisco, que ocupa vários quadros. É assim que o "diabo louro", ainda de cabelo comprido, aparece com a sua companheira Dadá, antes de afrontar os soldados, arma em punho, numa última demonstração de bravura:

> Corisco: Não! Não me vou render! Só me rendo à morte, com um revólver na mão! [...]

[70] Hugo Pratt, *Sous le signe du capricorne. Samba avec Tir Fixe*, Paris, Casterman, 2015: 67-8.

> Dadá: Corisco... Pára... Atingiu o Corisco.
>
> Zé Rufino: Dadá, reconheces-me? Sou o Zé Rufino... deviam ter-se rendido.
>
> Dadá: Corisco não se rende a ninguém e tu apanhaste-nos porque és o que és.[71]

É interessante observar de que modo o jogo da ficção se inspira aqui da história real, para prestar homenagem a algumas figuras míticas do sertão. Estas pranchas integram, no interior das aventuras de personagens ficcionais, a morte lendária de um dos reis do cangaço, que constitui certamente uma dessas "zonas obscuras" e de "espaços vazios deixados pelos historiadores" aos quais D. Petitfaux se refere nas citações acima.

No dossier que acompanha a edição Vertige Graphic do *La Macumba du gringo*, é feito um relato preciso do fim do cangaço, nomeadamente da morte de Lampião e do desejo de vingança de Corisco, sem, todavia, revelar demasiados detalhes do ataque sangrento de 1940:

> A 29 de julho de 1938, guiado por João Bezerra, velho cúmplice do bando, e por Pedro de Cândida, o seu antigo homem de confiança, uma volante de Bahia irrompe no acampamento de Angico, matando Lampião, Maria Bonita e uma grande parte do bando.
>
> Corisco, com a sua companheira Dadá e uns quantos outros cangaceiros conseguem escapar. Doravante, os sobreviventes só têm uma ideia em mente: a vingança. Durante quase dois anos, Corisco e os seus homens continuam a percorrer o sertão como outrora, mas agora encontram-se desprovidos de todo o apoio, as volantes e o exército perseguem-nos.
>
> As fortes recompensas oferecidas pelo governo incitavam os amigos de outra época à delação. A saga do cangaço chega ao fim.
>
> A corrida doida de Corisco, o diabo louro, o último cangaceiro,

[71] Hugo Pratt, *La Macumba du gringo:* 37-9.

acaba brutalmente, em pleno sertão, num dia do ano 1940.[72]

Ainda no dossier de apresentação desta mesma edição, segue-se a ficção, mesmo antes das primeiras pranchas, para ir mais longe no relato da morte de Corisco, através da publicação, numa paginação cuidadosamente pensada para servir o jogo literário, de duas cartas que prometem contar toda a verdade sobre este episódio. A primeira, dirigida ao Senhor Pratt, é assinada pela mãe de Flaviano, que lhe envia um caderno que contém uma "uma história terrível": "Neste caderno são relatadas de maneira fiel as últimas horas da vida de Corisco e do seu tenente Gringo Vargas. Nada mais a não ser a pura verdade, descrevi exatamente o que vi com os meus olhos, escondida na cabana da mãe Sabina e na caatinga à volta".[73] O procedimento é vertiginoso e propõe um caminho novo ao leitor de Pratt: a história de Gringo Vargas e Satânhia, publicada desde os anos setenta, é aqui enriquecida por um paratexto que vai muito além de simples referências contextuais.

3.2. Os Índios da Amazónia: entre etnologia e mito literário

O território da caatinga não é o dos Índios da Amazónia, por isso o álbum de Hermann não os inclui. Em contrapartida, eles estão presentes na obra de Pratt, o que não é surpreendente visto que este manteve relações pessoais com os Índios da tribo dos Xavantes desde 1964, como já vimos.[74]

Em *Rendez-vous à Bahia* (30), o Índio Caribe que Corto, Tristan e Jeremiah cruzam perto de Saint-Laurent-du-Maroni na Guiana francesa, enquanto se dirigem para São Salvador da Bahia, lê no fogo "as mensagens daqueles que viveram antes da nossa lua" (31). Ele anuncia a Tristan, a propósito do reino de Mû: "o

[72] *Op. cit.*: 21-2.
[73] *Op. cit.*: 27.
[74] Ver 2.2.1.

país que tu procuras tem quatro entradas. A primeira no sul, entre os Xavantes, povo que corre; a segunda numa terra rodeada pelo grande mar salgado, o umbigo do mundo; a terceira pelo norte no reino branco... a quarta no labirinto das perguntas e respostas. No silêncio das línguas. É a porta mais fácil... mesmo que não acredites, Corto Maltese!!!"[75] A apresentação, pelo Caribe, dos Xavantes como "povo que corre" evoca a de Pratt,[76] que fala de um povo nómada que vive em grandes espaços, e que é por isso difícil de localizar quando quer encontrar a tribo para ver o seu filho (ainda que as coisas tenham mudado pouco a pouco desde essa época e que nos nossos dias eles vivam em reservas, onde as possibilidades de caça foram restringidas). É também interessante o facto de ele escolher essa tribo que conhece bem como povo mágico, particular, ligada a Mû, um povo que o marcou de forma duradoura, nomeadamente na sua relação com a imagem. Ainda que "para compreender bem os Xavantes, [ele] tinha começado a elaborar um pequeno dicionário da sua língua",[77] Hugo Pratt[78] contou que "falava com as mãos" com os Índios para se fazer compreender, não tinha intérprete. São os gestos das suas mãos de desenhador, traçando signos no vazio que deveriam fazer sentido, que permitiam o essencial da comunicação. Os seus desenhos no papel, figurativos, ao passo que eles recorriam mais ao simbólico, fascinaram os Índios que os encaravam como uma espécie de magia:

> Percebo rapidamente que eles não compreendem o princípio da banda desenhada, quer dizer, da sequência narrativa que emerge de uma justaposição de desenhos: eles não associam as

[75] Hugo Pratt, *Sous le signe du capricorne. Rendez-vous à Bahia*: 31. Ver também o álbum *Mû* (40), em que Steiner lembra estes dados demonstrados pelo pai de Tristan.

[76] Dominique Petitfaux, *Le Désir d'être inutile*: 120.

[77] *Ibid.*

[78] *Hugo Pratt, trait pour trait*, Thierry Thomas (realizador), Arte France/Quark Productions, 2016 [55 min]. Dominique Petitfaux, *Le Désir d'être inutile*: 118-119.

> imagens entre elas, só distinguem cada desenho isoladamente. Mas isto não me surpreende: no fim de contas, nos países ditos "civilizados" há tanta gente que não compreende nada de banda desenhada! Eles gostavam especialmente das aguarelas. As suas festas eram muito coloridas e ficavam contentes de se reconhecer nos meus desenhos. Eu tinha sempre de desenhar as personagens de corpo inteiro: se, por exemplo, só mostrasse o rosto, ficavam perturbados e questionavam-se sobre onde estaria o resto do corpo. Evidentemente que para mim era uma experiência apaixonante.[79]

Poderíamos admirar-nos por Pratt não ter explorado mais a sua experiência pessoal junto dos Xavantes nas aventuras de Corto, pois os Índios da Amazónia, no território propriamente brasileiro, são pouco representados. Em contrapartida, os Jivaros, os célebres "cortadores de cabeças", ocupam um lugar importante no episódio 6, *Têtes et Champignons*, que começa em Maracaïbo, na Venezuela. Um deles explica a Corto as suas razões de queixa relativamente aos "Brancos", que trouxeram doenças mortais, tornando os raros Índios sobreviventes dependentes dos mesmos que os enfraqueceram. Ele evoca igualmente os "garimpeiros em busca de ouro[80]... e de esme-

[79] Dominique Petitfaux, *Le Désir d'être inutile*: 118-119.

[80] Encontramos estes personagens na adaptação em HQ da sétima canção de Bernard Lavilliers "Gentilshommes de fortune" desenhada por Mohamed Aouamri, em *Lavilliers. L'or des fous* (collectivo), Soleil, 2000. Salientamos que no título é utilizado um termo igualmente utilizado por Pratt a propósito dos piratas, para designar os exploradores de ouro das minas de Serra Pelada. Nestas quatro pranchas marcadas pelos tons vermelho sangue e verde da floresta amazónica, os corpos destes homens ávidos de ouro estão contraídos de dor e a imagem saturada, como se nenhum pudesse escapar à morte.

raldas[81]... [que] chegam e [que] matam os Índios... Fazem-nos lutar uns contra os outros, fazem-nos um monte de promessas que não cumprem e obrigam-nos a esconder-nos na selva",[82] um discurso que explica a violência dos Jivaros a respeito daqueles que invadem o seu território.

É interessante comparar com o tratamento dado a esta questão na série *Mister No,* pois há uma intriga, que abrange os números 2 e 3 italianos e franceses, que gira em torno dos Índios Aymaras perto do Rio Urucu. A descrição de Manaus[83] termina com a sua apresentação como uma "ilha perdida no coração da selva infinita... onde já ninguém ousaria aventurar-se".[84] E a evocação da violência que a cidade comporta permite fazer uma transição para a das tribos índias, com quem Mister No se vai cruzar, contratado pelo jovem Ted Morasby para encontrar o seu pai: "A selvajaria existia ainda em estado puro, no reino animal... e nessas misteriosas tribos, que aí defendiam violentamente a sua liberdade... com armas rudimentares, nas quais o curare com o qual induziam as suas pontas, as tornava mais perigosas que as armas de fogo..."[85] O lugar de vida dos Índios Aymaras cortadores de cabeças é dado como um "mundo prostrado pelo calor tropical".[86] Todavia, o resto da história revelará um ponto de vista bastante diferente. Com efeito, o pai de Ted Morasby não foi morto pelos Índios: foi recolhido pela tribo e

[81] Estas duas pedras preciosas também são mencionadas na história curta de Francesco Rubino, *Nina* (revista francesa *Corto* "spécial Brésil", n° 15, janeiro 1988: 132). Firmin, um antigo vaqueiro, que se tornou mais tarde jagunço, gaba-se de ter conseguido encontrar durante a sua juventude, aquilo que lhe permitiu comprar uma fazenda (note-se o uso do termo espanhol *hacienda* na prancha).

[82] Hugo Pratt, *Têtes et Champignons*, dans *Corto Maltese. Toujours un peu plus loin*: 18.

[83] Ver o 2.2.4. para o início da descrição da cidade.

[84] *Mister No* n °2 *L'Infernale Déveine*: 50.

[85] *Op. cit.*: 51.

[86] *Op. cit.*: 52.

adaptou-se tão bem à nova vida, bem longe da que tinha antes, à cabeça do grande grupo industrial *Iron Pennsylvania Company*, que toma a defesa deles e explica porque é que eles se podem mostrar belicosos, visto o que suportam: "Esta pobre gente aprendeu à força que a melhor maneira de se defender das 'intrusões culturais dos brancos', ainda é atacar primeiro!... Desde há dezenas de anos, as pessoas que recolhem a borracha, lenhadores em busca de madeira preciosa, os caçadores, os exploradores, os agentes do governo dizimaram todas as tribos".[87] A seguir, apresentando-os em conformidade total com o mito europeu do "bom selvagem" idealizado, como os últimos representantes duma antiga Idade do ouro que a civilização moderna teria pervertido, acrescenta:

> Eles têm tantas qualidades, que são a olhos vistos cada vez mais raras nos nossos países civilizados... a honestidade, uma certa ingenuidade que os leva a acreditar em tudo o que lhes dizemos... Eles demonstram ter sentimentos nobres, dos quais nós já nem fazemos ideia... E depois, olhem para eles!... À primeira vista estão privados de tudo... E NO ENTANTO NÃO CONHEÇO HOMENS MAIS FELIZES!...[88]

Encontramos todos os *topoï* do Selvagem visto pelo Europeu (na ficção incarnado pelo Americano, mas através da escrita de um Italiano). As letras finais em maiúsculas e a negrito – mas unicamente na versão francesa – são um realce evidente da ideia avançada pelo Sr. Morasby pai. Este último, de forma bastante lógica, vivendo naquilo que para ele é um novo paraíso na terra, escolhe não voltar com o seu filho e ficar com a sua nova família, da qual adotou os hábitos de vida, as crenças e o aspeto físico (tronco nu, vestuário reduzido a uma tanga, joias e cabelo comprido) e, para isso, continuar a fazer-se passar por morto, a fim de poder aproveitar ao máximo

[87] *Mister No* n °3 *Jour de malheur*: 54-5.

[88] *Op. cit.*: 55-6. Mantemos as maiúsculas.

esta nova vida que os Índios lhe ofereceram, os mesmos que, no entanto, supostamente o tinham morto no início da aventura. A não ser que consideremos que eles o tenham de facto feito... pelo menos de um ponto de vista simbólico.

3.3. Crenças e fanatismos: sincretismos brasileiros

A mensagem, dirigida ao jovem Tristan Bantam no início do episódio *Le Secret de Tristan Bantam*, é o primeiro contacto que o leitor tem com as aventuras de Corto Maltese no universo brasileiro. Enquanto Corto e os seus amigos estão em Paramaribo, na Guiana holandesa, uma mensageira desconhecida vem trazer esta missiva (**fig. 3**) a Tristan, da parte de Ogoun Ferraille,[89] que se tinha manifestado no "grande vudu" da véspera.

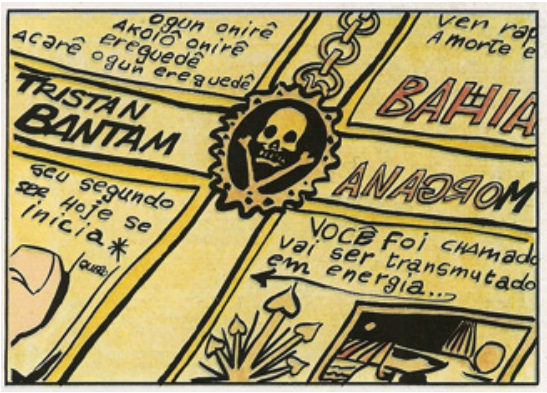


Fig. 3: Uma mensagem misteriosa para Tristan Bantam em *Corto Maltese. Le Secret de Tristan Bantam*: 13 case 9 (éd. Casterman, 2015) © 1970 Cong S.A., Suisse. Tous droits réservés

Sendo o marinheiro maltês de todos os países, segundo H. Pratt, não precisa de mediador, consegue compreender tudo sozinho a partir do momento em que chega a qualquer lugar: torna-se portanto tradutor da mensagem e intérprete de uma panóplia de aspetos da cultura brasileira: "É uma carta com os símbolos mágicos

[89] Divindade yoruba, senhor do fogo, do ferro e da guerra.

da 'macumba' brasileira; mais ou menos a mesma coisa que o vudu das Caraíbas. Está escrita em português: foste chamado para ser transformado em energia. A tua segunda vida começa agora..."[90] O Brasil que Pratt nos relata aqui, por intermédio de Corto, tão exótico para o leitor francês quanto o mundo do cangaço e do sertão, é o mundo das crenças e das religiões afro-brasileiras, enquanto as personagens brasileiras que aparecem neste episódio e no seguinte, Rendez-vous à Bahia, encontram-se entre Itapoã e Salvador da Bahia, a cidade mais "africana" do Brasil.

Hugo Pratt, fascinado pelo mundo misterioso dos ritos afro-brasileiros, desenha um Brasil impregnado de magia e de feitiçaria, em que uma boneca vudu é oferecida pela "feiticeira negra" Bahianinha a Corto para se livrar do advogado Milner.[91] Não é por acaso que a personagem brasileira feminina mais forte da série de Corto é a Bouche Dorée, a sacerdotisa de candomblé. A Bouche Dorée aparece em Corto Maltese como uma ligação entre as diferentes culturas, aquela que pode fazer pontes, reunir os espíritos. É por isso que ela vai convidar Corto a ir ao sertão para conhecer os cangaceiros, Tir Fixe e Corisco. Uma ponte que continua a existir em La Macumba du gringo visto que aqui também, nesta história, cangaceiros e sacerdotisas de candomblé se frequentam, numa espécie de mestiçagem exótica,[92] ao ponto de um cangaceiro, Gringo Vargas, poder

[90] Hugo Pratt, *Sous le signe du capricorne*. *Le Secret de Tristan Bantam*: 13-14.

[91] *Op. cit*.: 23. O poder do feitiço e a sua eficácia (da qual Corto duvidava) parecem ser confirmadas pelas afirmações de Milner em *Rendez-vous à Bahia* (41) visto que logo que a boneca é recebida os seus escritórios londrinos pegam fogo.

[92] De tal modo que no livro de Michel Pierre sobre *Les Femmes de Corto* [as mulheres de Corto], a última ilustração do capítulo sobre a Bouche Dorée (67), com a sombra de uma Baiana lançando cartas, corresponde aos três primeiros quadrados que enquadram o título de *La Macumba du gringo* ou de *L'Homme du sertão.*

declarar: "O sangue lava-se com o sangue. É uma coisa de macumba, de candomblé negro e de feitiçaria vermelha". (48)

Entre a bravura dos bandidos do Nordeste e os poderes esotéricos das mulheres da Bahia, as personagens brasileiras de Pratt são imbuídas de uma força sobrehumana, fruto de uma sábia mistura que parece o reflexo do sincretismo que caracteriza este país. É desta forma que o jovem Corisco, que aparece no fim de *Samba avec Tir Fixe*, engradecido pelo patronímico "de São Jorge", é convidado por Corto a "ficar com o chapéu de Tir Fixe e a continuar em seu nome a luta contra o dragão da maldade".[93] Ora, São Jorge é o santo que corresponde a Ogun Ferraille, e no sincretismo baiano, um é confundido com o outro. Ogun, o orixá do fogo e do ferro, aqui na figura do jovem Corisco, vencerá o dragão e terá a sua história relatada pelo fogo:

> Morgana: Este rapaz vai ficar famoso... o fogo está a contar a sua história...
>
> Corto: Este rapaz tornar-se-á um chefe. Está escrito no seu rosto.[94]

A este propósito, o repórter de *Géo,* Jean-Jacques Mandel explica:

> Quando queremos falar com os deuses aqui, damos-lhes de beber, de comer, e, se eles se dignarem a responder-vos, é por intermédio do corpo de um adepto designado pela burocracia celeste. No vudu, o homem não é senão uma cavalgadura dos deuses. Assim, Corto tornar-se-á, por intermédio da Bouche Dorée, o cavalo de Ogun Ferraille. Corto não podia sonhar com nada melhor. No panteão yoruba, Ogun senta-se no trono à direita de Shango, deus da Guerra. Deus do Metal, patrono do ferro e da civilização tecnológica, Ogun Ferraille é um "princípio de civilização" que abre a vereda na floresta com a machete. Na vida, ele traça o

[93] Hugo Pratt, *Sous le signe du capricorne. Samba avec Tir Fixe*: 68
[94] *Op. cit.*: 68.

> caminho do futuro. Como que por acaso, Ogun Ferraille é o anjo tutelar dos escritores visionários. O de Hugo Pratt.[95]

Corto torna-se então a cavalgadura das divindades afro-brasileiras para melhor navegar entre os heróis imbuídos de magia imaginados por H. Pratt. Este interesse pelo esoterismo vem-lhe, certamente, do encontro com a bela Bouche Dorée, mas também de uma lembrança de família, na medida em que a mãe de Hugo Pratt, de acordo com o autor, "se interessava por astrologia, cartomancia. Chamavam-lhe 'a astróloga', e era considerada como a feiticeira da família".[96]

É deste modo que os bandidos do sertão partilham as pranchas com as mães de santo no universo brasileiro de Hugo Pratt. Seria de esperar que os cangaceiros se cruzassem com os fanáticos e os loucos de Deus no universo árido da caatinga, mas na verdade são as belas mágicas de turbantes e berloques africanos que atravessam o seu caminho. Com efeito, os fanáticos do Nordeste, os beatos, essa "terceira figura do sertão" segundo F. Uteza, não estão presentes no Brasil de Pratt, ainda que sejam parte integrante da história do cangaço. Ora, desde o movimento messiânico de Canudos e dos relatos fundadores de Euclides da Cunha e dos escritores de cordel, o pregador Antônio Conselheiro e outros profetas sertanejos cruzam os cangaceiros no seu caminho, forjando assim a história lendária do bando de Lampião, como salienta Elise Grunspan-Jasmin:

> Uma ligação entre Antônio Conselheiro e Lampião parece ter sido estabelecida desde há muito tempo, tanto no imaginário popular quanto nas obras de história. Estes dois personagens aparecem como duas figuras emblemáticas do sertão que, tanto um como outro, à sua maneira desafiaram as autoridades governamentais e colocaram a sociedade brasileira perante um problema de alte-

[95] Magazine *Géo hors-série. Le Monde extraordinaire de Corto Maltese*, 2001: 70.

[96] Dominique Petitfaux, *Le Désir d'être inutil*e: 19.

> ridade no interior do país. Eles deixaram a sua marca na cultura do sertão mas também constituíram símbolos em torno dos quais se cristalizou progressivamente uma identidade regional e se construiu uma legenda no Nordeste.[97]

Em Hermann, não há magia negra nem rituais afro-brasileiros, mas uma referência curta aos fanáticos do sertão, quando Mané, subjugado perante uma procissão de fanáticos carregando cruzes sobre as costas como Cristo, diz ao seu irmão Diamantino: "É inútil eu tentar conter-me, Diamantino. Tive muita dificuldade em saber quem sou estes últimos dias. Agora sei: a virgem falou comigo e disse-me para ir a Juazeiro, para a salvação da minha alma... Tenho de obter o perdão do beato... O padre Cícero Romão".[98] É interessante reparar que uma nota acompanha o discurso de Mané, explicando ao leitor o contexto socio-geográfico em questão ("Juazeiro – cidade santa: lugar de ajuntamento de fanáticos religiosos"), e que um comentário é igualmente acrescentado a este propósito no dossier final ("o obscurantismo e o analfabetismo lançavam nas estradas cortes de pobres diabos que seguiam os religiosos fanáticos, e cuja histeria comunicativa misturava cristianismo e rituais de origem africana").[99] Preocupado em respeitar o contexto histórico do sertão dos anos trinta, Hermann não pode impedir-se de abordar a questão do fanatismo religioso no seu álbum, mesmo que não faça disso o tema principal.[100] A prancha consagrada à conversão de Mané

[97] Elise Grunspan-Jasmin, "Lampião et les représentations du messianisme", disponível em: http://www.uenf.br/Uenf/Downloads/Agenda_Social_4449_1189029576.pdf (consultado a 20 de janeiro de 2018). Hermann, *Op. cit*: 38.

[98] Hermann, *Op. cit*: 38.

[99] *Op. cit.*: 38.

[100] Na entrevista que nos concedeu, Hermann diz ter-se interessado de perto pelo fenómeno do fanatismo religioso, e desses outros "chacinadores que massacram os que são menos crentes que eles", mas ter feito a escolha, para este álbum, de se dedicar unicamente aos cangaceiros.

começa e termina com duas tiras mostrando os dois grupos – os dos bandidos e o dos fanáticos – que tomam a mesma estrada e encontram-se face a face, e entre estes quadrados, o retrato de Mané devolvendo as armas, com um olhar completamente absorvido pela visão dos fanáticos a quem se junta.[101] Na encruzilhada são então agrupados numa só personagem as duas figuras emblemáticas do sertão: o beato e o cangaceiro.

4. O Brasil traço a traço

4.1. As personagens: figuras de outro mundo

Como foi dito acima,[102] algumas personagens que cruzam o caminho de Corto Maltese no Brasil foram inspiradas a Pratt por pessoas reais, encontradas durante as suas estadias brasileiras. Ele dá-lhes então um lugar importante nas intrigas das obras do corpus principal e, no que respeita a Bouche Dorée, no conjunto das façanhas de Corto, pois esta mulher que fascina o marinheiro – ao ponto de ver nela a encarnação da mulher perfeita, única e absoluta – vai atravessar o seu caminho até à última aventura, a do álbum *Mû*. Por outro lado, veremos talvez uma ligação entre a personalidade dos militares de *La Macumba du gringo* que decapitam os cangaceiros, e o famoso barman sinistro de um hotel da ilha do Bananal que fazia o mesmo na sua juventude, como relata Pratt nas suas entrevistas a Petitfaux.[103] É que nos álbuns de Pratt as personagens brasileiras femininas parecem ser todas inspiradas em Bouche Dorée e nas irmãs

[101] Alguns quadrados da história curta de Francisco Rubino, *Nina*, faz a narração dos fanáticos religiosos, que caminham em procissão, munidos de cruzes e velas acesas, em direção da "montanha dos milagres" (140), esperando assim conseguir acabar com a epidemia de varíola. O pregador à cabeça do grupo declara com entusiasmo: "São Jorge e Oxoguia-o-Guerreiro salvarão o Sertão! Viva Jesus Cristo, viva Oxoguia! Viva o oceano!" (139).

[102] Voir 2.2.1.

[103] Voir 2.2.1. *loc. cit.*

Dos Santos, à exceção de Dadá (em algumas tiras do *La Macumba du gringo*). A mulher brasileira desenhada por Pratt é essencialmente baiana: negra (como a jovem criada Lucia de cabelo encrespado) ou mestiça (como Morgana, de cabelo liso), com grandes argolas nas orelhas (como as servas de Bouche Dorée), muitos colares, de turbante ou chapéu na cabeça, vestidos de folhos, e com características atraentes, lábios marcados, um peito generoso e forte corpulência (como Bahianinha ou Mãe Sabina[104]) ou longilínea (como Bouche Dorée). Bahianinha e Bouche Dorée, além disso, são desenhadas várias vezes a fumar um fino charuto brasileiro. Bahianinha, Morgana e Bouche Dorée formam um grupo harmonioso, tanto nas relações que mantêm como na sua apresentação física (muito sensual em Morgana e Bouche Dorée) e em termos de vestuário (com acessórios tipicamente baianos nas três), todavia, há uma forte hierarquia entre elas, consoante o grau de domínio da magia e de conhecimento do mundo. A este respeito, Rose Bouche Dorée situa-se na ponta da pirâmide pois ela é "grande diabo da Bahia",[105] um estatuto partilhado com Morgana Dias do Santos y Bantam; mas contrariamente à jovem mulata, Bouche Dorée parece ser atemporal (como quando evoca em dois momentos os antepassados de Corto, com quem se teria cruzado). Tal como uma deusa ou uma rainha, ela revela-se a Corto e ao leitor de frente (**fig. 4**), numa pose hierática, sentada com elegância numa enorme cadeira de braços em vime, assimilável a um trono,[106] com as duas mãos pousadas nos braços da cadeira para se sentir melhor o poder que ela detém.

[104] A propósito do nome desta personagem, Pratt explica a D. Petitfaux que tinha de início "posto Mae Preta, que quer dizer 'maman noire' [e não] Mae Sabina, mas uma personagem chama-se Sabino, e deve ter havido uma confusão" na tradução da história (*De l'autre côté de Corto*: 109).

[105] Hugo Pratt, *Sous le signe du capricorne*. *Le Secret de Tristan Bantam*: 13

[106] Uma fotografia (56) presente na obra *Je me souviens d'Hugo Pratt* mostra o desenhador sentado numa cadeira de braços em vime do mesmo género, na sua casa de Malamocco.

Fig. 4: Primeiro encontro entre Bouche Dorée e Corto Maltese em *Corto Maltese. Samba avec Tir Fixe: 50 case* 3 (éd. Casterman 2015) © 1970 Cong S.A., Suisse. Tous droits réservés.

Vemos rapidamente o afeto que ela tem por Morgana e o grande respeito que todos lhe demonstram. Ao passo que Bahianinha aparece constantemente com um simples lenço com um nó no alto da cabeça, encarnando o tipo da baiana, tal como o seu nome sugere, Morgana e Bouche Dorée são por vezes desenhadas com belos chapéus de flores ou lenços ornamentados com pérolas, segurando uma sombrinha, para mostrar a diferença de estatuto social (Morgana é a herdeira, pelo lado do seu pai, de uma grande companhia, a Financière Atlantique). Quanto a Satânhia, em *La Macumba du gringo*, ela tem os traços da mulher fatal e diabólica (até no seu nome). Mesmo que corresponda igualmente ao tipo da baiana, o seu vestido vermelho, o seu olhar fulminante e o seu corpo descoberto fazem desta personagem uma mulher à parte (**fig. 5**). Brandindo uma lâmina para afrontar Mãe Sabina no início da história, Satânhia tentará em seguida utilizar o seu corpo para acordar o seu amante morto, que permanecerá, todavia, insensível às armas da "mulher diabólica".[107]

[107] Sobre este assunto ver o último quadrado da página 42 de *La Macumba du gringo.*

Fig. 5: Satânhia, uma mulher fatal cuja única rival é a morte em *La Macumba du gringo*: 30 case 5 (éd. Vertige Graphic 1998) © 1977 Cong S.A., Suisse. Tous droits réservés.

Morgana consegue comunicar com o espírito do seu irmão, mas não domina ainda a leitura das cartas (**fig. 6**); vemo-la a co-
624 municar as suas dificuldades em compreender as suas mensagens quando se trata de Corto e a não conseguir aplicar o princípio de não intervenção que as duas mulheres lhe ensinaram e que Bahianinha lhe lembra ("As coisas do destino devem seguir o seu curso natural. Uma cadeia de flores é por vezes mais difícil de desfazer que uma corrente de aço…"),[108] quaisquer que sejam as informações sobre o futuro que as cartas lhe indicariam, um saber esotérico que fascinava Hugo Pratt desde a infância:

> O que faz a beleza das cartas é que elas mataram, elas desencadearam paixões, elas contaram fábulas e ainda contam, as cartas existem desde há muito tempo e foram dotadas, sob todas as paralelas e todos os meridianos, de um valor fantástico, poético, romântico. As cartas são a possibilidade de ter o seu destino em mãos, de o jogar, de o sentir por um momento.[109]

[108] Hugo Pratt, *Sous le signe du capricorne*. *Rendez-vous à Bahia*: 34
[109] Vincenzo Mollica et Patrizia Zanotti (dir.), *Op. cit.*: 66.

Fig. 6: Bahianinha, Morgana e a arte da cartomancia
em *Corto Maltese. Rendez-vous à Bahia*: 33 case 9 (éd. Casterman 2015) © 1970 Cong S.A., Suisse. Tous droits réservés.

Através dos conselhos afetuosos que dá a Morgana, Pratt constrói com a figura da Bahianinha

> uma mãe excecional "ad honores", uma figura maternal profundamente realizada, não obstante a sua maternidade carnal talvez em falta. Percetora e afetuosa guardiã de Morgana Bantam, com a sua fantasia associada a uma doçura infinita, criou uma "filha" extraordinária. Alegre e desinibida, talvez pobre em termos de cultura oficial, mas transbordante de conhecimentos esotéricos e de um grande sentido prático e dinâmico, a Bahianinha conseguiu fazer desta menina sem pai nem mãe um exemplo invejável de pessoa plenamente realizada, e uma mulher de grande humanidade e feminidade.[110]

Mesmo que o advogado Milner não se coíba de dirigir a Tristan um comentário racista sobre Morgana, falando da "[sua] irmã de chocolate",[111] a condição destas mulheres em *Corto Maltese*, não parece colocar nenhum problema e as suas vidas parecem bastante serenas, refletindo todavia as classes sociais do Brasil da época. Esta questão é tratada de outra forma *La Macumba du gringo*, com a violação de Satânhia, porque "as mulheres dos cangaceiros fazem parte do butim de guerra", enquanto Mãe Sabina só consegue esca-

[110] Gianni Brunoro, *Op. cit.*, 2008: 127.

[111] Hugo Pratt, *Sous le signe du capricorne*. *Rendez-vous à Bahia*: 41.

par à agressão na sua casa de pau a pique graças a uma aranha com veneno mortal e uma espingarda.

Sendo a violação como arma de guerra uma prática corrente em qualquer lugar e em todas as épocas, o corpo nu da irmã de Mané e Diamantino na página 13 de *Caatinga* permite-nos perceber claramente que é também esse o destino que os homens da milícia armada do coronel Aristarco y Souza lhe reservaram, antes de a matar, como represália do ataque ocorrido duas páginas antes. Se as mulheres são pouco representadas no resto do álbum de Hermann, elas aparecem com frequência entre os cangaceiros: podemos vê-las (23) a preparar comida e a dançar com os seus homens, mas sobretudo levando a cabo, como eles, as mesmas operações extenuantes, sem beneficiar de nenhum tratamento especial. E é mesmo uma delas, Dalva da Conceição, que vai provocar o massacre do bando, traindo-o (49) para se vingar do assassínio do seu companheiro por Clovis (36).

As personagens femininas não têm um papel importante na intriga das primeiras aventuras de *Mister No*, mas o seu papel no seio do movimento é mencionado no nº 4, num longo desenvolvimento de várias pranchas sobre os cangaceiros. Capitão Corisco (Curisco na versão francesa), assim nomeado em homenagem ao "Diabo louro", dá a Mister No uma explicação detalhada do que são os cangaceiros, de teor bem diferente da que o herói obtivera antes, da parte de um homem do coronel. Esta explicação intradiegética, destinada a uma personagem, tem sobretudo um valor extradiegético, permitindo aos leitores italianos e franceses compreender a situação através da apresentação dos lugares e dos seus ocupantes, do vínculo estreito que mantêm, e insistindo também no papel importante das mulheres:

> São foras-da-lei, mas de um género bastante peculiar, que viviam nas regiões mais perdidas do Sertão... nos anos 20... Muito foi dito sobre eles! [...] Incrivelmente resistentes, sem medo nem da sede nem do calor, nem das chuvas torrenciais intermináveis... E as mulheres com quem partilhavam a vida não eram menos

> resistentes e corajosas... Elas eram simultaneamente cozinheiras, enfermeiras, combatentes... E é também a elas que devemos as indumentárias de cores vivas muito invulgares, que tornavam a imagem dos cangaceiros tão romântica!![112]

É claro que as "indumentárias de cores vivas" dos cangaceiros são perfeitamente representadas nos álbuns do nosso corpus principal, indissociáveis das personagens masculinas brasileiras desenhadas por Pratt e Hermann. Na capa, de chapéu em meia-lua e munições a tiracolo, o cangaceiro serve como porta de entrada ao universo brasileiro.

Em Pratt, os homens do Brasil assumem, sobretudo, a figura de polícias (capitães, soldados) ou de bandidos do cangaço. No *La Macumba du gringo*, os primeiros têm os nomes de Pedro, Agostinho ou Zé Rufino (referência ao agente de polícia que comandou o ataque contra Corisco), ao passo que os cangaceiros se chamam Zé Bahiano, Geraldo, Corisco, Sabino e Gringo Vargas. Este último, morto pelos soldados de Zé Rufino desde as primeiras pranchas, beneficia de uma descrição minuciosa feita pelo médico militar:

> num bolso do colete encontramos uma carta oração endereçada a Gringo Vargas, um terço, uma pedra cristalina... algumas notas de banco, uma pistola Luger 08 calibre 9 mm num cinturão com 30 cartuchos... uma faca longa, uma espingarda alemã Mauser 98 calibre 7,92 mm, cinco descargas não usadas... uma cartucheira com 39 cartuchos para espingarda. Aspeto físico... aproximadamente 1m80, olhos claros, cabelo preto crespo, pele clara... um caboclo de raça sarará... pernas e braços magros, grande capacidade respiratória do tórax, o arco das costelas aparente, exatamente o tipo do leptossomático desta região...[113]

Na descrição do "tipo desta região", conseguimos ver os traços do homem do Brasil segundo Pratt, mesmo que ele se chame

[112] *Mister No* n° 4 *Les Nouveaux Cangaceiros*: 33-6.
[113] Hugo Pratt, *La Macumba du gringo*: 39-40.

Gringo ("Estrangeiro"). Encontramos aqui uma grande mestiçagem, e uma certa confusão ligada à utilização de duas palavras bastante específicas na descrição de um homem de "cabelo preto crespo, um caboclo de raça sarará", pois caboclo designa um mestiço de Branco e de Índio, ao passo que um sarará designa um mestiço de Branco e de Negro de cabelo crespo e ruivo.

Em Hermann, a ênfase é colocada nas personagens masculinas. Entre pobres diabos a viver em condições miseráveis, ricos proprietários rurais fazendo a lei na região, polícia e milícia compradas pelos fazendeiros, discípulos doutrinados por apóstolos oportunistas, e cangaceiros reunidos em torno do chefe do bando Clovis Mendés, o leque é grande e diversificado, desenhando um retrato minucioso da sociedade sertaneja dos anos trinta. É deste modo que o *senhor colonel Aristarco y Souza*, cujo físico corpulento denuncia a opulência, declara desde as primeiras pranchas: "Na região, a lei sou eu" (9) e que os quadrados que se seguem permitem compreender a composição da família com quem se vai confrontar: o avô, a mãe, o irmão atrasado Jesuino, uma irmã e os dois irmãos Mané e Diamantino; são também mencionados dois tios: Câncio, e Serafino da Rocha. Entre o rico senhor de barriga proeminente e roupas coloridas, e a família miserável, cujos rostos estão marcados pela vida, Hermann representa bem as duas faces da sociedade brasileira. O chefe do bando dos cangaceiros, *Capitão* Clovis Mendès, destacando-se claramente em vários quadrados, em plano aproximado, representado enquanto cuida da sua imagem, nomeadamente através do seu reflexo num grande espelho (23), é posto em paralelo com o tenente da polícia, ele também muito preocupado com a sua imagem (31). Esta aproximação entre as duas personagens, a priori tão diferentes, põe em relevo uma semelhança essencial entre os dois chefes: a sua grande violência, a facilidade com que puxam o gatilho, a sua falta de compaixão pelos fracos e os traidores. Servindo-se de bandos para se livrarem dos seus

adversários, nenhum deles aceita que a sua autoridade enquanto chefe seja colocada em questão. De facto, o cangaceiro, herói entre os heróis nos álbuns escolhidos, mítico "bandido com um grande coração" como reza a lenda de Lampião, não escapa ao olhar lúcido de Hermann, que não hesita em acrescentar a vaidade e a tirania aos traços característicos dos chefes de bando.

Entre as imagens mais fortes ligadas ao cangaço, a das cabeças cortadas, exibidas como um troféu de caça, merece um lugar especial na obra do nosso corpus. Em *Caatinga*, Hermann aplica nas páginas 25-6 a ideia que encontramos exprimida na quinta página do dossier final ("As cabeças cortadas eram prática corrente nuns e noutros"), pois assistimos ao raid mortífero dos cangaceiros de Clovis na cidade que denunciou aos volantes a sua localização. E é o mesmo desencadeamento de violência que o praticado pelos volantes: vemos cabeças cortadas no chão ou sobre rochas, outras plantadas em estacas, edifícios incendiados; há cadáveres de cavalos para deixar claro que matam também e unicamente para privar o inimigo de recursos. Em Pratt,[114] encontramos a célebre fotografia das cabeças cortadas exposta até 1969 no museu Nina Rodrigues, de Salvador da Bahia, assim como as aguarelas de Corisco de São Jorge e de Cristino Gomes Da Silva Cleto. A representação da decapitação dos cangaceiros ou dos seus inimigos parece-se bastante com um motivo presente num símbolo maçónico repertoriado no dossier que precede o *Fable de Venise*,[115] o que não pode ser anódino sabendo que a franco-maçonaria ocupa um lugar importante na obra de Pratt, ainda que Corto Maltese não se apresente como um maçónico, mas "simplesmente [como um] franco marinheiro".[116] Assinalemos igualmente que as cabeças cortadas de Corisco, Maria Bonita, Lampião,

[114] Michel Pierre et Hugo Pratt, *Les Femmes de Corto*, 1994: 34-5.
[115] *Fable de Venise*, Casterman, 1984: 38. Trata-se, na maçonaria vermelha, do 9º grau capitular.
[116] *Op. cit.*: 46.

Azulão e Cangaço são representadas em grande plano sob redomas de vidro em *Mister No*.[117] O herói, bastante chocado, tem dificuldade em compreender qual o interesse de uma exposição de troféus macabros num museu. Censurando a violência da publicação (sem dúvida em conformidade com a lei de 1949 a respeito das publicações destinadas à juventude), a versão francesa tem no lugar um quadrado redesenhado, em que as cabeças decapitadas são vistas de mais longe e simplesmente dispostas sobre uma bancada, sem que os traços do rosto possam ser distinguidos.

4.2. Representações da língua portuguesa e das suas variações brasileiras

As aventuras brasileiras de Corto Maltese, tal como o álbum de Hermann, possuem, logo desde o título, marcadores linguísticos que permitem ao leitor identificar uma primeira localização das viagens para as quais vai ser conduzido com o herói (*Rendez-vous à Bahia*, *Samba avec Tir Fixe*, *L'Aigle du Brésil*, *La Macumba du gringo / L'Homme du sertão*, *Caatinga*). Pela sua promessa de uma mudança de ares garantida, os nomes próprios e comuns escolhidos remetem para um lugar longínquo. Se estes títulos descrevem um lugar ou um ecossistema, *Samba avec Tir Fixe* e *La Macumba du gringo*, quanto a eles, introduzem elementos não geográficos que evocam imediatamente o Brasil: o samba e a macumba. No caso de *La Macumba du gringo*, a magia negra está bastante presente no álbum e percorre a história contada por Pratt, enquanto em *Samba avec Tir Fixe* não há verdadeiramente alusão à música ou à dança,[118]

630

[117] *Mister No* n° 3 *Jour de malheur*: 90.

[118] As obras do nosso corpus principal, com efeito, não conferem uma importância capital a estes elementos, que são, no entanto, imediatamente associados ao Brasil. Pelo contrário, na terceira aventura francesa de *Mister No*, *Jour de malheur*, um motorista de táxi explica ao herói o quanto os habitantes do Rio são apegados ao carnaval: "O carnaval é sagrado para um Brasileiro!... É um raio de sol na nossa vida de miséria!... Alguns dias pelos quais esperamos o ano todo, porque

nem mesmo a um sentido figurado da palavra "samba", como se o vocábulo viesse simplesmente abrir um horizonte de expetativas exóticas para o leitor europeu.

Com efeito, nas aventuras brasileiras de Corto, assim como em *La Macumba du gringo*, as palavras em português parecem desempenhar um papel ornamental, destinadas a implantar um cenário estrangeiro, sem grande preocupação com o rigor ortográfico ou semântico. Deste modo, podemos fazer um levantamento de numerosas gralhas nas edições francesas, com uma ortografia muito aproximativa, onde encontramos, por exemplo:

- "j" em vez de "i": *Jemanjá* (para *Iemanjá*)[119] em *Le Secret de Tristan Bantam*, na página 15 ou *Areja* (para *Areia*) em *Rendez--vous à Bahia*, na página 46;

- "i" em vez de "e" átonos: *di* (para *de*), *sinhor* (para *senhor*), em *La Macumba du gringo*, na página 30;

- "an" em vez de "ão": *San Francisco* (para *São Francisco*) em *Samba avec Tir Fixe*, na página 62 e na página 68: *capitan* (para *capitão*);

- a consoante dupla inexistente em português, ou a inserção de "h" interconsonântico: *Anna* (para *Ana*) em *Samba avec Tir Fixe*, na página 68; *Christo* e *Catharina* (para Cristo et Catarina) em *La Macumba du gringo*, na página 30;

nos fazem esquecer as nossas tristezas... Dançamos, cantamos, metemos uns fatos um pouco doidos... E na multidão deixamos de saber quem é rico ou quem é pobre, quem manda e quem obedece o resto do tempo... Não há nada mais útil que o carnaval" (71). E nas páginas seguintes (76-81), Mister No descobre também (à sua custa) a arte da capoeira, que não é nem "boxe francês [nem] karaté" (78); ignorando as regras, achando que é suficiente saber jogar com os punhos, ele descobre que o seu adversário de desloca executando uma espécie de dança desestabilizadora de todos os pontos de vista, pois um pontapé inesperado faz com que termine o combate no chão.

[119] Na revista francesa *Corto* "spécial Brésil" (n° 15, janeiro 1988), o curto relato de Jean-Claude Denis, *Le Jeu des animaux*, evoca os poderes de Yemanjà [*sic*] (12) "a deusa das águas salgadas" sobre as "filhas de santo".

- a ausência quase sistemática de til e acentos:[120] *Itapoa* (para *Itapoã*), *Mae* (para *Mãe*) em *La Macumba du gringo*, na página 49, *Maraca* (para *Maracá*) em *Rendez-vous à Bahia*, na página 46;

- um "z" em vez de um "s": *Jezuz* (para *Jesus*), em *La Macumba du gringo*, na página 30;

- um "ch" em vez de um "j": *changada* (para *jangada*) em *L'Aigle du Brésil*, na página 80.[121]

No que respeita as precisões semânticas, em *Samba avec Tir Fixe*, as palavras (intraduzíveis e essenciais a este episódio) *sertão* (51-2), *cangaça*[122] (52) e *cangaceiros* (52), aparecem entre aspas, sendo assim destacadas, mas aparecem sem nota nem nenhuma explicação. Estas mesmas palavras em *La Macumba du gringo* são postas em relevo pelos caracteres em negrito na edição Vertige Graphic, mas deixadas em caracteres regulares na edição Casterman, sem aspas. Apenas os leitores da edição de 1998 têm acesso a explicações sobre o sentido e o contexto geográfico e histórico ligados a este léxico particular, que são, todavia, extremamente importantes para a compreensão da diegese e das referências do autor.

Hermann fez outra escolha. Demonstrando um grande rigor no que respeita a contextualização da história, o autor teve o cuidado de integrar um glossário no fim do álbum para explicar as palavras-chave: *sertão*, *caatinga*, *cangaceiro*, *cangaço* e *volantes* são assim claramente dados como termos importantes que permitem compreender melhor o que está em jogo na intriga. Outras palavras em português, escritas nos balões de diálogo sem nenhuma marca polifónica (nem caracteres em negrito ou itálico, nem aspas) são traduzidos por notas *ad loc.*, tais como: *bandoleiros* ("bandidos"),

[120] No entanto, os acentos estão presentes nas edições italianas.

[121] A edição italiana contém a mesma forma incorreta para esta palavra.

[122] Aqui também, um erro se insinua: o substantivo *cangaço* é masculino e termina com um "o", ao passo que no álbum de Pratt é feminino e termina com um "a".

ou *jagunços* ("capangas ao serviço dos grandes proprietários, deslocando-se por vezes em forma de pequenos exércitos": 40). Outras palavras, transparentes como *senhor*, ou compreensíveis graças ao contexto e ao desenho, como *fazenda* (9) ou *companheiros* (28), são deixadas tal e qual, sem nota nem marca de polifonia. Em Hermann, as palavras em português, pouco presentes, mas ortografadas sempre corretamente,[123] enraízam o discurso num contexto geográfico e histórico rigoroso, e aparecem como ferramentas de legitimação da intriga. Tal como os letreiros pintados nas fachadas das fábricas (45) ou as letras das canções entoadas à noite na aldeia (39) vêm enraizar a história num cenário autêntico.

Além disso, nas aventuras de Mister No, várias palavras em português, utilizadas com conhecimento de causa, com a ortografia correta mas por vezes oscilante, pontuam os discursos das personagens que passam de uma língua à outra, manejando injúrias e insultos como verdadeiros Brasileiros: *demonios* (nº 5: 10), *canalhas*, *assassino* (nº 4: 28), *porco americano* (nº 2: 67), ou interjeições cheias de caráter: *puxa vida* (nº 4: 10), *raio* (nº 5: 13), cujo significado exato é dificilmente acessível ao leitor francófono, mas a compreensão apenas global da palavra enquanto injúria não impede a leitura da história. Além de um simples ornamento, na série Bonelli o português é também um instrumento estilístico, cor polifónica que vem juntar-se ao inglês para compor os traços e a caracterização das personagens, ou ainda um instrumento humorístico ou irónico. Com efeito, no episódio nº 5, os versos da canção tradicional "Mulher Rendeira", que se tornou o hino dos cangaceiros no sertão, transforma-se numa *lengalenga* irritante, reaparecendo com em várias pranchas e exasperando Mister No, antes de desaparecer com

[123] Uma reserva a respeito do nome do coronel: senhor Aristarco y Souza. A conjunção de coordenação coordenativa esperada em português seria "e" e não "y", como em espanhol. Seria o coronel de origem espanhola ou latino-americana?

o massacre do bando dos cangaceiros, até encontrarmos novamente alguns fragmentos no episódio seguinte, saídos da própria boca de Mister No, como uma maneira melancólica de conservar alguma coisa da sua luta efémera ao lado deles.

4.3. Representações do espaço brasileiro em Pratt e Hermann

4.3.1. Geografia, topografia e cartografia do Brasil

Corto Maltese percorre a América do Sul entre 1915 e 1917 (nas coletâneas *Sous le signe du Capricorne* e *Corto toujours un peu plus loin*) e em 1923 (em *Tango*).[124] Pratt menciona regularmente nomes de cidades, de regiões, de ilhas, de rios na série. É portanto possível elaborar um mapa dos seus deslocamentos em função das aventuras (**fig. 7)**.

Fig. 7: O périplo de Corto Maltese na América do Sul
em *Corto Maltese. Mémoires*: 116 (éd. Casterman 1998) © Cong S.A., Suisse. Tous droits réservés.

[124] Ver 2.2.2.

É o caso, por exemplo, em *Le Secret de Tristan Bantam*, da "zona do Alto Xingu",[125] relacionada pelo pai de Tristan com o povo de Mû[126] por causa da semelhança com os símbolos avistados nas suas construções cilíndricas. Em *Samba avec Tir Fixe*, é a Bouche Dorée que evoca a cidade "Queimada, no norte do Brasil",[127] uma cidade perto do rio São Francisco,[128] como Santa Anna do Sabradinho.[129] O território urbano é igualmente mencionado nas suas várias divisões geográficas, pois *Rendez-vous à Bahia* menciona o bairro chique da Barra em Salvador, no estado de Bahia.

Como em qualquer aventura marítima que se respeite, uma "ilha do tesouro" é igualmente evocada em várias ocasiões, primeiro pela sua localização e em seguida pelo seu nome. Nas suas cercanias encontrar-se-ia, segundo Corto, "um galeão espanhol carregado de ouro que naufragou na costa norte do Brasil perto de Belém [...] entre

[125] Hugo Pratt, *Sous le signe du capricorne*. *Le Secret de Tristan Bantam* (12). Esta região, "situada no planalto do Brail central, é constituída pelo curso superior do rio Xingu, afluente do Amazonas, e dos rios que o formam (Kuluene, Kurizevu, Batovi, Ronuro, Steinen)". (Becquelin Pierre, "Recherches archéologiques dans le Haut Xingu, Mato Grosso, Brésil", em *Journal de la Société des Américanistes*, tome 86, 2000: 10, DOI: 10.3406/jsa.2000.1806, disponible sur www.persee.fr/doc/jsa_0037-9174_2000_num_86_1_1806 (consultado a 20 de janeiro de 2018).

[126] A personagem de Ronald Bantam, evocada por Tristan em vários momentos, talvez tenha sido inspirada a Pratt pela figura do Major Percival Harrison Fawcett, um explorador que, no início do século XX, pensava ter encontrado os restos de uma cidade perdida (que batizou de "Z") perto do Rio Verde. Morreu verosimilmente em 1925 durante a sua oitava expedição ao Xingu. O romance *The Lost City of Z: A Tale of Deadly Obsession in the Amazon* de David Grann, publicado em 2009, foi adaptado em 2016 pelo realizador James Gray.

[127] Hugo Pratt, *Sous le signe du capricorne*. *Samba avec Tir Fixe*: 51. Trata-se provavelmente da cidade Queimadas, no norte do estado da Bahia, apesar da grafia das edições francesa e italiana.

[128] *Op. cit.*: 62.

[129] Muitos municípios no nordeste do Brasil têm o nome "Santana de...". Mas aqui trata-se certamente da cidade de Sobradinho, no Estado da Bahia, onde existe uma grande barragem.

os rochedos da ilha Maraca na Guiana brasileira".[130] Em seguida é Bouche Dorée que supõe que Corto pensa ainda num "antigo galeão espanhol naufragado entre os escolhos da ilha de Mara[c]já".[131] De facto, ele parte com Steiner e Tristan à procura dessa ilha e do seu tesouro. O mapa sumário do estado de Amapá, que Corto Maltese observa inicialmente fora de quadro em *L'Aigle du Brésil* e que é em seguida fornecido ao leitor em visão subjetiva (**fig. 8**), deve fazer parte dos documentos sobre o povo de Mû legados a Tristan Bantam pelo seu pai.

Fig. 8: À procura do tesouro da ilha de Maracá
em *Corto Maltese. L'Aigle du Brésil*: 79 case 6 (éd. Casterman, 2015) © 1970 Cong S.A., Suisse. Tous droits réservés.

[130] Hugo Pratt, *Sous le signe du capricorne*. *Rendez-vous à Bahia*: 46.

[131] Hugo Pratt, *Sous le signe du capricorne*. *L'Aigle du Brésil*: 72. Aqui, como na 79, as edições francesa e italiana diferem no texto dos balões, pois a edição francesa contém "Maraja", ao passo que a edição italiana de *Un'aquila nella giungla* (Rizzoli Lizard, 2013: 7 e 20) apresenta o texto "Isola di Maracá". Mas no mapa presente nas duas edições, encontramos a menção em brasileiro, *Ilha de Marajá*. Não podemos senão constatar esta diferença e a decisão de harmonização presente na edição italiana recente, sem saber se se trata de uma confusão de Pratt com a ilha de Marajó, ou um erro daquele (anónimo) que concebeu o mapa na história. Por razões de compreensão da geografia dos lugares, escolhemos seguir a edição italiana e corrigimos as duas citações francesas.

Para compreender a menção *Galeoni olandesi e spagnoli*, basta remeter-se ao que Corto relata logo a seguir a Tristan e a Steiner: "Nos escolhos da ponta, despedaçaram-se três galeões em 1580. Os Holandeses perseguiam o dos Espanhóis carregado de ouro, mas subitamente um furacão projetou-os para Mara[c]já". O mapa indica as areias movediças (*sabbie mobili*), presumidamente a causa do encalhamento do barco pois a cruz, no mesmo setor, representa a localização do tesouro.

4.4. Inscrição da fauna e da flora nos climas brasileiros

No que respeita a flora, observamos dois grandes conjuntos bem distintos: o da floresta (que pode ser amazónica ou atlântica) e o do sertão e da caatinga. O primeiro caracteriza-se imediatamente pela sua exuberância e cores verdes, embora este tom esteja presenta apenas em alguns quadrados de *Samba avec Tir Fixe* (onde se trata da mata atlântica, uma floresta tropical), e não notamos um interesse de Pratt pela representação de espécies vegetais particulares, a não ser algumas palmeiras e coqueiros para dar um ar exótico e indicar um clima equatorial ou tropical.[132] É aliás a densidade da floresta, escondendo o céu, o que prevalece. Ela enquadra ou esconde as personagens, como quando o grupo de cangaceiros de Tir Fixe aparece pela primeira vez, dissimulado nas árvores e vindo ao auxílio de Corto, Steiner e Tristan, que se cruzaram por acaso com

[132] Quando Tristan Bantam se surpreende com o calor, Corto, que conhece a terra por aí já ter estado "há muito, muito tempo" (sem que mais detalhes sejam revelados ao leitor), explica-lhe que "é a humidade da selva trazida pelo rio" (*Samba avec Tir Fixe*: 81). Pratt explicou que tentou representar a perceção que podemos ter do calor brasileiro criando por vezes desenhos mais vaporosos (Dominique Petitfaux, *De l'autre côté de Corto*: 110).

o barco do perigoso Capitaine de Oliveira no Rio São Francisco.[133] A selva propriamente amazónica é mencionada por Lévi Colombia, em *Têtes et Champignons*; no entanto, a intriga do sonho sob cogumelos psicotrópicos, "recebidos de um feiticeiro de Belém",[134] não se passa na parte brasileira da floresta (mas na venezuelana, peruana e equatoriana). Do mesmo modo, em *La Macumba du gringo*, os poucos quadrados que mostram arbustos espinhosos, catos ou ainda mato mais denso servem mais como símbolo de um lugar do que para o identificar com uma exatidão de botânico. Em contrapartida, as vastas extensões de sertão mostradas por Hermann indicam a sua vontade de inscrever a paisagem como um elemento importante da história, ora oponente ora adjuvante. De resto isto é visível, parece-nos, pela utilização que é feita desde o primeiro plano da capa do arbusto de espinhos da caatinga, sobre o qual não podemos saber se vai ser transposto pelo cangaceiro Clovis ou se o vai proteger de um eventual perseguidor que o quer apanhar.

[133] Ver as páginas 54 a 61, o quadrado mais marcante é o último da 57, pela impressão de que os cangaceiros e a floresta virgem já são apenas uma só entidade. A densidade da floresta e a proporção desmesurada das suas árvores também são os critérios considerados por Emmanuel Lepage como marcadores imediatos da floresta amazónica na sua adaptação da canção "Minha Selva" (em *Lavilliers. L'or des fous*, collectif, Soleil, 2000), contando os perigos da caça na floresta amazónica quando um tigre vagueia nas paragens.

[134] Hugo Pratt, *Têtes et Champignons* dans *Corto Maltese. Toujours un peu plus loin*: 6.

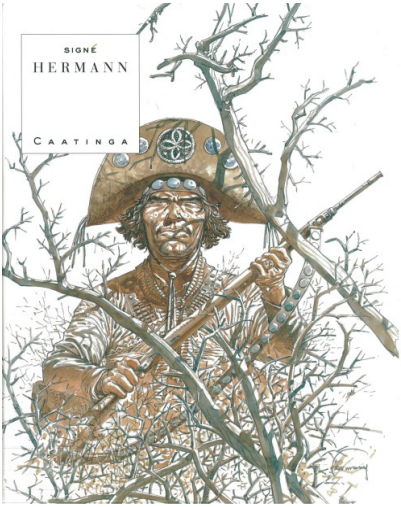


Fig. 9: Capa de *Caatinga* © Hermann, 2008.

O Rio São Francisco, mencionado como uma fronteira natural impossível de ultrapassar obriga o bando de rebeldes a caminhar por uma vereda estreita no flanco de uma montanha rochosa impressionante. Mas se este lugar lhes permite deixar o exército para trás, a escalada perigosa custa a vida a pelo menos um homem, que perde o apoio e cai sob o olhar satisfeito do tenente, que declara: "a natureza começou a encarregar-se da nossa missão. Nós não poderíamos fazer melhor por um preço tão baixo. E ainda não acabou. Eu sei o que eles vão encontrar lá em cima. Alguns vão ter pena de não ter escorregado, como aquele ali..."[135] Acrescenta que eles vão ter de "atravessar o inferno".[136] O comentário do tenente anuncia já a longa caminhada[137] extenuante num ambiente árido e semi-árido à

[135] Hermann, *Op. cit.*: 30.
[136] *Ibid.*
[137] Em *Mister No* n° 4 *Les Nouveaux Cangaceiros*, é igualmente encenada uma caminhada no sertão, mas mais curta (69-70) e menos dura. Hermann também procura reproduzir as mudanças que afetam a paisagem do sertão,

qual o leitor vai assistir, marcada por uma mudança de cor, antes do retorno ao ambiente tropical na altura da estação das chuvas.[138] Com efeito, para representar o caráter desértico da região onde começa a aventura, Hermann opta por tonalidades de ocre amarelo, que dura cerca de dois terços de Caatinga, em que reinam o calor e seca,[139] o que explica o mau estado do gado magro vigiado pelo vaqueiro no início do álbum.[140] Mas a chegada de Mané, Diamantino e dos seus companheiros ao planalto permite mostrar a diversidade climática do setor geográfico onde se passa a história, pois o azul do céu é desta vez acompanhado do branco e já não é o calor, mas o frio da noite que os cangaceiros em fuga têm de afrontar.

Os elementos da fauna que Pratt e Hermann reproduzem – diferentes dependendo do autor – têm igualmente uma relação particular com o espaço que os abriga. Pratt mete na boca de Corto ideias bastante generalistas sobre os perigos da fauna local, quando o último diz que "pode haver cobras, escorpiões, aranhas... Enfim, um pouco de tudo...",[141] demonstrando mais rigor em *La Macumba du gringo*,[142] fazendo os seus personagens mencionarem duas aranhas

com a chegada do telégrafo e a construção – a descargas de dinamite – de estradas utilizadas pelos camiões que transportam os materiais (18), dois elementos explorados pelo exército (28) para localizar e matar mais facilmente os cangaceiros, como explica Hermann na antepenúltima página do dossier final.

[138] Os efeitos da estação das chuvas, anunciada na página 39, são visíveis quando comparamos o aspeto geral da paisagem entre as páginas 40 e 41: ao amarelo da terra ressequida sucede o verde da erva que renasce na caatinga.

[139] Para representar a letra do refrão "Aqui no Sertão toda a gente pode vir. / Aqui não há nada. / Um verão eterno dilacera o Sertão / O tempo parou em pleno meio-dia / já há muito tempo / Um sol ébrio de raiva roda no céu / E devora a paisagem de terra e de sal", Michel Plessix conserva a mesma aliança do amarelo pálido e azul na cena introdutiva (antes da menção do título) da canção "Sertão" de Bernard Lavilliers, a sexta canção ilustrada em *Lavilliers. L'or des fous* (coletivo), Soleil, 2000.

[140] Observamos igualmente a atrelagem em canga em baixo da página 14.

[141] Hugo Pratt, *Sous le signe du capricorne*. *L'Aigle du Brésil*: 81

[142] Hugo Pratt, *La Macumba du gringo*: 49.

com veneno mortal, a *caranguejeira* e a *armadeira*, mas não é por interesse entomológico: é dado como um índice do poder mágico de Mãe Sabina, que como boa "feiticeira" sabe manejar os venenos para se livrar dos seus inimigos. A utilização que Hermann faz dos animas em *Caatinga* é bastante diferente. Ele recorre a espécies endémicas como marcadores da identidade do seu lugar de vida, tal como revela a análise da prancha muda que abre o álbum.[143] Observamos, desde o primeiro quadrado da primeira prancha (**fig. 10**), uma paisagem desértica com rochas, catos e arbustos espinhosos de tons semelhantes, um lugar esmagador do qual qualquer forma de vida parece estar ausente. Aparecem de seguida no segundo quadrado, 2 manchas de cores com um pássaro numa flor multicolor; depois nos quadrados 3 e 4, nos mesmos tons que o ambiente respetivo, como que para melhor se dissimularem, no chão seco um lagarto gigante, no camafeu de verdes da folhagem uma serpente.

Fig. 10: Reinos animal, mineral e vegetal no deserto brasileiro em *Caatinga*: 5 © Hermann, 2008.

[143] Em *Mister No* n°3, encontramos citados como marcas de brasilidade, uma planta particular (chamada *tiririca*: 8), formigas vermelhas (9) e jacarés (10).

Trata-se respetivamente de um turpial, de um teiú-comum (que se parece com um jacaré por causa do grande plano) e de uma serpente-liana. Dois outros pássaros típicos, do mesmo biótopo serão desenhados dez páginas a seguir, urubus-reis e maracanã--guaçus. Na primeira prancha, o ângulo do de vista em movimento dá-nos a ver um plano do conjunto, depois grandes planos revelam os habitantes do céu, da terra, das ramagens. Por fim, a "câmara" desce rente à terra no último quadrado e o que poderíamos tomar como uma rocha se olhássemos demasiado rápido, é na verdade um esqueleto, que se camufla na terra: aparentemente, a morte dos homens é um elemento tão característico desta região quanto a sua fauna e flora e o leitor é informado desde o *incipit*.

Conclusão

Ao Brasil flamejante das praias e do carnaval do Rio de Janeiro, Pratt e Hermann preferem as paisagens áridas do Nordeste e a história lendária dos cangaceiros. Tecendo os fios do mito em torno da figura de Lampião e os seus companheiros, eles reinventam um território a descobrir, a explorar.

Por que é que Corto se compromete – socialmente e politicamente – junto destes rebeldes? Para começar, esta atitude conforma--se com o caráter que demonstra desde o primeiro episódio. Em *Les Secret de Tristan Bantam* (9), ele declara a Jeremiah Steiner, "Se calhar sou o rei dos imbecis. O último exemplar duma dinastia completamente extinta que acreditava na generosidade!... No heroísmo...". O que Steiner resume com humor num mordaz: "Já percebi, tu és um escuteiro frustrado!" ou, um pouco a seguir (22), desta vez desenvolvendo a sua reflexão: "No mais fundo de ti, tu desejas acreditar nas fábulas, senão porque é que estarias sempre implicado em situações que poderias evitar fechando simplesmente a porta?" Corto não fecha a porta... mas quer por vezes fazer acreditar que foi por acaso que ela ficou aberta. Assim, "mesmo quando só procura tratar dos seus pró-

prios interesses, Corto Maltese faz com que estes últimos coincidam sempre com os dos mais fracos, ou com os daquele que, dum ponto de vista romântico, é o que precisa de mais ajuda".[144] Ele desempenha, se for preciso, o papel de um "caixeiro-viajante da revolução: pronto a sensibilizar 'os nativos' para a revolução, cada vez que a ocasião se apresenta".[145] Se Mister No foi para o Brasil, foi para fugir da violência que sofreu quando serviu na Coreia. Antimilitarista mas também sentimental e idealista, mesmo que tente escondê-lo, como Corto, ele ajuda os cangaceiros "porque estima que a causa [deles] é justa, que vale a pena bater-se por ela"[146] mas constata amargamente que no Brasil é "mais que nunca o herói matador que queriam que estivesse em todos os campos de batalha", ao passo que ele só sonha com "voltar a Manaus e viver ao ritmo tranquilo do Amazonas".

Deste modo, os heróis de Pratt e Bonelli encontram junto dos cangaceiros e das populações desfavorecidas do sertão uma nova causa a defender, um cenário exótico para construir novas aventuras. As personagens de Hermann, que representam minuciosamente a sociedade sertaneja dos anos trinta, contam o fascínio do autor pela figura do cangaceiro – o seu folclore, as suas zonas obscuras, a sua história a (re)descobrir.

É certo que referências utilizadas remetem o leitor europeu para imagens já conhecidas, mas também se interessam em construir um território mais inesperado e menos hospitaleiro que as praias com palmeiras do litoral brasileiro. Entre florestas impenetráveis e falésias impossíveis de transpor, o território brasileiro não se deixa domar facilmente, impondo às personagens dédalos semeados de perigos, de mistérios e de misticismo.

---

[144] Gianni Brunoro, *Op. cit.*, 2007, cap. "Anatomie possible du personnage" [páginas não numeradas].

[145] Gianni Brunoro, *Op. cit.*, 2008: 80.

[146] *Mister No* n° 5 *Trahison* (maio 1976): 40-1, para esta citação e as seguintes.

REFERÊNCIAS

Corpus principal

Edições de referência

Hermann, *Caatinga*, Bruxelles, Éditions du Lombard, collection Signé, 2016, dépôt légal 2008 [avec dossier en postface].

Pratt Hugo, *La Macumba du gringo*, Paris, Vertige Graphic, 1998, [avec dossier en préface].

Pratt Hugo, *Sous le signe du capricorne*, Paris, Casterman, 2015.

Outras edições

Pratt Hugo, *L'Homme du sertão*, Casterman, collection "Un homme une aventure", 2007.

Sous le drapeau des pirates, Casterman, 1999 [avec dossier en préface].

Pratt Hugo, *Appuntamento a Bahia* / *Samba con Tiro Fisso* / *Un'aquila nella giungla*, Rizzoli Lizard, 2013 [éditions italiennes numériques].

Corpus secundário

Edições de referência

Bonelli Sergio [pseudonyme Nolitta Guido] (scénario) et Ferri Gallieno (dessins), série *Mister No* [édition française], Aventures et Voyages, collection "Mon Journal": *Mister No* n° 1 *L'Homme aux lunettes noires* (janvier 1976), n° 2 *L'Infernale Déveine* (février 1976), n° 3 *Jour de malheur* (mars 1976), n° 4 *Les Nouveaux Cangaceiros* (avril 1976) et n° 5 *Trahison* (mai 1976).

Pratt Hugo, *L'Homme des Caraïbes*, Casterman, collection "Un homme une aventure", 2007.

Pratt Hugo, *Fable de Venise*, Casterman, 1984 [avec dossier en préface].

Pratt Hugo, *Mû*, Casterman, 1992.

Corto Maltese. Mémoires, textes de Michel Pierre, aquarelles et dessins de Hugo Pratt, Casterman, 1998, 1re édition 1988.

Les Femmes de Corto, textes de Michel Pierre, aquarelles et dessins de Hugo Pratt (1re édition 1994).

La Ballade de la mer salée, postface de Gianni Brunoro, Casterman, Bruxelles/Cong SA, Lausanne, 2007, traduction de l'italien par Émilie Saada et Laurent Lombard.

Corto Maltese. Toujours un peu plus loin.

Outras edições

Bonelli Sergio [pseudonyme Nolitta Guido] (scénario) et Ferri Gallieno (dessins), série *Mister No* [édition italienne], Sergio Bonelli Editore: *Mister No* n° 1 (juin 1975) [sans titre spécifique], n° 2 *Amazzonia* (juillet 1975), n° 3 *L'Ultimo Cangaceiro* (août 1975), n° 4 *Morte nel Sertão* (septembre 1975), n° 5 *La Vendetta del Gringo* (octobre 1975) [éditions italiennes numériques].

Outras bandas desenhadas

Lavilliers. L'Or des fous, collectif, Soleil, 2000.

Revue française *Corto* "spécial Brésil", n° 15, janvier 1988.

Artigos e obras críticas

Artigos e obras sobre Hugo Pratt

Petitfaux Dominique, *Le Désir d'être inutile: souvenirs et réflexions* [entretiens avec Hugo Pratt], avec la collaboration de Bruno Lagrange, Paris, Robert Laffont, 1991.

Petitfaux Dominique, *De l'autre côté de Corto*, Paris, Casterman, 2012.

Moliterni Claude, *Pratt*, Seghers, coll. "Les auteurs par la bande", 1987.

Brunoro Gianni, *Corto comme un roman. Réflexions sur Corto Maltese, ultime héros romantique*, Casterman, 2008.

Mollica Vincenzo et Zanotti Patrizia (dir.), *Corto Maltese: littérature dessinée* [traduction de l'italien Emilie Saada], Paris, Casterman, 2006.

Jans Michel *et al.*, *Je me souviens d'Hugo Pratt: conversations à Malamocco*, Mosquito, 2013.

Magazine *Géo hors-série. Le Monde extraordinaire de Corto Maltese*, 2001.

Thierry Thomas, réal. *Hugo Pratt, trait pour trait*, ARTE France/Quark Productions, 2016 [55 min].

Outros artigos e obras sobre história em quadrinho

Moliterni Claude, "La BD au Brésil", http://bdzoom.com/4661/patrimoine/la-bd-au-bresil/, mis en ligne le 31 juillet 2005, consulté le 19 janvier 2018.

Carneiro Maria Clara, http://marsam.graphics/quadrinhos-la-bd-made-in-bresil-figures-libres/, mis en ligne le 17 mars 2016, consulté le 19 janvier 2018.

Christiano Caio César, "La littérature brésilienne se dessine", *IdeAs* [En ligne], 5, Printemps/Été 2015, mis en ligne le 11 juin 2015, consulté le 19 janvier 2018, sur http://ideas.revues.org/975, DOI : 10.4000/ideas.975.

"O cangaço nas histórias em quadrinhos", de Antonio Fernando de Araújo Sá, dans *Diálogos Latinoamericanos 8* disponible sur http://lacua.au.dk/fileadmin/www.lacua.au.dk/publications/8_di__logos_latinamericanos/cangaco.pdf

Dictionnaire mondial de la bande dessinée, Patrick Gaumer et Claude Moliterni, Paris, Larousse, 1994,

Pascal Ory *et alii*, *L'Art de la bande dessinée*, texte de Sylvain Venayre, Citadelles & Mazenod, 2012.

http://www.sergiobonelli.it/sezioni/121/faq121__(consulté le 20 janvier 2018).

Propos de Dominique Petitfaux, interview de Thierry Lemaire, *Cases d'Histoire*, 30 septembre 2015, disponible sur http://cdhlemag.com/2015/09/dominique-petitfaux-pratt-pratiquait-lhistoire-interstitielle/, consulté le 02 janvier 2018.

Artigos e obras sobre o Brasil

Francisca Pires Maria da Conceição, "Bode Francisco Orelana: uma representação humorística da intelectualidade brasileira entre patrulhas ideológicas, autocensura e odarização", dans *TOPOI*, vol. 8, n° 14, janvier-juin 2007: 114-145, consulté le 19 janvier 2018 sur http://www.scielo.br/

pdf/topoi/v8n14/2237-101X-topoi-8-14-00114.pdf

Mourilhe Fabio, “Zeferino e o problema da seca no Nordeste”, dans *Visualidades*, Goiânia, vol. 14, nº 2: 48-67, juillet-décembre 2016. Consulté le 19 janvier 2018 sur

https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/viewFile/35294/22478

Cappelli Massimo, “Il Sertão: un territorio ostile”, sur http://www.ubcfumetti.com/misterno/?16286 (consulté le 20 janvier 2018).

Uteza Francis, “Figures du sertão”, http://www.univ-montp3.fr/llacs/wp-content/uploads/Figures-du-Sertão.pdf

Grunspan-Jasmin Elise, “Lampião et les représentations du messianisme”, en ligne sur: http://www.uenf.br/Uenf/Downloads/Agenda_Social_4449_1189029576.pdf (consulté le 20 janvier 2018).

Becquelin Pierre, “Recherches archéologiques dans le Haut Xingu, Mato Grosso, Brésil”, dans *Journal de la Société des Américanistes*, Tome 86, 2000: 9-48, DOI: 10.3406/jsa.2000.1806, disponible sur www.persee.fr/doc/jsa_0037-9174_2000_num_86_1_1806 (consulté le 20 janvier 2018).

Carlos magno e a representação do reino francês na obra do escritor brasileiro Ariano Suassuna, *Romance d'a pedra do reino* e o *Príncipe do sangue do vai-e-volta*

Arnaldo Vianna

1. A identidade cultural brasileira e a inserção da alteridade diferencial no cânone dogmático ocidental

Neste texto, tomamos por objeto de estudo a pesquisa de diferentes formas de citação[1] de uma figura emblemática da história francesa, o rei Carlos Magno e os Doze Pares de França, no *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*[2], obra do escritor brasileiro Ariano Suassuna.[3] Nosso objetivo é verificar de que maneira as diferentes citações representam, ao mesmo tempo, uma homenagem à literatura e à história francesas e uma desconstrução paródica da imagem da preeminência do patrimônio cultural francês. Tal procedimento, no que tange à identidade cultural brasileira e

1 Antoine Compagnon, 1979, *La seconde main ou le travail de la citation*.

2 Ariano Suassuna, 1971, *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*.

3 Escritor, professor de filosofia e estética, dramaturgo, advogado e filósofo, Ariano Villar Suassuna nasceu na cidade de Parahyba, atual João Pessoa, no Nordeste brasileiro, em 16 de junho de 1927 e faleceu em 23 de julho de 2014 em Recife, capital de Pernambuco, tendo vivido no Sertão Nordestino, na Fazenda Acauã, Município de Sousa, e em Taperoá, microrregião do Cariri Ocidental. Suassuna foi Secretário de Cultura do Estado de Pernambuco, Doutor *Honoris Causa* das Universidades Federais do Rio Grande do Norte, Paraíba, Rural de Pernambuco, Passo Fundo e Ceará e ocupou as Cadeiras 32, 18 e 35 das Academias Brasileira, Pernambucana e Paraibana de Letras.

suas relações com os paradigmas culturais do Ocidente, presente no discurso literário de Suassuna, contribui para a desmistificação de representações da prevalência da cultura ocidental, ancoradas em alguns imaginários, enquanto modelo a ser reproduzido. Assim ensina Jarbas Maciel em *Suassuna e o Movimento Armorial*:[4]

> Estranha saga, a deste país. É aquela velha história dos "dois Brasis", do lado da praia, o "Brasil legal", modernoso, que habita a orla atlântica e que, de costas para o seu Povo e suas tradições, vive parasitariamente da cultura norteamericana e européia, em estado de alienação perpétua; do lado do "*hinterland*", o "Brasil real", simbolizado pelo que Ariano gosta de chamar de "Povo de Canudos", fiel às suas tradições, que afundam raízes na herança da cultura deixada pelos árabes na Península Ibérica durante a Idade Média. (1987: 25)

No que tange à alienação identificada por Jarbas Maciel no *ethos* do Brasil legal "de um povo que vive parasitariamente da cultura européia" em estado de alienação perpétua, Earl Miner contribui para a problematização desta reflexão com a consideração de que a cultura francesa constituiu-se como norma universal: "La France, bien qu'elle n'ait pas été une puissance impérialiste négligeable en son temps, s'est donnée pour mission, que reflète sa langue, d'être le dépositaire de la civilisation pour le reste du monde".[5] É lugar comum lembrar que a preeminência da cultura francesa se construiu graças à sua consagração como referência normativa universal no que concerne aos modos de vida, aos valores, aos costumes, empresa que, mesmo tendo perdido grande parte de sua influência a partir da primeira metade do século vinte, guardou, entretanto, este estatuto em certas regiões e em alguns imaginários coletivos.

[4] George Browne Rego e Jarbas Maciel, 1987, *Suassuna e o Movimento Armorial*.
[5] Earl Miner, "Études comparées interculturelles", 1989: 165. Tradução de autoria do autor deste artigo: "A França, apesar de não ter sido uma potência imperialista insignificante à sua época, se deu por missão, que se expressa em sua língua, ser a depositária da civilização para o resto do mundo".

Dar forma e singularidade, através da literatura, a um Brasil profundo, ou seja, o *hinterland*, o "Brasil real, fiel às suas tradições, que afundam raízes na herança da cultura deixada pelos árabes na Península Ibérica durante a Idade Média", constrói, entre Ariano Suassuna e o escritor antilhano Édouard Glissant,[6] um diálogo cultural quanto à abordagem do conceito ocidental de civilização como política de impor ao Outro a estratégia de «civilizar» em uma época em que a identificação do colonizado se impunha a partir de uma cultura que se concebia como civilização. Ambos os escritores se posicionam contra a generalização, a pulsão de um identitário universal posto em prática por políticas imperialistas, revelando a resistência do particular ao universal generalizante. Jarbas Maciel revela a presença de um imperativo categórico na obra de Suassuna, que é o de recuperar os valores subjacentes a nosso *ethos*, à nossa história, às nossas tendências sociais, à nossa missão como povo autônomo e criador:

> Nosso imperativo categórico é: se quisermos resgatar os valores subjacentes à nossa fisionomia cultural mais autêntica e que sobreviveram aos sucessivos assaltos da civilização material da Europa e dos Estados Unidos, teremos necessariamente de nos voltar para o nosso povo, o Povo do "Brasil real", em particular, o Povo do Nordeste, porque é ele, por uma série de coincidências históricas, que preserva esses valores em seu sistema de crenças e em suas manifestações artísticas, folclóricas ou populares. [...] Esses valores dormem, miraculosamente preservados da sanha embrutecedora do chamado processo civilizacional, embalados no seio das tradições amadurecidas nas terras de massapê, como no chão bruto dos sertões do Nordeste. (1987: 25-7)

No *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* recolhem-se fragmentos de textos históricos de autores citados na trama intertextual de seus livros, material que será transformado em um trabalho resultante da apropriação, da reescrita,

[6] Édouard Glissant, 1996, *Introduction à une Poétique du Divers*.

da paráfrase e da ironia paródica como estratégias produtoras do dialogismo bakhtiniano[7], do deslocamento dos *locci* narrativos e da multiplicação polifônica discursiva que constituem o texto inacabado de Suassuna. Segundo Rachel de Queiróz,[8] em uma alusão não só ao discurso de representação, de transgressão e transfiguração do real, mas também ao lugar (não convencional) suplementar de elaboração teórica do discurso literário, no conceito multidimensional e interdisciplinar bakhtiniano, o livro é o próprio Suassuna, a literatura. Na vasta e eclética "*bibliothèque imaginaire*"[9] que constitui a rede de referências da obra de Ariano Suassuna, analisamos, portanto, a sessão francesa e suas representações no imaginário do Nordeste rural brasileiro, o Brasil profundo, tal como é representado na obra do escritor. O diálogo intertextual com as referências francesas é exercido à luz das estratégias citadas acima e de processos tais como a reciclagem cultural[10] e a devoração antropofágica.[11] Tais práticas do metadiscurso literário na obra de Suassuna tornam possível a manipulação de mecanismos de produção textual que privilegiam a literariedade de seu texto.

Dando a seu discurso literário o estatuto de outra forma estética, Suassuna revela os diferentes processos de transformação que o texto que cita provoca no texto citado, permitindo ao leitor compreender os novos sentidos que as referências apropriadas ganham em um novo contexto. Esta estética pode ser compreendida através do estudo da metalinguagem do discurso romanesco que, presente no *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue*

[7] Mikhaïl Bakhtine, 1977, *Le marxisme et la philosophie du langage*.
[8] Rachel de Queiroz, 1971, xi, "Um romance picaresco?".
[9] Laurent Maillot, 1990, *Réjean Ducharme aux limites de l'écriture.*
[10] Walter Moser, 1996, "La culture du recyclage".
[11] Walter Moser, 1994, "L'anthropophage et le héros sans caractère: deux figures de la critique de l'identité".

do Vai-e-Volta, ganha forma em diferentes procedimentos segundo a reflexão de Philippe Hamon:

> On ne peut donc faire l'hypothèse que le texte littéraire non seulement est générateur de paraphrases, de gloses, d'explications, d'exégèses, de critiques, de compilations, d'enseignements et de *rewritings* extérieurs divers, mais qu'il contient son propre métalangage interne, et qu'il pourrait se définir, à la limite, comme un " énoncé à métalangage incorporé".[12] (1977: 256)

O texto literário, como "énoncé *à métalangage incorpore*", define seu gênero, sua estrutura, seu objetivo e favorece assim sua legibilidade. A noção de metadiscurso, segundo Hamon, alarga, pois, o conceito, remetendo ao que informa sobre a natureza da narrativa, as concepções estéticas do autor ou sua posição ideológica no texto romanesco através de diversas intromissões. Tais procedimentos constituem também o intertexto. Assim, a metalinguagem e a intertextualidade[13] são consideradas como procedimentos fundamentais da escrita literária. Algumas dessas práticas (diálogo intertextual, apropriação de hipotextos e diferentes formas de citação) dialogam com os conceitos de antropofagia de Oswald de Andrade[14], retomado par Walter Moser, de reciclagem cultural e o conceito de americanidade[15] do sociólogo quebequense Gérard Bouchard. Esses

[12] Philippe Hamon, "Texte littéraire et métalangage",1977: 256. Tradução de autoria do autor deste artigo: "Não se pode, portanto, levantar a hipótese de que o texto literário é apenas gerador de paráfrases, glosas, explicações, exegeses, críticas, compilações, ensinamentos e *rewritings* exteriores diversos, mas que também contém sua própria metalinguagem interna, e que poderia se definir, no máximo, como um 'enunciado de metalinguagem incorporada'".

[13] Julia Kristeva, 1969, *Sèméiôtikè*.

[14] Oswald de Andrade, 1929, Manifesto Antropófago.

[15] Gérard Bouchard, *Entre l'Ancien et le Nouveau Monde*, 1995: 4-20: "L' américanité est la résultante, sur le plan culturel, de quatre processus: rupture, recommencement, appropriation, émancipation (4). [...] D'abord, le phénomène de la *rupture* y est essentiel, à la fois au plan des pratiques culturelles [...] et au plan du discours qui s'élabore dans la culture savante. En deuxième lieu, on assiste à

procedimentos presentes na elaboração dos discursos literários americanos constituem-se em instrumento para melhor compreensão, através dos temas desenvolvidos na trama romanesca, do processo de (re)construção de certas figuras e metafiguras, de certos mitos fundadores e de algumas utopias coletivas que ganham forma no imaginário coletivo das populações ou das coletividades novas nas Américas e que contribuem, à sua maneira, para a elaboração de uma nova estética literária na obra de Ariano Suassuna.

2. O romance armorial-popular brasileiro

Expressão de uma forma capaz de traduzir a complexidade de *ethoï* (costumes, modos de vida, comportamentos socioculturais, valores, compreensões ontológicas) característicos do Nordeste rural brasileiro, a estética de Suassuna dialoga com outras manifestações da arte. Idealizador do Movimento Armorial,[16] que tem por objetivo

une *appropriation* du nouveau territoire. Celle-ci se révèle dans [...] l'expression littéraire et artistique. On pourrait parler à ce propos d'un déploiement culturel qui fournit le matériau d'une démarche identitaire. En troisième lieu, une volonté de *recommencement*, de recréation collective s'affirme dans des mythes fondateurs [...] (20)."

Tradução de autoria do autor deste artigo: "A americanidade é a resultante, no plano cultural, de quatro processos: ruptura, recomeço, apropriação, emancipação (4). [...] Primeiramente, o fenômeno da *ruptura* é essencial nesse processo, tanto no plano das práticas culturais [...] como no plano do discurso que se elabora na cultura erudita. Em segundo lugar, assiste-se à *apropriação* do novo território. Isso se revela na [...] expressão literária e artística. Poder-se-ia falar nesse caso de um desdobramento cultural que fornece material para uma construção identitária. Em terceiro lugar, uma vontade de *recomeço*, de recriação coletiva afirma-se nos mitos fundadores [...] (20)."

[16] *Movimento Armorial*. Movimento artístico-cultural oficialmente declarado em 18 de outubro de 1970, com o apoio do Departamento de Extensão Cultural da Pró-Reitoria da Universidade Federal de Pernambuco e a realização de um concerto e uma exposição de artes plásticas no Palácio de São Pedro, em Recife, tendo à frente Ariano Suassuna, acompanhado por um importante grupo de escritores e artistas da cultura nordestina, como Antônio Madureira, Francisco Brennand, Raimundo Carrero, Gilvan Samico e Géber Accioly. A palavra *armorial* é

dar visibilidade à arte erudita criada em interação com elementos da cultura popular do Nordeste, Ariano Suassuna definiu sua obra como "romance armorial-popular brasileiro". Além de colaborar com a expressão de singularidades culturais regionais, a estética de Suassuna, diferentemente do que se pensa, ultrapassa em muito os temas regionais. Não se trata de diminuir a importância do valor regional nos debates sobre a "*littérature mineure*", conforme conceito desenvolvido por Jean-Pierre Bertrand e Lise Gauvin,[17] e suas especificidades culturais, mas sim de esclarecer, com Clément Moisin[18] e Régine Robin,[19] que alguns rótulos podem, certamente, diminuir o valor literário de uma obra, graças à sua redução a limites impostos por fronteiras temáticas. Segundo Robin, "[...] quand les intertextes et les références culturelles s'échangent véritablement ou se rencontrent, ne serait-ce que dans le malentendu ou le dialogisme. [...] On est peut-être en train de sortir de l'étiquetage et des catégories".[20] De um dialogismo riquíssimo, tecido com referências as mais diversas, oriundas, dentre outras, da apropriação de hipotextos europeus, é assim que se deve situar, primeiramente, a obra de Suassuna em um contexto mais amplo.

tomada no sentido do conjunto de insígnias, armas e brasões, estandartes e bandeiras de um povo, e, no romance de Suassuna, da nobreza popular brasileira da Província do Nordeste e da família Quaderna/Suassuna. O Movimento Armorial se estendeu, em termos do Nordeste, à pintura, música, literatura, dança, cerâmica, escultura, tapeçaria, arquitetura, gravura, chegando ao teatro e ao cinema.

17 Jean-Pierre Bertrand et Lise Gauvin, 2003, *Littératures mineures en langue majeure*.

[18] Clément Moisin, 2008, Écritures migrantes et identités culturelles.

[19] Régine Robin, 2011, *Nous autres, les autres*: 304-5.

[20] Régine Robin, *Nous autres, les autres*, 2011: 304-5. Tradução de autoria do autor deste artigo: "[...] quando os intertextos e as referências culturais se trocam verdadeiramente ou se reencontram, isso não se daria apenas em termos de mal-entendido ou no dialogismo. [...] Estamos talvez no momento de sair da rotulagem e das categorias".

Três personagens constroem-se como porta-vozes, ou seja, manifestação semântica desse "lugar" dialógico-polifônico de temas universais, ultrapassando, sem excluir, entretanto, a temática regional. São eles: Quaderna, Clemente e Samuel. Enquanto duplo narrativo do escritor, o personagem Quaderna define o ato de narrar como o percurso de uma migração literária entre múltiplas referências. Assumindo o desafio de escrever a Epopeia do povo brasileiro, essas referências brotam do diálogo com duas fontes representantes de concepções de mundo bem díspares, o Brasil de Clemente Hara Ravasco, professor, advogado negro e comunista, e o Brasil de Samuel Wan'Ernes, sinhozinho falido dos engenhos de Pernambuco, orgulhoso de seu nome holandês herdado dos conquistadores comandados por Maurício de Nassau.[21]

Protagonista, narrador e escritor, Quaderna compartilha com os leitores as dificuldades e as angústias da produção literária. Querendo passar ao ato da escrita, o personagem-escritor expõe ao leitor uma reflexão sobre os materiais colhidos nos diálogos com seus dois companheiros que têm o estatuto de "fontes" de saberes diversos, de Mestres e Conselheiros. É aí que se apresentam, de um lado os hipotextos advindos, sobretudo, de fonte europeia e ibérica, com seus personagens, suas histórias, seus temas, suas crenças, seus valores, tais como a realeza, os mitos fundadores, as utopias coletivas, os heróis, os profetas, o armorial, o exílio existencial, o humano do ser, enquanto que de outro lado se expõem os debates sociopolíticos e étnicos no Brasil em relação às metrópoles europeias e a preocupação com as injustiças sociais, entre outras, confirmando que a obra de Suassuna é pontuada por temas universais. É preciso, no entanto, dizer que isso não diminui em nada o valor regional de sua obra, uma vez que ele faz dialogarem as fontes europeias e ibéricas com as

[21] Maurício de Nassau. Nobre alemão Administrador da Sociedade Holandesa das Índias Ocidentais que geriu os domínios holandeses conquistados na região Nordeste do Brasil no século XVII.

fontes oriundas de outros povos que também constituíram a identidade brasileira, assim como os negros, os ameríndios, os árabes, os judeus, os asiáticos, dentre outros, e personagens tipicamente sertanejos. O que nos interessa é verificar de que maneira se produz esse diálogo, esse contato entre referências pertencentes a culturas tão diversas até sua transformação na elaboração da estética literária de Quaderna, tomando, entre outros, o exemplo de sua relação com Carlos Magno e os Doze Pares de França.

Organizado em oitenta e cinco follhetos,[22] o romance nos oferece, no nono folheto, intitulado O Quarto Império, uma primeira referência ao rei francês Carlos Magno:

> Chegamos, então, ao trecho mais epopéico, bandeiroso e cavalariano da história da Pedra do Reino. [...] é agora que aparecem os Cavaleiros sertanejos, [...] todos galopando em cavalos, armados de espadas reluzentes e arcabuzes tauxiados de prata, na sua expedição punitiva contra os Reis castanhos e Profetas da Pedra do Reino. [...] descobri que, naquele dia, a Guarda de Honra do Comandante Manuel Pereira era composta de trinta e seis Cavaleiros [...]. Isso mostra que ele era três vezes mais importante do que Carlos Magno, porque tinha três vezes Doze Pares de França. Era um inimigo implacável da minha casa: mas ressalto essa grandeza dele por patriotismo sertanejo e para provar também, logo de entrada, a superioridade do Sertão sobre aquele Reinozinho besta, estrangeirado e mixuruca que é a França. (1971: 46)

[22] *Folhetos*. O nome se aplica à *Literatura de cordel* constituída pelos *folhetos* do Romanceiro Popular do Nordeste suspensos em cordéis que são vendidos nas feiras do Nordeste brasileiro. A literatura de cordel é oral. Transcrita por poetas populares, é muitas vezes cantada e acompanhada por rabecas, violas e pífanos. Nos "*desafios*", *repentistas*, cantores populares, menestréis e trovadores se defrontam em um duelo poético à base de romances ou de improvisação em torno de um assunto escolhido pelo público. Os folhetos da literatura de cordel têm suas capas ilustradas por xilogravuras.

No folheto O Quarto Império, Suassuna realiza uma paródia cáustica caracterizada pela ironia, utilizando um de seus recursos narrativos produtores de paródia: a crítica pelo riso, o humor sarcástico que desconstrói as formações estratificadas e indica pistas para a reciclagem identitária no exercício de uma bricolagem estética, citando em composição intertextual, lado a lado, as figuras do Sertanejo, do rei Calos Magno, do Sertão e da França. A manifestação suplementar da diferença em sua obra se produz, então, no exercício de uma linguagem marcada pela reelaboração da memória e a recuperação de seus valores, em uma abordagem produtiva da tradição por sua inserção em um novo contexto. Segundo Bernard Andrès,[23] se há a coerção da herança institucional, é preciso invertê-la pelo jogo paródico. Para Andrès, a paródia é um jogo de sedução a partir do material dissonante que subverte o institucional ocidental. Articulada ao conceito de reciclagem cultural, a paródia é, portanto, um dos mecanismos que permite a abordagem comparatista entre o romance brasileiro e as referências histórica e literária francesas.

Teorizando sobre o jogo de apropriações da paródia textual, onde o pré-texto é o lugar em que se pratica não só a desconstrução de referenciais, mas também sua reconstrução crítica, Affonso Romano de Sant'Anna[24] defende a tese de que a paródia se caracteriza pelo assassinato do *pater* do texto, ou seja, do *logos* "autoral", na busca político-cultural da inscrição da diferença, de outras "autorias", marcadas por manifestações desviantes. Pensando-se, pois, a paródia como "discurso da tentação", indesejável aos paradigmas institucionais, o que seduz em sua elaboração é exatamente o contra-canto, o desvio, como diz ainda Affonso Romano de Sant'Anna. Na produção de um contra-discurso brasileiro, a paródia desenvolve-se, portanto, como prática cultural cuja estratégia é a de distância ou de "repetição em diferença" com relação ao outro, à autoridade

[23] Bernard Andrès, 1999, *Coerção e subversão: o Quebec e a América Latina*.
[24] Affonso Romano de Sant'Anna, 1985, *Paródia, paráfrase & Cia*: 33.

do outro, lugar de reivindicação da (ex)centricidade como discurso diferenciado, suplementar e transgressor.

Se a *paródia* é, como pensa Linda Hutcheon, "uma forma de auto-referencialidade e possui implicações ideológicas"[25] e, como memória irônica do passado, não é nostalgia ou canibalização estética, mas é "abertamente híbrida e de voz dupla",[26] o que Ariano Suassuna faz não é a correção da representação e suas exclusões, mas a escrita dessa referencialidade a partir de uma perspectiva híbrida, onde o texto literário inclui e relê o histórico e o antropológico em um sistema de interdiscursividade, termo "mais preciso que intertextualidade para as formas coletivas de discurso dos quais o pós-moderno se alimenta parodicamente, como a literatura, a história, a antropologia etc".[27] O contexto brasileiro, de onde escreve Suassuna, colaborou, ao longo da situação pós-colonial, para a produção dessa diversidade discursiva, pontuada de convergências e divergências culturais, decorrente dos conflitos provocados pelos deslocamentos e reterritorializações de sujeitos culturais diferenciados, movimentados pela empresa expansionista ocidental e pelas migrações intra e interregionais, dentro do próprio continente.

No *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, a paródia se produz, pois, como manifestação suplementar da diferença em uma narrativa que se caracteriza, em sua obsessão pelo passado, pela transgressão das fronteiras nacionais e a auto-referencialidade, como forma de intervenção cultural e prática de subversão da autoridade discursiva que constituem o exercício paródico. O livro de Suassuna não pratica um realismo documental, mas é um romance no qual circulam representações culturais do passado no exercício de intertextos paródicos pelo enquadramento

[25] Linda Hutcheon, 1989, *Uma teoria da paródia*: 41.
[26] Linda Hutcheon, 1989, *Uma teoria da paródia*: 41.
[27] Linda Hutcheon, 1991, "A intertextualidade, a paródia e os discursos da história": 169.

de textos literários e históricos na ficção. Isso significa que ele faz a história conviver com a literatura, a ficção misturando-se à história, entrelaçando-se o factual histórico ao literário e seus deliberados anacronismos, justificando-se seus exercícios desconstrutores pela argumentação de que, assim como a ficção, a história (escrita ou oral) narrativizada também remodela qualquer material. Segundo Linda Hutcheon:

> [...] a realidade social, histórica e existencial do passado é uma realidade discursiva quando é utilizada como o referente da arte, e, assim sendo, a única "historicidade autêntica" passa a ser aquela que reconheceria abertamente sua própria identidade discursiva e contingente. O passado como referente não é enquadrado nem apagado, [...] ele é incorporado e modificado, recebendo uma vida e um sentido novos e diferentes.[28]

Na narrativa de Ariano Suassuna, o cruzamento de documentos, relatos, cartas, crônicas e testemunhos, marcado pelo discurso transgressor da paródia, contribui para a reinvenção da história de um Brasil profundo, o "Brasil Real".

3. Operações Intertextuais: Uma Poética do Fragmentário

Para a prática de um discurso relacional, Suassuna, "grand consommateur et transformateur des textes d'autrui",[29] apropria-se dos fragmentos culturais os mais diversos para recompô-los, realizando nesse procedimento operações intertextuais como a reciclagem e a bricolagem. Com menções muitas vezes desordenadas de nomes de autores e títulos de livros, citações verdadeiras ou falsas, alusões, ecos, reminiscências e inscrições de textos literários

[28] Linda Hutcheon, 1991, "A intertextualidade, a paródia e os discursos da história": 45.

[29] Gilles Marcotte, 1990, Réjean Ducharme, lecteur de Lautréamont: 90. Tradução do autor deste artigo: "grande consumidor e transformador dos textos de outrem".

anteriores, deslocamentos de *locci* geográficos, Suassuna realiza, pelo exercício da memória, o trabalho de montagem da bricolagem interminável de seu texto. Sobre a bricolagem, em *A realidade inteira*,[30] Affonso Romano de Sant'Anna escreve: "A memória é também uma invenção, e o mesmo fato, recontado em épocas diferentes, se deixa sempre agregar coisas novas". Nesse sentido, por exercício da memória inventiva, Suassuna enxerta em sua Epopeia do povo brasileiro a história de Carlos Magno e os Doze Pares de França:

> [...] meu Padrinho, João Melchíades Ferreira [...], instalara uma Escola de cantoria, onde procurava nos ensinar "a Arte, a memória e o estro da Poesia". [...] Lia para nós a *História* de Carlos Magno e os Doze Pares de França, um "romance desversado" que nos encantava pelo heroísmo de suas cavalarias, aquelas histórias de Coroas e batalhas, que eu, por causa da Pedra do Reino, *via* logo, com Princesas amorosas e desventuradas que, ou eram degoladas ou desonradas, mas disputadas sempre por Cavaleiros, em duelos mortais, travados a punhal, junto a enormes pedras, num Campo encantado, embebidas de sangue inocente. Inúmeros Cantadores e Poetas sertanejos tinham, já, versado esse romance do Imperador Carlos Magno. Nós preferíamos as versões rimadas, não só porque eram mais fáceis de decorar, como porque a gente podia cantar os versos, acompanhando a solfa com o baião da viola. [...] Uma dessas versões dizia:
>
> *Depois que o Rei Carlos Magno*
>
> *venceu a grande Campanha,*
>
> *fez a Igreja de Sant'Iago,*
>
> *padroeiro da Espanha,*
>
> *e a de Nossa Senhora,*
>
> *em Aquisgrã, na Alemanha.*

660

[30] Artigo publicado no jornal *O Globo*, Rio de Janeiro, 1998.

Tomou dezesseis Cidades,
da Guerra saiu feliz!
Deu muitas graças a Deus
por conquistar um País:
Foi visitar a Alemanha,
daí tornou a Paris.

Acompanhado dos Pares
Reinaldo de Montalvão,
de Gui, Duque de Borgonha,
de Oliveiros e Roldão,
Guarim, Duque de Lorena,
e do Conde Galalão;

de Lamberto de Bruxelas,
Frisa, Rei de Gardená,
Tietri, Duque de Dardanha,
Gerardo e Urgel Danoá,
de Bosim, Duque de Gênova,
homens-bons no guerrear;

e o Duque de Regnér,
mais Engelo de Almirante,
e Nemé da Baviera,
Hoel e Riol de Nantes,

Reinaldo e Anselmo Fiel,

mais Oton, Príncipe de Anglante.

Aí passou Carlos Magno

vinte anos em campanha.

Aquartelou os exércitos

d'Itália, França e Alemanha.

Mas lhe chega uma Embaixada:

novas guerras na Espanha!

O que me impressionava, nisso, eram os nomes dos lugares e o fato de, na lista, os Doze Pares de França serem vinte. Um dia perguntei a Tia Filipa onde eram todos aqueles lugares maravilhosos, chamados Lorena, Alemanha, Baviera, Gênova e Bruxelas. Ela respondeu: – "Não sei direito não, Dinis, mas deve ser longe como o diabo, ali por perto da Turquia, já quase na beira do mundo! Em Serra Talhada, existe uma família Lorena, portanto esses lugares devem ser prá lá do Sertão do Pajeú, de Serra Talhada prá cima, mais de sessenta léguas! Ou então, é pr'os lados do Piauí, entre a Turquia e a Alemanha! A guerra do Doutor Santa Cruz, contra o Governo da Paraíba, parece que foi pr'aquelas bandas, em 1912: mas o que eu me admiro é que uns chamam ela de "A Guerra de Doze" e outros de "A Guerra de Catorze", e a gente fica sem saber quantos reis se meteram nela, se foram doze ou catorze! Meteram-se nela um tal de Togo do Japão, o Caisalamão, Antônio Silvino, os Pereiras, Dom Sebastião, Carlos Magno, os Viriatos, esse pessoal guerreiro todo!" (1971: 55-7)

Conclusão

Nessa poética do fragmentário, característica da obra de Suassuna, os vestígios das marcas identitárias da instituição literária francesa aparecem em diálogo com referências ibéricas e brasileiras.

Essas representações sofrem transformações produzidas pelo contato com o repertório histórico-cultural do Brasil rural, localizado no Sertão do Nordeste, e sua reciclagem na constituição da antologia de um "Brasil profundo" que aflora no hipertexto do romance de Suassuna como representação de uma identidade sem representatividade expressiva no "Brasil legal". Assim se desenvolve o processo de todo um trabalho de metalinguagem que identifica a estética literária de Suassuna. Esse mecanismo dialógico constitui em si um verdadeiro desafio assumido por Quaderna. Foi preciso, para tanto, que o personagem-escritor empreendesse toda uma reflexão da literatura sobre ela-mesma que o levou, enquanto escritor, à refundação de seu próprio material a fim de ajustá-lo e adaptá-lo à evolução das ideias e das formas. E é ele, Quaderna, que nos ensina os procedimentos utilizados pelo escritor para fazer com que a literatura seja mesmo capaz de modificar a percepção da realidade:

> Se a gente não mentisse um pouco, ajudando as pedras tortas e manchadas do real a brilharem no sangue vermelho e na prata, nunca elas seriam introduzidas no Reino Encantado da Literatura! [...] Rei, cantador, poeta e guerreiro das Cavalhadas sertanejas, eu tinha obrigação de restaurar o Reino, o Castelo, o Marco, a Catedral, a Obra, a Fortaleza da minha Raça! Seria a Literatura dos folhetos e romances que iria restaurar de novo, pelo fogo da Poesia, a gloriosa imagem anterior, que aquelas pedras tortas e manchadas de mijo-de-mocó,[31] aleivosamente queriam diminuir e macular! (1971: 105)

Assim, realizando o desafio de reconciliar lados opostos, Quaderna tenta escrever sua epopeia bebendo em fontes a princípio irreconciliáveis e nos fala desse procedimento. Ele enxerta o material dissonante na trama apropriada, modificando os cenários, os personagens, as intrigas, os acontecimentos e o léxico. Antropofagia e reciclagem cultural são postos em prática graças à incorporação

[31] *Mocó*. Roedor que habita as zonas pedregosas do Leste brasileiro.

textual "qui est une appropriation de la substance d'autrui par son recyclage dans le métabolisme [...] culturel du même".[32] Esta apropriação, articulada ao processo de reciclagem, garante a Quaderna, que incorpora a figura antropofágica na composição de sua Epopeia, o desenvolvimento de uma técnica que "coupe court à toute tentation de fonder une identité homogène, authentique, pure. La figure elle-même comporte le potentiel de subvertir le programme qu'elle est censée réaliser".[33] Descrevendo o pensamento monárquico de Samuel, Quaderna enxerta elementos sertanejos no sistema de representação da nobreza brasileira e enxerta também um personagem do Sertão, o Cangaceiro, na trama das batalhas (transformadas em *Justas*) dos nobres normandos:

> O pensamento monárquico de Samuel me interessa muito, porque prova a existência e a legitimidade da Fidalguia brasileira, e, consequentemente, dos Fidalgos e Reis que comparecem à minha Epopéia! É verdade que meus fidalgos e guerreiros são Sertanejos, e Samuel faz muitas restrições aos senhores feudais do Sertão [...]. Mas, mesmo dizendo que a Aristocracia sertaneja é "bárbara, violenta, sem educação, corrompida e bastarda" o fato é que aceita sua existência. [...] Gustavo Barroso [...] afirma que os Fazendeiros sertanejos são Príncipes e Reis, que os Cantadores são menestréis fidalgos, troveiros e trovadores – uns aedos, semelhantes aos gregos – e que os Cangaceiros[34]

[32] Walter Moser, 1994: 250. Tradução do autor deste artigo: "que é uma apropriação da substância de outrem por sua reciclagem no metabolismo [...] cultural do mesmo".

[33] Walter Moser, 1994: 250. Tradução do autor deste artigo: "corta radicalmente toda tentação de fundar uma identidade homogênea, autêntica, pura. A figura comporta, ela mesma, o potencial de subverter o programa que ela supostamente deve realizar".

[34] *Cangaço/Cangaceiro.* Nome dado ao movimento armado dos nômades do Nordeste brasileiro que teve seu apogeu entre o fim do século XIX e o início do século XX, o Cangaço foi marcado pela intensidade de crimes violentos e cruéis, motivados principalmente pela vingança, pela revolta e pelos conflitos fundiários. Formado pelos sertanejos, servidores de latifúndios, guarda-costas e pistoleiros,

são Cavaleiros medievais! [...] Os Cangaceiros sertanejos são Cavaleiros medievais, como os Doze Pares de França! E tanto isso é verdade que, na França, na Idade Média, havia Cangaceiros!

– Oxente! Cangaceiros na França? Que conversa é essa, Seu Pedro Dinis Quaderna?

– Eu lhe provo isso já, Seu Corregedor! O senhor conhece o " romance " chamado História de Roberto do Diabo? [...] começa assim:

"Na terra da Normandia,

na remota Antiguidade,

vivia um tal Duque Auberto,

cheio de fraternidade :

era ele o Soberano

de toda aquela Cidade".

Parei, olhando o Corregedor com ar vitorioso, mas ele indagou impassível:

– E daí?

– E daí? O senhor ainda pergunta? Me diga uma coisa: a Normandia não é na França?

– É!

[...]

– E lá diz o *romance*:

"Juntaram-se os Príncipes todos,

nacionais e estrangeiros.

Mandaram chamar Roberto,

---

chamados também de *jagunços*, os grupos do Cangaço disseminavam o terror e o medo por onde passavam. Os cangaceiros, nome atribuído aos membros desses grupos, foram considerados os bandidos mais perigosos do Sertão brasileiro.

o bandido cangaceiro:

deram a ele um Cavalo,

gordo, possante e ligeiro.

E começaram as Justas:

Roberto saiu primeiro.

Meteu a Lança no peito

de um Príncipe estrangeiro:

este morreu de repente,

sendo o melhor Cavaleiro!

Num certo dia encontrou,

num esquisito Roteiro,

trinta homens bem armados,

sendo o chefe um Cangaceiro:

antes de falar com eles,

ameaçou-os primeiro."

Disse esses versos e comentei vitorioso:

> – Está vendo, Sr. Corregedor? É por isso que eu digo que os fidalgos normandos eram cangaceiros e que tanto vale um Cangaceiro quanto um Cavaleiro medieval. Aliás, os Cantadores e fazedores de romances sertanejos sabem disso muito bem, porque, [...] nos folhetos [...], as Fazendas sertanejas são Reinos, os fazendeiros são Reis, Condes ou Barões e as histórias são cheias de Princesas, cavaleiros, filhas de fazendeiros e Cangaceiros, tudo misturado! (1971: 279-82)

Resultantes, pois, desta pluralidade de signos em diálogo, as narrativas de Suassuna oferecem à análise fragmentos discursivos

que restam da dispersão do referencial cultural francês no Brasil, abordando o jogo com o patrimônio literário herdado e sua reescrita no mosaico de citações que caracteriza a construção textual de seus romances. Sobre essas hibridações culturais e textuais, Sherry Simon diz que o texto híbrido:

> [...] interroge les imaginaires de l'appartenance en faisant état des dissonances et d'interférences de toutes sortes. On peut dire que dans certains cas ces effets de dissonance sont le résultat [...] d'une relation de transfert ou de passage qui n'aboutit pas à un produit naturalisé, acculturé, mais qui laisse des traces du premier texte dans le nouveau. Le texte hybride est donc un texte qui manifeste [...] un vocabulaire disparate, une syntaxe inhabituelle, un dénouement déterritorialisant, des interférences linguistiques ou culturelles, une certaine ouverture ou faiblesse sur le plan de la maîtrise linguistique ou du tissu de référence. Ces effets esthétiques sont les résultats de la situation de frontière que vit l'écrivain, qui par sa prise de conscience de la multiplicité choisit de créer un texte créolisé, selon l'expression d'Édouard Glissant, c'est-à-dire un texte où la confrontation des éléments disparates produit du nouveau, de l'imprévisible.[35] (1994: 233-4)

O choque entre esses diferentes repertórios culturais, entre

[35] Sherry Simon, *Le trafic des langues: traduction et culture dans la littérature québécoise*, 1994: 233-4. Tradução do autor deste artigo: "[...] interroga os imaginários do pertencimento, dando conta das dissonâncias e interferências de todo tipo. Pode-se dizer que, em alguns casos, esses efeitos de dissonância são o resultado [...] de uma relação de transferência ou de passagem que não chega a um produto naturalizado, aculturado, mas que deixa vestígios do primeiro texto no novo texto. O texto híbrido é então um texto que manifesta [...] um vocabulário discrepante, uma sintaxe inabitual, um desenlace desterritorializante, interferências linguísticas ou culturais, uma certa abertura ou fraqueza no plano do domínio linguístico ou do tecido de referência. Esses efeitos estéticos são os resultados da situação de fronteira vivida pelo escritor, que, por sua tomada de consciência da multiplicidade, escolhe criar um texto crioulizado, segundo a expressão de Édouard Glissant, ou seja, um texto no qual a confrontação de elementos díspares produz o novo, o imprevisível".

crenças, valores, costumes, tradições diversas produz uma imprevisibilidade que é captada na produção literária de Quaderna, ou que, ao menos, ele tenta captar. A mistura de referências as mais díspares se traduz sob diferentes formas:

> [...] pertenço à casa real do Sertão do Cariri! É nessa qualidade que esses meus doze irmãos bastardos me servem de Guarda-de--Honra, quando, por acaso, preciso fazer alguma cavalgada heroica, semelhante às de Dom Antônio de Mariz ou às do Capitão-Mor Gonçalo Pires Campelo, aqueles dois Carlos Magnos de Dom José de Alencar. Margarida, diga aqui ao Doutor: não é verdade que meus irmãos são Doze Pares de França das minhas cavalhadas? [...] Os figurantes das Cavalhadas sertanejas são vinte e quatro Cavaleiros armados de lanças e representando os Doze Pares de França do Cordão Azul e os Doze do Cordão Encarnado! Os Azuis são os Cavaleiros cruzados e cristãos, e os Encarnados são os Cavaleiros mouros e muçulmanos. E o mais bonito, para mim, é que, representando os Vermelhos o partido dos Mouros, ainda assim tenham nomes iguais aos dos azuis, havendo, por exemplo, um Roldão e um Oliveiros azuis e cristãos, e outros Roldão e Oliveiros mouros e encarnados! E assim por diante, até completar os vinte e quatro Cavaleiros, com um nome de Par de França para cada par de dois! Foi por isso que eu destaquei doze prediletos, entre os meus irmãos bastardos, fazendo com que eles assumissem, nas Cavalhadas, o papel de Guarda-de--Honra minha! [...] Se eu fosse Samuel, teria colocado todos os doze no Cordão Azul, e, se fosse Clemente, no Encarnado. Mas eu, fiel à minha orientação monarquista - da - esquerda, coloquei seis no Cordão Azul e seis no Encarnado. [...] com isso, garantia um título de Par-de-França-Sertanejo para cada um deles, e, ao mesmo tempo, organizava, com os doze juntos, o Destacamento azul-vermelho da minha Guarda-Real! (1971: 309-10)

É assim que Suassuna, em seu discurso literário, através de

seu duplo narrativo, o Epopeieta Quaderna, resolve, através da hibridação entre campos opostos, o que, primeiramente, parecia irreconciliável. Para tanto, ele assume a bastardia característica desse procedimento, pois, uma vez postas em contato, as referências "originais" são maculadas pelo choque e pela interação com o Outro, de tal maneira que os Pares-de-França se tornam, entre outros, os Pares-de-França-Sertanejos. Desta vez, o escritor das Américas, soube, graças à astúcia sertaneja, prever o imprevisível do qual nos fala Glissant, uma vez que o resultado de sua hibridação é certamente o: "Destacamento azul-vermelho da minha Guarda-Real!"

Citando o julgamento de seus dois Mestres Conselheiros, primeiro sobre sua obra, depois sobre sua etnia, Quaderna expõe a seus leitores o risco e algumas possíveis consequências desta hibridação, o preconceito dos dois lados opostos sobre a escrita de uma literatura que, falando sobre ela-mesma, se busca através da auto-crítica e expõe uma riqueza advinda da hibridação que incomoda as posições de Samuel e Clemente, entricheiradas em concepções radicais e excluindo o "diferente":

> Apesar de todas essas grandezas, porém, Samuel e Clemente continuavam a me desprezar um pouco. Diziam que, apesar de todas as lições que me davam, minha Literatura "era a mais misturada e de mau-gosto do mundo". Não me perdoavam a influência que eu continuava a receber dos "folhetos" e da convivência com "bêbados, Cantadores e outros valdevinos". (1971: 129-30)

> E, ainda, havia mais. Clemente e Samuel, um Negro e outro Branco, desprezavam-me por ser, eu, um descendente moreno de Cabras e Mamelucos, de Caboclos. Mas Carlos Dias Fernandes escrevera: "Amemos a nossa Pátria por seu maravilhoso Sertão, que alenta o Gênio da Raça, com o puro sangue dos seus Caboclos! – esses áridos Sertões, abrasados pelo Sol, inacessíveis a toda invasão estrangeira, onde se gera uma sóbria Raça eqüestre de infatigáveis Ginetes destemerosos – esses rudes Sertões bravios

e desolados, que inspirarão, um dia, a tumultuária concepção da nossa Epopéia". (1971: 182-3)

REFERÊNCIAS

Andrade, Oswald. *Anthropophagies*. Trad. en français par Jacques Thiériot. Paris: Flammarion, 1982.

Andrès, Bernard. *Coerção e subversão*. O Quebec e a América Latina. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

Aniello Avella, "I fenomeni di banditismo e fanatismo religioso nel '*sertão*' e le teorie del dualismo strutturale", em Luciana Stegagno-Picchio éd., *Letteratura popolare brasiliana e tradizione europea*, Roma, Bulzoni, 1978: 179-201.

Ariano Suassuna, "Notas sobre o romanceiro popular do Nordeste", em Ariano Suassuna, *Seleta em prosa e verso*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1974.

Bakhtine, Mikhaïl. (Volochinov, V. N.). *Le marxisme et la philosophie du langage*. Paris: Minuit, 1977.

_____. *Esthétique et théorie du roman*. Trad. En français par Daria Olivier. Paris: Gallimard, 1978.

Bertrand, Jean-Pierre et Gauvin, Lise. (dir.). *Littératures mineures en langue majeure*. Québec/Wallonie Bruxelles: Les Presses de l'Université de Montréal, 2003. (Actes du Colloque International de Liège)

Bouchard, Gérard. *L'Amérique, terre d'utopie*. Conférence d'ouverture du Colloque interaméricain (Brésil-Canada) des sciences de la communication. Salvador de Bahia (Brésil), septembre, 2002.

Compagnon, Antoine. *La seconde main ou le travail de la citation*. Paris: Seuil, 1979.

Daher, Andrea. *O Brasil francês. As singularidades da França Equinocial (1612-1615)*. Prefácio de Roger Chartier. Rio de Janeiro: 2007. Tradução em francês por Albert Stückenbruck: *Les singularités de La France Equinoxiale*.

Earl Mineur, "Études comparées interculturelles", Jean-Claude Choul

trad., dans Marc Angenot et al., *Théorie littéraire*, Paris, Presses Universitaires de France, 1989: 161-179.

Edilberto Coutinho, "*Cordel na literatura*", em *Cadernos Brasileiros*, Rio de Janeiro, mar-ab, 1970.

Gérard Bouchard, "Entre l'Ancien et le Nouveau Monde: Le Québec comme population neuve et culture fondatrice", dans *Conférence Charles R. Bronfman en Études Canadiennes*, Ottawa, Les Presses de l'Université d'Ottawa, nov. 1995.

Glissant, Édouard. *Introduction à une Poétique du Divers*. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 1995 Paris: Gallimard, 1996.

Hutcheon, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Lisboa: Edições 70, 1989.

Jakobson, Roman. *Essais de linguistique générale*. T.1 . Paris: Minuit, 1963.

Kristeva, Julia. *Sèméiôtikè*. Paris: Seuil, 1969.

Linda Hutcheon. "A intertextualidade, a paródia e os discursos da história", em Linda Hutcheon, *Poética do pós-modernismo*, Rio de Janeiro, Imago, 1991.

Maillot, Laurent. *Réjean Ducharme aux limites de l'écriture*. Discours prononcé le 27 novembre, 1990, Fondation Émile Nelligan: 3.

Marcotte, Gilles. *Littérature et circonstances*. Montréal. L'Hexagone, 1989.

Moisan, Clément. Écritures migrantes et identités culturelles. Montréal (Québec): Éditions Nota Bene [Gallimard], 2008.

Morin, Michel et Bertrand, Claude. *Le territoire imaginaire de la culture*. Montréal: Brèches [Hurtubise HMH], 1979.

Oswald de Andrade, "Manifesto Antropófago", em *Revista de Antropofagia*, São Paulo, Diário de São Paulo, 01, agosto, 1929.

Philippe Hamon, "Texte littéraire et métalangage", dans *Poétique* nº 31, Revue de théorie et d'analyse *littéraire,* septembre 1977, Paris, Seuil: 261-84.

Queiroz, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. Rio de Janeiro, São Paulo: Livros Técnicos e Científicos [Ed. USP], 1978.

Rachel de Queiroz, "Um romance picaresco?", em Ariano Suassuna, Pre-

fácio de *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e--Volta*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1971.

Rêgo, George Browne e Maciel, Jarbas. *Suassuna e o Movimento Armorial*. Recife: Ed. Universitária – UFPE, 1987.

Roberto Câmara Benjamin, "A religião nos folhetos populares", em *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, Vozes, (8): 1-8, out, 1970.

Robin, Régine. *Nous autres, les autres*. Montréal (Québec): Les Éditions du Boréal, 2011.

Roland Barthes, "La Mort de l'Auteur", dans *Manteia*, V; reimp., 1984.

Rose, Margaret. *Parody: ancient, modern and post-modern*. Cambridgeshire: Cambridge University Press, 1993.

Sant'Anna, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Ática, 1985.

Santiago, Silviano. *Uma literatura nos trópicos. Ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

Sebastião Nunes Batista, "*Charlemagne dans la littérature de cordel*", dans *Dialogues et cultures*, 23/24, Fédération Internationale des Professeurs de Français, V Congrès Mondial de la FIPF, Rio de Janeiro, Brésil, 19-24, juillet, 1981.

Sherry, Simon. *Le trafic des langues: traduction et culture dans la littérature québécoise*. Montréal: Boréal, 1994.

Suassuna, Ariano. *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1971.

Walter Moser, "L'anthropophage et le héros sans caractère: deux figures de la critique de l'identité", dans Jocelyn Létourneau dir., *La question identitaire au Canada francophone*. Récits, parcours, enjeux, hors-lieux, Sainte-Foy, Les Presses de l'Université Laval, 1994.

Walter Moser, "La culture du recyclage", dans Claude Dionne, Silvestra Mariniello, Walter Moser (dirs.), *Recyclages. Économies de l'appropriation culturelle*, Montréal, Les Éditions Balzac, 1996.

O Brasil revelador e o exílio ambíguo em *L'Herbe* à *brûler* (C. Detrez) e *La Salamandre* (J.-Ch. Rufin)[1]

José Domingues de Almeida
FLUP – ILCML

Uma leitura atenta ao esquema diegético dos romances (auto) ficcionais do romancista belga naturalizado francês Conrad Detrez, *L'Herbe à brûler*, e do romancista francês Jean-Christophe Rufin, *La Salamandre*, permite salientar, em dois momentos históricos distintos, representações do Brasil enquanto espaço iniciático e de tomada ou perda de consciência da realidade, dando a ver a viagem, e inclusive o exílio, nesse país de forma ambígua, marcada pelo fracasso ou pelo drama, mas sempre por uma transformação radical e decisiva.

À semelhança do autor, Conrad, o narrador e personagem principal de *L'Herbe à brûler*, deixa a Bélgica, não sem primeiro despedir-se do seu "grand paysage" natal, o da infância. O professor primário de Roclenge havia de revelar uma recordação comovente. Detrez viera explicar-lhe "pourquoi il abandonnait la prêtrise et allait au Brésil alphabétiser les pauvres".[2] As verdadeiras razões desta decisão, Detrez só as havia de desvendar verdadeiramente na trilogia autoficcional à guisa de introspeção e de recapitulação.

1 Este artigo é desenvolvido e financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa Estratégico "UID/ELT/00500/2013" e por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COMPETE "POCI-01-0145-FEDER-007339"

2 "Roclenge: la plaque du pont Conrad Detrez...", *La Meuse*, 21 de maio 1987 (editorial).

Em 1962, Conrad Detrez desembarca no Brasil. O país vive na instabilidade sob o regime de João Goulart (1961-64), embora este presidente tenha tentado algumas reformas sociais e democráticas. Esses distúrbios e outras derivas políticas valer-lhe-ão ser derrubado à boa maneira sul-americana, por um golpe de Estado militar orquestrado pelos Estados-Unidos em 1964. *L'Herbe à brûler* descreve o desembarque de um jovem valão nesse Brasil exótico, tórrido, imprevisível e em plena ebulição: "(...) dockers et porteurs refusaient de monter à bord, la grève était générale, elle durerait jusqu'au lendemain matin; chacun n'avait qu'à emporter avec lui ce qu'il pouvait. 'Ces sales communistes!' entendis-je grommeler (...)".[3]

Rapidamente, Detrez fraterniza com a "esquerda cristã", os movimentos operários e estudantis cristãos e a tendência política – muitas vezes (cripto)marxista da Igreja Católica –, a que apoiará as teses polémicas da teologia da libertação, e que estará na origem das comunidades eclesiais de base. A esse respeito, Frei Betto regressa com alguma cumplicidade ao primeiro período da estada de Detrez no Brasil: "(...) [il] travaillait comme militant à la JOC internationale à Rio de Janeiro où j'[Frei Betto] étais dirigeant de la JEC".[4] Em 1963, Detrez milita no seio do Movimento de Ação Popular (MAP), primeiro embrião de um partido cristão de esquerda, e extensão política da JOC. Vai assim pondo à prova os projetos e rascunhos da regra de um apostolado laico. Aos vinte e dois anos, sente-se eufórico: "Je vivais dans un état de pieux émerveillement et dressait le bilan spirituel de ma vie: j'étais né pour l'amour de Dieu et des hommes, j'étais un mystique d'un genre nouveau (...)".[5] Contudo, o contexto exuberante, mestiço e desregrado do Brasil havia de rapidamente deitar por terra este projeto casto e ingénuo de vida ascética. A rea-

[3] Conrad Detrez, *L'Herbe à brûler*, Paris, Calmann-Lévy, 1978: 97.

[4] Frei Betto, "Souvenirs d'un ami de Detrez au Brésil", *TOUDI. Culture et société*, n° 2, 1988: 266.

[5] Conrad Detrez, *L'Herbe à brûler*: 110.

lidade local, seus ritmos e cultos haviam de, literalmente, "devorar" o jovem belga, esmagá-lo. Detrez não está com rodeios. Aplica ao seu "renascimento" tropical as categorias batismais da teologia de Lovaina: "Je suis né en 1937 au pays de Liège. Une deuxième vie a surgi et a bouleversé la première, en 1963, à Rio de Janeiro. Dans le premier temps, je fus villageois, de race wallonne, de religion catholique et de langue française. Dans le second, je devins banlieusard, d'appartenance carioque et de langue portugaise (...)".[6]

O que o fascina, é esse Brasil mestiço, popular, "mais africano que europeu". Aliás, Frei Betto lembra o papel essencial desempenhado por Detrez na divulgação da "negritude", um conceito politicamente perigoso e embaraçoso na "segunda nação negra do mundo", pois, confessa, "son cœur était noir".[7] Com efeito, *a posteriori*, Detrez havia de ver na emancipação da condição dos negros uma oportunidade e um projeto para a numerosa população negra brasileira, embora essa reivindicação – expressa numa época pós-moderna e politicamente correta – faz, em certa medida, esquecer a urgência de uma qualquer revolução: "Comme pour Beatriz, la négritude confère à sa vie un sens",[8] havia de admitir mais tarde.

Mas voltemos atrás. A 2 de abril de 1964, o golpe de Estado militar derruba o regime bastante democrático de João Goulart, e impõe uma ditadura militar apoiada pelos Estados-Unidos através do general Castello Branco. Em *L'Herbe à brûler*, Detrez alude ao exílio do presidente deposto: "L'ancien magistrat suprême et sa femme s'envolèrent en pyjama pour l'exil".[9] Doravante, a história havia de se tornar mais trágica. Os vários movimentos progressistas

[6] Conrad Detrez, *Les Noms de la Tribu*, Paris, Seuil, 1981: 36. É forçoso reparar que é igualmente pelo acesso à competência linguística que, em *La Salamandre*, Catherine se acultura ao Brasil. *Cf.* Jean-Christophe Rufin, *La Salamandre*, Paris, Gallimard, 2005: 61 et 111.

[7] Frei Betto, "Souvenirs d'un ami de Detrez au Brésil": 266.

[8] Conrad Detrez, *Les Noms de la Tribu*: 35.

[9] Conrad Detrez, *L'Herbe à brûler*: 128.

entram na clandestinidade e na resistência armada, muitas vezes mais pelo lado marxista que leninista. O MDB (Movimento Democrático Brasileiro) – movimento de resistência fundado pelo mítico guerrilheiro Carlos Marighella – ganha terreno e organiza-se em células de base infiltradas a todos os níveis da sociedade, ao passo que o descontentamento popular suscitado pelo regime ditatorial vai crescendo.

Conrad Detrez alista-se nas fileiras da oposição clandestina dirigida por Marighella. A descrição da resistência, em que o narrador desempenha o papel de *partisan* estrangeiro infiltrado, ocupa precisamente boa parte da narrativa de *L'Herbe à brûler*. Este romance reproduz fielmente a militância clandestina de Detrez num Brasil onde reinam a cumplicidade e o perigo: os panfletos, as reuniões secretas, os transportes de armas, os assaltos a bancos e casernas, os raptos de personalidades ligadas ao regime ditatorial, até à sua detenção pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), a tortura e a expulsão do país.

Detrez tem a sensação de viver uma epopeia de um tipo novo, excitante e perigoso. Torna-se justiceiro no seio de uma sociedade iníqua e corrupta: "Nous étions en fait des anarchistes chrétiens. Nous vécûmes dans l'illusion lyrique pendant un an".[10] As personagens e militantes deste romance são muitas vezes nomes fictícios de companheiros de luta ou de guerrilheiros com os quais Detrez conviveu nessa época terrível; todos eles admiradores de Fidel Castro e de Che Guevara, todos sob o comando de Carlos Marighella, e cujos verdadeiros nomes o narrador achou por bem manter. Assumem as caraterísticas de mártires de uma religião nova e emergente. São eles: Maura, Teresa, Rogério, Romando, Regina, Beatriz (que empresta as suas caraterísticas à personagem de Sónia em *L'Herbe à brûler*), Fernando, *etc.*

[10] Conrad Detrez, *Les Noms de la Tribu*: 29.

Para Detrez, este período de "guerrilha urbana" também se torna a ocasião de adotar todas as riquezas culturais do exuberante Brasil, de fazer sua essa mestiçagem étnica, de deixar-se "devorar" pelos seus cultos africanos e pagãos, de integrar o seu carnaval sensual e desregrado, de confrontar incessantemente o novo *aqui* tropical e exótico com o *lá* das suas origens na Valónia.[11] Ele, o seminarista de Saint-Trond (Saint-Trudon, Saint-Rémy); ele, o estudante casto de Lovaina, ei-lo iniciado nos ritos afro-brasileiros: "(...) je suis un fils d'Ogum-des-Sept-Epées, l'orisha impétueux, esprit de la guerre et du feu (...)".[12] Passou por "fechamentos de corpo" aos espíritos maus, ritos de purificação: frequentou pais de santo e mães de santo.

O período do carnaval carioca, com seu desregramento dos sentidos, a reabilitação dos baixos instintos, o gosto intenso pelo caos, farão a transição entre esses dois universos densos em emoções e coloridos: os deuses e o sexo. Em poucos meses, o ambiente popular brasileiro destrói duas décadas de educação católica recebida na serena, mas enfadonha Bélgica. Essa evolução pessoal ou esse "batismo" cultual, cultural e sexual, Conrad Detrez o descreveu extensamente em *L'Herbe à brûler*, romance nitidamente iniciático.[13] Conrad, o narrador autodiegético, perde a virgindade numa favela de Volta-Redonda às mãos de Dona Josefa, sacristã que sonha em tornar-se padre, sacerdotisa de um culto patológico: "Tel fut mon dépucelage: un coït turbulent, difficile à pratiquer dans cette caisse mal assurée, un mauvais moment".[14]

Contudo, esse passo em falso revelar-se-ia um aperitivo para uma mais vasta descoberta, uma capitulação mais intensa e voluptuosa. Ao som do samba, enfeitiçado pelos ritmos afro-brasileiros,

[11] *Ibid.*: 36.

[12] *Ibid.*: 88.

[13] Xavier Garnier, "À quoi reconnaît-on un récit initiatique ?", *Poétique*, 2004/4 (n° 140): 443-54.

[14] Conrad Detrez, *L'Herbe à brûler*: 105.

o narrador fica a saber às suas custas o quanto "pendant le carnaval on fait ce qu'on veut",[15] e que "l'amour [fait] mal".[16]

Eis que uma jovem o atrai, o chupa, lhe extirpa do corpo casto e clerical "un plaisir insupportable et délicieux, une douleur indicible mais bonne",[17] que outra se lhe oferece na praia[18] antes de ele penetrar, por inadvertência, uma velha deitada na areia de Copacabana.[19] Conrad julga-se vítima de um culto orgíaco que o ultrapassa, o destrói: "Tout le carnaval m'avait envoûté. On avait abusé de moi".[20] Nem por isso perdeu os antigos reflexos ascéticos: "Le remords me tenaillait, mon âme se tordait".[21]

Contudo, o seu suplício não acabou. Ainda tem de experimentar a orgia homossexual, cujo desejo apenas estava latente, mas que teima agora em manifestar-se. A loucura carnavalesca leva-o até ao jovem negro, Fernando, também ele "apóstolo laico" das favelas do Rio, a cuja perversa e aberrante confraria ele aderiu: "Nous sommes tombés à genoux l'un devant l'autre, toujours enlacés, mouillés, baignant dans sa puissante odeur de nègre, et on s'est regardé".[22] Ora esse Fernando assemelha-se em tudo a essa "personne de race noire, elle-même éduquée dans la religion umbanda" que convertera Detrez a essa cultura afro-brasileira".[23] Alguns anos mais tarde, Detrez ficaria a saber que esse tal Fernando havia, em contexto pós-moderno, "retrouvé la religion de ses ancêtres".[24]

[15] *Ibid.*: 115.
[16] *Ibid.*: 86.
[17] *Ibid.*: 118.
[18] *Ibid.*: 119.
[19] *Ibid.*: 120.
[20] *Ibid.*: 121.
[21] *Ibid.*: 120.
[22] *Ibid.*: 122.
[23] Conrad Detrez, "Dévoré par le Brésil", *Le Magazine Littéraire*, setembro de 1982.
[24] Conrad Detrez, *Les Noms de la Tribu*: 35.

Este ambiente festivo intermitente não pode fazer esquecer a gravidade da situação politica e a dureza da militância do guerrilheiro. As operações armadas vão-se intensificando em resposta ao endurecimento do regime militar. A pedido de Carlos Marighella, Detrez traduz para francês o *Manual prático do guerrilheiro urbano* em que se haviam de inspirar os grupos terroristas europeus nos anos setenta para as suas ações clandestinas. Em fevereiro de 1967, talvez vítima de traição no seio da organização, Detrez é preso no Rio de Janeiro pelo DOPS, a polícia política do regime militar.

Dado o clima de endurecimento da ditadura e as suspeitas do DOPS, a Organização atribui uma identidade falsa a Detrez, e ao Conrad de *L'Herbe à brûler*. Chamar-se-á Domingués; o que nem por isso evitou as suspeitas da polícia: "Domingués, ça fait portugais, très portugais! Mais avec ces yeux bleus…".[25] De volta ao Brasil depois de amnistiado, Detrez ainda receia ser apanhado pelo passado: "'En bon agitateur, n'est-ce pas, Senhor Domingues ?', va peut-être me lancer, ironique, mon interrogateur".[26]

Aquando do primeiro interrogatório, e antes das torturas, o DOPS conseguirá acabar com essa astúcia de guerrilheiro, impondo-lhe o seu verdadeiro nome – dura recordação da sua *belgidade*, evocação do pai, negação ou amputação – tanto faz – da sua condição exótica: "Tout à coup on crie mon nom, le vrai, celui de mon père".[27] Escapando a torturas adicionais por intermédio da embaixada da Bélgica, para a qual este energúmeno acaba por ser embaraçoso, Detrez é expulso do Brasil. Suposto regressar a uma Bélgica que, à primeira vista, já pouco lhe diz, instala-se um pouco involuntariamente em Paris, em 1968.

De facto, Fernando e o carnaval do Rio abriram o narrador para a realidade da mestiçagem e da diversidade enquanto valores

[25] Conrad Detrez, *L'Herbe à brûler*: 188.
[26] Conrad Detrez, *Les Noms de la Tribu*: 10.
[27] Conrad Detrez, *L'Herbe à brûler*: 190.

positivos do *outro lugar*, inconciliáveis com o insustentável vazio do *aqui*. Assim, pois, a estraneidade e o exotismo, em vez de suscitarem um sentimento de repulsa ou de reserva – esse mesmo que Detrez atribuía à sua Bélgica natal e rural – apontam para um convite ao devaneio, ao exílio e à diferença. Ser belga será, antes de mais, confessar um estatuto de "apátrida mental",[28] natural de um país irreal, de um *nada* inconfessável. A fuga, e depois o exílio, impõem-se sucessivamente para reforçar ainda mais a dialética do *lá* atraente, inclusive fascinante, marcado pela cor, e o *aqui* pálido.

Em *L'Herbe à brûler*, Rodrigo ilustra essa dicotomia e devolve-nos, por meio do olhar do *outro*, uma imagem insípida, monótona e pálida da realidade europeia, belga e branca. Logo, a tez morena e a exuberância de que Rodrigo (o *outro*) é detentor repercutem-se na argumentação do seu discurso político. O Brasil está repleto de vida e de problemas que suscitam todos os *engagements*, ao passo que a Bélgica e a velha Europa surgem monótonas e apáticas. É o que ilustra o argumentário político do estudante brasileiro: "Là-bas aucun prêtre ne peut l'éviter, les enjeux de l'Église sont toujours des enjeux politiques";[29] "Chez lui, on se divise sur des choses plus graves (...)";[30] "Ton Europe, elle n'a rien à voir avec mon rêve (...)";[31] L'Europe, pour moi, c'était des noms d'auteurs";[32] "Il disait 'ton' Europe comme si je vivais en plein dedans";[33] "Je veux dire chez nous, en Amérique du Sud. Là on se bat pour des questions décisives (...)".[34]

Se a Bélgica não passa de uma parcela insignificante do Velho Continente, anquilosada pelo ambiente confortável do seu bem-estar e de sua segurança, e em que a revolução se afigura improvável, já

[28] Conrad Detrez, *La Mélancolie du voyeur*, Paris, Denoël, 1986: 94.
[29] Conrad Detrez, *L'Herbe à brûler*: 61.
[30] *Ibid.*: 60.
[31] *Ibid.*: 64.
[32] *Idem*.
[33] *Idem*.
[34] *Ibid.*: 83.

o Brasil, pelo contrário, encarna a abertura dialética da História, a esperança em todos os progressos e em todos os comprometimentos políticos. A esse respeito, Conrad representa a inconsciência crítica e política: "Je suis mal, la politique ne m'intéresse pas et d'ailleurs je n'y comprends rien".[35] Mas, uma vez iniciado à militância no Terceiro Mundo, Lovaina – substituto metonímico da Bélgica – torna-se num lugar que se procura abandonar e que não deixa saudades: "J'ai quitté Louvain comme on quitte, recru d'air vicié, un W.-C. public".[36]

Como se vê, o texto constrói-se a partir de um esquema narrativo que aponta também para o romance de aprendizagem:[37] fascínio pelo Brasil, representações do Brasil, estada inicial entusiasta, aculturação (nomeadamente pelo acesso à língua e aos ritmos), descoberta actancial de um amigo/amante exótico, oriundo das camadas pobres, contratempos/deceções/problemas, mediação diplomática (embaixada com vista ao repatriamento), e regresso ao Brasil ou relação positiva, mas serena com esse país. A isso acrescem o empenhamento (religioso ou humanitário) do escritor, uma carreira diplomática; isto é a inscrição na tradição dos escritores-diplomatas.[38]

Ora todo este esquema narrativo regressa noutro romance com temática brasileira pela mão de Jean-Christophe Rufin, o qual já publicara *Rouge Brésil*;[39] desta feita com *La Salamandre*.[40] O escritor envolvido nas ONG, nas causas humanitárias, na geopolítica e na diplomacia interessa-se de novo pelo Brasil. Com efeito,

---

[35] *Ibid.*: 61.

[36] *Ibid.*: 95.

[37] Philippe Chardin (dir), *Roman de formation, roman d'éducation dans la littérature française et dans les littératures étrangères*, Paris, Kimé, 2007.

[38] http://www.lefigaro.fr/lefigaromagazine/2007/06/29/01006-20070629ARTMAG90560-la_longue_tradition_des_ecrivains_diplomates.php [Acedido a 13/11/2017].

[39] Jean-Christophe Rufin, *Rouge Brésil*, Paris, Gallimard, 2001.

[40] Jean-Christophe Rufin, *La Salamandre*, Paris, Gallimard, 2005.

Catherine, uma parisiense de quarenta e seis anos, de férias durante três semanas em casa de um casal de amigos, conhece Gil, um jovem autóctone oriundo das favelas. Daí resulta um caso amoroso que a vai deixar de cabeça perdida, transformá-la em mulher submissa. Assim que se sente já sem vínculos em França, vende todos os bens e instala-se definitivamente no Brasil para viver uma paixão desastrosa e sórdida com esse jovem amante mulato. Ei-la subjugada, despojada de tudo e reduzida a um corpo violentado e de que o amante se aproveita.

Dois elementos definem o cenário da narrativa sob a forma de premonição do desastre:[41] o *incipit*, que apresenta o Brasil como sendo ambíguo, potencialmente dramático "un lieu de tragédie" e não só de "délices"[42] e, por outro lado, o motivo da "salamandra", batráquio miticamente resistente ao fogo; o que prenuncia as queimaduras e a desfiguração infligidas por Gil: "(...) il saisit le réchaud à essence et en vida le réservoir sur Catherine".[43] Ora, essa completa falta de autoestima explica-se, mediante analepses interpostas na narrativa, por uma infância francesa monótona, banal,[44] sem recordações, numa aldeia chamada Perche;[45] um pai colaborador durante a Segunda Guerra,[46] um casamento falhado, um primeiro emprego que a acorrentava a "cette misère molle",[47] associada à figura do rato,[48] e pais de que não sente saudades, sem que o consiga explicar: "Il se mit à pleuvoir sur le cimetière et les croque-morts laissant filer les cordes mouillées déposèrent rudement le cercueil femelle sur le cercueil mâle qui l'avait fécondée. Elle pensa que c'est

[41] *Ibid.*: 20, 35.
[42] *Ibid.*: 9-10.
[43] *Ibid.*: 167.
[44] *Ibid.*: 55.
[45] *Ibid.*: 53.
[46] *Ibid.*: 54.
[47] *Ibid.*: 57.
[48] *Idem*.

une bien grande douleur que de ne pas aimer ses parents, qu'ainsi on ne peut espérer l'amour ni des autres ni de soi-même".[49] Com efeito, o campo semântico premonitório do *fogo*, miticamente assocado à *salamandra*, anunciava subtilmente esse desfecho: "Le feu est la providence du voyageur".[50]

Tal como anteriormente, em *L'Herbe à brûler*, a viagem ao Brasil torna-se na ocasião de estabelecer uma dicotomia radical entre o *aqui* europeu insuportável e o *lá* exótico atraente brasileiro. A esse respeito, Rita Olivieri-Godet destaca o facto de esse autor (entre outros) ter por objetivo evitar, e inclusive desconstruir estereótipos acerca do Brasil: "Dégagés d'une vision ethnocentriste et de l'idéal civilisateur, ces écrivains se sentent investis d'une conscience ethno-anthropologique qui les pousse à vouloir faire comprendre et interpréter le plus justement possible les multiples détails de la culture brésilienne".[51] Alguns dias de estada no Brasil bastaram para cavar um fosso cultural intransponível, assinalado pelo regresso provisório de Catherine à França para livrar-se de todos os bens e despedir-se do emprego. Com efeito, "Dans les couloirs humides de l'aéroport, Catherine a dévisagé la foule pâle qui parle français".[52] Já sente saudades do sol brasileiro;[53] o que a confronta com sua nova *estraneidade* no próprio país, em França.

Na verdade, as representações do Brasil operam-se a partir das diferenças climáticas: "On était dimanche. La ville était déserte. La population entière se rassemblait sur la plage. En arrivant au

[49] *Ibid.*: 59.

[50] *Ibid.*: 13.

[51] Rita Olivieri-Godet, "Le Brésil dans l'imaginaire littéraire français actuel: images de la latinité et du métissage", *Revue Silène*, Centre de recherches en littérature et poétique comparées de Paris Ouest-Nanterre-La Défense, 2011, http://www.revue-silene.com/f/index.php?sp=comm&comm_id=79 [Acedido a 2/10/17].

[52] *Ibid.*: 103.

[53] *Idem*.

bord de l'eau, Catherine eut une sensation de panique: tout était absolument excessif. Le soleil, déjà haut lançait des paquets de chaleur qui raclaient la peau" ;[54] mas também vegetais: "Puis là la campagne arrivait doucement, annoncée par la présence en plus grand nombre de bananiers et de flamboyants",[55] "ce bois rouge qui paraît luxueux aux étrangers".[56]

De novo, tal como em *L'Herbe à brûler*, os vários clichés exóticos, inclusive idílicos do Brasil proporcionam representações que se referem à pobreza e à miséria das favelas donde Gil é oriundo, e que geram a desconfiança do casal que hospeda Catherine: "'C'est le Brésil, conclut Richard avec un sourire un peu pensif, un peu méprisant aussi. Des chirurgiens formés aux dernières techniques et des types dans la rue qui tueraient un aveugle pour dix dollars…'",[57] para acrescentar mais tarde: "'Les gens sont proches de la nature, ici. Ce sont des sauvages, dans leur genre!'".[58]

Essa visão matizada do Brasil encontra-se veiculada por esses expatriados no Recife que acolhem Catherine e que, à semelhança dos serviços consulares franceses locais, se tornarão adjuvantes informados da infeliz heroína: "Il [le consul] savait combien les touristes sont vulnérables dans ce pays (…). [il] pensait demander au Quai d'Orsay l'autorisation de faire imprimer une petite brochure mettant en garde contre les dangers de cette ville et décrivant les principaux pièges".[59] Lembremos que em *L'Herbe à brûler* de Conrad Detrez, os serviços diplomáticos da Bélgica tiraram o jovem militante político da prisão e de um mau momento num país considerado perigoso e hostil.

[54] *Ibid.*: 23, 109.
[55] *Ibid.*: 63.
[56] *Ibid.*: 97.
[57] *Ibid.*: 27.
[58] *Ibid.*: 29.
[59] *Ibid.*: 175.

Mas é enquanto romances marcados por uma aprendizagem – contrariada no fim pela própria ambiguidade do Brasil – que estas duas narrativas se assemelham, e ainda mais sob o efeito fascinante e transformador do *carnaval*. Se o carnaval carioca tinha completamente transformado o Conrad de *L'Herbe à brûler*, o de Recife e Olinda[60] não lhe fica atrás. Cada vez mais abandonada e humilhada, embora subjugada por Gil, Catherine integra-se aos festejos carnavalescos vitalistas para melhor esquecer-se de si e fundir-se no contexto tropical. Tal como em Detrez, a longa sequência narrativa carnavalesca vai dando conta de uma lenta, mas profunda mutação da personalidade, da sua *des-europeização* em suma, e da aquisição de uma nova identidade, mesmo que doentia: "Le carnaval approchait",[61] "Dans cette irrépressible montée aux extrêmes de l'intensité sonore qui caractérise le carnaval (...)",[62] "Elle avait profondément besoin de fête, car elle n'est pas seulement divertissement mais élan tragique, fusion de l'être avec la multitude",[63] "Quatre jours durant, Catherine mêla sa solitude à l'immense foule du carnaval", "Elle se mêla aux centaines de Noirs en robe blanche qui frappent deux coques de métal qu'ils appellent *agogô*, sur un rythme usant de mélancolie",[64] "Dans une rue, elle vit un homme en poignarder un autre. Puis elle s'enfuit et elle fit de même. Le rythme de la musique l'habitait, surtout le hoquet du *frevo*, parfois, comme un repos, le tressautement d'une samba",[65] "C'était enfin le mercredi. Le carnaval était terminé".[66]

Também aqui, à semelhança de *L'Herbe à brûler*, o carnaval metaforiza e faz culminar um processo iniciático latente e malsão

[60] *Ibid.*: 138.
[61] *Idem.*
[62] *Ibid.*: 155.
[63] *Ibid.*: 156.
[64] *Ibid.*: 158.
[65] *Ibid.*: 160.
[66] *Ibid.*: 163.

desde a chegada ao Brasil, fundado numa impressão enganadora de liberdade,[67] "Catherine se méprisait d'avoir tenu jadis tous ces propos ineptes sur l'indépendance quand pour elle aujourd'hui la liberté véritable c'était au contraire de dépendre de la satisfaction de Gil".[68] Cada vez mais submissa ao seu gigolô, enfeitiçada e inconsciente de todos os perigos, "(...) elle découvrait ce pays, une vraie vie (...)",[69] a qual havia de revelar-se aviltante e violenta.[70]

Se, no Brasil, Catherine julga ter encontrado "l'amour pur"[71] e sentir-se finalmente capaz de apagar a sua identidade e o seu passado francês: "Catherine ne songeait même plus que l'eau pût la séparer d'un ailleurs, encore moins que cet ailleurs eût été autrefois chez elle",[72] esse sentimento não passa de um terrível logro que o fogo, as queimaduras e a desfiguração mal poderão atenuar. A infeliz heroína, impassível e resignada, retomará a gestão de uma barraquinha na mesma praia onde Gil a seduzira. Desta forma, Catherine revela-se "salamandra", o tal animal mítico resiliente. Note-se que em Detrez, o semantismo do fogo já estava bem presente pois que, no título, a erva se destina a ser queimada.

Essas representações dão conta de um Brasil ambíguo, terra de *fogo*; esse *brasil* incandescente mostra-se atraente, mas potencialmente trágico, inclusive mortal. O fogo purifica e revela plenamente o ser nas suas contradições. Tal como o calor, ele expõe-no e mostra-o a si mesmo, mas ninguém sai ileso.

---

[67] *Ibid.*: 66.
[68] *Ibid.*: 75.
[69] *Ibid.*: 83.
[70] *Ibid.*: 134, 150.
[71] *Ibid.*: 182.
[72] *Ibid.*: 198.

Sobre os autores 687

Ida Alves é Professora Titular de Literatura Portuguesa da Universidade Federal Fluminense e pesquisadora do CNPq. Após seu doutorado em Letras UFRJ), fez pós-doutorado na *Université Sorbonne Nouvelle* (com bolsa da CAPES). Coordena o Grupo de Pesquisa "Estudos de Paisagem nas literaturas de língua portuguesa", Integra o grupo de pesquisa internacional LYRA, sobre poesia contemporânea, sediado no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, e colabora com o CREPAL (Paris 3). Organizou livros sobre a poesia portuguesa e escreveu muitos capítulos e artigos sobre a poesia portuguesa moderna e contemporânea, a crítica da poesia e mais particularmente sobre a relação entre linguagem poética e visual na poesia portuguesa moderna e contemporânea.

Larissa Alves de Lira é doutora em Geografia pela USP e pela École *des hautes* études *en sciences sociales*. Atualmente faz estágio pós-doutoral na USP (com bolsa CAPES) e trabalha com a história da Geografia brasileira.

Daniel Armas Núñez tem graduação em Filologia Francesa (*Universidad de La Laguna*) e em Línguas, Letras e Civilizações Estrangeiras, com especialidade em Português (*Université de Lorraine*). É doutorando na Universidade de La Laguna (tema da tese: *La Amazonía «tentacular»: los escritos de Henri Coudreau, Cândido Rondon y Gastão Cruls*).

Maria Elizabeth Chaves de Mello é professora de Literaturas Francófonas/Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense desde 1992 e pesquisadora do CNPq**.** Doutora em Letras (PUC-RIO 1993), com pós-doutorado na École *des Hautes* Études *em Sciences Sociales* (Paris, 2008), ela publicou recentemente *Um francês nos trópicos:Francis de Castelnau - o*

olhar de um viajante no século XIX; The Circulation of Ideas within Nineteenth Century Literary Criticism between France and Brazil: The role of travelers in *Literary and Cultural Circulation; O Brasil do século XIX no olhar de Charles Expilly; Opacam-se vidros : o olhar de Machado de Assis sobre o Brasil, em 50 crônicas da série «A semana»; A literatura no encontro com o outro*.

Ana-María Claver Giménez é doutora em Letras pela Universidade de Zaragoza. Tema da tese: *La figure féminine chez Jules Verne*. Desde 2009, pertence ao grupo de pesquisa T3AxEL da Universidade de Zaragoza, Espanha (Governo de Aragão/FEDER).

Pascal Clerc é Professor Titular de Geografia na Université de Cergy-Pontoise. É pesquisador associado no laboratório EHGO (Épistémologie *et histoire de la géographie*) e trabalha principalmente sobre a história da geografia no século XIX, as relações entre geografia e literatura, a história e o ensino da geografia, a história espacial dos saberes.

Eduardo F. Coutinho (PhD. U.C. Berkeley, EUA) é professor de Literatura Comparada na UFRJ e pesquisador 1 do CNPq. Autor de diversos livros, entre os quais *The «synthesis» novel in Latin America* (1991), *Em busca da terceira margem* (1993), *Literatura Comparada na América Latina* (2003), *Literatura Comparada: reflexões* (2013) e *Rompendo barreiras: ensaios* (2014).

Silmara Dela Silva é Professora Associada no Departamento de Ciências da Linguagem, Instituto de Letras, UFF, e Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ, 2015/2018). Pesquisadora do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS) e professora (e coordenadora) do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF.Jornalista e doutora em Linguística,suas pesquisas enfocam a Análise do Discurso.

Ângela Maria Dias é Professora Titular de Literatura Brasileira e Comparada na UFF, crítica literária e pesquisadora do CNPq. Foi pesquisadora, com bolsa CAPES/FULBRIGHT, na Brown University (EUA, 2007), e professora visitante na Georgetown University (EUA, 2007-2008). Além de vários artigos em periódicos especializados, e da organização de coletâneas de ensaios, publicou «A forma da emoção Nelson Rodrigues e o melodrama» (Ed. 7 Letras,2013). Mais recentemente publicou Valêncio Xavier: o minotauro multimídia (Oficina Raquel, 2016) e organizou as coletâneas Cenas de arte e ficção: teatralidades contemporâneas (Faperj, Confraria do Vento, 2015), com Paula Glenadel; e Atores em cena: o público e privado na literatura brasileira contemporânea, com Stefania Chiarelli.

David Diop é *maître de conférences HDR* em literatura do século XVIII na Universidade de Pau (França). Ele co-organizou *L'Afrique du Siècle des Lumières: savoirs et représentations* (Oxford, 2009) e o nº 44 do periódico *Dix-huitième siècle* (Paris, 2012) sobre a África. É também autor de *Rhétorique nègre au XVIIIe siècle. Des récits de Voyage à la littérature abolitionniste* (Paris, Classiques Garnier, 2018).

José Domingues de Almeida é *maître de conférences* na Universidade do Porto (FLUP), docente-pesquisador de literatura francesa e francófona contemporânea. Seus campos de pesquisa são a ficção francesa e francófona contemporânea, os estudos francófonos e a cultura e pensamento franceses contemporâneos. Trabalha com as questões teóricas e críticas levantadas pelas literaturas migrantes e as narrativas pós-memórias. É membro do laboratório de literatura comparada ILC Margarida Losa. Dirige o periódico *Intercâmbio, é secretário da Associação Portuguesa de Estudos Franceses* desde 2012, e dirige o curso de licenciatura em Línguas e Culturas da FLUP desde 2014.

Caroline Fischer é professora de Literatura Geral e Comparada da *Université de Pau et des Pays de l'Adour* desde 2009. Possui numerosas publicações, sobre a literatura erótica (entre as quais *Gärten der Lust. Eine Geschichte erregender Lektüren,* Metzler 1997/DTB 2000), a recepção, a tradução literária (*La Traduction de la poésie entre imitatio et transfert poétique: langues, espaces, médias*, Stauffenburg 2012) e a intermidialidade (*Intermédialités*. Collection Poétiques comparatistes, SFLGC, Lucie éditions, 2015).

Julie Gallego é *agrégée de grammaire et maître de conférences* de latim na *Université de Pau et des Pays de l'Adour*, onde ensina latim, histórias em quadrinhos e literatura juvenil. Membro do laboratório ALTER, suas pesquisas atuais enfocam as histórias em quadrinhos históricas, as adaptações de obras juvenis em desenhos animados e as séries de TV com tema histórico. Ela editou em 2015 *La Bande dessinée historique. Premier cycle: l'Antiquité*. Em 2016, publicou: «De l'Antiquité d'*Alix* au Moyen Âge de *Jhen*: *Jacques Martin explore le temps*» (*Le Moyen Âge en bande dessinée* de Tr. Martine); *Ex arena et cruore* (*traduction em latin de la bande dessinée Murena tome II de Dufaux & Delaby*).

Paula Glenadel é professora de Literatura Francesa da Universidade Federal Fluminense e pesquisadora do CNPq. Tem publicado em periódicos brasileiros e estrangeiros, organizado coletâneas e publicado ensaios literários, livros de poesia e traduções de poetas franceses.

Mônica Maria Guimarães Savedra é doutora em Linguística (UFRJ, 1994) e mestre em Educação (PUC-Rio, 1988), com Pós-Doutorado em Política Linguística (*Universität Duiburg-Essen*, 2003-2004). É professora da Universidade Federal Fluminense (UFF) e coordenadora do PROBRAL II em parceria com

a *Europa-Universität Viadrina*. Suas pesquisas são na área de sociolinguística, principalmente sobre contato linguístico, línguas de imigrantes no Brasil e plurilinguismo, línguas pluricêntricas e estudos transculturais. É pesquisadora do CNPq e Cientista do Nosso Estado (FAPERJ).

Antoine Huerta é doutor em História Contemporânea pela *Université de La Rochelle*, Pertence ao laboratório CRHIA e seu campo de pesquisa é "épistémologie *de la géographie; relations culturelles internationales; Humanités numériques*". Publicações principais: «*Exportateur d'une géographie française au Brésil, Pierre Deffontaines, artisan de la géographie brésilienne*», *Confins*, 33, 2017 ; «*Sur les traces de la géographie culturelle*», *Géographie et cultures*, 77, 2011.

José Luís Jobim é Professor Titular da Universidade Federal Fluminense, pesquisador do CNPq e Cientista do Nosso Estado (FAPERJ). Foi Professor Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e presidente da Associação Brasileira de Literatura Comparada. Entre suas publicações mais recentes sobre o tema deste livro, encontram-se as obras: *Literatura e cultura: do nacional ao transnacional* (Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013); *Literary and Cultural Circulation* (Oxford : Peter Lang, 2017), *Le dialogue Europe-Brésil dans l´oeuvre de Machado de Assis* (Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2016. Edição bilíngue.). Mais informações em: http://lattes.cnpq.br/2864489503546804.

Nataly Jollant é *Attachée Temporaire d'Enseignement et de Recherche* na *Université Sorbonne Nouvelle-Paris 3* e doutoranda no *Centre de recherches sur les pays lusophones* (CREPAL). Seus trabalhos se inscrevem no âmbito de pesquisas para uma melhor

compreensão do processo de construção de uma identidade nacional e cultural brasileira no século XIX, através de uma perspectiva que dê conta da literatura produzida por escritores amazônicos e narradores viajantes, principalmente franceses.

Nejma Kermele é *agrégée d'Espagnol*, *Maître de Conférences* no Departamento de Estudos Ibéricos e Iberoamericanos da *Université de Pau et des Pays de l'Adour*, e membro do laboratório ALTER (*Arts/Langages: Transitions et Relations*). Além de seu trabalho sobre textos políticos e sobre a escritura da História e dos espaços no mundo ibérico entre os séculos XVI e XIX, ela desenvolve atualmente uma reflexão sobre o lugar da América nas histórias universais dos séculos XVI e XVII.

Abel Kouvouama é *docteur d'État en lettres et sciences humaines*, *Docteur de 3e cycle en anthropologie sociale et culturelle* (Paris 5, Sorbonne) e em Filosofia Social e prospectiva política (Paris 4, Sorbonne). Desde 2002, é *Professeur des universités* na *Université de Pau et des Pays de l'Adour* e membro do laboratório ITEM. Entre 1999 e 2002, foi *Maître de conférences associé* no *Collège de France*, junto a Pierre Bourdieu e na *Université de Picardie Jules Verne*. É autor de numerosos livros e artigos, entre os quais os recentes *L'anthropologie dans un monde en mouvement. Le lointain et le proche* (2015); *Les territoires du sacré. Images, discours, pratiques (2016). Une histoire du messianisme. Un «monde renversé» (2018).*

Bethania Mariani é Professora Titular do Departamento de Ciências da Linguagem da Universidade Federal Fluminense, pesquisadora 1C do CNPq, Coordenadora do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS) e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, desde 1998. Doutora em Linguística (UNICAMP), suas pesquisas enfocam a Análise do Discurso e a História da Ideias

Linguísticas. Seu livro mais recente é *colonização linguística e outros escritos* (New York: Peter Lang, 2018).

Sofia Mendes Geraldes é *agrégée de portugais*, membra do GRIHL (*Groupe de Recherches Interdisciplinaires sur l'Histoire du Littéraire*), e trabalha com a história do livro e a propaganda durante as invasões napoleônicas.

Emanuele de Maupeou, historiadora, é *maître de conférences en langue et civilisation brésilienne* no Departamento de Estudos Românicos da Universidade de Rouen, Normandie. Trabalha sobre as questões ligadas às transferências e à circulação no espaço no espaço atlântico, particularmente entre a França e o Brasil. Sua tese é um estudo biográfico do percurso transatlântico de Louis-Léger Vauthier.

Godofredo de Oliveira Neto é Professor Titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro e autor de 12 romances, dos quais dois (*L'Enfant Caché* e *Amours Exilées*) foram publicados recentemente na França.

Carlos Eduardo do Prado é Professor do Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFF.

Jean-Yves Puyo é geógrafo, *Professeur des Universités*, e membro do laboratório PASSAGES (UMR 5319). Seus trabalhos se consagram principalmente ao estudo da geografia francesa do século XIX (e, em particular, à geografia militar), bem como à evolução do pensamento ordenamentista (*aménagiste*) e do seu *savoir-faire*, do século XIX à metade do XX, especialmente no domínio do ordenamento florestal.

Lívia Maria Reis é Professora Titular da Universidade Federal Fluminense, doutora em Língua e Literatura Espanhola e Hispano-Americana (Universidade de São Paulo, 1997), Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura e Superintendente de Relações Internacionais da UFF. Foi diretora do Instituto de Letras e vice-presidente da Associação Brasileira de Literatura Comparada.

Andrea Reis da Costa é professora de Francês do Colégio Pedro II e doutoranda de Literatura Comparada na UFF.

Arnaldo Rosa Vianna Neto é professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFF e diretor do Núcleo de Estudos Canadenses (NEC-UFF).

Sébastien Rozeaux é *maître de conférences en histoire* na Universidade de Toulouse Jean Jaurès e membro do laboratório FRAMESPA (UMR 5136). É especialista em história do Brasil no século XIX e em circulações culturais transnacionais. É autor de numerosos artigos e de um livro que será publicado por *Presses Universitaires du Septentrion*: *Letras Pátrias. La genèse du « grand monument national » des Lettres brésiliennes au Brésil à l'époque impériale (1822-1889)*.

Étienne Sauthier é pesquisador associado do CREDA – UMR 7227. Depois de uma tese em História no CREDA dedicada às difusões, recepções, traduções e interpretações da obra de Proust no Brasil (2010-2014), fez um pós-doutorado na UNICAMP. Atualmente se dedica à circulação literária e intelectual francófona entre a Europa e a América em tempo de crise, e em particular durante a segunda guerra mundial, enquanto leciona História e Geografia no ensino secundário.

Mariana da Silva Lima é atualmente pós-doutoranda no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense e docente do CEFET-RJ. Suas pesquisas enfocam a formação da crônica no Brasil em comparação com a crônica francesa. Com Maria Elizabeth Chaves de Mello e Benito Petraglia, organizou e publicou a antologia *Opacam-se vidros: o olhar de Machado de Assis sobre o Brasil, em 50 crônicas da série A SEMANA*,

María-Pilar Tresaco Belío é *Maître de conférences HDR* nà Universidade de Zaragoza. Seus temas de pesquisa são: a tradução, as adaptações e a repercussão.